

John Grisham

A CÂMARA
DE GÁS

Peregrino

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

John Grisham

A CÂMARA
DE GÁS

Peregrino



ISBN 85-325-0558-9



9 785325 055583

ORELHAS

A CÂMARA DE GÁS

Greenville, Mississippi, 1967. Sam Cayhall, conhecido membro da Ku-Klux-Klan, é acusado de explodir os escritórios de advocacia de Marvin Kramer, ativista pelos direitos civis dos negros. O primeiro julgamento de Cayhall, feito por um júri todo branco e com a pressão da Klan do lado de fora do tribunal, termina com sua absolvição; um novo julgamento, seis meses mais tarde, confirma o veredicto. Passados doze anos, um promotor ambicioso de Greenville reabre o caso. Muita coisa mudou desde 1967, e agora o júri é formado por oito brancos e quatro negros. Cayhall é condenado e transferido para a penitenciária estadual em Parchman para aguardar a execução da sentença de morte. Em 1990, numa grande firma de advocacia de Chicago, a Kravitz & Bane, um jovem advogado chamado Adam Hall pede para trabalhar no caso Cayhall, que a firma vem mantendo durante anos, mas apenas pro forma. É um caso perdido e o tempo para revertê-lo está se esgotando: dentro de algumas semanas Sam Cayhall finalmente enfrentará a câmara de gás. Qual o motivo que Adam Hall teria para se envolver em tudo isso? Desde a publicação de A firma, em 1991, John Grisham tornou-se um dos romancistas mais populares em todo o mundo. Todos os seus romances anteriores (Tempo de matar) e posteriores (O dossiê Pelicano e O cliente) foram best-sellers absolutos. Em A câmara de gás ele volta ao cenário de Tempo de matar para criar uma história que é ao mesmo tempo um thriller emocionante e o acerto de contas de uma família com seu negro e complexo passado.

A CÂMARA DE GÁS

Tradução de
AULYDE SOARES RODRIGUES



Rio de Janeiro — 1995

FICHA

Título original THE CHAMBER

Copyright © 1994 by John Grisham Todos os direitos reservados

Direitos mundiais para a língua portuguesa reservados com
exclusividade à EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Rodrigo Silva, 26 — 5º andar 20011-040 — Rio de Janeiro,
RJ Tel.: 507-2000 — Fax: 507-2244 Telex: 38462 EDRC BR

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais MAIRA PARULA

revisão

WALTER VERÍSSIMO/MAURÍCIO NETTO HENRIQUE

TARNAPOLSKY WENDELL SETÚBAL

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores
de Livros, RJ.

Grisham, John

G888c A câmara de gás / John Grisham; tradução de Aulyde
Soares Rodrigues. — Rio de Janeiro: Rocco, 1995

Tradução de: The CHAMBER

1. Ficção norte-americana. I. Rodrigues, Aulyde Soares. II. Título.
95-0572

CDD - 813 CDU - 820 (73)-3

AGRADECIMENTOS

Há ALGUM TEMPO eu fui advogado e representei pessoas acusadas de todo tipo de crimes. Felizmente, nunca tive um cliente condenado por homicídio em primeiro grau e sentenciado à morte. Nunca precisei ir ao corredor da morte, nunca tive de fazer o que os advogados fazem nesta história.

Uma vez que desprezo a pesquisa, eu fiz o que geralmente faço quando escrevo um livro. Fiz amizade com advogados experientes no assunto. Telefonava para eles nas horas mais estranhas, explorando suas mentes. E por isso aqui está o meu agradecimento.

Leonard Vincent foi durante muitos anos advogado do Departamento de Correção do Mississippi e abriu seu escritório para mim. Ele me ajudou com a lei, mostrou-me seus arquivos, levou-me ao corredor da morte e foi meu guia na visita à enorme penitenciária estadual conhecida simplesmente como Parchman. Contou-me várias histórias que, de um modo ou de outro, entraram neste livro. Leonard e eu estamos lutando com as perplexidades morais da pena de morte e acho que sempre lutaremos. Agradeço também a toda a sua equipe, aos guardas e ao pessoal da Parchman.

Jim Craig é um homem de grande compaixão e excelente advogado. Como diretor-executivo do Centro de Recurso de Defesa Capital do Mississippi, é o advogado oficial da maior parte dos detentos do corredor da morte. Ele me conduziu habilmente pelo labirinto impenetrável das apelações pós-condenação e das negociações de habeas corpus. Os erros inevitáveis são meus, não dele.

Na faculdade de direito fui colega de Tom Freeland e Guy

Gillespie e agradeça a ambos a boa vontade e assistência. Marc Smirnoff é um amigo e editor do Oxford American e, como sempre, trabalhou no manuscrito antes mesmo de ser enviado para Nova York.

Agradeço também a Robert Warren e William Ballard por sua ajuda. E, como sempre, meus melhores agradecimentos à minha melhor amiga, Renee, que ainda lê cada capítulo enquanto escrevo, por cima do meu ombro.

Foi RELATIVAMENTE fácil tomar a decisão de explodir uma bomba no escritório do advogado radical judeu. Só três pessoas estavam envolvidas no processo. A primeira, o homem do dinheiro. A segunda, um operador local que conhecia o território. E a terceira era um jovem patriota e fanático, com talento para explosivos e uma habilidade espantosa para desaparecer sem deixar pistas.

O nome do advogado era Marvin Kramer, um judeu de quarta geração, de uma família de prósperos comerciantes no Delta do Mississippi. Ele morava numa casa da época anterior à guerra civil, na cidade de Greenville, às margens do rio, onde havia uma comunidade judaica pequena, mas forte, um lugar agradável com poucos registros de conflitos raciais na sua história. Ele era advogado porque o comércio o aborrecia. Como a maioria dos judeus de ascendência alemã, sua família havia assimilado Perfeitamente a cultura do sul, e consideravam-se sulistas típicos que, por acaso, tinham uma religião diferente. O antisemitismo raramente vinha a superfície. De um modo geral, eles se entrosavam com o resto da sociedade estabelecida e tratavam das suas vidas.

Marvin era diferente. O pai o mandou para a Brandeis, no norte, no final dos anos 50. Passou quatro anos nessa universidade, a seguir três anos na faculdade de direito de Columbia e quando voltou para Greenville, em 1964, o movimento dos direitos civis estava no auge no Mississippi. Marvin mergulhou nele. Menos de um mês depois de abrir seu pequeno escritório, foi preso, com dois colegas da Brandeis por tentarem registrar eleitores negros. O pai ficou furioso. A família ficou embaraçada, mas Marvin não deu a mínima. Recebeu sua primeira ameaça de morte

quando tinha vinte e cinco anos e começou a andar armado. Comprou um revólver para a mulher, uma moça de Memphis e mandou sua empregada negra andar com um na bolsa. Os Kramer tinham dois meninos gêmeos, com dois anos.

O primeiro processo legal em defesa dos direitos civis que deu entrada no escritório de Marvin B. Kramer e Cia. (embora ainda não tivesse sócios), em 1965, alegava uma enorme variedade de práticas eleitorais discriminatórias por parte dos funcionários locais. Foi manchete em todo o estado e a foto de Marvin saiu nos jornais. Seu nome foi também inscrito numa lista da Klan, como mais um judeu para ser perseguido. Ali estava um advogado judeu radical com uma barba e um coração compassivo, educado por judeus do norte e agora marchando com negros e os representando no Delta do Mississippi. Não seria tolerado.

Mais tarde, surgiram rumores de que o advogado Kramer havia pago a fiança dos Freedom Riders e de ativistas dos direitos civis. Ele entrou com processos contra estabelecimentos comerciais e locais só para brancos. Pagou a reconstrução de uma igreja de negros explodida pela Klan. Foi visto recebendo negros em sua casa. Discursou para grupos judeus no norte e os incentivou a tomar parte na luta. Escreveu cartas inflamadas para os jornais, poucas das quais foram publicadas. O advogado Kramer marchava bravamente para seu fim.

A presença de um vigia noturno que patrulhava pacificamente os jardins evitou um ataque a casa dos Kramer. Marvin vinha pagando o guarda há dois anos. Era um ex-policia, estava fortemente armado e os Kramer informaram toda Greenville de que estavam protegidos por um atirador exímio. É claro que a Klan sabia tudo sobre o guarda e sabia que devia deixá-lo em paz. Assim, resolveram explodir uma bomba no escritório de Marvin e não na sua casa.

O planejamento decisivo da operação não tomou muito tempo, devido especialmente ao pequeno número de pessoas envolvidas. O homem do dinheiro, um fanático profeta rural, chamado Jeremiah Dogan, era, na época, o Mago imperial da Klan no Mississippi. Seu predecessor fora despachado para a prisão e Jerry Dogan estava se divertindo a valer orquestrando as explosões. Ele não era burro. Na verdade, o FBI admitiu mais tarde que Dogan era muito eficiente como terrorista porque delegava o trabalho sujo para grupos pequenos e autônomos de assassinos pagos, que trabalhavam completamente separados uns dos outros. O FBI tinha se especializado em infiltrar informantes na Klan e Dogan não confiava em ninguém, a não ser nas pessoas da sua família e num punhado de cúmplices. Ele era dono da maior vendedora de carros usados em Meridian, Mississippi, e havia ganho muito dinheiro em vários tipos de negócios escusos. Nas horas vagas, pregava nas igrejas rurais.

O segundo membro da equipe era um homem da Klan chamado Sam Cayhall, de Clanton, Mississippi, em Ford County, três horas ao norte de Meridian e uma hora ao sul de Memphis. O FBI conhecia Cayhall, mas não sua ligação com Dogan. Para o FBI ele era inofensivo porque morava numa área do estado onde quase não havia atividade da Klan. Recentemente algumas cruzeiras haviam sido queimadas em Ford County, mas nenhuma bomba, nenhum assassinato. O FBI sabia que o pai de Cayhall pertencera à Klan, mas o resto da família parecia bastante pacífico. Foi uma ideia brilhante de Dogan recrutar Cayhall.

A explosão do escritório de Kramer começou com um telefonema, na noite de 17 de abril de 1967. Suspeitando, com razão, que seus telefones estavam grampeados, Jeremiah Dogan esperou até meia-noite e foi de carro até um telefone público de um posto de gasolina, ao sul de Meridian. Suspeitava também que estava sendo seguido pelo

FBI e estava certo. Eles o vigiavam, mas não tinham ideia para quem estava telefonando.

Sam Cayhall ouviu em silêncio, fez uma ou duas perguntas e desligou. Voltou para a cama e não disse nada para a mulher. Ela sabia que não adiantava perguntar. Na manhã seguinte, ele saiu cedo e foi de carro até a cidade de Clanton. Tomou o café da manhã numa cafeteria, depois ligou de um telefone público, dentro do prédio do tribunal de Ford County.

Dois dias depois, em 20 de abril, Cayhall saiu de Clanton no fim do dia e dirigiu duas horas até Cleveland, Mississippi, uma cidade universitária no Delta, a uma hora de Greenville. Esperou quarenta minutos no estacionamento de um shopping muito movimentado, mas não viu nem sinal do Pontiac verde. Comeu frango frito numa lanchonete barata, e seguiu para Greenville, a fim de observar os escritórios de advocacia da Marvin B. Kramer e Cia. Duas semanas antes, Cayhall havia passado dois dias em Greenville e conhecia razoavelmente a cidade. Encontrou o escritório de Kramer, depois passou de carro pela bela casa do advogado e novamente pela sinagoga. Dogan havia dito que a sinagoga seria a seguinte na lista, mas primeiro precisavam atingir o advogado judeu. Às onze horas Cayhall estava de volta a Cleveland, e viu o Pontiac verde estacionado, não no shopping, mas numa parada de caminhões, na Rodovia 61, uma estrada secundária. Encontrou a chave debaixo do tapete da frente e saiu com o carro para um passeio pelos ricos campos cultivados do Delta. Entrou na estrada que levava a uma fazenda, parou e abriu a mala do carro. Numa caixa de papelão, coberta com jornais, encontrou quinze bananas de dinamite, três detonadores e um pavio. Voltou para a cidade e esperou num café que ficava aberto a noite toda.

Exatamente às 2 horas da manhã, o terceiro membro do grupo entrou na parada de caminhões apinhada de fregueses e sentou na frente de Sam Cayhall. Seu nome era Rollie Wedge, um homem jovem, com menos de vinte e dois anos, mas um veterano de confiança na luta contra os direitos civis. Ele disse que era natural da Louisiana mas que morava agora em algum lugar nas montanhas, onde ninguém poderia encontrá-lo e, embora não fosse de contar vantagem, assegurou a Sam Cayhall que esperava ser morto na luta pela supremacia branca. Seu pai pertencia a Klan e tinha uma firma de demolição e com ele Rollie aprendera a usar explosivos.

Sam sabia muito pouco sobre Rollie Wedge e não acreditava muito no que ele dizia. Nunca perguntou a Dogan onde ele havia encontrado o garoto.

Tomaram café e conversaram descontraidamente durante uma hora. Às vezes a xícara tremia na mão nervosa de Cayhall, mas a de

Rollie estava calma e firme. Ele nem piscava. Já haviam feito aquilo juntos algumas vezes e Cayhall admirava a calma daquele homem tão jovem. Disse a Dogan que o garoto nunca ficava nervoso, nem quando se aproximavam do alvo e manejava a dinamite.

Wedge tinha alugado um carro no aeroporto de Memphis. Tirou uma sacola pequena do banco traseiro, trancou o carro e deixou-o na parada de caminhões. O Pontiac verde com Cayhall na direção saiu de Cleveland e seguiu rumo ao sul, pela Rodovia

61. Eram quase 3 horas da manhã e não havia nenhum movimento na estrada. Algumas milhas ao sul da cidadezinha de Shaw, Cayhall entrou numa estrada escura de cascalho e parou. Rolhe o mandou ficar no carro enquanto ele examinava os explosivos. Sam obedeceu. Rollie levou a sacola para a mala do carro e examinou a dinamite, os detonadores e o pavio. Deixou a sacola na mala, fechou a porta e mandou Sam rumar para Greenville.

Passaram a primeira vez pela frente do escritório de Kramer mais ou menos às 4 horas da manhã. A rua estava deserta e escura e Rollie disse alguma coisa a respeito disso facilitar o trabalho.

— É pena não podermos explodir a casa dele — disse Rollie, em voz baixa, quando passaram pela casa de Kramer.

— É, uma pena — concordou Sam, nervosamente. — Mas ele tem um guarda, você sabe.

— É, eu sei. Mas o guarda ia ser fácil.

— É, acho que sim. Mas ele tem filhos pequenos, você sabe.

— O negócio é matar enquanto são pequenos — disse Rollie. — Pequenos judeus filhos da puta crescem e se transformam em grandes judeus filhos da puta.

Cayhall estacionou o carro numa passagem estreita atrás do escritório de Kramer. Desligou o motor e os dois abriram a mala silenciosamente, tiraram a caixa e a sacola e, encostados na parede, deslizaram até a porta dos fundos.

Sam Cayhall abriu com gazuia a porta de trás do escritório e em poucos segundos os dois estavam dentro. Duas semanas antes, Sam tinha se apresentado à recepcionista com o pretexto de pedir informação sobre uma rua e depois pediu para usar o banheiro. No corredor principal entre o banheiro e o que devia ser o escritório de Kramer, havia um armário pequeno cheio de pastas antigas e outros materiais fora de uso.

— Fique na porta vigiando a passagem — murmurou Wedge friamente e Sam obedeceu à risca. Ele preferia vigiar a manejar explosivos.

Rollie pôs a caixa no chão do armário estreito e instalou os fios na dinamite. Era um trabalho delicado e Sam sempre esperava com o coração disparado. Ele ficava sempre de costas para os explosivos,

para o caso de alguma coisa sair errada.

Em menos de dez minutos saíram para a passagem, andando calmamente até o Pontiac verde. Estavam ficando invencíveis.

Tudo era tão fácil. Tinham explodido um escritório de corretagem em Jackson porque o corretor vendeu uma casa a um casal de negros. Um corretor judeu. Explodiram a pequena redação de um jornal porque o editor havia se manifestado em tom neutro sobre segregação. Tinham demolido a sinagoga de Jackson, a maior do estado.

Só quando saíram da passagem atrás do escritório acenderam as luzes do carro.

Nos trabalhos anteriores Wedge havia usado um pavio de quinze minutos, que é aceso simplesmente com um fósforo, como fogos de artifício. Como parte do exercício, a dupla de demolidores estava sempre passeando com os vidros do carro fechados, em algum lugar da periferia da cidade, no momento em que a explosão destruía o alvo. Em todas as explosões anteriores, eles tinham ouvido e sentido o impacto de uma distância conveniente, na sua fuga sem pressa.

Mas nessa noite ia ser diferente. Sam entrou na rua errada e de repente tiveram de parar no cruzamento de uma estrada de ferro, olhando para a luz vermelha que piscava e para o trem de carga passando nos trilhos. Um trem de carga bastante longo. Sam consultou o relógio mais de uma vez. Rollie não disse nada. O trem passou e Sam errou o caminho outra vez. Estavam perto do rio, com uma ponte ao longe, numa rua de casas miseráveis. Sam consultou o relógio outra vez. O solo ia tremer dentro de menos de dois minutos e ele preferia estar numa rodovia escura quando isso acontecesse. Rollie se moveu inquieto no banco, uma vez, como se começasse a ficar irritado com o motorista, mas não disse nada.

Entraram em outra rua que não conheciam. Greenville não era uma cidade grande, e Sam calculou que se continuasse virando para aquele lado iria chegar a uma rua conhecida. Seu próximo erro foi também o último. Sam pisou rapidamente no freio quando viu que acabava de entrar numa rua sem saída. E quando ele pisou no freio, o motor morreu. Sam pôs o câmbio em ponto morto e girou a chave. O motor roncou mas não pegou. Então, sentiram o cheiro de gasolina.

— Droga! disse Sam, entre os dentes cerrados. — Droga!

Rollie escorregou para a frente no banco e olhou pela janela do carro.

— Droga! Está afogado! — Virou a chave outra vez com o mesmo resultado.

— Não vá descarregar a bateria — disse Rollie calmo, falando devagar.

Sam estava quase em pânico. Mesmo perdido, tinha certeza de estarem perto do centro da cidade. Respirou fundo e olhou a rua.

Consultou o relógio. Não havia nenhum outro carro à vista. Tudo estava quieto. O cenário perfeito para uma explosão. Ele podia ver o pavio queimando no chão de madeira. Podia sentir o impacto no solo. Podia ouvir o rugido da madeira, da pedra, dos tijolos e dos vidros esfacelando-se. Que diabo, pensou Sam, procurando se acalmar, podemos ser atingidos pelos destroços.

— Eu imaginei que Dogan ia mandar um carro decente — resmungou ele.

Rollie não disse nada e continuou a olhar para alguma coisa fora do carro.

Já fazia pelo menos quinze minutos que tinham saído do escritório de Kramer e estava na hora dos fogos de artifício. Sam enxugou o suor da testa e mais uma vez tentou ligar o motor. Por sorte, o carro pegou. Ele sorriu feliz para Rollie, que parecia completamente desinteressado. Deu marcha a ré e depois partiu velozmente. A primeira rua parecia familiar e duas quadras adiante chegaram à rua principal.

— Que tipo de pavio você usou? — Sam perguntou, finalmente, quando entraram na Rodovia 82, a menos de dez quadras do escritório de Kramer.

Rollie deu de ombros, como se fosse assunto seu que Sam não precisava saber. Sam diminuiu a marcha quando passaram por um carro da polícia, depois acelerou, quase na saída da cidade. Em vinte minutos estavam fora de Greenville.

— Que tipo de pavio você usou? — Sam perguntou outra vez, irritado.

— Tentei uma coisa nova — disse Rollie, sem olhar para ele.

— O quê?

— Você não ia entender — respondeu Rollie e Sam ferveu por dentro.

— Uma bomba-relógio? — Sam perguntou, alguns quilômetros mais adiante.

— Alguma coisa parecida.

Seguiram para Cleveland em completo silêncio. Por alguns quilômetros, enquanto as luzes de Greenville desapareciam na terra plana, Sam quase esperava ver uma bola de fogo ou ouvir uma explosão distante. Nada aconteceu. Wedge conseguiu até dar uma cochilada.

O café na parada de caminhões estava cheio quando eles chegaram. Como sempre, Rollie deslizou para fora do carro e fechou a porta.

— Até nosso próximo encontro — disse ele, com um sorriso, na janela do carro e caminhou para seu carro alugado. Sam o viu se afastar com seu andar gingado e mais uma vez admirou a calma de Rollie Wedge.

Passava um pouco das cinco e meia e uma sugestão de luz alaranjada espiava entre a escuridão, ao leste. Sam entrou com o Pontiac verde na Rodovia 61 e seguiu para o sul.

O horror DA explosão do escritório de Kramer só começou realmente mais ou menos quando Rollie Wedge e Sam Cayhall se separaram, em Cleveland. Começou com o despertador na mesa de cabeceira, não muito distante do travesseiro de Ruth Kramer. Quando o alarme tocou a hora de sempre, cinco e meia da manhã, Ruth teve certeza de que estava muito doente. Tinha febre, uma dor intensa nas têmporas e estava nauseada. Marvin a ajudou a ir até o banheiro, perto do quarto, onde ela ficou durante trinta minutos. Há um mês uma gripe muito forte grassava em Greenville e acabava de chegar à casa dos Kramer.

Às seis e meia a empregada acordou os gêmeos, Josh e John, agora com cinco anos, deu banho, vestiu e serviu o café para os dois. Marvin achou que seria melhor os meninos irem para a creche, como estava planejado, tirando-os de casa e de perto do vírus da gripe. Telefonou para um médico amigo, pedindo uma receita e deixou vinte dólares com a empregada para apanhar o remédio na farmácia, dentro de uma hora. Despediu-se de Ruth, que estava deitada no chão do banheiro com um travesseiro sob a cabeça e uma bolsa de gelo no rosto, e saiu de casa com os meninos.

Nem todos os seus casos eram relacionados à causa dos direitos civis. Não havia número suficiente desses casos para sobreviver no Mississippi, em 1967. Ele aceitava alguns casos criminais e outros civis, divórcios, zoneamento, falências, negócios de imóveis. E apesar do seu pai mal falar com ele e o resto dos Kramer nem mencionar seu nome, Marvin passava um terço do seu tempo trabalhando para defender os interesses da família. Naquela manhã devia comparecer ao tribunal às 9 horas para defender uma moção no processo que envolvia os bens do seu tio.

Os gêmeos adoravam o escritório do pai. A creche só abria às oito horas e Marvin podia trabalhar um pouco, antes de levar os filhos e seguir para o tribunal. Isso acontecia pelo menos uma vez por mês. Na verdade, quase todos os dias um dos gêmeos pedia a Marvin para levá-los ao escritório, antes de irem para a creche.

Chegaram no escritório por volta das sete e meia e, assim que entraram, os gêmeos foram direto para a mesa da secretária, onde uma pilha de papel esperava para ser cortado, endereçado e dobrado em forma de envelope. O escritório era uma casa que se esparramava para os lados, fora construída através do tempo, com uma ou outra extensão aqui e ali. A porta de entrada dava para um pequeno hall com a mesa da recepcionista quase debaixo da escada. Quatro cadeiras para os clientes enfileiravam-se ao longo da parede, com revistas

espalhadas debaixo delas. À direita e à esquerda do hall de entrada ficavam os pequenos escritórios dos advogados — Marvin tinha agora três contratados trabalhando com ele. Um corredor saía do hall e ia até o centro do primeiro andar, de modo que, da porta da frente, avistava-se uma parte dos fundos do prédio. O escritório de Marvin era o maior do andar térreo, a última porta à esquerda, ao lado do armário cheio de papéis e material fora de uso. No outro lado do corredor ficava o escritório da secretária de Marvin. O nome dela era Helen, uma jovem de corpo bem-feito, com quem Marvin sonhava há dezoito meses.

No segundo andar ficavam os escritórios apertados de outro advogado e duas secretárias. O terceiro andar não tinha aquecimento nem ar-condicionado e era usado como depósito.

Geralmente ele chegava ao escritório entre sete e meia e oito horas, porque gostava de aproveitar a hora de silêncio, antes da chegada dos outros e dos telefones começarem a tocar. Como sempre, Marvin foi o primeiro a chegar na sexta-feira, 21 de abril.

Ele abriu com a chave a porta da frente, acendeu as luzes e entrou no hall. Advertiu os gêmeos para não fazerem desordem na mesa de Helen, mas eles já estavam no meio do corredor e não ouviram nem uma palavra. Josh já estava com a tesoura na mão e John com o grampeador, quando Marvin pôs a cabeça na porta e fez a primeira advertência. Marvin sorriu, foi para seu escritório e começou a trabalhar numa pesquisa.

Às quinze para as oito, ele lembraria mais tarde, no hospital, Marvin foi ao terceiro andar apanhar um antigo dossiê, que talvez o ajudasse num processo em que estava trabalhando. Subiu os degraus resmungando. No fim, foi o dossiê que salvou sua vida. Os meninos riam alto na outra extremidade do corredor.

A bomba explodiu para cima e para os lados numa velocidade de mais de mil metros por segundo. Quinze bananas de dinamite no centro de uma construção de madeira são suficientes para reduzi-la a escombros e lascas numa questão de segundos. Só depois de um minuto, os pedaços de madeira e de outros materiais voltaram para o solo. O chão tremeu como num pequeno terremoto e, como algumas testemunhas descreveram mais tarde, pedaços de vidro foram borrifados sobre o centro da cidade de Greenville durante o que pareceu uma eternidade.

Josh e John Kramer estavam a menos de cinco metros do epicentro da explosão e felizmente nunca souberam o que os atingiu. Eles não sofreram. Os corpos mutilados foram encontrados pelos bombeiros debaixo de dois metros e meio de entulho. Marvin Kramer foi atirado, primeiro contra o teto do terceiro andar, depois, inconsciente, caiu com as lascas do telhado sobre a cratera escaldante no centro do

prédio. Foi encontrado vinte minutos depois e levado às pressas para o hospital. Nas três horas seguintes, teve as duas pernas amputadas na altura dos joelhos.

A bomba explodiu exatamente às sete e quarenta e seis, o que não deixou de ser uma sorte. Helen, a secretária de Marvin, estava saindo do correio a quatro quadras do escritório quando sentiu a explosão. Mais dez minutos e ela estaria no prédio, fazendo café. David Lukland, um jovem associado da firma, morava a três quarteirões do escritório e acabava de fechar a porta do seu apartamento quando ouviu e sentiu a explosão. Mais dez minutos e ele estaria examinando sua correspondência, no segundo andar.

Houve um incêndio de pequenas proporções no prédio vizinho de escritórios e, embora tivesse sido rapidamente debelado, contribuiu muito para a confusão. A fumaça pesada que pairou no ar por alguns momentos fez com que muita gente fugisse apavorada.

Dois pedestres foram feridos. Uma tábua de um metro caiu na calçada a cem metros da explosão, saltou e atingiu a sra. Mildred Talton no rosto, quando ela se afastava do seu carro estacionado e olhava na direção da explosão. Seu nariz foi quebrado e o rosto lacerado, mas depois de algum tempo, recuperou-se completamente.

O segundo ferimento foi menor, mas muito significativo. Um estranho chamado Sam Cayhall caminhava vagarosamente para o escritório de Kramer quando o solo estremeceu com tanta violência que ele perdeu o equilíbrio, tropeçou no meio-fio e caiu. Quando se esforçava para levantar foi atingido no pescoço e no lado esquerdo do rosto por pedaços de vidro. Cayhall se refugiou atrás de uma árvore, protegendo-se dos pedaços de vidro que choviam sobre ele. Olhou boquiaberto para a devastação, deu meia-volta e fugiu.

O sangue escorria do seu rosto para a camisa. Ele estava em estado de choque e mais tarde quase não lembrava muito do que tinha acontecido naquele momento. Partiu apressadamente no mesmo Pontiac verde e teria conseguido sair de Greenville pela segunda vez se estivesse pensando e prestando atenção. Dois policiais que atravessavam a toda a zona comercial, dirigindo-se ao local da explosão, praticamente pararam atrás de um Pontiac verde que, por algum motivo, se negou a encostar no meio-fio para dar passagem. As sirenes gritavam, as luzes giravam, a buzina tocava, os policiais praguejavam, mas o Pontiac parecia pregado, imóvel no meio da pista. Os policiais pararam, correram para o carro, abriram violentamente a porta e encontraram um homem coberto de sangue. Sam foi algemado, empurrado para o banco traseiro do carro da polícia e levado para a cadeia. O Pontiac foi apreendido.

A BOMBA que matou os gêmeos Kramer era do tipo mais elementar. Quinze bananas de dinamite amarradas com fita isolante

cinzenta. Mas não tinha pavio. Rollie Wedge havia usado um detonador, ligado a um despertador barato. Retirou o ponteiro de minutos e abriu um pequeno orifício entre os números sete e oito. No orifício ele inseriu um pino de metal que, quando tocado pelo ponteiro das horas completaria o circuito, detonando a bomba. Rollie queria mais tempo do que o pavio de quinze minutos podia dar. Além disso, ele se considerava um especialista e queria experimentar novos métodos.

Talvez o ponteiro das horas estivesse um pouco torto. Talvez a face do relógio não fosse completamente plana. Talvez Rollie, no seu entusiasmo, tivesse enrolado com muita força, ou talvez com pouca. Talvez o pino de metal não estivesse no mesmo plano que a face do relógio. Afinal, era a primeira vez que Rollie usava um detonador com relógio. Ou talvez o aparelho tivesse funcionado exatamente como ele planejava.

Porém, fosse qual fosse o motivo, ou a desculpa, a campanha de explosões de Jeremiah Dogan e da Ku Klux Klan agora havia derramado sangue judeu no Mississippi. E para todos os efeitos práticos, a campanha estava encerrada.

DOIS

REMOVEDOS OS CORPOS, a polícia de Greenville isolou a área em volta dos escombros e manteve os curiosos a distância. Em poucas horas, o local foi entregue à equipe do FBI de Jackson e, antes de anoitecer, um grupo de demolição estava trabalhando nas ruínas. Dezenas de agentes do FBI solenemente iniciaram a tarefa tediosa de apanhar cada fragmento de material, examinar, mostrar para outras pessoas, depois separar para serem montados no dia seguinte. Um depósito de algodão, vazio, na periferia da cidade, foi alugado e usado como repositório dos escombros do escritório de Kramer.

Depois de algum tempo, o FBI confirmou suas primeiras suspeitas. Dinamite, um detonador com relógio e alguns fios. Somente uma bomba básica, montada por um amador que teve sorte de não ser morto por ela.

Marvin Kramer foi enviado de avião para um grande hospital de Memphis e durante três dias seu estado foi descrito como crítico mas estável. Ruth Kramer foi hospitalizada em estado de choque, primeiro em Greenville, depois levada de ambulância para o mesmo hospital em Memphis. O sr. e a sra. Kramer partilhavam o mesmo quarto e a mesma quantidade de sedativos. Inúmeros médicos e parentes os mantinham sob constante vigilância. Ruth era natural de Memphis, assim tinha muitos amigos para tomar conta dela.

Quando a poeira assentou, os vizinhos do escritório de Kramer, alguns donos de loja e outros empregados de escritórios, começaram a varrer os vidros das calçadas, falando em voz baixa e observando o trabalho da polícia e da equipe de salvamento. Correu por toda a cidade a notícia de que já haviam detido um suspeito. Ao meio-dia, em todos os grupos de curiosos sabia-se que o nome do homem era Sam Cayhall e que ele fora ferido na explosão. Uma história descrevia detalhes impressionantes de outros atentados perpetrados por Cayhall, mas todos contra negros pobres. Outra contava o feito heroico da polícia de Greenville descobrir aquele louco segundos depois da explosão. No noticiário do meio-dia, a estação de TV de Greenville confirmou o que todos já sabiam, que os dois meninos estavam mortos, o pai gravemente ferido e que Sam Cayhall estava preso.

Sam Cayhall por pouco não foi libertado mediante uma fiança de trinta dólares. Quando foi levado apressadamente para a central da polícia, ele se refez do choque e pediu mil desculpas aos policiais por não ter dado passagem ao carro deles. Foi registrado por uma ofensa de menor gravidade e mandado para uma sala de detenção para ser mais tarde autuado e liberado. Os dois policiais saíram imediatamente para o local da explosão.

Um zelador que era também enfermeiro da cadeia aproximou-se de Sam com uma caixa de primeiros socorros em péssimo estado e lavou o sangue seco do rosto dele. O ferimento não estava mais sangrando. Sam repetiu que havia brigado num bar. Noite acidentada. O enfermeiro foi embora e uma hora depois um assistente do carcereiro apareceu na pequena janela da porta da sala onde Sam estava, com mais papéis. A acusação era negar passagem a uma viatura policial em missão de emergência, a multa máxima era de trinta dólares e se Sam pudesse depositar essa quantia em dinheiro, poderia sair assim que os papéis estivessem prontos e o carro fosse liberado. Sam andou nervosamente na sala, olhando para o relógio a todo momento, passando a mão de leve no ferimento do rosto.

Ele seria obrigado a desaparecer. Sua prisão estava registrada e não demoraria para que aqueles caipiras ligassem seu nome à explosão e então, bem, ele precisava fugir. Sairia do Mississippi, talvez na companhia de Rollie Wedge e poderiam ir para o Brasil ou outro lugar qualquer. Dogan daria o dinheiro. Pretendia telefonar para Dogan assim que saísse de Greenville. Seu carro estava na parada de caminhões em Cleveland. Depois de deixar o Pontiac no lugar dele, podia seguir para Memphis e tomar um ônibus interestadual.

Sim, era isso que ia fazer. Fora idiotice voltar à cena do crime, mas, pensou ele, se se mantivesse calmo, aqueles palhaços iriam deixá-lo sair.

Depois de meia hora, o assistente voltou com outro formulário. Sam deu a ele trinta dólares em dinheiro e apanhou o recibo. Acompanhou o homem pelo corredor estreito até a mesa, na sala da frente da cadeia, onde recebeu a intimação para comparecer no tribunal municipal de Greenville dali a duas semanas.

— Onde está o carro? — ele perguntou, dobrando a intimação.

— Já vão trazer. Espere aqui.

Sam consultou o relógio e esperou quinze minutos. Pela janelinha na porta de metal ele via os carros chegando e partindo no pátio da cadeia. Dois bêbados foram arrastados até o balcão por um policial grandalhão. Inquieto, Sam esperou.

Uma voz desconhecida falou devagar atrás dele.

— Sr. Cayhall.

Sam voltou-se e viu um homem pequeno com um terno muito desbotado. Um distintivo foi sacudido sob o nariz de Cayhall.

— Sou o detetive Ivy, Departamento de Polícia de Greenville. Quero fazer algumas perguntas.

Ivy apontou para uma fileira de portas de madeira num corredor e Sam obediamente o seguiu.

DESDE O MOMENTO em que sentou na frente do detetive Ivy com a mesa suja entre os dois, Sam Cayhall tinha muito pouco a dizer. Ivy

tinha quarenta e poucos anos, mas era grisalho e muito enrugado em volta dos olhos. Ele acendeu um Camel sem filtro, ofereceu um para Sam, depois perguntou como ele havia ferido o rosto. Sam girou o cigarro entre os dedos, mas não acendeu. Tinha deixado de fumar há alguns anos e embora louco de vontade de voltar ao vício naquele momento crucial, limitou-se a bater com o cigarro na mesa. Sem olhar para Ivy, disse que talvez tivesse se metido numa briga.

Ivy rosnou e sorriu, como se esperasse aquela resposta e Sam compreendeu que estava tratando com um profissional. Ficou assustado e suas mãos começaram a tremer. É claro que Ivy notou tudo isso. Onde foi a briga? Com quem ele brigou? Quando aconteceu? Por que estava brigando ali em Greenville quando mora a horas de distância da cidade? Onde conseguiu o carro?

Sam não disse nada. Ivy o assaltou com uma chuva de perguntas, todas sem resposta, porque uma mentira levaria a mais mentiras e em poucos segundos Ivy o teria atado em milhares de nós.

— Eu gostaria de falar com um advogado — disse Sam, finalmente.

— Isso é maravilhoso, Sam. Acho que é exatamente o que deve fazer. — Ivy acendeu outro Camel e soltou a fumaça para o teto. — Esta manhã tivemos uma pequena explosão, Sam. Sabia disso? — perguntou Ivy, elevando levemente a voz, com tom de zombaria.

— Não.

— Trágico. Fizeram em pedaços o escritório de um advogado local chamado Kramer. Aconteceu há mais ou menos duas horas.

Provavelmente trabalho da gente da Klan, você sabe. Não temos gente da Klan por aqui, mas o sr. Kramer é judeu. Deixe-me adivinhar — você não sabe nada a respeito disso, certo?

— Certo.

— Muito, muito triste, Sam. Você compreende, o sr. Kramer tinha dois filhos pequenos, Josh e John, e quis o destino que eles estivessem no escritório com o pai quando a bomba explodiu.

Sam respirou, fundo e olhou para Ivy. Conte-me o resto, diziam seus olhos.

— E aqueles dois meninos, gêmeos, cinco anos, uma beleza de crianças, foram feitos em pedaços, Sam. Mais mortos do que o inferno, Sam.

Sam abaixou a cabeça até quase encostar o queixo no peito. Estava perdido. Homicídio duplo. Advogados, julgamentos, juízes, júris, prisão, tudo o atingiu de uma vez e ele fechou os olhos.

— O pai talvez tenha sorte. Está no hospital, neste momento, sendo operado. Os meninos estão na casa funerária. Uma tragédia daquelas, Sam. Não creio que você saiba alguma coisa sobre a bomba, sabe, Sam?

— Não. Eu gostaria de ver um advogado.

— É claro. — Ivy levantou-se lentamente e saiu da sala.

Os FRAGMENTOS DE VIDRO no rosto de Sam foram extraídos por um médico e enviados para o laboratório do FBI. O resultado do exame não continha nenhuma surpresa — pedaços de vidro da janela da frente do escritório. O Pontiac verde foi imediatamente identificado como pertencendo a Jeremiah Dogan, de Meridian. Encontraram um pavio de quinze minutos na mala. Um entregador procurou a polícia e afirmou ter visto o carro perto do escritório do dr. Kramer mais ou menos às quatro horas da manhã.

O FBI fez questão de informar à imprensa que o sr. Sam Cayhall era há muito tempo membro da Klan e o principal suspeito em vários atentados a bomba. O caso estava resolvido, pensavam eles, e cumularam de elogios a polícia de Greenville. A declaração foi feita pelo próprio J. Edgar Hoover.

Dois dias depois da explosão, os gêmeos Kramer foram levados à sua última morada num pequeno cemitério. Na época, 146 judeus moravam em Greenville e, com exceção de Marvin Kramer e seis outros, todos compareceram ao enterro. E foram superados em número, na razão de dois para um, pelos repórteres e fotógrafos do país inteiro.

Sam viu as fotografias e leu as reportagens na sua pequena cela, no dia seguinte. O assistente do carcereiro, Larry Jack Polk, um simplório, logo se tornou um amigo porque, como ele cochichou para Sam logo no começo, tinha primos que pertenciam à Klan e ele sempre quis entrar também, mas sua mulher não deixava. Ele levava café fresco e jornais para Sam todas as manhãs. Larry Jack já tinha confessado sua admiração pela habilidade de Sam com bombas.

Poucas e breves palavras bastavam para manipular Larry Jack e Sam não precisou dizer praticamente nada. No dia seguinte à explosão, ele foi acusado de duplo homicídio, portanto a ideia da câmara de gás ocupava com insistência seus pensamentos. Recusou dizer uma só palavra a Ivy, a outro policial e ao FBI. Os repórteres evidentemente insistiram, mas não passaram além de Larry Jack. Sam telefonou para a mulher e disse a ela para ficar em Clanton com as portas fechadas. Sentou na sua cela de cimento e começou a escrever um diário.

Para que a participação de Rollie Wedge no atentado fosse descoberta, ele precisava ser encontrado pelos policiais. Sam Cayhall fizera um juramento a Klan que, para ele, era sagrado. Nunca, nunca delataria um membro da Klan. Sam esperava fervorosamente que Jeremiah Dogan pensasse o mesmo a respeito do juramento.

Dois dias depois da explosão, um advogado de aparência duvidosa, com um penteado extravagante, chamado Clovis Brazelton apareceu em Greenville. Era membro secreto da Klan e tornou-se notório em

Jackson por representar toda espécie de assassino. Ele queria se candidatar ao governo e dizia que sua plataforma defendia a preservação da raça branca, que o FBI era um órgão de Satã, que os negros deviam ser protegidos, mas não misturados com os brancos e assim por diante. Fora enviado por Jeremiah Dogan para defender Sam Cayhall e, o mais importante, para garantir que Sam Cayhall ficasse de boca fechada. O FBI estava pressionando Dogan por causa do Pontiac verde e ele temia ser indiciado como cúmplice na conspiração.

Os cúmplices na conspiração, explicou Clovis ao novo cliente, logo de saída, são tão culpados quanto os que puxam o gatilho. Sam escutou, mas falou pouco. Já tinha ouvido falar de Brazelton e não confiava nele.

— Escute, Sam — disse Clovis, como quem explica alguma coisa para uma criança —, eu sei quem plantou a bomba. Dogan me contou. Se estou contando certo, isso faz um total de quatro pessoas — eu, você, Dogan e Wedge — que sabem disso. Muito bem, a esta altura, Dogan está quase certo de que Wedge nunca vai ser encontrado. Eles não se comunicaram, mas o garoto é brilhante e provavelmente já está fora do país. Sobra só você e Dogan. Francamente, eu esperava que Dogan fosse acusado a qualquer momento. Mas os tiras estão tendo problema para enquadrá-lo, a não ser que consigam provar que vocês todos conspiraram para explodir o escritório do judeu. E o único modo de provarem isso é você contar para eles.

— Então eu pago o pato? — perguntou Sam.

— Não. Você só não diz nada sobre Dogan. Negue tudo. Vamos inventar uma história sobre o carro. Deixe que eu cuido disso. Vou transferir este julgamento para outro condado, talvez nas montanhas, ou em algum lugar onde não existam judeus. Vou conseguir um júri só de brancos e levar a coisa de um jeito que nós dois sairemos como heróis. Deixe por minha conta.

— Você não acha que vou ser condenado?

— Não, que diabo. Escute, Sam, acredite na minha palavra. Vamos arranjar um júri cheio de patriotas, seu tipo de gente, Sam. Todos brancos. Todos preocupados com o fato de os seus filhos serem obrigados a frequentar a escola na companhia dos filhos dos negros. Gente boa, Sam. Vamos escolher doze deles, pôr no banco do júri e explicar a eles como esses judeus fedorentos estão encorajando esse negócio de direitos civis. Confie em mim, Sam, vai ser fácil. — Clovis inclinou-se sobre a mesa suja, bateu amigavelmente no braço de Sam e disse. — Confie em mim, Sam. Já fiz isso antes.

Mais tarde, no mesmo dia, Sam foi algemado, cercado por policiais de Greenville e levado para um carro-patrolha. No caminho entre o prédio da cadeia e o carro, foi fotografado por um pequeno exército

de fotografos. Outro grupo o esperava no tribunal quando Sam chegou com seu séquito.

Sam apresentou-se ao juiz municipal acompanhado por seu novo advogado, o ilustre Clovis Brazelton, que desistiu da audiência preliminar e executou umas duas manobras legais de rotina. Vinte minutos depois de deixar a cadeia, Sam estava de volta. Clovis prometeu voltar dali a alguns dias para dar início ao plano estratégico que deveriam seguir, depois saiu e deu um espetáculo para os repórteres.

SÓ ao fim DE UM MÊS a imprensa começou a se acalmar em Greenville. Sam Cayhall e Jeremiah Dogan foram indiciados por homicídio doloso, no dia 5 de maio de 1967. O promotor local declarou alto e bom som que iria pleitear a pena de morte. O nome de Rollie Wedge jamais foi mencionado. A polícia e o FBI não tinham ideia da sua existência.

Clovis, representando agora os dois acusados, requereu e conseguiu a transferência de foro e, no dia 4 de setembro de 1967, o julgamento começou em Nettles County, a trezentos quilômetros de Greenville. Foi um espetáculo de circo. A Klan acampou no gramado em frente ao tribunal, realizando comícios ruidosos de hora em hora. Importaram membros da Klan de outros estados e tinham até mesmo oradores convidados. Sam Cayhall e Jeremiah Dogan foram apresentados como símbolos da supremacia branca e seus nomes eram repetidos vezes sem conta, com adoração, pelos admiradores encapuzados.

A imprensa observava e esperava. A sala do tribunal estava repleta de repórteres e jornalistas, e os menos afortunados tinham de esperar a sombra das árvores na frente do prédio. Eles observavam os homens da Klan e ouviam seus discursos e quanto mais olhavam e fotografavam, mais longos ficavam os discursos.

Dentro do tribunal, as coisas corriam tranquilamente para Cayhall e Dogan. Brazelton executou sua mágica e conseguiu um júri de doze patriotas brancos, como ele os chamava, depois começou a minar habilmente os argumentos da Promotoria. O mais importante na sua defesa era o fato da prova ser circunstancial — ninguém tinha visto Sam Cayhall instalar a bomba. Clovis fez questão de apregoar claramente esse particular na sua exposição de abertura e conseguiu provar a sua importância. Cayhall na verdade trabalhava para Dogan, que o mandou a Greenville para tratar de um negócio e por acaso ele se encontrava nas imediações do escritório de Kramer no momento errado. Clovis quase chorava quando lembrava das duas pobres crianças.

O pavio de dinamite encontrado na mala do carro pertencia ao dono anterior do veículo, o sr. Carson Jenkins, um removedor de entulhos de Meridian. O sr. Carson Jenkins testemunhou, dizendo

que sempre usava dinamite no seu trabalho e, ao que tudo indicava, havia esquecido o pavio na mala, quando vendeu o carro para Dogan. O sr. Carson Jenkins era professor da escola dominical, um homenzinho discreto e trabalhador, um cidadão perfeito e digno de toda confiança. Era também membro da Ku Klux Klan, mas o FBI não sabia disso. Clovis orquestrou seu testemunho com perfeição.

A polícia e o FBI jamais descobriram que o carro de Cayhall fora deixado na parada de caminhões em Cleveland. No seu primeiro telefonema depois da prisão, Cayhall instruiu sua mulher para mandar o filho, Eddie Cayhall, apanhar o carro imediatamente em Cleveland. Foi um golpe de sorte para a defesa.

Porém, o argumento mais forte apresentado por Clovis Brazelton foi o fato de ninguém poder provar que seus clientes estivessem envolvidos em qualquer conspiração, e como os senhores jurados de Nettles County poderiam, em sã consciência, condenar aqueles dois homens à morte?

Depois de quatro dias de julgamento, o júri se retirou para deliberar. Clovis garantiu aos dois clientes que seriam absolvidos. A acusação tinha quase certeza disso. Os membros da Klan farejavam a vitória e intensificaram sua atividade na frente do tribunal.

Não houve absolvições e não houve condenações. Dois jurados, numa atitude notável, fizeram pé firme a favor da condenação. Depois de um dia e meio de deliberações, o júri comunicou ao juiz que haviam chegado a um impasse. O julgamento foi declarado nulo e Sam Cayhall foi para casa pela primeira vez em cinco meses.

O novo JULGAMENTO teve lugar seis meses depois, em Wilson County, outra área rural a quatro horas de Greenville e a duzentos quilômetros do local do primeiro. Houve queixas de interferência da Klan junto aos jurados do primeiro julgamento e por isso o juiz, por motivos que nunca foram explicados, transferiu o processo para uma área infestada de membros da Ku Klux Klan e seus simpatizantes. O júri era outra vez só de brancos e decididamente nenhum judeu. Clovis contou as mesmas histórias, enfatizando os mesmos pontos. O sr. Carson Jenkins contou as mesmas mentiras.

A acusação alterou um pouco sua estratégia, mas sem resultado. O promotor desistiu das acusações de homicídio com dolo e insistiu na condenação só por homicídio. Não pedia mais a pena de morte e o júri podia, se quisesse, declarar Cayhall e Dogan culpados de homicídio simples, uma acusação muito mais leve, mas, de qualquer modo, uma condenação.

Houve uma novidade no segundo julgamento. Marvin Kramer, numa cadeira de rodas, na primeira fila, encarou ferozmente o júri durante três dias. Ruth havia tentado assistir ao primeiro julgamento, mas voltou para Greenville, onde foi hospitalizada outra vez com

problemas emocionais. Marvin foi submetido a várias cirurgias desde a explosão e seus médicos não permitiram que assistisse ao julgamento em Nettles County.

A maior parte dos jurados não conseguia olhar para ele. Evitavam olhar para a assistência e, atipicamente para um grupo de jurados, prestavam grande atenção às testemunhas. Entretanto, uma jovem, Sharon Culpepper, mãe de dois meninos gêmeos, não conseguia se conter. Ela olhava frequentemente para Marvin e muitas vezes seus olhos se encontraram. Os dele imploravam justiça.

Sharon Culpepper foi o único membro do júri a votar inicialmente pela condenação. Durante dois dias ela foi verbalmente agredida e doutrinação por seus pares.

O segundo julgamento terminou num impasse, com onze votos contra um. O juiz declarou anulação e mandou todo mundo para casa. Marvin Kramer voltou para Greenville, depois para Memphis, para nova cirurgia. Clovis Brazelton deu um espetáculo para a imprensa. O promotor não fez nenhuma promessa de um novo julgamento. Sam Cayhall voltou discretamente para Clanton jurando solenemente nunca mais fazer nenhum negócio com Jeremiah Dogan. E o próprio Mago Imperial voltou triunfante para Meridian, afirmando à sua gente que a batalha pela supremacia branca tinha apenas começado, que o bem havia derrotado o mal e assim por diante.

O nome de Rollie Wedge foi citado uma única vez. Durante a pausa para almoço, no segundo julgamento, Dogan murmurou para Cayhall que tinha recebido uma mensagem do garoto.

O mensageiro, um estranho, falou com a mulher de Dogan no saguão, fora da sala do tribunal. E a mensagem era clara e simples. Wedge estava ali perto, na floresta, observando o julgamento e se Dogan ou Cayhall mencionassem seu nome, bombas mandariam para o inferno suas casas e suas famílias.

TRÊS

Ruth e Marvin Kramer separaram-se em 1970. Ele foi internado num hospital para doentes mentais mais tarde, nesse mesmo ano e cometeu suicídio em 1971. Ruth voltou para Memphis, para a casa dos pais. Apesar dos seus problemas, tinham insistido em um novo julgamento. Na verdade, a comunidade judaica de Greenville ficou bastante agitada e ruidosa quando ficou claro que o promotor estava cansado de ser derrotado e havia perdido o entusiasmo pelo caso Cayhall e Dogan.

Marvin foi enterrado ao lado do filhos. Um novo parque foi dedicado à memória de Josh e John Kramer, e foram instituídas bolsas de estudos em seus nomes. Com o passar do tempo, o horror da tragédia das suas mortes diminuiu de intensidade. Os anos se passaram e Greenville falava cada vez menos no caso da bomba.

A despeito da pressão do FBI, não foi determinado um terceiro julgamento. Não conseguiram reunir novas provas. O juiz sem dúvida mudaria o foro outra vez. Parecia impossível uma nova acusação, mas, mesmo assim, o FBI não desistiu.

Com a desistência de Cayhall e o desaparecimento de Wedge, a campanha de Dogan pelos atentados a bomba esmoreceu. Ele continuou a usar seu manto e a fazer seus discursos, considerando-se agora uma importante força política. Seu racismo ostensivo intrigava os jornalistas do norte e ele estava sempre disposto a pôr o capuz e dar entrevistas de grande repercussão. Dogan desfrutou, com imenso prazer, uma fama relativa durante um breve espaço de tempo.

Porém, em fins da década de 1970, Jeremiah Dogan não passava de mais um assassino com um manto, numa organização em decadência. Os negros estavam votando. As escolas públicas não adotavam mais a segregação. As barreiras raciais estavam sendo derrubadas por juízes federais em todo o sul. Os direitos civis tinham chegado ao Mississippi e a Klan demonstrou sua incapacidade de manter os negros em seu lugar. Dogan não conseguia atrair nem moscas para o ritual da queima de cruzes.

Em 1979, ocorreram dois fatos significativos relacionados ao caso, aberto mas inativo, da explosão do escritório de Kramer. O primeiro foi a eleição de David McAllister para promotor de Greenville. Com vinte e sete anos, tratava-se do mais novo procurador na história do estado. Era ainda adolescente quando, no meio da multidão, viu o FBI examinar os destroços do escritório de Marvin Kramer. Logo depois da sua eleição, prometeu levar os terroristas a julgamento.

O segundo fato foi o indiciamento de Jeremiah Dogan por

sonegação de imposto. Depois de driblar durante anos o FBI, Dogan se descuidou e caiu nas malhas do imposto de renda. A investigação durou oito meses e teve como resultado uma denúncia formal de trinta páginas. Segundo esse documento, Dogan havia sonegado cerca de cem mil dólares, entre os anos de 1974 e 1978. Continha oito acusações com uma pena máxima de vinte e oito anos.

Não havia dúvida quanto à culpabilidade de Dogan e seu advogado (não Clovis Brazelton) imediatamente começou a explorar a possibilidade de uma negociação com a Promotoria. Entra o FBI.

Numa série de debates acalorados e furiosos com Dogan e seu advogado, o governo acabou por oferecer um acordo. Dogan testemunharia contra Sam Cayhall no caso Kramer e em troca não cumpriria a pena de prisão por sonegação de imposto. Não passaria nem um dia atrás das grades. Uma condicional rigorosa e multas pesadas, mas nada de prisão. Há mais de dez anos Dogan não falava com Cayhall. Dogan não era mais um membro atuante da Klan. Várias eram suas razões para considerar o acordo, sendo a mais importante, sem dúvida, a escolha de continuar livre ou passar uns dez anos na cadeia.

Para pressioná-lo mais ainda, a receita federal confiscou todos os seus bens e planejou leiloá-los. Para ajudar sua decisão, David McAllister convenceu um grande júri em Greenville a indiciar Dogan e seu companheiro Cayhall, mais uma vez, no caso da bomba no escritório de Kramer.

Dogan entregou os pontos e aceitou o acordo.

DEPOIS DE DOZE ANOS de uma vida tranquila em Ford County, Sam Cayhall foi indiciado novamente, detido, enfrentou outra vez a certeza de um julgamento e a possibilidade da câmara de gás. Teve de hipotecar sua casa e uma pequena fazenda para pagar um advogado. Clovis Brazelton movimentava-se agora em esferas mais altas e Dogan não era mais um aliado.

Muita coisa havia mudado no Mississippi desde os dois primeiros julgamentos. Os negros transformaram-se em eleitores e esses novos e significativos eleitores haviam eleito funcionários negros. Júris só de brancos eram raros. O estado tinha dois juízes negros, dois xerifes negros e advogados negros percorriam os corredores do foro na companhia dos seus colegas brancos. Oficialmente, a segregação não existia mais. E muitos brancos no Mississippi começavam a olhar para o passado, perguntando por que toda aquela confusão. Por que tanta resistência aos direitos fundamentais do povo? Embora tivesse ainda um longo caminho a percorrer, o Mississippi em 1980 era muito diferente do Mississippi de 1967. E Sam Cayhall compreendia isso.

Sam contratou um experiente advogado criminalista de Memphis chamado Benjamin Keyes. Sua primeira tática consistiu em apresentar

uma moção para anular o indiciamento, alegando que não seria justo julgá-lo outra vez depois de tanto tempo. Foi um argumento de peso e a decisão teve de ser tomada pela Suprema Corte do Mississippi. Por seis votos contra três, a corte determinou que podiam prosseguir com a acusação.

E a acusação prosseguiu. O terceiro e último julgamento de Sam Cayhall começou em fevereiro de 1981, num pequeno e frio tribunal de Lakehead County, nas montanhas, na extremidade nordeste do estado. Muito se poderia dizer sobre o julgamento. Houve o jovem promotor, David McAllister, que atuou com brilhantismo, mas tinha o hábito desagradável de passar todo seu tempo livre com a imprensa. Ele era bem apessoado, articulado e compassivo, e ficou bem claro que aquele julgamento tinha um objetivo. As ambições políticas do dr. McAllister eram de alto nível.

O júri era composto por oito brancos e quatro negros. Foram apresentados a amostra de vidro, o pavio, os relatórios do FBI e todas as outras fotografias e provas dos dois primeiros julgamentos.

E agora, havia o testemunho de Jeremiah Dogan, que, trajando uma camisa de algodão e com uma atitude humilde, explicou solenemente ao júri como havia conspirado com Sam Cayhall, sentado ali na sua frente, para explodir o escritório do dr. Kramer. Sam olhou intensamente para ele, durante todo o tempo, absorvendo suas palavras, mas Dogan desviava o olhar. O advogado de Sam atormentou Dogan quase o tempo todo e o forçou a admitir que tinha feito um trato com o governo. Mas o mal estava feito.

Não beneficiaria em nada a defesa de Sam Cayhall trazer à baila o nome de Rollie Wedge. Fazê-lo seria admitir que Sam de fato havia estado em Greenville para armar a bomba. Sam seria obrigado a admitir que era cúmplice da conspiração e de acordo com a lei seria tão culpado quanto o homem que armou a dinamite. E para apresentar esse cenário ao júri, Sam seria forçado a testemunhar, o que nem ele nem seu advogado queriam. Sam não iria suportar um interrogatório rigoroso, pois seria obrigado a contar uma mentira para encobrir a última.

E, a essa altura, ninguém iria acreditar na história de última hora sobre um novo e misterioso terrorista nunca mencionado antes e que chegou e partiu sem ser visto. Sam sabia que o argumento Rollie Wedge seria inútil, e nunca mencionou esse nome ao seu advogado.

Encerrando o julgamento, David McAllister, na frente do júri, na sala lotada do tribunal, apresentou seus argumentos finais. Falou da sua juventude em Greenville e dos seus amigos judeus. Não os via como pessoas diferentes. Conhecia alguns membros da família Kramer, gente boa e trabalhadora, que contribuía para o progresso da cidade. Ele também tinha brincado com garotos negros e aprendeu que são

amigos maravilhosos. Nunca compreendeu por que ele estudava numa escola e os negros em outra. Contou uma história comovente de como sentiu a terra tremer no dia 21 de abril de 1967 e como correu para o centro da cidade, onde a fumaça subia para o céu. Durante três horas ele esperou atrás das barricadas da polícia. Viu os bombeiros correndo apressados quando encontraram Marvin Kramer. Viu os homens em volta dos escombros quando encontraram os meninos. As lágrimas corriam dos seus olhos quando os pequenos corpos, cobertos com panos brancos, foram levados lentamente para uma ambulância.

Foi um espetáculo esplêndido, e quando McAllister terminou, o tribunal estava em silêncio. Vários jurados enxugavam os olhos.

Em 12 DE FEVEREIRO DE 1981, Sam Cayhall foi julgado culpado de duplo homicídio e de uma tentativa de homicídio. Dois dias depois, o mesmo júri no mesmo tribunal voltou com a sentença de morte.

Ele foi levado para a penitenciária estadual de Parchman, para esperar a data do seu encontro com a câmara de gás. No dia 19 de fevereiro de 1981, entrou pela primeira vez no corredor da morte.

QUATRO

Na firma de advocacia de Kravitz & Bane, quase trezentos advogados conviviam pacificamente sob o mesmo teto em Chicago. Duzentos e oitenta e seis, para ser exato, embora fosse difícil confirmar a contagem porque, em qualquer dado momento, uma dúzia ou mais estavam de saída, por diversas razões, e havia sempre duas dúzias ou mais de recrutas novinhos em folha treinados e polidos, ávidos para entrar em combate. Apesar do seu tamanho, a Kravitz & Bane era mais moderada do que as outras no jogo da expansão, não devorava firmas menores em outras cidades, não se apressou em roubar clientes das suas concorrentes e por isso era classificada somente como a terceira maior firma de Chicago. Possuía escritórios em seis cidades, mas, para grande desconsolo dos jovens contratados, não tinha endereço londrino no seu papel timbrado.

Embora tivesse se abrandado um pouco, a Kravitz & Bane era conhecida ainda como uma firma implacável nas questões judiciais. Contava com departamentos menos agressivos para lidar com questões de imóveis, impostos e antitruste, mas seu lucro provinha dos litígios. Recrutava os mais brilhantes terceiranistas de direito que obtivessem as notas mais altas em julgamentos simulados e debates. A Kravitz & Bane queria rapazes (uma mulher aqui e ali, para dar sorte) que pudessem ser treinados instantaneamente no estilo militar de ataques rápidos e eficazes, aperfeiçoado há muito tempo pelos advogados da Kravitz & Bane.

A firma possuía uma unidade pequena mas bem organizada para os casos de indenização por danos pessoais, um ramo lucrativo, no qual eles ficavam com cinquenta por cento e davam o resto para o cliente. Havia uma seção para a defesa de crimes de colarinho branco, mas o acusado precisava dar uma considerável garantia para merecer a atenção da Kravitz & Bane. Finalmente, havia as duas maiores seções, uma para a defesa de empresas que estivessem sendo processadas e outra para a defesa de questões de pagamento de seguro. Com exceção dos casos de indenização, que eram uma porcentagem quase insignificante da receita bruta, o dinheiro da firma era ganho por horas de trabalho. Duzentos dólares por hora para casos de seguro, mais se o movimento comportasse. Trezentos dólares para a defesa em processos criminais. Quatrocentos para um grande banco. Até quinhentos dólares por hora para uma firma rica, com advogados preguiçosos que dormiam na direção dos seus carros.

A Kravitz & Bane faturava por hora e construiu uma dinastia em Chicago. Seus escritórios eram elegantes, mas não luxuosos. Ocupavam os últimos andares do terceiro prédio mais alto do centro

da cidade, como convinha à sua classificação de terceira entre as maiores firmas.

Como a maioria das grandes firmas, ganhava tanto dinheiro que foi obrigada a abrir uma pequena seção voltada para a defesa gratuita a fim de atender aos deveres morais para com a sociedade. A firma orgulhava-se do fato de possuir um associado que trabalhava em tempo integral para o bem público, um idealista excêntrico, E. Garner Goodman, que tinha um escritório espaçoso e duas secretárias no sexagésimo primeiro andar. Ele compartilhava um estagiário com um associado da seção de litígios. O folheto gravado a ouro da firma exaltava o fato de os seus advogados serem encorajados a executar projetos pro bono. Proclamava que, no ano anterior, 1989, os advogados da Kravitz & Bane haviam dedicado quase sessenta mil horas do seu precioso tempo a clientes que não podiam pagar. Menores delinquentes, condenados à pena de morte, estrangeiros ilegais, viciados em drogas, e, naturalmente, a firma se preocupava profundamente com o problema dos sem teto. O folheto trazia até a fotografia de dois jovens advogados, sem paletó, mangas arregaçadas, gravatas soltas em volta do colarinho, suor nas axilas, olhos cheios de compaixão, fazendo trabalho braçal no meio das crianças de um grupo minoritário, no que parecia ser um aterro urbano. Advogados salvando a sociedade.

Adam Hall tinha um dos folhetos na sua pasta quase vazia, quando caminhava lentamente pelo corredor do 61º andar em direção ao escritório de E. Garner Goodman. Cumprimentou um outro jovem advogado que nunca vira antes e trocaram algumas palavras. Na festa de Natal da firma, crachás com os nomes dos advogados eram distribuídos na porta. Alguns mal se conheciam. Muitos se viam uma ou duas vezes por ano. Ele abriu a porta e entrou numa pequena sala onde a secretária parou de escrever à máquina e quase sorriu. Ele perguntou pelo dr. Goodman e ela indicou com um movimento de cabeça a fileira de cadeiras onde ele devia esperar. Adam Hall estava cinco minutos adiantado para a hora marcada, como se isso importasse. Aquilo era o bem público. Esqueça o relógio. Esqueça o preço por hora. Esqueça as bonificações de desempenho. Desafiando o resto da firma, Goodman não permitia relógios nas paredes do seu escritório.

Adam abriu a sua pasta e folheou os papéis. Riu discretamente quando viu o folheto. Leu outra vez seu pequeno currículo — primeiros estudos em Pepperdine, faculdade de direito em Michigan, editor da revista de direito, um artigo sobre punições cruéis e arbitrárias, comentários sobre casos recentes de pena de morte. Um currículo bastante sucinto, mas afinal ele só tinha vinte e seis anos. Há nove meses trabalhava para a Kravitz & Bane.

Ele leu e fez anotações sobre duas longas decisões da Suprema Corte dos Estados Unidos relativas a execuções na Califórnia. Consultou o relógio e leu mais um pouco. Por fim, a secretária ofereceu-lhe café que ele recusou delicadamente.

O ESCRITÓRIO de E. Garner Goodman daria um espantoso estudo sobre desorganização. Era espaçoso mas atulhado, com estantes curvadas ao peso dos livros em todas as paredes e pilhas de pastas empoeiradas no chão. Pilhas de papéis de todos os tamanhos e tipos cobriam a mesa no centro da sala. Lixo e cartas perdidas cobriam o tapete sob a mesa. Se não fosse pelas persianas de madeira fechadas, a janela ampla podia fornecer uma vista esplêndida do lago Michigan, mas era evidente que o dr. Goodman não passava seu tempo na janela.

Ele era um homem idoso, com barba grisalha bem aparada e cabelo grisalho abundante. A camisa branca fora penosamente passada. Uma gravata-borboleta de lã escocesa de cores vivas, sua marca registrada, ocupava o centro exato do pescoço, debaixo do queixo. Adam entrou na sala, ziguezagueando cautelosamente entre as pilhas de papéis. Goodman não se levantou, mas estendeu a mão friamente.

Adam entregou a pasta para Goodman e sentou na única cadeira desocupada da sala. Esperou nervoso, enquanto os documentos eram examinados, a barba era delicadamente cofiada e a gravata-borboleta manipulada.

— Por que você quer trabalhar de graça? — resmungou Goodman, depois de um longo silêncio. Não levantou os olhos dos papéis. Um violão clássico soava discretamente pelos alto-falantes no teto.

Adam remexeu na cadeira, embaraçado.

— Hum, por várias razões.

— Deixe-me adivinhar. Você quer servir a humanidade, retribuir de algum modo os serviços da sua comunidade, ou talvez sinta-se tão culpado por passar seu tempo aqui neste trabalho escravo, ganhando por hora, que precisa lavar sua alma, sujar suas mãos, fazer algum trabalho honesto e ajudar os outros. — Os olhos pequenos e azuis de Goodman fuzilaram Adam por cima dos óculos de leitura com aros negros empoleirados na ponta do nariz afilado. — Algumas das razões acima?

— Na verdade, não.

Goodman continuou a examinar os papéis.

— Então você foi designado para trabalhar com Emmitt Wycoff? — Ele estava lendo uma carta de Wycoff, o sócio supervisor de Adam.

— Sim, senhor.

— Ele é um bom advogado. Pessoalmente não gosto muito dele, mas Wycoff é um grande criminalista, você sabe. Provavelmente um dos nossos três melhores garotos de colarinho branco. Porém, bastante

contundente, você não acha?

— Ele é legal.

— Há quanto tempo trabalha com ele?

— Desde que comecei. Há nove meses.

— Então você está aqui há nove meses?

— Sim, senhor.

— O que você acha disto tudo? — Goodman fechou a pasta e olhou para Adam. Tirou vagarosamente os óculos de leitura e pôs uma das hastes na boca.

— Por enquanto estou gostando. É um desafio.

— É claro. Por que escolheu Kravitz & Bane? Quero dizer, sem dúvida com as suas credenciais podia ter ido para qualquer firma. Por que aqui?

— Direito criminal. É isso que eu quero e esta firma é famosa.

— Quantas ofertas você teve? Ora, vamos, só estou sendo curioso.

— Algumas.

— E onde?

— A maior parte em Washington. Uma em Denver. Não pedi entrevista a firmas de Nova York.

— Quanto estão pagando a você?

Adam mudou de posição na cadeira. Afinal, Goodman era um sócio da firma. Certamente sabia o que estavam pagando aos contratados.

— Sessenta ou coisa assim. Quanto pagam ao senhor?

O velho gostou e sorriu pela primeira vez.

— Eles me pagam quatrocentos mil dólares por ano para desperdiçar seu tempo e para que eles possam bater nas próprias costas e fazer discursos louvando advogados e toda a sua responsabilidade social. Quatrocentos mil, dá para acreditar?

Adam já tinha ouvido os comentários.

— O senhor não está se queixando, está?

— Não. Eu sou o advogado mais sortudo da cidade, dr. Hall.

Recebo um caminhão de dinheiro para fazer o que gosto, não bato ponto e não me preocupo com as horas de trabalho por semana. Estou quase com setenta anos, sabia?

A lenda na firma era de que Goodman, quando jovem, havia cedido à pressão e quase se matou com bebida e comprimidos. Levou um ano para se curar do vício e nesse tempo a mulher e os filhos o deixaram. Então, ele convenceu os sócios de que valia a pena conservá-lo na firma. Só precisava de um escritório onde a vida não girasse em volta de um relógio.

— Que tipo de trabalho você está fazendo para Emmitt Wycoff? — perguntou Goodman.

— Muita pesquisa. No momento, ele está ocupado com a defesa de um grupo de empreiteiros e isso toma a maior parte do meu tempo.

Na semana passada eu defendi uma moção no tribunal — disse Adam com uma ponta de orgulho. Os principiantes geralmente ficavam acorrentados às suas mesas, nos primeiros doze meses.

— Uma moção de verdade?

— Sim, senhor.

— Num tribunal de verdade?

— Sim, senhor.

— Na frente de um juiz de verdade?

— Isso mesmo.

— Quem ganhou?

— O juiz decidiu a favor da acusação, mas foi por pouco. Eu o deixei bem enrolado.

Goodman sorriu, mas o jogo logo acabou. Ele abriu a pasta outra vez.

— Wycoff manda uma impressionante carta de recomendação. Isso não é comum nele.

— Ele reconhece o talento — disse Adam, com um sorriso.

— Suponho que este é um pedido muito importante, dr. Hall. Exatamente o que tem em mente?

Adam parou de sorrir e pigarreou. De repente ficou nervoso e resolveu cruzar outra vez as pernas.

— É, hum, bem, é um caso de pena de morte.

— Um caso de pena de morte? — repetiu Goodman.

— Sim, senhor.

— Por quê?

— Eu sou contra a pena de morte.

— Não somos todos, dr. Hall? Escrevi livros a respeito. Eu lidei com uma dezena de casos desse tipo. Por que quer se envolver?

— Eu li seus livros. Só quero ajudar.

Goodman fechou a pasta outra vez e inclinou-se para a frente sobre a mesa. Dois pedaços de papel escorregaram para o chão.

— Você é muito jovem e muito inexperiente.

— O senhor pode se surpreender.

— Escute, dr. Hall, isto não é o mesmo que aconselhar bêbados numa sopa de caridade. Isto é vida e morte. Material de alta pressão, filho. Não é muito divertido.

Adam inclinou a cabeça afirmativamente mas não disse nada. Seus olhos estavam firmes nos de Goodman e ele nem piscava. Um telefone tocou em algum lugar ao longe, mas eles o ignoraram.

— Algum caso em particular, ou você tem um novo cliente para Kravitz & Bane? — perguntou Goodman.

— O caso Cayhall — disse Adam lentamente.

Goodman balançou a cabeça e puxou as pontas da gravata-borboleta.

— Sam Cayhall nos despediu. A Quinta Circunscrição Judiciária determinou, na semana passada, que ele tem o direito de não querer mais a nossa representação.

— Eu li o parecer. Eu sei o que a Quinta Circunscrição disse. O homem precisa de um advogado.

— Não, ele não precisa. Estará morto dentro de três meses com ou sem advogado. Francamente, é um alívio ter Cayhall fora da minha vida.

— Ele precisa de um advogado — repetiu Adam.

— Ele está fazendo a própria defesa e, para ser franco, é bom nisso. Escreve a máquina as próprias moções e relatórios, faz toda a pesquisa. Ouvi dizer que está aconselhando alguns dos seus companheiros do corredor da morte, só os brancos, é claro.

— Eu estudei todo o seu dossiê.

E. Garner Goodman girou os óculos lentamente entre os dedos e pensou por um momento.

— É meia tonelada de papel. Por que fez isso?

— O caso me interessa. Eu o venho acompanhando há anos e li tudo que foi escrito sobre o homem. O senhor me perguntou por que escolhi a Kravitz & Bane. Bem, a verdade é que eu queria trabalhar no caso Cayhall e acho que esta firma trabalhou nele, pro bono, durante uns... oito anos?

— Sete, mas parecem vinte. O sr. Cayhall não é um homem de trato muito agradável.

— É compreensível, não acha? Quero dizer, está na solitária há quase dez anos.

— Não me venha com sermões sobre a vida na prisão, dr. Hall. Já viu o interior de uma prisão?

— Não.

— Pois eu já vi. Conheço os corredores da morte de seis estados. Fui xingado por Sam Cayhall quando ele estava amarrado numa cadeira. Ele não é um homem agradável. É um racista incorrigível que odeia todo mundo e vai odiar você quando o conhecer.

— Acho que não.

— Você é um advogado, dr. Hall. Ele odeia advogados mais do que odeia negros e judeus. Está enfrentando a morte há quase dez anos e convencido de que foi vítima da conspiração de um advogado. Que diabo, ele tentou nos despedir durante dois anos. Esta firma gastou mais de dois milhões de dólares em tempo, que podiam ser pagos, tentando mantê-lo vivo e ele só se preocupava em nos despedir. Perdi a conta do número de vezes que ele se recusou a falar conosco depois de termos viajado até Parchman. Ele é louco, dr. Hall. Procure outro projeto. Que tal crianças que sofrem maus tratos ou algo assim?

— Não, obrigado. Estou interessado em casos de pena de morte e

de certo modo obcecado com a história de Sam Cayhall.

Goodman ajeitou cuidadosamente os óculos outra vez na ponta do nariz e, num gesto lento, pôs o pé sobre a mesa. Cruzou as mãos sobre o peito engomado da camisa.

— Por que, se posso perguntar, está tão obcecado com Sam Cayhall?

— Bem, é um caso fascinante, não acha? A Klan, os movimentos de direito civil, as bombas, o local destruído. O pano de fundo é um período rico da história americana. Parece muito antigo, mas foi apenas há vinte e cinco anos. É uma história excitante.

Um ventilador de teto girava lentamente acima dele. Passou um minuto.

Goodman abaixou os pés e apoiou os cotovelos na mesa.

— Dr. Hall, eu aprecio seu interesse pelo pro bono e garanto que temos muito para fazer. Mas deve procurar outro projeto. Isto não é uma prova de julgamento simulado.

— E eu não sou um estudante de direito.

— Sam Cayhall nos destituiu definitivamente, dr. Hall. Parece que não compreendeu isso.

— Quero uma oportunidade para me encontrar com ele.

— Para quê?

— Acho que posso convencê-lo a aceitar a minha representação.

— Oh, é mesmo?

Adam respirou fundo, depois levantou: se e abrindo caminho entre as pilhas de pastas, foi até a janela. Respirou fundo outra vez.

Goodman observava e esperava.

— Tenho um segredo para o senhor, dr. Goodman. Ninguém mais sabe, exceto Emmitt Wycoff, porque de certo modo fui obrigado a contar a ele. O senhor deve guardar segredo, está bem?

— Estou ouvindo.

— Tenho sua palavra?

— Sim, tem a minha palavra — disse Goodman devagar, mordendo uma haste dos óculos.

Adam espiou por uma fresta da persiana e viu um veleiro no lago Michigan. Disse em voz baixa:

— Sou parente de Sam Cayhall.

Goodman nem piscou.

— Compreendo. Parente como?

— Cayhall tinha um filho, Eddie Cayhall. E Eddie Cayhall deixou o Mississippi em desgraça, depois que o pai foi preso, acusado do atentado a bomba. Ele fugiu para a Califórnia, mudou de nome e tentou esquecer o passado. Mas o legado da família o atormentava. Cometeu suicídio logo depois que o pai foi condenado, em 1981.

Goodman estava agora sentado na ponta da cadeira.

— Eddie Cayhall era meu pai.

Goodman hesitou por uma fração de segundo.

— Sam Cayhall é seu avô?

— É. Eu só fiquei sabendo quando tinha quase dezessete anos.

Minha tia me contou depois que enterramos meu pai.

— Nossa!

— Prometeu não contar.

— É claro. — Goodman levantou da cadeira, sentou na ponta da mesa e pôs os pés na cadeira. Olhou para as persianas.

— Sam sabe...

— Não. Eu nasci em Ford County, Mississippi, numa cidade chamada Clanton. Não Memphis. Eu sempre disse que nasci em Memphis. Meu nome então era Alan Cayhall, mas só fiquei sabendo bem tarde. Eu tinha três anos quando saímos do Mississippi e meus pais nunca falaram sobre aquele lugar. Minha mãe acreditava que Eddie nunca mais teve contato com Sam desde que deixamos o Mississippi, até ela escrever para ele, na prisão, dizendo que o filho estava morto. Ele não respondeu.

— Diabo, diabo, diabo.

— Tem muito mais, dr. Goodman. É uma família realmente doente.

— Não é culpa sua.

— De acordo com minha mãe, o pai de Sam era um membro atuante da Klan, tomou parte em linchamentos e tudo o mais. Portanto, venho de uma linhagem bem fraca.

— Seu pai era diferente.

— Meu pai se matou. Não vou descrever os detalhes, mas eu encontrei o corpo dele e limpei tudo antes da minha mãe e minha irmã voltarem para casa.

— E você tinha dezessete anos?

— Quase dezessete. Foi em 1981. Há nove anos. Depois que minha tia, a irmã de Eddie, me contou a verdade, fiquei fascinado com a história sórdida de Sam Cayhall. Passei horas em bibliotecas procurando artigos em jornais e revistas antigos. É um material vasto. Li as transcrições de todos os julgamentos. Estudei as decisões da corte de apelações. Na faculdade comecei a estudar a representação desta firma no caso de Cayhall. O senhor e Wallace Tyner fizeram um trabalho exemplar.

— Fico feliz com sua aprovação.

— Eu li centenas de livros e milhares de artigos sobre a Oitava Emenda e o problema da pena de morte. O senhor escreveu quatro livros, se não me engano. E um grande número de artigos. Eu sei que sou um principiante, mas minha pesquisa é impecável.

— E você acha que Sam vai confiar em você para ser seu advogado?

— Eu não sei. Mas ele é meu avô, goste ou não, e eu tenho de falar com ele.

— Não houve nenhum contato...

— Nenhum. Eu tinha três anos quando saí do Mississippi e, é claro, não me lembro dele. Milhares de vezes comecei a escrever para ele, mas nunca terminei. Não sei por quê.

— É compreensível.

— Nada é compreensível, dr. Goodman. Eu não compreendo como ou por que estou neste escritório neste momento. Eu sempre quis ser aviador, mas fui para a faculdade de direito porque sentia uma vaga vocação para ajudar a sociedade. Alguém precisava de mim e acho que me convenci de que esse alguém era meu avô demente. Tive quatro ofertas de emprego e escolhi esta firma porque ela teve a coragem de representá-lo.

— Você devia ter contado isso para alguém, antes de ser contratado pela firma.

— Eu sei. Mas ninguém perguntou se meu avô era cliente desta firma.

— Devia ter dito alguma coisa.

— Eles não vão me despedir, vão?

— Duvido. Onde você esteve nos últimos nove meses?

— Aqui. Trabalhando noventa horas por semana, dormindo na minha mesa, comendo na biblioteca, estudando como louco para o exame de doutorado, o senhor sabe, o regime habitual de quartel, que vocês destinam aos novatos.

— Uma bobagem, não é?

— Eu sou duro na queda. — Adam abriu um pouco a persiana para ver melhor o lago.

Goodman o observava.

— Por que não abre essas persianas? — perguntou Adam. — É uma grande vista.

— Eu já vi antes.

— Eu mataria por uma vista como esta. Meu pequeno cubículo fica a um quilômetro de qualquer janela.

— Trabalhe duro, faça o maior número de horas extras que um dia tudo isso será seu.

— Não para mim.

— Vai nos deixar, dr. Hall?

— Provavelmente, dentro de algum tempo. Mas esse é outro segredo, está bem? Pretendo dar duro uns dois anos, depois sair para outra. Talvez abrir meu escritório, onde a vida não gire em torno do relógio. Quero fazer um trabalho de interesse público, sabe, mais ou menos como o senhor.

— Então, depois de nove meses já está desiludido com a Kravitz &

Bane.

— Não. Mas não falta muito. Não quero passar minha vida toda defendendo ladrões ricos e empresas fraudulentas.

— Então não há dúvida de que está no lugar errado.

Adam afastou-se da janela e foi até a mesa. Olhou para Goodman.

— Estou no lugar errado e quero ser transferido. Wycoff vai concordar em me mandar para nosso pequeno escritório em Memphis, por alguns meses, para que eu possa trabalhar no caso Cayhall. Uma espécie de período de licença, com vencimentos, é claro.

— Mais alguma coisa?

— Isso é tudo. Vai funcionar. Sou apenas um calouro insignificante, perfeitamente descartável por aqui. Ninguém vai sentir a minha falta. Que diabo, está cheio de jovens aguerridos dispostos a trabalhar dezoito horas por dia e receber vinte.

O rosto de Goodman relaxou num sorriso caloroso. Balançou a cabeça, como se estivesse impressionado.

— Você planejou tudo, não foi? Quero dizer, escolheu esta firma porque ela representava Sam Cayhall e porque tem escritório em Memphis.

Adam fez um gesto afirmativo, sem sorrir.

— As coisas funcionaram. Eu não sabia como ou quando este momento iria chegar, mas, sim, posso dizer que planejei. Não me pergunte o que vai acontecer agora.

— Ele estará morto em três meses, se não antes.

— Mas tenho de fazer alguma coisa, dr. Goodman. Se a firma não me deixar ficar com o caso, então provavelmente peço demissão e vou tentar por minha conta.

Goodman balançou a cabeça e levantou-se de um salto.

— Não faça isso, dr. Hall. Vamos pensar em alguma coisa. Preciso apresentar isto a Daniel Rosen, o sócio-gerente. Acho que ele vai aprovar.

— Ele tem uma fama horrível.

— Merecida. Mas eu sei lidar com ele.

— Ele concordará se o senhor e Wycoff recomendarem, não é?

— É claro. Está com fome? — Goodman apanhou o paletó.

— Um pouco.

— Vamos comer um sanduíche.

O MOVIMENTO DO ALMOÇO na lanchonete da esquina não tinha começado ainda. O sócio e o novato escolheram uma mesa pequena na frente da janela que dava para a calçada. O tráfego de veículos era pequeno e centenas de pedestres passavam apressados, a poucos passos deles. O garçom serviu um Reuben gorduroso para Goodman e uma sopa de galinha para Adam.

— Quantos homens há no corredor da morte, no Mississippi? —

perguntou Goodman.

— Quarenta e oito, até o mês passado. Vinte e cinco negros, vinte e três brancos. A última execução foi há dois anos, Willie Parris. Sam Cayhall provavelmente será o próximo, a não ser que aconteça um pequeno milagre.

Goodman mastigou rapidamente um enorme pedaço do sanduíche e limpou a boca com o guardanapo de papel.

— Eu diria um grande milagre. Não sobra muita coisa para fazer, legalmente falando.

— Há a coleção de moções de último recurso.

— Vamos deixar as conversas sobre estratégia para depois.

Suponho que você nunca esteve em Parchman.

— Não. Desde que fiquei sabendo da verdade, tive muitas vezes a tentação de voltar ao Mississippi, mas não aconteceu.

— É uma enorme fazenda no meio do Delta do Mississippi, ironicamente, não muito longe de Greenville. Uns nove mil hectares mais ou menos. Provavelmente o lugar mais quente do mundo. Fica na Rodovia 49, como um vilarejo do lado oeste. Uma porção de prédios e casas. A parte da frente é toda da administração e não tem nenhuma cerca. Há uns trinta alojamentos espalhados em volta da fazenda, todos cercados e vigiados. São completamente separados uns dos outros. Alguns ficam a quilômetros de distância do campo mais próximo. Você passa de automóvel por vários campos, todos com cercas de aço e arame farpado, todos com centenas de prisioneiros vagando sem fazer nada. Eles usam roupas de cores diferentes, dependendo da classificação. Parece um bando de jovens negros, flanando à toa, alguns jogando basquete, outros sentados nas varandas dos prédios. Um ou outro rosto branco. Você passa no seu carro, sozinho e muito devagar, por um caminho de cascalho, pelos campos e pelo arame farpado até chegar a uma construção pequena, aparentemente inócua com telhado plano. É fechada por cercas altas e tem guardas nas torres. Uma construção bastante moderna. Tem um nome oficial qualquer, mas todo mundo chama simplesmente de Corredor.

— Parece um lugar maravilhoso.

— Eu pensei que fosse encontrar uma masmorra, você sabe, escura e fria, com água pingando do teto. Mas é só uma construção quadrada no meio de uma plantação de algodão. Na verdade, não é tão ruim quanto os corredores da morte de outros estados.

— Eu gostaria de ver o Corredor.

— Você não está pronto para isso. É um lugar horrível cheio de pessoas deprimidas, esperando a morte. Eu tinha sessenta anos quando o vi pela primeira vez e não dormi durante uma semana. — Tomou um gole de café. — Não posso imaginar o que você vai sentir quando

entrar lá. O Corredor já é horrível quando estamos representando um estranho.

— Ele é um completo estranho.

— Como pretende dizer a ele...

— Eu não sei. Na hora penso em alguma coisa. Tenho certeza de que vai acontecer naturalmente.

Goodman balançou a cabeça.

— É uma situação grotesca.

— Toda a família é grotesca.

— Lembro-me agora de que Sam tinha dois filhos, parece que um deles era uma mulher. Faz tanto tempo. Tyner fez a maior parte do trabalho, você sabe.

— A filha dele é a minha tia Lee Cayhall Booth, mas ela procura esquecer o sobrenome de solteira. Casou com um homem rico de Memphis. O marido tem um banco ou dois e não falam a ninguém sobre o pai dela.

— Onde está sua mãe?

— Portland. Ela casou outra vez há alguns anos e nós nos falamos mais ou menos duas vezes por ano. Estranho seria dizer pouco.

— Como você conseguiu estudar na Pepperdine?

— Seguro de vida. Meu pai não conseguia parar em nenhum emprego, mas foi suficientemente esperto para fazer um seguro de vida. O período de carência expirou anos antes de ele cometer suicídio.

— Sam nunca falou sobre a família.

— E a família nunca fala sobre ele. A mulher dele, minha avó, morreu alguns anos antes de ele ser condenado. Eu não sabia disso, é claro. A maior parte da minha pesquisa genealógica foi feita por meio da minha mãe, que teve grande sucesso no empreendimento de esquecer o passado. Dr. Goodman, eu não sei como a coisa funciona nas famílias normais, mas a minha raramente se reúne e quando acontece de dois ou mais de nós se encontrarem, a última coisa de que falamos é do passado. Há muitos segredos obscuros.

Goodman ouvia atentamente, mordiscando uma batata frita.

— Você mencionou uma irmã.

— Sim, eu tenho uma irmã, Carmen. Vinte e três anos, uma moça inteligente e bonita, estuda na Berkeley. Nasceu em Los Angeles, portanto não passou pela mudança de nome como o resto de nós. Nós mantemos contato.

— Ela sabe?

— Sim, ela sabe. Minha tia Lee me contou primeiro, logo depois do enterro do meu pai, e depois, tipicamente, minha mãe me pediu para contar para a Carmen. Na época ela estava com quatorze anos. Ela nunca demonstrou o menor interesse por Sam Cayhall. Francamente, o

resto da família só deseja que ele desapareça discretamente.

— Não demora muito e terão esse desejo realizado.

— Mas não vai ser discretamente, vai, dr. Goodman?

— Não. Nunca é. Por um breve mas terrível momento Sam Cayhall será o homem mais falado do país. Vamos ver o mesmo velho filme do resultado da explosão e os julgamentos, com a Klan marchando em volta do tribunal. O mesmo velho debate sobre a pena de morte. A imprensa vai descer sobre a Parchman.

Então eles o matam e dois dias depois tudo estará esquecido. É sempre assim.

Adam mexeu a sopa com a colher e cuidadosamente apanhou uma lasca de galinha. Examinou-a por alguns segundos e a devolveu ao caldo. Não estava com fome. Goodman acabou de comer outra batata frita e tocou os cantos da boca com o guardanapo.

— Dr. Hall, imagino que não está pensando que pode manter tudo isso em segredo.

— Sim, eu pensei nisso.

— Esqueça.

— Minha mãe me pediu para não fazer. Minha irmã não quer falar no assunto. E a minha tia em Memphis odeia pensar na remota possibilidade de sermos todos identificados como Cayhall e arruinados para sempre.

— A possibilidade não é remota. Quando a imprensa acabar com vocês, estarão todos, os velhos negros e brancos sentados nos joelhos do seu avô. Vai dar grandes manchetes, dr. Hall. Pense um pouco. O neto esquecido atacando no último momento, num esforço heroico para salvar o infeliz velho avô, enquanto o relógio marca a contagem regressiva.

— Eu acho que gosto disso.

— Na verdade, não é nada mau. Vai atrair muita atenção para a nossa adorada pequena firma de advocacia.

— O que traz à tona outro assunto desagradável.

— Não creio. Não existem covardes na Kravitz & Bane, Adam. Nós sobrevivemos e prosperamos no mundo de trancos e barrancos da lei em Chicago. Somos conhecidos como os canalhas mais cruéis da cidade. Temos a pele mais grossa. Não se preocupe com a firma.

— Então, vai concordar.

Goodman pôs o guardanapo na mesa e tomou outro gole de café.

— Oh, é uma ideia maravilhosa, supondo que seu avô concorde com ela. Se você conseguir que ele nos contrate, quero dizer, que nos recontrate, então estamos de volta ao negócio. Você será o líder. Nós forneceremos tudo o que precisar. Eu sempre estarei na sua sombra. Vai funcionar. Então, eles o matam e você nunca mais se conforma. Já tive três clientes executados, dr. Hall, incluindo um no Mississippi.

Você nunca mais será o mesmo.

Adam assentiu com a cabeça, sorriu e olhou para as pessoas que passavam na calçada.

Goodman continuou:

— Estaremos por perto para consolá-lo quando eles o matarem. Não vai precisar aguentar sozinho.

— Não é completamente sem esperança, é?

— Quase. Conversamos sobre estratégia mais tarde. Primeiro, vou falar com Daniel Rosen. Provavelmente ele vai querer uma longa conferência com você. Depois, você tem de ver Sam e ter uma pequena reunião, por assim dizer. Essa é a parte difícil. Em terceiro lugar, se ele concordar, então começamos a trabalhar.

— Obrigado.

— Não me agradeça, Adam. Duvido que estejamos falando um com o outro quando isto terminar.

— Assim mesmo, obrigado.

CINCO

A REUNIÃO FOI ORGANIZADA rapidamente. E. Garner Goodman deu o primeiro telefonema e uma hora depois todos os participantes necessários estavam convocados. Depois de vinte e quatro horas estavam na pequena sala de conferências, raramente usada, ao lado do escritório de Daniel Rosen. O fato de ser território de Rosen perturbava extremamente Adam.

Segundo a lenda, Daniel Rosen era um monstro, embora dois enfartes tivessem aparado um pouco as arestas e abrandado um pouco seu gênio. Durante trinta anos ele foi um agressivo advogado criminalista, o mais mesquinho, o mais desagradável e, sem dúvida, o mais eficiente dos juristas de Chicago. Antes dos enfartes, era conhecido por seu horário brutal de trabalho — noventa horas por semana, orgias noturnas de trabalho com empregados do escritório e estagiários pesquisando e ajudando. Foi abandonado por várias mulheres. Quatro secretárias trabalhavam duro, ao mesmo tempo, para acompanhar o passo. Daniel Rosen fora o coração e a alma da Kravitz & Bane, mas já não o era mais. Seu médico o obrigou a cinquenta horas de trabalho por semana no escritório e proibiu qualquer trabalho no tribunal.

Agora, Rosen, com sessenta e cinco anos e começando a engordar, tinha sido unanimemente eleito por seus adorados colegas para refestelar-se nos pastos mansos da gerência de escritório. Era responsável pela supervisão da burocracia bastante complicada que sustentava a Kravitz & Bane. Era uma honra, explicaram timidamente os outros sócios, quando conferiram o posto.

Até então, a honra tinha sido um desastre. Banido do campo de batalha que amava desesperadamente e do qual precisava, Rosen dirigia a firma como quem prepara um dispendioso processo legal. Submetia secretárias e empregados do escritório a severos interrogatórios sobre os mais triviais assuntos. Enfrentava os outros sócios e discutia com eles durante horas sobre detalhes vagos da política da firma. Confinado a prisão do seu escritório, convidava os jovens contratados para visitá-lo, depois provocava brigas para medir a resistência deles sob pressão.

Deliberadamente ele sentou à pequena mesa de conferências de frente para Adam, segurando uma pasta muito fina como quem guarda um segredo mortal. E. Garner Goodman sentou ao lado de Adam, afundado na cadeira, brincando com a gravata-borboleta e coçando a barba. Quando telefonou para Rosen com o pedido de Adam e desvendou o segredo da linhagem de Adam, Rosen tinha reagido com previsível idiotice.

Emmitt Wycoff ficou de pé num canto da sala com um telefone celular do tamanho de uma caixa de fósforos grudado no ouvido. Tinha quase cinquenta anos, parecia muito mais velho e vivia cada dia num perpétuo transe entre o pânico e os telefones.

Rosen abriu a pasta cuidadosamente na frente de Adam e tirou um bloco de anotações amarelo.

— Por que não nos contou sobre seu avô na entrevista, no ano passado? — começou ele, em stacato, e com um olhar feroz.

— Porque não me perguntaram — respondeu Adam.

Goodman tinha avisado que a reunião iria ser dura, mas que ele e Wycoff saíam ganhando.

— Não banque o engraçadinho — rosnou Rosen.

— Ora, vamos, Daniel — disse Goodman, olhando para Wycoff que balançou a cabeça e olhou para o teto.

— Dr. Hall, não acha que devia ter nos informado que é parente de um dos nossos clientes? Certamente acredita que temos o direito de saber disso, não acredita, dr. Hall? — O tom zombeteiro era o mesmo que ele reservava para testemunhas enredadas em mentiras.

— Perguntaram sobre tudo o mais — respondeu Adam, bastante controlado. — Está lembrado da investigação a que fui submetido por motivos de segurança? Das impressões digitais? Falaram até em polígrafo.

— Sim, dr. Hall, mas o senhor sabia de coisas que nós ignorávamos. E seu avô era cliente desta firma quando o senhor se candidatou ao emprego e pode ter certeza de que devia nos ter dito. — A voz de Rosen era sonora, e subia e descia, atribuindo uma carga dramática a cada palavra. Seus olhos não se afastavam de Adam.

— Não o avô típico — disse Adam, em voz baixa.

— Mesmo assim é seu avô e o senhor sabia que era nosso cliente quando procurou emprego na firma.

— Então, peço desculpas — disse Adam. — Esta firma tem milhares de clientes, todos bem de vida e pagando os olhos da cara por seus serviços. Nunca pensei que mais um insignificante caso de defesa gratuita pudesse provocar qualquer inconveniente.

— Não está sendo sincero, dr. Hall. Escolheu deliberadamente esta firma porque naquela época representávamos seu avô. E agora, de um momento para outro, quer o dossiê. Isso nos deixa numa posição embaraçosa.

— Que posição embaraçosa? — perguntou Emmitt Wycoff, dobrando o telefone e guardando no bolso. — Escute, Daniel, estamos falando de um homem no corredor da morte. Que diabo, ele precisa de um advogado!

— O próprio neto? — perguntou Rosen.

— Quem está se importando com isso? O homem está com um pé

na cova e precisa de um advogado.

— Ele nos despediu, está lembrado? — disse Rosen, irritado.

— É, e pode nos aceitar de novo. Vale a pena tentar. Facilite as coisas.

— Escute, Emmitt, o meu trabalho consiste em me preocupar com a imagem desta firma e a ideia de mandar um dos nossos novos contratados ao Mississippi para levar um chute no traseiro e ver seu cliente executado não me agrada nem um

pouco. Francamente, eu acho que o dr. Hall deve deixar a Kravitz & Bane.

— Ah, que maravilha, Daniel — disse Wycoff. — A resposta típica do teimoso frente a questões delicadas. Então, quem vai representar Cayhall? Pense nele por um momento. O homem precisa de um advogado! Adam pode ser sua única chance.

— Que Deus o ajude — resmungou Rosen.

E. Garner Goodman resolveu falar. Cruzou as mãos sobre a mesa e olhou carrancudo para Rosen.

— A imagem desta firma? Pensa honestamente que somos vistos como um bando de assistentes sociais mal pagos, dedicados a ajudar o próximo?

— Ou, que tal um bando de freiras trabalhando nos projetos? — ajudou Wycoff, com um sorriso desdenhoso.

— Como isto pode prejudicar a imagem da nossa firma? — perguntou Goodman.

A ideia de recuar nem por um momento tinha passado pela mente de Rosen.

— Muito simples, Garner. Nós não mandamos nossos novatos para o corredor da morte. Podemos maltratá-los, tentar matá-los, esperar que trabalhem vinte horas por dia, mas não os mandamos para a batalha antes de estarem preparados. Que diabo, você escreveu os livros. Como pode esperar que o dr. Hall aqui seja eficiente?

— Pretendo supervisionar tudo que ele fizer — respondeu Goodman.

— Ele é realmente muito bom — acrescentou Wycoff. — Se for necessário eu até posso voar para o Mississippi.

Com um movimento brusco, Goodman virou para Wycoff.

— Você! Trabalhando para a justiça gratuita?

— Claro. Tenho uma consciência.

Adam ignorou o humor e olhou para Daniel Rosen. Vá em frente e me despeça, ele queria dizer. Vá em frente, dr. Rosen, me ponha na rua para que eu possa enterrar meu avô, depois continuar com esse peso pelo resto da minha vida.

— E se ele for executado? — Rosen perguntou na direção geral de Goodman.

— Já perdemos outros antes, Daniel, sabe muito bem. Três, desde que estou dirigindo o setor.

— Quais são as chances dele?

— Muito pequenas. No momento ele está vivo graças a um adiamento determinado pela Quinta Circunscrição Judiciária. O adiamento terminará a qualquer momento e será marcada uma nova data para a execução. Provavelmente no fim do verão.

— Não falta muito, então.

— Certo. Nós cuidamos dos seus recursos durante sete anos e todos já estão vencidos.

— Com tanta gente no corredor da morte, como foi que vocês acabaram representando esse cretino? — perguntou Rosen.

— É uma história longa e, neste momento, irrelevante.

Rosen escreveu o que pareciam ser anotações importantes no seu bloco.

— Você não está pensando que pode manter isso em segredo, certo?

— Talvez.

— Talvez coisa nenhuma. Um pouco antes de matá-lo, vão fazer dele uma celebridade. A mídia vai cercar o homem como uma alcateia de lobos. Vai ser descoberto, dr. Hall.

— E daí?

— Daí que vai ser uma grande notícia, dr. Hall. Não pode ver as manchetes — NETO HÁ MUITO TEMPO PERDIDO VOLTA PARA SALVAR O AVÔ?

— Pare com isso, Daniel — disse Goodman.

Mas ele continuou.

— A imprensa vai saborear, não percebe, dr. Hall? Vão expô-lo e comentar o quanto sua família é doida.

— Mas nós amamos a imprensa, não amamos, dr. Rosen? — perguntou Adam friamente. — Somos advogados criminalistas. Não devemos representar para as câmeras? O senhor nunca...

— Uma boa observação — interrompeu Goodman. — Daniel, talvez não deva aconselhar este jovem a ignorar a imprensa. Podemos contar histórias sobre alguns dos seus espetáculos.

— Sim, por favor, Daniel, faça sermão sobre qualquer outra coisa, mas deixe de lado essa bobagem da mídia — disse Wycoff com um sorriso maldoso. — Você escreveu o livro.

Por um breve momento, Rosen pareceu embaraçado. Adam o observava atentamente.

— Eu também gosto desse cenário — disse Goodman, ajeitando a ponta da gravata-borboleta e olhando para as estantes de livros atrás de Rosen. — Na verdade, tem muitas vantagens. Poderia ser ótimo para nós, pobres e pequenos defensores públicos. Pense nisso. Este

jovem advogado lá longe lutando como louco para salvar um relativamente famoso assassino do corredor da morte. E ele é nosso advogado — da Kravitz & Bane. É claro que vai ser grande a publicidade, mas que mal pode fazer?

— Uma ideia maravilhosa, se me perguntam — acrescentou Wycoff no momento em que seu minifone zumbiu no fundo do seu bolso. Ele o encaixou no queixo e deu as costas aos outros.

— E se ele morrer? Não vai prejudicar nossa imagem? — Rosen perguntou para Goodman.

— Ele supostamente vai morrer, certo? Por isso está no corredor da morte — explicou Goodman.

Wycoff parou de murmurar e guardou o telefone no bolso.

— Preciso ir — disse ele, caminhando para a porta, nervoso, apressado. — Como ficamos?

— Eu continuo não gostando — disse Rosen.

— Daniel, Daniel, sempre difícil — disse Wycoff, inclinando-se para a frente e apoiando as mãos na mesa. — Você sabe que é uma boa ideia, só está zangado porque ele não nos contou logo no começo.

— Tem razão. Ele nos enganou e agora está nos usando.

Adam respirou fundo e balançou a cabeça.

— Tenha dó, Daniel. A entrevista foi há um ano, é coisa do passado. Acabou, homem. Esqueça. Temos assuntos mais urgentes para tratar. Ele é brilhante. Trabalha duro. É cuidadoso. Um pesquisador meticuloso. Temos sorte por ser um dos nossos. Muito bem, a sua família é atrapalhada. Sem dúvida não vamos despedir todos os advogados com famílias desequilibradas — continuou com um largo sorriso para Adam. — Além disso, todas as secretárias acham que ele é um gato. Devemos mandá-lo para o sul por alguns meses, depois trazê-lo de volta o mais depressa possível. Eu preciso dele. Agora tenho de ir. — Saiu e fechou a porta.

Todos ficaram em silêncio enquanto Rosen escrevia no seu bloco. Finalmente ele desistiu e fechou a pasta. Adam quase teve pena dele. Ali estava um grande guerreiro, o lendário Charlie o Lutador dos tribunais de Chicago, um grande advogado que por trinta anos convenceu júris, apavorou oponentes e intimidou juízes, ali sentado como um amanuense, tentando desesperadamente resolver a questão de enviar um novato para um projeto de defesa gratuita. Adam via o humor, a ironia e a pena.

— Vou concordar, dr. Hall — disse Rosen com intensa dramaticidade na voz baixa, quase um murmúrio, como se estivesse terrivelmente frustrado. — Mas prometo uma coisa. Quando o caso Cayhall estiver terminado e o senhor voltar para Chicago, vou recomendar sua demissão da Kravitz & Bane.

— Provavelmente não será necessário — disse Adam, rapidamente.

— O senhor se apresentou a nós sob falsas cores — continuou Rosen.

— Eu disse que sentia muito. Não vai acontecer outra vez.

— Além disso, o senhor é metido a esperto.

— O senhor também, dr. Rosen. Mostre-me um advogado criminalista que não seja metido a esperto.

— Muito engraçado. Divirta-se com o caso Cayhall, dr. Hall, porque vai ser seu último trabalho para esta firma.

— O senhor quer que eu me divirta com uma execução?

— Calma, Daniel — Goodman disse suavemente. — Fique calmo. Ninguém está sendo despedido por aqui.

Rosen apontou um dedo furioso para Goodman.

— Juro que vou recomendar a demissão dele da firma.

— Ótimo. Tudo que pode fazer é recomendar, Daniel. Eu levarei o caso ao comitê e vamos ter uma briga daquelas. Certo?

— Mal posso esperar — disse Rosen com desdém, levantando-se de um salto. — Vou começar meu lobby agora e terei meus votos no fim da semana. Bom dia! — Saiu tempestuosamente da sala e bateu a porta.

Ficaram sentados em silêncio, um ao lado do outro, olhando por cima dos encostos das cadeiras vazias, no outro lado da mesa, para os grossos livros de direito enfileirados em perfeita ordem nas estantes e ouvindo o eco da batida da porta.

— Obrigado — disse Adam, finalmente.

— Na verdade, ele não é um mau sujeito — disse Goodman.

— Encantador. Um verdadeiro príncipe.

— Eu o conheço há muito tempo. Agora ele está sofrendo, frustrado e deprimido. Não sabemos o que fazer com ele.

— Que tal aposentadoria?

— Já foi considerada, mas nenhum sócio foi obrigado antes a se aposentar. Por razões óbvias, é um precedente que queremos evitar.

— Ele fala sério quando diz que vai me despedir?

— Não se preocupe, Adam. Não vai acontecer, eu prometo. Você fez mal em não nos contar, mas é um pecado venial. E Perfeitamente compreensível. Você é jovem, assustado, ingênuo e quer ajudar. Não se preocupe com Rosen. Duvido que ele esteja ainda nessa posição daqui a três meses.

— No fundo, acho que ele me adora.

— É Perfeitamente óbvio.

Adam respirou fundo e deu a volta na mesa. Goodman tirou a capa da caneta e começou a tomar notas.

— Não temos muito tempo, Adam — disse ele.

— Eu sei.

— Quando você pode partir?

— Amanhã. Faço as malas hoje. É uma viagem de dez horas de carro.

— O dossiê pesa cinquenta quilos. Neste momento está sendo impresso. Mando amanhã pelo correio.

— Diga-me alguma coisa do nosso escritório em Memphis.

— Falei com eles há uma hora. O sócio diretor, Baker Cooley, está à sua espera. Eles têm um escritório pequeno e uma secretária para você e vão ajudar no que puderem. Não são muito fortes em processos criminais.

— Quantos advogados?

— Doze. É uma pequena firma que engolimos há dez anos e ninguém lembra exatamente por quê. Todos bons rapazes. Bons advogados. Era o resto de uma firma antiga que prosperou com os comerciantes de algodão e de cereais e acho que essa é sua ligação com Chicago. De qualquer modo, impressiona pelo papel timbrado. Já estive em Memphis?

— Eu nasci lá, está lembrado?

— Oh, sim.

— Estive lá uma vez. Visitei uma tia há alguns anos.

— É uma antiga cidade fluvial, bastante atrasada. Você vai se divertir.

Adam sentou no outro lado da mesa, de frente para Goodman.

— Como vai ser possível eu me divertir nos próximos meses?

— Tem razão. Deve ir ao Corredor o mais depressa possível.

— Estarei lá depois de amanhã.

— Ótimo. Vou telefonar para o diretor. O nome dele é Phillip Naifeh. Libanês, por mais estranho que pareça. Há muitos deles no Delta do Mississippi. Seja como for, é um velho amigo e vou avisar da sua visita.

— O diretor é seu amigo?

— É. Nos conhecemos há muitos anos, quando eu tratava do caso de Maynard Tole, um garoto extremamente desagradável, que foi a minha primeira baixa nesta guerra. Ele foi executado em 1986, se não me engano, e o diretor e eu ficamos amigos. Se dá para acreditar, ele é contra a pena de morte.

— Não acredito.

— Ele odeia execuções. Adam, você vai aprender uma coisa — a pena de morte pode ser muito popular no nosso país, mas as pessoas obrigadas a determiná-la não são a favor dela. Você vai conhecer essas pessoas, os guardas que convivem com os presos, os administradores que devem planejar um assassinato eficiente, os empregados da prisão que durante meses ensaiam com antecedência. É um cantinho estranho do mundo e muito deprimente.

— Mal posso esperar.

— Vou falar com o diretor e pedir permissão para sua visita. Geralmente eles concedem umas duas horas. É claro que pode levar cinco minutos. Sam não quer advogado.

— Ele vai falar comigo, não acha?

— Acho que sim. Não posso imaginar como ele vai reagir, mas vai falar com você. Talvez precise de umas duas visitas para convencê-lo, mas você pode fazer isso.

— Quando o viu pela última vez?

— Há uns dois anos. Wallace Tyner e eu fomos ao Corredor. Você precisa entrar em contato com Tyner. Ele foi o homem de ponta neste caso durante seis anos.

Adam fez um gesto afirmativo e passou para o assunto seguinte. Tinha explorado o cérebro de Tyner nos últimos nove meses.

— Por onde começamos?

— Falamos disso mais tarde. Vou me encontrar com Tyner amanhã cedo para uma revisão do caso. Porém, tudo está em compasso de espera, até recebermos notícias suas. Não podemos fazer nenhum movimento se ele não nos aceitar.

Adam estava pensando nas fotos dos jornais, fotos em preto e branco de 1976, quando Sam foi preso, e nas outras das revistas, coloridas, do terceiro julgamento, em 1981, e também nos filmes que ele juntou num vídeo de trinta minutos sobre Sam Cayhall.

— Como ele é?

Goodman pôs a caneta na mesa e arrumou a gravata-borboleta .

— Altura média. Magro — mas é raro ver alguém gordo no Corredor —, sistemas nervosos abalados e comida sem gordura. Fuma um cigarro atrás do outro, o que é comum, porque não têm muito que fazer e de qualquer modo estão morrendo. Uma marca esquisita, Montclair, se não me engano, num maço azul. O cabelo é grisalho e oleoso, ao que lembro. Aqueles homens não tomam banho todos os dias. Assim, meio comprido atrás, mas isso foi há dois anos. Ele não perdeu muito cabelo com a idade. Barba grisalha. É bastante enrugado, mas está com quase setenta anos. Além disso, o excesso de fumo. Vai notar que os brancos do Corredor têm uma aparência pior do que os negros. Ficam confinados por vinte e três horas por dia, e parece que desbotam. Muito pálidos, de uma brancura quase doentia. Sam tem olhos azuis, bonitos. Acho que em algum momento no passado Sam Cayhall foi um cara bonito.

— Depois que meu pai morreu e fiquei sabendo a verdade sobre Sam, fiz uma porção de perguntas para minha mãe. Ela não tinha muitas respostas, mas me disse uma vez que havia pouca semelhança entre ele e meu pai.

— Também não há nenhuma entre você e Sam, se é onde quer chegar.

— Sim, acho que é isso.

— Ele não o vê desde que você era bebê, Adam. Não vai reconhecê-lo. Não vai ser assim tão fácil. Você tem de dizer a ele.

Adam olhou para a mesa.

— Tem razão. O que ele vai dizer?

— Não tenho ideia. Espero que fique chocado demais para dizer muita coisa. Mas ele é um homem inteligente, não culto, mas leu bastante e fala bem. Ele vai pensar em alguma coisa para dizer. Pode levar cinco minutos.

— Você fala como se quase gostasse dele.

— Não gosto. É um racista e um fanático horrível, e não demonstra nenhum remorso por suas ações.

— Está convencido da culpa dele.

Goodman resmungou e sorriu, depois pensou na resposta. Três julgamentos foram realizados para determinar a culpa ou a inocência de Sam Cayhall. Durante nove anos o caso foi debatido em várias cortes de apelação e revisto por vários juízes. Jornais e revistas haviam investigado o atentado e os que estavam por trás dele.

— O júri o considerou culpado. Acho que é tudo que importa.

— Mas e você? O que você pensa?

— Você leu o dossiê, Adam. Vem pesquisando o caso há muito tempo. Não há dúvida de que Sam tomou parte no atentado.

— Mas?

— Há uma porção de mas. Sempre há.

— Ele não tinha histórico de manipulação de explosivos.

— Certo. Mas era um terrorista da Klan e eles estavam explodindo bombas como demônios. Sam é preso e os atentados a bomba cessam.

— Mas num dos atentados, antes do Kramer, uma testemunha afirma ter visto duas pessoas no Pontiac verde.

— Certo. Mas a testemunha não teve permissão para testemunhar no julgamento. E a testemunha tinha saído de um bar às três horas da manhã.

— Mas outra testemunha, um caminhoneiro, afirma que viu Sam e outro homem conversando num café em Cleveland, algumas horas antes da explosão no escritório de Kramer.

— Certo. Mas o caminhoneiro não disse nada durante três anos e não teve permissão para testemunhar no último julgamento. Muito remoto.

— Então, quem era o cúmplice de Sam?

— Duvido que venhamos a saber algum dia. Guarde isto, Adam, esse homem foi a julgamento três vezes mas nunca testemunhou. Praticamente ele não disse nada, nem uma palavra para os jurados e não nos contou nada nos últimos sete anos.

— Você acha que ele agiu sozinho?

— Não. Ele teve ajuda. Sam esconde segredos tenebrosos, Adam. Nunca vai contar. Ele fez um juramento à Klan e tem a ideia distorcida e romântica de que se trata de um voto sagrado, que jamais poderá violar. O pai dele era também da Klan, você sabia?

— É, eu sei. Não me faça lembrar.

— Desculpe. Seja como for, é tarde demais a esta altura procurar novas provas. Se de fato ele teve um cúmplice, devia ter falado há muito tempo. Talvez o certo seria contar para o FBI. Ou talvez fazer um acordo com o promotor. Eu não sei, mas quando você é indiciado em duas acusações de homicídio, e se vê na frente da morte, você começa a falar. Você fala, Adam. Você salva seu traseiro e deixa que seu cúmplice se preocupe com o resto.

— E se não houve cúmplice?

— Mas houve. — Goodman apanhou a caneta e escreveu um nome numa folha de papel que empurrou sobre a mesa, na direção de Adam. Adam leu e disse:

— Wyn Lettner. O nome é familiar.

— Lettner era o agente do FBI encarregado do caso Kramer. Hoje está aposentado e mora na margem de um rio de trutas nos Ozarks. Ele gosta de contar histórias sobre a Klan e falar sobre os dias dos direitos civis no Mississippi.

— E ele vai falar comigo?

— Oh, é claro. É um grande bebedor de cerveja, fica meio alto e conta essas histórias incríveis. Não revela nada confidencial, mas sabe mais sobre o caso Kramer do que qualquer outra pessoa. Eu sempre desconfiei que ele sabe mais do que contou.

Adam dobrou o papel e guardou-o no bolso. Consultou o relógio. Eram quase 6 horas da tarde.

— Preciso correr. Tenho de fazer as malas e tudo o mais.

— Eu mando o dossiê amanhã. Quero que me telefone assim que falar com Sam.

— Eu telefono. Posso dizer uma coisa?

— Claro.

— Em nome da minha família, do jeito que ela é — minha mãe, que recusa falar sobre Sam, minha irmã, que só murmura seu nome, minha tia em Memphis que deserdou o nome Cayhall — e em nome do meu falecido pai, eu gostaria de dizer obrigado a você e a esta firma pelo que fizeram. Eu o admiro muito.

— Não tem de quê. E eu admiro você. Agora, leve seu traseiro para o Mississippi.

SEIS

O apartamento era UM quarto e sala no sótão, acima do terceiro andar de um armazém do começo do século, numa rua que dava para o Loop, na parte do centro da cidade conhecida por seu alto índice de criminalidade, mas que, todos diziam, era segura até anoitecer. O armazém fora comprado em meados dos anos 80 por um ricoço que gastou um bocado de dinheiro para torná-lo habitável e modernizado. Ele o dividiu em seis unidades, contratou um corretor esperto e o negociou como um condomínio para novos yuppies. Ganhou dinheiro, pois da noite para o dia o lugar se encheu de ávidos jovens banqueiros e corretores da Bolsa.

Adam detestava o apartamento. Faltavam três semanas para vencer o contrato de seis meses, mas não tinha mais para onde ir. Seria obrigado a renovar o contrato por mais seis meses porque a Kravitz & Bane esperava que ele trabalhasse dezoito horas por dia e não tinha tempo para procurar outro.

Também não teve muito tempo para comprar móveis, é claro. Um bom sofá de couro, sem braços, descansava sozinho no meio do assoalho, de frente para a parede de tijolos. Ao lado dele duas cadeiras tipo saco de feijão — amarela e azul — esperavam o evento pouco provável de que uma multidão se materializasse. À esquerda ficava a pequena área da cozinha com um bar e três banquetas e à direita do sofá ficava o quarto com a cama por fazer e roupas no chão. Sessenta e três metros quadrados por mil e trezentos dólares por mês. O salário de Adam, nove meses atrás, havia começado em sessenta mil por ano e estava agora em sessenta e dois. Do pouco mais de cinco mil que recebia por mês, mil e quinhentos ficavam retidos para o pagamento dos impostos estaduais e federais. Outros seis mil nunca chegavam às suas mãos e iam para o fundo de aposentadoria da Kravitz & Bane para aliviar a pressão aos cinquenta e cinco anos, se não o matassem antes. Pago o aluguel, os serviços municipais, mais quatrocentos por mês para o aluguel do carro, um Saab, e despesas ocasionais, como comida congelada e alguma roupa decente, sobravam cerca de setecentos dólares para lazer. Uma parte era gasta com mulheres, mas as que ele conhecia eram recém-formadas pela universidade, com novos empregos e bons salários e sempre insistiam em pagar sua parte. Isso convinha a Adam. Graças à fé depositada por seu pai no seguro de vida, não tinha de pagar dívidas de estudo. Embora quisesse comprar muitas coisas, ele aplicava regularmente quinhentos dólares por mês em fundos mútuos. Sem planos imediatos para casar e constituir família, seu objetivo era trabalhar duro, economizar e se aposentar aos quarenta anos.

A mesa de metal com a televisão ficava encostada na parede de tijolos. Adam sentou no sofá, só de cueca, segurando o controle remoto. Só a luz da tela iluminava a sala. Passava da meia-noite. O filme de vídeo ele havia montado aos poucos através dos anos — As aventuras de um terrorista da Klan, como ele o chamava. Começava com um conjunto de reportagens compiladas pela equipe local de Jackson, Mississippi, em 3 de março de 1967, a manhã seguinte à destruição da sinagoga por uma bomba. Era o quarto atentado a bomba de que se tinha notícia contra alvos judeus nos dois últimos meses, dizia a repórter, enquanto uma escavadeira elétrica roncava atrás dela com o balde cheio de entulho. O FBI tinha poucas pistas, disse ela, e poucas palavras para a imprensa. A campanha de terror da Klan continua, declarou ela gravemente, terminando a reportagem.

O atentado seguinte era o de Kramer e a história começava com sirenes gritando e a polícia empurrando as pessoas para longe da cena. Um repórter local e seu cameraman chegaram a tempo de filmar a desordem. Viam-se pessoas correndo para os restos do escritório de Marvin. Uma pesada nuvem de pó pairava sobre os pequenos carvalhos no jardim. As árvores estavam castigadas e sem folhas, mas ainda de pé. A nuvem imóvel não parecia prestes a se dissipar. Vozes em off gritavam falando do fogo, e a câmera girou e parou na frente do prédio vizinho, onde a fumaça espessa saía de uma parede semi destruída. O repórter agitado e ofegante descrevia incoerentemente a cena terrível. Ele apontava para um lado, depois para o outro com a câmera dando saltos, numa resposta atrasada aos seus gestos. A polícia o empurrou, mas ele estava excitado demais para se importar. Um glorioso pandemônio entrava em erupção na cidade de Greenville e aquele era o seu grande momento.

Trinta minutos mais tarde, de um ângulo diferente, a voz dele estava um pouco mais calma quando descreveu a remoção de Marvin Kramer dos destroços. A polícia ergueu suas barricadas e empurrou o povo para trás, enquanto os bombeiros e as equipes de resgate erguiam o corpo dele e levavam a maca, abrindo caminho no meio das ruínas. A câmera acompanhou a ambulância até ela desaparecer. Então, uma hora depois e de outro ângulo, o repórter aparecia muito compenetrado e sombrio na frente das duas macas com os pequenos corpos cobertos, delicadamente transportados pelos bombeiros.

O vídeo passava da cena da explosão para a frente da cadeia e pela primeira vez Sam Cayhall aparecia rapidamente. Estava algemado e foi levado para dentro de um carro.

Como sempre fazia, Adam apertou um botão e passou novamente a breve cena com a imagem de Sam. Era de 1967, vinte e três anos atrás. Sam tinha então quarenta e seis anos. O cabelo era escuro e cortado curto, de acordo com a moda da época. Tinha um pequeno

curativo sob o olho esquerdo, no lado oposto ao da câmera. Ele caminhou rapidamente, acertando o passo com os policiais, porque muita gente estava olhando, tirando fotografias e gritando perguntas. Voltou-se apenas uma vez na direção das vozes e como sempre Adam imobilizou o tape e pela milionésima vez olhou atentamente para o rosto do seu avô. A imagem era em preto e branco e não muito clara, mas seus olhos sempre se encontravam.

Mil novecentos e sessenta e sete. Se Sam tinha quarenta e seis anos, então Eddie estava com vinte e quatro e Adam com quase três. Naquele tempo era conhecido como Alan. Alan Cayhall que, logo depois, mudou-se para outro estado onde um juiz deu a ele um novo nome. Sempre que assistia ao vídeo, imaginava onde estaria no momento exato em que os meninos Kramer foram mortos: 7: 46 da manhã do dia 21 de abril de 1967. Naquele tempo sua família morava numa pequena casa na cidade de Clanton e provavelmente ele estava dormindo ainda, não muito

longe da vigilância da sua mãe. Tinha quase três anos e os gêmeos Kramer cinco.

O vídeo continuou com mais tomadas rápidas de Sam saindo de um carro e entrando em outro, em cadeias, em tribunais. Estava sempre algemado e adquiriu o hábito de olhar para o chão a pouca distância dos próprios pés. Seu rosto era inexpressivo. Nunca olhava para os repórteres, ignorava suas perguntas, nunca dizia uma palavra. Movia-se rapidamente, saindo de portas, entrando em outras, saindo de carros, entrando em outros.

O espetáculo dos dois primeiros julgamentos foi amplamente gravado pelos repórteres dos noticiários da televisão. Durante muitos anos Adam conseguiu reaver quase todos os filmes e editou cuidadosamente o material. Lá estava o rosto animado e agressivo de Clovis Brazelton, o advogado de Sam, nunca perdendo oportunidade de falar com a imprensa. Mas, com o passar do tempo, Adam reduziu drasticamente as tomadas em que Brazelton aparecia. Ele o desprezava. Havia imagens claras e móveis dos jardins do prédio do tribunal, com a multidão de assistentes silenciosos, a polícia estadual fortemente armada e os homens da Klan com seus mantos, seus capuzes pontudos e suas máscaras sinistras. Havia rápidas tomadas de Sam, sempre apressado, sempre se escondendo das câmeras atrás de um policial grande e forte. Depois do segundo julgamento e do segundo impasse do júri, Marvin Kramer parou sua cadeira de rodas na frente do Tribunal de Wilson County e com lágrimas nos olhos condenou amargamente Sam Cayhall, a Ku Klux Klan e o sistema judiciário do Mississippi. Enquanto as câmeras rodavam, houve um incidente lamentável. Marvin viu os homens da Klan com seus mantos brancos, não muito longe de onde ele estava e começou a gritar com

eles. Um dos homens respondeu gritando também, mas suas palavras se perderam no calor do momento. Adam havia tentado de tudo para recuperar as palavras do homem da Klan, mas foi em vão. A resposta seria para sempre ininteligível. Há uns dois anos, quando estava ainda na faculdade de direito, em Michigan, Adam tinha encontrado um dos repórteres que estavam presentes naquele momento, com o microfone não muito longe do rosto de Marvin. Segundo o repórter, a resposta vinda do outro lado do gramado tinha alguma coisa a ver com a vontade de explodir o que havia sobrado de Marvin. De certo modo, isso parecia verdade, porque Marvin ficou quase louco. Gritou palavrões para os homens da Klan que começavam a se afastar e virou as rodas da cadeira na direção deles. Marvin gritava, xingava e chorava. A mulher e alguns amigos tentaram contê-lo, mas ele escapou deles, girando furiosamente as rodas da cadeira com as mãos. Avançou uns seis metros, com a mulher atrás e as câmeras gravando a cena, até onde terminava a calçada e começava o gramado. A cadeira de rodas se inclinou para a frente e Marvin estatelou-se na grama. A manta que cobria as pernas amputadas foi parar longe e ele rolou até perto de uma árvore. A mulher e os amigos correram imediatamente para ele e por um momento Marvin desapareceu cercado pelo pequeno grupo. Mas ainda podia ser ouvido. Enquanto a câmera se afastava um pouco, focalizando os dois homens da Klan, um rindo a mais não poder e o outro imóvel, como petrificado, um longo lamento se ergueu do grupo em volta de Marvin. Marvin estava gemendo, mas com o gemido estridente e doloroso de um homem ferido e insano. Era um som doentio, e depois de alguns terríveis segundos o vídeo passou para a cena seguinte.

Os olhos de Adam encheram-se de lágrimas na primeira vez que viu Marvin rolar no gramado, uivando e gemendo e embora o som e as imagens ainda provocassem um aperto na sua garganta, há muito tempo deixara de chorar. Aquele vídeo era sua criação. Ninguém mais o tinha visto. E ele já o assistira tantas vezes que lágrimas não eram mais possíveis.

Foi grande o avanço da tecnologia de 1968 a 1981 e o filme do terceiro e último julgamento de Sam era muito mais claro e mais nítido. O julgamento foi em fevereiro de 1981, numa pequena e bonita cidade com uma praça movimentada e um belo prédio do tribunal de justiça, de tijolos vermelhos. O frio era cortante e talvez isso tenha evitado a multidão de curiosos e exibicionistas. Uma reportagem do primeiro dia do julgamento mostrava rapidamente três homens da Klan em volta de um aquecedor portátil, esfregando as mãos e parecendo mais carnavalescos do que bandidos. Eram vigiados por uns doze policiais, todos com jaquetas azuis.

Uma vez que o movimento pelos direitos civis era considerado

então mais como evento histórico do que uma luta travada ainda, o terceiro julgamento de Sam Cayhall atraiu mais a imprensa do que os outros dois. Ali estava um homem da Klan admirado, um verdadeiro terrorista vivo da era distante dos Cavaleiros da Liberdade e das bombas nas igrejas. Ali estava uma relíquia dos dias infames, que foi encontrada e agora enfrentava a justiça. Mais de uma vez foi feita a analogia com os criminosos de guerra nazistas.

Sam não estava sob custódia durante o julgamento. Era um homem livre e sua liberdade tornava mais difícil apanhá-lo com a câmera. Havia imagens rápidas dele em várias portas do prédio do tribunal. Os treze anos entre o segundo e o terceiro julgamento foram generosos para Sam Cayhall. Seu cabelo continuava curto e bem penteado, mas agora grisalho. Parecia um pouco mais gordo, mas em perfeita forma. Movimentava-se com agilidade nas calçadas e para entrar e sair dos automóveis, com os repórteres atrás. Uma câmera o apanhou quando ele saía de uma porta lateral do prédio do tribunal e Adam parou a fita no momento em que Sam olhou diretamente para a câmera.

A maior parte dos filmes do terceiro julgamento tinha como figura central um jovem promotor chamado David McAllister, um belo homem que usava ternos escuros e tinha um sorriso encantador, mostrando dentes perfeitos. Sem dúvida suas ambições políticas eram muito altas. Ele tinha o rosto, o cabelo, o queixo, a voz sonora, as palavras macias, a habilidade para atrair as câmeras.

Em 1989, oito breves anos após o julgamento, David McAllister foi eleito governador do estado do Mississippi. Não causou surpresa para ninguém o fato de os pontos principais da sua plataforma política serem a construção de mais prisões, sentenças mais longas e uma afinidade inabalável pela pena de morte. Adam o desprezava também mas sabia que em questão de semanas, talvez dias, estaria sentado no escritório do governador em Jackson, Mississippi, pedindo o indulto para Sam Cayhall.

O filme terminava com Sam, algemado outra vez, sendo levado do tribunal, depois de ter sido condenado a morte. Seu rosto estava inexpressivo. Seu advogado parecia em estado de choque e fez alguns comentários sem importância. A reportagem concluía com a notícia de que Sam seria levado para o corredor da morte dali a poucos dias.

Adam apertou o botão para rebobinar o filme e olhou para a tela vazia. Atrás do sofá sem braços estavam as caixas de papelão com o resto da história, as alentadas transcrições dos três julgamentos, compradas por Adam quando ainda estudava na Pepperdine, cópias das peças processuais e das moções e outros documentos da luta da apelação que se travava ferozmente desde a condenação de Sam, uma grossa pasta cuidadosamente indexada com cópias de centenas de reportagens e artigos de jornais e revistas sobre as aventuras de Sam

como membro da Klan, material sobre a pena de morte e de pesquisa, notas da faculdade de direito. Ele sabia mais sobre o avô do que qualquer outra pessoa viva.

Porém, Adam sabia que só tinha arranhado a superfície. Apertou o botão e assistiu ao vídeo outra vez.

SETE

O funeral DE Eddie Cayhall aconteceu menos de um mês depois da condenação de Sam Cayhall à morte. Foi numa pequena capela em Santa Monica, com a presença de poucos amigos e um número menor ainda de membros da família. Adam sentou no banco da frente entre a mãe e a irmã. Os três, de mãos dadas, olhavam para o caixão fechado a poucos centímetros. Como sempre, sua mãe estava rígida e estoica. Ocasionalmente seus olhos se enchiam de lágrimas e ela era obrigada a enxugá-los com um lenço de papel. Ela e Eddie haviam se separado e se reconciliado tantas vezes que os filhos há muito tempo tinham perdido a noção de onde estavam as roupas de um ou de outro. Embora o casamento nunca tivesse sido violento, foi vivido num estado constante de divórcio — ameaças de divórcio, planos para divórcio, conversas solenes com os filhos sobre divórcio, negociações para divórcio, entrada dos papéis para o divórcio, desistência do divórcio, promessas de evitar o divórcio. Durante o terceiro julgamento de Sam Cayhall, a mãe de Adam discretamente levou tudo o que possuía de volta à sua pequena casa e ficava com Eddie o maior tempo possível. Eddie deixou de trabalhar e mais uma vez se retirou para seu mundo pequeno e escuro. Adam interrogou a mãe, mas ela explicou com poucas palavras que o pai estava simplesmente numa das suas “fases difíceis”. As cortinas eram fechadas, as luzes diminuídas, as vozes abaixadas e a televisão desligada enquanto a família enfrentava outra fase difícil de Eddie.

Três semanas depois do veredito, ele estava morto. Matou-se com um tiro, no quarto de Adam, no dia em que sabia que o filho seria o primeiro a chegar em casa. Deixou um bilhete no chão com instruções para Adam limpar tudo imediatamente, antes que a mãe e a irmã voltassem para casa. Outro bilhete foi encontrado na cozinha.

Carmen tinha quatorze anos, três menos do que Adam. Concebida no Mississippi, ela nasceu na Califórnia, depois da apressada migração dos pais para o oeste. Quando ela nasceu, Eddie já havia transformado legalmente a família Cayhall em Hall. Alan era agora Adam. Moravam no leste de Los Angeles num apartamento de três cômodos com lençóis sujos nas janelas. Adam lembrava dos lençóis rasgados. Foi a primeira de muitas residências temporárias.

Ao lado de Carmen, no primeiro banco da capela, estava a mulher misteriosa conhecida como tia Lee. Acabara de ser apresentada a Adam e Carmen como a única irmã de Eddie. Desde pequenos, eles aprenderam a não fazer perguntas sobre a família, mas uma vez ou outra ouviam o nome de Lee. Ela morava em Memphis, numa determinada época da sua vida havia casado com um homem rico,

tinha um filho e não tinha nada a ver com Eddie por causa de uma divergência antiga. As crianças, especialmente Adam, sempre quiseram conhecer um parente e uma vez que a tia Lee era a única que mencionavam, eles criavam fantasias a respeito dela. Queriam conhecê-la, mas Eddie sempre se recusou, porque ela não era uma boa pessoa, dizia ele. Mas sua mãe dizia em voz baixa que Lee era uma boa pessoa e que um dia os levaria a Memphis para conhecê-la.

Mas foi Lee quem viajou até a Califórnia e juntos eles enterraram Eddie Hall. Ela ficou por duas semanas depois do enterro e teve tempo para conhecer o sobrinho e a sobrinha. Eles a amavam, porque ela era bonita e moderna, usava jeans e camisetas e andava descalça na praia. Ela os levou às compras e ao cinema e deram longos passeios na praia. A tia Lee deu mil desculpas por não os ter visitado antes. Ela bem que queria, mas Eddie não deixava. Ele não queria vê-la porque tinham brigado no passado.

E foi a tia Lee que, sentada com Adam na ponta do píer, vendo o sol se pôr no Pacífico, finalmente falou sobre Sam Cayhall, seu pai. Com as ondas balançando suavemente debaixo do píer, Lee explicou para o jovem Adam que quando ele era pequeno tinha morado numa pequena cidade do Mississippi. Segurou a mão dele e às vezes batia carinhosamente no seu joelho, enquanto revelava a triste história da sua família. Descreveu os menores detalhes das atividades de Sam na Klan, da bomba no escritório de Kramer e dos julgamentos que o levaram ao corredor da morte no Mississippi. As lacunas nessa história narrada davam para encher bibliotecas, mas ela fez a cobertura dos pontos altos com muita diplomacia.

Para um jovem inseguro de dezesseis anos que acabava de perder o pai, Adam aceitou a coisa toda muito bem. Fez poucas perguntas, os dois muito juntos, para se protegerem do vento frio, e a maior parte do tempo ouviu, não chocado nem revoltado, mas fascinado. Aquela história horrível era extremamente gratificante. Então existia uma família! Talvez ele não fosse tão anormal, afinal de contas. Talvez houvesse tias e tios e primos com vidas para partilhar e histórias para contar. Talvez houvesse velhas casas construídas por ancestrais verdadeiros e terras e fazendas onde eles viveram. Afinal, ele tinha uma história.

Mas Lee era bastante sensata e inteligente para perceber esse interesse. Ela explicou que os Cayhall eram uma gente estranha e secreta que vivia isolada e repelia estranhos. Não eram pessoas amistosas e com calor humano que se reuniam no Natal e no Quatro de Julho. Ela morava a uma hora de Clanton e nunca os tinha visto.

Durante toda a semana seguinte, as visitas ao píer, no fim do dia, tornaram-se um ritual. Eles paravam no mercado para comprar um saco de uvas vermelhas e depois cuspiam as sementes no mar, até bem

depois da noite chegar. Lee contava histórias da sua infância no Mississippi, com o irmão mais novo, Eddie. Moravam numa pequena fazenda a quinze minutos de Clanton, com lagos para pescar e pôneis para montar. Sam era um pai decente, não autoritário e certamente nada carinhoso. Sua mãe era uma mulher fraca que não gostava de Sam mas adorava os filhos. Ela perdeu um filho, que nasceu morto, quando Lee tinha seis anos e Eddie quase quatro e não saiu do quarto por quase um ano. Sam contratou uma mulher negra para cuidar de Eddie e Lee. Sua mãe morreu de câncer e essa foi a última vez em que os Cayhall se reuniram. Eddie entrou discretamente na cidade para o enterro, mas evitou todo mundo. Três anos depois, Sam foi preso pela primeira vez e condenado.

Lee não tinha muito a dizer sobre a própria vida. Ela saiu de casa apressadamente quando tinha dezoito anos, uma semana depois da formatura do ginásio e foi direto para Nashville, para ficar famosa como cantora. Conheceu então Phelps Booth, um estudante de graduação da Vanderbilt, de uma família de proprietários de bancos. Casaram e se instalaram para o que foi aparentemente uma vida miserável em Memphis. Tiveram um filho, Walt, que, como era de esperar, sempre foi rebelde e vivia agora em Amsterdã. Esses eram os únicos detalhes.

Adam não tinha certeza se Lee havia se transformado em algo diferente dos Cayhall, mas desconfiava que sim. Quem podia culpá-la?

Lee se foi tão discretamente quanto tinha chegado. Sem um abraço ou um adeus, ela saiu da casa deles antes do nascer do dia e desapareceu. Dois dias depois telefonou e falou com Adam e com Carmen. Ela insistiu para que eles escrevessem, o que eles fizeram avidamente, mas os telefonemas e as cartas foram ficando cada vez mais espaçados. A promessa de um novo relacionamento morreu lentamente. Sua mãe inventava desculpas. Dizia que Lee era uma boa pessoa, mas era uma Cayhall, portanto dada a uma certa dose de depressão e estranheza. Adam ficou arrasado.

No verão seguinte a sua formatura em Pepperdine, Adam e um amigo foram de carro para Key West. Pararam em Memphis e passaram duas noites com a tia Lee. Ela morava sozinha num condomínio moderno e espaçoso sobre o penhasco que dava para o rio e eles ficaram horas no pátio, só os três, comendo pizza, bebendo cerveja, olhando as barcas e falando sobre quase tudo. A família nunca foi mencionada. Adam estava entusiasmado com o curso de direito e Lee tinha muitas perguntas sobre seu futuro. Ela era vibrante e articulada, a perfeita anfitriã e tia. Quando se abraçaram, na despedida, os olhos de Lee encheram-se de lágrimas e ela pediu a Adam para voltar.

Adam e o amigo evitaram o Mississippi. Foram para o leste,

atravessaram o Tennessee e as montanhas Smoky. Num determinado momento, de acordo com os cálculos de Adam, estavam num raio de cento e sessenta quilômetros do corredor da morte de Parchman e de Sam Cayhall. Isso foi há quatro anos, no verão de 1986, e nessa época ele já tinha uma caixa grande cheia de material sobre o avô. Seu vídeo estava quase completo.

A CONVERSA NO TELEFONE, na noite anterior, foi breve. Adam disse que ia passar alguns meses em Memphis e que gostaria de vê-la. Lee o convidou para o condomínio, o mesmo no rochedo, onde ela tinha quatro quartos e uma empregada de meio expediente. Insistiu para que ele fosse morar com ela. Então ele disse que iria trabalhar no escritório de Memphis, na verdade, para tratar do caso de Sam. Depois de um silêncio, do outro lado da linha veio uma débil oferta para ele aparecer, do mesmo modo, que depois conversariam.

Adam tocou a campainha um pouco depois das nove horas e olhou para seu Saab preto conversível. O condomínio não era mais do que uma fileira de vinte unidades, muito juntas umas das outras, com telhados vermelhos. Um largo muro de tijolos com pontas de ferro no topo protegia os moradores dos perigos do centro da cidade de Memphis. Um guarda armado tomava conta do único portão. Se não fosse pela vista para o rio, no outro lado, o condomínio não teria nenhum valor.

Lee abriu a porta e trocaram beijos rápidos no rosto.

— Seja bem-vindo — disse ela, olhando para o estacionamento, depois fechando a porta. — Está cansado?

— Não muito. É uma viagem de dez horas, mas eu fiz em doze. Não estava com pressa.

— Está com fome?

— Não. Parei para comer há poucas horas.

Entraram na sala de estar e pararam um na frente do outro, pensando em alguma coisa para dizer. Lee estava com quase cinquenta anos e tinha envelhecido bastante nos últimos quatro anos. Seu cabelo era agora uma mistura igual de grisalho e castanho e muito mais comprido, preso num rabo de cavalo. Os suaves olhos azuis estavam vermelhos e preocupados, circundados por pequenas rugas. Vestia uma camisa muito larga abotoada na frente e calça jeans. Lee continuava elegante e moderna.

— É bom ver você — disse ela, com um belo sorriso.

— Tem certeza?

— É claro que tenho. Vamos sentar na varanda — Segurou a mão dele e passaram pela porta de vidro para o deque de madeira, onde cestos com samambaias e buganvílias pendiam das vigas do teto. O rio estava lá embaixo. Sentaram nos balanços de vime. — Como vai Carmen? — ela perguntou, servindo chá gelado de uma jarra de

cerâmica.

— Bem. Está no curso de graduação em Berkeley. Falo com ela uma vez por semana. Ela está namorando firme.

— O que ela está estudando agora? Não me lembro.

— Psicologia. Quer fazer doutorado, depois talvez lecionar. — O chá tinha muito limão e pouco açúcar. Adam tomou devagar. O ar estava úmido e quente. — São quase dez horas — disse ele. — Por que está tão quente?

— Bem-vindo a Memphis, meu caro. Aqui nós torramos durante todo o mês de setembro.

— Eu não aguentaria.

— Você se acostuma. Mais ou menos. Tomamos toneladas de chá e ficamos dentro de casa. Como vai sua mãe?

— Ainda em Portland. Agora casada com um homem que fez fortuna com madeira. Eu estive com ele só uma vez. Deve ter uns sessenta e cinco anos, mas parece setenta. Ela tem quarenta e sete e aparenta quarenta. Um belo casal. Viajam de jato para lá e para cá. St. Barts, sul da França, Milão, todos os lugares onde os ricos precisam ser vistos. Ela está muito feliz. Os filhos crescidos. Eddie morto. Seu passado está bem arquivado e esquecido. E tem muito dinheiro. A vida dela está em ordem.

— Está sendo muito severo.

— Eu sou brando demais. Ela não me quer por perto porque sou um elo doloroso com meu pai e sua família patética.

— Sua mãe o ama, Adam.

— Nossa, é bom ouvir isso. Como você sabe?

— Eu sei.

— Nunca percebi que você e mamãe eram tão íntimas.

— Não somos. Vê se se acalma, Adam.

— Desculpe. Estou tenso, é só isso. Preciso de uma bebida forte.

— Relaxe, vamos nos divertir enquanto você está aqui.

— Não é uma visita de férias, tia Lee.

— Me chame só de Lee, certo?

— Certo. Amanhã vou ver Sam.

Ela pôs o copo na mesa lentamente, depois levantou-se e saiu do pátio. Voltou com uma garrafa de Jack Daniel's e serviu duas doses generosas. Tomou um gole longo e olhou para o rio ao longe.

— Por quê? — perguntou, finalmente.

— Por que não? Porque ele é meu avô. Porque está para morrer. Porque sou advogado e ele precisa de ajuda.

— Ele nem o conhece.

— Vai conhecer amanhã.

— Então você vai contar?

— Vou, é claro que vou contar. Dá para acreditar? Finalmente vou

contar um segredo profundo, escuro e desagradável dos Cayhall. O que acha disso?

Segurando o copo com as duas mãos, Lee balançou a cabeça.

— Ele vai morrer — murmurou, sem olhar para Adam.

— Ainda não. Mas é bom saber que você se preocupa.

— Eu me preocupo.

— É mesmo? Quando foi a última vez que o viu?

— Não comece com isso, Adam. Você não compreende.

— Ótimo. Tem razão. Explique então. Estou ouvindo. Eu quero compreender.

— Não podemos falar de outra coisa, meu querido? Não estou preparada para isso.

— Não.

— Podemos falar disso mais tarde, eu prometo. Só não estou preparada agora. Eu pensei que íamos só fofocar e rir por algum tempo.

— Desculpe, Lee. Estou farto de fofocas e segredos. Não tenho passado porque meu pai o apagou convenientemente. Quero saber, Lee. Quero saber o quanto desagradável é esse passado.

— É horrível — murmurou ela, quase como se falasse sozinha.

— Tudo bem. Estou crescendo agora. Posso aguentar. Meu pai saiu de cena antes de ter de encarar essa tarefa, por isso acho que só posso contar com você.

— Dê-me algum tempo.

— Não temos tempo. Amanhã vou estar cara a cara com ele. - Adam tomou um longo gole e enxugou os lábios com a manga da camisa. — Há vinte e três anos, a Newsweek disse que o pai de Sam também era da Klan. Ele era?

— Era. Meu avô.

— E vários tios e primos também.

— Todo o maldito bando.

— A Newsweek diz também que todos sabiam em Ford County que Sam Cayhall matou a tiros um negro, no começo dos anos 50, e nunca foi preso por isso. Nunca passou um dia na cadeia. É verdade?

— Por que isso importa agora, Adam? Isso foi anos antes de você nascer.

— Então, aconteceu?

— Sim, aconteceu.

— E você sabia?

— Eu vi.

— Você viu! — Adam fechou os olhos, sem querer acreditar.

Respirou profundamente e afundou na cadeira.

A buzina de um rebocador chamou sua atenção e ele o seguiu com os olhos rio abaixo até o barco passar sob uma ponte. O uísque

começava a dissolver a tensão.

— Vamos falar de outra coisa — disse Lee em voz baixa.

— Desde pequeno — disse ele, ainda olhando para o rio — eu gostava de história. Ficava fascinado lendo sobre o modo como as pessoas viviam no passado — os pioneiros, as caravanas de carroças fechadas, a corrida do ouro, caubóis e índios, a colonização do oeste. Um garoto da escola afirmava que seu tetravô roubava trens e tinha enterrado o dinheiro no México. Ele queria formar um grupo e fugir, para procurar o dinheiro. Sabíamos que era mentira, mas era uma brincadeira divertida. Eu sempre tive curiosidade sobre meus ancestrais e lembro-me de que ficava intrigado porque parecia não ter nenhum.

— O que Eddie dizia?

— Ele me disse que estavam todos mortos e que se perde mais tempo com a história da família do que com qualquer outra coisa. Sempre que eu perguntava sobre a família, ele me levava para um lado e me mandava parar, porque isso podia perturbá-lo e provocar uma das suas fases, que o faziam ficar um mês no quarto. Eu passei grande parte da infância pisando em ovos perto do meu pai. Quando cresci, comecei a compreender que ele era um homem muito estranho, muito infeliz, mas nunca pensei que pudesse se matar.

Ela sacudiu o gelo no copo e tomou o último gole.

— Tem muita coisa mais, Adam.

— Então, quando vai me contar?

Lee apanhou a jarra e encheu os copos com chá gelado. Adam pôs uísque nos dois. Durante alguns minutos tomaram o chá olhando para o movimento na Riverside Drive.

— Você já esteve no corredor da morte? — ele perguntou, olhando para as luzes ao longo do rio.

— Não — disse ela, em voz muito baixa.

— Ele está lá há quase dez anos e você nunca o visitou?

— Escrevi uma carta, logo depois do último julgamento. Seis meses mais tarde, ele respondeu dizendo para não visitá-lo. Disse que não queria que eu o visse no corredor da morte. Escrevi mais duas cartas. Nenhuma teve resposta.

— Desculpe.

— Não se desculpe. Estou carregando uma tonelada de culpa, Adam, e não é fácil falar sobre isso. Dê-me mais algum tempo.

— Talvez eu fique em Memphis por um longo tempo.

— Eu quero que você fique aqui. Vamos precisar um do outro. — Hesitou e mexeu a bebida com o dedo. — Quero dizer, ele vai morrer, não vai?

— É provável.

— Quando?

— Em dois ou três meses. Seus recursos estão praticamente vencidos. Não resta muita coisa.

— Então, por que você está se envolvendo?

— Eu não sei. Talvez porque temos uma chance de luta. Vou trabalhar como um louco nos próximos meses e rezar por um milagre.

— Eu também estarei rezando — disse ela, tomando outro gole.

— Posso perguntar uma coisa? — disse ele, de repente, olhando para ela.

— Claro.

— Você mora aqui sozinha? Quero dizer, é uma pergunta justa, se vou ficar aqui.

— Eu moro sozinha. Meu marido mora na nossa casa, no campo.

— Ele mora sozinho? Só por curiosidade.

— Às vezes. Ele gosta de garotas, vinte e poucos anos, geralmente que trabalham nos seus bancos. Eu devo sempre telefonar antes de aparecer. E ele deve telefonar antes de vir aqui.

— Um arranjo conveniente. Quem negociou o acordo?

— Nós resolvemos com o tempo. Não vivemos juntos há quinze anos.

— Belo casamento.

— Na verdade, funciona muito bem. Eu aceito seu dinheiro e não faço perguntas sobre sua vida privada. Comparecemos juntos às funções sociais necessárias e ele é feliz.

— E você, é feliz?

— A maior parte do tempo.

— Se ele a engana, por que não pede divórcio e tira todo o dinheiro dele? Eu posso ser seu advogado.

— Um divórcio não ia funcionar. Phelps é de uma família emproada e tradicional de ricos miseráveis. Velha sociedade de Memphis. Algumas dessas famílias casaram entre elas durante décadas. Na verdade, esperavam que Phelps casasse com uma prima em quinto grau, mas ele se deixou prender por meus encantos. Sua família se opôs com unhas e dentes e um divórcio agora seria a admissão dolorosa de que eles estavam certos. Além disso, eles têm orgulho do puro sangue azul e um divórcio, com todas as coisas desagradáveis, seria uma humilhação. Eu gosto da independência de aceitar o dinheiro dele e viver como quero.

— Alguma vez o amou?

— É claro. Estávamos loucamente apaixonados quando nos casamos. Por falar nisso, nós fugimos para casar. Foi em 1963 e a ideia de um casamento com os aristocratas da família dele e os camponeses da minha família não me agradava. A mãe dele não falava comigo e meu pai estava queimando cruzes. Naquela época Phelps não

sabia que meu pai era da Klan e é claro que eu queria desesperadamente guardar segredo.

— Ele descobriu?

— Assim que meu pai foi preso, acusado do atentado a bomba. Eu contei. Ele por sua vez contou para o pai e a notícia se espalhou lenta e cautelosamente por toda a família Booth. Essa gente tem muita prática em guardar segredos. É a única coisa que têm em comum com os Cayhall.

— Então poucos sabem que você é filha de Sam?

— Muito poucos. E gostaria que continuasse assim.

— Você se envergonha do...

— Sim, que diabo, eu me envergonho do meu pai! Quem não se envergonharia? — Seu tom era agora áspero e amargo. — Espero que você não tenha uma imagem romântica de um pobre velho sofrendo no corredor da morte, prestes a ser injustamente crucificado por seus pecados.

— Eu acho que ele não deve morrer.

— Eu também acho. Mas pode estar certo de que ele matou muita gente — os gêmeos Kramer, o pai deles, seu pai e Deus sabe quantos mais. Ele devia passar o resto da vida na prisão.

— Não tem nenhuma simpatia por ele?

— Uma vez ou outra. Se tenho um bom dia e o sol está brilhando, então posso pensar nele e lembrar algum fato agradável da minha infância. Mas esses momentos são muito raros, Adam. Ele trouxe muita infelicidade para mim e para muitos outros. Ele nos ensinou a odiar todo mundo. Ele era cruel com nossa mãe. Toda a sua família danada é cruel e mesquinha.

— Então, vamos matá-lo e pronto.

— Eu não disse isso, Adam, e você está sendo injusto. Penso nele o tempo todo. Rezo por ele todos os dias. Já perguntei um milhão de vezes a estas paredes por que e como meu pai se tornou uma pessoa tão horrível. Por que ele não podia ser um homem bondoso e velho agora, sentado na varanda com um cachimbo e uma bengala, talvez um pouco de uísque no copo, para seu estômago, é claro? Por que meu pai tinha de ser um membro da Klan que matou crianças inocentes e arruinou a própria família?

— Talvez ele não tivesse intenção de matar aquelas crianças.

— Estão mortas, não estão? O júri disse que foi ele. Seus corpos foram esfaqueados e enterrados lado a lado, no mesmo túmulo. Quem se importa em saber se ele pretendia ou não matá-las? Ele estava lá, Adam.

— Podia ser muito importante.

Lee levantou-se com um movimento brusco e segurou a mão dele.

— Venha comigo — disse ela.

Foram até a beirada da varanda e ela apontou para a silhueta de Memphis a algumas quadras.

— Está vendo aquele prédio com telhado plano, de frente para o rio? O mais perto daqui. A três ou quatro quadras?

— Estou — disse ele, falando devagar.

— O último andar é o décimo quinto, certo? Agora, a partir da direita, conte seis andares para baixo. Está acompanhando?

— Estou. — Adam contou obedientemente. O prédio era um arranha-céu vistoso.

— Agora, conte quatro janelas para a esquerda. Tem uma luz acesa. Está vendo?

— Sim.

— Adivinhe quem mora lá.

— Como vou saber?

— Ruth Kramer.

— Ruth Kramer! A mãe?

— Isso mesmo.

— Você a conhece?

— Nós nos encontramos uma vez, por acaso. Ela sabia que eu era Lee Booth, mulher do infame Phelps Booth, nada mais. Foi numa reunião para levantar fundos para o balé, ou coisa assim. Eu sempre procurei evitá-la.

— Esta deve ser uma cidade pequena.

— Pode ser minúscula. Se você pudesse perguntar a respeito de Sam, o que acha que ela diria?

Adam olhou para as luzes distantes.

— Eu não sei. Eu li que ela ficou muito amarga.

— Amarga? Ela perdeu toda a família. Nunca mais casou. Acha que para ela é importante saber que meu pai não pretendia matar seus filhos? É claro que não. Tudo que ela sabe é que eles estão mortos, Adam, mortos há vinte e três anos. Ela sabe que foram mortos por uma bomba armada por meu pai, e se ele estivesse em casa com a família, em vez de vagando à noite com seus amigos idiotas, os pequenos Josh e John não estariam mortos. Eles teriam agora vinte e oito anos e provavelmente seriam muito bem-educados e casados, talvez com um ou dois filhos para alegria de Ruth e Marvin. Ela não quer saber para quem era a bomba, Adam, só que foi posta lá e explodiu. Seus filhos estão mortos. Isso é tudo que importa.

Lee recuou alguns passos e sentou. Balançou o gelo outra vez no copo e tomou um gole.

— Não me entenda mal, Adam. Sou contra a pena de morte. Provavelmente sou a única mulher branca de cinquenta anos neste país cujo pai está no corredor da morte. É bárbara, imoral, discriminatória, cruel, não civilizada — concordo com tudo isso. Mas

não esqueça as vítimas, está bem? Elas têm o direito de querer vingança. Elas merecem.

— Ruth Kramer quer vingança?

— Sem dúvida alguma. Ela não fala muito com a imprensa agora, mas é muito atuante com grupos de vítimas. Alguns anos atrás foi citada dizendo que estaria na sala das testemunhas quando Sam Cayhall fosse executado.

— Não exatamente o que eu chamaria de uma alma clemente.

— Não me lembro do meu pai ter pedido clemência.

Adam virou e sentou no parapeito, de costas para o rio. Olhou para os prédios do centro da cidade, depois para seus pés. Lee tomou outro longo gole de chá.

— Muito bem, tia Lee, o que vamos fazer?

— Por favor, esqueça o tia.

— Certo, Lee. Eu estou aqui. Não vou embora. Amanhã vou visitar Sam e quando sair de lá pretendo ser seu advogado.

— Quer manter tudo em segredo?

— O fato de eu ser um Cayhall? Não pretendo contar para ninguém, mas ficarei surpreso se ficar em segredo por muito tempo. Sam é um prisioneiro famoso do corredor da morte. Logo a imprensa vai começar uma investigação completa.

Lee dobrou as pernas sob o corpo e olhou para o rio.

— Isso vai prejudicar você? — perguntou em voz baixa.

— É claro que não. Sou advogado. Advogados defendem molestadores de crianças, assassinos, traficantes de drogas, estupradores e terroristas. Não somos populares. Como posso ser prejudicado pelo fato de ser neto dele?

— Sua firma sabe?

— Eu contei ontem. Não ficaram exatamente felizes, mas enfrentaram bem. Na verdade, eu escondi esse fato quando me empregaram e fiz mal. Mas acho que tudo está bem agora.

— E se ele não aceitar?

— Então, estaremos salvos, não é mesmo? Ninguém jamais saberá e você estará protegida. Volto para Chicago e espero que a CNN faça a cobertura do carnaval da execução. E tenho certeza de que virei até aqui num dia fresco do outono para pôr algumas flores no seu túmulo, provavelmente para olhar para a laje e perguntar outra vez por que ele fez aquilo e como desceu tão baixo e por que eu nasci numa família tão desgraçada, você sabe, as perguntas que venho fazendo há anos. Convidarei você para ir comigo. Será uma espécie de reunião de família, só nós, os Cayhall entrando sorrateiramente no cemitério com flores baratas e óculos escuros para não sermos reconhecidos.

— Pare com isso — disse ela e Adam viu as lágrimas que estavam quase chegando no queixo quando Lee as enxugou com os dedos.

— Desculpe. — Adam voltou-se para olhar outra barça
deslizando para o norte nas sombras do rio. — Sinto muito, Lee.

OITO

Assim, depois de vinte e três anos ele estava finalmente voltando ao seu estado natal. Não se sentia especialmente bem-vindo e embora não tivesse medo de nada em particular, teve o cuidado de dirigir no limite permitido e procurava não ultrapassar nenhum carro. A estrada ficou mais estreita, mergulhou na planície do Delta do Mississippi e por um quilômetro Adam acompanhou a barragem que serpenteava à sua direita, até finalmente desaparecer. Entrou em Walls, a primeira cidade de alguma importância na 61 e seguiu o tráfego para o sul.

Como resultado de uma pesquisa minuciosa, ele sabia que aquela estrada durante algumas décadas fora a principal via usada por centenas de milhares de negros pobres do Delta a caminho de Memphis, St. Louis, Chicago e Detroit, onde esperavam encontrar empregos e moradias decentes. Foi nessas cidades e nessas fazendas, naqueles barracos miseráveis e naquelas lojas empoeiradas e lanchonetes com vitrolas automáticas, ao longo da Rodovia 61, que nasceram os blues, espalhando-se depois para o norte. A música encontrou um lar em Memphis onde misturou-se com o gospel e a música country, que juntos deram origem ao rock and roll. Adam ouvia uma antiga fita de Muddy Waters quando entrou no condado infame de Tunica, considerado o mais pobre do país.

A música pouco contribuía para acalmá-lo. Recusou o café da manhã na casa de Lee, dizendo que não estava com fome, mas na verdade porque tinha um nó no estômago, que crescia a cada quilômetro de estrada.

Logo ao norte da cidade de Tunica, os campos eram imensos e desapareciam no horizonte em todas as direções. As plantações de feijão-soja e de algodão ficavam a altura dos joelhos. Um pequeno exército de tratores verdes e vermelhos, puxando arados, andava de um lado para o outro, entre as infundáveis fileiras da plantação. Ainda não eram nove horas e o calor e a umidade já estavam insuportáveis. O solo era seco e nuvens de poeira se erguiam atrás de cada arado. Um ou outro pulverizador aparecia de lugar nenhum, fazia suas acrobacias sobre o topo das plantações e voava para cima outra vez. O tráfego era intenso e lento e às vezes Adam era obrigado a parar quando um monstruoso trator tinha de passar na frente do carro, como se a estrada estivesse deserta.

Adam foi paciente. Não era esperado antes das dez e não teria importância se chegasse mais tarde.

Em Clarksdale, saiu da Rodovia 61 e seguiu para sudeste, na 49, passando pelos pequenos povoados de Mattson, Dublin e Tutwiler, entre mais plantações de feijão-soja. Passou por descaroçadores de

algodão, parados agora, mas a espera da colheita. Passou por grupos de casas pobres e trailers sujos, todos, por algum motivo, perto da estrada. Passou por uma ou outra bela casa, sempre distante, sempre majestosa, entre grandes carvalhos e álamos, geralmente com uma piscina cercada ao lado. Não havia dúvida sobre a quem pertenciam aqueles campos.

Uma tabuleta informava que a penitenciária do estado ficava a oito quilômetros e, instintivamente, Adam diminuiu a marcha. Logo depois encontrou um trator enorme roncando descansadamente pela estrada e, em vez de ultrapassar, resolveu seguir atrás dele. O homem que o dirigia, branco e velho com um boné sujo, fez sinal para ele passar. Adam acenou e continuou atrás do arado, a trinta quilômetros por hora. Não se via nenhum ou outro veículo. Um torrão de terra voou da roda traseira do trator e caiu a poucos centímetros do Saab. Ele diminuiu mais a marcha. O homem virou para trás e outra vez fez sinal para Adam passar. Seus lábios se moveram e ele parecia zangado, como se a estrada fosse dele e não gostasse da ideia de um idiota andando atrás do seu trator. Adam acenou outra vez e continuou onde estava.

Minutos depois ele avistou a penitenciária. Não havia cercas gradeadas ao lado da estrada. Não havia arame farpado para evitar fugas. Não havia torres de guarda com homens armados. Não havia bandos de prisioneiros gritando para os que passavam na estrada. O que Adam viu foi uma entrada a sua direita e as palavras PENITENCIÁRIA DO ESTADO DO MISSISSIPPI escritas num arco acima dela. Perto da entrada havia várias construções, todas de frente para a estrada e aparentemente sem guardas.

Adam acenou mais uma vez para o homem do trator, e saiu da estrada. Respirou fundo e examinou o arco de entrada. Uma mulher de uniforme saiu da casa da guarda sob o arco e olhou para ele. Adam dirigiu o carro lentamente até onde ela estava e abaixou o vidro.

— Bom dia — disse ela. Tinha um revólver na cintura e uma prancheta na mão. Um guarda os observava de dentro da cabine. — O que posso fazer pelo senhor?

— Sou advogado e vim visitar um cliente no corredor da morte — disse Adam, consciente do tom estridente e nervoso da própria voz. Trate de se acalmar, disse para si mesmo.

— Não temos ninguém no corredor da morte, senhor.

— Como disse?

— Não existe nenhum lugar chamado corredor da morte. Temos um bando deles na Unidade de Segurança Máxima, USM, mas pode procurar por toda parte que não vai encontrar um corredor da morte.

— Tudo bem.

— Nome? — perguntou ela, olhando para a prancheta.

— Adam Hall.

— E o seu cliente?

— Sam Cayhall. — Adam quase esperava alguma reação, mas não houve nenhuma. Ela levantou uma folha da prancheta e disse:

— Espere aqui um momento.

A entrada se transformou numa estrada com árvores de sombra e pequenas casas dos dois lados. Aquilo não era uma prisão — era uma ruazinha agradável numa pequena cidade onde a qualquer momento surgiria um grupo de crianças com bicicletas e patins. À direita havia uma bela estrutura com varanda na frente e canteiros floridos. Uma placa dizia ser o Centro dos Visitantes, como se fosse um lugar onde turistas ávidos pudessem comprar lembranças e refrigerantes. Uma picape branca com três jovens negros dentro e as palavras Departamento de Correção do Mississippi escritas na porta passou por ele sem diminuir a marcha.

Adam viu a guarda de pé atrás do seu carro, escrevendo alguma coisa na prancheta. Então ela se aproximou da janela.

— De que lugar do Illinois? — perguntou.

— Chicago.

— Tem câmeras, armas ou gravadores?

— Não.

Ela estendeu o braço e pôs um cartão em cima do painel.

— Tenho uma anotação aqui dizendo que o senhor deve falar com Lucas Mann.

— Quem é?

— O advogado da penitenciária.

— Eu não sabia que deveria falar com ele.

Ela mostrou um papel a um metro do rosto dele.

— Está escrito aqui. Tome a terceira à esquerda, vá em frente, dê a volta naquele prédio e pare nos fundos — ela disse, apontando.

— O que ele quer?

Ela fez um muxoxo de desprezo, ergueu os ombros e foi para a casa da guarda balançando a cabeça. Advogados burros.

Adam pisou de leve no acelerador e passou pelo Centro dos Visitantes e pela ruazinha arborizada. Dos dois lados havia bonitas casas de madeira onde, ele soube mais tarde, moravam os guardas da penitenciária e outros empregados, com suas famílias. Ele seguiu as instruções e parou na frente de um prédio antigo de tijolos. Dois prisioneiros em regime aberto, de calças azuis com listras brancas nos lados, varriam os degraus da entrada. Adam evitou olhar para eles e entrou.

Encontrou com alguma dificuldade o escritório de Lucas Mann, que não tinha nenhuma indicação na porta. Uma secretária sorriu para ele e abriu a porta para a sala ampla onde o dr. Mann, de pé, atrás da sua

mesa, falava no telefone.

— Sente-se — murmurou a secretária, fechando a porta.

Mann sorriu e acenou com um gesto meio desajeitado, continuando a falar no telefone. Adam pôs sua pasta numa cadeira e ficou de pé atrás dela. O escritório era grande e limpo. Duas janelas compridas davam para a rodovia e por elas entrava bastante luz. Na parede à esquerda viu uma foto emoldurada de um rosto familiar, um belo jovem com um sorriso cativante e queixo forte. Era David McAllister, governador do estado do Mississippi. Adam imaginou que devia haver fotos iguais em todos os escritórios do governo do estado e também em todos os corredores, armários e banheiros governados pelo estado.

Lucas Mann esticou o fio do telefone e foi até a janela, dando as costas para a mesa e para Adam. Ele não parecia advogado. Tinha uns cinquenta e poucos anos e cabelos grisalhos penteados para trás e presos de algum modo na nuca. Sua roupa era do tipo universitário elegante — camisa engomada com dois bolsos e gravata de várias cores, ainda com o nó, mas afrouxado, o primeiro botão aberto mostrando a camiseta de algodão cinzenta, calça de sarja marrom, também engomada, com bainha perfeita de uma polegada, no comprimento exato para revelar um pedaço mínimo das meias brancas e os mocassins imaculadamente engraxados. Era evidente que Lucas sabia se vestir, e evidente também que se dedicava a um tipo diferente de direito. Se ele tivesse um pequeno brinco na orelha esquerda, seria o perfeito hippie idoso que, nos últimos anos de vida, começava a ceder ao conformismo.

O escritório era decorado com móveis de segunda mão do governo, uma mesa de madeira muito usada que parecia impecavelmente organizada, três cadeiras de metal com almofadas de plástico, uma fileira de arquivos desiguais encostada na parede. Adam ficou de pé atrás da cadeira, procurando se acalmar. Essa visita seria obrigatória para todos os advogados visitantes? Certamente que não. Havia cinco mil prisioneiros na Parchman. Garner Goodman não tinha mencionado nenhuma visita a Lucas Mann.

O nome era vagamente familiar. Em alguma das suas caixas com transcrições dos julgamentos e recortes de papel ele havia visto o nome de Lucas Mann e tentou desesperadamente lembrar se ele era um bom ou um mau sujeito. Qual fora exatamente seu papel no processo de condenação de Sam à morte? Adam sabia com certeza que o inimigo era o procurador-geral, mas não conseguia encaixar Lucas no cenário.

De repente Mann desligou o telefone e estendeu a mão para Adam.

— É um prazer conhecê-lo, dr. Hall. Sente-se, por favor — disse com voz levemente arrastada, indicando uma cadeira. — Obrigado por

me procurar.

Adam sentou.

— Certo. O prazer é meu — disse, nervoso. — Qual é o problema?

— Duas coisas. A primeira, eu queria conhecê-lo e dizer alô. Há doze anos sou advogado aqui da penitenciária. Trato da maior parte dos processos legais que saem deste lugar, todo o tipo de processos malucos apresentados por nossos hóspedes — direitos dos prisioneiros, processos por danos sofridos, esse tipo de coisa. Ao que parece, somos processados todos os dias. De acordo com os estatutos, desempenho também um pequeno papel nos casos de condenação à morte e ao que sei está aqui para visitar Sam.

— Isso mesmo.

— Ele o contratou?

— Não exatamente.

— Foi o que pensei. Isso apresenta um pequeno problema.

Compreende, só pode visitar um prisioneiro se o representar e sei que Sam suspendeu os serviços da Kravitz & Bane.

— Então não posso vê-lo? — perguntou Adam, quase com uma ponta de alívio.

— Não devia. Ontem tive uma longa conversa com Garner Goodman. Nós nos conhecemos há alguns anos durante a execução de Maynard Tole. Sabe alguma coisa sobre esse caso?

— Vagamente.

— Mil novecentos e oitenta e seis. Minha segunda execução — disse ele, como se tivesse ligado o gás pessoalmente. Sentou na beirada da mesa e olhou para Adam. A calça engomada estalou delicadamente. Balançou a perna direita. — Eu tive quatro, sabe. Sam poderá ser o quinto. Garner representava Maynard Tole e foi assim que nos conhecemos. Ele é um cavalheiro e um advogado combativo.

— Obrigado — disse Adam, porque não conseguiu pensar em nada mais.

— Pessoalmente, eu odeio essas execuções.

— É contra a pena de morte?

— A maior parte das vezes. Na verdade eu passo por estágios.

Sempre que matamos alguém aqui eu penso que o mundo todo enlouqueceu. Então, invariavelmente faço uma revisão desse casos e lembro o horror e a brutalidade dos crimes daqueles homens. Minha primeira execução foi de Teddy Doyle Meeks, um desocupado que estuprou, mutilou e matou um menino. Não houve muita tristeza por aqui quando ele foi para a câmara de gás. Mas, escute, eu posso ficar a vida toda contando histórias de guerra. Talvez tenhamos tempo para isso mais tarde, está certo?

— Certo — disse Adam, sem muita convicção. Não podia imaginar nenhum momento em que quisesse ouvir histórias sobre assassinos

violentos e suas execuções.

— Eu disse a Garner que na minha opinião não devíamos permitir que visitasse Sam. Ele ouviu por um momento, depois explicou muito vagamente, devo dizer, que talvez fosse uma situação especial e que devíamos permitir pelo menos uma visita. Ele não disse o que havia de especial, você compreende? — Lucas esfregou o queixo quando disse isso como se quase tivesse resolvido o enigma. — Nossas normas são muito estritas, especialmente para a USM. Mas o diretor fará o que eu pedir. — Disse isso muito devagar e as palavras pairaram no ar.

— Eu, hum, preciso realmente vê-lo — disse Adam, com voz quase trêmula.

— Bem, ele precisa de um advogado. Francamente, estou satisfeito por você estar aqui. Existe todo tipo de manobras legais

até o último minuto e vou me sentir melhor se Sam tiver um advogado. — Deu volta na mesa e sentou na cadeira atrás dela. Abriu uma pasta e estudou uma folha de papel. Adam esperou, tentando respirar normalmente.

— Fazemos muita pesquisa sobre a vida dos prisioneiros condenados à morte — disse Lucas, olhando para o papel. A afirmação tinha o tom de uma advertência solene. — Especialmente quando os recursos estão vencidos e a execução paira no ar. Sabe alguma coisa sobre a família de Sam?

O nó de repente virou uma bola de beisebol no estômago de Adam. Conseguiu dar de ombros e balançar a cabeça ao mesmo tempo, como que dizendo que não sabia nada.

— Pretende falar com a família de Sam?

Outra vez só o erguer de ombros, ombros muito pesados naquele momento.

— O que estou dizendo é que normalmente, nesses casos, há um contato intenso com a família do condenado, quando a execução se aproxima. Provavelmente você vai querer falar com a família dele. Sam tem uma filha em Memphis, uma sra. Lee Booth. Tenho o endereço, se quiser. — Lucas o observava cheio de desconfiança. Adam não conseguia se mover. — Suponho que não a conhece?

Adam balançou a cabeça sem dizer nada.

— Sam tinha um filho, Eddie Cayhall. Eddie deixou dois filhos, um filho, nascido em Clayton, Mississippi, no dia 12 de maio de 1964, que, por estranho que pareça, é o dia do seu aniversário, de acordo com meu Martindale-Hubbell Law Directory. Diz que você nasceu em Memphis nesse mesmo ano. Eddie deixou também uma filha que nasceu na Califórnia. Esses são os netos de Sam. Posso tentar entrar em contato com eles se você...

— Eddie Cayhall era meu pai — disse Adam e respirou fundo.

Afundou na cadeira e olhou para a mesa com o coração batendo

loucamente, mas pelo menos estava respirando outra vez. Seus ombros de repente ficaram mais leves. Até conseguiu um pequeno sorriso.

O rosto de Mann estava inexpressivo. Pensou por um longo momento, depois disse, com satisfação:

— Eu imaginei isso. — Começou a examinar os papéis, como se a pasta tivesse muitas outras surpresas. — Sam tem sido um homem muito solitário no corredor da morte e muitas vezes me perguntei sobre sua família. Ele recebe alguma correspondência, mas nenhuma da família. Praticamente não tem visitas, não que ele queira ter. Mas é um tanto incomum um prisioneiro com sua fama ser ignorado pela família. Especialmente um homem branco. Eu não sou indiscreto, você compreende.

— É claro que não.

Lucas ignorou o comentário.

— Dr. Hall, precisamos fazer os preparativos para a execução. Por exemplo, precisamos saber o que querem fazer com o corpo. Providências para os funerais e tudo o mais. É aí que entra a família. Ontem, depois que falei com Garner, pedi ao nosso pessoal em Jackson para localizar a família. Na verdade, foi muito fácil. Eles verificaram também seus documentos e descobriram que o estado do Tennessee não tem registro de nascimento de nenhum Adam Hall, no dia 12 de maio de 1964. Uma coisa leva à outra. Não foi difícil.

— Não estou mais me escondendo.

— Quando soube sobre Sam?

— Foi há nove anos. Minha tia, Lee Booth, me contou, depois que enterramos meu pai.

— Teve algum contato com Sam?

— Não.

Lucas fechou a pasta e recostou na cadeira que rangiu.

— Então Sam não tem ideia de quem você é ou por que está aqui?

— Isso mesmo.

— Uau! — ele assobiou para o teto.

Adam relaxou um pouco e sentou direito na cadeira. Ele havia revelado o segredo e se não fosse por Lee e seus temores de ser descoberta ele teria se sentido completamente à vontade.

— Por quanto tempo posso falar com ele hoje? — perguntou.

— Bem, dr. Hall...

— Por favor, me chame de Adam.

— Certo, Adam, na verdade temos dois tipos de regras para o Corredor.

— Perdoe-me, mas uma guarda me disse que não existe nenhum corredor da morte.

— Não oficialmente. Nunca vai ouvir os guardas ou o resto do pessoal se referir a outra coisa que não seja a Unidade de Segurança

Máxima, ou USM, ou Unidade 17. De qualquer modo, quando o tempo do prisioneiro está quase no fim, no Corredor, nós relaxamos bastante as regras. Normalmente, a visita do advogado é limitada a uma hora por dia, mas no caso de Sam pode ficar o tempo que for preciso.

Acredito que têm muito que conversar.

— Então, não tenho limite de tempo?

— Não. Pode ficar o dia todo, se quiser. Procuramos facilitar as coisas nos últimos dias. Você pode entrar e sair à vontade, desde que não haja risco de segurança. Conheço os corredores da morte de cinco outros estados e, acredite, é aqui que eles têm melhor tratamento. Que diabo, na Louisiana eles tiram o pobre coitado da sua unidade e o levam para um lugar chamado Casa da Morte, três dias antes de matá-lo. Não poderia ser mais cruel. Nós não fazemos isso. Sam terá tratamento especial até o grande dia.

— O grande dia?

— Sim, de hoje a quatro semanas, sabe? Dia 8 de agosto.

— Lucas apanhou alguns papéis na ponta da mesa e os entregou para Adam. — Isto chegou hoje. A Quinta Circunscrição Judiciária deu o adiamento por encerrado ontem a tarde. A Suprema Corte do Mississippi marcou a nova data da execução para 8 de agosto.

Adam segurou os papéis sem olhar para eles.

— Quatro semanas — ele disse, atônito.

— Sim. Levei uma cópia para Sam há uma hora, portanto ele está de péssimo humor.

— Quatro semanas — repetiu Adam, quase para si mesmo. Olhou para a determinação da corte. O processo intitulava-se O estado do Mississippi contra Sam Cayhall. — Acho melhor eu ir vê-lo agora, certo? — disse, sem pensar.

— É. Escute, Adam. Eu não sou um cara mau, está bem?

— Lucas levantou-se e outra vez apoiou o traseiro delicadamente na beirada da mesa. Cruzou os braços e olhou para Adam.

— Só estou fazendo o meu trabalho, certo? Estarei envolvido porque preciso tomar conta deste lugar e providenciar para que tudo seja feito legalmente, de acordo com as regras. Não terei nenhum prazer com isso, mas vai ser uma loucura, muito estressante e todo mundo vai ficar telefonando para mim — o diretor, seus assistentes, o escritório do procurador-geral, o governador, você e centenas de outros. Portanto vou estar bem no meio da coisa toda, mesmo contra a minha vontade. É a coisa mais desagradável deste trabalho. Quero que compreenda que estarei aqui se precisar de mim, certo? Serei sempre sincero e justo com você.

— Isso supondo que Sam me aceite como seu advogado.

— Sim. Supondo que ele aceite.

— Quais são as chances de a execução ser realizada dentro de

quatro semanas?

— Meio a meio. Nunca se sabe o que as cortes de justiça vão fazer no último minuto. Começamos a nos preparar dentro de uma ou duas semanas. Temos uma longa lista de coisas para verificar.

— Uma espécie de planejamento para a morte.

— Mais ou menos. Não pense que temos prazer com isso.

— Suponho que todos aqui estão apenas fazendo seu trabalho, certo?

— É a lei deste estado. Se a nossa sociedade quer matar os criminosos, então alguém tem de fazer isso.

Adam guardou o parecer da corte na pasta e ficou de pé na frente de Lucas.

— Acho que devo agradecer sua hospitalidade.

— Não tem de quê. Depois de você falar com Sam, preciso saber o que aconteceu.

— Mando uma cópia do nosso contrato de representação, se ele assinar.

— É tudo que preciso.

Trocaram um aperto de mãos e Adam caminhou para a porta.

— Mais uma coisa — disse Lucas. — Quando eles levarem Sam para a sala de visitas, peça aos guardas para tirar as algemas. Eu me encarrego de fazer com que eles obedeçam. Significa muito para Sam.

— Obrigado.

— Boa sorte.

NOVE

Quando Adam saiu do prédio, a temperatura estava uns três graus mais alta. Ele passou pelos mesmos prisioneiros que varriam a mesma sujeira, com os mesmos movimentos lentos. Parou nos degraus na frente do prédio e por alguns momentos observou um grupo de prisioneiros juntando o lixo ao longo da estrada a menos de cem metros. Um guarda armado, a cavalo, os vigiava. Os carros passavam sem diminuir a marcha. Adam se perguntou que tipo de criminosos seriam aqueles que podiam trabalhar fora das grades e tão perto da estrada. Ninguém mais parecia se importar com isso.

Atravessou a curta distância até seu carro e estava suando quando entrou e ligou o motor. Seguiu até o estacionamento atrás do escritório de Mann, depois virou para a esquerda na estrada principal da penitenciária. Outra vez passou por casas pequenas e limpas com flores e árvores no jardim. Uma pequena comunidade muito civilizada. Uma seta indicava o caminho para a Unidade 17, à esquerda. Ele seguiu muito devagar e em poucos segundos estava numa estrada de terra que levava a uma cerca de ferro e de arame farpado.

O Corredor de Parchman fora construído em 1954 e oficialmente denominado Unidade de Segurança Máxima, ou simplesmente USM. Uma placa na parte interna da parede informava a data, o nome do governador na época, os nomes de vários funcionários do governo importantes e há muito esquecidos, que contribuíram para a construção e, naturalmente, os nomes do arquiteto e do construtor. O projeto arquitetônico era moderníssimo na época — um prédio de tijolos vermelhos com um só andar, telhado plano, formado por dois retângulos que se estendiam do centro.

Adam parou no estacionamento de terra entre dois carros e olhou para o prédio. Nenhuma grade era visível. Não havia guardas patrulhando o exterior do prédio. Se não fosse pelas cercas e pelo arame farpado, podia quase passar por uma escola primária de um bairro residencial. Dentro de um pátio cercado por grades na extremidade de uma das alas, um prisioneiro solitário batia uma bola de basquete no campo sem grama atirando-a depois contra uma tabela torta.

A grade na frente de Adam devia ter no mínimo três metros e meio de altura, com grossos fios de arame farpado no topo e um rolo ameaçador de arame cortante. Seguiu em linha reta até o canto onde ficava a torre de vigia com os guardas. A cerca fechava os quatro lados do Corredor com simetria impecável e em cada canto havia uma torre com o posto do guarda, fechado com vidro. Logo depois da cerca

começavam as plantações que pareciam não ter fim. O Corredor ficava literalmente no meio de um algodoal.

Adam saiu do carro com uma sensação de claustrofobia e, apertando a alça da sua pasta, olhou através da cerca para o prédio quente e achatado onde matavam gente. Tirou o paletó e viu que a camisa estava molhada de suor e grudada no corpo. O nó no estômago voltou com força redobrada. Seus primeiros passos na direção da casa da guarda foram lentos e desajeitados, com as pernas fracas e os joelhos trêmulos. Seus mocassins elegantes, com borlas, estavam cheios de pó quando ele chegou debaixo da torre e olhou para cima. Uma mulher uniformizada fazia descer na ponta de uma corda um balde vermelho, do tipo usado para lavar carros.

— Ponha suas chaves no balde — explicou ela eficientemente, inclinada sobre a balaustrada da torre. O arame farpado no alto da cerca estava um metro e meio abaixo dela.

Adam obedeceu rapidamente e suas chaves foram fazer companhia a várias outras no balde vermelho. Ela o puxou para cima e Adam o viu subir e parar. Ela amarrou a corda em algum lugar e o balde ficou pendurado inocentemente no ar. Qualquer brisa leve o teria balançado naquele momento, no vácuo abafado, mal havia ar para respirar. O vento se acabara há muitos anos.

A guarda acabava de cumprir seu papel e então alguém, em algum lugar, apertou um botão e acionou uma alavanca. Adam não tinha ideia de quem estava acionando o mecanismo, mas ouviu um zumbido e o primeiro dos dois pesados portões gradeados deslizou alguns metros para o lado. Adam percorreu cinco metros na passagem de terra, depois parou quando o primeiro portão se fechou às suas costas. Estava aprendendo a primeira regra básica da segurança da prisão — toda entrada protegida tem duas portas ou dois portões trancados.

Quando o primeiro portão fechou-se automaticamente, o segundo se abriu e deslizou obedientemente ao longo da grade. Durante esse processo, um guarda reforçado, com braços da grossura das pernas de Adam, apareceu na porta principal da unidade e caminhou pela passagem, na direção da entrada. Com a barriga musculosa e o pescoço grosso, ele esperou por Adam, enquanto Adam esperava que os portões estabelecessem a segurança.

Estendeu a mão negra e enorme e disse:

— Sargento Packer.

Adam apertou a mão estendida, notando as botas de caubói negras e brilhantes nos pés do sargento Packer.

— Adam Hall — ele disse.

— Está aqui para ver Sam — afirmou Packer.

— Sim, senhor — disse Adam, imaginando se todos o chamavam simplesmente de Sam.

— Sua primeira visita?

Começaram a andar lentamente para a frente do prédio.

— Sim — disse Adam, olhando para as janelas abertas na parede mais próxima. — Todos aqui estão no corredor da morte? — perguntou.

— Sim. Hoje temos quarenta e sete. Perdemos um na semana passada.

Estavam quase na porta.

— Perderam um?

— É. A Suprema Corte revogou a decisão. Tivemos de mandá-lo para a ala dos presos comuns. Eu preciso revistá-lo.

Estavam na porta e Adam olhou em volta nervoso, para ver onde exatamente Packer pretendia conduzir a revista.

— Abra um pouco as pernas — disse Packer, apanhando a pasta de Adam e deixando-a no chão. Os mocassins elegantes com borlas estavam agora firmes no chão. Embora atordoado e momentaneamente privado das suas faculdades, Adam, naquele momento horrível, não conseguia lembrar de alguém ter pedido para ele abrir as pernas, nem que fosse um pouco.

Mas Packer era um profissional. Bateu agilmente nas meias, subiu delicadamente até os joelhos, que estavam mais do que trêmulos, depois em volta da cintura, rapidamente. A primeira revista da vida de Adam terminou misericordiosamente em poucos segundos quando o sargento Packer passou as mãos ágeis sob seus braços, como se Adam pudesse estar usando uma pequena pistola a tiracolo. Packer enfiou a mão enorme na pasta de couro e a devolveu para Adam.

— Não é um bom dia para ver Sam — ele disse.

— Foi o que me disseram — respondeu Adam, segurando o paletó outra vez sobre o ombro. Ficou de frente para a porta de ferro. Estava na hora de entrar no Corredor.

— Por aqui — murmurou Packer, caminhando para um canto do prédio.

Adam seguiu obedientemente por outra passagem de tijolo vermelho até chegarem a uma porta simples com o mato crescendo ao lado. Não havia nenhuma marca na porta.

— O que é isto? — perguntou Adam. Lembrava vagamente da descrição feita por Goodman, mas no momento os detalhes não estavam precisos.

— Sala de conferências. — Packer tirou uma chave do bolso e abriu a porta.

Adam olhou em volta, antes de entrar, procurando se orientar. A porta ficava ao lado da parte central da unidade e ele pensou que talvez os guardas e os administradores não quisessem os advogados no seu caminho espionando tudo. Por isso a entrada lateral.

Respirou fundo e entrou. Com alívio viu que não havia nenhum advogado visitando cliente. O encontro podia ser tumultuado e talvez com alta carga emocional e ele preferia que fosse feito com alguma privacidade. Pelo menos naquele momento, a sala estava vazia. Era ampla, com espaço para vários advogados ao mesmo tempo, com uns dez metros de comprimento e quatro de largura, chão de cimento e luzes fluorescentes. A parede numa das extremidades era de tijolo vermelho e tinha três janelas bem altas, como as paredes externas da unidade. Era fácil de ver que a sala de conferências fora acrescentada depois do fim da construção.

O ar-condicionado, uma pequena unidade na janela, rosnava ferozmente, produzindo muito menos do que devia. A sala era dividida por uma parede sólida de tijolo e metal, um lado para os advogados, outro para os clientes. A divisória era de tijolo até a altura de um metro, depois havia um pequeno balcão para os blocos de anotações dos advogados. Uma tela verde brilhante de metal espesso ia do balcão até o teto.

Adam andou vagarosamente até o fim da sala, desviando de cadeiras de vários tipos — verdes e cinzentas, sobras dos departamentos do governo, dobráveis, banquetas estreitas de lanchonete.

— Eu vou trancar esta porta — disse Packer, saindo da sala. — Vamos trazer Sam.

A porta bateu e Adam ficou sozinho. Rapidamente escolheu um lugar na extremidade da sala, para o caso de aparecer outro advogado que, provavelmente, escolheria o outro lado e os dois poderiam planejar suas estratégias com alguma privacidade. Puxou uma cadeira para perto do balcão de madeira, tirou da pasta o bloco de anotações, depois a tampa da caneta e começou a tentar em vão parar de roer as unhas. Seu estômago dava saltos violentos e seus calcanhares tremiam descontroladamente. Olhou para o outro lado da tela, estudando a posição dos prisioneiros no outro lado — o mesmo balcão de madeira, a mesma coleção de cadeiras desemparelhadas. No centro da tela, na sua frente, havia uma fresta de oito por dez centímetros e através dessa pequena abertura ele ia ficar cara a cara com Sam Cayhall.

Adam esperou nervosamente, dizendo, fique calmo, relaxe, você pode lidar com isso. Rabiscou alguma coisa no bloco, mas não conseguiu ler. Arregaçou as mangas. Examinou a sala para ver se avistava microfones ocultos, mas não podia imaginar alguém tentando escutar o que se dizia num lugar tão simples e modesto. Se o sargento Packer servia de modelo, o pessoal mantinha-se afastado, quase indiferente.

Observou as cadeiras vazias nos dois lados da tela, imaginando quantas pessoas desesperadas, nas suas últimas horas de vida, teriam

se encontrado ali com seus advogados para ouvir palavras de esperança. Quantas súplicas urgentes teriam passado por aquela tela enquanto o relógio tiquetaqueava impassível? Quantos advogados haviam sentado ali onde ele estava agora para dizer aos seus clientes que não podiam fazer mais nada, que a execução ia se realizar? O pensamento sombrio acalmou um pouco Adam. Não era o primeiro a entrar naquela sala, e não seria o último. Era um advogado experiente, abençoado com uma mente ágil, com a retaguarda protegida pelos recursos da Kravitz & Bane. Podia fazer seu trabalho. Suas pernas aos poucos deixaram de tremer e ele parou de roer as unhas.

Ouviu o estalo de uma fechadura e estremeceu sobressaltado. A porta se abriu e um jovem guarda branco apareceu no lado dos prisioneiros. Atrás dele, com um macacão vermelho, mãos algemadas nas costas estava Sam Cayhall. Percorreu a sala com um olhar furioso, entrecerrando os olhos, até encontrar Adam. Um guarda o segurou pelo cotovelo e o conduziu até ficar na frente do advogado. Sam era magro, pálido e uns dez centímetros mais baixo do que os dois guardas, mas eles pareciam ter o cuidado de não se aproximar muito dele.

— Quem é você? — sibilou ele para Adam que, naquele momento, estava com a unha de um dedo entre os dentes.

Um guarda empurrou uma cadeira atrás de Sam e o outro o fez sentar. Ele olhou para Adam. Os guardas recuaram e iam sair quando Adam disse:

— Querem tirar as algemas, por favor?

— Não, senhor. Não podemos.

Adam engoliu em seco.

— Tirem as algemas, está bem? Vamos ficar aqui por algum tempo — disse, conseguindo um leve tom de autoridade.

Os guardas trocaram um olhar, como se nunca tivessem ouvido esse pedido. Logo apareceu uma chave e as algemas foram retiradas.

Sam não ficou impressionado. Olhou carrancudo para Adam, através da abertura na tela quando os guardas saíram ruidosamente. A porta bateu e a fechadura estalou.

Estavam sozinhos, a versão de uma reunião de família dos Cayhall. O ar condicionado estalava e bufava e por um longo minuto era só o que se ouvia na sala. Embora tentasse valentemente, Adam não conseguia olhar para os olhos de Sam mais de dois segundos. Como se estivesse fazendo algo muito importante, numerou cada linha do bloco de anotações, sob o olhar intenso do prisioneiro.

Finalmente, Adam passou um cartão comercial pela abertura.

— Meu nome é Adam Hall. Trabalho para a firma de advocacia Kravitz & Bane. Chicago e Memphis.

Pacientemente Sam apanhou o cartão e o examinou dos dois lados.

Adam observava cada movimento. Os dedos de Sam eram enrugados e amarelados de nicotina. O rosto era pálido, a única cor era a da barba ruiva de cinco dias. O cabelo era longo, grisalho, oleoso e penteado severamente para trás. Adam concluiu que ele não parecia nada com as imagens do vídeo. Também não parecia com as últimas fotos tiradas no julgamento de 1981. Era um homem velho agora, com pele pastosa e frágil e rugas em volta dos olhos. Linhas profundas de idade e sofrimento riscavam sua testa. A única coisa atraente eram os olhos azul escuros que se ergueram do cartão.

— Vocês, judeus, nunca desistem, certo? — Sam disse, num tom agradável e sereno, sem o menor sinal de zanga.

— Não sou judeu — disse Adam, dessa vez retribuindo com sucesso o olhar.

— Então como pode trabalhar para a Kravitz & Bane? — perguntou ele, pondo o cartão de lado. As palavras eram macias, lentas e pronunciadas com a paciência de um homem que havia passado nove anos e meio sozinho numa cela de dois por três.

— Somos uma firma que dá oportunidades iguais aos empregados.

— Isso é bom. Tudo certo e legal, suponho. Cumprindo à risca as decisões das leis dos direitos civis e da caridade.

— É claro.

— Quantos sócios tem a Kravitz & Bane agora?

Adam deu de ombros. O número variava de ano para ano.

— Cerca de cento e cinquenta.

— Cento e cinquenta sócios. E quantas mulheres?

Adam hesitou, tentando contar.

— Na verdade eu não sei. Provavelmente umas doze.

— Uma dúzia — disse Sam, quase sem mover os lábios. Suas mãos estavam cruzadas e imóveis e ele não piscava. — Então, menos de dez por cento dos seus sócios são mulheres. Quantos sócios crioulos vocês têm?

— Podemos nos referir a eles como negros?

— Oh, claro, mas é claro, é também um termo muito antiquado. Eles agora querem ser chamados de afro-americanos. Certamente vocês são bastante politicamente corretos para saber disso.

Adam fez um gesto afirmativo, mas não disse nada.

— Quantos sócios afro-americanos vocês têm?

— Quatro, eu acho.

— Menos de três por cento. Ora, ora, Kravitz & Bane, aquele grande bastião da justiça e da ação política liberal, na verdade discrimina os afro-americanos e as mulheres americanas. Não sei o que dizer.

Adam rabiscou alguma coisa ilegível no bloco. É claro, podia argumentar dizendo que quase um terço dos contratados era de

mulheres e que a firma esforçava-se diligentemente para contratar os melhores alunos negros da faculdade de direito. Podia explicar como foram processados por discriminação inversa por dois homens brancos, cujas ofertas de emprego desapareceram no último momento.

— Quantos sócios judeus americanos vocês têm? Oitenta por cento?

— Eu não sei. Na verdade, isso não me importa.

— Pois importa muito para mim. Fico sempre constrangido ao ver meus interesses representados por pessoas tão claramente fanáticas.

— Muita gente acharia adequado.

Sam tirou do único bolso visível do macacão um maço de Montclair e um isqueiro descartável. O macacão era abotoado até a metade do peito e o pelo espesso e grisalho aparecia pela abertura. O tecido era algodão muito leve. Adam não podia imaginar a vida naquele lugar sem ar-condicionado.

Sam acendeu o cigarro e soltou a fumaça para o teto.

— Eu pensei que tinha acabado tudo com vocês.

— Eles não me mandaram aqui. Eu me ofereci.

— Por quê?

— Eu não sei. Você precisa de um advogado e...

— Por que está tão nervoso?

Adam tirou a unha da boca com um gesto rápido e parou de bater com os pés no chão.

— Não estou nervoso.

— É claro que está. Já vi muitos advogados por aqui e nunca nenhum tão nervoso quanto você. Qual é o problema, garoto? Tem medo de que eu atravesse a tela e caia em cima de você?

Adam resmungou alguma coisa e tentou sorrir.

— Não seja bobo. Não estou nervoso.

— Que idade você tem?

— Vinte e seis.

— Aparenta vinte e dois. Quando se formou em direito?

— No ano passado.

— Isso é grande. Os malditos judeus mandaram um novato para me salvar. Há muito tempo eu sabia que eles me queriam morto, e essa é a prova. Eu matei alguns judeus, agora eles querem me matar. Eu estava certo o tempo todo.

— Você admite que matou os filhos de Kramer?

— Que diabo de pergunta é essa? O júri disse que eu matei.

Durante nove anos, as cortes de apelação disseram que o júri estava certo. Isso é o que importa. Quem você pensa que é para me fazer essa pergunta?

— Precisa de um advogado, sr. Cayhall. Estou aqui para ajudar.

— Preciso de uma porção de coisas, garoto, mas pode estar certo

de que não preciso de um novato como você para me dar conselhos. Você é perigoso, filho, e ignorante demais para saber disso. — Suas palavras continuaram sem emoção. Segurou o cigarro entre o polegar e o indicador da mão direita e sacudiu a cinza no cinzeiro de plástico. Uma vez ou outra ele piscava os olhos. O rosto não demonstrava nenhuma emoção, nenhum sentimento.

Adam tomou uma porção de notas sem sentido, depois tentou olhar nos olhos de Sam outra vez, através da abertura.

— Escute, sr. Cayhall, eu sou advogado e tenho uma forte convicção moral contra a pena de morte. Tenho boa instrução e experiência, li bastante sobre os problemas da Oitava Emenda e posso ajudá-lo. Por isso estou aqui. Sem cobrar nada.

— Sem cobrar nada — repetiu Sam. — Quanta generosidade. Filho, será que não sabe que recebo pelo menos três ofertas por dia de advogados que querem me defender de graça? Grandes advogados. Advogados famosos. Advogados ricos. Alguns deles cobras nojentas. Todos dispostos a sentar aí onde você está agora, dar entrada nas últimas moções e recursos, dar entrevistas, correr atrás das câmeras, segurar minha mão nas últimas horas, ver quando eles ligam o gás, depois dar outra entrevista coletiva, assinar o contrato para escrever um livro, talvez para uma minissérie de televisão sobre a vida e a época de Sam Cayhall, um verdadeiro assassino da Klan. Como vê, filho, eu sou famoso e o que eu fiz é hoje uma lenda. E já que estão prestes a me matar, então estou para ficar mais famoso ainda. Por isso os advogados me querem. Eu valho um bocado de dinheiro. Um país doente, certo?

Adam estava balançando a cabeça.

— Eu não quero nada disso, dou minha palavra. Posso garantir por escrito. Estou disposto a assinar um acordo de sigilo absoluto.

Sam riu sem alegria, sem abrir os lábios.

— Certo. E quem vai avaliar o acordo depois da minha morte?

— Sua família — disse Adam.

— Esqueça a minha família — disse Sam com voz firme.

— Sr. Cayhall, meus motivos são legítimos. Minha firma o representou durante sete anos, portanto eu sei quase tudo sobre seu caso. Também fiz muita pesquisa sobre seu passado.

— Bem-vindo ao clube. Uma centena de repórteres semi-idiotas examinou minha roupa de baixo. Ao que parece, muita gente sabe uma porção de coisas a meu respeito e todo esse conhecimento combinado não me serve para nada agora. Eu tenho quatro semanas. Sabia disso?

— Tenho uma cópia do parecer.

— Quatro semanas e eles me levam para a câmara de gás.

— Pois então vamos trabalhar. Tem a minha palavra de que não

vou falar com a imprensa a não ser que me autorize, que nunca vou repetir nada do que me contar e que não vou assinar nenhum contrato para livro ou para filme, eu juro.

Sam acendeu outro cigarro e olhou para alguma coisa no balcão. Passou o polegar direito de leve na têmpora, com o cigarro a poucos milímetros do cabelo. Por um longo tempo, o único som era o gorgolejo do ar-condicionado na janela. Sam fumava e meditava. Adam rabiscava no bloco de anotações, orgulhoso porque seus pés estavam imóveis e seu estômago não doía mais. O silêncio era embaraçoso e ele tinha certeza de que Sam podia ficar em completo silêncio sentado, fumando e pensando durante dias.

— Você ouviu falar de Barron? — Sam perguntou em voz baixa.

— Barroni?

— Sim, Barroni. Saiu a semana passada da Nona Circunscrição Judiciária. Um caso da Califórnia.

Adam procurou na memória algum traço de Barroni.

— Talvez eu tenha visto.

— Talvez tenha visto? Você tem experiência, tem lido bastante *etc.* e talvez tenha visto Barroni? Que espécie de advogado semi cretino você é?

— Não sou um advogado semicretino.

— Certo, certo. Que tal Texas contra Eekes? Sem dúvida leu sobre esse?

— Quando apareceu?

— Há seis semanas.

— Que corte?

— Quinta Circunscrição.

— Oitava Emenda?

— Não seja burro — resmungou Sam, realmente aborrecido. — Acha que passo o tempo lendo processos contra a liberdade de expressão? Este é o meu traseiro nesta cadeira, garoto, estes são os meus pulsos e meus tornozelos que vão ser amarrados. Este é o meu nariz que vai receber o veneno.

— Não. Não me lembro de Eekes.

— O que você lê?

— Todos os casos importantes.

— Já leu Barefoot?

— É claro.

— Fale-me sobre Barefoot.

— O que é isto? Um exame oral?

— Isto é o que eu quiser que seja. De onde era Barefoot?

— Não me lembro. Mas o nome completo era Barefoot contra Estelle, um caso que criou precedente, em 1983, no qual a Suprema Corte determinou que os prisioneiros do corredor da morte não podem

negar informações válidas na apelação para serem usadas mais tarde. Mais ou menos isso.

— Ora, ora, você leu mesmo. Nunca estranhou o fato de a mesma corte mudar de opinião quando bem entende? Pense um pouco. Durante dois séculos a Suprema Corte dos Estados Unidos permitiu a execução legal. Afirmava que era constitucional, Perfeitamente coberta pela Oitava Emenda. Então, em 1972, a Suprema Corte dos Estados Unidos leu a mesma e inalterada Constituição e declarou ilegal a pena de morte. Então, em 1976, a Suprema Corte dos Estados Unidos resolveu que, afinal, a execução era constitucional. O mesmo bando de urubus, com os mesmos mantos negros no mesmo prédio, em Washington, a Suprema Corte está mudando as regras outra vez, com a mesma Constituição. Os garotos de Reagan estão cansados de ler tantos recursos, assim resolveram declarar fechadas certas vias de acesso. Para mim isso parece estranho.

— Parece estranho a muita gente.

— E que tal Dulaney? — perguntou Sam, dando uma longa tragada no cigarro. A sala era pouco ventilada e uma nuvem estava se formando acima das suas cabeças.

— De onde é?

— Louisiana. Certamente você leu.

— Tenho certeza que sim. Na verdade, eu provavelmente já li mais processos do que você, mas nem sempre me dou ao trabalho de memorizar, a não ser que pretenda usá-los.

— Usar onde?

— Em moções e recursos.

— Então, já trabalhou com casos de pena de morte antes. Quantos?

— Este é o primeiro.

— Por que será que isso não me reconforta? Aqueles advogados judeu americanos da Kravitz & Bane o mandaram aqui para ganhar um pouco mais de experiência, certo? Um pouco mais de treinamento para engrossar seu currículo.

— Eu já disse — eles não me mandaram.

— E Garner Goodman? Ainda está vivo?

— Está. Tem a sua idade.

— Então não tem muito tempo, certo? E Tyner?

— O dr. Tyner vai bem. Eu digo que perguntou por ele.

— Por favor, diga. Diga que sinto muita falta dele, aliás, dos dois. Que diabo, precisei de quase dois anos para despedi-los.

— Eles trabalharam como loucos por você.

— Pois então diga para me mandarem a conta. — Sam riu. Seu primeiro sorriso na entrevista. Metodicamente apagou o cigarro no cinzeiro e acendeu outro. — O fato, dr. Hall, é que eu odeio advogados.

— É o modo de vida americano.

— Os advogados me perseguiram, me indiciaram, me acusaram, me atormentaram, depois me mandaram para cá. Desde que cheguei aqui, eles têm me caçado, me atormentado mais um pouco, mentido para mim e agora estão de volta representados por um novato fanático sem a menor pista de como encontrar o maldito tribunal.

— Pode ter uma surpresa.

— Aposto que sim, uma bela surpresa, filho, se você souber distinguir seu traseiro de um buraco no chão. Será o primeiro palhaço da Kravitz & Bane a possuir essa informação.

— Eles o mantiveram fora da câmara de gás durante sete anos.

— E devo ser grato por isso? Há quinze residentes do corredor da morte mais antigos do que eu. Por que tenho de ser o seguinte? Estou aqui há nove anos e meio. Treemont está há quatorze. É claro, ele é um afro-americano e isso sempre ajuda. Eles têm mais direitos, você sabe. É muito mais difícil executar um deles porque, seja o que for que tenham feito, foi culpa de outra pessoa qualquer.

— Isso não é verdade.

— Como diabo você sabe o que é verdade? Há um ano você estava ainda na faculdade, ainda usando jeans desbotados o dia inteiro, ainda bebendo cerveja nas *happy hours* com seus amigos idealistas. Você não viveu, filho. Não me diga o que é verdade.

— Então, é a favor de execuções sumárias para afro-americanos?

— Francamente, não é má ideia. Na verdade, a maior parte desses bandidos merecem a câmara de gás.

— Tenho certeza de que essa opinião é minoria no corredor da morte.

— Sim, pode dizer que sim.

— E você, é claro, é diferente e seu lugar não é aqui.

— Isso mesmo, meu lugar não é aqui. Eu sou um prisioneiro político, mandado para cá por um egomaníaco que me usou para seus fins políticos.

— Podemos falar sobre sua culpa ou sua inocência?

— Não. Mas não fiz o que o juiz disse que eu fiz.

— Então, teve um cúmplice. Foi outra pessoa quem armou a bomba?

Sam passou o dedo médio na linha profunda da testa, como para lembrar alguma coisa. Mas não era isso. De repente, mergulhou num transe profundo e longo. A sala de conferências era muito mais fresca do que sua cela. A conversa era vazia, mas pelo menos era uma conversa com alguém que não um guarda ou o prisioneiro invisível da cela ao lado. Não ia se apressar, faria a visita durar o maior tempo possível.

Adam estudou suas anotações pensando no que iria dizer. Estavam

conversando há vinte minutos, na verdade medindo as forças, sem direção definida. Ele estava resolvido a falar da história da sua família antes de ir embora. Só não sabia como começar.

Os minutos se passaram. Um não olhava para o outro. Sam acendeu outro Montclair.

— Por que você fuma tanto? — Adam perguntou, finalmente.

— Prefiro morrer de câncer do pulmão. É um desejo comum no corredor da morte.

— Quantos maços por dia?

— Três ou quatro.

Passou outro minuto. Sam terminou o cigarro e perguntou, bondosamente.

— Onde você estudou?

— Faculdade de Direito, em Michigan. Antes, em Pepperdine.

— Onde é isso?

— Califórnia.

— Foi lá que você cresceu?

— Foi.

— Quantos estados têm pena de morte?

— Trinta e oito. A maioria não aplica. Parece que é popular só no Centro Sul, Texas, Flórida e Califórnia.

— Deve saber que a nossa honrada legislatura mudou a lei aqui. Agora podemos morrer com uma injeção letal. É mais humano. Não é simpático? Mas não se aplica ao meu caso, uma vez que fui condenado há muitos anos. You ganhar uma baforada de gás.

— Talvez não.

— Você tem vinte e seis anos?

— Isso mesmo.

— Nasceu em 1964.

— Certo.

Sam tirou outro cigarro do maço e bateu o filtro no balcão.

— Onde?

— Memphis — respondeu Adam, sem olhar para ele.

— Você não compreende, filho. O estado precisa de uma execução e acontece que sou a vítima mais próxima. Louisiana, Texas e Flórida estão matando condenados como moscas e o povo cumpridor da lei deste estado não pode entender por que nossa câmara de gás não está sendo usada. Quanto mais violentos são os crimes, mais o povo pede uma execução. Sentem-se melhor, sabendo que o estado está trabalhando duro para eliminar os assassinos. Os políticos prometem abertamente nas suas campanhas construir mais prisões e criar sentenças mais severas e determinar mais execuções. Por isso aqueles palhaços em Jackson votaram pela injeção letal. Supostamente é mais humana, menos censurável, portanto mais fácil de ser implementada.

Está me acompanhando?

Adam balançou a cabeça de leve num gesto afirmativo.

— Está na hora de uma execução e meu número está no topo da lista. Por isso estão fazendo essa força dos diabos. Você não pode impedi-los.

— Mas certamente podemos tentar. Eu quero a oportunidade.

Sam acendeu o cigarro. Inalou profundamente, depois soltou a fumaça por uma pequena abertura entre os lábios. Inclinou-se para a frente, apoiado nos cotovelos e olhou pela abertura na tela.

— De que parte da Califórnia você é?

— Sul de Los Angeles. — Adam olhou para os olhos penetrantes, depois para o lado.

— Sua família ainda mora lá?

Uma dor aguda se espalhou no peito de Adam e por um segundo seu coração parou. Sam deu uma tragada no cigarro, sem piscar.

— Meu pai está morto — disse Adam com voz trêmula e afundou alguns centímetros na cadeira.

Passou um longo minuto, Sam sentado na beirada da cadeira. Finalmente ele disse:

— E sua mãe?

— Mora em Portland. Casou outra vez.

— Onde está sua irmã? — Sam perguntou.

Adam fechou os olhos e abaixou a cabeça.

— Está na universidade — murmurou.

— Se não me engano, o nome dela é Carmen, não é? — Sam perguntou suavemente.

Adam fez que sim com a cabeça.

— Como você sabe? — perguntou com os dentes cerrados.

Sam afastou-se da tela e recostou na cadeira de metal. Jogou o cigarro no chão sem olhar para ele.

— Por que você veio aqui? — perguntou, com voz firme e áspera.

— Eddie me mandou.

Seus olhos se encontraram brevemente e Sam desviou os dele. Inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos, olhando fixamente para o chão. Ficou completamente imóvel.

Então cobriu os olhos com a mão direita.

DEZ

Phillip Naifeh tinha sessenta e três anos e faltavam dezenove meses para se aposentar. Dezenove meses e quatro dias. Era superintendente do Departamento Estadual de Correção há vinte e sete anos e desse modo sobreviveu a seis governadores, um exército de legisladores e milhares de processos de prisioneiros, inúmeras intervenções das cortes federais e mais execuções do que queria lembrar.

O diretor, como ele preferia ser chamado (embora o título não existisse oficialmente na terminologia do Código do Mississippi), era puro libanês cujos pais haviam emigrado nos anos 20 e se instalado no Delta. Prosperaram com um pequeno armazém em Clarksdale, onde sua mãe ficou famosa por causa das sobremesas libanesas feitas em casa. Ele estudou em escolas públicas, saiu de casa para a universidade, voltou para o estado e, por motivos há muito esquecidos, se envolveu com a justiça criminal.

Naifeh detestava a pena de morte. Compreendia o desejo da sociedade de um castigo máximo e há muito tempo sabia de cor todas as razões estereis para essa necessidade. Era um freio ao crime. Acabava com os assassinos. Era a pena máxima. Era bíblica. Satisfazia a necessidade que o povo tinha de vingança. Aliviava a angústia dos familiares da vítima. Quando pressionado, ele podia tornar esses argumentos tão persuasivos quanto qualquer promotor. Na verdade acreditava em um ou dois deles.

Porém, o ônus de matar era seu e ele desprezava esse aspecto horrível do seu trabalho. Era Phillip Naifeh quem acompanhava o condenado da cela até a Sala de Isolamento, como era chamada, para sofrer a última hora antes da morte. Era Phillip Naifeh quem o levava para a Câmara ao lado e supervisionava as correias que prendiam as pernas, os braços e a cabeça. “Quer dizer suas últimas palavras? ”, ele havia perguntado vinte e duas vezes, nos últimos vinte e sete anos. Competia a ele dar ordem aos guardas para fechar e trancar a porta da câmara e competia a ele fazer o sinal para o executor puxar as alavancas para misturar o gás mortal. Phillip Naifeh havia observado os rostos dos dois primeiros condenados, depois resolveu que era melhor observar os rostos das testemunhas na pequena sala atrás da câmara. Era ele quem escolhia as testemunhas. Ele tinha de cumprir uma série de medidas relacionadas no manual de como matar legalmente os prisioneiros do corredor da morte, incluindo a declaração de que a vítima estava morta, a remoção do corpo da câmara, a vaporização para retirar o gás das roupas e assim por diante.

Certa vez ele prestou depoimento perante um comitê legislativo de

Jackson e deu sua opinião sobre a pena de morte. Tinha uma ideia melhor, disse ele para ouvidos surdos. Seu plano era manter os condenados na Unidade de Segurança Máxima, em confinamento total, onde eles não poderiam matar, de onde não poderiam sair e onde nunca seriam beneficiados pela condicional. Morreriam no corredor da morte, mas não pelas mãos do estado.

Esse depoimento foi manchete e quase o fez perder o emprego.

Dezenove meses e quatro dias, pensou ele, passando os dedos pelo farto cabelo grisalho, enquanto lia o último parecer da Quinta Circunscrição. Lucas Mann esperava, sentado, do outro lado da mesa.

— Quatro semanas — disse Naifeh, pondo o papel de lado. — Quantos recursos restam ainda? — perguntou, com a pronúncia um pouco arrastada do sul.

— Os de sempre, as últimas tentativas — disse Mann.

— Quando isto chegou?

— Esta manhã. Sam vai apelar para a Suprema Corte, onde provavelmente será ignorado. Isso pode levar uma ou duas semanas.

— Qual a sua opinião, conselheiro?

— Todos os pontos meritórios foram apresentados. Eu diria que há uma chance de cinquenta por cento de a execução ocorrer dentro de quatro semanas.

— É muito.

— Algo me diz que esta vai acontecer.

No giro interminável da roleta da pena de morte, a chance de cinquenta por cento era quase uma certeza. O processo tinha de começar. O manual devia ser consultado. Depois de anos de intermináveis apelações e adiamentos, as quatro últimas semanas passariam num piscar de olhos.

— Você falou com Sam? — perguntou o diretor.

— Rapidamente. Levei a ele uma cópia do parecer esta manhã.

— Garner Goodman me telefonou ontem e disse que iam mandar um dos seus jovens contratados para falar com Sam. Você se encarregou disso?

— Falei com Garner e falei com o advogado. O nome dele é Adam Hall e está conversando com Sam neste momento. Deve ser interessante. Sam é avô dele.

— O quê?

— É isso mesmo. Sam Cayhall é avô paterno de Adam Hall. Ontem estávamos fazendo a investigação de rotina sobre Adam Hall e notamos alguns pontos obscuros. Telefonei para o FBI em Jackson e duas horas depois eles conseguiram uma porção de provas circunstanciais. Eu o interroguei esta manhã e ele confessou. Não acho que está tentando esconder.

— Mas tem outro nome.

— É uma longa história. Eles não se veem desde que Adam era pequeno. O pai, dele saiu do estado quando Sam foi preso pelo atentado. Foi para o oeste, mudou de nome, andou de um lado para o outro, ora empregado, ora desempregado, ao que parece um verdadeiro perdedor. Cometeu suicídio em 1981. Seja como for, Adam vai para o segundo grau e tem ótimo aproveitamento. Entra na faculdade de direito de Michigan, uma escola privilegiada, e torna-se editor da revista de direito. Aceita emprego com os nossos amigos da Kravitz & Bane e aparece esta manhã para uma visita ao avô.

Naifeh passou as duas mãos no cabelo e balançou a cabeça.

— Que maravilha. Como se precisássemos de mais publicidade, de mais repórteres idiotas fazendo mais perguntas cretinas.

— Estão conversando agora. Eu suponho que Sam vai aceitar a defesa do garoto. Pelo menos eu espero que aceite. Nunca executamos um prisioneiro sem um advogado.

— Devíamos executar alguns advogados em lugar dos prisioneiros — disse Naifeh, com um sorriso forçado. Seu ódio por advogados era lendário e Lucas não se importava. Ele compreendia. Ele calculava que Phillip Naifeh já fora citado como réu de mais processos legais do que qualquer outra pessoa na história do estado. Conquistou assim o direito de odiar advogados.

— Eu me aposento em dezenove meses — disse ele, como se Lucas não soubesse. — Quem vem depois de Sam?

Lucas pensou por um minuto, tentando catalogar as volumosas apelações de quarenta e sete condenados.

— Na verdade ninguém. O Homem da Pizza esteve perto há quatro meses, mas conseguiu o adiamento. Provavelmente vai expirar em um ou dois anos, mas há outros problemas com seu caso. Não acredito que haja outra execução nos próximos dois anos.

— O Homem da Pizza? Quem é?

— Malcolm Friar. Matou três entregadores de pizza numa semana. No julgamento ele afirmou que o motivo não foi roubo, disse que estava com fome.

Naifeh ergueu as duas mãos e balançou afirmativamente a cabeça.

— Está bem, está bem, eu me lembro. É ele que vem depois de Sam?

— Provavelmente. É difícil dizer.

— Eu sei. — Naifeh levantou-se e foi até a janela. Seus sapatos ficaram debaixo da mesa. Pôs as mãos nos bolsos, firmou os dedos dos pés no tapete e mergulhou em pensamentos por algum tempo. Depois da sua última execução, Naifeh havia passado uma semana numa cama de hospital para examinar suas “palpitações” no coração, como o médico preferiu chamar. Desde então havia prometido à sua mulher que nunca mais sofreria com uma execução. Se ele pudesse sobreviver

à de Sam, então sim, conseguiria a aposentadoria integral.

Voltou-se e olhou para o amigo Lucas Mann.

— Não vou fazer esta, Lucas. Vou passar a tarefa para outra pessoa, um dos meus subordinados, um homem jovem, um bom homem, digno de confiança, um homem que nunca tenha visto um desses espetáculos, um homem ávido para ter sangue nas mãos.

— Nugent, não.

— Esse mesmo. O coronel reformado George Nugent, meu assistente de confiança.

— Ele é doido.

— Sim, mas é o nosso doido, Lucas. É fanático por detalhes, disciplina, organização, que diabo, é a escolha perfeita. Vou dar a ele o manual, dizer o que quero e ele vai fazer um trabalho maravilhoso para matar Sam Cayhall. Será perfeito.

George Nugent era assistente do superintendente da Parchman. Ficou famoso na direção da penitenciária por haver criado um campo de treinamento militar de grande sucesso para os criminosos primários. Era uma experiência penosa e brutal de seis semanas, durante as quais Nugent pavoneava-se e gingava com suas botas negras, praguejando como um sargento instrutor e ameaçando a menor infração com uma curra organizada. Os criminosos primários raramente voltavam para a Parchman.

— Nugent é louco, Phillip. A possibilidade dele ferir alguém é só uma questão de tempo.

— Certo! Agora você está compreendendo. Vamos deixar que ele machuque Sam, exatamente do modo que deve ser feito. De acordo com as regras. Deus sabe o quanto Nugent gosta de seguir um livro de regras. Ele é a escolha perfeita, Lucas. Vai ser uma execução impecável.

Na verdade, isso pouco importava a Lucas Mann. Ele deu de ombros e disse:

— Você é quem manda.

— Obrigado — disse Naifeh. — Você vigia Nugent, certo? Eu vigio deste lado e você se encarrega da parte legal. Nós vamos conseguir.

— Esta vai ser a maior — disse Lucas.

— Eu sei. Preciso me poupar. Estou velho.

Lucas apanhou sua pasta da mesa e foi para a porta.

— Eu telefono quando o garoto for embora. Ele deve falar comigo antes de ir.

— Eu gostaria de conhecê-lo — disse Naifeh.

— É um bom menino.

— Uma família e tanto, hein?

O BOM MENINO e seu avô condenado acabavam de passar quinze minutos em silêncio, ouvindo apenas o zumbido estertorante do

aparelho de ar-condicionado. Em certo momento, Adam foi até a janela e balançou a mão na frente das saídas de ar empoeiradas. Havia uma sugestão de ar frio. Ele encostou no balcão com os braços cruzados e olhou para a porta, o mais longe possível de Sam. Estavam assim quando a porta se abriu e o sargento Packer apareceu. Só para verificar se tudo estava bem, disse ele, olhando primeiro para Adam, depois passando os olhos pela sala e então para o outro lado da tela, para Sam que estava inclinado para a frente na cadeira, cobrindo o rosto com a mão.

— Estamos bem — disse Adam, sem convicção.

— Perfeito, perfeito — disse Packer, saindo apressadamente e fechando a porta. A tranca automática estalou e Adam voltou lentamente para a cadeira. Aproximou-a mais da tela e apoiou os cotovelos no balcão. Sam o ignorou por um ou dois minutos, depois enxugou os olhos com a manga e endireitou o corpo. Entreolharam-se.

— Precisamos conversar — disse Adam, em voz baixa.

Sam fez um gesto afirmativo, mas não disse nada. Enxugou os olhos outra vez, agora com a outra manga. Tirou um cigarro do maço e o levou aos lábios. Sua mão tremeu quando acendeu o isqueiro. Deu uma tragada rapidamente.

— Então você é na verdade Alan — disse ele, com voz baixa e rouca.

— Fui durante um tempo, eu acho. Só fiquei sabendo depois da morte do meu pai.

— Você nasceu em 1964.

— Correto.

— Meu primeiro neto.

Adam fez que sim com a cabeça e olhou para o lado.

— Você desapareceu em 1967.

— Mais ou menos isso. Não me lembro, sabe. Minhas primeiras lembranças são da Califórnia.

— Ouvi dizer que Eddie tinha ido para a Califórnia e que tinha outro filho. Mais tarde alguém me disse que era uma menina chamada Carmen. Durante todos esses anos, eu ouvia às vezes uma coisa ou outra, sabia que vocês estavam em algum lugar do sul da Califórnia, mas ele soube desaparecer muito bem.

— Nós nos mudávamos constantemente quando eu era pequeno. Acho que ele não conseguia ficar por muito tempo num emprego.

— Você não sabia a meu respeito?

— Não. A família nunca era mencionada. Só descobri depois do enterro do meu pai.

— Quem contou?

— Lee.

Sam fechou os olhos por um momento, depois deu outra tragada

no cigarro.

— Como vai ela?

— Bem, eu acho.

— Por que você foi trabalhar para a Kravitz & Bane?

— É uma boa firma.

— Sabia que eles eram meus advogados?

— Sabia.

— Então você planejou tudo isto?

— Durante uns cinco anos.

— Mas por quê?

— Eu não sei.

— Deve ter um motivo.

— O motivo é óbvio. Você é meu avô, certo? Goste ou não, você é quem é e eu sou quem sou. E agora estou aqui, portanto, o que vamos fazer a respeito?

— Eu acho que você deve ir embora.

— Não vou embora, Sam. Durante muito tempo estive me preparando para isto.

— Preparando para o quê?

— Você precisa de representação legal. Precisa de ajuda. Por isso estou aqui.

— Estou além de qualquer ajuda. Eles estão resolvidos a me mandar para a câmara de gás, por diversas razões. Você não precisa se envolver nisso.

— Por que não?

— Bem, para começar, é inútil. Você vai se machucar, se arrebentar e não vai conseguir nada. Segundo, vai revelar sua verdadeira identidade. Será muito embaraçoso. Sua vida vai ser muito melhor se continuar a ser Adam Hall.

— Eu sou Adam Hall e não pretendo mudar isso. Sou também seu neto e não podemos mudar isso, podemos? Então, qual é o problema?

— Vai ser constrangedor para sua família. Eddie trabalhou muito bem protegendo vocês. Não estrague tudo.

— Meu disfarce já foi descoberto. Minha firma sabe. Eu contei para Lucas Mann e...

— Aquele cretino vai contar para todo o mundo. Não confie nele nem por um minuto.

— Escute, Sam, você não está compreendendo. Não me importa que ele conte. Não me importa que o mundo saiba que sou seu neto. Estou farto desses imundos segredinhos de família. Já estou crescendo e posso pensar por mim. Além disso, sou advogado e estou ficando com a pele calejada. Posso lidar com isso.

Sam relaxou um pouco na cadeira e olhou para o chão com um pequeno sorriso zombeteiro e condescendente, o sorriso dos velhos

quando ouvem um garotinho falar como um adulto. Resmungou alguma coisa e balançou a cabeça devagar.

— Você não entende, garoto — disse outra vez, agora num tom calmo e paciente.

— Então explique — disse Adam.

— Levaria a vida toda.

— Temos quatro semanas. Pode falar um bocado em quatro semanas.

— Exatamente o que você quer ouvir?

Adam inclinou-se mais para a frente, apoiado nos cotovelos, caneta e bloco preparados. Seus olhos estavam quase encostados na abertura da tela.

— Primeiro, quero falar sobre o caso — recursos, estratégias, a bomba, quem estava com você naquela noite...

— Ninguém estava comigo naquela noite.

— Podemos falar sobre isso mais tarde.

— Estamos falando agora. Eu estava sozinho, está ouvindo?

— Tudo bem. Segundo, quero saber sobre minha família.

— Por quê?

— Por que não? Por que deixar enterrado? Quero saber sobre meu pai e o pai dele, e seus irmãos e primos. Posso não gostar dessa gente quando a história acabar, mas tenho o direito de saber. Durante toda a vida me privaram de qualquer informação e eu quero saber.

— Não tem nada de notável.

— Não mesmo? Tudo bem, Sam, eu acho muito notável você ter vindo parar no corredor da morte. É uma sociedade bastante exclusiva. Acrescente o fato de você ser branco, classe média, estar com quase setenta anos e fica mais notável ainda. Quero saber como e por que você veio parar aqui. O que o levou a fazer aquelas coisas? Quantos homens da Klan havia na minha família? E por quê? Quantas outras pessoas foram mortas ao longo do caminho?

— E você pensa que vou descarregar tudo isso assim sem mais nem menos?

— É, eu penso. Você vai acabar contando. Eu sou seu neto, Sam, o único parente vivo que ainda se importa com você. Você vai falar, Sam. Você vai falar comigo.

— Muito bem, já que vou falar tanto, sobre o que mais vamos falar?

— Eddie.

Sam respirou fundo e fechou os olhos.

— Você quase não quer nada, não é mesmo? — disse em voz baixa.

Adam rabiscou alguma coisa sem sentido no bloco.

Era o momento para o ritual de outro cigarro e Sam o realizou com

mais paciência e cuidado do que nunca. Outra baforada de fumaça azul subiu e juntou-se à nuvem acima das suas cabeças. Suas mãos estavam firmes agora.

— Quando terminarmos com Eddie, de quem vai querer que eu fale?

— Eu não sei. Essa conversa precisa nos manter ocupados por quatro semanas.

— Quando falamos de você?

— A qualquer hora. — Adam tirou alguns papéis da pasta de couro. Passou uma folha de papel e uma caneta pela abertura.

— Assine embaixo.

Sem tocar no papel, Sam o leu de longe.

— Então assino contrato outra vez com Kravitz & Bane.

— Mais ou menos isso.

— O que quer dizer com mais ou menos isso? Diz aqui que eu concordo em deixar que aqueles judeus me representem. Levei um tempo enorme para despedi-los e, que diabo, eu não estava nem pagando.

— O acordo é comigo, Sam, certo? Não precisa ver aqueles caras se não quiser.

— Eu não quero.

— Ótimo. Acontece que eu trabalho para a firma, por isso o acordo deve ser com a firma. É fácil.

— Ah, o otimismo da juventude. Tudo é fácil. Aqui estou eu a menos de cem passos da câmara de gás, o relógio tiquetaqueando na parede lá em cima, com o som cada vez mais alto, e tudo é fácil.

— Apenas assine a droga do papel, Sam.

— E depois?

— E depois vamos trabalhar. Legalmente, não posso fazer nada por você enquanto não tivermos o acordo. Você assina e começamos a trabalhar.

— E qual é a primeira tarefa que você quer fazer?

— Quero saber do atentado ao escritório de Kramer, bem devagar, passo a passo.

— Isso já foi feito milhares de vezes.

— Vamos fazer outra vez. Tenho um bloco de anotações muito grosso, cheio de perguntas.

— Todas já foram feitas.

— Isso mesmo, Sam, mas não foram respondidas, foram?

Sam pôs o cigarro entre os lábios.

— E não foram feitas por mim, foram?

— Você pensa que estou mentindo.

— Você está?

— Não.

- Mas não contou a história toda, certo?
- Que diferença faz, conselheiro? Você leu Bateman.
- Eu li. Eu decorei Bateman, e encontrei uma porção de pontos fracos.
- Advogado típico.
- Se houver novas evidências, então há algum meio de apresentá-las. Tudo que estamos fazendo, Sam, é tentando criar confusão suficiente para que algum juiz, em algum lugar, resolva pensar uma segunda vez no caso. E uma terceira. Então ele concede um adiamento para descobrir mais alguma coisa.
- Eu sei como o jogo é feito, filho.
- Adam, está bem? É Adam.
- Certo e me chame de avô. Suponho que pretende apelar para o governador.
- Sim.

Sam se aproximou mais da tela. Com o indicador da mão direita apontou para o centro do nariz de Adam. Com expressão severa e os olhos entrecerrados, disse:

— Escute bem, Adam — rosnou, balançando o dedo em riste. — Se eu assinar este papel, você nunca vai falar com aquele salafrário. Nunca. Entendeu?

Adam olhou para o dedo, mas não disse nada.

Sam resolveu continuar.

— Ele é um canalha filho da mãe. Ele é vil, desonesto, completamente corrupto e Perfeitamente capaz de mascarar tudo isso com um belo sorriso e um perfeito corte de cabelo. Se entrar em contato com ele, seja como for, então está acabado como meu advogado.

— Então eu sou seu advogado.

Sam abaixou o dedo e relaxou um pouco.

— Oh, talvez eu lhe dê uma oportunidade. Talvez eu o deixe treinar um pouco comigo. Quer saber, Adam, a sua profissão é mesmo uma droga. Se eu fosse um homem livre, tentando ganhar a vida, tratando dos meus negócios, pagando meus impostos, obedecendo a lei e coisas assim, não encontraria um advogado disposto a perder tempo para cuspir em mim, a não ser que eu tivesse dinheiro. Mas aqui estou, réu convicto, condenado à morte, sem um centavo no meu nome, e advogados do país inteiro querem me representar. Grandes advogados, ricos, com nomes compridos precedidos por iniciais e acompanhados por números, advogados famosos com seus próprios programas na televisão. Pode explicar isso?

— É claro que não. Nem me interessa.

— Você se meteu numa profissão doentia.

— A maioria dos advogados é honesta e trabalhadora.

— Claro. E a maioria dos meus companheiros no corredor da morte seria de ministros e missionários se não tivessem sido condenados erroneamente.

— O governador pode ser nossa última chance.

— Então, é melhor me matarem agora. Aquele cretino metido a besta provavelmente quer assistir a minha execução, depois dará uma entrevista coletiva, repetindo cada detalhe para o mundo todo. Ele é um verme nojento que chegou até onde está por minha causa. E se puder me explorar um pouco mais, vai explorar. Fique longe dele.

— Podemos falar nisso mais tarde.

— Estamos falando agora, eu acredito. Quero a sua palavra antes de assinar este papel.

— Mais alguma condição?

— Sim. Quero que seja acrescentada uma coisa aqui, assim se eu resolver despedi-los outra vez, sua firma não vai brigar comigo. Isso vai ser fácil.

— Deixe-me ver.

O acordo foi passado pela abertura outra vez e Adam acrescentou um parágrafo. Devolveu para Sam, que leu devagar e pôs o papel no balcão.

— Você não assinou — Adam disse.

— Ainda estou pensando.

— Posso fazer algumas perguntas enquanto você pensa?

— Pode.

— Onde aprendeu a lidar com explosivos?

— Aqui e ali.

— Houve pelo menos cinco atentados à bomba antes do Kramer, todos com o mesmo tipo de explosivo, tudo muito elementar — dinamite, detonadores, pavios. A do caso Kramer naturalmente era diferente porque foi usado um detonador com relógio. Quem o ensinou a fazer bombas?

— Alguma vez já acendeu um rojão?

— Claro.

— O mesmo princípio. Um fósforo no pavio, correr como louco e buuum.

— A bomba-relógio é um pouco mais complicada. Quem o ensinou a armar uma?

— Minha mãe. Quando pretende voltar?

— Amanhã.

— Ótimo. Então vamos fazer uma coisa. Preciso de algum tempo para pensar. Não quero falar neste momento e certamente não quero responder a um monte de perguntas. Deixe-me estudar este documento, fazer algumas alterações e nos vemos outra vez amanhã.

— Isso é perder tempo.

— Eu perdi quase dez anos aqui. O que é mais um dia?

— Eles podem não permitir que eu volte se não o representar oficialmente. Esta visita é um favor.

— Um bando de grandes homens, não são? Diga que você é meu advogado para as próximas vinte e quatro horas, que o deixarão entrar.

— Temos muito chão para andar, Sam. Eu gostaria de começar.

— Preciso pensar, está bem? Quando você passa mais de nove anos sozinho numa cela, fica muito bom nesse negócio de pensar e analisar. Mas não pode fazer isso depressa, entende? Você leva mais tempo para separar as coisas e arrumar na ordem certa. Neste momento, minha cabeça está girando, por assim dizer. Você me acertou com força.

— Tudo bem.

— Estarei melhor amanhã. Então, poderemos conversar, eu prometo.

— Certo. — Adam pôs a tampa na caneta e a guardou no bolso. Guardou os papéis na pasta e relaxou na cadeira.

— Eu vou ficar em Memphis. Vou trabalhar aqui mesmo. O número está no cartão. Telefone quando quiser.

— O que acontece quando tudo isto terminar?

— Não sei. Talvez eu volte para Chicago.

— Você é casado?

— Não.

— E Carmen?

— Não.

— Como ela é?

Adam cruzou as mãos na nuca e examinou a névoa fina no ar.

— Ela é muito inteligente. Muito bonita. Parece muito com a mãe.

— Evelyn era uma mulher bonita.

— Ainda é.

— Eu sempre achei que Eddie teve sorte. Mas não gostava da família dela.

E ela certamente não gostava da família de Eddie, pensou Adam. Sam abaixou a cabeça, quase encostando-a no peito. Esfregou os olhos e apertou a parte superior do nariz.

— Este negócio de família vai dar algum trabalho, não vai? — perguntou, sem erguer os olhos.

— Vai.

— Talvez eu não possa falar sobre certas coisas.

— Vai falar sim. Você me deve, Sam. E deve a você mesmo.

— Você não sabe do que está falando e não vai querer saber tudo.

— Experimente. Estou farto de segredos.

— Por que quer tanto saber?

— Para tentar dar algum sentido em tudo isso.

— Vai ser perda de tempo.

— Eu tenho de decidir isso, certo?

Sam pôs as mãos nos joelhos e levantou lentamente. Respirou fundo e olhou para Adam através da tela.

— Eu gostaria de ir agora.

Seus olhos se encontraram através das pequenas aberturas da divisória.

— Certo — disse Adam. — Quer que eu traga alguma coisa?

— Não. Apenas volte.

— Eu prometo.

ONZE

PACKER FECHOU A PORTA, trancou e juntos saíram da sombra da sala de conferência para a luz ofuscante do sol do meio-dia. Adam fechou os olhos e parou por um segundo, procurando desesperadamente nos bolsos os óculos escuros. Packer esperou com paciência, seus olhos sensatamente protegidos por uma imitação de Ray-Ban, o rosto na sombra do boné de funcionário da Parchman. O ar sufocante era quase visível. Quando finalmente Adam encontrou os óculos, estava com o rosto e os braços cobertos de suor. Entre cerrou os olhos, franzindo o rosto e quando finalmente conseguiu enxergar, acompanhou Packer na passagem de tijolo e de grama queimada na frente da unidade.

— Sam está bem? — perguntou Packer, com as mãos nos bolsos e aparentemente sem pressa.

— Acho que sim.

— Você está com fome?

— Não — disse Adam, consultando o relógio. Era quase uma hora. Não tinha certeza se Packer estava oferecendo comida da prisão ou outra coisa qualquer, mas preferia não arriscar.

— É pena. Hoje é quarta-feira, dia de nabiça e pão de milho. Muito bom.

— Obrigado.

Adam sabia que em algum lugar, nas profundezas dos seus genes, ele devia adorar nabiça e pão de milho. O cardápio do dia devia dar água na boca e animar seu estômago. Mas ele se considerava um californiano e ao que sabia nunca tinha visto nabiça.

— Talvez na próxima semana — disse ele, mal acreditando que estavam lhe oferecendo almoço no Corredor.

Chegaram no primeiro portão. Quando foi aberto, Packer, sem tirar as mãos dos bolsos, disse:

— Quando vai voltar?

— Amanhã.

— Tao cedo?

— É. Vão me ver por aqui durante algum tempo.

— Bem, foi um prazer conhecê-lo — disse com um largo sorriso e foi embora.

Quando Adam se dirigiu para o segundo portão o balde vermelho começou a descer. Parou a um metro do solo e ele remexeu nos molhos de chaves até encontrar o seu. Não olhou para cima, para a guarda.

Um furgão branco com siglas oficiais nas portas estava parado ao lado do seu carro. O vidro no lado do motorista foi baixado e Lucas

Mann pôs a cabeça para fora.

— Está com pressa?

Adam consultou o relógio outra vez.

— Não muita.

— Ótimo. Entre. Preciso falar com você. Vamos dar um passeio rápido por aqui.

Adam não queria um passeio rápido pela prisão, mas de qualquer modo pretendia passar pelo escritório de Mann. Abriu a porta do passageiro e jogou o paletó e a pasta no banco de trás. Por sorte o ar-condicionado estava ligado a toda. - Lucas, sem sentir calor e ainda impecavelmente engomado, não combinava com o pequeno furgão. Ele se afastou da USM dirigindo-se para a entrada principal.

— Como foi? — perguntou.

Adam tentou lembrar a exata descrição feita por Sam de Lucas Mann. Alguma coisa a respeito de não confiar nele.

— Bem, eu acho — respondeu, cautelosamente vago.

— Vai representá-lo?

— Acho que sim. Ele quer pensar no assunto esta noite. E quer me ver amanhã.

— Não tem problema, mas amanhã ele tem de assinar o acordo. Precisamos de uma autorização dele por escrito.

— Eu consigo amanhã. Onde estamos indo?

Viraram para a esquerda e começaram a se afastar da prisão. Passaram pela última casa com árvores de sombra e canteiros de flores e atravessavam agora campos de algodão e feijão que pareciam ir até o infinito.

— Nenhum lugar em particular. Só achei que você gostaria de conhecer um pouco a nossa fazenda. Precisamos conversar sobre certas coisas.

— Estou ouvindo.

— A decisão da Quinta Circunscrição chegou no meio da manhã e já havíamos recebido pelo menos três telefonemas de repórteres. Eles farejam sangue, é claro, e querem saber se este é o fim de Sam. Conheço alguns deles, já tratei com eles em outras execuções. Alguns são boa gente, a maioria é de cretinos inoportunos. Mas, seja como for, todos estão perguntando sobre Sam e se ele tem ou não advogado. Se ele vai encarregar-se da própria defesa até o fim. Você sabe, essa baboseira toda.

Num campo à direita Adam viu um grupo de prisioneiros com calças brancas e sem camisa. Trabalhavam na plantação e suavam profusamente, com as costas e o peito cobertos de suor, brilhando sob o sol escaldante. Um guarda a cavalo e com um rifle os vigiava.

— O que eles estão fazendo? — Adam perguntou.

— Cortando algodão.

— São obrigados?

— Não. Todos voluntários. É isso ou ficar sentado na cela o dia todo.

— Estão vestidos de branco. A roupa de Sam é vermelha. Vi um grupo na estrada com roupa azul.

— Faz parte do sistema de classificação. Branco são os caras de baixa periculosidade.

— Quais são seus crimes?

— Tudo. Drogas, assassinato, criminosos reincidentes, tudo. Mas desde que estão aqui têm se comportado, por isso vestem branco e podem trabalhar.

O furgão chegou a um cruzamento e as cercas e o arame farpado reapareceram. À esquerda ficava uma série de alojamentos modernos construídos em dois níveis, que se estendiam em todas as direções, partindo do prédio central. Se não fosse pelo arame farpado e as torres de guarda, a unidade passaria por um dormitório universitário mal projetado.

— O que é aquilo? — Adam perguntou, apontando.

— Unidade 30.

— Quantas unidades vocês têm?

— Não tenho certeza. Estamos sempre construindo e demolindo. Umas trinta.

— Parece nova.

— Oh, sim. Há quase vinte anos temos tido problemas com as cortes federais, por isso estamos sempre construindo. Não é segredo que o verdadeiro superintendente desta prisão tem sido um juiz federal.

— Os repórteres não podem esperar até amanhã? Preciso ver o que Sam pretende. Não gostaria de falar com eles agora e amanhã sair tudo errado.

— Acho que posso segurá-los por um dia. Mas não vão esperar muito mais.

Passaram pela última torre de guarda e a Unidade 30 desapareceu de vista. Só depois de percorrer uns três quilômetros, o brilho do arame farpado surgiu ao longe no campo.

— Esta manhã eu falei com o diretor, depois que você chegou — disse Lucas. — Ele disse que quer conhecê-lo. Vai gostar dele. Ele detesta execuções, sabe? Esperava se aposentar daqui a uns dois anos sem passar por outra, mas agora parece que não vai conseguir.

— Deixe-me adivinhar. Ele está apenas fazendo seu trabalho, certo?

— Nós todos aqui fazemos o nosso trabalho.

— Exatamente. Tenho a impressão de que todos querem bater nas minhas costas e falar comigo tristemente sobre o que está para

acontecer ao pobre velho Sam. Ninguém quer matá-lo, mas estão todos apenas fazendo seu trabalho.

— Tem muita gente que quer Sam morto.

— Quem?

— O governador e o procurador-geral. Tenho certeza de que já ouviu falar no governador, mas deve ter cuidado com o procurador-geral. Naturalmente ele quer ser governador algum dia. Por algum motivo, elegemos neste estado uma geração inteira de políticos jovens, extremamente ambiciosos que ao que parece nunca estão contentes.

— O nome dele é Roxburgh, não é?

— Isso mesmo. Ele adora as câmeras e eu espero que dê uma entrevista coletiva esta tarde. Se fizer o que sempre faz, vai reivindicar o crédito pela vitória da Quinta Circunscrição e prometer esforços diligentes para executar Sam dentro de quatro semanas. O escritório dele trata dessas coisas, você sabe. Não me surpreenderei se o próprio governador aparecer no noticiário da noite com um ou dois comentários. O que estou dizendo, Adam, é que vai haver uma enorme pressão de cima para garantir que não haja mais adiamentos. A morte de Sam significa um ganho político. Vão tirar vantagem até o fim.

Adam olhou para fora do carro. Numa quadra de cimento, entre dois prédios, viu um jogo animado de basquete, com pelo menos doze jogadores de cada lado. Todos negros. Ao lado da quadra, uma fileira de homens exercitava-se com halteres. Adam viu alguns brancos.

Lucas entrou em outra estrada.

— Há outra coisa — continuou ele. — A Louisiana os está matando a torto e a direito. O Texas já executou seis este ano. A Flórida, cinco. Nós não temos uma execução há dois anos. Estamos arrastando os pés, dizem alguns. Está na hora de mostrar a esses estados que somos tão interessados quanto eles em ter um bom governo. Na semana passada, em Jackson, um comitê legislativo organizou audiências sobre o assunto. Nossos líderes reclamaram indignados, de vários modos, a demora infundável no processo. Como era de se esperar, decidiram que a culpa é das cortes federais. É grande a pressão para executar alguém. E acontece que Sam é o primeiro da lista.

— Quem faz pressão contra ele?

— Na verdade, ninguém. Podemos passar dois anos sem chegar tão perto. Os abutres já estão voando em círculos.

— Por que está me dizendo isso?

— Eu não sou o inimigo, certo? Sou o advogado da prisão, não do estado do Mississippi. E você nunca esteve aqui antes. Pensei que ia querer saber essas coisas.

— Obrigado — disse Adam.

Embora não solicitada, a informação era sem dúvida útil.

— Ajudarei no que for possível.

Telhados apareceram no horizonte.

— Aquela é a frente da prisão? — perguntou Adam.

— Sim.

— Eu gostaria de ir agora.

O ESCRITÓRIO DE Kravitz & Bane em Memphis ocupava dois andares de um prédio chamado Brinkley Plaza, um edifício dos anos 20, na esquina das ruas Principal e Monroe, no centro da cidade. A rua Principal era também chamada Mid-America Mall. O trânsito foi fechado a automóveis e caminhões numa tentativa de revitalizar o centro da cidade e o asfalto foi substituído por ladrilhos, fontes e árvores decorativas. Só pedestres eram permitidos na Mall.

O prédio fora também revitalizado e reformado com muito gosto. O saguão principal era todo mármore e bronze. Os escritórios da K&B eram amplos e ricamente decorados com objetos antigos, painéis de carvalho cobrindo as paredes e tapetes persas no chão.

Adam foi conduzido por uma secretária jovem e atraente ao escritório de Baker Cooley, o sócio gerente. Eles se apresentaram, trocaram um aperto de mãos e admiraram a secretária quando ela saiu da sala, fechando a porta. Cooley a observou com avidez, e conteve a respiração até a porta se fechar por completo e o espetáculo terminar.

— Bem-vindo ao sul — disse ele, sentando na elegante cadeira giratória de couro cor de vinho.

— Obrigado. Suponho que falou com Garner Goodman.

— Ontem. Duas vezes. Ele me pôs a par da situação. Temos uma agradável sala de conferências no fim deste corredor com telefone, computador, bastante espaço. É sua pelo tempo que precisar.

Adam fez um gesto afirmativo e olhou em volta. Cooley tinha cinquenta e poucos anos, sua mesa e seu escritório eram organizados e limpos. Suas palavras e suas mãos eram rápidas e ele tinha o cabelo grisalho e as olheiras de um contador atarefado.

— Que tipo de trabalho fazem aqui? — perguntou Adam.

— Poucos litígios e, certamente, quase nenhum processo criminal — ele respondeu, rapidamente, como se criminosos jamais tivessem permissão para pisar com os pés sujos no carpete espesso e nos tapetes luxuosos do estabelecimento. Adam lembrou da descrição de Goodman da filial de Memphis — uma firma tipo butique, com doze bons advogados, cuja aquisição anos atrás pela Kravitz & Bane era ainda um mistério. Mas o endereço adicional fazia boa figura no papel timbrado da firma.

— A maior parte é direito comercial — continuou Cooley. — Representamos alguns bancos antigos, fazemos muito trabalho para unidades do governo.

Trabalho estimulante, pensou Adam.

— A firma tem cento e quarenta anos. É a mais antiga de Memphis.

Existe desde o tempo da Guerra Civil. Dividiu-se e sofreu mudanças algumas vezes, então fundiu-se com os rapazes de Chicago.

Cooley recitou essa crônica breve com certo orgulho, como se o pedigree tivesse alguma coisa com a prática do direito em 1990.

— Quantos advogados? — perguntou Adam, tentando preencher as lacunas de uma conversa que havia começado morna e não parecia ir a lugar algum.

— Doze. Onze estagiários. Nove funcionários de escritório. Dezesete secretárias. Uma equipe mista de apoio, de dez pessoas. É uma boa operação para esta parte do país. Nada parecido com Chicago, é claro.

Tem toda razão, pensou Adam.

— Estou ansioso para conhecer. Espero que não esteja atrapalhando.

— De modo nenhum. Mas acho que não vamos poder ajudá-lo muito. Somos especialistas em direito comercial típicos, você sabe, trabalhamos no escritório, muita papelada e tudo o mais. Há vinte anos eu não vejo um tribunal.

— Tudo bem. O dr. Goodman e os rapazes daqui vão me ajudar.

Cooley levantou-se rapidamente e esfregou as mãos, como se não soubesse o que mais fazer com elas.

— Bem, ah, Darlene será sua secretária. Ela está agora na sala das datilografas, mas eu a designei para atendê-lo. Ela vai lhe dar uma chave, explicar como funciona o estacionamento, a segurança, os telefones, as copiadoras, tudo. Tudo de última geração. Coisa muito boa. Se precisar de um estagiário, é só me avisar. Roubamos um de outro advogado, e...

— Não, não será necessário. Obrigado.

— Então, vamos ao seu escritório.

Adam acompanhou Cooley no corredor vazio e quieto, sorrindo, lembrando dos escritórios em Chicago, onde os corredores estavam sempre cheios de advogados afobados e secretárias apressadas. Os telefones tocavam incessantemente, copiadoras, faxes e interfones apitavam e zumbiam, criando uma atmosfera de galeria comercial. Era uma casa de loucos dez horas por dia. Só era possível um pouco de solidão nas alcovas das bibliotecas, ou talvez nos escritórios dos sócios, que ficavam nos cantos do prédio.

O escritório de Memphis era silencioso como uma casa funerária. Cooley abriu uma porta e acendeu a luz.

— Que tal? — perguntou, girando o braço num vasto círculo.

A sala era mais do que adequada, longa e estreita, com uma bela mesa polida no centro e cinco cadeiras de cada lado. Numa extremidade estava o escritório improvisado com telefone, computador e uma cadeira de executivo. Adam caminhou ao lado da

mesa, olhou para as estantes de livros cheias de livros de direito não usados. Espiou pela cortina.

— Bela vista — disse, olhando para a Mall, três andares abaixo, com pombos e transeuntes.

— Espero que seja adequado — disse Cooley.

— É muito bom. Vai servir muito bem. Vou tratar do meu trabalho sem perturbar o seu.

— Bobagem. Se precisar de alguma coisa, é só me telefonar. — Cooley aproximou-se lentamente de Adam. — Tem só uma coisa — disse ele, de repente muito sério.

Adam voltou-se para ele.

— O que é?

— Há umas duas horas recebi um telefonema de um repórter daqui de Memphis. Eu não o conheço, mas ele disse que há anos está acompanhando o caso de Cayhall. Queria saber se nossa firma estava ainda com o caso, você sabe. Eu sugeri que ele falasse com o escritório de Chicago. Nós, é claro, não temos nada a ver com o caso. — Tirou um papel do bolso da camisa e entregou para Adam. Tinha um nome e um número de telefone.

— Eu me encarrego disso — disse Adam.

Cooley deu outro passo para ele e cruzou os braços.

— Escute, Adam, não somos criminalistas, você sabe. Fazemos direito comercial. Ganhamos um bom dinheiro. Somos muito discretos e evitamos publicidade, você sabe.

Adam balançou a cabeça afirmativamente, mas não disse nada.

— Nunca lidamos com um processo criminal, especialmente um tão grande quanto este.

— Não querem que a sujeira os atinja, certo?

— Eu não disse isso. Nada parecido. Só que as coisas aqui são diferentes. Isto não é Chicago. Nossos maiores clientes são banqueiros tradicionais e discretos, trabalhamos para eles há anos e, bem, nós nos preocupamos com a nossa imagem. Sabe o que quero dizer?

— Não.

— É claro que sabe. Não trabalhamos com criminosos e, bem, somos muito sensíveis a respeito da imagem que projetamos aqui em Memphis.

— Vocês não tratam com criminosos?

— Nunca.

— Mas representam grandes bancos?

— Ora, vamos, Adam. Você sabe onde eu quero chegar. Esta área do direito está mudando rapidamente. Alteração das regras, fusões, falências, um setor realmente dinâmico do direito. É feroz a concorrência entre as grandes firmas de advocacia e não queremos perder clientes. Que diabo, todo mundo quer bancos.

— E não querem que seus clientes sejam maculados pelo meu.

— Escute, Adam, você é de Chicago. Vamos manter este caso no lugar certo. É um caso de Chicago, de advogados de Chicago.

Memphis não tem nada a ver com ele, certo?

— Este escritório faz parte da Kravitz & Bane.

— É, e este escritório não tem nada a ganhar tendo contato com lixo como Cayhall.

— Sam Cayhall é meu avô.

— Merda! — Cooley dobrou os joelhos e descruzou os braços. — Está mentindo!

Adam deu um passo para ele.

— Não estou mentindo e se faz objeção à minha presença aqui, deve telefonar para Chicago.

— Isto é horrível — disse Cooley, recuando na direção da porta.

— Telefone para Chicago.

— Talvez eu faça isso — disse ele. Abriu a porta e saiu para o corredor, resmungando.

Bem-vindo a Memphis, disse Adam, sentando na sua nova cadeira e olhando para a tela vazia do computador. Pôs o papel sobre a mesa e leu o nome e o telefone. Sentiu um vazio no estômago e lembrou que não comia há horas. Eram quase quatro da tarde. De repente sentiu-se fraco e faminto.

Pôs os dois pés sobre a mesa, perto do telefone e fechou os olhos. O dia todo parecia confuso, começando com a ansiedade da viagem à Parchman, a visão da entrada da prisão, o encontro inesperado com Lucas Mann, o horror de entrar no Corredor, e finalmente o medo de enfrentar Sam. E agora, o diretor queria conhecê-lo, a imprensa queria fazer perguntas, a filial de Memphis queria tirar o corpo fora. Tudo isso, em menos de oito horas.

O que podia esperar para o dia seguinte?

Estavam sentados lado a lado no sofá macio, com uma tigela de pipoca feita no micro-ondas, entre os dois. Os pés descalços estavam sobre a mesa de centro, entre a caixa vazia de comida chinesa e duas garrafas de vinho. Assistiam a televisão por cima dos dedos dos pés. Adam segurava o controle remoto. A sala estava escura. Ele comia pipoca lentamente.

Há muito tempo Lee não fazia um movimento. Havia lágrimas nos seus olhos, mas ela estava em silêncio. O vídeo começou pela segunda vez.

Adam apertou o botão de pausa quando Sam apareceu pela primeira vez, algemado, conduzido apressadamente da cadeia para o tribunal.

— Onde você estava quando soube da prisão? — ele perguntou, sem olhar para ela.

— Aqui em Memphis — respondeu Lee, em voz baixa mas firme.
— Casada há dois anos. Estava em casa. Phelps telefonou e disse que tinha havido um atentado à bomba em Greenville e que pelo menos duas pessoas estavam mortas. Podia ser obra da Klan. Ele me disse para ver o noticiário do meio-dia, mas fiquei com medo. Algumas horas depois, minha mãe telefonou dizendo que meu pai estava preso, acusado do atentado. Disse que estava na cadeia de Greenville.

— Qual foi sua reação?

— Eu não sei. Atônita. Assustada. Eddie telefonou contando que Sam tinha falado com minha mãe e queria que ele fosse apanhar seu carro em Cleveland. Lembro-me de que Eddie repetia sem parar que ele tinha feito afinal, tinha feito afinal. Acabou matando alguém, ele dizia. Eddie estava chorando e lembro que foi horrível.

— Eles apanharam o carro.

— Sim. Ninguém ficou sabendo. Nunca foi mencionado em nenhum dos julgamentos. Nós temíamos que a polícia descobrisse e obrigasse Eddie e minha mãe a testemunhar. Mas nunca aconteceu.

— Onde eu estava?

— Deixe-me ver. Vocês moravam numa pequena casa branca em Clanton e tenho certeza de que você estava lá com Evelyn. Acho que naquela época sua mãe não estava trabalhando. Mas não tenho certeza.

— O que meu pai fazia?

— Não me lembro. Certa vez ele trabalhou como gerente numa loja de autopeças em Clanton, mas estava sempre mudando de emprego.

O vídeo continuou com imagens de Sam escoltado para dentro e para fora da cadeia e do tribunal, depois a notícia de que fora formalmente indiciado pelos crimes. Adam parou o filme.

— Algum de vocês visitou Sam na cadeia?

— Não. Não enquanto ele estava em Greenville. A fiança era muito alta, meio milhão de dólares, se não me engano.

— Sim, foi meio milhão de dólares.

— E, a princípio, a família tentou conseguir o dinheiro. Minha mãe, é claro, queria que eu convencesse Phelps a fazer um cheque e Phelps, é claro, disse não. Ele não queria tomar parte em nada daquilo. Brigamos violentamente, mas na verdade eu não podia culpá-lo. Meu pai ficou na cadeia. Lembro de que um dos seus irmãos tentou um empréstimo, dando como garantia algumas terras, mas não conseguiu. Eddie não queria visitá-lo na cadeia e minha mãe não podia. Não tenho muita certeza de que Sam queria nossa visita.

— Quando meus pais saíram de Clanton?

Lee inclinou-se para a frente e apanhou o copo de vinho da mesa. Tomou um gole e pensou por um momento.

— Ele estava preso mais ou menos há um mês, eu acho. Um dia fui visitar minha mãe e ela me disse que Eddie estava falando em partir. Eu não acreditei. Disse que ele estava constrangido e humilhado e não tinha coragem de encarar as pessoas da cidade. Perdeu o emprego e se recusava a sair de casa. Eu telefonei para ele e falei com Evelyn. Eddie não quis atender. Ela disse que ele estava deprimido, envergonhado e tudo o mais, e lembro-me de ter dito que nós todos nos sentíamos assim. Perguntei se iam deixar a cidade e ela disse claramente que não. Mais ou menos uma semana depois, minha mãe telefonou e disse que vocês tinham feito as malas e saído no meio da noite. O senhorio estava telefonando, exigindo o pagamento do aluguel e ninguém tinha visto Eddie. A casa estava vazia.

— Eu gostaria de lembrar alguma coisa disso tudo.

— Você tinha só três anos, Adam. A última vez que eu o vi estava brincando na frente da garagem da pequena casa branca. Era tão bonitinho e fofo.

— Ora, obrigado.

— Várias semanas se passaram, então um dia Eddie telefonou e me pediu para dizer à mamãe que vocês estavam no Texas e tudo estava bem.

— Texas?

— Isso mesmo. Muito mais tarde Evelyn me disse que vocês seguiram assim a esmo para o oeste. Ela estava grávida e ansiosa para se instalar em algum lugar. Ele telefonou outra vez e disse que estavam na Califórnia. Foi o último telefonema em muitos anos.

— Anos?

— Sim. Eu tentei convencê-lo a voltar para casa, mas ele jurou que jamais voltaria. Acho que estava mesmo resolvido.

— Onde estavam os pais da minha mãe?

— Eu não sei. Eles não eram de Ford County. Parece que moravam na Geórgia, ou talvez na Flórida.

— Eu nunca os Conheci.

Ele apertou o botão outra vez e o vídeo continuou. O primeiro julgamento começou em Neetles County. A câmera passeou pelo jardim do prédio do tribunal mostrando os grupos de homens da Klan, as filas de policiais e a multidão de curiosos.

— Isto é incrível — disse Lee.

Adam parou o filme outra vez.

— Você foi ao julgamento?

— Uma vez. Entrei discretamente e ouvi os argumentos finais. Ele nos proibiu de assistir aos três julgamentos. Minha mãe não podia. Estava com a pressão descontrolada e tomando uma porção de remédios. Praticamente de cama o tempo todo.

— Sam sabia que você estava lá?

— Não. Sentei bem atrás, com um lenço na cabeça. Ele não me viu.

— O que Phelps estava fazendo?

— Escondendo-se no escritório, tratando dos seus negócios, rezando para que ninguém descobrisse que Sam Cayhall era seu sogro. Nossa primeira separação aconteceu logo depois desse julgamento.

— O que você lembra do julgamento, da sala do tribunal?

— Lembro de ter pensado que Sam tinha conseguido um bom júri, seu tipo de gente. Não sei como o advogado fez aquilo, mas escolheram doze dos maiores agricultores brancos que puderam encontrar. Eu vi os jurados reagindo aos argumentos do promotor e ouvindo com atenção o advogado de Sam.

— Clovis Brazelton.

— Ele era um bom orador, e eles estavam atentos a cada palavra. Fiquei chocada quando o júri não chegou a um acordo e o julgamento foi anulado. Estava certa de que seria declarado inocente. Acho que ele também ficou chocado.

O vídeo continuou com as reações à anulação do julgamento, com amplos comentários de Clovis Brazelton, com outra imagem de Sam saindo do tribunal. Então começou o segundo julgamento, muito parecido com o primeiro.

— Há quanto tempo você vem trabalhando nisso? — Lee perguntou.

— Sete anos. Eu era calouro em Pepperdine quando tive a ideia. Tem sido um desafio.

Ele acelerou o vídeo, passando pela cena patética da queda de Marvin Kramer da cadeira de rodas depois do segundo julgamento e parou no rosto sorridente da apresentadora local do noticiário, falando sobre o começo do terceiro julgamento do lendário Sam Cayhall. Estavam agora em 1981.

— Sam foi um homem livre durante treze anos — disse Adam. — O que ele fez nesse tempo?

— Viveu discretamente, tratou um pouco da fazenda, tentando se manter. Nunca falou comigo sobre o atentado ou sobre suas atividades na Klan, mas gostava da atenção que recebia em Clanton. Era como uma lenda local e um pouco vaidoso com isso. A saúde da minha mãe declinou e ele ficava em casa, tomando conta dela.

— Ele nunca pensou em ir embora?

— Não seriamente. Estava certo de que seus problemas legais tinham acabado. Teve dois julgamentos e saiu livre dos dois. Nenhum júri no Mississippi iria condenar um membro da Klan com mais de sessenta anos. Ele pensou que fosse invencível. Ficou perto de Clanton, evitou a Klan e levou uma vida pacata. Acho que passou seus anos dourados cultivando tomates e pescando.

— Alguma vez ele perguntou pelo meu pai?

Ela acabou de tomar o vinho e pôs o copo na mesa. Nunca havia ocorrido a Lee que algum dia teria de lembrar tantos detalhes daquela história triste. Fez tanto esforço para esquecer!

— Lembro que durante o primeiro ano que passou em casa, uma vez ou outra ele me perguntava se eu tinha notícias do meu irmão. É claro que eu não tinha. Sabíamos que vocês estavam em algum lugar da Califórnia e esperávamos que estivessem bem. Sam é muito orgulhoso e muito teimoso, Adam. Jamais pensaria em procurar a família do filho e pedir a ele para voltar para casa. Se Eddie tinha vergonha da família, então Sam achava que ele devia ficar na Califórnia. — Fez uma pausa e se recostou no sofá. — Em 1973 soubemos que minha mãe estava com câncer e eu contratei um investigador particular para encontrar Eddie. Ele trabalhou durante seis meses, cobrou muito caro e não descobriu coisa alguma.

— Eu estava com nove anos, no quarto ano primário, em Salem, Oregon.

— É. Mais tarde Evelyn me contou que vocês moraram por algum tempo no Oregon.

— Estávamos sempre mudando. Cada ano era uma escola diferente até eu chegar ao oitavo ano. Então nos instalamos em Santa Monica.

— Vocês praticamente desapareceram. Eddie deve ter contratado um advogado muito bom, porque conseguiu eliminar por completo o menor sinal de Cayhall. O investigador chegou a usar pessoas de lá, mas não descobriu nada.

— Quando ela morreu?

— Em 1977. Nós estávamos na igreja, esperando o começo do serviço fúnebre, quando Eddie entrou e sentou ao meu lado. Não me pergunte como ele soube da morte de mamãe. Ele simplesmente apareceu em Clanton e depois desapareceu outra vez. Não falou com Sam. Estava com um carro alugado, por isso ninguém podia verificar a placa. No dia seguinte, voltei para Memphis de carro e lá estava ele me esperando na frente da minha casa. Durante duas horas, tomamos café e conversamos sobre tudo. Ele tinha fotografias suas e de Carmen tiradas na escola e tudo era maravilhoso e ensolarado na Califórnia. Bom emprego, tuna bela casa num bairro residencial. Evelyn estava trabalhando como corretora de imóveis. O sonho americano. Ele disse que nunca voltaria ao Mississippi, nem para o enterro de Sam. Depois de me fazer jurar que guardaria segredo, disse seus novos nomes e me deu este telefone. Não o endereço, só o telefone. Se eu contasse para alguém, ele ameaçou, vocês simplesmente desapareceriam outra vez. Recomendou também para só telefonar em caso de emergência. Eu disse que queria ver você e Carmen e ele prometeu que isso talvez acontecesse algum dia. Num momento ele era o Eddie que eu conhecia, no outro, um estranho. Nós nos abraçamos, nos despedimos

e eu nunca mais o vi.

Adam apertou o botão e o vídeo continuou. As imagens claras e modernas do terceiro julgamento passaram rapidamente na tela e lá estava Sam, de repente treze anos mais velho, com um novo advogado, saindo rapidamente da porta lateral do Tribunal de Lakehead County.

— Você foi ao terceiro julgamento?

— Não. Ele me disse para não ir.

Adam interrompeu o vídeo.

— Exatamente quando Sam percebeu que estavam atrás dele outra vez?

— É difícil dizer. Saiu uma pequena reportagem num jornal de Memphis sobre a intenção do novo promotor de Greenville de reabrir o caso Kramer. Não era nada grande, uns dois parágrafos na página do meio do jornal. Lembro que li com horror. Li dez vezes e fiquei olhando para o jornal durante uma hora. Lu não podia acreditar. Telefonei para Sam e naturalmente ele tinha lido também.

Disse que eu não devia me preocupar. Mais ou menos duas semanas depois, apareceu outra, um pouco maior, com a foto de David McAllister no meio. Telefonei para meu pai, ele disse que estava tudo bem. Foi assim que começou. Silenciosamente.

E então cresceu como uma bola de neve. A família Kramer apoiou a ideia, e a Associação para o Desenvolvimento das Pessoas de Cor entrou também em ação. Um belo dia ficou claro que McAllister estava resolvido a conseguir um novo julgamento e que não ia desistir. Sam ficou furioso e assustado, mas procurou ser corajoso. Tinha vencido duas vezes, ele disse, e podia vencer novamente.

— Você telefonou para Eddie?

— Telefonei. Assim que tive certeza de que ia haver outro julgamento, telefonei para ele. Ele não disse muita coisa, quase não disse nada. Foi uma conversa rápida e eu prometi mantê-lo informado. Acho que ele ficou abalado. Logo depois o caso ganhou repercussão nacional e tenho certeza de que Eddie o acompanhou pela imprensa.

Assistiram às últimas partes do julgamento em silêncio. O rosto cheio de dentes de McAllister estava em toda parte e mais de uma vez Adam desejou ter cortado mais o filme. Sam foi levado pela última vez, algemado, e a tela ficou vazia.

— Alguém mais já viu isto? — perguntou Lee.

— Não. Você foi a primeira.

— Como consegui juntar tudo?

— Foi preciso algum tempo, um pouco de dinheiro e muito trabalho.

— É incrível.

— Quando eu estava no penúltimo ano do ginásio, tínhamos um

professor excêntrico de ciência política. Ele nos deixava levar jornais e revistas para discutir os assuntos do dia. Alguém levou uma reportagem de primeira página do L. A. Times sobre o julgamento iminente de Sam Cayhall, no Mississippi. Nós debatemos intensamente o caso e depois o acompanhamos durante o julgamento. Todos, incluindo eu mesmo, ficamos satisfeitos quando ele foi declarado culpado. Mas tivemos um debate acalorado sobre a pena de morte. Algumas semanas depois meu pai morreu e você finalmente me contou a verdade. Fiquei apavorado, temendo que meus amigos descobrissem.

— Eles descobriram?

— É claro que não. Eu sou um Cayhall, mestre em guardar segredos.

— Não será um segredo por muito tempo, agora.

— Não, não será.

Ficaram em silêncio olhando para a tela vazia. Por fim Adam desligou a televisão e pôs o controle remoto na mesa.

— Eu sinto muito, Lee, se isto vai prejudicar você. Sinto muito mesmo. Gostaria que houvesse um modo de evitar.

— Você não compreende.

— Eu sei. E você não pode explicar, certo? Tem medo de Phelps e da família dele?

— Eu desprezo Phelps e sua família.

— Mas gosta do dinheiro deles.

— Eu mereço esse dinheiro, está bem? Aguentei Phelps durante vinte e sete anos.

— Tem medo de ser esnobada nos seus pequenos clubes? Poderão expulsá-la do Country?

— Pare com isso, Adam.

— Desculpe — disse ele —, tive um dia duro. Estou saindo do armário, Lee. Estou enfrentando o meu passado e acho que espero que todo mundo tenha a mesma ousadia. Desculpe.

— Qual é a aparência dele?

— Um homem muito velho. Muitas rugas e a pele pálida. Está velho demais para ficar preso numa gaiola.

— Lembro de falar com ele alguns dias antes do último julgamento. Perguntei por que não tinha fugido, por que não desapareceu na noite, por que não foi para algum lugar assim como a América do Sul. E quer saber de uma coisa?

— O quê?

— Ele disse que pensou nisso. Minha mãe estava morta há alguns anos. Eddie desaparecido. Ele havia lido sobre Mengele, Eichmann e outros criminosos de guerra nazistas que desapareceram na América do Sul. Chegou a mencionar São Paulo. Disse que era uma cidade de

vinte milhões de habitantes e cheia de refugiados de todos os tipos. Ele tinha um amigo, outro homem da Klan, eu acho, que podia arranjar os papéis e ajudá-lo a se esconder. Tinha pensado muito no assunto.

— Eu gostaria que ele tivesse feito. Talvez meu pai estivesse ainda conosco.

— Dois dias antes dele ir para a Parchman, eu o visitei na cadeia de Greenville. Foi a minha última visita. Perguntei por que não tinha fugido. Ele disse que nunca imaginou que seria condenado à morte. Eu não podia acreditar que durante treze anos ele foi um homem livre e não aproveitou para fugir. Foi um grande erro, ele disse, não ter fugido. Um erro que ia custar sua vida.

Adam pôs a tigela de pipoca na mesa e se inclinou para Lee. Encostou a cabeça no ombro dela. Lee segurou a mão dele.

— Eu sinto muito que você esteja no meio de tudo isso — ela murmurou.

— Ele parecia tão patético, lá sentado, com o macacão vermelho do corredor da morte.

DOZE

Clyde Packer serviu uma boa porção de café forte na caneca com seu nome e começou a fazer seu trabalho matinal. Ele trabalhava há vinte e sete anos no Corredor, os últimos sete como comandante dos turnos. Todas as manhãs durante oito horas era um dos quatro sargentos de ala, encarregado de quatorze condenados, dois guardas e dois prisioneiros em regime aberto. Preencheu a ordem do dia e verificou uma prancheta. Havia um aviso para telefonar para o diretor. Outro dizia que os comprimidos de F. M. Dempsey, para o coração, estavam acabando e ele queria falar com o médico. Todos queriam falar com o médico. Packer tomou um gole do café escaldante e forte e saiu do escritório, com a caneca na mão, para a primeira inspeção do dia. Verificou os uniformes de dois guardas na porta da frente e mandou o mais moço cortar o cabelo.

A USM não era um mau lugar para trabalhar. Via de regra, os prisioneiros do corredor da morte eram tranquilos e bem-comportados. Passavam vinte e três horas por dia sozinhos nas celas, separados uns dos outros, o que evitava problemas. Dormiam dezesesseis horas por dia. Comiam nas celas. Tinham uma hora de recreação ao ar livre, sua “hora de folga” como chamavam, que podiam passar também isolados, se quisessem. Todos tinham televisão ou rádio, ou os dois, e depois da refeição da manhã as quatro alas animavam-se com música, noticiários, novelas e conversas em voz baixa através das grades. Os prisioneiros não podiam ver os vizinhos, mas conversavam assim mesmo. Uma vez ou outra acontecia uma discussão mais acalorada por causa do volume da música, mas era rapidamente resolvida pelos guardas. Os prisioneiros tinham certos direitos e certos privilégios. A retirada de uma televisão ou de um rádio tinha efeito devastador.

O Corredor criava uma certa camaradagem entre os condenados. A metade era de brancos, a outra metade de negros e todos condenados por crimes brutais. Mas havia pouco interesse por atos passados e pela história criminal e geralmente pouco interesse pela cor da pele. Nos outros setores da penitenciária, grupos variados faziam questão de classificar os prisioneiros, geralmente baseados na raça. Mas no Corredor, o homem era julgado pelo modo que enfrentava o confinamento. Gostassem ou não dos companheiros, estavam todos trancados juntos naquele cantinho do mundo, esperando a morte chegar. Era uma pequena fraternidade de homens da ralé, desajustados, vadios, malfeitores e assassinos frios.

E a morte de um deles podia significar a morte de todos. A notícia da nova sentença de morte de Sam foi passada em voz baixa através

das grades das alas. Quando foi anunciada no noticiário do meio-dia, na véspera, o Corredor ficou silencioso. De repente, todos os prisioneiros queriam falar com seus advogados. Reacendeu-se o interesse por assuntos legais e Packer viu alguns deles consultando seus dossiês, com o rádio e a televisão em volume muito baixo.

Ele passou por uma porta pesada, tomou um longo gole de café e caminhou lenta e silenciosamente pela Ala A. Quatorze celas idênticas, 3x2, davam para o corredor. A frente de cada cela era formada por barras de ferro, de modo que em nenhum momento o prisioneiro tinha completa privacidade. Qualquer coisa que estivesse fazendo — dormindo, usando o toalete — era observado pelos guardas.

Estavam todos deitados quando Packer passou, parando em cada cela para ver a cabeça sob as cobertas. As luzes das celas estavam apagadas e a ala toda escura. O encarregado da ala, um prisioneiro com privilégios especiais, os acordava, ou os sacudia às cinco horas. O café era servido às seis — ovos, torrada, geleia, às vezes bacon, café e suco de fruta. Dentro de poucos minutos o Corredor ia criar vida, quando os quarenta e sete homens despertassem do sono para retomar o processo interminável de morrer. Acontecia lentamente, um dia de cada vez, cada miserável nascer do sol trazendo outro manto de calor para seus pedacinhos particulares de inferno. E acontecia rapidamente, como na véspera, quando um tribunal em algum lugar rejeitava um pedido ou uma moção, ou uma apelação, determinando que a execução devia ser realizada em breve.

Packer tomava café e contava cabeças, caminhando silencioso no seu ritual matutino. Geralmente, tudo corria tranquilamente na USM, quando não eram quebradas as rotinas e os horários eram seguidos. Eram muitas as regras do manual, mas todas justas e fáceis de serem obedecidas. Todos as conheciam. Porém uma execução tinha um manual próprio, com procedimentos diferentes e diretrizes flutuantes, que geralmente perturbavam a tranquilidade do Corredor. Packer tinha grande respeito por Phillip Naifeh, mas apostava que ele reescrevia o livro depois de cada execução. Era grande a pressão para que tudo fosse feito com propriedade, constitucionalmente e com compaixão. Nunca houve uma execução igual a qualquer outra.

Packer detestava execuções. Acreditava na pena de morte porque era religioso e Deus tinha dito olho por olho. Mesmo assim, preferia que acontecessem em outros lugares, dirigidas por outras pessoas. Felizmente eram tão raras no Mississippi, que seu trabalho seguia sem problemas e sem grandes interferências. Packer havia passado por dezessete, em vinte e um anos, mas somente quatro desde 1982.

Falou em voz baixa com um guarda no fim da ala. O sol começava a espiar pelas janelas abertas acima da passagem entre as celas. Ia ser um dia quente e abafado. Seria também muito mais silencioso. Ia

haver poucas reclamações quanto à comida, poucos pedidos para ver o médico, uma ou outra implicância com isto ou aquilo, mas de um modo geral, estariam todos dóceis e preocupados. Devia fazer um ano, talvez mais, desde que um adiamento fora retirado tão perto da data da execução. Packer sorriu enquanto procurava uma cabeça sob as cobertas. Sem dúvida ia ser um dia muito quieto.

Nos primeiros meses da presença de Sam no Corredor, Packer o ignorou. O manual oficial proibia qualquer contato desnecessário com os prisioneiros e não era difícil ignorar Sam. Ele era um homem da Klan. Ele odiava negros. Falava pouco. Era amargo e mal-humorado, pelo menos naqueles primeiros dias. Mas a rotina de não fazer nada durante oito horas por dia gradualmente apara as arestas e, com o tempo, eles chegaram a uma conversação limitada, com palavras curtas e grunhidos. Depois de nove anos e meio vendo-se todos os dias, Sam, uma vez ou outra, chegava a sorrir para Packer.

Depois de anos de observação, Packer concluiu que havia dois tipos de assassino no Corredor. Havia os assassinos a sangue-frio que matariam outra vez se tivessem oportunidade e havia aqueles que simplesmente haviam cometido erros e por nada deste mundo voltariam a derramar sangue. Os do primeiro grupo deviam ser executados rapidamente. Os do segundo grupo perturbavam extremamente Packer porque sua execução não servia para nada. A sociedade não sofreria, sequer notaria, se esses homens fossem libertados. Sam era um sólido membro do segundo grupo. Podia ser mandado de volta para casa, para morrer sozinho. Não, Packer não queria que Sam fosse executado.

Voltou pela passagem da Ala A, tomando café e olhando para dentro das celas escuras. Sua ala era a mais próxima da Sala de Isolamento, que ficava ao lado da Sala da Câmara. Sam estava no número 6 da Ala A, literalmente a menos de dois metros e meio da câmara de gás. Alguns anos atrás ele pedira para mudar de cela, por causa de um desentendimento sem importância com seu vizinho, Cecil Duff.

Sam estava sentado na beirada da cama, no escuro. Packer parou e se aproximou das grades.

— Bom dia, Sam — disse, em voz baixa.

— Bom dia — respondeu Sam, olhando para Packer com os olhos entrecerrados.

Então Sam levantou e ficou de frente para a porta. Estava com uma camiseta branca encardida e um calção largo, os trajes comuns dos prisioneiros do Corredor, por causa do calor. As regras exigiam o uso dos macacões vermelhos fora das celas, mas dentro delas, usavam o mínimo de roupa possível.

— Vai ser um dia quente — disse Packer, o costureiro

cumprimento matutino.

— Espere até agosto — disse Sam, a resposta padrão ao costumeiro cumprimento matutino.

— Você está bem? — perguntou Packer.

— Nunca me senti melhor.

— Seu advogado disse que vai voltar hoje.

— É, foi o que ele disse. Acho que preciso de uma porção de advogados, hein, Packer?

— É o que parece. — Packer tomou um gole de café e olhou para a passagem. As janelas atrás dele davam para o sul e um filete de luz começava a passar por elas. — Vejo você mais tarde, Sam — disse ele, continuando seu caminho. Verificou as outras celas e encontrou todos os seus homens. As portas estalaram atrás dele quando saiu da Ala A e voltou para a frente do prédio.

A ÚNICA luz da cela ficava acima da pia de aço inoxidável — com material que não podia ser quebrado e os pedaços usados como arma ou como instrumento de suicídio. Debaixo da pia ficava o vaso, também de aço inoxidável. Sam acendeu a luz e escovou os dentes. Eram quase cinco e meia. Não fora fácil dormir naquela noite.

Acendeu um cigarro e sentou na cama, olhando para os pés e para o chão de concreto pintado, que conservava o calor no verão e o frio no inverno. Seu único calçado, um par de sandálias de borracha, que ele detestava, estava debaixo da cama. Tinha um par de meias de lã, que usava para dormir, no inverno. Suas outras posses eram uma televisão preto-e-branca, um rádio, uma máquina de escrever, seis camisetas esburacadas, cinco pares de cuecas brancas, uma escova de dentes, um pente, um cortador de unhas, um ventilador oscilante e um calendário de parede. Seu bem mais precioso eram os livros de direito, colecionados e memorizados durante anos, todos em perfeita ordem nas prateleiras simples, na frente da sua cama. Uma caixa de papelão no chão, entre as estantes e a porta, continha grossas pastas cheias de papéis, a história jurídica, em ordem cronológica, do Estado do Mississippi contra Sam Cayhall, que ele também sabia de cor.

O resumo das suas economias era curto e simples e, a não ser pela sentença de morte, Sam não tinha dívidas. Há alguns anos tinha se libertado da preocupação com a pobreza, que o atormentava a princípio. A lenda da família dizia que seu avô fora um homem rico, com muitas terras e escravos, mas nenhum Cayhall vivo valia grande coisa. Sam conhecera condenados que se atormentavam com seus testamentos, como se os herdeiros fossem brigar por causa das suas televisões e revistas velhas. Estava pensando em preparar seu testamento e deixar as meias de lã e roupa de baixo encardida para o estado do Mississippi, ou talvez para a Associação para o Desenvolvimento das Pessoas de Cor.

À sua direita estava J. B. Gullitt, um garoto branco analfabeto, condenado por estuprar e matar uma jovem que voltava para casa depois de ter ganhado um concurso de rainha da beleza. Três anos atrás, Gullitt estava a dias da execução e Sam conseguiu um adiamento com uma moção bastante eficaz. Apontou várias questões pendentes e explicou para a Quinta Circunscrição que Gullitt não tinha advogado. O adiamento foi imediatamente concedido e Sam ganhou um amigo para o resto da vida.

À sua esquerda ficava Hank Henshaw, o famoso líder de um bando de criminosos, há muito tempo esquecido, chamado Máfia dos Camponeses. Hank e seu bando heterogêneo tinham sequestrado um caminhão, certa noite, com intenção apenas de roubar a carga. O motorista sacou uma arma e foi morto no tiroteio que se seguiu. A família de Hank estava pagando bons advogados, por isso ele ia viver ainda muitos anos.

Os três vizinhos chamavam sua parte da USM de Rodésia.

Sam jogou o cigarro no vaso e deitou na cama. Um dia antes da bomba no escritório de Kramer, ele havia ido a casa de Eddie, em Clanton. Não lembrava o motivo exato da visita, apenas que levou espinafre fresco da sua horta e brincou com o pequeno Alan, agora Adam, durante alguns minutos, no jardim. Era abril, fazia calor e o menino estava descalço. Lembrava dos pezinhos gorduchos com um Band-Aid num dos dedos. Tinha se cortado numa pedra, explicou Alan com orgulho. O menino adorava Band-Aid e sempre tinha um no dedo ou no joelho. Evelyn, com o espinafre na mão, balançou a cabeça quando o filho mostrou orgulhosamente para o avô uma caixa cheia de adesivos de todos os tipos.

Foi a última vez que ele viu Alan. O atentado foi no dia seguinte e Sam passou os meses seguintes na cadeia. Quando terminou o segundo julgamento e ele foi libertado, Eddie e a família tinham partido. Sam era orgulhoso demais para procurá-los. Ouviu comentários sobre onde eles estavam. Lee disse que estavam na Califórnia, mas ela não conseguiu encontrá-los. Anos mais tarde, ela falou com Eddie e ficou sabendo que tinham agora uma menina chamada Carmen.

Ouviu vozes na outra extremidade da ala. Depois a descarga de um vaso e um rádio. O corredor da morte começava a despertar. Sam penteou o cabelo oleoso, acendeu outro Montclair, estudou o calendário na parede. Doze de julho. Ele tinha vinte e sete dias.

Sentou na beirada da cama e olhou outra vez para os pés. J. B. Gullitt ligou a televisão no noticiário e Sam, fumando e coçando os tornozelos, ouviu as notícias da NBC de Jackson. Depois dos tiroteios locais, roubos e mortes, o apresentador deu a notícia principal. Ia haver uma execução na Parchman. A Quinta Circunscrição Judiciária, disse ele, com entusiasmo, suspendeu o pedido de adiamento de Sam

Cayhall, o mais famoso prisioneiro da Parchman, e foi marcada a data da execução para 8 de agosto. As autoridades acreditam que Cayhall esgotou todos os recursos e a execução pode ser realizada.

Sam ligou sua televisão. Como sempre, o áudio precedia a imagem uns bons dez segundos e ele ouviu o procurador-geral anunciar justiça para o caso Kramer, depois de tantos anos. O desenho granulado de um rosto apareceu na tela, as palavras saindo da sua boca e então lá estava Roxburgh sorrindo e franzindo a testa ao mesmo tempo, profundamente pensativo, apresentando para as câmeras o cenário que levaria finalmente o sr. Cayhall para a câmara de gás. Voltou o apresentador, um garoto local com uma penugem à guisa de bigode, que resumiu a história rapidamente, passando pelo crime horrível cometido por Sam, enquanto sobre seu ombro, no fundo, aparecia o desenho primitivo de um homem da Klan com o manto e o capuz pontudo. Um revólver, uma cruz em chamas e as letras KKK terminavam a apresentação. O garoto repetiu a data, 8 de agosto, como se esperasse que os espectadores marcassem com um círculo nos seus calendários, planejando tirar folga nesse dia. Então, passaram para a previsão do tempo.

Sam desligou a televisão e foi até as barras da cela.

— Você ouviu, Sam? — Gullitt perguntou, da cela ao lado.

— Sim.

— Vai ser uma loucura, cara.

— Vai.

— Veja o lado positivo, cara.

— Que lado é esse?

— Você só tem quatro semanas de sofrimento.

Gullitt riu da própria piada, mas não por muito tempo. Sam tirou alguns papéis da pasta e sentou na cama. Não havia cadeiras na cela. Ele leu o acordo para a representação de Adam, um documento de duas páginas com uma página e meia escritas. Sam fez diversas anotações a lápis, nas margens. Depois acrescentou parágrafos nos versos das duas folhas. Teve uma última ideia e encontrou ainda um espaço para acrescentar outras observações. Com o cigarro na mão direita, segurou o documento com a esquerda e leu outra vez. E uma vez mais.

Finalmente tirou da estante sua máquina Royal, portátil, e começou a escrever.

ÀS SEIS E DEZ, as portas da extremidade norte da Ala A se abriram e dois guardas entraram. Um empurrava um carrinho com quatorze bandejas empilhadas. Pararam na cela número um e passaram a bandeja por uma estreita abertura na porta. O ocupante da número um, um cubano magricela, estava esperando perto das grades, sem camisa, só com o calção folgado. Agarrou a bandeja como um

refugiado faminto e sem uma palavra levou-a para perto da cama.

O menu dessa manhã constava de dois ovos mexidos, quatro torradas de pão branco, uma fatia grossa de bacon, dois potinhos de geleia de uva, uma garrafinha de suco de laranja e um copo grande de isopor, com café. A comida era quente e nutritiva e aprovada pelas cortes federais.

Passaram para a cela seguinte onde o prisioneiro os esperava. Estavam sempre esperando, sempre de pé na porta, como cães famintos.

— Estão atrasados onze minutos — disse ele em voz baixa, apanhando a bandeja.

Os guardas não olharam para ele.

— Pode nos processar.

— Eu tenho meus direitos.

— Seus direitos são um pé no saco.

— Não fale comigo desse jeito. Eu posso processar você por isso. Está me ofendendo.

Os guardas passaram para a cela seguinte sem responder. Apenas parte do ritual de todos os dias.

Sam não estava esperando na porta. Estava trabalhando no seu pequeno escritório de advocacia, quando eles chegaram.

— Imaginei que você devia estar escrevendo — disse um dos guardas, quando pararam na frente da número 6.

Sam pôs a máquina na cama.

— Cartas de amor — disse ele, levantando-se.

— Bem, seja lá o que for, Sam, acho melhor se apressar. O cozinheiro já está planejando sua última refeição.

— Diga a ele que quero pizza no micro-ondas. Provavelmente ele vai estragar também. Talvez seja melhor eu escolher cachorro-quente e feijão. — Apanhou a bandeja.

— É a sua vez, Sam. O último cara pediu bife e camarão. Dá para imaginar? Bife e camarão neste lugar.

— Ele conseguiu?

— Não. Perdeu o apetite e eles o encheram de Valium.

— Não é o pior modo de ir embora.

— Quietos! — gritou J. B. Gullitt da sua cela.

Os guardas seguiram em frente e pararam na porta da cela de J. B., que segurava as barras com as duas mãos. Os homens guardaram distância.

— Ora, ora, como estamos animados esta manhã! — disse um dos guardas.

— Por que vocês, seus panacas, não podem servir a comida em silêncio? Quero dizer, pensam que queremos acordar cada manhã e começar o dia ouvindo seus comentários engraçadinhos? Passe a

minha comida, cara.

— Puxa, J. B. Nós pedimos desculpas. Só pensamos que vocês estavam se sentindo muito sós.

— Pois pensaram errado — J. B. apanhou a bandeja e deu as costas para eles.

— Como ele é sensível — disse um guarda, seguindo em frente, para atormentar outro.

Sam pôs a bandeja na cama e um envelope de açúcar no café. Sua rotina diária não incluía ovos mexidos e bacon. Ele guardava a torrada e a geleia para comer durante a manhã. Tomava o café devagar, fazendo durar até as dez horas, a hora de exercício e de sol.

Com a máquina sobre os joelhos, recomeçou a escrever.

TREZE

Sam terminou sua versão da lei às nove e meia. Estava orgulhoso do seu trabalho, um dos melhores nos últimos meses. Comendo uma torrada, fez a revisão final. A datilografia era limpa, mas fora de moda, feita numa máquina antiga. A linguagem era efusiva e repetitiva, floreada e repleta de palavras jamais usadas pelos advogados mais humildes. Sam era quase fluente na terminologia legal e podia competir com qualquer advogado.

A porta na extremidade do corredor se abriu e fechou. Passos pesados e comedidos soaram e Packer apareceu.

— Seu advogado está aqui, Sam — disse ele, tirando as algemas do cinto.

Sam levantou e puxou o calção para cima.

— Que horas são?

— Um pouco mais de nove e trinta. Que diferença faz?

— Minha hora de exercício é às dez.

— Você quer tomar ar ou quer ver seu advogado?

Sam pensou no assunto, enquanto vestia o macacão vermelho e as sandálias de borracha. Vestir-se era um processo rápido no corredor da morte.

— Posso fazer o exercício mais tarde?

— Veremos.

— Eu quero a minha hora ao ar livre, você sabe.

— Eu sei, Sam. Vamos.

— É muito importante para mim.

— Eu sei, Sam. É muito importante para todos. Vamos tentar e deixá-lo sair mais tarde, certo?

Sam penteou o cabelo cuidadosamente, depois lavou as mãos com água fria. Packer esperou, paciente. Ele queria falar com J. B. Gullitt sobre seu estado de espírito naquela manhã, mas Gullitt já estava dormindo outra vez. Quase todos dormiam. De um modo geral, os ocupantes do corredor tomavam o café, assistiam uma hora, mais ou menos, de televisão e voltavam a dormir. Embora seu estudo não tivesse nada de científico, Packer calculava que eles dormiam de quinze a dezesseis horas por dia. E podiam dormir com calor, transpirando, com frio e com o barulho das televisões e dos rádios.

O barulho era muito menor naquela manhã. Os ventiladores zumbiam e chiavam, mas ninguém gritava de uma cela para a outra.

Sam aproximou-se das grades, deu as costas para Packer e estendeu as mãos pela estreita abertura da porta. Packer pôs as algemas e Sam foi até a cama para apanhar o documento. Packer fez um sinal para o guarda na extremidade do corredor e a porta da cela se abriu.

eletronicamente. Depois fechou.

Correntes nas pernas eram opcionais naquela situação e provavelmente seriam usadas num prisioneiro mais jovem, com alguma rebeldia e maior disposição física. Mas era apenas Sam. Um homem velho. Até onde ele podia correr? O que poderia fazer com os pés?

Packer segurou gentilmente o braço magro de Sam e o conduziu para o fim do corredor. Pararam na porta da ala, esperaram que fosse aberta e deixaram a Ala A. Outro guarda os acompanhou e chegaram a outra porta de ferro que Packer abriu com uma das chaves do seu cinto. Entraram e lá estava Adam, sentado sozinho no outro lado da tela verde.

Packer retirou as algemas e saiu da sala.

Adam leu vagarosamente na primeira vez. Na segunda leitura, fez algumas anotações e achou graça em algumas palavras usadas. Tinha visto coisas piores feitas por advogados experientes. E coisas melhores. A redação de Sam tinha a característica dos trabalhos dos alunos do primeiro ano de direito. Usava seis palavras onde uma seria suficiente. Seu latim era sofrível. Parágrafos inteiros eram inúteis. Mas, no todo, não era mau para um leigo.

O documento de duas páginas agora tinha quatro, datilografadas com margens perfeitas e só dois erros de datilografia e um de ortografia.

— É um trabalho muito bom — disse Adam, pondo o documento no balcão. Sam deu uma tragada no cigarro e olhou para ele através da abertura. — Basicamente é o mesmo acordo que eu trouxe ontem.

— Basicamente é muitíssimo diferente — corrigiu Sam.

Adam consultou suas anotações, depois disse:

— Você parece se preocupar com cinco áreas. O governador, livros, filmes, a dispensa do advogado e quem vai assistir a execução.

— Estou preocupado com uma porção de coisas. Mas essas são inegociáveis.

— Ontem eu prometi não me envolver com livros e filmes.

— Isso é bom. Continue.

— A linguagem sobre a dispensa está boa. Você quer ter o direito de romper o contrato de representação comigo e com a Kravitz & Bane a qualquer tempo e por qualquer motivo, sem nenhuma discussão.

— Na última vez levei um tempo danado para conseguir demitir aqueles judeus filhos da mãe. Não quero que se repita.

— Isso é razoável.

— Pouco me importa se você acha razoável ou não, certo? Está no acordo e não é negociável.

— É justo. E só quer tratar do caso comigo, mais ninguém.

— Correto. Ninguém da Kravitz & Bane toca no meu dossiê. Aquele

lugar está infestado de judeus e eles não vão se envolver, está bem? O mesmo para crioulos e mulheres.

— Escute, Sam, será que podemos esquecer as ofensas? Que tal nos referirmos a eles como negros?

— Nossa! Desculpe. Que tal fazer a coisa certa e chamá-los de afro-americanos, judeus americanos e mulheres americanas? Você e eu seremos irlandeses americanos e também homens brancos americanos. Se precisar ajuda da sua firma, procure se limitar a germano americanos ou ítalo-americanos. Uma vez que a firma é em Chicago, pode usar alguns poloneses americanos. Puxa, seria ótimo, não acha? Estaríamos certos, multicultural e politicamente corretos, não é mesmo?

— Qualquer coisa assim.

— Já estou me sentindo melhor.

Adam marcou um item das suas anotações.

— Eu concordo.

— É claro que concorda. Do contrário não tem acordo. Trate de deixar as minorias fora da minha vida.

— Por que supõe que elas estão ansiosas para se intrometer nela?

— Eu não suponho coisa alguma. Tenho quatro semanas de vida e prefiro passar esse tempo com gente em quem confio.

Adam leu outra vez um parágrafo na terceira página. A disposição dava a Sam autoridade exclusiva para escolher duas testemunhas da sua execução.

— Não compreendo esta cláusula sobre as testemunhas — disse Adam.

— É muito simples. Se chegarmos a esse ponto, serão cerca de quinze testemunhas. Uma vez que sou o convidado de honra, posso escolher duas. Quando você tiver oportunidade de ler o estatuto vai ver que ele apresenta uma lista dos que devem estar presentes. O diretor, por sinal um libanês americano, tem uma certa liberdade para escolher o resto. Geralmente eles fazem um sorteio com a imprensa para escolher quais os abutres que terão permissão de assistir ao espetáculo.

— Então, por que quer esta cláusula?

— Porque o advogado é sempre um dos escolhidos pela vítima. A vítima sou eu.

— E você não quer que eu assista à execução?

— Exatamente.

— Está pressupondo que eu quero assistir.

— Não estou pressupondo nada. Todo mundo sabe que os advogados mal podem esperar para ver o cliente liquidado, desde que seja inevitável. Então mal podem esperar para ficar na frente das câmeras para chorar, fazer cenas e falar contra a injustiça.

- E pensa que eu vou fazer isso?
- Não. Não penso que você vai fazer isso.
- Então, por que esta cláusula?

Sam inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos no balcão, com o nariz a um centímetro da tela.

- Porque você não vai assistir à execução, entendeu?

— Está combinado — disse Sam, simplesmente, passando para a outra página. — Não vamos chegar tão longe, Sam.

- É isso aí, menino. É isso que eu quero ouvir.

- É claro que podemos precisar do governador.

Sam bufou com desprezo e recostou na cadeira. Apoiou a perna direita no joelho esquerdo e olhou carrancudo para Adam.

- O acordo está muito claro.

E estava. Quase uma página inteira era dedicada a um ataque venenoso a McAllister. Nessa parte Sam esqueceu a linguagem legal e usou palavras como indecente, egoísta, narcisista e mais de uma vez mencionou o apetite pela publicidade.

- Então você tem um problema com o governador — disse Adam. Sam bufou outra vez.

- Acho que não é uma boa ideia, Sam.

- Pois pouco me importa o que você acha.

- O governador pode salvar sua vida.

— É mesmo? Só por causa dele eu estou aqui no corredor da morte, esperando para morrer na câmara de gás. Por que diabo ele vai querer salvar a minha vida?

— Eu não disse que ele vai querer. Disse que ele talvez possa. Vamos manter abertas todas as opções.

Com um sorriso irônico, Sam acendeu outro cigarro. Piscou os olhos, depois olhou para o teto, como se aquele garoto fosse o ser humano mais burro que já tinha visto em décadas. Então, inclinou-se para a frente, apoiado no cotovelo esquerdo, e erguendo a mão direita apontou para Adam o indicador recurvado.

— Se você pensa que David McAllister vai me conceder o indulto no último minuto, você é um tolo. Mas deixe-me dizer o que ele fará. Vai nos usar, a você e a mim, para conseguir a maior publicidade possível. Vai convidá-lo ao seu escritório na capital do estado e, antes da sua chegada, vai informar a imprensa. Vai ouvir com sinceridade notável. Vai declarar que tem muitas reservas sobre a questão da minha morte. Vai marcar outro encontro, mais próximo da execução. E quando você sair, vai dar algumas entrevistas para divulgar tudo que você disse. Vai lembrar o atentado a Kramer. Vai falar sobre direitos civis e toda aquele lixo radical dos crioulos. Provavelmente vai até chorar. Quanto mais perto eu estiver da câmara de gás, maior será o circo da imprensa. Ele tentará por todos os meios do mundo

estar sempre no centro dele. Vai se encontrar com você todos os dias, se permitirmos. Vai nos levar para a corda bamba.

— Ele pode fazer isso sem a nossa ajuda.

— E fará. Grave minhas palavras, Adam. Uma hora antes da minha morte, ele vai dar uma entrevista coletiva em algum lugar — provavelmente aqui, talvez na mansão do governador — e vai ficar de pé sob a luz de centenas de câmeras e me negar clemência. E o filho da mãe estará com os olhos cheios de lágrimas.

— Não vai fazer nenhum mal falar com ele.

— Está bem. Vá falar com ele. E quando terminar, eu invoco o parágrafo dois e você leva seu traseiro de volta para Chicago.

— Ele talvez goste de mim. Podemos ser amigos.

— Oh, ele vai adorar você. Você é o neto de Sam. Que grande história! Mais repórteres, mais câmeras, mais jornalistas, mais entrevistas. Ele vai adorar conhecê-lo melhor para atrelar você ao seu circo. Que diabo, você pode fazer com que ele seja reeleito.

Adam virou outra página, tomou mais algumas notas e parou por algum tempo, procurando um modo de mudar de assunto.

— Onde você aprendeu a escrever deste modo? — perguntou.

— No mesmo lugar que você. Aprendi com as mesmas almas cultas que se encarregaram da sua instrução. Juizes mortos. Digníssimos magistrados. Advogados prolixos. Professores tediosos. Eu li o mesmo lixo que você leu.

— Nada mau — disse Adam, lendo outro parágrafo.

— Fico feliz por você pensar assim.

— Ouvi dizer que você tem praticado bastante aqui.

— Praticado? O que quer dizer com praticar? O que vocês, os advogados, praticam? Por que não podem trabalhar, como todo mundo? Os encanadores praticam? Os caminhoneiros praticam? Não, eles simplesmente trabalham. Mas não os advogados. Com todos os diabos, não eles. Eles são especiais e eles praticam. Com toda sua maldita prática era de esperar que soubessem que diabo estão fazendo. Que pelo menos fossem bons em alguma coisa.

— Você gosta de alguém?

— Essa é uma pergunta idiota.

— Por que idiota?

— Porque você está sentado no outro lado da parede. E pode sair por aquela porta, entrar no seu carro e ir embora. E esta noite pode jantar num bom restaurante e dormir numa cama macia. A vida é um pouco diferente deste lado. Sou tratado como um animal. Tenho uma jaula. Tenho uma sentença de morte que permite ao estado do Mississippi me matar dentro de quatro semanas e, assim, tem razão, filho, é difícil ser compassivo. Por isso sua pergunta é idiota.

— Está dizendo que era amoroso e compassivo antes de vir para

cá?

Sam olhou pela abertura, soltou a fumaça do cigarro e disse:

— Outra pergunta burra.

— Por quê?

— É irrelevante, conselheiro. Você é um advogado, não um analista.

— Eu sou seu neto. Sendo assim, posso fazer perguntas sobre seu passado.

— Pois faça. Talvez não sejam respondidas.

— Por que não?

— O passado se foi, filho. É história. Não podemos desfazer o que está feito. Nem podemos explicar tudo.

— Mas eu não tenho um passado.

— Pois então é uma pessoa de sorte.

— Não tenho tanta certeza.

— Escute, se espera que eu preencha as lacunas, acho que escolheu a pessoa errada.

— Tudo bem. Com quem devo falar então?

— Eu não sei. Não é importante.

— Talvez seja, para mim.

— Bom, para ser franco, no momento não estou preocupado com você. Acredite ou não, estou muito mais preocupado comigo. Comigo e com o meu futuro. Comigo e com meu pescoço. Em algum lugar há um relógio enorme tiquetaqueando bem alto, não acha? Por alguma razão estranha, não me pergunte por quê, mas eu ouço a maldita coisa e isso me deixa um bocado ansioso. Acho difícil me preocupar com os problemas dos outros.

— Por que entrou para a Klan?

— Porque meu pai era da Klan.

— Por que ele entrou para a Klan?

— Porque o pai dele era da Klan.

— Grande. Três gerações.

— Quatro, eu acho. O coronel Jacob Cayhall lutou com Nathan Bedford Forrest na guerra, e a lenda da família diz que ele foi um dos primeiros membros da Klan. Ele foi meu bisavô.

— Você se orgulha disso?

— É uma pergunta?

— É.

— Não se trata de orgulho. — Sam indicou o documento com um movimento da cabeça. — Você vai assinar esse acordo?

— Vou.

— Pois então assine.

Adam assinou no fim da última página e o entregou para Sam.

— Você está fazendo perguntas sobre assuntos confidenciais. Como

meu advogado não pode dizer nem uma palavra.

— Eu conheço o regulamento.

Sam assinou ao lado do nome de Adam, depois examinou as assinaturas.

— Quando você se tornou um Hall?

— Um mês antes de completar quatro anos. A família toda. Nós todos mudamos de nome ao mesmo tempo. É claro que não me lembro.

— Por que ele conservou o Hall? Por que não acabar de uma vez e passar a ser Miller, Green ou qualquer coisa assim?

— É uma pergunta?

— Não.

— Ele estava fugindo, Sam. E queimando as pontes por onde passava. Eu acho que quatro gerações foram demais para ele.

Sam pôs o contrato na cadeira vazia ao seu lado e acendeu metodicamente outro cigarro. Soltou a fumaça para o teto e olhou para Adam.

— Escute, Adam — disse com voz muito mais branda. — Vamos deixar de lado esse negócio de família por algum tempo, está bem? Talvez possamos conversar mais tarde. Neste momento eu quero saber o que vai acontecer comigo. Quais são as minhas chances, você sabe. Coisas desse tipo. Como podemos fazer parar o relógio? O que você vai fazer agora?

— Depende de várias coisas, Sam. Depende do que você me contar sobre a bomba.

— Não compreendo.

— Se houver fatos novos, vamos apresentá-los. Acredite, existem meios para isso. Encontraremos um juiz disposto a ouvir.

— Que espécie de fatos novos?

Adam passou para outra folha do seu bloco e escreveu a da ta na margem.

— Quem deixou o Pontiac verde em Cleveland na véspera do atentado?

— Eu não sei. Um dos homens de Dogan.

— Não sabe o nome dele?

— Não.

— Ora, vamos, Sam.

— Eu juro. Não sei quem levou o carro. Nunca o vi. O carro estava num estacionamento. Eu o encontrei lá. Devia deixá-lo no mesmo lugar. Não vi quem o deixou.

— Por que esse homem não foi descoberto durante os julgamentos?

— Como vou saber? Ele era só um cúmplice sem importância, eu acho. Eles estavam atrás de mim. Por que iam se incomodar com um rato? Eu não sei.

— O atentado a Kramer foi a sexta bomba, certo?

— Acho que sim. — Sam inclinou-se para a frente outra vez com o rosto quase tocando a tela. Sua voz era baixa, as palavras cuidadosamente escolhidas, como se alguém pudesse estar ouvindo.,

— Você acha?

— Foi há muito tempo, certo? — Fechou os olhos e pensou por um momento. — Sim, a número seis.

— O FBI disse que foi a número seis.

— Então está resolvido. Eles sempre têm razão.

— O mesmo Pontiac verde foi usado em um ou mais dos atentados anteriores?

— Sim. Em dois, se bem me lembro. Usamos mais de um carro.

— Todos fornecidos por Dogan?

— Sim. Ele era vendedor de automóveis.

Eu sei. O mesmo homem entregou o Pontiac nos outros atentados?

Eu nunca vi nem Conheci ninguém que entregava carros para atentados. Dogan não trabalhava desse jeito. Ele era extremamente cauteloso e seus planos muito detalhados. Não posso afirmar, mas tenho certeza de que o homem que entregava os carros não tinha a mínima ideia de quem eu era.

— Os carros eram entregues com a dinamite?

— Sim. Sempre. Dogan tinha armas e explosivos suficientes para uma pequena guerra. Os federais também nunca encontraram seu arsenal.

— Onde você aprendeu a lidar com explosivos?

— Campo de treino da KKK e o manual básico de treinamento.

— Provavelmente hereditário, não é mesmo?

— Não, não era.

— Falo sério. Como aprendeu a detonar explosivos?

— É tudo muito básico e simples. Qualquer tolo pode aprender em trinta minutos.

— Então, com um pouco de prática fica mestre.

— A prática ajuda. Não é muito mais difícil do que acender fogos de artifício. Você risca o fósforo, qualquer fósforo e encosta a chama na ponta do pavio comprido, até acender. Então você sai na disparada. Se tiver sorte, não explode antes de quinze minutos.

— E isso é um conhecimento que todos os homens da Klan, por assim dizer, absorvem?

— A maioria dos que eu Conheci sabia fazer isso.

— Ainda conhece algum membro da Klan?

— Não. Todos me abandonaram.

Adam olhou atentamente para ele. Os ferozes olhos azuis estavam inexpressivos. Nem uma ruga se moveu. Não havia emoção, sentimento, nem mágoa nem raiva. Sam devolveu o olhar sem piscar.

Adam voltou para seu bloco de anotações.

— No dia 2 de março de 1967, uma bomba explodiu numa sinagoga chamada Templo Hirsch, em Jackson. Foi você?

— Vá direto ao ponto, está bem?

— É uma pergunta fácil.

Sam girou o filtro do cigarro entre os lábios e pensou por um segundo.

— Por que é importante?

— Apenas responda à maldita pergunta — disse Adam, irritado. — É tarde demais para jogos.

— Nunca me perguntaram isso antes.

— Bem, acho que hoje é o seu grande dia. Um simples sim ou não basta.

— Sim.

— Usou o Pontiac verde?

— Acho que sim.

— Quem estava com você?

— Por que pensa que havia alguém comigo?

— Porque uma testemunha disse que viu um Pontiac verde passar rapidamente alguns minutos antes da explosão. Disse também que havia duas pessoas no carro. Ele até identificou você como a pessoa que estava dirigindo.

— Ah, sim. Nosso amiguinho Bascar. Li a respeito nos jornais.

— Ele estava perto da esquina da Fortification com a State quando você e seu companheiro passaram a toda.

— É claro que ele estava. E acabava de sair de um bar às três da manhã, bêbado como um gambá e burro como uma porta, ainda por cima. Basear, certamente você sabe, nunca chegou perto de um tribunal, nunca pôs a mão na Bíblia e jurou dizer a verdade, nunca enfrentou um interrogatório, nunca apareceu até eu ser preso em Greenville e de metade do mundo ter visto a foto do Pontiac verde nos jornais. Sua tentativa de identificação só foi feita depois da minha cara estar em todos os jornais.

— Então, ele estava mentindo?

— Não, provavelmente é só ignorante. Lembre-se de uma coisa, Adam, eu nunca fui acusado daquela explosão. Basear nunca foi pressionado. Nunca prestou testemunho juramentado. Se não me engano, sua história apareceu quando o repórter de um jornal de Memphis vasculhou os inferninhos e os bordéis o tempo suficiente para encontrar alguém como Basear.

— Vamos tentar deste modo então. Havia alguém com você quando pôs a bomba numa sinagoga chamada Templo Hirsch, em 2 de março de 1967?

Sam olhou para dois centímetros abaixo da abertura, depois para o

balcão, depois para o chão. Recuou um pouco da tela e recostou na cadeira. Como de praxe, o maço de Montclair foi tirado do bolso, ele levou um tempo enorme escolhendo um cigarro, depois bateu o filtro, depois o levou aos lábios úmidos. Acender o fósforo era outro breve ritual, mas por fim completado e a fumaça subiu para o teto.

Adam observou e esperou, até se tornar evidente que não teria uma resposta rápida. A própria demora era uma admissão. Começou a bater nervosamente com a caneta no bloco, respirando com rapidez e notando um aumento no ritmo das batidas do seu coração. Seu estômago vazio de repente deu um salto. Seria essa a oportunidade? Se houve um cúmplice, então talvez tivessem trabalhado em equipe e talvez Sam não tivesse armado a bomba que matou os Kramer. Talvez pudesse apresentar esse fato a um juiz de boa vontade, em algum lugar, disposto a ouvir e a conceder um adiamento. Talvez. Quem sabe. Poderia ser?

— Não — Sam disse em voz baixa mas firme, olhando para Adam pela abertura.

— Não acredito em você.

— Não havia nenhum cúmplice.

— Não acredito em você, Sam.

Sam deu de ombros displicentemente, como se pouco se importasse. Cruzou as pernas e segurou um joelho com as mãos.

Adam respirou fundo, escreveu alguma coisa, como se estivesse esperando essa resposta e passou para outra página.

— A que horas você chegou em Cleveland, na noite de 20 de abril de 1967?

— Em qual das vezes?

— Na primeira.

— Saí de Clanton mais ou menos às seis. Dirigi duas horas até Cleveland. Portanto, cheguei cerca das oito horas.

— Aonde foi?

— A um shopping Center.

— Por quê?

— Para apanhar o carro.

— O Pontiac verde?

— Sim. Mas ele não estava lá. Então fui para Greenville, para estudar o lugar.

— Já tinha estado em Greenville antes?

— Sim. Umas duas semanas antes. Fui até o escritório do judeu para ver bem como era.

— Foi uma estupidez, não foi? Quero dizer, a secretária dele o identificou no julgamento como o homem que entrou perguntando sobre uma rua e pediu para ir ao banheiro.

— Uma grande estupidez. Mas eu nem estava pensando em ser

apanhado. Ela nunca ia ver minha cara outra vez. — Mordeu o filtro e deu uma longa tragada. — Uma péssima jogada. É claro que é muito fácil, agora, aqui sentado avaliar tudo que aconteceu.

— Quanto tempo ficou em Greenville?

— Mais ou menos uma hora. Então, voltei para Cleveland para apanhar o carro. Dogan sempre fazia planos detalhados, com várias alternativas. O carro estava no local B, perto de uma parada de caminhões.

— Onde estavam as chaves?

— Debaixo do tapete.

— O que você fez?

— Saí com ele. Fui para fora da cidade, passei por umas plantações de algodão. Encontrei um lugar isolado e parei. Abri a mala para verificar a dinamite.

— Quantas bananas?

— Quinze, eu acho. Eu estava usando entre doze e vinte, dependendo do prédio. Vinte para a sinagoga, porque era nova e moderna, construída com concreto e pedra. Mas o escritório do judeu era uma casa velha de madeira e eu sabia que quinze dariam para arrasar tudo.

— O que mais havia na mala?

— O de sempre. Uma caixa de papelão com a dinamite. Dois detonadores. Um pavio de quinze minutos.

— Nada mais?

— Nada mais.

— Tem certeza?

— É claro que tenho.

— E o relógio? O detonador?

— Ah, sim, eu me esqueci. Estava em outra caixa menor.

— Descreva para mim.

— Por quê? Você leu as transcrições do julgamento. O especialista do FBI reconstruiu com arte minha pequena bomba. Você leu, não leu?

Muitas vezes.

E viu as fotos que usaram no julgamento. Dos fragmentos da bomba-relógio. Viu tudo isso, não viu?

— Eu vi. Onde Dogan arranjou o relógio?

— Eu nunca perguntei. Podia ser comprado em qualquer loja. Era só um despertador comum, barato. Nada complicado.

— Foi seu primeiro trabalho com uma bomba-relógio?

— Você sabe que foi. As outras bombas foram detonadas com o pavio. Por que está fazendo essas perguntas?

— Porque quero ouvir suas respostas. Eu li tudo, mas quero ouvir de você. Por que resolveu retardar a bomba de Kramer?

— Porque estava farto de acender pavios e correr como um desesperado. Eu queria mais tempo entre a armação da bomba e a explosão.

— A que horas a armou?

— Mais ou menos 4 da manhã.

— O que saiu errado?

— Ela não explodiu às cinco horas. Explodiu um pouco antes das oito e então havia gente no prédio, e algumas dessas pessoas morreram. E é por isso que estou sentado aqui com um macacão vermelho, imaginando como será o cheiro do gás.

— Dogan testemunhou que a escolha de Marvin Kramer como alvo foi feita entre vocês dois. Que Kramer estava na lista dos alvos da Klan há dois anos, que o uso de uma bomba-relógio foi ideia sua, como um meio de matar Kramer porque ele sempre observava o mesmo horário e que você agiu sozinho.

Sam ouviu pacientemente, fumando seu cigarro, olhando para o chão com os olhos entrecerrados e balançando afirmativamente a cabeça. Quando Adam terminou, ele quase sorriu.

— Bem, eu acho que Dogan enlouqueceu, não acha? Os federais o atormentaram durante anos e finalmente ele desmoronou. Não era um homem forte, sabe? — Respirou fundo e olhou para Adam. — Mas uma parte disso é verdade. Não muita coisa, mas alguma.

— Você queria matá-lo?

— Não. Não estávamos matando. Só explodindo casas.

— E a casa dos Pinder, em Vicksburg? Uma das suas bombas?

Sam balançou a cabeça lenta e afirmativamente.

— A bomba explodiu às quatro da manhã, quando toda a família Pinder estava dormindo. Seis pessoas. Por milagre, só um ferimento sem gravidade.

— Não foi por milagre. A bomba foi armada na garagem. Se eu quisesse matar alguém, teria armado na janela do quarto.

— Metade da casa foi destruída.

— Isso mesmo, e eu podia ter usado um relógio e acabado com um bando de judeus enquanto comiam seus *bagels* ou o que fosse.

— Por que não fez isso?

— Como eu disse, não estávamos tentando matar ninguém.

— O que estavam tentando fazer?

— Intimidar. Retaliar. Evitar que os malditos judeus apoiassem o movimento dos direitos civis. Estávamos tentando manter os africanos no seu lugar — nas suas escolas, igrejas, seus bairros e seus banheiros, longe das nossas mulheres e dos nossos filhos. Judeus como Marvin Kramer estavam promovendo uma sociedade inter-racial e agitando os africanos. O filho da mãe precisava ser posto na linha.

— Vocês mostraram mesmo a ele, não mostraram?

— Ele teve o que merecia. Eu sinto pelos meninos.

— Sua compaixão é comovente.

— Escute, Adam, e escute com atenção. Eu não pretendia ferir ninguém. A bomba devia explodir às 5 horas, três horas antes dele chegar no escritório. Os filhos estavam com ele só porque a mulher estava com gripe.

— Mas não sente nenhum remorso por Marvin ter perdido as duas pernas?

— Francamente, não.

— Nenhum remorso porque ele cometeu suicídio?

— Ele puxou o gatilho, não eu.

— Você é doente, Sam.

— É, e vou ficar muito mais doente quando cheirar o gás.

Adam balançou a cabeça, revoltado, mas não disse nada.

Mais tarde poderiam discutir sobre raça e ódio. Não que naquele momento tivesse esperança de fazer algum progresso com Sam sobre esses assuntos. Mas estava resolvido a tentar. Porém, agora, precisavam falar sobre fatos.

Depois de examinar a dinamite, o que você fez?

Voltei para a parada de caminhões. Tomei café.

Por quê?

Talvez estivesse com sede.

Muito engraçado, Sam. Vê se se limita a responder às perguntas.

— Eu estava esperando.

— Esperando o quê?

— Eu precisava matar umas duas horas. Era mais ou menos meia-noite e eu queria passar o menor tempo possível em Greenville. Por isso, fiz hora em Cleveland.

— Falou com alguém no café?

— Não.

— Estava cheio?

— Na verdade, não me lembro.

— Ficou sozinho?

— Sim.

— Sentou a uma mesa?

— Sim. — Sam sorriu, porque sabia o que Adam ia perguntar em seguida.

— Um caminhoneiro chamado Tommy Farris disse que viu um homem muito parecido com você na parada de caminhões naquela noite e que esse homem tomou café durante um longo tempo com um homem mais moço.

— Eu não conheço o sr. Farris, mas acredito que tenha tido um lapso de memória que durou três anos. Nem uma palavra para ninguém, se bem me lembro, até outro repórter o descobrir e então

seu nome apareceu nos jornais. É espantoso como essas testemunhas misteriosas aparecem anos depois dos julgamentos.

— Por que Farris não testemunhou no seu último julgamento?

— Não me pergunte. Acho que porque não tinha nada a dizer. O fato de ele ter me visto tomando café sozinho ou com outra pessoa, sete horas antes da explosão, é irrelevante. Além disso, eu tomei café em Cleveland e não tem nada a ver com o fato de ter ou não cometido o crime.

— Então Farris estava mentindo?

— Eu não sei o que Farris estava fazendo. E nem quero saber. Eu estava sozinho. Isso é que importa.

— A que horas saiu de Cleveland?

— Mais ou menos às três, eu acho.

— E foi direto para Greenville?

— Sim. E passei pela casa dos Kramer, vi o guarda sentado na varanda, passei pelo escritório, matei mais algum tempo e mais ou menos às quatro, estacionei atrás do escritório, entrei pela porta dos fundos, armei a bomba num armário, no corredor, voltei para o meu carro e fui embora.

— A que horas saiu de Greenville?

— Eu pretendia sair depois da explosão. Mas, como você sabe, só depois de alguns meses consegui sair da cidade.

— Para onde foi quando saiu do escritório de Kramer?

— Encontrei uma pequena lanchonete na estrada, a uns quinhentos metros do escritório de Kramer.

— Por que a lanchonete?

— Para tomar café.

— Que horas eram?

— Não sei. Quatro e meia, por aí.

— Estava cheia?

— Um punhado de fregueses. A lanchonete de terceira típica, que fica aberta a noite toda, um cozinheiro gordo com uma camiseta suja e uma garçonete que masca chiclete com a boca aberta, estalando os lábios.

— Falou com alguém?

— Falei com a garçonete quando pedi o café. Talvez eu tenha pedido uma rosquinha.

— E você estava tomando uma boa xícara de café, tratando da sua vida, esperando a explosão da bomba.

— Isso mesmo. Eu sempre gostei de ouvir a explosão e de ver a reação do povo.

— Então, já tinha feito isso antes?

— Umas duas vezes. Em fevereiro daquele ano, explodi o escritório do corretor de imóveis, em Jackson os judeus tinham vendido uma

casa para negros num bairro residencial de brancos — e eu acabava de me sentar num restaurante a menos de três quadras de distância quando a bomba explodiu. Eu tinha usado o pavio, por isso tive de sair correndo, estacionar rapidamente e sentar à mesa. A garçonete estava pondo o café na mesa quando o chão estremeceu e todo mundo ficou paralisado. Eu gostei. Eram quatro horas da manhã e o restaurante estava cheio de caminhoneiros e entregadores, tinha até uns tiras num canto e, é claro, eles saíram correndo e partiram com as luzes girando. Minha mesa balançou tanto que o café derramou da xícara.

— E isso foi um prazer para você?

— Sim, foi. Mas os outros trabalhos foram muito arriscados. Não tive tempo para encontrar um café ou um restaurante e fiquei rodando de carro por alguns minutos, esperando o espetáculo. Eu acertava sempre meu relógio e sabia quando a bomba ia explodir. Quando estava no carro, eu procurava ficar na periferia da cidade, você sabe. — Parou de falar e deu uma tragada no cigarro. Suas palavras eram lentas e cautelosas. Seus olhos se animaram um pouco quando falou das suas aventuras, mas as palavras continuaram medidas. — Eu vi a explosão dos Pinder — acrescentou.

— Como consegui isso?

— Eles moravam numa casa grande, num bairro residencial, com muitas árvores, numa espécie de vale. Estacionei o carro na encosta da colina, a mais ou menos dois quilômetros, e estava sentado debaixo de uma árvore quando a bomba explodiu.

— Tudo em perfeita paz.

— Sim, falo sério. Lua cheia, noite fria. Eu tinha uma bela vista da rua e podia ver quase todo o telhado. Estava tão calmo e quieto, todos dormindo, então, buuum, o telhado explodiu, foi até o inferno e voltou.

— Qual foi o pecado do sr. Pinder?

— Só judaísmo geral e completo. Gostava de crioulos. Sempre se juntava aos africanos radicais que vinham do norte para agitar todo mundo. Ele gostava de fazer passeatas e boicotes com os africanos. Suspeitávamos que estivesse financiando muitas das atividades deles.

Adam tomava notas e tentava absorver tudo aquilo. Era difícil, porque quase inacreditável. Talvez a pena de morte não fosse uma má ideia, afinal de contas.

— Voltando a Greenville. Onde ficava a lanchonete?

— Não me lembro.

— Qual era o nome?

— Isso foi há vinte anos. E não era o tipo de lugar que a gente quer lembrar.

— Na Rodovia 82?

— Acho que sim. O que você vai fazer? Passar seu tempo procurando o cozinheiro gordo e a garçonete vulgar? Está duvidando da minha história?

— Sim. Estou duvidando da sua história.

— Por quê?

— Porque você não sabe me dizer onde aprendeu a fabricar uma bomba-relógio.

— Na garagem, atrás da minha casa.

— Em Clanton?

— Fora de Clanton. Não é difícil.

— Quem o ensinou?

— Apreendi sozinho. Eu tinha um desenho, um folheto com diagramas e coisas assim. Primeiro passo, segundo, terceiro. Não é nada difícil.

— Quantas vezes você praticou com esse detonador antes de armar a bomba de Kramer?

— Uma vez.

— Onde? Quando?

— No bosque, perto da minha casa. Levei duas bananas de dinamite e a aparelhagem necessária, fui até o leito de um pequeno regato bem no meio do bosque. Funcionou Perfeitamente.

— É claro. E fez todo esse estudo e essa pesquisa na sua garagem?

— Foi o que eu disse.

— Seu pequeno laboratório particular.

— Chame como quiser.

— Muito bem. O FBI fez uma revista completa na sua casa, sua garagem, e todo o terreno em volta, enquanto você estava sob custódia. Não encontram nem sinal de explosivos.

— Talvez eles sejam idiotas. Talvez eu tenha sido cuidadoso e não deixei nenhum vestígio.

— Ou talvez a bomba tivesse sido armada por alguém com experiência em explosivos.

— Nada disso. Sinto muito.

— Por quanto tempo você ficou na lanchonete em Greenville?

— Uma porção de tempo. Cinco horas chegou e passou. Então eram quase seis. Saí alguns minutos antes das seis e fui até o escritório de Kramer. Tudo parecia tranquilo. Já havia algumas pessoas na rua e eu não queria ser visto. Atravessei o rio, fui até Lake Village, Arkansas, depois voltei para Greenville. Eram sete horas, o sol já estava alto e tinha muita gente nas ruas. Nada de explosão. Parei o carro numa rua lateral e andei por algum tempo. A maldita coisa não ia explodir. Eu não podia ir verificar, você sabe. Andei e andei, apurando o ouvido, esperando sentir o chão tremer. Nada aconteceu.

— Você viu Marvin Kramer e os filhos entrarem na casa?

— Não. Virei uma esquina e vi o carro dele estacionado e pensei, que droga! Fiquei atordado. Não podia pensar. Mas então, disse para mim mesmo, que diabo, é só um judeu e fez uma porção de coisas erradas. Depois, pensei em secretárias e outras pessoas que podiam trabalhar lá, então dei outra volta no quarteirão. Lembro de ter consultado meu relógio quando faltavam vinte minutos para as oito e achei que podia dar um telefonema anônimo para o escritório e avisar o Kramer que tinha uma bomba no armário. E se ele não acreditasse, então podia ir verificar e sair correndo.

— Por que não fez isso?

— Eu não tinha nem uma moeda. Deixei todo meu troco de gorjeta para a garçonete e não queria entrar numa loja e pedir para trocar dinheiro. Tenho de confessar que fiquei nervoso. Minhas mãos tremiam e eu não queria parecer suspeito para ninguém. Era um estranho na cidade, compreende? E aquela era a minha bomba, certo? Eu estava numa cidade pequena onde todo mundo se conhece e eles sempre lembram de um estranho quando algum crime é cometido. Lembro de andar na calçada, no lado oposto ao escritório de Kramer, e na frente de um salão de barbeiro havia uma caixa de jornais e um homem procurava troco nos bolsos. Eu quase pedi uma moeda para dar um telefonema rápido, mas estava nervoso demais.

— Por que estava tão nervoso, Sam? Acabou de dizer que pouco se importava que Kramer ficasse ferido. Era a sua sexta bomba, certo?

— É, mas as outras foram fáceis. Acender o pavio, sair pela porta e esperar alguns minutos. Eu só pensava na secretária bonitinha que tinha visto no escritório de Kramer, a que me mostrou onde ficava o banheiro. A mesma que depois testemunhou no julgamento. E pensava nas outras pessoas que trabalhavam no escritório porque quando estive lá vi gente por toda parte. Eram quase oito horas e eu sabia que o escritório ia abrir dentro de poucos minutos. Sabia que muita gente ia ser morta. Minha cabeça parou de funcionar. Lembro-me de ter ficado perto de um telefone, a uma quadra do escritório, olhando para o relógio, olhando para o telefone, dizendo para mim mesmo que tinha de telefonar. Finalmente, entrei na cabine e procurei o número, mas quando fechei a lista, lembrei que não tinha uma moeda. Então resolvi entrar no barbeiro para arranjar troco. Minhas pernas estavam pesadas e eu suava por todos os poros. Fui até o barbeiro, parei na calçada e olhei para dentro pela janela de vidro. Estava cheio. Havia homens de pé, encostados na parede, conversando e lendo jornal e outros nas cadeiras, falando todos ao mesmo tempo. Lembro que um ou dois olharam rapidamente para mim e então outros dois olharam fixamente e eu fui embora.

— Para onde você foi?

— Não estou muito certo. Havia um escritório ao lado do de

Kramer e lembro de ver um carro parar na frente dele. Pensei que podia ser a secretária, ou alguém que ia entrar no escritório de Kramer e acho que estava andando na direção do carro quando a bomba explodiu.

— Então você estava do outro lado da rua?

— Acho que sim. Lembro que caí de quatro na calçada enquanto pedaços de vidro e de entulho caíam em cima de mim. Mas não lembro de muita coisa depois disso.

Bateram de leve na porta e então o sargento Packer apareceu com um copo grande de isopor, com café, um guardanapo de papel, um bastãozinho de plástico para mexer e um potinho com creme.

— Achei que ia precisar de um pouco de café. Desculpe a intromissão. — Pôs o café e o creme no balcão.

— Obrigado — disse Adam.

Packer deu meia-volta e caminhou para a porta.

— O meu quero com dois torrões de açúcar e creme — Sam disse, do outro lado da tela.

— Sim, senhor — disse Packer, sem parar.

— Bom serviço por aqui — comentou Adam.

— Maravilhoso, simplesmente maravilhoso.

QUATORZE

E CLARO QUE NÃO SERVIRAM café para Sam. Ele sabia disso, mas Adam não. Assim, depois de esperar alguns minutos, Sam disse:

— Tome seu café.

Ele acendeu outro cigarro e andou um pouco atrás da cadeira, de um lado para o outro, enquanto Adam mexia o café com o bastão de plástico. Eram quase onze horas, Sam tinha perdido sua hora ao ar livre e não acreditava que Packer fosse providenciar para ele sair mais tarde. Andou e agachou-se algumas vezes, fez meia dúzia de flexões, com as juntas estalando cada vez que se abaixava e levantava com equilíbrio precário. Durante os primeiros meses no Corredor, Sam praticou seus exercícios com grande disciplina. Chegou a fazer cem flexões de braço e cem abdominais, na cela, todos os dias. Seu peso caiu para 80 quilos ideais, ajudado pela dieta com pouca gordura. Não tinha barriga e os músculos estavam rígidos. Nunca se sentira tão saudável.

Porém, logo depois, tomou consciência de que o Corredor seria sua última morada e que algum dia o estado ia matá-lo. De que adiantava boa saúde e músculos fortes, quando se está trancado vinte e quatro horas por dia, esperando a morte? Parou com os exercícios. Começou a fumar mais. Entre os outros prisioneiros, Sam era considerado um homem de sorte, especialmente porque tinha dinheiro lá fora. Um irmão mais moço, Donnie, que morava na Carolina do Norte, uma vez por mês mandava para Sam uma caixa de papelão com dez pacotes de cigarros Montclair. Sam fumava uma média de três ou quatro maços por dia. Queria se matar antes que o estado o fizesse. E preferia que fosse por intermédio de alguma doença demorada, com tratamento longo e dispendioso que o estado do Mississippi seria obrigado a pagar.

Parecia que Sam ia perder a corrida.

O juiz federal que havia assumido o controle da Parchman, através de um processo de direitos dos prisioneiros, havia decretado uma revisão completa nos procedimentos básicos de correção, definindo detalhadamente os direitos dos prisioneiros. Determinou, por exemplo, a área exata de cada cela no Corredor e quanto dinheiro cada prisioneiro podia possuir. Vinte dólares era o máximo. Era chamado de “poeira” e sempre vinha de fora. Os ocupantes do corredor da morte não podiam trabalhar e ganhar dinheiro. Os que tinham mais sorte recebiam alguns dólares, por mês, de parentes e amigos. Podiam gastar na cantina que ficava no centro da USM. Refrigerantes eram chamados de “mamadeiras”. Balas e sanduíches eram “zu-zus” e “nham-nham”. Cigarros de verdade em pacotes eram “calças justas” e

“fumo de rolo”.

A maior parte dos prisioneiros do Corredor não recebia coisa alguma de fora. Eles trocavam, negociavam e comerciavam, juntando dinheiro suficiente para comprar folhas de tabaco que enrolavam em pedaços de papel fino e fumavam devagar. Sam era sem dúvida um homem de sorte.

Voltou para a cadeira e acendeu um cigarro.

— Por que você não depôs no julgamento? — O advogado perguntou, do outro lado da tela.

— Qual julgamento?

— Boa pergunta. Nos dois primeiros.

— Não foi preciso. Brazelton escolheu bons jurados, todos brancos, gente boa e compreensiva, gente que sabe das coisas. Eu sabia que não seria condenado por aquelas pessoas. Não precisava depor.

— E no último?

— Esse foi um pouco mais complicado. Keyes e eu discutimos a respeito muitas vezes. A princípio ele achou que talvez me ajudasse, porque eu podia explicar para o júri as minhas intenções. Ninguém devia se machucar *etc.* A bomba devia explodir às 5 horas da manhã. Mas sabíamos que o interrogatório do promotor seria brutal. O juiz já havia determinado que podiam falar sobre as outras bombas, para provar certos pontos. Eu seria obrigado a admitir que de fato armei a bomba, as quinze bananas de dinamite que eram suficientes para matar muita gente.

— Então, por que não depôs?

— Dogan. Aquele filho da mãe mentiroso disse para o júri que nosso plano era matar o judeu. Foi uma testemunha muito eficiente. Quero dizer, pense bem, ali estava o ex-Mago Imperial da Klan do Mississippi, depondo para a Promotoria, contra um dos seus homens. Era chumbo grosso. O júri engoliu tudo.

— Por que Dogan mentiu?

— Jerry Dogan enlouqueceu, Adam. Estou dizendo, enlouqueceu de verdade. Os federais o perseguiram durante quinze anos — grampeavam seus telefones, seguiam sua mulher por toda a cidade, importunavam seus parentes, ameaçavam seus filhos, batiam na porta dele a qualquer hora do dia ou da noite. Sua vida ficou miserável. Tinha sempre alguém vigiando ou escutando. Então, ele ficou descuidado e os homens do imposto de renda deram o bote. Eles, com o FBI, disseram que trinta anos de prisão o esperavam. Dogan desmoronou sob a pressão. Depois do meu julgamento, ouvi dizer que ele ia viajar por algum tempo. Você sabe, foi internado. Fez o tratamento, voltou para casa e morreu logo depois.

— Dogan está morto?

Sam parou no meio de uma baforada. A fumaça escapou da sua

boca e espiralou na frente do nariz e dos olhos, que no momento espriavam incrédulos pela abertura da tela.

— Você não sabe nada sobre Dogan? — perguntou.

A memória de Adam percorreu rapidamente os inúmeros artigos e reportagens colecionados e indexados. Balançou a cabeça.

— Não. O que aconteceu com ele?

— Pensei que soubesse de tudo — disse Sam. — Pensei que tivesse memorizado tudo a meu respeito.

— Sei muita coisa a seu respeito, Sam. Na verdade, não me importo muito com Jeremiah Dogan.

— Ele morreu num incêndio. Ele e a mulher. Estavam dormindo quando um cano começou a vazar gás propano. Os vizinhos disseram que foi como uma bomba.

— Quando aconteceu isso?

— Exatamente um ano depois de ele ter testemunhado contra mim.

Adam tentou anotar o fato, mas a caneta não queria se mover. Procurou uma pista no rosto de Sam.

— Exatamente um ano depois?

— Isso mesmo.

— Uma bela coincidência.

— Eu estava aqui, é claro, mas ouvi alguma coisa a respeito. A polícia concluiu que foi acidental. Na verdade, acho que processaram a companhia de gás.

— Então, você não acha que ele foi assassinado?

— É claro que eu penso que ele foi assassinado.

— Muito bem. Quem foi?

— Na verdade, o FBI esteve aqui e fez algumas perguntas. Dá para acreditar? Os federais metendo o nariz por aqui. Dois garotos do norte. Mal podiam esperar para visitar o corredor da morte, exibir seus distintivos e conhecer um verdadeiro terrorista da Klan. Estavam apavorados, com medo da própria sombra. Fizeram umas perguntas idiotas durante uma hora e foram embora. Nunca mais ouvi falar neles.

— Quem podia querer matar Dogan?

Sam mordeu o filtro do cigarro e deu a última tragada. Apagou no cinzeiro, soltando a fumaça através da tela, ignorando o gesto exagerado com que Adam abanou o ar.

— Uma porção de gente — ele murmurou.

Adam fez uma anotação a margem para falar sobre Dogan mais tarde. Faria a pesquisa primeiro, depois voltaria a falar, em outra ocasião.

— Só para reforçar a defesa — disse ele, escrevendo ainda — parece que você devia ter testemunhado para rebater as afirmações de Dogan.

— Eu quase testemunhei — disse Sam, com uma sugestão de arrependimento. — Na última noite do julgamento, eu, Keyes e o sócio dele, não me lembro o nome, ficamos até a meia-noite resolvendo se eu devia ou não depor. Mas, pense um pouco, Adam, eu seria obrigado a admitir que tinha armado a bomba, que o detonador estava cronometrado para explodir mais tarde, que estive envolvido em outros atentados e que estava no outro lado da rua quando ela explodiu. Além disso, a Promotoria já havia provado que Marvin Kramer era um alvo. Quero dizer, que diabo, eles fizeram o júri ouvir os telefonemas gravados pelo FBI. Você precisava ter ouvido. Ligaram uns alto-falantes enormes na sala do tribunal e puseram o gravador numa mesa na frente do júri, como se fosse uma bomba prestes a explodir. E lá estava Dogan falando ao telefone com Wayne Graves, sua voz metálica, mas bem clara, falando em explodir Marvin Kramer por causa disto e daquilo e gabando-se de que ia mandar seu Grupo, como ele me chamava, a Greenville, para tratar das coisas. As vozes naquela fita pareciam almas penadas do inferno e o júri estava atento a cada palavra. Muito eficiente. E então, é claro, tinham o testemunho do próprio Dogan. Naquele momento, eu ia parecer ridículo tentando testemunhar para convencer o júri de que eu não era um cara muito mau. McAllister teria me devorado vivo. Por isso resolvemos que eu não devia depor. Olhando para trás, foi uma decisão errada. Eu devia ter falado.

— Mas não falou, seguindo o conselho do seu advogado?

— Escute, Adam, se está pensando em acusar Keyes de incompetente, esqueça. Paguei um bom dinheiro a ele, hipotequei tudo que eu tinha e ele fez um bom trabalho. Muito tempo atrás, Goodman e Tyner pensaram em atacar Keyes, mas não encontraram nada de errado com o trabalho dele. Esqueça.

O dossiê Cayhall da Kravitz & Bane continha pelo menos cinco centímetros de espessura, com pesquisas e memorandos a respeito da defesa de Benjamin Keyes. Aconselhamento incompetente do advogado de defesa era um argumento padrão usado nos recursos de pena de morte, mas não foi usado no caso de Sam Cayhall. Goodman e Tyner estudaram o caso a fundo, trocando longos memorandos entre seus escritórios no 61º e 66º andares, em Chicago. O memorando com a conclusão final declarava que Keyes havia feito um bom trabalho no julgamento e que não havia nada para atacar.

O dossiê incluía uma carta de três páginas escrita por Sam proibindo expressamente qualquer ataque a Keyes. Garantia que não assinaria petição alguma nesse sentido.

Entretanto, o último memorando fora escrito sete anos antes, numa época em que a pena de morte era uma possibilidade muito remota. As coisas eram diferentes agora. Informações teriam de ser

ressuscitadas ou até mesmo fabricadas. Estava na hora de agarrar qualquer fiapo de palha.

— Onde está Keyes agora? — perguntou Adam.

— A última notícia que tive dizia que tinha um emprego em Washington. Ele me escreveu há uns cinco anos, dizendo que não estava mais advogando. Ficou muito abalado quando perdeu o meu caso. Acho que nenhum de nós esperava esse resultado.

— Você não esperava ser condenado?

— Francamente, não. Eu já havia ganho duas vezes, você sabe. E meu júri na terceira vez tinha oito brancos, ou devo dizer anglo-americanos? Por pior que tenha sido o julgamento, acho que eu nunca acreditei que fossem me condenar.

— E Keyes?

— Oh, ele estava preocupado. Pode estar certo que não pensamos que seria fácil. Levamos meses preparando o julgamento. Ele abandonou os outros clientes, até a família, durante semanas, enquanto nos preparávamos. McAllister estava aparecendo nos jornais todos os dias e quanto mais ele falava, mais nós trabalhávamos. Eles divulgaram a lista dos jurados em potencial, quatrocentos ao todo, e passamos dias investigando aquela gente. A preparação pré-julgamento de Keyes foi impecável. Não fomos ingênuos.

— Lee me disse que você pensou em desaparecer.

— Ah, ela contou.

— Sim, ontem à noite.

Ele bateu outro cigarro no balcão e o examinou por um momento, como se fosse o último.

— Sim, eu pensei nisso. McAllister começou a fazer pressão depois de quase treze anos. Eu era um homem livre, que diabo, eu tinha quarenta e sete anos quando terminou o segundo julgamento e voltei para casa. Quarenta e sete anos, inocentado por dois júris e tudo havia ficado para trás. Eu era feliz. Minha vida era normal. Cuidava da fazenda e tinha uma serraria, tomava café na cidade e votei em todas as eleições. Os federais me vigiaram durante alguns meses, mas acho que se convenceram de que eu tinha desistido das bombas. Uma vez ou outra um repórter inoportuno aparecia em Clanton, fazendo perguntas, mas ninguém falava com ele. Vinham sempre do norte, uns idiotas, grossos e ignorantes, e nunca demoravam muito tempo na cidade. Certo dia, um deles foi até a minha casa e não queria ir embora. Em vez de apanhar uma espingarda, eu soltei os cachorros, que mastigaram o traseiro dele. Nunca mais voltou. — Riu, lembrando, e acendeu o cigarro. — Nem nos meus sonhos mais loucos imaginei isto. Se eu tivesse alguma ideia, a menor pista de que isto podia acontecer comigo, teria desaparecido há muitos anos. Eu estava completamente livre, você compreende, sem nenhuma restrição. Eu

teria ido para a América do Sul, mudaria meu nome, desaparecia duas ou três vezes e depois me instalava em algum lugar como São Paulo ou Rio.

— Como Mengele.

— Alguma coisa assim. Eles nunca o apanharam. Nunca apanharam uma porção daqueles caras. Eu estaria agora morando numa casa, falando português e rindo de imbecis como David McAllister. — Balançou a cabeça e fechou os olhos, sonhando com o que podia ter sido.

— Por que não foi embora quando McAllister começou a se agitar?

— Porque fui tolo. Tudo aconteceu devagar. Como um pesadelo tornando-se realidade. Primeiro McAllister foi eleito com todas as suas promessas. Então, alguns meses depois, Dogan foi apanhado pela receita federal. Comecei a ouvir boatos e a ler pequenas notas nos jornais. Mas simplesmente me recusei a acreditar que podia acontecer. Antes que eu desse conta, o FBI estava me seguindo e eu não podia mais fugir.

Adam consultou o relógio e de repente sentiu-se cansado. Estavam falando há mais de duas horas e ele precisava de ar fresco e de sol. Sua cabeça doía por causa da fumaça do cigarro e a sala ficava cada vez mais abafada. Colocou a tampa na caneta e guardou o bloco na pasta.

— Acho melhor eu ir agora — disse, na direção da tela. — Provavelmente volto amanhã para mais uma sessão.

— Estarei aqui.

— Lucas Mann me deu sinal verde. Posso vir quando quiser.

— Um cara e tanto, não é?

— É legal. Está só fazendo seu trabalho.

— Assim como Naifeh e Nugent e todos os outros “caras brancos”.

— Caras brancos?

— É a gíria para as autoridades. Ninguém na verdade quer me matar, mas estão só fazendo seu trabalho. Tem aquele retardado com nove dedos que é o encarregado oficial da execução. — O cara que mistura o gás e coloca a lata na sala. Pergunte a ele o que está fazendo quando me amarrarem na cadeira e ele vai dizer, “Só fazendo o meu trabalho”. O capelão da prisão e o médico da prisão e o psiquiatra da prisão, mais os guardas que vão me escoltar e os paramédicos que vão me carregar para fora da sala, bem, são todos gente boa, não têm nada contra mim, mas estão todos fazendo seu trabalho.

— Não vai chegar tão longe, Sam.

— É uma promessa?

— Não. Mas pense positivamente.

— Eu sei, pensamento positivo é muito popular por aqui. Eu e os homens somos bons em shows de motivação, programas de viagem e

compra de casas. Os africanos preferem pensar na “alma”.

— Lee está preocupada com você, Sam. Pediu para dizer que pensa em você e reza por você.

Sam mordeu o lábio inferior e olhou para o chão. Balançou a cabeça afirmativamente, mas não disse nada.

— Vou ficar na casa dela por um mês mais ou menos.

— Ela ainda está casada com aquele cara?

— Mais ou menos. Ela quer ver você.

— Não.

— Por quê?

Sam levantou vagarosamente da cadeira e bateu na porta atrás dele. Voltou-se e olhou para Adam através da tela. Adam retribuiu o olhar até o guarda abrir a porta e levar Sam.

QUINZE

O garoto SAIU HÁ uma hora com uma autorização, mas eu não vi o documento — Lucas Mann explicou para Phillip Naifeh que, de pé na frente da janela, observava um grupo de prisioneiros varrendo o lixo ao lado da estrada.

Naifeh estava com dor de cabeça, dor nas costas e no meio de um dia terrível que já incluía três telefonemas matutinos do governador e dois de Roxburgh, o procurador-geral. O assunto, naturalmente, foi Sam.

— Então, ele arranjou um advogado — disse Naifeh, apertando com cuidado um ponto das costas com a mão fechada.

— Isso mesmo e eu gostei muito do garoto. Ele passou no meu escritório antes de sair e parecia que acabava de ser atropelado por um caminhão. Acho que ele e o avô estão comendo fogo.

— Vai ficar pior para o avô.

— Vai ficar pior para todos nós.

— Sabe o que o governador me perguntou? Se podia arranjar para ele o manual da execução. Disse que é o governador deste estado e acha que deve ter o manual. Tentei explicar que não se trata exatamente de um manual, mas de um pequeno caderno de folhas soltas com uma capa negra que é profundamente alterado cada vez que há uma execução. Como se chama, ele quis saber. Eu disse que não tem título, nenhum nome oficial porque felizmente não é muito usado, mas pensando melhor, eu sempre o chamei de livrinho negro. Ele insistiu um pouco mais, eu fiquei um pouco mais irritado, desligamos e quinze minutos depois, o advogado dele, aquele corcundinha chato de óculos...

— Larramore.

— Larramore telefonou e disse que de acordo com esta e aquelas seções do código, o governador tem direito a um exemplar do manual. Eu o mandei esperar, consultei as seções do código, fiz esperar mais dez minutos, depois lemos a lei juntos e, como sempre, ele estava mentindo e bancando o esperto, pensando que sou imbecil. Não tem nada disso no meu exemplar do código. Desliguei na cara dele. Dez minutos mais tarde, o governador telefonou outra vez, todo meloso, disse para eu esquecer o livrinho, que ele está muito preocupado com os direitos constitucionais de Sam e tudo o mais e só quer ser informado de tudo durante o processo. Realmente encantador.

Naifeh passou o peso do corpo de um pé para o outro e mudou a mão nas costas, olhando pela janela.

— Então, meia hora depois, Roxburgh telefona e adivinhe o que ele quer saber? Se eu falei com o governador. Você sabe, Roxburgh

pensa que ele e eu somos unha e carne, velhos companheiros políticos, e por isso podemos confiar um no outro. Assim, ele me diz, confidencialmente, é claro, de um chapa para outro, que ele acha que o governador vai querer explorar esta execução para tirar vantagem política.

— Bobagem! — disse Lucas, rindo.

— Isso mesmo. Eu disse para Roxburgh que não acreditava que ele pudesse pensar tal coisa do nosso governador. Falei sério e ele ficou sério e prometemos que vamos vigiar o governador de perto e se virmos qualquer sinal de que ele está tentando manipular a situação, nós nos comunicamos imediatamente. Roxburgh disse que tem meios de neutralizar o governador se ele sair da linha. Não ousei perguntar o que ou como, mas ele parecia muito seguro.

— Então, quem é o maior tolo?

— Provavelmente Roxburgh. Mas é uma parada difícil. — Naifeh espreguiçou-se cuidadosamente e foi para sua mesa. Estava sem sapatos e com a camisa fora da calça. Obviamente sentindo dor.

— Ambos têm apetites insaciáveis por publicidade. São como dois meninos morrendo de medo de que o outro fique com o pedaço maior do bolo. Eu odeio os dois.

— Todo mundo os odeia, menos os eleitores.

Bateram na porta, três batidas fortes com intervalos exatos.

— Deve ser Nugent — disse Naifeh e sua dor de repente ficou mais intensa. — Entre.

A porta se abriu rapidamente e o coronel reformado George Nugent marchou para dentro da sala, parando por uma fração de segundo para fechar a porta, e aproximou-se formalmente de Lucas Mann, que apertou a mão dele sem se levantar da cadeira.

— Sr. Mann — saudou Nugent empertigado, depois avançou mais um passo e apertou a mão de Naifeh, por cima da mesa.

— Sente-se, George — disse Naifeh, indicando uma cadeira vazia perto de Mann. Naifeh queria dizer para esquecer aquela bobagem militar, mas sabia que não adiantaria.

— Sim, senhor — respondeu Nugent, sentando sem dobrar as costas.

Embora só os guardas e prisioneiros usassem uniformes, na Parchman, Nugent havia inventado um outro. A camisa e a calça eram verde-oliva, Perfeitamente combinadas, impecavelmente passadas e sobreviviam miraculosamente o dia todo sem uma prega. A calça chegava a alguns centímetros dos tornozelos, onde desapareciam dentro das botas de combate de couro negro, engraxadas e polidas pelo menos duas vezes por dia, num estado de brilho perpétuo. Certa vez comentaram que uma secretária ou talvez um prisioneiro com privilégios tinha visto um pouco de lama na sola de uma das botas de

Nugent, mas a história nunca foi confirmada.

O botão superior da camisa ficava aberto, formando um triângulo perfeito que deixava entrever a camiseta cinza. Os bolsos e as mangas não tinham nenhum adorno, despidos das medalhas e divisas e há muito tempo Naifeh suspeitava que isso era motivo de profunda humilhação para o coronel. O corte de cabelo era estritamente militar, com a pele nua acima das orelhas e uma fina camada de brotos grisalhos no topo. Nugent tinha cinquenta e dois anos, servira seu país durante trinta e quatro, primeiro como soldado raso na Coreia, depois como uma espécie de capitão no Vietnã, onde ele passou a guerra toda atrás de uma mesa. Foi ferido num acidente de jipe e mandado para casa com outra divisa.

Há dois anos ele servia de modo admirável no cargo de superintendente assistente, um subalterno fiel e inteiramente confiável de Naifeh. Nugent adorava detalhes, regulamentos e regras. Devorava manuais e estava sempre redigindo novos procedimentos e modificações para o diretor estudar. Era uma chatice considerável na vida do diretor, mas assim mesmo necessária. Não era segredo que o coronel queria o lugar de Naifeh quando este saísse.

— George, estive conversando com Lucas sobre o caso Cayhall. Não sei o quanto você sabe sobre os recursos, mas a Quinta Circunscrição suspendeu o adiamento e parece que teremos uma execução dentro de quatro semanas.

— Sim, senhor — disse Nugent, absorvendo e arquivando cada palavra. — Eu li nos jornais de hoje.

— Muito bem. Lucas é de opinião que esta vai acontecer, você sabe. Certo, Lucas?

— Há uma boa probabilidade. Mais de cinquenta por cento — disse Lucas, sem olhar para Nugent.

— George, há quanto tempo você está aqui?

— Dois anos e um mês.

O diretor calculou alguma coisa, enquanto massageava as têmporas.

— Perdeu a execução de Parris.

— Sim senhor, por algumas semanas — respondeu, com uma sugestão de desapontamento.

— Então, nunca viu nenhuma?

— Não, senhor.

— Bem, é uma coisa horrível, George. Simplesmente horrível. De longe a pior parte deste trabalho. Francamente, não estou mais disposto. Estava esperando me aposentar antes da câmara de gás ser usada novamente, mas agora isso parece duvidoso. Preciso de ajuda.

Embora parecesse impossível, as costas de Nugent ficaram mais rígidas ainda. Balançou a cabeça afirmativamente com um movimento

rápido, olhando para todos os lados.

Naifeh sentou com cuidado na cadeira de couro macio, fazendo uma careta de dor.

— Uma vez que eu não estou disposto, George, Lucas e eu pensamos que talvez você possa fazer um bom trabalho encarregando-se desta execução.

O coronel não pôde conter um sorriso que desapareceu rapidamente, substituído por um franzir da testa muito compenetrado.

— Tenho certeza que posso, senhor.

— Eu também tenho. — Naifeh apontou para um livrinho negro na ponta da mesa. — Temos uma espécie de manual. Ali está, uma coletânea de observações abalizadas resultantes de duas dúzias de visitas à câmara de gás nos últimos trinta anos.

Nugent fixou no livrinho negro os olhos entrecerrados. Notou que as páginas não eram do mesmo tamanho, que na verdade eram uma variedade de papéis dobrados e inseridos casualmente no texto, que a capa era gasta pelo uso. Em poucas horas, ele decidiu, o manual seria transformado num compêndio digno de ser publicado. Essa seria sua primeira tarefa. Uma apresentação impecável.

— Por que você não o lê esta noite e amanhã conversamos outra vez?

— Sim, senhor — disse Nugent, com ar presunçoso.

— Nem uma palavra sobre isto até conversarmos outra vez, compreendeu?

— Sim, senhor.

Nugent se despediu de Lucas Mann com uma inclinação rígida da cabeça e saiu do escritório carregando o caderno como uma criança com um brinquedo novo.

— Ele é doido — disse Lucas, assim que a porta se fechou.

— Eu sei. Vamos vigiá-lo.

— Acho bom. Ele é tão fanático por regras que pode tentar matar Sam neste fim de semana.

Naifeh tirou um vidro de comprimidos da gaveta da mesa. Engoliu dois sem água.

— Eu vou para casa, Lucas. Preciso me deitar. Provavelmente vou morrer antes de Sam.

— Então, é melhor se apressar.

A CONVERSA NO TELEFONE com E. Garner Goodman foi breve. Adam contou, com algum orgulho, que ele e Sam haviam redigido um contrato para sua representação e que já tinham passado quatro horas juntos, embora com pouco resultado. Goodman pediu uma cópia do contrato e Adam explicou que ainda não tinha cópias, que o original estava seguro numa cela do corredor da morte e que só haveria cópias se seu cliente concordasse.

Goodman prometeu reler o dossiê e começar a trabalhar. Adam deu a ele o telefone de Lee e prometeu telefonar todos os dias. Desligou e olhou para duas terríveis mensagens telefônicas ao lado do computador. Ambas eram de repórteres, um de um jornal de Memphis, o outro de uma estação de televisão de Jackson, Mississippi.

Baker Cooley tinha falado com os dois. Na verdade, uma equipe da televisão de Jackson se apresentou a recepcionista da firma e só desistiu quando Cooley fez algumas ameaças. Toda essa atenção havia perturbado a rotina tediosa da filial da Kravitz & Bane. Cooley não estava nada satisfeito. Os outros sócios quase nada tinham a dizer para Adam. As secretárias eram profissionalmente atenciosas, mas ansiosas para ficar longe do seu escritório.

Os repórteres sabiam, Cooley advertiu Adam solenemente. Sabiam a respeito de Sam, da questão neto avô e embora ele não tivesse certeza de como tinham descoberto, podia estar certo de que não fora por seu intermédio. Ele não contou para ninguém até, é claro, todo mundo saber e então foi obrigado a reunir seus sócios um pouco antes do almoço e contar para eles.

Eram quase cinco horas da tarde. Adam sentou à sua mesa, com a porta fechada, ouvindo as vozes dos funcionários do escritório, estagiários e outros, nos últimos preparativos para terminar o trabalho do dia. Resolveu que não tinha nada para dizer ao repórter da TV. Ligou para Todd Marks, do Memphis Press. Uma mensagem gravada o levou através das maravilhas do correio eletrônico e depois de uns dois minutos, o sr. Marks apanhou sua extensão de cinco números e disse com voz apressada:

— Todd Marks. — Parecia muito jovem.

— Aqui é Adam Hall, da Kravitz & Bane. Tenho um recado para telefonar para você.

— Sim, dr. Hall. — Instantaneamente Marks era a própria amabilidade, sem mais nenhuma pressa. — Obrigado por telefonar. Eu, hum, bem, nós ouvimos alguma coisa a respeito de estar tratando do caso Cayhall e, hum, eu estava tentando verificar a origem da história.

— Eu represento o sr. Cayhall — disse Adam, falando devagar.

— Sim, bem, foi o que ouvimos. E, hum, vem de Chicago?

— Sim, eu sou de Chicago.

— Sei. Como conseguiu o caso?

— Minha firma representou o sr. Cayhall durante sete anos.

— Sim, certo. Mas ele não dispensou seus serviços recentemente?

— Dispensou. E agora contratou a firma outra vez. — Adam ouvia o teclado do computador no outro lado da linha.

— Compreendo. Ouvimos um rumor, apenas um rumor, eu acredito, de que Sam Cayhall é seu avô.

— Onde ouviu isso?

— Bem, como sabe, temos nossas fontes, e precisamos protegê-las. Não posso dizer de onde veio, o senhor sabe.

— Sim, eu sei. — Adam respirou fundo e fez Marks esperar um minuto. — Onde você está agora?

— No jornal.

— E onde é o jornal? Eu não conheço a cidade.

— Onde o senhor está? — perguntou Marks.

— No centro. No nosso escritório.

— Não estou muito longe. Posso estar aí em dez minutos.

— Não, aqui não. Vamos nos encontrar em outro lugar. Um bar sossegado.

— Tudo bem. O Peabody Hotel fica na Union, a três quadras do seu escritório. Há um bom bar no saguão chamado Mallards.

— Estarei lá em quinze minutos. Só você e eu, está bem?

— Certo.

Adam desligou. No acordo redigido por Sam havia algumas disposições em linguagem um tanto desconexa e ambígua que visavam evitar que seu advogado falasse com a imprensa. A cláusula a esse respeito tinha vários pontos fracos que podiam ser facilmente contornados por um advogado, mas Adam não queria arriscar nada. Depois de duas visitas, seu avô continuava um mistério. Ele não gostava de advogados e não hesitaria em dispensar outro, mesmo sendo seu neto.

O Mallards aos poucos enchia-se de profissionais cansados, que precisavam de uma bebida antes de voltar de carro para suas casas nos bairros residenciais afastados. Pouca gente morava no centro de Memphis, assim, banqueiros e corretores encontravam-se nesse ou em outros bares para tomar cerveja ou vodka sueca. Enfileiravam-se no bar e lotavam as pequenas mesas para discutir as tendências do mercado e debater o futuro da taxa de juros. Era um lugar elegante, com autênticas paredes de tijolos e assoalho de madeira. Numa mesa ao lado da porta havia asas de frango e fígado enrolado em bacon.

Adam viu um rapaz de calça jeans segurando um bloco de anotações. Apresentou-se e foram para uma mesa de canto. Todd Marks não tinha mais de vinte e cinco anos. Usava óculos com aros de metal e cabelo até os ombros. Era atencioso e parecia um pouco nervoso. Pediram cerveja Heineken.

O bloco estava sobre a mesa, pronto para ação, e Adam resolveu controlar a entrevista.

— Algumas regras básicas — disse ele. — Primeira, tudo que eu disser não é para ser publicado. Não pode me citar ou coisa assim. Combinado?

Marks deu de ombros aceitando, embora não fosse exatamente o

que esperava.

— Combinado — disse.

— Acho que vocês chamam de informação em off, ou qualquer coisa assim.

— Isso mesmo.

— Vou responder a algumas perguntas, mas não muitas. Estou aqui porque quero que você saiba exatamente do que se trata, certo?

— Tudo bem. Sam Cayhall é seu avô?

— Sam Cayhall é meu cliente e me deu instruções para não falar com a imprensa. Por isso não pode me citar. Estou aqui para confirmar ou negar. Isso é tudo.

— Tudo bem. Mas ele é seu avô?

— É.

Marks respirou fundo saboreando o fato incrível que sem dúvida daria uma reportagem extraordinária. Já via as manchetes.

Então lembrou que devia fazer mais perguntas. Tirou cuidadosamente a caneta do bolso.

— Quem é seu pai?

— Meu pai é falecido.

Uma longa pausa.

— Tudo bem. Então Sam é pai da sua mãe?

— Não, Sam é pai do meu pai.

— Certo. Por que o nome diferente?

— Porque meu pai trocou de nome.

— Por quê?

— Não quero responder. Não quero falar muito sobre a família.

— Cresceu aqui em Clanton?

— Não. Eu nasci aqui, mas saímos quando eu tinha três anos. Meus pais mudaram para a Califórnia. Foi lá que me criei.

— Então não cresceu perto de Sam Cayhall?

— Não.

— Já o conhecia?

— Eu o Conheci ontem.

Marks pensou na próxima pergunta e por sorte a cerveja chegou. Tomaram a bebida em silêncio.

Marks olhou para o seu bloco, escreveu alguma coisa, e então perguntou:

— Há quanto tempo está com a Kravitz & Bane?

— Quase um ano.

— Há quanto tempo trabalha no caso Cayhall?

— Um dia e meio.

Marks tomou um longo gole, olhando para Adam, como se esperasse uma explicação.

— Escute, bem, dr. Hall.

— É Adam.

— Certo, Adam. Parece haver muitas lacunas por aqui. Pode me ajudar um pouco?

— Não.

— Tudo bem. Li em algum lugar que Cayhall dispensou os serviços da Kravitz & Bane recentemente. Estava trabalhando no caso quando isso aconteceu?

— Acabei de dizer que estou trabalhando no caso há um dia e meio.

— Quando foi pela primeira vez ao corredor da morte?

— Ontem.

— Ele sabia da sua visita?

— Não quero falar nisso.

— Por que não?

— É assunto muito confidencial. Não vou falar sobre minha visita ao corredor da morte. Só confirmo ou nego o que você pode verificar em outro lugar.

— Sam tem outros filhos?

— Não vou falar sobre a família. Tenho certeza de que seu jornal já fez essa cobertura antes.

— Mas foi há muito tempo.

— Pois então procure.

Outro longo gole e outro longo olhar para o bloco.

— Quais são as chances de a execução ser no dia 8 de agosto?

— É muito difícil dizer. Eu não quero fazer suposições.

— Mas todas as apelações foram negadas, não foram?

— Talvez. Digamos que prepararam o trabalho para mim.

— O governador pode conceder o indulto?

— Pode.

— Há possibilidade disso?

— Muito pouco provável. Vai ter de perguntar a ele.

— Seu cliente vai dar alguma entrevista antes da execução?

— Eu duvido.

Adam consultou o relógio, como se de repente tivesse de pegar um avião.

— Mais alguma coisa? — perguntou, terminando sua cerveja.

Marks guardou a caneta no bolso da camisa.

— Podemos conversar outra vez?

— Depende.

— Do quê?

— Do que você vai fazer. Se explorar o assunto da família, então esqueça.

— Deve haver alguns segredos muito importantes de família.

— Sem comentários. — Adam levantou e estendeu a mão. — Foi

um prazer conhecê-lo — disse.

— Obrigado. Eu telefono.

Adam abriu caminho rapidamente entre os fregueses do bar e desapareceu no saguão do hotel.

DEZESSEIS

Entre todas as regras tolas e mesquinhas impostas aos ocupantes do Corredor, a que mais irritava Sam era a regra doze centímetros e meio. Essa pequena pérola de inteligência regulamentar limitava o volume de documentos legais que cada prisioneiro podia ter em sua cela. Os papéis não deviam ultrapassar 12,5cm de espessura quando empilhados. O dossiê de Sam não era muito diferente dos demais e depois de nove anos de luta de apelações, enchia uma grande caixa de papelão. Como diabo ele poderia fazer pesquisa, estudar e preparar seu caso com limitações como a dos doze centímetros e meio?

Várias vezes Packer havia entrado na sua cela com uma régua, que ele brandia como um maestro antes de encostar cuidadosamente na pilha de papéis. Todas as vezes Sam estava acima do limite; certa vez, de acordo com Packer, foi apanhado com uma pilha de 52 centímetros. E todas as vezes Packer fazia um RVR — relatório de violação das regras — e mais papel ia se juntar ao dossiê de Sam no arquivo da prisão. Muitas vezes Sam imaginava se o seu dossiê guardado no prédio principal da administração teria mais de 12, 5 centímetros de espessura. Esperava que sim. E quem se importava? Eles o mantinham numa jaula há nove anos e meio com o único objetivo de mantê-lo vivo para que pudessem matá-lo algum dia. O que mais podiam fazer a ele?

Todas as vezes Packer dava a ele vinte e quatro horas para diminuir a espessura do seu dossiê. Sam geralmente mandava alguns centímetros para seu irmão na Carolina do Norte. Raramente enviava, com relutância, dois ou cinco centímetros para E. Garner Goodman.

No momento ele estava com cerca de 30 centímetros a mais, além de uma pasta com poucos papéis sobre processos recentes da Suprema Corte, escondida debaixo do colchão. Mais 5 centímetros na cela ao lado, na estante de livros de Hank Henshaw, e cerca de 8 centímetros na pilha de papéis de J. B. Gullitt. Sam fazia a revisão de todos os documentos e cartas para Henshaw e Gullitt. Henshaw tinha um bom advogado, comprado com o dinheiro da família. Gullitt tinha um tolo de uma grande firma em Washington que nunca tinha visto um tribunal.

A regra dos três livros era outra limitação absurda. Dizia simplesmente que o ocupante do corredor da morte não podia possuir mais de três livros. Sam tinha quinze, seis na sua cela e nove espalhados entre seus clientes no Corredor. Não tinha tempo para ler ficção. Eram todos livros de direito sobre a pena de morte e a Oitava Emenda.

Tinha terminado o jantar de carne de porco, vagens e pão de milho

e agora estava lendo um caso da Nona Circunscrição Judiciária, na Califórnia, sobre um prisioneiro que enfrentou a morte com tanta calma que seus advogados concluíram que ele era louco. Deram então entrada a um número enorme de moções, afirmando que seu cliente era louco demais para ser executado. A Nona Circunscrição era reduto de liberais da Califórnia, contrários à pena de morte, que se agarraram imediatamente ao novo argumento. A execução foi adiada. Sam gostava desse caso. Muitas vezes desejou que a Nona Circunscrição estivesse tomando conta dele, no lugar da Quinta.

Gullitt, na cela vizinha, disse:

— Tenho um papagaio, Sam.

Sam foi até a porta de grades. Empinar papagaio era o único método de correspondência entre prisioneiros em celas distantes. Gullitt entregou a Sam o papel. Era um recado de Preacher Boy, um patético garoto branco, a sete portas da cela de Sam.

Aos quatorze anos ele se tornara pregador rural, do tipo exaltado que falava de fogo do inferno e enxofre, mas sua carreira viu-se interrompida, talvez para sempre, quando o acusaram de violentar e matar a mulher de um diácono. Estava agora com vinte e quatro anos, há três no Corredor, e recentemente havia retornado gloriosamente à pregação do evangelho. O bilhete dizia:

Caro Sam, neste momento estou aqui rezando por você. Acredito firmemente que Deus vai interferir no seu caso e fazer parar essa coisa. Mas se isso não acontecer, estou pedindo a Ele para levá-lo rapidamente, sem dor nem nada, para seu lar. Amor, Randy.

Que maravilha, pensou Sam, já estão rezando para eu morrer depressa, sem dor nem nada. Sentou na cama e escreveu uma breve mensagem num pedaço de papel.

Caro Randy.

Obrigado pelas preces. Eu preciso delas. Preciso também de um dos meus livros chamado Revisão da Pena de Morte, de Bronstein. É um livro verde. Mande para mim, Sam.

Entregou o papel para J. B. e esperou com os braços para fora das grades enquanto o papagaio seguia seu caminho de cela em cela. Eram quase oito horas da noite, o ar estava ainda quente e úmido, mas felizmente lá fora começava a anoitecer. À noite a temperatura descia para vinte e poucos graus e, com os ventiladores funcionando, as celas ficavam toleráveis.

Sam havia recebido vários papagaios durante o dia, todos expressando simpatia e esperança. Todos oferecendo ajuda na medida do possível. A música fora mais discreta e não houve nem um caso de gritaria, comum quando alguém se julgava lesado nos seus direitos. Há dois dias reinava a paz quase perfeita no Corredor. As televisões continuavam ligadas dia e noite, mas com o volume mais baixo. A Ala

A estava visivelmente mais calma.

— Arranjei um novo advogado — Sam disse, apoiando os cotovelos nas grades, com as mãos para fora.

Sam estava só de calção. Via as mãos e os pulsos de Gullitt, mas não o rosto. Todos os dias, quando saía para sua hora de exercício, Sam passava lentamente pelas celas, olhando nos olhos dos outros prisioneiros. E eles retribuía o olhar. Conhecia todos os rostos e distinguia suas vozes. Mas era cruel viver ao lado de um homem durante anos, ter com ele longas conversas sobre a vida e a morte, olhando só para suas mãos.

— Isso é bom, Sam. Fico contente.

— É. Um garoto bastante esperto, eu acho.

— Quem é ele? — Gullitt estava com as mãos cruzadas e imóveis.

— Meu neto — disse Sam, de modo que só Gullitt ouvisse. Podia confiar nele para guardar segredo.

Gullitt moveu levemente os dedos, enquanto pensava.

— Seu neto?

— Isso mesmo. De Chicago. Uma grande firma. Ele acha que talvez eu tenha uma chance.

— Nunca me disse que tinha um neto.

— Eu não o via há vinte anos. Apareceu ontem, disse que é advogado e quer se encarregar do meu caso.

— Onde ele esteve nesses vinte anos?

— Crescendo, eu acho. É só um garoto. Vinte e seis, eu acho.

— Vai deixar um garoto de vinte e seis anos se encarregar do seu caso?

Sam ficou um pouco irritado.

— Neste momento não tenho muita escolha.

— Que diabo, Sam, você conhece melhor a lei do que ele.

— Sei disso, mas vai ser bom ter um advogado de verdade lá fora, digitando moções e apelações em computadores de verdade, apresentando-as a cortes de verdade, você sabe. Vai ser bom ter alguém que pode ir ao tribunal e discutir com os juízes, alguém que pode lutar contra o estado em plano de igualdade.

Isso aparentemente satisfaz Gullitt, porque ele ficou sem falar por vários minutos. Suas mãos estavam imóveis, mas então ele começou a esfregar os dedos uns nos outros, o que significava preocupação com alguma coisa. Sam esperou.

— Eu estive pensando, Sam. O dia inteiro essa ideia me perseguiu.

— O que é?

— Bem, há três anos você está aí e eu aqui e você é o primeiro amigo que já tive no mundo. Você é a única pessoa em quem confio e não sei o que vou fazer se você passar pelo corredor e entrar na câmara. Quero dizer, você sempre esteve aí para cuidar dos meus

assuntos legais que eu nunca compreendo, sempre me deu bons conselhos e me disse o que devo fazer. Não posso confiar no meu advogado em Washington. Ele nunca me visita, nem escreve e não sei que diabo está acontecendo com o meu caso. Quero dizer, não sei se tenho um ano ou cinco anos, e isso me deixa louco. Se não fosse por você, eu estaria completamente maluco agora. E se você não conseguir? — Agora suas mãos se agitavam e saltavam intensamente. Ele parou de falar e as mãos se acalmaram.

Sam acendeu um cigarro e ofereceu outro para Gullitt, a única pessoa no corredor da morte com quem ele os partilhava. Hank Henshaw, à sua esquerda, não fumava. Fumaram por um momento, soltando a fumaça na direção da fileira de janelas no alto do corredor.

Finalmente Sam disse:

— Eu não vou a parte alguma, J. B. Meu advogado diz que temos uma boa chance.

— Acredita nele?

— Acho que sim. É um garoto esperto.

— Deve ser esquisito, cara, ter o neto como advogado. Nem posso imaginar.

Gullitt tinha trinta e um anos, sem filhos, casado e sempre se queixava do amigo da sua mulher, ou namorado do mundo livre. Ela era uma mulher cruel que nunca o visitava e uma vez escreveu uma carta muito breve, comunicando que estava grávida. Gullitt ficou cabisbaixo durante alguns dias até admitir para Sam que a espancava e estava sempre atrás de outras mulheres. Alguns meses depois ela escreveu outra vez pedindo desculpas. Uma amiga emprestou dinheiro para o aborto, ela explicou, e na verdade ela não queria o divórcio. Gullitt ficou extremamente feliz.

— Sim, acho que é um pouco estranho — disse Sam. — Ele não se parece nada comigo, puxou à mãe.

— Então, o cara apareceu assim sem mais nem menos, dizendo que era seu neto perdido há muito tempo?

— Não. Não logo no começo. Conversamos por algum tempo e a voz dele me pareceu familiar. Igual à do seu pai.

— O pai dele é seu filho, certo?

— É. Está morto.

— Seu filho está morto?

— Está.

Finalmente chegou o livro verde mandado por Preacher Boy com outro bilhete sobre o magnífico sonho que ele tivera duas noites atrás. Preacher Boy havia adquirido recentemente o raro dom espiritual da interpretação dos sonhos e não podia esperar para partilhar com Sam. O sonho estava ainda se revelando a ele, e logo que estivesse completo, ele o decodificaria e explicaria para Sam. Ele já sabia que

eram boas notícias.

Pelo menos ele parou de cantar, pensou Sam, acabando de ler o bilhete e sentando na cama. Preacher Boy era também uma espécie de cantor do evangelho e compositor de canções ainda por cima e periodicamente ficava inspirado a ponto de fazer serenatas a todo volume, a qualquer hora do dia ou da noite. Era um tenor sem experiência, com pouca afinação, mas um volume incrível, e as reclamações soavam imediatas e furiosas no corredor, quando lançava suas novas canções em altos brados. O próprio Packer às vezes intervinha para parar o barulho. Sam tinha até ameaçado interferir legalmente para apressar a execução do garoto, se ele não parasse com a gritaria, um ato de sadismo do qual mais tarde ele se desculpou. O pobre garoto era doido e se Sam vivesse tempo suficiente pretendia aplicar na defesa dele a estratégia da insanidade descrita no caso da Califórnia.

Recostou na cama e começou a ler. O ventilador balançava as páginas do livro e fazia circular o ar úmido, mas em poucos minutos as cobertas debaixo dele estavam molhadas de suor. Ele dormiu assim até algumas horas antes do nascer do dia, quando o corredor ficava quase frio e os lençóis quase secos.

DEZESSETE

A CASA AMARELA nunca foi uma casa ou um lar, mas durante décadas foi uma igreja pitoresca de tijolo amarelo e vitrôs. Ficava dentro de um terreno arborizado, circundada por uma feia cerca alta de metal, a poucas quadras do centro de Memphis. Os tijolos estavam rabiscados com graffiti e os vitrôs tinham sido substituídos por tábuas de compensado. Há anos a congregação tinha ido para o leste, fugindo do centro da cidade para a segurança dos subúrbios. Levaram os bancos, os livros de hinos e até o campanário. Um guarda de segurança andava de um lado para o outro ao longo da cerca, pronto para abrir o portão. Ao lado havia um prédio de apartamentos quase em ruínas e atrás, a uma quadra de distância, um velho conjunto habitacional do governo, de onde vinham as clientes da Casa Amarela.

Eram todas mãos jovens, todas adolescentes sem exceção, nascidas de mãos também adolescentes e de pais geralmente desconhecidos. A média de idade era quinze anos. A mais jovem tinha onze. Elas chegavam com um bebê no colo e às vezes outro pela mão, em grupos de três ou quatro e faziam da visita um evento social. Ou chegavam sozinhas e assustadas. Reuniam-se no santuário que era agora uma sala de espera onde eram preparados os papéis. Esperavam com os bebês no colo, os outros brincando debaixo dos bancos. Conversavam com as amigas, outras jovens que iam a pé para a Casa Amarela porque automóveis eram escassos e elas não tinham idade para dirigir.

Adam parou num pequeno estacionamento ao lado da casa e pediu informações ao guarda de segurança. O homem o examinou atentamente, depois apontou para a porta da frente, onde duas jovens fumavam, com os filhos no colo. Adam entrou, passou entre as duas, inclinando a cabeça, num cumprimento delicado, mas elas apenas olharam para ele. Na sala de espera estavam umas seis outras mãos sentadas em cadeiras de plástico, com uma porção de crianças em volta. Uma jovem senhora sentada a uma mesa apontou para uma porta e disse a ele para seguir pelo corredor da esquerda.

A porta do escritório de Lee estava aberta e ela conversava com uma paciente. Sorriu para Adam.

— Cinco minutos — ela disse, segurando uma coisa que parecia uma fralda. A paciente não tinha nenhuma criança com ela, mas muito em breve teria.

Adam saiu para o corredor e encontrou o banheiro dos homens. Quando saiu, Lee o esperava na porta. Beijaram-se rapidamente no rosto.

— O que acha da nossa pequena organização? — ela perguntou.

— Exatamente o que vocês fazem aqui?

Seguiram pelo corredor estreito com carpete esgarçado e a tinta descascando nas paredes.

— A Casa Amarela é uma organização sem fins lucrativos, operada por voluntários. Trabalhamos com as mães adolescentes.

— Deve ser deprimente.

— Depende de como você encara o trabalho. Bem-vindo ao meu escritório. — Lee indicou a porta e eles entraram.

Cartazes coloridos enfeitavam as paredes. Um deles mostrava uma série de bebês e o que eles comiam, outro relacionava com palavras simples as doenças mais comuns dos recém-nascidos. Outro ainda, com ilustrações de desenhistas, demonstravam os benefícios da camisinha. Adam sentou e estudou os cartazes.

— Todas as nossas meninas vêm dos conjuntos habitacionais, portanto é fácil imaginar o que podem aprender em casa sobre os cuidados com o bebê. Nenhuma delas é casada. Moram com as mães, tias ou avós. A Casa Amarela foi fundada por religiosas há mais ou menos vinte anos para ensinar essas meninas a ter bebês saudáveis.

Adam indicou, com um movimento da cabeça, o cartaz sobre a camisinha.

— E a evitar filhos?

— Sim. Não fazemos planejamento familiar e não queremos fazer, mas não faz nenhum mal mencionar o controle da natalidade.

— Talvez deversem fazer mais do que mencionar.

— Talvez. No ano passado, sessenta por cento dos bebês deste país nasceram de mães solteiras e esse número aumenta a cada ano. E cada ano aumenta o número de casos de crianças maltratadas ou abandonadas. É de cortar o coração. Algumas dessas meninas não têm nenhuma chance.

— Quem financia esse trabalho?

— É todo financiado por particulares. Passamos metade do nosso tempo tentando levantar fundos. Funcionamos com um orçamento muito pequeno.

— Quantos conselheiros como você?

— Uma dúzia mais ou menos. Alguns trabalham só algumas tardes por semana, outros, aos sábados. Eu tenho sorte. Posso trabalhar aqui em tempo integral.

— Quantas horas por semana?

— Eu não sei. Ninguém se importa com isso. Eu chego mais ou menos às dez horas e saio à noite.

— E faz isso de graça?

— Faça. Vocês chamam a isso de pro bono, se não me engano.

— Com advogados é diferente. Fazemos trabalho voluntário para justificar a nós mesmos e o dinheiro que ganhamos, como a nossa pequena contribuição para a sociedade. Mas continuamos a ganhar

muito dinheiro, compreende? Isto é um pouco diferente.

— É gratificante.

— Como descobriu este lugar?

— Eu não sei. Foi há muito tempo. Eu era sócia de um clube, um clube onde se tomava chá quente e nos reuníamos uma vez por mês, para um bom almoço e para falar sobre os melhores meios de angariar algum dinheiro para os menos afortunados. Um dia uma freira nos falou sobre a Casa Amarela e nós a adotamos como nossa beneficiária. Uma coisa levou à outra.

— E você não recebe nem um centavo?

— Adam, Phelps tem muito dinheiro. Na verdade, eu dou uma grande parte dele para a Casa Amarela. Agora temos uma festa anual para levantar fundos, no Peabody, traje a rigor e champanhe e eu faço Phelps convencer os amigos banqueiros a comparecerem com suas mulheres e entrarem com dinheiro. No ano passado conseguimos mais de duzentos mil.

— Para onde vai esse dinheiro?

— Uma parte vai para despesas gerais. Temos dois empregados em tempo integral. O prédio é barato mas não de graça. O resto é gasto em material para os bebês, remédios e literatura. Nunca é suficiente.

— Então, você mais ou menos dirige tudo isto?

— Não. Pagamos um administrador. Sou apenas conselheira.

Adam olhou para o cartaz atrás dela, o que tinha uma enorme camisinha amarela. Leu que as últimas pesquisas indicavam que as camisinhas não eram usadas pelos adolescentes, a despeito das campanhas na televisão, nas escolas e de ser reforçada por astros do rock. Ele não podia imaginar nada pior do que sentar naquela salinha apertada o dia inteiro falando sobre assaduras, com mães de quinze anos.

— Eu admiro você por fazer isso — disse ele, olhando para o cartaz com a lista de alimentos de bebês.

Lee fez um gesto afirmativo, mas não disse nada. Seus olhos pareciam cansados e ela estava pronta para ir para casa.

— Vamos comer — disse ela.

— Onde?

— Eu não sei. Em qualquer lugar.

— Estive com Sam hoje. Passei duas horas com ele.

Lee recostou na cadeira e pôs os pés sobre a mesa. Como sempre, vestia calça jeans desbotada e camisa social.

— Sou o advogado dele.

— Ele assinou o contrato?

— Assinou. Fez outro, com quatro páginas. Nós dois assinamos e agora tudo depende de mim.

— Está com medo?

— Apavorado. Mas sei que posso ir em frente. Falei com um repórter do Memphis Press esta tarde. Eles ouviram dizer que Sam Cayhall é meu avô.

— O que você disse a ele?

— Eu não podia negar, podia? Ele queria fazer uma porção de perguntas sobre a família, mas eu falei muito pouco. Tenho certeza de que vai investigar e descobrir muito mais.

— E quanto a mim?

— Eu não falei sobre você, mas ele vai começar a investigar. Eu sinto muito.

— Por quê?

— Porque talvez eles revelem sua verdadeira identidade. Você vai ser rotulada como a filha de Sam Cayhall, assassino, racista, antisemita, terrorista, membro da Klan, o homem mais velho já levado para a câmara de gás e morto como um animal. Vão fazer você sair da cidade.

— Já passei por coisa pior.

— O quê?

— Ser a mulher de Phelps Booth.

Adam riu e Lee sorriu. Uma senhora de meia-idade apareceu na porta e disse para Lee que já ia embora. Lee levantou de um salto e apresentou seu belo e jovem sobrinho, Adam Hall, advogado de Chicago, que estava fazendo uma visita. A senhora, adequadamente impressionada, despediu-se e saiu do escritório.

— Você não devia ter feito isso — disse Adam.

— Por quê?

— Porque meu nome vai estar no jornal amanhã — Adam Hall, advogado de Chicago, e neto.

Lee ficou boquiaberta por um momento, mas depois deu de ombros, como se não se importasse. Mas Adam viu o medo nos olhos dela. Ela estava pensando, que coisa idiota eu fiz.

— Quem se importa? — Lee disse, apanhando a bolsa e a pasta. — Vamos procurar um restaurante.

Escolheram um pequeno restaurante próximo, dirigido por uma família italiana, com mesas pequenas e pouca luz, num bangalô adaptado. Sentaram num canto escuro e pediram as bebidas, chá gelado para ela e água mineral para ele. Quando o garçom se afastou, Lee se inclinou sobre a mesa e disse:

— Adam, eu preciso dizer uma coisa.

Ele fez um gesto afirmativo, mas não disse nada.

— Eu sou alcoólatra.

Adam entrecerrou os olhos e ficou imóvel. Nas duas últimas noites, eles tinham bebido juntos.

— Há dez anos — explicou ela, sempre inclinada sobre a mesa. A

pessoa mais próxima estava a cinco metros de distância. — Foram muitos os motivos, alguns que você provavelmente pode adivinhar. Fiz tratamento, achei que estava curada, mas não durou um ano. Então, reabilitação outra vez. Já estive em tratamento três vezes, a última há três anos. Não é fácil.

— Mas você bebeu ontem a noite. Mais de uma dose.

— Eu sei. E na noite anterior. E hoje eu esvaziei todas as garrafas e joguei fora a cerveja. Não tem uma gota de álcool no meu apartamento.

— Por mim, tudo bem. Espero que eu não tenha provocado isso.

— Não. Mas preciso da sua ajuda, está bem? Vai morar comigo alguns meses e teremos momentos difíceis. Só quero que me ajude.

— É claro, Lee. Devia ter me contado quando cheguei. Eu não bebo muito. Para mim tanto faz.

— O alcoolismo é um animal estranho. Às vezes posso ver outras pessoas bebendo e não sinto nada. Então, vejo um comercial de cerveja e começo a suar. Vejo numa revista o anúncio de um vinho que eu gosto e a vontade é tão intensa que fico nauseada. É uma luta terrível.

As bebidas chegaram e Adam ficou com medo de tocar a água mineral. Serviu sobre cubos de gelo e mexeu com uma colher.

— Há outros casos na família? — perguntou, quase certo de que a resposta seria sim.

— Acho que não. Sam bebia um pouco às escondidas, quando éramos pequenos, mas nunca na nossa frente. Minha avó era alcoólatra, por isso minha mãe nem tocava na bebida. Nunca vi nenhuma bebida alcoólica em casa.

— Como aconteceu com você?

— Aos poucos. Quando saí de casa, eu estava ansiosa para experimentar porque era coisa proibida quando Eddie e eu éramos pequenos. Então, Conheci Phelps. A família dele bebe bastante, socialmente. Passou a ser uma válvula de escape para mim, e depois uma muleta para a vida.

— Eu vou fazer todo o possível para ajudar. Eu sinto muito.

— Não precisa. Gostei de tomar um drinque com você, mas está na hora de parar, está bem? Eu voltei para a bebida três vezes e tudo começa com a ideia de que posso tomar um ou dois drinques e manter tudo sob controle. Certa vez passei um mês tomando vinho e me limitando a um copo por dia. Então passei para um copo e meio, depois dois, depois três. Então, o tratamento. Sou alcoólatra e nunca vou me curar completamente.

Adam ergueu o copo e o encostou no dela.

— À abstinência. Vamos lutar juntos.

Tomaram seus refrescos.

O garçom, um estudante, resolveu rapidamente o que eles iam comer. Sugeriu o ravióli de forno do *chef*, porque era simplesmente o melhor da cidade e seria servido em dez minutos. Eles concordaram.

— Muitas vezes tive curiosidade de saber o que você fazia com seu tempo, mas tinha medo de perguntar — disse Adam.

— Eu tive um emprego por algum tempo. Depois que Walt foi para a escola, eu me entediava em casa e Phelps me arranhou um lugar na empresa de um dos seus amigos. Um ótimo salário, belo escritório. Eu tinha uma secretária que sabia muito mais do que eu sobre meu trabalho. Saí depois de um ano. Eu me casei com muito dinheiro, Adam, por isso ninguém espera que eu trabalhe. A mãe de Phelps ficou escandalizada com a ideia de a nora trabalhar por dinheiro.

— O que as mulheres ricas fazem o dia inteiro?

— Carregam o peso do mundo, Primeiro, devem ter certeza de que o marido saiu para o trabalho, e então fazem seus planos para o dia. Os criados precisam ser orientados e supervisionados. As compras são divididas em pelo menos duas partes — manhã e tarde — com a parte da manhã geralmente consistindo em vários telefonemas para a Quinta Avenida para as coisas necessárias. As compras da tarde são às vezes feitas pessoalmente, com o chofer esperando no estacionamento, é claro. O almoço toma grande parte do dia, porque exige horas de planejamento e pelo menos duas horas para ser executado.

Geralmente é um pequeno banquete, na companhia de outras almas atribuladas. Então tem a parte da responsabilidade social de ser uma mulher rica. Pelo menos três vezes por semana, ela comparece a festas nas casas de amigas, onde comem delicadamente biscoitos importados e lamentam a desgraça dos bebês abandonados ou das mães viciadas em crack. Então, vai para casa e se prepara apressadamente para receber o marido de volta das guerras do escritório. Toma seu primeiro martíni com ele, ao lado da piscina, enquanto quatro pessoas preparam o jantar.

— E o sexo?

— Ele está cansado demais. Além disso, provavelmente tem uma amante.

— Era isso que acontecia com Phelps?

— Acho que sim, embora ele não pudesse se queixar a respeito de sexo. Eu tive um filho, fiquei mais velha e ele sempre teve um bom suprimento de loubas jovens dos seus bancos. Se visse o escritório dele, você não ia acreditar. É cheio de mulheres maravilhosas com dentes e unhas impecáveis, todas com saias curtas e pernas longas. Elas sentam atrás de belas mesas e falam no telefone, sempre à disposição dele. Phelps tem um pequeno quarto de dormir ao lado da sala de conferências. O homem é um animal.

— Então você desistiu da vida dura de mulher rica e deu o fora?

— Sim. Eu não era muito boa nesse negócio de mulher rica, Adam. Eu detestava tudo aquilo. Foi divertido por um tempo, mas eu não consegui me encaixar. Não tinha o tipo de sangue apropriado. Acredite ou não, minha família não era conhecida nos círculos sociais de Memphis.

— Está brincando.

— Juro. E para ser uma mulher rica com futuro nesta cidade, você tem de vir de uma família de fósseis ricos, de preferência com um bisavô que fez fortuna com algodão. Eu não era nada disso.

— Mas você toma parte ainda no jogo social.

— Não. Eu ainda apareço, mas é só por causa de Phelps. Para ele é importante ter uma mulher da sua idade com um toque de cabelos grisalhos, uma mulher madura que faz boa figura com traje de noite e brilhantes e sabe se comportar e conversar com seus amigos chatos. Nós saímos juntos três vezes por ano. Sou uma espécie de troféu de meia-idade.

— Eu tenho a impressão de que ele ia preferir um troféu de verdade, uma das louras de pernas longas.

— Não. Sua família ficaria arrasada e tem muito dinheiro em custódia. Phelps anda sobre ovos perto da família. Só depois da morte dos pais ele estará pronto para sair do armário.

— Eu pensei que os pais dele a odiavam.

— É claro que odeiam. É uma ironia o fato de estarmos ainda casados por causa deles. Um divórcio seria muito escandaloso.

Adam riu e balançou a cabeça.

— Isso é loucura.

— Sim, é, mas funciona. Eu estou feliz. Ele está feliz. Ele tem as menininhas. E eu ando com quem bem entender. Nenhuma pergunta.

— E Walt?

Ela pôs o copo de chá gelado na mesa e desviou os olhos.

— O que tem Walt? — perguntou.

— Você nunca fala nele.

— Eu sei — disse ela, em voz baixa, olhando para longe.

— Deixe-me adivinhar. Mais segredos de família.

Lee olhou tristemente para ele, depois deu de ombros, como quem diz: por que não?

— Afinal, ele é meu primo-irmão — disse Adam. — E ao que sei, a não ser que haja novas revelações, é o único primo que eu tenho.

— Você não gostaria dele.

— É claro que não. Ele tem uma parte Cayhall.

— Não. Ele é todo Booth. Phelps queria um filho, por que, eu não sei. Então, tivemos um filho. Phelps, é claro, não tinha muito tempo para ele. Sempre muito ocupado no banco. Levou Walt ao country

club e tentou ensiná-lo a jogar golfe, mas não deu certo. Walt jamais gostou de esportes. Foram ao Canadá, certa vez, para caçar faisões e quando voltaram passaram uma semana sem trocar palavra. Ele não era delicado, mas também não era um atleta. Phelps foi um grande esportista na adolescência — futebol, rúgbi, boxe, tudo. Walt tentou, mas não tinha talento para nada disso. Phelps pressionou demais e Walt se revoltou. Então, Phelps, com sua típica mão pesada, o mandou para o colégio interno. Meu filho saiu de casa quando tinha quinze anos.

— Onde ele estudou?

— Passou um ano em Cornell, e desistiu.

— Ele abandonou os estudos?

— Abandonou. Foi para a Europa depois do primeiro ano e está lá até agora.

Adam olhou atentamente para ela e esperou. Tomou um gole de água e ia começar a falar quando o garçom apareceu e pôs na mesa uma terrina com salada verde.

— Por que ele ficou na Europa?

— Ele foi para Amsterdã e se apaixonou.

— Uma bela moça holandesa?

— Um belo moço holandês.

— Compreendo.

De repente, Lee ficou muito interessada pela salada. Serviu-se e começou a cortar as verduras em pedaços bem pequenos. Adam fez o mesmo e comeram em silêncio enquanto o restaurante ficava mais movimentado e mais barulhento. Um casal bonito de yuppies cansados, na mesa ao lado deles, pediu dois drinques bem fortes.

Adam passou manteiga no pão, deu uma mordida e perguntou.

— Qual foi a reação de Phelps?

Ela limpou os cantos da boca com o guardanapo.

— A última viagem que eu e Phelps fizemos juntos foi para Amsterdã, para procurar nosso filho. Ele estava na Europa há quase dois anos. Durante esse tempo escreveu algumas vezes para mim, mas depois parou. Estávamos preocupados, é claro, por isso tomamos um avião e ficamos num hotel, até encontrá-lo.

— O que ele estava fazendo?

— Era garçom num café. Tinha um brinco em cada orelha. O cabelo parecia cortado à navalha. Roupas estranhas. Estava com aqueles malditos tamancos de madeira e meias de lã. Falava holandês fluentemente. Não queríamos fazer uma cena, por isso o convidamos para o nosso hotel. Ele concordou. Foi horrível. Simplesmente horrível. Phelps agiu como o idiota que ele é e o dano foi irreparável. Voltamos para casa. Phelps deu um verdadeiro espetáculo, alterando seu testamento e revogando o dinheiro em custódia, de Walt.

— Ele nunca mais voltou?

— Nunca. Eu me encontro com ele em Paris, uma vez por ano. Nós dois chegamos sozinhos, essa é a única regra. Ficamos num bom hotel durante uma semana, passeamos pela cidade, comemos boa comida, visitamos museus. É o ponto alto do meu ano. Mas ele odeia Memphis.

— Eu gostaria de conhecê-lo.

Lee olhou demoradamente para ele, depois seus olhos se encheram de lágrimas.

— Que Deus o abençoe. Se está falando sério, eu adoraria que fosse comigo.

— Falo sério. Não me importa que ele seja gay. Terei prazer em conhecer meu primo-irmão.

Ela respirou fundo e sorriu. O ravióli chegou em dois pratos fundos com a fumaça se espalhando para todos os lados. Um pão de alho, comprido, foi posto na ponta da mesa e o garçom se retirou.

— Walt sabe de Sam? — Adam perguntou.

— Não, nunca tive coragem de contar.

— Sabe da minha existência e de Carmen? De Eddie? Alguma coisa da história gloriosa da nossa família?

— Sim, um pouco. Quando ele era pequeno, eu contei que tinha primos na Califórnia, mas que eles nunca vinham a Memphis. Phelps, é claro, disse a ele que seus primos da Califórnia eram de uma classe social muito mais baixa e portanto não mereciam nenhuma atenção. Walt foi preparado pelo pai para ser esnobe, Adam, você precisa entender isso. Esteve nas melhores escolas, frequentou os melhores clubes e sua família consistia num bando de primos Booth todos iguais. São todos uns infelizes.

— O que os Booth acham de ter um homossexual na família?

— É claro que eles o odeiam. E Walt os odeia.

— Pois eu já gosto dele.

— Ele não é mau. Quer estudar arte e pintar. Eu sempre mando dinheiro.

— Sam sabe que tem um neto gay?

— Acho que não. Ele já tem muito com que se preocupar.

O ravióli esfriou um pouco e eles comeram em silêncio. O garçom serviu mais água e chá. O casal ao lado pediu uma garrafa de vinho tinto e Lee olhou para ela mais de uma vez.

Adam limpou a boca e descansou por um momento. Então, inclinou-se sobre a mesa.

— Posso fazer uma pergunta pessoal? — ele perguntou em voz baixa.

— Todas as suas perguntas me parecem pessoais.

— Certo. Então, posso fazer mais uma?

— Por favor, pergunte.

— Bem. Eu estava pensando. Esta noite você me contou que é alcoólatra, que seu marido é um animal e seu filho é gay. É demais para uma só refeição. Tem mais alguma coisa que eu devo saber?

— Deixe-me ver. Sim. Phelps também é alcoólatra, mas não admite.

— Mais alguma coisa?

— Ele foi processado duas vezes por assédio sexual.

— Tudo bem. Esqueça os Booth. Mais alguma surpresa no nosso lado da família?

— Não arranhamos nem a superfície, Adam.

— Era isso que eu temia.

DEZOITO

Uma tempestade violenta desabou sobre o Delta antes do amanhecer e Sam acordou com o estalo do relâmpago. Ouviu as gotas de chuva batendo nas janelas altas da passagem da Ala A. Depois, pingando na parede interna sob as janelas e empoçando no chão, não muito longe da sua cela. A umidade da cama esfriou de repente. Talvez o dia não fosse tão quente. Talvez a chuva demorasse, escondendo o sol e talvez o vento levasse embora a umidade por um ou dois dias. Sam tinha sempre essa esperança, mas no verão uma tempestade significava apenas solo encharcado que, sob o sol escaldante, se transformava em calor sufocante.

Levantou a cabeça e olhou a chuva entrando pela janela e caindo no chão. A água refletia a luz amarela de uma lâmpada distante. A não ser por essa fraca claridade, o Corredor estava escuro. E silencioso.

Sam gostava da chuva, especialmente à noite e especialmente no verão. O estado do Mississippi, na sua ilimitada sabedoria, havia construído sua prisão no lugar mais quente que encontrou. E desenhou a Unidade de Segurança Máxima exatamente como um forno. As janelas eram pequenas e inúteis, construídas para garantir a segurança, é claro. As pessoas que projetaram aquela pequena filial do inferno resolveram também que não devia ter nenhuma ventilação, nenhuma possibilidade da entrada de uma brisa, nem da saída do ar úmido. E depois de construir o que consideraram um modelo de arquitetura penal, decidiram que não teria ar-condicionado. Ia se erguer orgulhosamente ao lado dos campos de algodão e feijão-soja e absorver o mesmo calor e a mesma umidade do solo. E quando a terra estava seca, o Corredor simplesmente cozinhava junto com a plantação.

Mas o estado do Mississippi não podia controlar a temperatura e quando as chuvas chegavam, resfriando o ar, Sam sorria e oferecia uma pequena prece de agradecimento. Um ente superior estava no controle. O estado nada podia fazer quando chovia. Era uma pequena vitória.

Sam levantou e espreguiçou. Sua cama consistia num pedaço de espuma de borracha de um metro e oitenta por oitenta centímetros, com dez centímetros de espessura, também chamado colchão. Ficava sobre uma armação de metal pregada no chão e na parede. Tinha dois lençóis. Às vezes, no inverno, eles recebiam cobertores. Dor nas costas era comum no Corredor, mas com o tempo o corpo se adaptava e as queixas diminuía. O médico da prisão não era propriamente um amigo dos ocupantes do corredor da morte.

Sam deu dois passos e apoiou os cotovelos nas grades da porta. Ouviu o vento e o trovão e observou as gotas de chuva que batiam no parapeito da janela e caíam no chão. Como seria bom atravessar aquela parede e andar na grama molhada, no outro lado, passear sob a chuva, completamente nu e insano, molhado, com a água pingando do cabelo e da barba.

O horror do corredor da morte é que o homem morre um pouco a cada dia. A espera mata. Ele vive numa jaula e quando acorda marca outro dia e sabe que está agora um dia mais perto da morte.

Sam acendeu um cigarro e olhou para a fumaça que subia na direção das gotas de chuva. Aconteciam coisas estranhas no sistema judiciário absurdo do estado. As cortes decidiam uma coisa num dia e outra no dia seguinte. Os mesmos juízes chegavam a conclusões diferentes sobre as mesmas matérias. Durante anos uma corte ignorava uma moção ou um recurso e então, de repente, aceitava e deferia o pedido. Juízes morriam e eram substituídos por juízes que pensavam de modo diferente. Presidentes chegavam e partiam e nomeavam seus amigos para o cargo de juiz. A Suprema Corte navegava ora para um lado, ora para o outro.

Em certos momentos, a morte seria bem-vinda. E se tivesse de escolher entre a morte ou o resto da vida no corredor da morte, Sam escolheria a câmara de gás. Mas sempre havia uma esperança, sempre a promessa vaga de que alguma coisa em algum lugar do vasto labirinto da selva judiciária despertasse a atenção de alguém e seu caso fosse anulado. Todos os ocupantes do Corredor sonhavam com o milagre da anulação. E esses sonhos os sustentavam de um dia para o outro.

Sam havia lido recentemente que eram quase dois mil os prisioneiros condenados à morte na América, e no ano anterior, 1989, apenas dezesseis haviam sido executados; no Mississippi, quatro desde 1977, o ano em que Gary Gilmore insistiu em formar um esquadrão de fuzilamento em Utah. Havia segurança nesses números. Reforçavam a decisão de apresentar novas apelações.

Ele fumava, soltando a fumaça entre as grades, enquanto a tempestade ia passando e a chuva parou. Sam tomou o café quando o sol estava nascendo e às sete horas ligou a televisão no noticiário da manhã. Acabava de levar a boca uma torrada fria quando seu rosto apareceu na tela atrás da apresentadora do noticiário de Memphis. Avidamente ela começou a história mais excitante do dia, o estranho caso de Sam Cayhall e seu novo advogado. Ao que parecia, o novo advogado era seu neto há muito perdido, Adam Hall, um jovem advogado de Chicago, da firma Kravitz & Bane, a mesma que o havia representado nos últimos sete anos. A fotografia de Sam era de cerca de um ano atrás, a mesma que usavam sempre que seu nome era

mencionado na TV ou nos jornais. A de Adam era um tanto estranha. Obviamente ele não havia posado para ela. Alguém a tirou sem que ele soubesse. A apresentadora explicou, com ênfase e entusiasmo, que o Memphis Press noticiava naquela manhã que Adam Hall havia confirmado que era de fato neto de Sam Cayhall. Ela fez um breve resumo do crime de Sam e duas vezes citou a data da execução iminente. Prometeu mais informações sobre o assunto, talvez até no “Jornal do meio-dia”. Em seguida passou ao resumo dos assassinatos da noite anterior.

Sam jogou a torrada no chão, perto das estantes de livros e ficou olhando para ela. Um inseto a descobriu imediatamente e andou por cima e em volta do pedaço de pão várias vezes, antes de resolver que não era digno de ser comida. Seu advogado já havia falado com a imprensa. O que ensinavam para essa gente na faculdade de direito? Será que davam aulas sobre o controle da imprensa?

— Sam, você está aí? — perguntou Gullitt.

— Sim, estou aqui.

— Acabo de ver você no jornal da TV.

— É. Eu também vi.

— Está zangado?

— Estou bem.

— Respire fundo, Sam. Está tudo bem.

Entre os homens condenados a morrer na câmara de gás, a expressão “respire fundo” era usada com frequência como uma piada. Eles a usavam sempre, especialmente quando alguém estava zangado. Mas quando era dita pelos guardas não tinha graça. Era uma violação à Constituição. Foi mencionada mais de uma vez em processos como exemplo do tratamento cruel dispensado no corredor da morte.

Sam concordou com o inseto e ignorou o resto da comida. Tomou o café devagar, olhando para o chão.

ÀS NOVE E MEIA o sargento Packer entrou na Ala A à procura de Sam. Estava na hora do seu passeio ao ar livre. A chuva já ia longe e o sol calcinava o Delta. Packer estava com dois guardas e um par de correntes para as pernas. Sam apontou para as correntes e perguntou:

— Para que isso?

— Para segurança, Sam.

— Eu vou só sair para o exercício, não vou?

— Não, Sam. Vamos levá-lo à biblioteca. Seu advogado quer falar com você no meio dos livros de direito. Agora, vire para mim.

Sam passou as duas mãos juntas entre as grades, Packer as algemou, então a porta se abriu e Sam saiu para a passagem. Os guardas ajoelharam e estavam prendendo as correntes quando Sam perguntou:

— E a minha hora de exercício?

- O que tem?
- Quando vai ser?
- Mais tarde.

— Você disse isso ontem e eu não tive minha hora de recreação. Você mentiu para mim, ontem. Agora está mentindo outra vez. Vou processá-lo por isso.

— Processos são demorados, Sam. Levam anos.

— Quero falar com o diretor.

— E tenho certeza de que ele quer falar com você, Sam. Agora, quer ver seu advogado ou não?

— Tenho direito ao meu advogado e tenho direito à minha hora de exercício.

— Pare de sacanear ele, Packer! — Hank Henshaw gritou, do outro lado do corredor.

— Você mente, Packer! Você mente! — gritou J. B. Gullitt, do outro lado.

— Quietos, meninos — disse Packer, friamente. — Nós tomamos conta de Sam.

— É, se você pudesse dava hoje mesmo o gás para ele — gritou Henshaw.

As correntes estavam presas nas pernas e Sam entrou na cela, arrastando os pés para apanhar uma pasta de papéis. Segurando-a contra o peito, seguiu pela passagem com Packer ao lado e os guardas atrás.

— Dê duro neles, Sam — gritou Henshaw, quando já estavam saindo.

Outros gritaram, apoiando Sam e vaiando Packer. Os quatro passaram pelas duas portas e deixaram a Ala A.

— O diretor disse que você vai ter duas horas esta tarde e duas horas por dia até tudo acabar — disse Packer, enquanto caminhavam devagar pela curta passagem.

— Até o que acabar?

— Esta “coisa”.

— Que “coisa”?

Packer e a maioria dos guardas chamavam a execução de “coisa”.

— Sabe do que estou falando — disse Packer.

— Pode dizer para o diretor que ele é um amor. E pergunte a ele se eu ganho as duas horas se essa “coisa” não acontecer, está bem? E enquanto está com a mão na massa, diga também que eu acho que ele é um filho da puta de um mentiroso.

— Ele já sabe.

Pararam na frente de uma parede de grades e esperaram a porta ser aberta. Passaram por ela e pararam outra vez ao lado de dois guardas na porta da frente. Packer escreveu rapidamente alguma coisa

numa prancheta e eles saíram para onde um furgão os esperava. Os guardas seguraram os braços de Sam e o levantaram, com as correntes, fazendo-o entrar pelo lado do carro. Packer sentou na frente ao lado do motorista.

— Esta merda tem ar-condicionado? — Sam perguntou para o motorista, que estava com a janela aberta.

— Tem — respondeu o homem dando marcha à ré e afastando-se da USM.

— Então ligue esta merda, está bem?

— Pare com isso, Sam — disse Packer, sem convicção.

— Suar o dia inteiro numa jaula já é uma droga, mas sufocar aqui dentro é cretinice. Ligue aí. Eu tenho meus direitos.

— Respire fundo, Sam — disse Packer, com voz arrastada, piscando um olho para o motorista.

— Vai pagar por isso, Packer. Vai desejar nunca ter falado.

O motorista ligou um botão e o ar começou a soprar. O furgão passou pelos guardas dos portões duplos e seguiu lentamente pela estrada de terra.

Mesmo algemado e acorrentado, aquela breve viagem fora do corredor era repousante. Sam parou de implicar e imediatamente ignorou os outros homens no furgão. A chuva havia deixado poças d'água na relva das valas ao lado da estrada e lavado as mudas de algodão, agora mais altas. Os talos e as folhas eram verdes-escuros. Sam lembrou de quando era menino e colhia algodão, mas imediatamente afastou a lembrança. Sua mente estava treinada para esquecer o passado e nas raras ocasiões em que lembranças da infância acendiam no seu cérebro, ele as apagava rapidamente.

Sam agradeceu o fato de o furgão seguir em marcha lenta. Olhou para os dois prisioneiros sentados debaixo de uma árvore, vendo um companheiro levantar peso sob o sol. Estavam dentro de uma cerca, mas como devia ser bom, pensou ele, estar ao ar livre, andando e falando, fazendo exercício e descansando, sem pensar na câmara de gás, sem se preocupar com seu último recurso.

A BIBLIOTECA DE direito era chamada de Twig porque era pequena demais para ser considerada uma ala completa. A biblioteca principal da penitenciária ficava mais no centro da plantação, em outro campo. A Twig era usada exclusivamente pelos prisioneiros do corredor da morte. Ficava nos fundos do prédio da administração, tinha só uma porta e nenhuma janela. Sam estivera na biblioteca várias vezes nos últimos nove anos. Era uma sala pequena com uma boa coleção de livros de direito e um bom serviço de atualização. Tinha uma mesa velha no centro e estantes com livros em todas as paredes. Uma vez ou outra um prisioneiro se oferecia para trabalhar como bibliotecário, mas raramente era habilitado e os livros nunca

estavam onde deveriam estar. Sam ficava extremamente irritado com aquilo, porque gostava de ordem e desprezava os africanos, e tinha certeza de que a maior parte dos bibliotecários eram negros, se não todos, embora não pudesse provar.

Os dois guardas retiraram as correntes e as algemas de Sam, na porta.

— Você tem duas horas — Packer disse.

— Eu tenho o tempo que quiser — respondeu Sam, esfregando os pulsos, como se as algemas os tivessem quebrado.

— Certo, Sam. Mas quando eu vier daqui a duas horas, pode apostar que vamos pôr seu traseiro no furgão.

Packer abriu a porta e os guardas tomaram posição um de cada lado. Sam entrou na biblioteca e bateu a porta. Pôs a pasta de papéis na mesa e olhou carrancudo para seu advogado.

Adam estava de pé na outra extremidade da mesa, com um livro na mão, esperando seu cliente. Ouviu as vozes do lado de fora e viu Sam entrar sem os guardas e sem as algemas. Ele ficou ali parado com seu macacão vermelho, muito menor agora, sem a tela verde entre eles.

Estudaram-se mutuamente por um momento com a mesa entre eles, neto e avô, advogado e cliente, estranho e estranho. Foi um momento embaraçoso, em que se observaram sem chegar a nenhuma conclusão.

— Como vai, Sam? — disse Adam, caminhando para ele.

— Olá. Vi nós dois na televisão há pouco.

— É. Viu o jornal?

— Ainda não. Chega mais tarde.

Adam empurrou o jornal sobre a mesa e Sam o apanhou. Sentou e segurando o jornal com as duas mãos o ergueu a quinze centímetros do nariz. Leu atentamente e estudou a sua foto e a de Adam.

Todd Marks evidentemente havia passado grande parte da noite pesquisando e telefonando freneticamente. Verificou que um certo Alan Cayhall tinha nascido em Clanton, Ford County, em 1964, e o nome do pai que constava na certidão de nascimento era Edward S. Cayhall. Verificou a certidão de nascimento de Edward S. Cayhall e viu que o nome do pai era Samuel Lucas

Cayhall, o mesmo homem que estava agora no corredor da morte. Dizia na sua reportagem que Adam Hall havia confirmado que seu pai mudou de nome na Califórnia e que seu avô era Sam Cayhall. Teve o cuidado de não atribuir nenhuma afirmação direta a Adam, mas assim mesmo tinha violado o acordo. Era evidente que eles tinham conversado.

Citando fontes anônimas, a reportagem descrevia como Eddie e a família haviam deixado Clanton, em 1967, depois da prisão de Sam, fugindo para a Califórnia onde, mais tarde, Eddie se matou. A pista

terminava aí evidentemente porque Marks, por falta de tempo, não conseguiu nenhuma confirmação na Califórnia. As fontes não mencionaram a filha de Sam que morava em Memphis, desse modo Lee foi poupada. A história perdia um pouco o ímpeto com uma série de “sem comentários” de Baker Cooley, Garner Goodman, Phillip Naifeh, Lucas Mann e um advogado do gabinete do procurador-geral em Jackson. Porém Marks encerrava com uma sensacional reconstituição do atentado à bomba no escritório de Kramer.

A reportagem aparecia na primeira página do Press, acima da manchete principal. A foto antiga de Sam estava à direita e, ao lado, a estranha foto de Adam, só da cintura para cima. Lee levou o jornal para Adam naquela manhã, quando ele, sentado no terraço, via o movimento matinal do rio. Leram e releeram a história, tomando café e suco de frutas. Depois de muita análise, Adam chegou a conclusão de que Todd Marks tinha um fotógrafo no outro lado da rua do Peabody Hotel e quando Adam saiu do breve encontro e parou na calçada, foi fotografado. O terno e a gravata eram decididamente os que estava usando na véspera.

— Você falou com este palhaço? — rosnou Sam, pondo o jornal na mesa.

Adam sentou de frente para ele.

— Nós nos encontramos.

— Por quê?

— Porque ele telefonou para o nosso escritório em Memphis, disse que tinha ouvido alguns rumores e eu resolvi esclarecer as coisas. Não é nada de mais.

— Nossas fotografias na primeira página não é nada de mais?

— Você já esteve aí antes.

— E você?

— Eu não posei exatamente. Pode ver que foi uma armadilha. Mas acho que estou um estouro.

— Você confirmou esses fatos para ele?

— Confirmei. Concordamos que seriam informações em off e que ele não me citaria de modo algum. Também não devia ter me usado como fonte. Ele violou nosso acordo e se sujou comigo. Também plantou um fotógrafo, por isso nunca mais vou falar para o Memphis Press.

Sam olhou para o jornal. Ele parecia calmo e falava mais devagar do que nunca. Com uma sugestão de sorriso, disse:

— E você confirmou que é meu neto?

— Sim. Não posso negar, posso?

— Você quer negar?

— Leia o jornal, Sam. Se eu quisesse negar, estaria na primeira página?

Sam ficou satisfeito e o sorriso aumentou um pouco. Mordeu o lábio e olhou para Adam. Então, metodicamente tirou do bolso um maço de cigarros e Adam olhou em volta, à procura de uma janela.

Depois de acender o cigarro, Sam disse.

— Fique longe da imprensa. Eles são impiedosos e cretinos.

Mentem e cometem erros elementares.

— Mas eu sou advogado, Sam. É inato.

— Eu sei. É difícil, mas procure se controlar. Não quero que isso aconteça outra vez.

Com um sorriso, Adam tirou alguns papéis da pasta.

— Tenho uma ideia maravilhosa para salvar a sua vida. —

Esfregou as mãos, depois tirou a caneta do bolso. Estava na hora de trabalhar.

— Estou ouvindo.

— Muito bem, como já deve ter adivinhado, estive fazendo uma porção de pesquisas.

— Para isso você é pago.

— Sim. E o resultado foi uma pequena teoria, um novo recurso que pretendo encaminhar na segunda-feira. A teoria é simples. O Mississippi é um dos únicos cinco estados que ainda usam a câmara de gás, certo?

— Certo.

— E a legislatura do Mississippi de 1984 aprovou uma lei que dá ao condenado a escolha de ser morto com uma injeção letal ou na câmara de gás. Mas a nova lei só se aplica aos que foram condenados depois de 1º de julho de 1984. Não se aplica a você.

— Isso mesmo. Acho que cerca da metade dos caras do Corredor vai poder escolher. Mas ainda têm alguns anos para isso.

— Uma das razões pelas quais a legislatura aprovou a injeção letal é para tornar o processo mais humano. Estudei a história legislativa por trás da lei e encontrei várias referências aos problemas que o estado já teve com as execuções na câmara de gás. A teoria é simples. Fazer a execução rápida e sem dor, para que diminuam as alegações, com base na Constituição, a respeito de crueldade. As injeções letais criam poucos problemas legais, facilitando assim o processo da execução. Nossa teoria então é de que uma vez que o estado adotou a injeção letal, na verdade está dizendo que a câmara de gás é obsoleta. E por que é obsoleta? Porque é um modo cruel de matar as pessoas.

Sam fumou em silêncio por um minuto e depois assentiu, inclinando a cabeça.

— Continue — disse ele.

— Nós atacamos a câmara de gás como um método de execução.

— Vai limitar a observação ao estado do Mississippi?

— Provavelmente. Eu sei que houve problemas com Teddy Doyle

Meeks e com Maynard Tole.

Sam bufou e soltou uma baforada de fumaça em cima da mesa.

— Problemas? Problemas é pouco.

— O que você sabe?

— Ora, vamos. Eles morreram a cinquenta metros de onde eu estava. Nós sentamos nas nossas celas o dia inteiro pensando na morte. Todo mundo no Corredor sabe o que aconteceu com aqueles dois.

— Conte então.

Sam apoiou os cotovelos na mesa e olhou pensativamente para o jornal.

— Meeks foi a primeira execução no Mississippi em dez anos e eles não sabiam o que estavam fazendo. Isso foi em 1982. Eu estava no Corredor há quase dois anos e até então nós vivíamos num mundo de sonho. Nunca pensávamos na câmara de gás, nas cápsulas de cianureto, nas últimas refeições. Estávamos condenados a morte, mas, que diabo, eles não iam matar ninguém, portanto, para que pensar nisso? Mas Meeks nos acordou. Eles o mataram, logo, certamente podiam nos matar também.

— O que aconteceu com ele? — Adam havia lido uma porção de histórias sobre a execução malfeita de Teddy Doyle Meeks, mas queria ouvir a versão de Sam.

— Tudo deu errado. Você já viu a câmara?

— Ainda não.

— Tem uma saleta ao lado onde o encarregado da execução prepara a solução. O ácido sulfúrico está numa lata que ele leva do seu pequeno laboratório, por um tubo, até a câmara. No caso de Meeks, o homem estava bêbado.

— Ora, Sam, deixa disso.

— Eu não o vi, está bem? Mas todo mundo sabe que ele estava bêbado. A lei do estado indica um encarregado oficial da execução e o diretor e seu bando só foram pensar nisso poucas horas antes da execução. Lembre de uma coisa, ninguém pensou que Meeks ia morrer. Nós todos esperávamos um adiamento no último minuto, porque ele já havia passado por aquilo duas vezes antes. Mas não houve nenhum adiamento e eles tiveram de correr no último instante para encontrar o encarregado oficial do estado. Eles o encontraram bêbado. O homem era encanador, eu acho. De qualquer modo, a primeira mistura não funcionou. Ele pôs a lata no tubo, puxou a alavanca e todos esperaram ver Meeks respirar fundo e morrer. Meeks prendeu a respiração o maior tempo possível, depois respirou. Não aconteceu nada. Eles esperaram. Meeks esperou. As testemunhas esperaram. Todo mundo se voltou lentamente para o encarregado da mistura, que estava também esperando e praguejando. Ele voltou para

a sua saleta e preparou outra mistura de ácido sulfúrico. Então teve de retirar a lata da calha e isso levou dez minutos. O diretor, Lucas Mann e o resto da corja andavam de um lado para o outro, agitados, xingando o encanador bêbado, que finalmente ligou a outra lata e puxou a alavanca. Dessa vez o ácido sulfúrico caiu onde devia cair — num recipiente debaixo da cadeira em que Meeks estava amarrado. O homem puxou a segunda alavanca, deixando cair as cápsulas de cianureto, que estavam também debaixo da cadeira, pairando sobre o ácido. As cápsulas caíram, e o gás subiu até onde Meeks estava prendendo a respiração outra vez. A gente vê o vapor, você sabe. Quando finalmente ele respirou fundo, começou a tremer convulsivamente e isso durou algum tempo. Há uma barra de metal que vai do teto ao chão da câmara, diretamente atrás da cadeira. Quando Meeks ficou imóvel e todos pensaram que estivesse morto, sua cabeça começou a balançar para a frente e para trás, batendo na barra, batendo sem parar. Só se via o branco dos seus olhos, a boca estava escancarada, ele espumava e batia a cabeça na barra de ferro. Foi sinistro.

— Quanto tempo ele demorou para morrer?

— Quem sabe? Segundo o médico da prisão, a morte foi instantânea e indolor. De acordo com algumas testemunhas, as convulsões e as batidas com a cabeça duraram cinco minutos.

A execução de Meeks forneceu muita munição para os inimigos da pena de morte. Sem dúvida ele havia sofrido intensamente e muita coisa foi escrita sobre sua morte. A versão de Sam era precisamente coerente com as das testemunhas.

— Quem contou para você?

— Uns dois guardas comentaram. Não comigo, é claro, mas as notícias correm depressa. Houve protestos do público, que teriam sido piores se Meeks não fosse uma pessoa tão desprezível. Todo mundo o odiava. Como sua pequena vítima tinha sofrido demais, era difícil ter pena dele.

— Onde você estava quando ele foi executado?

— Na minha primeira cela, Ala D, na extremidade mais distante da câmara. Naquela noite eles trancaram todos os prisioneiros da penitenciária, sem exceção. Aconteceu um pouco depois da meia-noite, o que não deixa de ser irônico, porque o estado tem o dia inteiro para realizar a execução. A ordem para a execução não especifica a hora, só o dia. É claro que aqueles miseráveis filhos da puta estavam sempre ansiosos para fazer a coisa o mais depressa possível. Todas as execuções são marcadas para um minuto depois da meia-noite. Desse modo, se for concedido um adiamento, seus advogados têm o dia inteiro para anulá-lo. Buster Moac morreu desse modo. Eles o amarraram na cadeira a meia-noite, então o telefone

tocou e eles o levaram de volta para a saleta onde ele esperou e suou durante uma hora

enquanto os advogados corriam de um tribunal para outro. Finalmente, quando o sol estava nascendo, eles o amarraram pela última vez. Acho que você sabe quais foram suas últimas palavras.

Adam balançou a cabeça.

— Não tenho ideia.

— Buster era meu amigo, um cara de classe. Naifeh perguntou se ele queria dizer alguma coisa. Ele disse que o bife que fizeram para sua última refeição estava malpassado demais. Naifeh resmungou alguma coisa sobre falar com o cozinheiro. Então Buster perguntou se o governador havia concedido seu indulto no último minuto. Naifeh disse que não. Buster disse: “Aquele filho da puta perdeu meu voto.” Eles bateram a porta e o mataram.

Estava claro que Sam achava aquilo divertido e Adam sentiu-se obrigado a dar um riso forçado. Olhou para o bloco de anotações, enquanto Sam acendia outro cigarro.

Quatro anos depois da execução de Teddy Doyle Meeks, as apelações de Maynard Tole chegaram ao fim e estava na hora de a câmara ser usada outra vez. Tole era um beneficiário do projeto pro bono da Kravitz & Bane. Um jovem advogado, Peter Wiesenber, representava Tole, sob a supervisão de E. Garner Goodman. Wiesenber e Goodman assistiram à execução, que sob muitos aspectos foi semelhante à de Meeks. Adam não havia conversado com Goodman sobre a execução de Tole, mas estudou o dossiê e leu as descrições das testemunhas, de Wiesenber e de Goodman.

— E Maynard Tole? — Adam perguntou.

— Ele era africano, um militante que matou uma porção de gente num assalto e, é claro, pôs a culpa toda no sistema. Sempre se referia a si mesmo como um guerreiro africano. Ele me ameaçou várias vezes, mas quase sempre estava só vendendo lobo.

— Vendendo lobo?

— É, quando um cara está se fazendo de valente, falando bobagem. É comum entre os africanos. Eles todos são inocentes, você sabe. Todos esse malditos, sem exceção. Estão aqui porque são negros e o sistema é branco, e embora tenham estuprado e assassinado, tudo é culpa de outras pessoas. Sempre, sempre é culpa de outras pessoas.

— Então você ficou satisfeito quando ele se foi?

— Eu não disse isso. Matar é errado. É errado para os africanos. É errado para os brancos. E é errado para o povo do estado do Mississippi matar os prisioneiros do corredor da morte. O que eu fiz foi errado, então como vai consertar me matando?

— Tole sofreu?

— O mesmo que Meeks. Arranjaram um novo carrasco e ele pegou

na primeira tentativa. O gás acertou Tole em cheio e ele entrou em convulsão, começou a bater a cabeça na barra de ferro, exatamente como Meeks, só que Tole, evidentemente, tinha a cabeça mais dura, porque não parava mais de bater. A coisa continuou e finalmente Naifeh e o esquadrão de assassinos começaram a ficar ansiosos porque o homem não morria e a coisa estava ficando suja. Então, fizeram as testemunhas sair da sala. Foi muito desagradável.

— Li em algum lugar que ele demorou dez minutos para morrer.

— Ele lutou bastante, é tudo que eu sei. Naturalmente o diretor e seu médico disseram que a morte foi instantânea e sem dor. Típico. Mas mesmo assim eles alteraram um pouco o processo, depois de Tole. Quando eles pegaram meu amigo Moac, já tinham inventado aquela presilha engraçadinha para a cabeça, feita com tiras de couro e fivelas, ligada àquela maldita barra de ferro. Com Moac, e depois com Jumbo Parris, eles prenderam a cabeça com tanta força que de jeito nenhum podiam bater na barra. Um toque de classe, não acha? Fica mais fácil para Naifeh e para as testemunhas, que não precisam mais assistir a tanto sofrimento.

— Está vendo o que quero dizer, Sam? É um modo horrível de morrer. Nós atacamos o método. Encontramos testemunhas dispostas a depor sobre essas execuções e tentamos convencer o juiz a declarar a câmara de gás inconstitucional.

— E daí? Pedimos então a injeção letal? O que adianta? Parece um pouco idiota eu dizer que prefiro não morrer na câmara, mas, que diabo, a injeção letal será ótima. Que me ponham na maca e me encham de drogas. Eu estarei morto, certo? Não estou entendendo.

— Tem razão. Mas assim conseguimos algum tempo. Nós atacamos a câmara de gás, conseguimos um adiamento, e então recorremos a instâncias superiores. Podemos fazer isso durante anos.

— Já foi feito.

— O que quer dizer com já foi feito?

— Texas, 1983. Caso chamado Larson. Os mesmos argumentos foram apresentados, sem nenhum efeito. A corte disse que a câmara de gás existe há cinquenta anos e sua eficiência para matar com humanidade já foi mais do que comprovada.

— Sim, mas há uma grande diferença.

— Qual?

— Isto não é o Texas. Meeks, Tole, Moac e Parris não foram executados no Texas. E a propósito, o Texas já passou para a injeção letal. Eles aboliram a câmara de gás porque encontraram um modo melhor de matar. A maioria dos estados com pena de morte trocou a câmara de gás por tecnologia melhor.

Sam levantou e andou até a outra extremidade da mesa.

— Bem, quando chegar a minha hora, sem dúvida quero ir com a

tecnologia mais avançada. — Andou ao lado da mesa, três ou quatro vezes, depois parou. — São cinco metros e meio de uma extremidade a outra desta sala. Posso andar cinco metros e meio sem bater em nenhuma grade. Você pode imaginar o que é passar vinte e três horas por dia numa cela de um metro e oitenta por dois e setenta? Isto é liberdade, homem. — Andou mais um pouco, soltando baforadas para o ar.

Adam observou o homem pequeno e frágil, andando ao lado da mesa, acompanhado por uma nuvem de fumaça. Sam estava sem meias, com as sandálias de borracha que estalavam a cada passo. Ele parou de repente, tirou um livro da estante, jogou-o sobre a mesa e começou a folhear com um gesto largo. Depois de alguns minutos de intensa procura, encontrou o que queria e leu durante cinco minutos.

— Aqui está — resmungou, em voz baixa. — Eu sabia que tinha lido isso antes.

— O que é?

— Um caso da Carolina do Norte, de 1985. O nome do homem era Jimmy Old e evidentemente Jimmy não queria morrer. Tiveram de arrastá-lo até a câmara, esperneando, gritando e chorando e levaram um tempo enorme para amarrá-lo na cadeira. Fecharam a porta e acionaram o gás e o queixo dele encostou no peito. Então, sua cabeça se inclinou para trás e começou a tremer. Ele se voltou para as testemunhas que só viam o branco

dos seus olhos, e começou a salivar. A cabeça girava e balançava como se nunca mais fosse parar, o corpo estremecia e a boca espumava. A agonia continuou e uma das testemunhas, um jornalista, vomitou. O diretor ficou farto com tudo aquilo e fechou as cortinas negras para que as testemunhas não o vissem mais. Calcularam que ele levou quatorze minutos para morrer.

— Acho cruel.

Sam fechou o livro e o devolveu cuidadosamente à estante. Acendeu um cigarro e olhou para o teto.

— Praticamente todas as câmaras de gás foram construídas há muito tempo pela Eaton, uma metalúrgica, em Salt Lake City. Li em algum lugar que a do Missouri foi construída pelos detentos. Mas a nossa pequena câmara foi construída pela Eaton, e todas são basicamente iguais — de aço, octogonais, com uma série de janelas aqui e ali para que as pessoas possam assistir à morte. Não há muito espaço dentro da câmara propriamente dita, só uma cadeira de madeira com uma porção de tiras de couro. Debaixo da cadeira há uma vasilha de metal e, alguns centímetros acima dela, um saquinho com cápsulas de cianureto que são controladas de fora por meio de uma alavanca. O encarregado da execução controla também o ácido sulfúrico que é introduzido por meio de uma lata. A lata passa por um

tubo até a vasilha e quando esta se enche de ácido, ele puxa a alavanca deixando cair as cápsulas de cianureto. Essa mistura forma o gás, que provoca a morte, que naturalmente deve ser rápida e sem dor.

— A câmara não foi feita para substituir a cadeira elétrica?

— Foi. Nos anos 20 e 30 todos tinham uma cadeira elétrica e era o aparelho mais maravilhoso já inventado. Lembro-me que quando eu era menino, eles tinham uma cadeira elétrica portátil, que levavam de um lugar para o outro num trailer. Eles paravam na prisão local, enfileiravam os prisioneiros acorrentados no lado de fora do trailer e matavam de um em um. Era um modo eficiente de diminuir a população das prisões sempre lotadas. — Sam balançou a cabeça, como quem não acredita. — É claro que não tinham a menor ideia do que estavam fazendo e havia histórias incríveis de condenados que sofriam horrores. Isso é a pena capital, certo? Não tortura capital. E não era só no Mississippi. Muitos estados estavam usando aquelas velhas e decrépitas cadeiras elétricas com um bando de cretinos ligando as chaves, e havia todo tipo de problemas. Eles amarravam um infeliz, ligavam a chave, davam um belo choque no coitado, mas não o bastante, o cara estava cozinhando por dentro, mas não morria, então eles esperavam alguns minutos e desfechavam outra carga. Isso podia continuar assim por quinze minutos. Eles não prendiam os eletrodos adequadamente e não era raro saírem chamas e faíscas dos olhos e das orelhas. Li uma descrição do caso de um cara que recebeu uma voltagem errada. O vapor subiu para sua cabeça e os olhos saltaram das órbitas. O sangue escorreu pelo rosto. Durante uma eletrocução a pele fica tão quente que eles não podem tocar no cara por algum tempo, e antigamente precisavam esperar que ele esfriasse para verificar se estava morto. Há uma porção de histórias de homens que ficam imóveis quando recebem a primeira carga, depois começam a respirar outra vez. Nesses casos, é claro, eles davam outro choque. Isso podia acontecer quatro ou cinco vezes. Era horrível, então um médico do exército inventou a câmara de gás, como um modo mais humano de matar gente. Hoje, como você sabe, ela está obsoleta por causa da injeção letal.

Sam tinha em Adam uma audiência cativa.

— Quantos homens já morreram na câmara de gás no Mississippi?
— ele perguntou.

— Foi usada pela primeira vez aqui mais ou menos por volta de 1954. Entre esse ano e 1970, eles mataram trinta e cinco homens. Nenhuma mulher. Depois de Furman, em 1971, a câmara só foi usada com Teddy Doyle Meeks, em 1982. Desde então, eles a usaram três vezes, o que perfaz um total de trinta e nove. Eu vou ser o número quarenta.

Sam começou a andar outra vez, com passo mais lento.

— É um modo horrível e ineficiente de matar — disse ele, como um professor para a classe. — E é perigoso. Perigoso, é claro, para o pobre cara amarrado na cadeira, mas também para os que estão no lado de fora da câmara. Aquelas malditas coisas estão velhas e todas têm algum vazamento. Os fechos e as vedações apodrecem e se desfazem e o preço de uma câmara de gás sem nenhum vazamento é muito alto. Um pequeno vazamento pode ser fatal para o executor ou para quem esteja por perto. Sempre há um grupo de assistentes — Naifeh, Lucas Mann, talvez um religioso, o médico, um ou dois guardas — na saleta do lado de fora da câmara. Essa saleta tem duas portas, que sempre são fechadas durante a execução. Se o gás vazar da câmara para a sala, provavelmente vai atingir Naifeh ou Lucas Mann e eles vão cair duros na hora. Pensando bem, não é uma má ideia.

“As testemunhas também correm perigo, mas nem desconfiam. Não há nada entre elas e a câmara, a não ser uma fileira de janelas, também velhas e sujeitas a vazamento. Elas também estão numa sala pequena com a porta fechada e se houver qualquer quantidade de vazamento do gás, aqueles idiotas boquiabertos morrem também.

“Mas o perigo maior vem depois. Eles prendem um fio no corpo do condenado, que atravessa a câmara e vai até onde o médico controla as batidas do coração. Quando ele diz que o cara está morto, eles abrem uma válvula no alto da câmara para dar saída ao gás. A maior parte sai. Eles esperam mais ou menos quinze minutos e abrem a porta. O ar externo, mais frio, usado para eliminar o gás da câmara, causa problemas porque se mistura com o resto do gás e condensa em tudo que está lá dentro. É uma armadilha mortal para quem entrar na câmara, extremamente perigosa e a maior parte daqueles palhaços não tem ideia. Forma-se um resíduo de ácido prússico em tudo lá dentro — paredes, assoalho, teto, porta e, é claro, no cara morto.

“Eles vaporizam a câmara e o cadáver com amoníaco para neutralizar o gás restante. Depois, a equipe de remoção, ou seja lá como chamam, entra com máscaras de oxigênio. Eles lavam o corpo novamente com amoníaco ou cloro porque o veneno exsuda dos poros. Com o corpo ainda amarrado na cadeira, eles retiram sua roupa, usando tesouras, colocam num saco e queimam. Antigamente o homem era levado para a cadeira só de calção para facilitar o trabalho deles depois. Mas agora, eles são tão bonzinhos que o cara pode vestir o que quiser para morrer. Se eu chegar lá, vou ter uma dificuldade dos diabos para escolher meu guarda-roupa.”

Sam cuspiu no chão. Praguejou em voz baixa e andou até a outra extremidade da mesa.

— O que acontece com o corpo? — perguntou Adam, um tanto envergonhado por insistir no assunto, mas ansioso para ouvir a

história toda.

Sam rosnou uma ou duas vezes, depois pôs o cigarro na boca.

— Você sabe no que consiste o meu guarda-roupa?

— Não.

— Dois destes macacões vermelhos, quatro ou cinco conjuntos de roupa de baixo limpa e um par destas sandálias de borracha que parecem restos de uma liquidação feita por negros. Eu recuso morrer com um destes macacões. Já pensei em exercer meus direitos constitucionais e desfilar para a câmara completamente nu. Não seria uma beleza? Pode imaginar aqueles bandidos tentando me empurrar e me amarrar, preocupados em não tocar minhas partes íntimas? E quando conseguirem me amarrar, eu estendo o braço, pego o pequeno monitor do coração e o prendo nos meus testículos. O médico não ia adorar isso? E vou me certificar de que todas as testemunhas possam ver meu traseiro nu. Acho que é isso que vou fazer.

— O que acontece com o corpo? — Adam perguntou outra vez.

— Bem, quando está suficientemente lavado e desinfetado, eles o vestem com o uniforme da penitenciária e passam da cadeira para um saco de plástico com zíper. Colocam o saco numa maca que o leva para a ambulância que o leva para alguma casa funerária. Então, a família se encarrega dele. A maioria das famílias.

Sam estava de costas para Adam, falando para a parede, encostado na estante de livros. Ficou em silêncio por um longo tempo, imóvel, olhando para o canto da sala, pensando nos quatro homens que tinha conhecido e que já tinham ido para a câmara. Havia uma regra não escrita no Corredor. Quando chegar sua hora, você não vai para a câmara com o macacão vermelho. Não vai dar a eles a satisfação de matá-lo com a roupa que eles o obrigaram a usar.

Talvez seu irmão, o que mandava cigarros todos os meses, o ajudasse com uma camisa e uma calça. Um par de meias seria ótimo. E qualquer coisa que não fossem as sandálias de borracha. Ele preferia ir descalço a usar aquelas coisas malditas.

Voltou-se, andou devagar até onde Adam estava e sentou.

— Gosto da ideia — disse, em voz baixa e calma. — Vale a pena tentar.

— Muito bem. Vamos trabalhar. Quero que você descubra outros casos como o de Jimmy Old da Carolina do Norte. Vamos desenterrar todas as execuções horríveis e malfeitas nas câmaras de gás. Vamos inserir todas no processo. Quero que faça uma lista das pessoas que podem testemunhar sobre as execuções de Meeks e de Tole. Talvez até mesmo as de Moac e Parris.

Sam já estava de pé outra vez, tirando livros das estantes, resmungando em voz baixa. Empilhou os livros na mesa, dezenas

deles, e mergulhou na leitura.

DEZENOVE

Os campos ONDULANTES DE TRIGO estendiam-se planos por quilômetros e ficavam mais íngremes no sopé das colinas. As montanhas majestosas delineavam os campos cultivados a distância. Num vale extenso acima dos campos, com uma vista de quilômetros na frente e a barreira das montanhas atrás, em 50 hectares de terra, estendia-se o complexo dos nazistas. As cercas de arame farpado eram camufladas com cercas vivas e mato alto. Os estandes de tiro e área de combate eram também disfarçados para não serem vistos do ar. Só duas inocentes cabines de troncos de árvores ficavam acima do solo, e vistas de fora pareciam abrigo para pescadores. Porém, abaixo delas, nas profundezas das montanhas havia dois poços de elevadores que levavam a um labirinto de cavernas naturais e feitas pelo homem. Túneis enormes, com largura suficiente para a passagem de carros de golfe, abriam-se em todas as direções, ligando uma dezena de salas diferentes. Numa delas ficava uma impressora. Duas serviam de depósito de armas e munição. Três, espaçosas, eram alojamentos. Outra era uma pequena biblioteca. A sala maior, uma caverna de doze metros e vinte de alto a baixo, era o salão central onde os membros se reuniam para discursos, filmes e comícios.

Era um complexo de última geração, com antenas parabólicas para televisões que transmitiam notícias do mundo todo, e computadores ligados a outros computadores para um fluxo rápido de informação, e faxes, telefones celulares, todos os aparelhos eletrônicos em uso no momento.

Eles recebiam nada menos de dez jornais diariamente, que eram levados para uma mesa na sala ao lado da biblioteca e lidos por um homem chamado Roland. Ele morava no complexo a maior parte do tempo, com vários outros membros que conservavam o lugar. Quando os jornais chegavam da cidade, geralmente às nove da manhã, Roland sentava à mesa com uma xícara grande de café e começava a ler. Não era uma tarefa pesada. Ele havia dado volta ao mundo muitas vezes, falava quatro línguas e tinha um apetite voraz de saber. Se uma reportagem chamava sua atenção, ele a marcava e mais tarde tirava uma cópia que entregava na mesa do computador.

Seus interesses eram variados. Roland mal lia as seções de esportes, e nunca os classificados. Moda, estilo, colunas sociais, artes e assuntos correlatos eram lidos sem muita curiosidade. Ele compilava histórias sobre grupos semelhantes ao seu — arianos, nazistas, a KKK. Ultimamente estava separando várias reportagens da Alemanha e da Europa Oriental, muito entusiasmado com o renascimento do fascismo nesses lugares. Ele falava alemão fluentemente e passava pelo menos

um mês por ano naquele grande país. Roland observava a preocupação dos políticos com os crimes hediondos e seu desejo de restringir os direitos de grupos iguais ao seu. Ele acompanhava as decisões da Suprema Corte, os julgamentos dos skinheads nos Estados Unidos, as atribulações da KKK.

Normalmente passava duas horas todas as manhãs absorvendo as últimas notícias e resolvendo quais as reportagens que deviam ser guardadas para futura referência. Era um trabalho de rotina, mas que Roland fazia com imenso prazer.

Essa manhã ia ser diferente. O primeiro sinal de problema foi a foto de Sam Cayhall, quase escondida na primeira seção de um jornal de San Francisco. Era uma reportagem de três parágrafos, o suficiente para transmitir a notícia espetacular de que o homem mais velho do corredor da morte ia ser defendido por seu neto. Roland leu três vezes antes de acreditar na história, depois a marcou para ser guardada. No fim de uma hora tinha lido a mesma notícia cinco ou seis vezes. Dois jornais traziam a foto do jovem Adam Hall que aparecera na primeira página do jornal de Memphis no dia anterior.

Roland tinha acompanhado o caso de Sam Cayhall durante muitos anos e por várias razões. Primeira, era normalmente o tipo de caso que interessaria aos seus computadores — um velho terrorista da Klan, dos anos 60, no corredor da morte. Seu material sobre Cayhall já tinha trinta centímetros de espessura. Embora não fosse advogado, Roland partilhava a opinião generalizada de que os recursos de Sam Cayhall estavam esgotados na justiça e que em breve ele morreria. Isso convinha Perfeitamente a Roland, mas ele não externava essa opinião para ninguém. Sam Cayhall era um herói para os defensores da supremacia branca e o pequeno bando de nazistas de Roland já havia sido convidado para participar das demonstrações antes da execução. Eles não tinham contato direto com Cayhall, mas ele era um símbolo e queriam tirar o maior proveito com sua morte.

O sobrenome de Roland, Forchin, era de origem cajun, da área de Thibodaux. Ele não tinha registro de seguro social, não fazia declaração de renda, para o governo ele não existia. Tinha três belos passaportes falsificados, um alemão e outro supostamente emitido pela República da Irlanda. Roland atravessava fronteiras e passava pela imigração sem nenhum problema.

Um dos outros nomes de Roland, que só ele conhecia e que não contava para ninguém, era Rollie Wedge. Ele fugiu dos Estados Unidos em 1967, depois do atentado no escritório de Kramer e passou a viver na Irlanda do Norte. Depois morou também na Líbia, em Munique, Belfast e no Líbano. Voltou brevemente aos Estados Unidos em 1967 e 1968 para observar os dois julgamentos de Sam Cayhall e Jeremiah Dogan. Nessa época ele já estava viajando sem problemas com os

documentos Perfeitamente em ordem.

Fez outras rápidas visitas aos Estados Unidos, sempre por causa do problema Cayhall. Mas com o tempo, passou a se preocupar cada vez menos. Tinha se mudado para aquele bunker há três anos para divulgar a mensagem do nazismo. Não se considerava mais um membro da Klan. Agora era um orgulhoso fascista.

Quando terminou a leitura matinal, havia encontrado a história sobre Cayhall em sete dos dez jornais. Deixou todos numa cesta de metal e resolveu ver o sol. Serviu-se de mais café e subiu pelo elevador para uma das cabines. O dia estava lindo, fresco e ensolarado, sem uma nuvem no céu. Ele subiu uma trilha na encosta da montanha e ao fim de dez minutos de caminhada chegou a um ponto de onde se avistava todo o vale lá embaixo. Os trigais estendiam-se distantes.

Há vinte e três anos Roland sonhava com a morte de Cayhall. Eles partilhavam um segredo, um fardo pesado que só seria retirado com a execução de Sam. Roland tinha grande admiração por Cayhall. Passou por três julgamentos, teve vários advogados, apresentou inúmeros recursos, enfrentou milhares de interrogatórios e jamais cedeu. Era um homem honrado e Roland o queria morto. Oh, sim, fora obrigado a transmitir algumas ameaças a Cayhall e a Dogan nos três julgamentos, mas isso foi há muito tempo. Dogan cedeu sob pressão, falou e testemunhou contra Sam. E Dogan morreu.

Esse garoto o preocupava. Como todo mundo, Roland havia perdido a pista do filho de Sam e de toda sua família. Sabia da filha em Memphis, mas o filho estava desaparecido. E agora isto — o advogado jovem, bonito, culto, de uma grande firma de judeus aparecia do nada preparado para salvar o avô. Roland sabia que em casos de execução, quando o momento se aproxima, os advogados tentam tudo. Se Sam tivesse de ceder afinal, seria agora, na presença do neto.

Roland atirou uma pedra e a viu descer a encosta, saltando e ricocheteando. Ele tinha de ir a Memphis.

SÁBADO ERA UM DIA de trabalho como outro qualquer na Kravitz & Bane, em Chicago, mas na filial de Memphis as coisas andavam mais devagar. Adam chegou ao escritório e só encontrou dois outros advogados e um estagiário. Trancou a porta da sua sala e fechou as persianas.

Na véspera ele e Sam tinham trabalhado durante duas horas e quando Packer apareceu na biblioteca de direito com as algemas e as correntes, a mesa estava repleta de livros e blocos de anotações. Packer esperou pacientemente enquanto Sam guardava os livros nas estantes.

Adam examinou novamente as suas anotações. Passou sua pesquisa

para o computador e pela terceira vez estudou a petição. Já havia enviado uma cópia por fax para Garner Goodman que fez a revisão e a mandou de volta.

Goodman não acreditava que fosse concedida uma audiência justa para a petição, mas naquela altura dos acontecimentos, nada tinham a perder. Se, por sorte, a corte federal concordasse com uma audiência imediata, Goodman estava disposto a testemunhar sobre a execução de Maynard Tole, a que ele e Peter Wiesenbergr haviam assistido. Na verdade, Wiesenbergr ficou tão revoltado com o espetáculo que pediu demissão da firma e procurou emprego como professor. Seu avô era um sobrevivente do Holocausto, mas sua avó não teve a mesma sorte. Goodman prometeu entrar em contato com Wiesenbergr e estava quase certo de que ele também testemunharia.

Ao meio-dia, Adam estava farto do escritório. Abriu a porta. Silêncio completo. Não havia mais ninguém no prédio. Adam saiu também.

Entrou no carro e foi para oeste, atravessou o rio, na direção de Arkansas, passou pelas paradas de caminhão e pela pista de corridas de cães na região oeste de Memphis e finalmente saiu do tráfego intenso para o campo. Passou pelas cidadezinhas de Earle, Parkin e Wynne, onde começavam as montanhas. Parou para tomar uma Coca-Cola num armazém rural. Na varanda, três velhos, com macacões desbotados, espantavam as moscas e sofriam com o calor. Adam abriu a capota do conversível e seguiu seu caminho.

Duas horas depois parou novamente, agora na cidade de Mountain View, para comer um sanduíche e pedir informações. Disseram que Calico Rock não ficava longe. Era só seguir o rio White. Era uma bela estrada sinuosa no sopé dos Ozarks, que atravessava bosques fechados e regatos montanhosos. O rio White serpenteava a esquerda, pontilhado com barcos de pescadores de truta.

Calico Rock era uma cidadezinha no penhasco sobre o rio. Perto da ponte, na margem leste, havia três postos de pesca. Adam parou o carro na margem do rio e foi a pé até o primeiro, chamado Calico Marina. A casa flutuava sobre barcas, presa à margem por cabos fortes. Barcos a remo para alugar enfileiravam-se presos ao pontão. Da única bomba emanava um forte cheiro de gasolina e de óleo. Um cartaz informava os preços do aluguel dos barcos, guias, material e licença de pesca.

Adam chegou ao píer coberto e olhou para o rio a poucos metros. Um jovem com as mãos sujas apareceu de uma sala nos fundos e perguntou se podia ajudá-lo. Examinou Adam de cima a baixo e aparentemente concluiu que ele não era pescador.

— Estou procurando Wyn Lettner.

No bolso da camisa do jovem estava escrito o nome Ron, um pouco

sujo de graxa. Ele caminhou para a casa e chamou, “Sr. Lettner!” na direção de uma porta de tela que dava para uma pequena loja e desapareceu no quarto dos fundos.

Wyn Lettner era um homem enorme, com mais de um metro e oitenta, grande envergadura, gordo. Sam olhou para a barriga dele e lembrou de Garner ter dito que ele gostava de cerveja. Devia ter quase setenta anos, cabelo ralo sob um boné onde estava escrito EVINRUDE. Em algum lugar dos arquivos de Sam havia pelo menos três fotos do agente especial Lettner e em todas ele era o agente padrão — terno escuro, camisa branca, gravata estreita, corte de cabelo militar. E era muito mais magro naquele tempo.

— Sim, senhor — disse ele, em voz alta, abrindo a porta de tela e limpando migalhas de comida dos lábios. — Eu sou Wyn Lettner. — Tinha a voz ressonante e um sorriso agradável.

Adam estendeu a mão e disse:

— Sou Adam Hall. Muito prazer.

Lettner apertou a mão dele furiosamente, tensionando os bíceps poderosos.

— Sim, senhor — trovejou ele. — Em que posso ajudá-lo?

Felizmente não havia ninguém por perto, a não ser Ron, usando alguma ferramenta barulhenta na sala dos fundos. Adam hesitou por um minuto e disse:

— Bem, eu sou advogado e defendo os interesses de Sam Cayhall. O sorriso se alargou, revelando dentes fortes e amarelados.

— Já fizeram todo o trabalho para você, não é mesmo? — riu ele, batendo vigorosamente nas costas de Adam.

— Acho que sim — disse Adam, desconcertado, esperando outro ataque. — Eu gostaria de falar a respeito de Sam.

Lettner ficou sério. Passou a mão enorme no queixo e estudou Adam com os olhos semicerrados.

— Eu li nos jornais, filho. Sei que Sam é seu avô. Deve ser duro para você. Vai ficar mais duro ainda. — Sorriu outra vez.

— Mais duro para Sam também. — Seus olhos cintilaram como que esperando que Adam morresse de rir da sua ótima piada.

Adam não achou graça.

— Sam tem menos de um mês, você sabe — disse ele, certo de que Lettner tinha lido também sobre a execução.

A mão pesada caiu sobre o ombro de Adam, impelindo-o para dentro da loja.

— Entre aí, filho. Vamos falar sobre Sam. Quer uma cerveja?

— Não. Obrigado.

Entraram numa sala estreita com material de pesca pendurado nas paredes e pendendo do teto e prateleiras cheias de alimento — biscoitos, sardinhas, salsichas em lata, pão, carne de porco e feijão,

bolinhos — todo o necessário para um dia no rio. Num canto estava a máquina de refrigerantes.

— Sente-se — disse Lettner, indicando um canto ao lado da registradora.

Adam sentou numa cadeira trôpega e Lettner tirou uma garrafa de cerveja do depósito de gelo.

— Não quer mesmo uma?

— Talvez mais tarde. — Eram quase cinco horas.

Lettner tirou a tampa, tomou quase metade da garrafa no primeiro gole, estalou os lábios e sentou numa cadeira de capitão, de couro, sem dúvida feita especialmente para um caminhão.

— Eles vão finalmente pegar o velho Sam? — perguntou.

— Estão tentando com afinco.

— Quais são as chances?

— Nada boas. Temos a coleção habitual de recursos de último minuto, mas o relógio não para.

— Sam não é um cara mau — disse Lettner, com uma pontinha de remorso, que eliminou com outro gole de cerveja. O assoalho estalava suavemente com o movimento da água do rio.

— Quanto tempo você esteve no Mississippi? — Adam perguntou.

— Cinco anos. Hoover me chamou quando três ativistas dos direitos civis desapareceram. Mil novecentos e sessenta e quatro. Formamos uma unidade especial e começamos a trabalhar. Depois do caso Kramer, a Klan aparentemente perdeu o gás.

— E qual era o seu trabalho?

— O sr. Hoover foi muito específico. Mandou que nos infiltrássemos na Klan a qualquer custo. Ele queria acabar com eles. Para ser franco, demoramos muito para começar a trabalhar no Mississippi. Por diversas razões. Hoover odiava os Kennedy e eles o estavam pressionando demais, por isso ele demorou propositadamente. Mas quando aqueles três homens desapareceram, tiramos os traseiros da cadeira. Mil novecentos e sessenta e quatro foi um ano danado no Mississippi.

— Eu nasci nesse ano.

— É, o jornal diz que você nasceu em Clanton.

Adam fez um gesto afirmativo.

— Eu só fiquei sabendo bem mais tarde. Meus pais me disseram que eu tinha nascido em Memphis.

A porta rangeu e Ron entrou. Olhou para eles, depois para os biscoitos e sardinhas. Os dois esperaram calados. Ele olhou para Adam como quem diz: “Continue falando. Não estou ouvindo.”

— O que você quer? — perguntou Lettner secamente.

Ron estendeu a mão suja, apanhou uma lata de salsicha Viena e mostrou para eles. Lettner assentiu com a cabeça e mostrou a porta.

Ron saiu com passos lentos, examinando os bolinhos e as batatas fritas.

— Ele é xereta como o diabo — disse Lettner, quando Ron saiu. — Eu falei com Garner Goodman algumas vezes. Aí está um cara esquisito pra valer.

— Goodman é meu chefe. Foi ele quem me deu seu nome e disse que você falaria comigo.

— Falar sobre o quê? — perguntou Lettner, tomando outro gole de cerveja.

— O caso Kramer.

— O caso Kramer está arquivado. A única coisa que resta é Sam e seu encontro com a câmara de gás.

— Quer que ele seja executado?

Ouviram passos e vozes e a porta se abriu. Um homem e um menino entraram e Lettner levantou da cadeira. Eles queriam comida e material de pesca e durante dez minutos escolheram, conversaram e resolveram onde os peixes estariam mordendo a isca. Lettner teve o cuidado de guardar a cerveja debaixo do balcão enquanto atendia os fregueses.

Adam tirou um refrigerante da máquina e saiu da loja. Andou pela borda do píer de madeira e parou perto da bomba de gasolina. Dois adolescentes num bote pescavam perto da ponte e Adam de repente lembrou que nunca tinha pescado em sua vida. Seu pai não era homem de passatempos e lazer. Também não era capaz de se manter num emprego. Naquele momento Adam não podia lembrar exatamente como seu pai passava o tempo.

Os fregueses se foram e a porta bateu. Lettner foi até a bomba de gasolina.

— Gosta de pescar truta? — perguntou, olhando para o rio.

— Não. Nunca pesquei.

— Vamos dar um passeio. Preciso verificar um lugar uns três quilômetros rio abaixo onde parece que há muito peixe.

Lettner carregou seu isopor com gelo para o barco. Desceu do píer para bordo fazendo o barco balançar violentamente e segurou o motor.

— Venha — gritou para Adam que estudava os setenta e cinco centímetros que o separavam do barco. — E solte aquele cabo — gritou Lettner, apontando para uma corda fina amarrada no suporte de ferro no cais.

Adam soltou o cabo e, nervoso, desceu para o barco que balançou assim que seu pé tocou o fundo. Ele escorregou, caiu de cabeça e por pouco não caiu na água. Lettner puxou a corda de partida do motor, rindo às gargalhadas. Ron, é claro, tinha assistido tudo, parado no píer com um sorriso estúpido. Embaraçado, Adam riu também como se

fosse muito engraçado. Lettner ligou o motor, a proa do barco saltou para cima e eles partiram.

Adam segurou com força os dois lados do barco. Passaram sob a ponte, deixando Calico Rock para trás. O rio serpenteava entre as belas montanhas e rochedos altos. Lettner pilotava só com a mão direita, com a garrafa de cerveja na outra. Depois de alguns minutos, Adam ficou menos tenso e conseguiu tirar uma cerveja do isopor sem perder o equilíbrio. A garrafa estava gelada. Ele a segurou com a mão direita, agarrando a borda do barco com a esquerda. Lettner cantarolava atrás dele. Não era possível conversar com o ruído do motor.

Passaram por um pequeno píer de truta onde um grupo de grã-finos da cidade contava peixes e tomava cerveja, depois por uma frota de botes de borracha cheios de jovens que fumavam alguma coisa e tomavam sol. Acenaram para outros pescadores absortos no seu trabalho.

Finalmente Lettner diminuiu a velocidade e manobrou cuidadosamente para uma curva do rio, como se pudesse ver os peixes debaixo da água e tivesse certeza de estar bem em cima deles. Desligou o motor.

— Você vai pescar ou tomar cerveja? — perguntou, olhando para a água.

— Tomar cerveja.

— Estou vendo.

A garrafa de repente passou a ter importância secundária e ele apanhou uma vara de pesca e lançou a linha na direção da margem. Adam olhou por um segundo e como nada aconteceu, recostou no barco, com os pés acima da água. Não era um lugar confortável.

— Você pesca sempre? — perguntou.

— Todos os dias. É parte do meu trabalho, você sabe, parte do serviço que presto aos meus fregueses. Tenho de saber onde os peixes estão mordendo.

— Trabalho duro.

— Alguém tem de fazer.

— O que o trouxe para Calico Rock?

— Tive um enfarte em 1975 e fui obrigado a me aposentar do FBI. Saí com uma bela pensão e tudo o mais, mas, que diabo, a gente fica chateado de não fazer nada. Eu e minha mulher descobrimos este lugar e uma marina à venda. Um erro levou a outro e aqui estou. Me dê uma cerveja.

Ele lançou a linha outra vez e Adam apanhou a cerveja, aproveitando para contar quantas restavam na caixa. Quatorze garrafas. O barco deslizou à deriva e Lettner apanhou o remo. Pescando com uma das mãos, remando com a outra, ele equilibrava a

cerveja entre os joelhos. A vida de um guia de pesca.

Passaram lentamente debaixo de algumas árvores que, misericordiosamente, os abrigaram do sol escaldante. Lettner fazia com que parecesse fácil lançar a linha. Impulsionava a vara com um rápido movimento do pulso, mandando a isca exatamente onde queria. Mas os peixes não estavam mordendo. Ele lançou para o meio do rio.

— Sam não é um cara mau. — Lettner já havia dito isso antes.

— Acha que ele deve ser executado?

— Isso não me compete, filho. O estado quer a pena de morte, por isso é lei. O povo disse que Sam era culpado e depois disse que devia ser executado, portanto, quem sou eu?

— Mas você tem uma opinião.

— De que adianta? O que eu penso não serve para nada.

— Por que diz que Sam não é um cara mau?

— É uma longa história.

— Temos ainda quatorze cervejas.

Lettner achou graça e o vasto sorriso apareceu outra vez. Tomou um gole da garrafa e olhou para o rio, para longe da linha.

— Precisa compreender que Sam não nos interessava. Ele não era ativo na parte pior das coisas, pelo menos não no começo. Quando aqueles ativistas dos direitos civis desapareceram, nós entramos no jogo com verdadeira fúria. Espalhamos dinheiro por todo lado e em pouco tempo tínhamos todo tipo de informantes da Klan. Eram quase todos fazendeiros ignorantes que nunca viam dinheiro e nós tiramos vantagem disso. Nunca teríamos encontrado os três rapazes se não fosse pelo dinheiro. Gastamos cerca de trinta mil dólares, se bem me lembro, mas eu não tratava diretamente com o informante. Que diabo, filho, eles estavam enterrados na margem alta do rio. Nós os encontramos e isso aumentou nosso prestígio, entende? Finalmente, tínhamos conseguido alguma coisa. Fizemos algumas prisões, mas era difícil conseguir uma condenação. A violência continuou. Eles explodiam igrejas e casas de negros com tanta frequência que não podíamos acompanhar seu ritmo. Era como uma guerra. A coisa piorou e o sr. Hoover ficou mais furioso e nós espalhamos mais dinheiro. Escute, filho, eu não vou contar nada que sirva para você, compreende?

— Por que não?

— De algumas coisas eu posso falar, de outras não.

— Sam não estava sozinho quando armou a bomba no escritório de Kramer, estava?

Lettner sorriu e olhou para a linha na água. Estava com a vara de pesca no colo.

— Bem, no fim de 1965 e começo de 1966, tínhamos uma vasta

rede de informantes. Na verdade não foi difícil. Descobríamos que um cara era da Klan e íamos atrás dele. Nós o seguíamos até a casa dele, com as nossas luzes girando e parávamos na frente. Geralmente ele ficava morrendo de medo. Então, nós o seguíamos até o trabalho, às vezes falávamos com seu chefe, exibindo nossos distintivos, como se estivéssemos prontos a matar alguém. Falávamos com os pais deles, mostrávamos nossos distintivos, deixávamos que vissem nossos ternos escuros, que ouvissem nosso sotaque do norte e aquela pobre gente do campo praticamente desmoronava na nossa frente. Se o cara ia à igreja, nós o seguíamos um domingo e no dia seguinte falávamos com o pastor. Contávamos que tínhamos ouvido uma coisa horrível, que o sr. Fulano de Tal era um membro ativo da Klan, será que ele sabia alguma coisa a respeito? Agíamos como se fosse crime ser membro da Klan. Se o cara tinha filhos adolescentes, nós os seguíamos nos seus encontros, sentávamos atrás deles no cinema, os surpreendíamos dentro dos carros no bosque. Tudo não passava de intimidação, mas funcionava. Finalmente, visitávamos o pobre cara ou o pegávamos sozinho em algum lugar e oferecíamos dinheiro. Prometíamos deixá-lo em paz e sempre dava certo. Geralmente, a essa altura eles eram verdadeiros feixes de nervos e mal podiam esperar para cooperar. Eu os vi chorar, filho, acredite. Chorar de verdade quando finalmente chegavam ao altar e confessavam seus crimes. — Lettner riu olhando para a linha na água, que não apresentava nenhuma atividade.

Adam tomou um gole de cerveja. Talvez, se bebesse mais, Lettner soltasse a língua.

— Nunca vou me esquecer de um cara. Nós o pegamos na cama com a amante negra, o que não era incomum. Quero dizer, aqueles caras queimavam cruzes e explodiam casas de negros, depois faziam mil acrobacias para se encontrar com suas amantes negras. Eu nunca entendi por que as mulheres negras aceitavam aquilo. Bem, esse cara tinha uma pequena casa no meio do bosque, usada para caçar e também como ninho de amor. Uma tarde ele encontrou com ela no bosque, para uma rapidinha, e quando terminou e abriu a porta para sair, nós o fotografamos. Fotografamos a mulher também e depois falamos com ele. O homem era um diácono numa das igrejas, um verdadeiro pilar da sociedade, você sabe. E nós falamos com ele como se fala com um cão. Mandamos a mulher embora e o fizemos sentar na cabine e em pouco tempo ele estava chorando. Ele foi uma das nossas melhores testemunhas. Porém, mais tarde foi para a prisão.

— Por quê?

— Bem, parece que enquanto ele estava dando suas fugidas com a namorada, a sua mulher estava fazendo a mesma coisa com um garoto negro que trabalhava na fazenda. Ela ficou grávida, o bebê nasceu mulato, então o nosso informante foi ao hospital e matou a mãe e o

filho. Passou quinze anos na Parchman.

— Muito bom.

— Naquele tempo não conseguimos muitas condenações, mas os perturbamos tanto que tinham medo de continuar a fazer o que faziam. A violência diminuiu consideravelmente, até Dogan resolver atacar os judeus. Tenho de admitir que isso nos pegou de surpresa. Não tínhamos nem ideia.

— Por que não?

— Porque ele abriu os olhos. Aprendeu, do modo mais difícil, que sua gente estava disposta a falar conosco e resolveu agir com uma unidade pequena e discreta.

— Unidade? Quer dizer, mais de uma pessoa.

— Alguma coisa assim.

— Como Sam e quem mais?

Lettner bufou e riu ao mesmo tempo e resolveu que os peixes tinham ido para outro lugar qualquer. Pôs a vara e o molinete no barco e puxou a corda do motor. Saíram outra vez velozmente rio abaixo. Adam continuou com os pés para fora e logo seus mocassins de couro e os tornozelos nus estavam molhados. Ele tomava cerveja devagar. O sol finalmente começava a desaparecer atrás das montanhas e ele podia apreciar a beleza do rio.

A parada seguinte foi num remanso de água parada, debaixo de um rochedo do qual pendia uma corda. Lettner lançou o anzol e deu linha, girando o molinete, sem nenhum resultado e então assumiu o papel de interrogador. Fez centenas de perguntas sobre Adam e sua família — a fuga para o oeste, as novas identidades, o suicídio. Explicou que, enquanto Sam estava na prisão, eles haviam investigado sua família e sabiam que ele tinha um filho que acabara de deixar a cidade, mas como Eddie parecia inofensivo, não prosseguiram com a investigação. Passaram a vigiar os irmãos e primos de Sam. A juventude de Adam o intrigava, bem como o fato de ele ter crescido praticamente sem saber nada da família.

Adam fez algumas perguntas, mas as respostas foram vagas e logo transformadas em novas perguntas sobre seu passado. Adam estava medindo forças com um homem que havia passado vinte e cinco anos fazendo perguntas.

O terceiro e último lugar tentado não ficava longe de Calico Rock e eles pescaram até o anoitecer. Depois de cinco cervejas, Adam encontrou coragem para molhar um anzol. Lettner era um instrutor paciente e em poucos minutos Adam apanhou uma truta de tamanho razoável. Por um breve intervalo eles esqueceram de Sam e da Klan e de outros pesadelos do passado, e simplesmente pescaram. Beberam e pescaram.

O PRIMEIRO NOME DA SRA. Lettner era Irene e ela recebeu o

marido e o visitante inesperado com graça e naturalidade. Quando Ron os levou de carro para casa, Wyn explicou que Irene estava acostumada com esse tipo de visita. E na verdade, ela parecia impassível quando eles entraram quase cambaleando e entregaram as trutas enfiadas num barbante.

A casa dos Lettner ficava na margem do rio, dois quilômetros ao norte da cidade. A varanda dos fundos era fechada com tela por causa dos insetos e tinha uma bela vista para o rio. Sentaram nas cadeiras de vime, abriram outra rodada de cerveja enquanto Irene fritava os peixes.

Pôr comida na mesa era uma experiência nova para Adam e ele comeu com imenso prazer o peixe que tinha pescado. É sempre mais saboroso, garantiu Wyn, comendo e bebendo, quando você mesmo pescou. No meio da refeição, Wyn passou para *scotch*. Adam declinou. Ele só queria um copo com água, mas o machismo o fez continuar com a cerveja. Àquela altura não podia fraquejar. Lettner certamente não ia aceitar.

Irene tomou vinho e contou coisas acontecidas no Mississippi. As várias ameaças de que foi alvo e a recusa dos filhos de visitá-los. Eles eram de Ohio e a família se preocupava constantemente com sua segurança. Bons tempos aqueles, ela disse mais de uma vez, como se tivesse saudades da agitação. Irene orgulhava-se extremamente do marido e da sua atuação na guerra dos direitos civis.

Ela os deixou depois do jantar. Eram quase dez horas e Adam estava pronto para dormir. Wyn levantou-se segurando numa viga de madeira e pediu licença para ir ao banheiro. Voltou com duas doses de *scotch* em copos altos. Deu um para Adam e voltou para sua cadeira de balanço.

Eles balançaram e beberam por um momento e então Lettner disse:

— Então, você está convencido de que Sam teve ajuda.

— É claro que teve. — Adam percebeu que sua língua estava grossa e suas palavras lentas. A fala de Lettner estava notavelmente clara e fácil.

— E por que está tão certo?

Adam pôs o copo na mesa prometendo a si mesmo não tomar nem mais um gole.

— O FBI revistou a casa de Sam depois da explosão, certo?

— Certo.

— Sam estava na prisão, em Greenville, e vocês conseguiram um mandado de busca.

— Eu estava lá, filho. Nós entramos com uma dúzia de agentes e passamos três dias revistando.

— E não encontraram nada.

— Pode dizer isso.

— Nem sinal de dinamite. Nem sinal de detonadores ou pavios. Nenhum sinal de qualquer aparelho ou substância usados em qualquer um dos atentados à bomba. Certo?

— Certo. Então, qual a sua ideia?

— Sam não sabia nada sobre explosivos, nem tinha histórico de ter usado alguma vez.

— Não, eu diria que ele tinha uma longa história de uso de explosivos. A bomba de Kramer foi a sexta, se bem me lembro. Aqueles loucos filhos da mãe estavam usando bombas como o diabo e nós não podíamos evitar. Você não estava lá. Eu estava no meio de tudo. Tínhamos perturbado a Klan e nos infiltrado até deixá-los com medo de fazer o menor movimento, e então, de repente, começa outra guerra e as bombas estavam explodindo por toda parte. Nós ouvíamos onde devíamos ouvir. Torcemos os braços que deviam ser torcidos até quebrá-los. E não tínhamos uma pista. Nossos informantes não tinham nenhuma pista. Era como se outra facção da Klan tivesse invadido o Mississippi sem avisar os membros antigos.

— Vocês sabiam a respeito de Sam?

— O nome dele estava nos nossos arquivos. Se estou lembrado, seu pai era membro da Klan e talvez um ou dois irmãos. Por isso tínhamos seus nomes. Mas eles pareciam inofensivos. Moravam na parte norte do estado, numa área onde não havia atos de violência da Klan. Provavelmente tinham queimado algumas cruzes, talvez atirado em algumas casas, mas nada comparado a Dogan e seu bando. Estávamos com as mãos cheias de assassinos. Não tínhamos tempo para investigar todos os membros da Klan no estado.

— Então como explica essa virada de Sam para a violência?

— Não explico. Ele não era nenhum coroinha, certo? Já havia matado antes.

— Tem certeza?

— Você me ouviu. Ele matou a tiros um dos seus empregados negros no começo dos anos 50. Não passou nem um dia na prisão por isso. Na verdade, não tenho certeza, mas acho que nunca foi preso. Parece que houve outro caso de assassinato. Outro negro também.

— Eu prefiro não saber.

— Pergunte a ele. Veja se o velho filho da mãe tem coragem de admitir isso para seu neto. — Tomou outro gole. — Ele era um homem violento, filho, e certamente capaz de armar bombas e matar pessoas. Não seja ingênuo.

— Eu não sou ingênuo. Só estou tentando salvar a vida dele.

— Por quê? Ele matou dois meninos inocentes. Duas crianças. Já pensou nisso?

— Ele foi condenado por essas mortes. Mas como foi errado para ele matar, também é errado o estado matá-lo agora.

— Eu não aceito essa bobagem. A pena de morte é boa demais para essa gente. Limpa e esterilizada demais. Eles sabem que estão para morrer, assim têm tempo para dizer suas preces e se despedir. E as suas vítimas? Quanto tempo tiveram para se preparar?

— Então você quer que Sam seja executado.

— Isso mesmo. Eu quero que todos eles sejam executados.

— Pensei que tinha dito que ele não era um cara mau.

— Eu menti. Sam Cayhall é um assassino frio. E culpado como todos os demônios. De que outro modo explica o fato de os atentados a bomba terem parado quando ele foi preso?

— Talvez eles tenham ficado assustados depois do caso Kramer.

— Eles? Que diabo são eles?

— Sam e o companheiro dele. E Dogan.

— Está bem. Eu vou nessa. Vamos supor que Sam tivesse um cúmplice.

— Não. Vamos supor que Sam fosse o cúmplice. Vamos supor que outro cara fosse o especialista em explosivos.

— Especialista? Eram bombas do tipo mais grosseiro, filho. As cinco primeiras não passavam de algumas bananas de dinamite amarradas com um detonador. Você acende o fósforo, corre como o diabo e quinze minutos depois, buuum. A bomba de Kramer era só um aparelho cretino com um despertador ligado. Tiveram sorte de não ter explodido quando estavam brincando com ela.

— Acha que foi deliberadamente acertada para explodir quando explodiu?

— O júri achou que sim. Dogan disse que tinham planejado matar Marvin Kramer.

— Então o que Sam estava fazendo ali perto? Por que estava tão perto que foi atingido pelos estilhaços de vidro?

— Tem de perguntar ao Sam, o que tenho certeza que já fez. Ele diz que tinha um cúmplice?

— Não.

— Então está resolvido. Se seu cliente diz que não, por que diabo você continua procurando?

— Porque acho que meu cliente está mentindo.

— Pior para o seu cliente, então. Se ele quer mentir e proteger a identidade de alguém, então por que você vai ter todo esse trabalho?

— Por que ele mentiria para mim?

Lettner balançou a cabeça, resmungou alguma coisa e tomou um gole do seu drinque.

— Como diabo vou saber? Eu não quero saber, está bem?

Honestamente pouco me importa se Sam está mentindo ou dizendo a verdade. Mas se ele não quer dizer a verdade para você, seu advogado e seu neto, então eu digo, para a câmara de gás com ele.

Adam tomou um longo gole e olhou para a noite. Na verdade, às vezes sentia-se como um tolo procurando provar que seu cliente estava mentindo. Ia tentar só mais uma vez e depois mudar de assunto.

— Você não acredita nas testemunhas que afirmaram ter visto Sam com outra pessoa?

— Não. Fracas demais. O cara na parada de caminhões só apareceu muito tempo depois. O outro acabava de sair de um interninho. Não mereciam crédito.

— Você acredita em Dogan?

— O júri acreditou.

— Não foi o que perguntei.

A respiração de Lettner começava a ficar pesada e ele estava quase apagando.

— Dogan era louco e também um gênio. Ele disse que a bomba era para matar e acredito nele. Não esqueça uma coisa, Adam, eles quase eliminaram uma família inteira em Vicksburg. Não me lembro do nome...

— Pinder. E você está dizendo eles fizeram isto e aquilo.

— Estou só fazendo seu jogo, certo? Estamos supondo que Sam tivesse um homem com ele. Eles plantaram a bomba na casa de Pinder no meio da noite. A família toda podia ter morrido.

— Sam disse que a bomba foi armada na garagem para não ferir ninguém.

— Sam disse isso? Sam admitiu que ele plantou a bomba? Então, por que diabo está me perguntando a respeito de um cúmplice? Acho que precisa ouvir o seu cliente. O filho da mãe é culpado, Adam. Ouça o que ele diz.

Adam tomou outro drinque e seus olhos ficaram pesados. Olhou para o relógio, mas não conseguiu ver as horas.

— Fale sobre as fitas — disse ele, bocejando.

— Que fitas? — disse Lettner, bocejando.

— As fitas gravadas do FBI apresentadas no julgamento de Sam. Aquelas de Dogan falando com Wayne Graves sobre a bomba de Kramer.

— Nós tínhamos várias fitas. E eles tinham uma porção de alvos. Kramer era só um entre muitos. Que diabo, tínhamos uma fita com dois homens da Klan falando em explodir uma sinagoga durante uma cerimônia de casamento. Eles queriam trancar as portas e instilar gás nos canos de aquecimento para matar toda a congregação. Canalhas doentes, cara. Não foi Dogan, só dois idiotas falando besteira, por isso não demos atenção. Wayne Graves era um membro da Klan que estava na nossa folha de pagamento e ele nos deixou grampear seus telefones. Uma noite ele telefonou para Dogan, disse que estava num

telefone público e começaram a falar sobre Kramer. Falaram também de outros alvos. Causou grande efeito no julgamento de Sam. Mas as fitas não nos ajudaram em nada com as bombas. Nem nos ajudaram a identificar Sam.

— Vocês não tinham ideia de que Sam Cayhall estava envolvido?

— Nenhuma. Se o tolo tivesse saído de Greenville quando devia sair, provavelmente hoje seria um homem livre.

— Kramer sabia que era um dos alvos?

— Nós dissemos a ele. Mas a essa altura ele estava acostumado com as ameaças. Tinha um guarda na sua casa. — As palavras dele começaram a ficar arrastadas e o queixo começava a cair para o peito.

Adam pediu licença e cautelosamente procurou o caminho do banheiro. Quando voltou para a varanda, ouviu os roncoss. Lettner estava esparramado na cadeira com o copo na mão. Adam pôs o copo na mesa e entrou, a procura de um sofá.

VINTE

A MANHÃ NÃO ESTAVA quente demais, mas parecia um forno no banco da frente do jipe que não tinha ar-condicionado e nem outros confortos essenciais. Adam, suando, mantinha a mão na maçaneta da porta, esperando que ela se abrisse imediatamente se o café da manhã servido por Irene resolvesse voltar do seu estômago.

Tinha acordado no chão, ao lado do sofá estreito no lugar que pensou ser a sala de estar, mas que era o lavabo ao lado da cozinha. E o sofá era um banco, Lettner explicou mais tarde, onde ele costumava sentar para tirar as botas. Irene tinha encontrado seu corpo depois de procurar pela casa toda e Adam se desmanchou em desculpas até eles o mandarem parar. Irene insistiu num café completo. Era o dia da semana em que comiam carne de porco, uma tradição na casa dos Lettner e Adam sentou à mesa da cozinha, tomando água gelada enquanto o bacon fritava, Irene cantarolava e Wyn lia o jornal. Ela fez também ovos mexidos e bloody marys.

A vodka aliviou um pouco a dor de cabeça, mas não fez nada para acalmar seu estômago. Chacoalhando para Calico Rock, na estrada esburacada, Adam, apavorado, estava certo de que ia vomitar.

Embora Lettner tivesse desmaiado primeiro, parecia extremamente bem disposto naquela manhã. Nem sinal de ressaca. Comeu um prato cheio de gordura e biscoitos, e só um bloody mary. Leu atentamente o jornal, comentando sobre isto e aquilo e Adam imaginou que ele devia ser um daqueles alcoólatras funcionais que ficam bêbados todas as noites mas se recuperam rapidamente.

Finalmente avistaram a cidade. A estrada de repente ficou boa e o estômago de Adam sossegou.

— Peço desculpas por ontem a noite — Lettner disse.

— Por quê? — perguntou Adam.

— Por causa de Sam. Eu fui grosseiro. Sei que ele é seu avô e você está muito preocupado. Eu menti sobre uma coisa. Francamente não quero que Sam seja executado. Ele não é um cara mau.

— Vou dizer isso a ele.

— É. Tenho certeza de que Sam vai ficar felicíssimo.

Entraram na cidade e seguiram para a ponte.

— Tem mais uma coisa — disse Lettner. — Nós sempre suspeitamos que Sam tivesse um cúmplice.

Adam sorriu e olhou pela janela do jipe. Passaram por uma igreja e ele viu um grupo de velhos na sombra de uma árvore com suas roupas de domingo.

— Por quê? — Adam perguntou.

— Pelas mesmas razões. Sam não tinha histórico de atentados com

bombas. Nunca esteve envolvido nos atos de violência da Klan. As declarações das testemunhas, especialmente a do caminhoneiro em Cleveland, sempre nos perturbaram. Ele não tinha motivo para mentir e parecia muito seguro. Sam não parecia o tipo de homem para começar uma campanha de explosões.

— Então, quem é o homem?

— Francamente, eu não sei. — Pararam perto do rio e, por precaução, Adam abriu a porta. Lettner encostou na direção e olhou para ele. — Depois da terceira ou quarta bomba, acho que foi a da sinagoga em Jackson, alguns judeus importantes de Nova York e Washington procuraram o presidente, que mandou chamar Hoover, que por sua vez me chamou. Eu fui a Washington, onde me encontrei com o sr. Hoover e com o presidente e eles praticamente esfregaram minha cara no chão. Voltei para o Mississippi resolvido a entrar de sola. Caímos com vontade em cima dos nossos informantes. Quero dizer, machucamos algumas pessoas. Tentamos de tudo, sem resultado. Nossas fontes simplesmente não sabiam quem estava usando as bombas. Só Dogan sabia e evidentemente não estava contando para ninguém. Mas depois da quinta bomba, que, se não me engano, foi na redação do jornal, conseguimos alguma coisa.

Lettner desceu e andou até a frente do jipe. Adam fez o mesmo e olharam para o rio passando por Calico Rock.

— Quer uma cerveja? Tenho algumas no gelo na minha loja.

— Não, por favor. Estou meio enjoado.

— Estava só brincando. Bem, acontece que Dogan tinha uma enorme frota de carros usados e um dos seus empregados era um velho negro analfabeto que lavava os carros e varria o chão. Nós já havíamos nos aproximado cautelosamente do velho antes, mas ele se mostrou hostil. Então, quando menos esperávamos ele contou para um dos agentes que tinha visto Dogan e outro homem pondo alguma coisa na mala de um Pontiac verde dois dias antes. Disse que esperou, depois abriu a mala e viu a dinamite. No dia seguinte ouviu dizer que outra bomba tinha explodido. Ele sabia que o FBI estava vigiando Dogan, e achou que valia a pena nos contar o que tinha visto. O ajudante de Dogan era um homem da Klan chamado Virgil, também seu empregado. Então eu fui ver Virgil. Bati na porta dele às três horas da manhã, fazendo um barulho danado, você sabe, como fazíamos naquele tempo, e em pouco tempo ele acendeu a luz e saiu para a varanda. Eu tinha uns oito agentes comigo e nós todos quase esfregamos nossos distintivos na cara dele. O homem estava morrendo de medo. Eu disse que sabia que ele tinha levado a dinamite para Jackson na noite anterior e que ele estava arriscando trinta anos na cadeia. Nós ouvíamos a mulher dele chorando no outro lado da porta de tela. Virgil tremia e estava quase chorando também. Deixei meu

cartão com ele, com instruções para me telefonar antes do meio-dia e disse que se contasse para Dogan, ou qualquer outra pessoa, ia se arrepender. Avisei que íamos vigiá-lo dia e noite.

“Duvido que Virgil tenha voltado a dormir. Algumas horas depois, quando nos encontramos, ele estava com os olhos vermelhos e inchados. Conversamos como amigos. Ele disse que os atentados não estavam sendo feitos pelo bando de Dogan. Não sabia muita coisa, mas ouvira o suficiente para afirmar que o perito era um homem jovem, de outro estado. O cara apareceu do nada e segundo diziam era muito bom com explosivos. Dogan escolhia os alvos, planejava o trabalho, depois chamava esse cara, que entrava na cidade sem ser visto, armava a bomba e desaparecia.”

— Você acreditou nele?

— Quase tudo, sim. Fazia sentido. Tinha de ser alguém de fora, porque àquela altura tínhamos uma porção de informantes dentro da Klan. Sabíamos praticamente de todos os movimentos deles.

— O que aconteceu com Virgil?

— Conversei com ele algumas vezes, dei algum dinheiro, você sabe, o de sempre. Eles sempre queriam dinheiro. Eu me convenci de que Virgil não tinha ideia de quem era o tal perito. Ele jamais ia admitir que estava envolvido, que entregou o carro com a dinamite e nós não o pressionamos. Não estávamos atrás dele.

— Virgil estava envolvido no caso Kramer?

— Não. Dogan usou outra pessoa. Às vezes Dogan parecia possuir um sexto sentido sobre o momento de criar confusão, de mudar a rotina.

— O suspeito de Virgil certamente não se parece em nada com Sam Cayhall, parece? — perguntou Adam.

— Não.

— E vocês não tinham nenhum suspeito?

— Não.

— Ora, vamos, Wyn. Certamente vocês do FBI tinham alguma ideia.

— Juro que não tínhamos. Logo depois que conversamos com Virgil, aconteceu o caso Kramer e as explosões cessaram. Se Sam tinha um companheiro, então esse companheiro o abandonou.

— E o FBI nunca mais soube de nada?

— Nem uma palavra. Nós tínhamos Sam que parecia culpado, cheirava a culpado.

— E naturalmente, vocês estavam ansiosos para encerrar o caso.

— Certamente. E as bombas pararam, não esqueça. Não houve mais nenhuma bomba depois da prisão de Sam. Unhamos o nosso homem. O sr. Hoover ficou feliz. Os judeus ficaram felizes. O presidente ficou feliz. Então, não podiam condená-lo a quatorze anos,

mas isso é outra história. Todo mundo ficou aliviado quando as bombas pararam.

— Então, por que Dogan não denunciou o verdadeiro culpado, quando acusou Sam?

Tinham descido a margem e estavam a pouca distância da água. Lettner pigarreou, mostrou os dentes grandes e amarelos, depois riu, caminhando para o píer.

— Vamos tomar uma cerveja.

— Não. Por favor. Preciso ir.

Lettner parou, trocaram um aperto de mãos e prometeram se encontrar outra vez. Adam o convidou para visitá-lo em Memphis e Lettner o convidou para pescar e beber em Calico Rock. No momento, o convite não podia ser aceito. Adam enviou recomendações a Irene, pediu desculpas outra vez por ter apagado no chão da lavanderia e agradeceu a conversa.

Deixou a cidadezinha, dirigindo cuidadosamente nas curvas para poupar seu estômago.

Lee lutava com uma receita de massa quando Adam chegou ao apartamento. A mesa estava posta com pratos finos, talheres de prata e flores frescas. A receita era para *manicotti* assado e as coisas não iam muito bem na cozinha. Na última semana, mais de uma vez ela havia confessado que era péssima cozinheira e agora apresentava a prova. Panelas e frigideiras espalhavam-se por toda parte. O avental, raramente usado, estava cheio de suco de tomate. Beijaram-se no rosto e ela disse rindo que tinha uma pizza congelada, para o caso de as coisas ficarem piores.

— Você está horrível — Lee disse, olhando nos olhos dele.

— Foi uma noite dura.

— Está cheirando a álcool.

— Tomei dois bloody marys com o café da manhã. E preciso de outro agora.

— O bar está fechado. — Lee apanhou uma faca e se aproximou de uma pilha de vegetais. Uma abobrinha foi a vítima seguinte. — O que você andou fazendo?

— Tomei um porre com um homem do FBI. Dormi no chão da lavanderia, ao lado da máquina de lavar e secar.

— Muito bonito. — Ela quase se cortou. Levantou a mão rapidamente e examinou um dedo. — Já viu o jornal de Memphis?

— Não. Preciso ver?

— Sim. Está ali. — Indicou com a cabeça um canto da mesa.

— Alguma coisa desagradável?

— Leia.

Adam apanhou o Memphis Press de domingo e sentou ao lado da mesa. Lá estava, na primeira página da segunda seção, seu rosto

sorridente. Era uma fotografia não muito antiga, do seu segundo ano de direito, em Michigan. A reportagem ocupava metade da página, e ao lado da sua foto estavam outras — Sam, é claro, Marvin Kramer, Josh e John Kramer, Ruth Kramer, David McAllister, o promotor geral, Steve Roxburgh, Naifeh, Jeremiah Dogan e o sr. Elliot Kramer, pai de Marvin.

Todd Marks estivera muito ocupado. Sua narrativa começava com uma descrição sucinta do caso, que tomava uma coluna inteira. Depois passava para o presente e repetia a reportagem de dois dias antes. Descobriu mais alguns dados biográficos sobre Adam — primeiros estudos em Pepperdine, faculdade de direito em Michigan, editor da revista de direito, uma breve história do seu emprego na Kravitz & Bane. Naifeh tinha pouco a dizer, apenas que a execução seria realizada de acordo com a lei. McAllister, por outro lado, era cheio de sabedoria. Convivera com o pesadelo do caso Kramer por vinte e três anos, dizia gravemente, pensando nele todos os dias da sua vida. Foi para ele uma honra e um privilégio atuar como promotor no julgamento de Sam Cayhall e levar o assassino à justiça, e só sua execução poderia encerrar aquele capítulo terrível da história do Mississippi. Não, disse ele, depois de muito pensar, a ideia de clemência estava fora de questão. Não seria justo para os meninos Kramer. E continuava nesse tom.

Steve Roxburgh evidentemente também adorou a entrevista. Estava preparado para lutar contra os esforços finais de Cayhall e seu advogado para impedir a execução. Ele e sua equipe estavam dispostos a trabalhar dezoito horas por dia para fazer a vontade do povo. Esse caso já tinha durado demais, disse ele reiteradas vezes, e estava na hora de se fazer justiça. Não, ele não estava preocupado com os desafios legais de última hora do sr. Cayhall. Confiava na própria habilidade como advogado, como advogado do povo.

Sam Cayhall se recusou a fazer qualquer comentário, explicava Marks, e Adam Hall não foi encontrado, como se Adam estivesse ansioso para falar, mas simplesmente não foi encontrado.

Os comentários da família eram interessantes e ao mesmo tempo desanimadores. Elliot Kramer, com setenta e sete anos e trabalhando ainda, era descrito como saudável e bem disposto, a despeito de problemas cardíacos. Era também muito amargo. Culpava a Klan e Sam Cayhall não só pela morte dos dois netos, mas também pela morte de Marvin. Há vinte e três anos esperava a execução de Sam e não via a hora de ser finalmente decidida. Atacava com vigor um sistema judiciário que permite ao condenado viver por quase dez anos depois do júri condená-lo à morte. Não tinha certeza se ia assistir à execução, seus médicos é que iam resolver, disse ele, mas certamente queria estar lá. Queria olhar nos olhos de Cayhall quando ele fosse

amarrado a cadeira.

Ruth Kramer foi um pouco mais moderada. O tempo havia cicatrizado grande parte dos ferimentos, disse ela, e não sabia o que ia sentir depois da execução. Nada traria seus filhos de volta. Tinha pouca coisa para dizer a Todd Marks.

Adam dobrou o jornal e o deixou ao lado da cadeira. De repente sentiu um nó no seu estômago fragilizado, provocado por Steve Roxburgh e McAllister. Como o advogado que devia salvar a vida de Sam, era assustador ver os inimigos tão encarniçados para a batalha final. Ele era um calouro. Eles eram veteranos. Roxburgh, especialmente, já havia passado por isso e tinha uma

equipe experimentada que incluía o renomado especialista, chamado dr. Morte, um advogado habilidoso, apaixonado por execuções. Adam não tinha mais do que um dossiê cheio de recursos fracassados e uma prece para que acontecesse um milagre. Naquele momento ele se sentia completamente vulnerável e sem esperança.

Lee sentou ao lado dele com uma xícara de café expresso.

— Parece preocupado — disse ela, pondo a mão no braço dele.

— Meu amigo no rio das trutas não ajudou muito.

— Parece que o velho Kramer está em pé de guerra. Adam massageou as têmporas, tentando aliviar a dor.

— Preciso de um analgésico.

— Que tal um Valium?

— Maravilha.

— Está com fome?

— Não. Meu estômago não está muito bom.

— Ótimo. O jantar foi anulado. Um pequeno problema com a receita. É pizza congelada ou nada.

— Nada me parece bom agora. Nada, só um Valium.

VINTE E UM

Adam depositou suas chaves no balde vermelho e o viu subir até seis metros do solo, onde parou e ficou girando lentamente na ponta da corda. Andou até o primeiro portão, que estremeceu antes de abrir. Chegou no segundo e esperou. Packer apareceu na porta da frente a trinta metros de distância, espreguiçando-se e bocejando, como se acabasse de tirar uma soneca no Corredor.

O segundo portão fechou atrás dele e Packer esperou.

— Bom dia — disse ele.

Eram quase duas da tarde, a hora mais quente do dia. O homem do tempo, no rádio, naquela manhã havia previsto alegremente o primeiro dia do ano com 37 graus.

— Olá, sargento — disse Adam, como se fossem velhos amigos.

Seguiram juntos pelo caminho de tijolos até a pequena porta com o mato crescido na frente. Packer a abriu com a chave e Adam entrou.

— Vou trazer Sam — disse ele, sem pressa.

As cadeiras naquele lado da tela estavam espalhadas. Duas estavam caídas, como se tivesse havido uma briga entre advogados e visitantes. Adam levou uma para perto do balcão, numa extremidade da sala, o mais longe possível do aparelho de ar-condicionado.

Tirou da pasta uma cópia da petição que tinha apresentado às nove horas da manhã. A lei determinava que nenhuma alegação ou pretensão podia ser considerada pela corte federal, sem ter sido antes apresentada e indeferida numa corte estadual. A petição atacando a câmara de gás foi apresentada na Suprema Corte do Mississippi, de acordo com os estatutos estaduais de assistência pós-condenação. Era uma formalidade, na opinião de Adam, e na opinião de Garner Goodman. Goodman tinha trabalhado na petição naquele fim de semana. Na verdade, trabalhou o sábado inteiro, enquanto Adam tomava cerveja e pescava com Wyn Lettner.

Sam chegou como sempre com as mãos algemadas, o macacão vermelho desabotoado quase até a cintura. O cabelo grisalho no peito muito branco estava molhado de suor. Como um animal bem treinado, virou de costas para Packer, que removeu rapidamente as algemas e saiu. Sam imediatamente tirou um cigarro do bolso e acendeu, antes de sentar.

— Seja bem-vindo de volta — disse ele.

— Dei entrada nisto esta manhã — disse Adam, passando a petição pela estreita abertura na tela. — Falei com a escritã da Suprema Corte de Jackson. Ela disse que acha que a corte vai dar a decisão o mais rapidamente possível.

Sam apanhou os papéis e olhou para Adam.

— Pode estar certo disso. Eles vão negar com o maior prazer.

— O estado vai ter de responder imediatamente, portanto o procurador-geral deve estar agindo neste momento.

— Grande. Podemos assistir ao último capítulo no noticiário da noite. Ele provavelmente convidou as câmeras para seu gabinete, enquanto prepara a resposta.

Adam tirou o paletó e afrouxou a gravata. A sala estava úmida e ele começava a suar.

— O nome Wyn Lettner significa alguma coisa para você?

Sam jogou a petição numa cadeira e deu uma longa tragada no cigarro. Soltou a fumaça para o teto.

— Sim. Por quê?

— Alguma vez falou com ele?

Sam pensou por um momento, e depois, como sempre, falou medindo as palavras.

— Talvez. Não tenho certeza. Naquele tempo eu sabia quem ele era. Por quê?

— Estive com ele neste fim de semana. Está aposentado agora e tem um serviço de pesca no rio White. Tivemos uma longa conversa.

— Muito bom. E exatamente o que ganhamos com isso?

— Ele diz que ainda pensa que alguém estava trabalhando com você.

— Deu algum nome?

— Não. Eles não tinham nenhum suspeito. Mas tinham um informante, um homem de Dogan e ele disse que o outro era um cara novo, não um do bando de Dogan. Eles pensavam que era de outro estado e muito jovem. É tudo que Lettner sabe.

— E você acreditou?

— Eu não sei no que acreditar.

— Que diferença isso faz agora?

— Eu não sei. Eu poderia talvez usar isso no meu esforço para salvar a sua vida. Nada mais do que isso. Acho que estou desesperado.

— E eu não estou?

— Estou me agarrando a qualquer coisa, Sam. Agarrando e procurando encher os buracos.

— Então a minha história tem buracos?

— Eu acho que sim. Lettner disse que sempre duvidou, porque não encontraram nem sinal de explosivos na sua casa. E você não tinha história de uso de explosivos. Ele disse que você não parecia o tipo capaz de começar uma campanha individual de explosões.

— E você acredita em tudo que Lettner diz?

— Acredito porque faz sentido.

— Deixe-me fazer uma pergunta. E se eu dissesse que havia outra pessoa? Se eu desse o nome, o endereço, o telefone, o tipo de sangue e

o exame de urina? O que você ia fazer com isso?

— Começava a gritar como um danado. Começava a dar entrada em caminhões de moções e recursos. Ia agitar a imprensa e transformar você no bode expiatório. Tentaria sensacionalizar sua inocência e esperar que alguém notasse, alguém assim como um juiz da corte de apelações.

Sam balançou a cabeça lentamente como se tudo isso fosse ridículo e exatamente o que ele esperava.

— Não ia funcionar, Adam — disse, falando devagar como se fala com uma criança. — Eu tenho três semanas e meia. Você conhece a lei. Não podemos começar a gritar que Fulano foi quem fez, quando Fulano nunca foi mencionado.

— Eu sei. Mas eu faria do mesmo modo.

— Não ia funcionar. Pare de procurar esse desconhecido.

— Quem é ele?

— Ele não existe.

— Sim, ele existe.

— Por que tem tanta certeza?

— Porque quero acreditar que você é inocente, Sam. É muito importante para mim.

— Eu já disse que sou inocente. Eu armei a bomba, mas não pretendia matar ninguém.

— Mas por que plantou a bomba? Por que plantou a bomba na casa de Pinder e na sinagoga e no escritório de corretagem? Por que você estava explodindo as casas de pessoas inocentes?

Sam continuou fumando e olhando para o chão.

— Por que você odeia, Sam? Por que essa facilidade para odiar? Por que foi ensinado a odiar negros e judeus e católicos e qualquer pessoa um pouco diferente de você? Alguma vez perguntou a você mesmo por quê?

— Não. E não pretendo perguntar.

— Então, é só você, certo? É seu caráter, sua composição, como sua altura e o azul dos seus olhos. É alguma coisa com que você nasceu e não pode mudar. Foi passado nos genes do seu pai e do seu avô, todos fiéis à Ku Klux Klan e é uma coisa que vai levar orgulhosamente para o túmulo, é isso?

— Era um modo de vida. Era tudo que eu sabia.

— Então, o que aconteceu com meu pai? Por que você não conseguiu contaminar o Eddie?

Sam jogou o cigarro no chão e apoiou os cotovelos no balcão. As rugas nos cantos dos olhos e na testa acentuaram-se. Adam estava com o rosto bem na frente da abertura, mas não olhava para Sam e sim para a base da tela.

— Então é isso. Chegou a hora de falarmos de Eddie. — A voz era

muito mais branda e as palavras mais lentas do que nunca.

— Onde foi que você errou com ele?

— Naturalmente isto nada tem a ver com a festinha de gás que estão preparando para mim. Ou tem? Nada a ver com moções e recursos, advogados, juízes e adiamentos. É só uma perda de tempo.

— Não seja covarde, Sam. Diga-me onde foi que você errou com Eddie. Você ensinou a ele a palavra crioulo? Ensinou a ele a odiar os meninos negros? Ensinou como queimar cruzeiros ou fazer bombas? Você o levou para assistir ao seu primeiro linchamento? O que você fez com ele, Sam? Onde foi que você errou?

— Eddie não sabia que eu fazia parte da Klan até ele entrar para o ginásio.

— Por que não? Certamente você não se envergonhava disso. Era a grande fonte de orgulho da família, não era?

— Não falávamos sobre isso.

— Por que não? Eram a quarta geração de Cayhall da Klan com raízes mais antigas do que a Guerra Civil, ou alguma coisa assim. Não foi o que você disse?

— Sim, foi.

— Então, por que não mostrou ao pequeno Eddie fotografias do álbum de família? Por que não contou, para ele dormir, histórias dos heroicos Cayhall que vagavam à noite com máscaras cobrindo os bravos rostos e queimando os barracos dos negros? Você sabe, histórias de guerra. De pai para filho.

— Eu já disse, não falávamos dessas coisas.

— Muito bem, quando ele cresceu, você tentou recrutá-lo?

— Não. Ele era diferente.

— Quer dizer, ele não odiava?

Sam inclinou o corpo para a frente e tossiu, com a tosse áspera e convulsiva do fumante inveterado. Ficou vermelho e com falta de ar. A tosse ficou mais forte e ele cuspiu no chão. Levantou-se e dobrou o corpo para a frente, com as duas mãos na cintura, andando lentamente, tentando controlar o acesso de tosse.

Finalmente melhorou. Endireitou o corpo e respirou fundo. Engoliu e cuspiu outra vez, depois se acalmou e respirou devagar. O acesso passou e seu rosto ficou pálido outra vez. Sentou e deu uma longa tragada no cigarro, como se outra coisa qualquer fosse responsável pela tosse. Levou algum tempo respirando profundamente e pigarreando.

— Eddie foi uma criança delicada — começou ele, com voz rouca. — Herdou da mãe. Não era maricas. Na verdade, era tão decidido quanto os outros meninos. — Uma longa pausa, outra tragada no cigarro. — Não muito distante da nossa casa morava uma família de crioulos...

— Podemos chamá-los simplesmente de negros, Sam? Já pedi isso antes.

— Perdão. Havia uma família africana que morava perto da nossa casa, os Lincoln. O nome dele era Joe Lincoln e trabalhava para nós há muitos anos. Vivia com uma mulher ilegítima e tinha uma dúzia de filhos ilegítimos. Um dos garotos era da mesma idade que Eddie e os dois eram inseparáveis, grandes amigos. Não era raro naquele tempo. As crianças brincavam com quem morava perto. Eu mesmo tive amigos africanos, acredite ou não. Quando Eddie foi para a escola, ficou revoltado porque ele ia num ônibus e seu amigo africano em outro. O nome do garoto era Quince. Quince Lincoln. Eles esperavam ansiosos a hora de voltar da escola para brincarem juntos outra vez. Lembro bem que o fato de não frequentarem a mesma escola sempre perturbou Eddie. E Quince não podia passar a noite na nossa casa e Eddie não podia passar a noite na casa dos Lincoln. Ele estava sempre me perguntando por que os africanos em Ford County eram tão pobres e moravam em casas pobres, não tinham boas roupas e por que havia tantos filhos em cada família. Eddie sofria realmente com essa situação e isso o fazia diferente. Quando cresceu, sua preocupação com os africanos aumentou. Eu tentei falar com ele.

— É claro. Você tentou levá-lo para o caminho certo, não foi?

— Tentei explicar as coisas.

— O quê, por exemplo?

— A necessidade de manter as raças separadas. Não há nada de errado com escolas separadas, mas idênticas. Nada de errado em manter os africanos no seu lugar.

— Onde é o lugar deles?

— Sob controle. Se os deixamos livres para fazer o que querem, veja o que acontece. Crime, drogas, AIDS, filhos ilegítimos, queda geral da moral da sociedade.

— Que tal proliferação nuclear e abelhas assassinas?

— Você sabe do que estou falando.

— Que tal direitos básicos, conceitos radicais como o direito ao voto, o direito de usar banheiros públicos, o direito de comer em restaurantes e de se hospedar em hotéis, o direito de não ser discriminado no que se refere à habitação, emprego e educação?

— Você fala como Eddie.

— Ótimo.

— No último ano do ginásio ele falava com essa mesma fúria sobre o tratamento injusto dado aos africanos. Eddie saiu de casa quando tinha dezoito anos.

— Sentiu falta dele?

— A princípio acho que não. Nós estávamos brigando muito. Ele sabia que eu era da Klan e me detestava por isso. Pelo menos era o

que ele dizia.

— Então você achava a Klan mais importante do que seu filho?

Sam olhou para o chão. Adam escreveu no bloco de anotações. O ar-condicionado chacoalhou e ficou quase mudo, parecendo, por um momento, prestes a parar.

— Ele era um bom menino — disse Sam, em voz baixa. — Nós pescávamos muito juntos. Eram nossos grandes momentos. Eu tinha um barco velho e passávamos horas pescando peixe miúdo, às vezes percas. Então ele cresceu e não gostava mais de mim. Envergonhava-se de mim e é claro que isso me mortificava. Ele esperava que eu mudasse e eu esperava que ele visse a luz, como todos os brancos da sua idade. Nunca aconteceu. Aos poucos nos distanciámos, quando ele estava no ginásio e quando começou aquela bobagem dos direitos civis, perdi toda esperança.

— Ele participou do movimento?

— Não. Eddie não era idiota. Podia simpatizar com eles, mas ficou de boca calada. Quem morava ali não se metia a pregar aquele lixo. Havia muitos judeus do norte e radicais para aquecer o movimento. Não precisavam de ajuda.

— O que ele fez depois que saiu de casa?

— Entrou para o exército. Era um modo fácil de sair da cidade, ir para longe do Mississippi. Ele ficou fora três anos e então voltou casado. Eles moravam em Clanton e nós raramente os víamos. Uma vez ou outra Eddie falava com a mãe, mas não tinha nada para me dizer. Isso foi no começo dos anos 60 e o movimento africano começava a crescer. A KKK passou a se reunir com mais frequência, aumentou sua atividade, especialmente ao sul de onde morávamos. Eddie continuou afastado. Ele era muito quieto, nunca tinha muito a dizer.

— Então eu nasci.

— Você nasceu mais ou menos quando aqueles três ativistas dos direitos civis desapareceram. Eddie teve a coragem de me perguntar se eu estava envolvido.

— Estava?

— Não, que diabo. Só depois de quase um ano fiquei sabendo quem eram os culpados.

— Eram da Klan, não eram?

— Sim, eram membros da Klan.

— Você ficou satisfeito quando aqueles garotos foram assassinados?

— Merda, como isso pode ser relevante para meu caso com a câmara de gás em 1990?

— Eddie sabia que você estava envolvido com as bombas?

— Ninguém sabia em Ford County. Nós não estávamos muito

atuantes. Como eu já disse, foi mais intenso ao sul de onde morávamos, perto de Meridian.

— E você mal podia esperar para entrar em ação, certo?

— Eles precisavam de ajuda. Os homens do FBI tinham se infiltrado de tal modo na Klan, que não podíamos confiar em ninguém. O movimento dos direitos civis crescia rapidamente. Alguma coisa tinha de ser feita. Não me envergonho disso.

Adam sorriu e balançou a cabeça.

— Mas Eddie se envergonhava, certo?

— Eddie não sabia de nada, até o caso Kramer.

— Por que você o envolveu?

— Eu não o envolvi.

— Sim, envolveu. Disse à sua mulher para mandar Eddie apanhar seu carro em Cleveland. Ele foi acessório *post factum*.

— Eu estava na cadeia, está bem? Estava assustado. E ninguém ficou sabendo. Não fez mal a ninguém.

— Talvez Eddie tivesse outra opinião.

— Eu não fiquei sabendo a opinião de Eddie. Quando saí da cadeia, ele tinha desaparecido. Vocês todos tinham desaparecido. Eu nunca mais o vi, até o enterro da mãe dele, quando ele entrou e saiu sem falar com ninguém. — Sam passou a mão esquerda na testa enrugada e depois no cabelo oleoso. Seus olhos estavam tristes e Adam viu um brilho de lágrimas neles. — A última vez que eu vi Eddie, ele estava entrando no carro, na frente da igreja, depois do funeral. Parecia com pressa. Algo me disse que eu nunca mais o veria. Ele estava ali por causa da morte da mãe e eu sabia que era sua última visita. Ele não tinha mais nenhum motivo para voltar. Eu estava nos degraus na frente da igreja, com Lee, e nós dois o vimos partir. Ali estava eu, enterrando minha mulher e ao mesmo tempo vendo meu filho desaparecer para sempre da minha vida.

— Você tentou encontrá-lo?

— Não. Na verdade, não. Lee disse que tinha um telefone, mas eu não queria implorar. Era evidente que Eddie não queria nada comigo, por isso eu o deixei em paz. Muitas vezes pensei em você e lembro de ter dito à sua avó que eu gostaria de ver meu neto. Mas não estava disposto a perder tempo procurando.

— Teria sido difícil nos encontrar.

— Foi o que me disseram. Lee falava com Eddie uma vez ou outra e depois me contava. Parecia que vocês estavam viajando por toda a Califórnia.

— Em doze anos frequentei seis escolas.

— Mas por quê? O que ele estava fazendo?

— Uma porção de coisas. Ele perdia o emprego e nós mudávamos, porque não podíamos pagar o aluguel. Então, minha mãe arranjava

um emprego e íamos para outro lugar qualquer. Então, meu pai se aborrecia com alguma coisa na minha escola e eu saía.

— O que ele fazia?

— Uma vez trabalhou nos correios, até ser despedido. Ele ameaçou processar e sua pequena guerra contra o serviço postal durou algum tempo. Não encontrou um advogado disposto a aceitar o caso, por isso ele os atacava com documentos. Ele tinha uma mesinha de trabalho, com uma velha máquina de escrever e caixas cheias de papéis, eram seus bens mais valiosos. Sempre que mudávamos de casa, ele tinha muito cuidado com seu escritório, como o chamava. Não dava importância ao resto, não tinha muita coisa de valor, mas o escritório ele protegeria com a própria vida. Lembro das muitas noites em que eu tentava dormir ouvindo aquela maldita máquina até de madrugada. Ele detestava o governo federal.

— Esse é o meu filho.

— Mas por motivos diferentes, eu acho. Certa vez o imposto de renda caiu em cima dele, o que eu sempre achei estranho, porque Eddie não ganhava o suficiente para pagar imposto. Então ele declarou guerra ao Fisco e a luta durou anos. Outra vez, ele não renovou a carteira de motorista e o estado da Califórnia a revogou e isso, para ele, era uma violação de todo o tipo de direitos humanos e civis. Minha mãe serviu de motorista para ele durante anos, até Eddie ceder a burocracia. Estava sempre escrevendo cartas para o governador, o presidente, os senadores, deputados, qualquer pessoa com cargo no governo. Reclamava disto e daquilo e quando recebia resposta, era uma pequena vitória para ele. Guardava todas as cartas. Certa vez brigou com um vizinho, alguma coisa a ver com um cachorro estranho que tinha urinado na nossa varanda e os dois brigavam aos gritos, um de cada lado da cerca viva que separava os dois terrenos. Quanto mais enfurecidos eles ficavam, mais poderosos pareciam seus amigos e os dois estavam prestes a telefonar para uma porção de gente importante, que não demoraria em castigar o culpado. Papai correu para dentro de casa e voltou com treze cartas do governador do estado da Califórnia. Ele as contou em voz alta, sacudindo-as debaixo do nariz do vizinho e o pobre homem ficou arrasado. Fim da briga. Fim do cachorro urinando na nossa varanda. É claro que todas as cartas pediam a ele, delicadamente, para desaparecer.

Sem perceber, os dois estavam sorrindo no fim da pequena história.

— Se ele não parava em nenhum emprego, como vocês viviam? — perguntou Sam, olhando através da abertura.

— Eu não sei. Minha mãe sempre trabalhou. Tinha muita iniciativa e às vezes trabalhava em dois empregos ao mesmo tempo. Caixa num

armazém. Balconista numa farmácia. Ela podia fazer qualquer coisa e eu lembro de alguns bons empregos como secretária. Então meu pai conseguiu licença para vender seguros e isso passou a ser um bico permanente. Acho que ele era bom, porque as coisas melhoraram aos poucos. Ele podia trabalhar sem horário fixo e não precisava dar satisfações a ninguém. Era conveniente, embora ele dissesse que detestava as companhias de seguro. Processou uma delas por cancelar uma apólice, ou coisa parecida. Eu não compreendi bem o que aconteceu, mas sei que ele perdeu a causa. É claro que culpou o advogado que cometeu o erro de mandar uma carta para Eddie cheia de fortes declarações. Papai escreveu a máquina durante três dias inteiros e quando terminou mostrou orgulhosamente para minha mãe a obra-prima. Vinte e uma páginas descrevendo erros, e mentiras do advogado. Ela apenas balançou a cabeça. Meu pai brigou durante anos com aquele pobre advogado.

— Que tipo de pai ele era?

— Eu não sei. É uma pergunta difícil, Sam.

— Por quê?

— Por causa do modo que ele morreu. Fiquei com ódio dele durante muito tempo depois da sua morte e não podia entender como ele resolveu nos deixar, como achou que não precisávamos mais dele, que estava na hora de sair de cena. Quando descobri a verdade, fiquei zangado com ele por ter mentido para mim durante todos aqueles anos, por mudar meu nome e por ter fugido. Era tudo terrivelmente confuso para um garoto. Ainda é.

— E ainda está com ódio?

— Não. Prefiro lembrar as coisas boas a respeito de Eddie. Foi o único pai que eu tive, por isso não posso avaliar. Ele não fumava, não bebia, não jogava, não usava drogas, não andava atrás de mulheres, não batia nos filhos. Tinha problema com empregos, mas nunca nos faltou comida nem casa. Ele e minha mãe estavam sempre falando em divórcio, mas nunca aconteceu. Ela saiu de casa várias vezes e outras vezes era ele quem saía. Era uma desordem em nossas vidas mas Carmen e eu nos acostumamos. Eddie tinha seus dias negros, ou fases difíceis, como eram chamados, quando se trancava no quarto e fechava as cortinas das janelas. Minha mãe explicava que ele não estava se sentindo bem e que não devíamos fazer nenhum barulho. Nada de televisão, nada de rádio. Ela o protegia muito nessas fases. Eddie ficava dias trancado no quarto, e então reaparecia de repente, como se nada tivesse acontecido. Nós aprendemos a viver com as fases difíceis de Eddie. Ele tinha aparência normal e se vestia normalmente. Quase sempre estava lá quando precisávamos. Jogávamos beisebol no quintal e nos divertíamos nos brinquedos do parque de diversões. Ele nos levou a Disneylândia umas duas vezes. Acho que era um bom

homem, um bom pai, com um lado obscuro e estranho que aparecia às vezes.

— Mas vocês não eram amigos.

— Não, não éramos. Ele me ajudava com o dever de casa e meus projetos de ciências e fazia questão que eu tivesse boas notas. Falávamos sobre o sistema solar e o meio ambiente, mas nunca sobre mulheres, sexo e carros. Nunca sobre nossos antepassados. Não havia intimidade. Eddie não era uma pessoa afetuosa. Algumas vezes precisei dele e ele estava trancado no quarto.

Sam passou a mão nos cantos dos olhos, inclinou-se outra vez para a frente, apoiado nos cotovelos, e olhou para Adam, com o rosto muito perto da abertura na tela.

— E a morte dele? — perguntou.

— O que tem?

— Como aconteceu?

Adam pensou por um longo tempo antes de responder. Podia contar a história de vários modos. Podia ser cruel, odiosa e brutalmente franco, e com isso destruir o velho avô. A tentação era grande. Muitas vezes antes dissera a si mesmo que era uma coisa que devia ser feita. Sam precisava sofrer, precisava que alguém jogasse na sua cara o suicídio de Eddie. Adam queria ferir de verdade o velho filho da mãe e fazê-lo chorar.

Mas ao mesmo tempo queria passar rapidamente pela parte mais dolorosa e falar de outra coisa qualquer. O pobre velho do outro lado da tela já estava sofrendo bastante. O governo queria matá-lo em menos de quatro semanas. Adam suspeitava que ele sabia mais sobre a morte de Eddie do que dizia saber.

— Ele estava passando por uma fase difícil — disse Adam, olhando para a tela, mas não para Sam. — Estava no quarto há três semanas. Nunca tinha ficado tanto tempo. Minha mãe nos

dizia que ele estava melhor, que dentro de mais alguns dias estaria bem. Nós acreditamos, porque ele sempre se refazia daquelas crises. Ele escolheu um dia em que ela estava no trabalho e Carmen na casa de uma amiga, um dia que tinha certeza de que eu seria o primeiro a chegar. Eu o encontrei no chão do meu quarto, com a arma ainda na mão, um trinta e oito. Um tiro na têmpora direita. Havia um perfeito círculo de sangue em volta da cabeça dele. Eu sentei na beirada da cama.

— Quantos anos você tinha?

— Quase dezessete. Estava no último ano do ginásio. Um boletim só com notas altas. Eddie tinha estendido cuidadosamente uma dúzia de toalhas no chão e ficou bem no meio delas. Verifiquei o pulso. Ele já estava frio e rígido. O legista disse que estava morto há horas. Encontrei um bilhete ao lado dele, escrito à máquina, em papel

branco. Era dirigido ao Querido Adam. Dizia que me amava, pedia desculpas, que queria que eu tomasse conta das meninas e que talvez algum dia eu fosse compreender. Então dizia que eu devia pôr as toalhas sujas no saco de plástico que estava também no chão, limpar tudo e só então chamar a polícia. Não toque na arma, dizia o bilhete. E apresse-se, faça tudo antes de as meninas chegarem em casa. — Adam tossiu de leve e olhou para o chão.

“Então eu fiz tudo que ele mandou e esperei a polícia. Ficamos sozinhos por quinze minutos, só nós dois. Eddie deitado no chão e eu deitado na cama, olhando para ele. Comecei a chorar, a chorar e perguntei por quê, como e o que tinha acontecido e mais uma centena de coisas. Lá estava meu pai, o único pai que eu jamais teria, deitado com sua calça jeans desbotada, meias sujas e a camiseta favorita da UCLA. Do pescoço para baixo ele parecia estar dormindo, mas tinha um buraco na cabeça e sangue seco no cabelo. Eu o odiei por morrer, e tive pena dele porque estava morto. Lembro de ter perguntado por que ele não falou comigo antes de fazer aquilo. Perguntei uma porção de coisas. Então ouvi vozes e de repente o quarto estava cheio de policiais. Eles me levaram para a sala e puseram um cobertor nos meus ombros. E esse foi o fim do meu pai.”

Sam estava ainda apoiado nos cotovelos, mas agora com a mão sobre os olhos. Adam queria dizer ainda umas duas ou três coisas.

— Depois do enterro, Lee ficou algum tempo conosco. Ela me falou de você e dos Cayhall. Preencheu uma porção de lacunas sobre meu pai. Eu fiquei fascinado por você e pelo caso Kramer e comecei a ler artigos das revistas antigas e reportagens de velhos jornais. Levei um ano para compreender por que Eddie cometeu suicídio naquele momento. Ele se escondeu no quarto durante seu julgamento e se matou quando o julgamento terminou.

Sam retirou a mão e Adam viu as lágrimas nos olhos dele.

— Então você me culpa pela morte dele, é isso, Adam? — disse, furioso. — É isso que realmente quer dizer, não é?

— Não. Não o culpo inteiramente.

— Quanto então? Oitenta por cento? Noventa? Você teve tempo para fazer o cálculo. Qual é a minha parte na culpa?

— Eu não sei, Sam. Por que você não me diz?

Sam enxugou os olhos e levantou a voz.

— Oh, que diabo! Eu confesso cem por cento. Assumo toda a responsabilidade pela morte dele, está bem? É isso que você quer?

— Fique com quanto quiser.

— Não seja condescendente! Apenas acrescente o nome do meu filho à lista, não é o que você quer? Os gêmeos Kramer, o pai deles, depois Eddie. São quatro mortos por mim, certo? Tem mais alguém para encerrar? Se tem, faça depressa, meu velho, porque o relógio não

para.

— Quantos mais?

— Mortos?

— Sim. Mortos. Ouvi as histórias.

— E naturalmente acreditou, não é mesmo? Você parece muito ansioso para acreditar em tudo de mal que ouve a meu respeito.

— Eu não disse que acredito.

Sam levantou de um salto e foi até a outra extremidade da sala.

— Estou farto desta conversa — gritou, a dez metros de Adam. — E estou farto de você! Estou quase desejando que aqueles advogados judeus estivessem me atormentando outra vez.

— Podemos arranjar isso — disse Adam.

Sam voltou lentamente para a cadeira.

— Estou aqui preocupado com meu traseiro, a vinte e três dias da câmara e você só quer falar de gente morta. Continue arrulhando, meu velho, que logo vai estar falando de mim. Eu quero alguma ação.

— Dei entrada numa petição esta manhã.

— Ótimo! Então vá embora! Dê o fora daqui e pare de me atormentar!

VINTE E DOIS

A porta SE ABRIU no lado de Adam e Packer entrou acompanhado por dois homens, evidentemente advogados — ternos escuros, testas franzidas, gordas pastas de couro. Packer apontou para as cadeiras debaixo do ar-condicionado e eles sentaram. O sargento olhou para Adam e depois atentamente para Sam, que estava ainda de pé, no outro lado.

— Tudo bem? — perguntou para Adam.

Adam fez um gesto afirmativo e Sam sentou. Packer saiu e os dois advogados se ocuparam eficientemente em tirar pilhas de documentos das pastas. Em poucos minutos os dois estavam sem paletó.

Cinco minutos passaram sem uma palavra de Sam. Adam percebeu alguns olhares rápidos dos dois advogados. Estavam na mesma sala que o mais famoso ocupante do Corredor, a próxima vítima da câmara de gás e não podiam evitar alguns olhares curiosos para Sam Cayhall e seu advogado.

Então a porta se abriu atrás de Sam e dois guardas entraram com um negro pequeno e magro, algemado e acorrentado, como se pudesse explodir a qualquer momento e matar dezenas de pessoas com as mãos nuas. Eles o levaram para uma cadeira na frente dos dois advogados e começaram a retirar as correntes. As mãos continuaram algemadas atrás das costas. Um dos guardas saiu da sala, mas o outro tomou posição entre Sam e o prisioneiro.

Sam olhou para o companheiro, um tipo nervoso que evidentemente não estava satisfeito com seus advogados. Os dois advogados também não pareciam felizes. Adam os observou do seu lado da tela. Logo eles estavam falando ao mesmo tempo com as cabeças muito juntas, enquanto o cliente ouvia, sentado sobre as mãos. Dava para ouvir as vozes, mas não para entender as palavras.

Sam inclinou-se para a frente outra vez e fez sinal para Adam fazer o mesmo. Seus rostos ficaram a vinte centímetros um do outro, um de cada lado da abertura.

— Esse é Estocolmo Turner — disse Sam, quase num murmúrio.

— Estocolmo?

— É, mas é chamado só de Stock. Esses africanos rurais adoram nomes diferentes. Ele diz que tem um irmão chamado Dinamarca e outro chamado Alemanha. Provavelmente tem mesmo.

— O que ele fez? — perguntou Adam, de repente curioso.

— Assaltou uma loja de bebidas. Matou o dono. Há mais ou menos dois anos sua morte foi marcada. Esteve a duas horas da câmara.

— O que aconteceu?

— Os advogados conseguiram um adiamento e estão lutando desde

então. Nunca se sabe, mas provavelmente ele vai ser o primeiro depois de mim.

Os dois olharam para o outro lado da sala onde a conferência prosseguia a todo vapor. Stock não estava mais sentado sobre as mãos, mas na ponta da cadeira, dizendo o diabo para seus advogados.

Sam sorriu, depois se inclinou mais ainda para a tela.

— A família de Stock é mais do que miserável, e não se importa muito com ele. Isso é comum, especialmente com os africanos. Ele raramente recebe cartas ou visitas. Nasceu a oitenta quilômetros daqui, mas o mundo livre esqueceu dele. Quando seus recursos perderam a força, Stock começou a se preocupar com a vida e a morte e com as coisas em geral. Por aqui, se ninguém reclama o corpo, o estado o enterra como indigente, numa vala comum. Stock ficou preocupado com o que ia acontecer com seu corpo e começou a fazer uma porção de perguntas. Packer e outros guardas perceberam a preocupação e disseram que ia ser cremado. As cinzas seriam atiradas do ar sobre a Parchman. Disseram que uma vez que ele ia estar cheio de gás, assim que acendessem um fósforo, ia estourar como uma bomba. Stock ficou arrasado. Não dormia e perdeu peso. Então começou a escrever cartas para a família e para os amigos, pedindo alguns dólares para que pudesse ter um enterro cristão, como ele chama. O dinheiro começou a pingar e ele escreveu mais cartas. Escreveu para religiosos e grupos de direitos civis. Até seus advogados mandaram dinheiro.

“Quando o adiamento terminou, Stock tinha quase quatrocentos dólares e estava pronto para morrer. Pelo menos foi o que ele pensou.”

Os olhos de Sam dançavam e sua voz era leve. Contou a história bem devagar, em voz baixa, saboreando os detalhes. Adam estava se divertindo mais com o modo da narração do que com a própria história.

— Aqui eles têm uma regra não muito severa que permite visitas quase em número ilimitado nas setenta e duas horas antes da execução. Desde que não haja risco de segurança, permitem quase qualquer coisa ao condenado. Na frente do prédio há um escritório com uma mesa e telefone, que serve de sala de visitas nesses casos. Geralmente está cheio de todo tipo de gente — avós, sobrinhas, sobrinhos, primos, tias — especialmente no caso dos africanos. Você precisa ver, os ônibus chegam cheios. Parentes que não passaram nem cinco minutos pensando no condenado, de repente aparecem para partilhar seus últimos momentos. É quase um evento social.

“Há também uma regra, acho que não é escrita, que permite uma última visita conjugal. Se o condenado não é casado, então o diretor, na sua misericórdia ilimitada, permite um breve encontro com a namorada. Uma última rapidinha antes do Romeu bater as botas. ”

Sam olhou para o outro lado da sala e chegou mais perto da tela.

— Bem, o velho Stock aqui é um dos residentes mais populares do Corredor e conseguiu convencer o diretor de que tinha uma mulher e uma namorada e que as duas concordariam em passar alguns momentos com ele antes da execução. Ao mesmo tempo! Os três juntos! O diretor disse depois que percebeu que havia alguma coisa errada, mas todo mundo gosta de Stock e, de qualquer modo, eles iam matá-lo, portanto que mal podia fazer? Assim, Stock estava sentado na saleta com a mãe, irmãs, primas e sobrinhas, um bando de africanos, a maioria dos quais não pronunciava o nome dele há anos, comendo sua última refeição de bife com batatas, enquanto todo mundo chorava e rezava. Quando faltavam cerca de quatro horas para a partida, eles esvaziaram a saleta e mandaram a família para a capela. Stock esperou alguns minutos pelo furgão que ia trazer sua mulher e sua namorada para o Corredor. Elas chegaram escoltadas por guardas e foram conduzidas ao pequeno escritório da frente do prédio onde Stock esperava, ansioso e preparado. O pobre cara estava há doze anos no Corredor.

“Bem, eles levaram uma pequena cama de lona para a festa e Stock e as suas mulheres deitaram. Mais tarde os guardas disseram que Stock tinha duas mulheres muito bonitas e disseram também que comentaram, na ocasião, o fato de serem tão jovens. Stock estava para faturar uma delas, a mulher ou a namorada, não importa, quando o telefone tocou. Era seu advogado. E o advogado, chorando e ofegante, gritou a grande notícia de que a Quinta Circunscrição Judiciária havia aprovado um adiamento.

“Stock desligou na cara dele. Tinha coisas mais importantes para fazer. Passaram mais alguns minutos e o telefone tornou a tocar. Stock atendeu. Era o advogado outra vez, agora bem mais calmo, explicando a manobra legal que havia salvo sua vida, por mais algum tempo. Stock expressou seus agradecimentos e pediu ao advogado para ficar quieto por uma hora.”

Adam olhou outra vez para a direita, imaginando qual dos dois advogados havia telefonado para Stock, enquanto ele exercia seu direito constitucional da última visita conjugal.

— Muito bem, a essa altura, o escritório do procurador-geral já tinha telefonado para o diretor e a execução fora cancelada, ou abortada, como eles gostam de dizer. Não fez a menor diferença para Stock. Ele foi em frente como se nunca mais fosse ver uma mulher. A porta da sala não pode ser trancada por dentro, por motivos óbvios; assim, Naifeh, depois de esperar pacientemente, bateu de leve e pediu para Stock sair. Está na hora de voltar para a cela, Stock, ele disse. Stock respondeu que só precisava de mais cinco minutos. Não, disse Naifeh. Por favor, pediu Stock, e Naifeh ouviu os ruídos outra vez.

Então, o diretor sorriu para os guardas que sorriram para o diretor e durante cinco minutos eles estudaram o chão, enquanto a cama de lona tremia e rangia na pequena sala.

“Finalmente Stock abriu a porta e saiu desfilando como um campeão mundial dos pesos-pesados. Os guardas disseram que ele estava mais feliz com seu desempenho do que com o adiamento. Eles se livraram rapidamente das mulheres que, souberam depois, não eram nem a mulher nem a namorada dele, afinal.”

— Quem eram?

— Duas prostitutas.

— Prostitutas! — Adam repetiu, um pouco alto demais e um dos advogados olhou carrancudo para ele.

O nariz de Sam estava quase dentro da abertura.

— Isso mesmo, prostitutas locais. O irmão arranjou tudo para ele. Lembra do dinheiro para o enterro que ele deu um duro para conseguir?

— Está brincando.

— Verdade. Quatrocentos mangos gastos com prostitutas, que à primeira vista pode parecer um pouco demais, especialmente para prostitutas africanas locais, mas ao que parece elas estavam morrendo de medo de vir ao corredor da morte, o que para mim faz sentido. Elas levaram todo o dinheiro de Stock. Mais tarde ele me disse que pouco estava se importando com o modo que ia ser enterrado e que valeu cada centavo. Naifeh ficou embaraçado e ameaçou proibir as visitas conjugais. Mas o advogado de Stock, aquele pequenino de cabelos escuros ali, entrou com um processo e conseguiu a decisão do juiz que garante uma última rapidinha. Acho que Stock está quase ansioso pela próxima.

Sam recostou na cadeira e aos poucos o sorriso desapareceu.

— Pessoalmente, eu não tenho pensado muito na minha visita conjugal. É só para marido e mulher, você sabe, segundo a letra da lei. Mas provavelmente o diretor vai contornar as regras para mim. O que você acha?

— Para ser franco, ainda não pensei nisso.

— Estou só brincando, você sabe. Sou um velho. Posso me contentar com uma massagem nas costas e um drinque forte.

— E sua última refeição? — perguntou Adam, sempre em voz muito baixa.

— Não achei graça.

— Pensei que estivéssemos brincando.

— Provavelmente alguma coisa grosseira como carne de porco cozida e ervilhas de borracha. A mesma droga que eles me dão há quase dez anos. Talvez uma torrada extra. Eu detestaria dar ao cozinheiro a oportunidade de preparar uma refeição digna de

humanos do mundo livre.

— Parece delicioso.

— Oh, eu posso repartir com você. Muitas vezes me pergunto por que eles alimentam o homem antes de matá-lo. Eles também trazem o médico para um exame pré-execução. Dá para acreditar? Precisam ter certeza de que estamos em forma para morrer. E têm também um psiquiatra na equipe que examina a gente antes da execução e ele deve apresentar um relatório escrito ao diretor, afirmando que o condenado está em perfeitas condições mentais para aspirar o gás. E têm um pastor na folha de pagamento que reza e medita com o prisioneiro, para garantir que a alma dele pegue o caminho certo. Tudo pago pelos contribuintes do estado do Mississippi e administrado por esta gente amorosa da Parchman. Não esqueça da visita conjugal. Podemos morrer com nossos desejos satisfeitos. Eles pensam em tudo. Têm muita consideração. Preocupam-se de verdade com nosso apetite e com nosso bem-estar físico e espiritual. No último momento, eles inserem um cateter no pênis do condenado e um tampão no ânus, para não haver nenhuma sujeira. Isso é em benefício deles, não nosso. Não querem ter de limpar o corpo depois. Assim, eles nos alimentam bem, qualquer coisa que quisermos e depois tapam com uma rolha. Doentio, não é? Doentio, doentio, doentio, doentio.

— Vamos falar de outra coisa.

Sam terminou o último cigarro, jogou no chão e apagou com o pé, na frente do guarda.

— Não, vamos parar de falar. Já tive demais por um dia.

— Tudo bem.

— E chega de Eddie, tá bom? Não é justo vir aqui e me agredir desse modo.

— Peço desculpas. Chega de Eddie.

— Nas próximas semanas, vamos tratar de mim, certo? É mais do que suficiente para nos manter ocupados.

— Combinado, Sam.

Ao LONGO DA Rodovia 82, vindo do leste, Greenville começava a aparecer como um amontoado feioso de shopping centers cheios de locadoras de vídeos e lojas insignificantes de bebidas, as fileiras intermináveis de lanchonetes e motéis com televisão e café da manhã. O rio bloqueou esse tipo de progresso para o oeste, e uma vez que a 82 era a via principal, essa parte era o território preferido dos comerciantes.

Nos últimos vinte e cinco anos, Greenville passara de uma cidade sonolenta à margem do rio, com trinta e cinco mil habitantes, para uma movimentada cidade ribeirinha de sessenta mil. Era próspera e progressista. Em 1990, Greenville era a quinta maior cidade do estado.

As ruas que levavam ao centro comercial eram arborizadas e

ladeadas por residências luxuosas e antigas. O centro da cidade era bonito e elegante, bem cuidado e aparentemente sem nenhuma mudança, pensou Adam, contrastando nitidamente com o caos ao longo da Rodovia 82. Ele estacionou na rua Washington um pouco depois das cinco horas, quando os comerciantes do centro e seus fregueses preparavam-se para o fim do dia. Adam tirou a gravata e o paletó e os deixou no carro, porque a temperatura estava ainda nos trinta e poucos graus sem nenhum sinal de baixar.

Caminhou por três quadras e chegou ao parque com a estátua em tamanho natural dos dois meninos no centro. Eram do mesmo tamanho, com o mesmo sorriso e os mesmos olhos. Um estava correndo e o outro saltando, e o escultor os havia captado com perfeição. Josh e John Kramer, para sempre com cinco anos, congelados no tempo em cobre e latão. Uma placa de bronze dizia simplesmente:

JOSH E JOHN KRAMER MORTOS EM 21 DE ABRIL DE 1967
(2 DE MARÇO DE 1962 — 21 DE ABRIL DE 1967)

O parque era um quadrado perfeito, metade de uma quadra, onde antes ficava o escritório de Marvin Kramer e um prédio velho ao lado. O terreno pertencia à família Kramer há muitos anos e o pai de Marvin o doou à cidade para ser usado como memorial. Sam tinha feito um bom trabalho arrasando o escritório e a cidade fez o resto, demolindo o prédio vizinho. No Parque Kramer foi gasto algum dinheiro e muito planejamento. Era completamente circundado por uma cerca de ferro batido e tinha duas entradas, uma de cada lado. Fileiras regulares de carvalhos e bordos acompanhavam a cerca. Linhas de arbustos aparados com perfeição se encontravam em ângulos exatos, depois circundavam canteiros de begônias e gerânios. Num canto, sob as árvores, havia um pequeno anfiteatro e no outro lado um grupo de crianças negras que pareciam voar nos balanços de madeira.

Era um parque pequeno e colorido, um jardim pequeno e agradável entre as ruas e os prédios da cidade. Um casal de jovens discutia num banco quando Adam passou. Um grupo de ciclistas de oito anos de idade corria em volta de uma fonte. Um velho policial caminhava devagar e levou um dedo ao queixo, dizendo alô.

Adam sentou-se num banco e olhou para Josh e John, a menos de dez metros de onde ele estava. “Jamais esqueça das vítimas”, Lee tinha advertido. “Elas têm o direito de receber justiça. Um direito conquistado.”

Adam lembrou de todos os detalhes horríveis dos julgamentos — o testemunho do perito do FBI sobre a bomba e a velocidade com que destruiu o prédio, a descrição detalhada do médico-legista dos pequenos corpos e do que exatamente os matou, os bombeiros que

tentaram o salvamento mas chegaram tarde demais e só puderam retirar os corpos dos escombros. Foram apresentadas fotografias do prédio e dos meninos e os juízes tiveram o cuidado de permitir que somente algumas fossem vistas pelos jurados. McAllister, tipicamente, queria mostrar umas fotos enormes, ampliadas e em cores dos corpos mutilados, mas foram excluídas.

Adam, sentado no lugar em que antes ficava o escritório de Marvin Kramer, fechou os olhos e tentou sentir o solo tremer. Viu mentalmente a cena do vídeo dos escombros fumegantes e a nuvem de fumaça. Ouviu a voz frenética do repórter, as sirenes estridentes no fundo.

Aqueles meninos de bronze não eram muito mais velhos do que ele quando seu avô os matou. Tinham cinco anos e ele quase três, e Adam fez as contas. Estava com vinte e cinco, logo eles teriam vinte e oito.

A culpa o atingiu com profunda violência e Adam estremeceu e começou a transpirar. O sol se escondeu atrás de dois grandes carvalhos a oeste e a luz passando entre os galhos cintilou nos rostos dos meninos.

Como Sam pôde fazer aquilo? Por que seu avô era Sam Cayhall e não outro qualquer? Quando ele decidiu participar da guerra sagrada da Klan contra os judeus? O que o fez passar de um inofensivo incendiário de cruzeiros a um terrorista assassino?

Sentado no banco, Adam olhou para a estátua e odiou seu avô. Sentia-se culpado por estar no Mississippi tentando ajudar o velho filho da mãe.

Pagou por um quarto no Holiday Inn, telefonou para Lee, depois assistiu ao noticiário da noite nos canais de Jackson. Evidentemente fora outro dia sonolento no Mississippi, sem grandes acontecimentos. Sam Cayhall e seus esforços derradeiros para continuar vivo eram o assunto mais quente. Todas as estações transmitiram os comentários sombrios do governador e do procurador-geral sobre a última petição apresentada pela defesa naquela manhã e os dois homens deixaram bem claro que estavam fartos e cansados daquelas apelações infundáveis. Ambos lutariam valentemente para prosseguir no assunto com o fim de fazer justiça. Uma estação começou a contagem regressiva — vinte e três dias até a execução, disse o apresentador, como se estivesse recitando os dias que faltavam para o Natal. O número 23 estava pregado debaixo da mesma fotografia antiga de Sam Cayhall.

Adam jantou num pequeno café no centro da cidade. Sentou sozinho, beliscando o rosbife e as ervilhas, ouvindo a conversa em volta. Ninguém mencionou Sam.

No fim da tarde andou pelas calçadas na frente das lojas, pensando em Sam passando por aquelas mesmas ruas, esperando a explosão e

imaginando o que podia ter saído errado. Parou ao lado de uma cabine telefônica, talvez a mesma de onde Sam tentara avisar Kramer.

O parque estava deserto e escuro. A única iluminação eram duas lâmpadas na entrada. Adam sentou na base da estátua, abaixo dos meninos, abaixo da placa de bronze com as datas de nascimento e de morte. Naquele mesmo lugar, dizia a placa, eles tinham morrido.

Adam ficou sentado ali por um longo tempo, ignorando o escuro da noite, pensando no imponderável, gastando tempo com considerações inúteis do que podia ter sido. A bomba havia definido sua vida, isso ele sabia. Ela o levou para fora do Mississippi, depositando-o em outro mundo, com outro nome. Transformou seus pais em refugiados que fugiam do passado e se escondiam do presente. A bomba matou seu pai, embora ninguém pudesse prever o que teria acontecido a Eddie Cayhall. A bomba desempenhou o papel central na sua decisão de ser advogado, uma vocação que nunca tinha sentido antes de saber a história de Sam. Ele sonhava em ser piloto.

E agora a bomba o havia levado de volta ao Mississippi para uma tarefa carregada de agonia e pouca esperança. Eram muitas as probabilidades de a bomba reclamar sua última vítima dentro de vinte e três dias e Adam se perguntava o que aconteceria a ele depois disso.

O que mais a bomba reservaria para Adam Hall?

VINTE E TRÊS

De UM MODO geral, os recursos dos casos de pena de morte arrastam-se por anos e anos como uma lesma. Uma lesma muito velha. Ninguém tem pressa. Os problemas são complicados. Os sumários, as moções, petições *etc.* são longos e tediosos. Os tribunais estão repletos de assuntos mais prementes.

Porém, ocasionalmente, a decisão chegava com uma velocidade espantosa. A justiça pode ser de uma eficiência incrível. Especialmente nos últimos dias, quando a data da execução está marcada e as cortes estão fartas de mais moções e mais recursos. Adam recebeu sua primeira dose de justiça rápida quando passeava a esmo pelas ruas de Greenville, na tarde de segunda-feira.

A Suprema Corte do Mississippi deu uma olhada na sua petição de assistência pós-condenação e a indeferiu mais ou menos às 5 horas de segunda-feira. Adam acabava de chegar a Greenville e não sabia disso. A negação certamente não foi surpresa, mas a velocidade sim. A corte decidiu em menos de oito horas.

Era preciso reconhecer que há mais de nove anos a corte vinha tratando do caso de Sam Cayhall.

Nos últimos dias de um caso de pena de morte, as cortes vigiam umas às outras atentamente. Cópias de documentos apresentados são enviadas por fax, informando as cortes superiores sobre o que vai acontecer. A negação da Suprema Corte do Mississippi foi transmitida por fax para a corte federal do distrito em Jackson, o foro seguinte de Adam. Foi enviada para o meritíssimo F. Flynn Slattery, um jovem juiz federal, novo no cargo. Slattery nunca havia tomado conhecimento dos recursos de Sam Cayhall.

O gabinete do juiz Slattery tentou localizar Adam Hall entre 5 e 6 horas da tarde, mas ele estava sentado no Parque Kramer.

Slattery telefonou para o procurador-geral, Steve Roxburgh, e às oito e meia houve uma breve reunião no gabinete do juiz. Acontece que Slattery era um workaholic e esse era seu primeiro caso de pena de morte. Ele e seu auxiliar estudaram a petição até a meia-noite.

Se Adam tivesse assistido ao último noticiário na segunda-feira, ficaria sabendo que sua petição já fora indeferida pela Suprema Corte. Mas Adam dormia profundamente.

Na terça-feira, às seis horas da manhã, ele apanhou casualmente o jornal de Jackson e ficou sabendo que a Suprema Corte havia indeferido sua petição, que o caso estava agora na corte federal, nas mãos do juiz Slattery, e que tanto o procurador-geral quanto o governador cantavam outra vitória. Estranho, pensou ele, uma vez que não havia apresentado oficialmente nenhuma petição à corte federal.

Entrou no carro e partiu velozmente para Jackson, a duas horas de Greenville. Às nove horas entrou no Forum federal na rua Capitol, no centro da cidade, e teve uma breve conversa com Breck Jefferson, um jovem muito sério, recém saído da faculdade de direito, que ocupava a importante posição de secretário de Slattery. Jefferson disse a Adam para voltar às onze horas para falar com o juiz.

Embora tivesse chegado ao gabinete de Slattery às onze em ponto, Adam percebeu que uma reunião estava em andamento há algum tempo. No centro do enorme gabinete de Slattery havia uma mesa de conferência de mogno, comprida e larga, com oito cadeiras de couro negro de cada lado. O trono de Slattery ficava numa cabeceira, perto da sua mesa de trabalho e na sua frente havia pilhas de papéis, blocos de anotações e outros objetos. À sua direita Adam viu um grupo de jovens brancos com ternos escuros, amontoados ao longo da mesa, com outra fileira de ávidos guerreiros sentados atrás, muito perto deles. Aquele lado pertencia ao estado, com Sua Excelência, o governador, sr. David McAllister, sentado ao lado de Slattery. O Excelentíssimo Procurador-geral, Steve Roxburgh, fora banido para o meio da mesa, depois de perder a batalha pelo território. Cada um dos distintos servidores públicos levava para a mesa seus litigantes e pensadores de maior confiança, e esse esquadrão de estrategistas evidentemente estava conferenciando e confabulando com o juiz muito antes de Adam chegar.

Breck, o secretário, abriu a porta, recebeu Adam amavelmente e o convidou a entrar. Todos ficaram em silêncio quando Adam aproximou-se vagarosamente da mesa. Slattery com visível relutância levantou-se e se apresentou a Adam. O aperto de mão foi frio e rápido.

— Sente-se — disse ele soturnamente, acenando para as oito cadeiras de couro no lado da defesa. Adam hesitou, depois escolheu a que ficava de frente para Roxburgh, um rosto que ele reconheceu. Pôs a pasta sobre a mesa e sentou entre quatro cadeiras vazias a direita, na direção de Slattery e três à esquerda. Sentia-se como um invasor solitário.

— Suponho que já conhece o governador e o procurador-geral — disse Slattery, como se todo mundo os conhecesse pessoalmente.

— Nenhum dos dois — disse Adam, balançando a cabeça.

— Eu sou David McAllister, dr. Hall, muito prazer. — O governador falou rapidamente, sempre o político ansioso para estender a mão, com uma incrível cintilação de dentes perfeitos.

— O prazer é meu — disse Adam, mal movendo os lábios.

— E eu sou Steve Roxburgh — disse o procurador-geral.

Adam apenas inclinou a cabeça. Já o conhecia das fotos nos jornais.

Roxburgh tomou a iniciativa. Começou a falar, apontando.

— Estes são os advogados criminalistas da minha divisão de recursos. Kevin Laird, Bart Moody, Morris Henry, Hugh Simms e Joseph Ely. Eles tratam de todos os casos de pena de morte.

Todos inclinaram a cabeça obedientemente, sem desmanchar o franzido desconfiado das testas. Adam contou onze pessoas no outro lado da mesa.

McAllister não se deu ao trabalho de apresentar seu bando de clones, todos atormentados por enxaquecas ou hemorroidas. Seus rostos estavam contorcidos de dor, ou talvez por causa das deliberações extremamente sérias sobre os assuntos legais do momento.

— Espero que não tenhamos passado o carro adiante dos bois, dr. Hall — disse Slattery, ajustando os óculos de leitura no nariz.

Slattery tinha quarenta e poucos anos, um dos jovens indicados por Reagan.

— Quando espera apresentar oficialmente sua petição à corte federal?

— Hoje — disse Adam, nervoso, atordoado ainda pela rapidez de tudo aquilo.

Enquanto dirigia o carro a caminho de Jackson, Adam concluiu que aquela rapidez era na verdade um fato positivo. Se Sam ia conseguir algum adiamento seria por determinação da corte federal, não da estadual.

— Quando o estado pode responder? — o juiz perguntou para Roxburgh.

— Amanhã de manhã. Supondo que a petição contenha os mesmos itens da que foi apresentada à Suprema Corte.

— São os mesmos — Adam disse para Roxburgh e depois voltou-se para Slattery. — Disseram-me para estar aqui às onze horas. A que hora esta reunião começou?

— A reunião começou quando eu resolvi começar, dr. Hall — disse Slattery friamente. — Algum problema?

— Sim. Evidentemente esta conferência começou há algum tempo, sem a minha presença.

— O que há de errado nisso? Este é o meu gabinete e começo as reuniões quando quero.

— Certo, mas a petição é minha e fui convidado para falar sobre ela. Parece-me que eu devia estar presente desde o começo.

— Não confia em mim, dr. Hall? — Slattery estava inclinado para a frente, com os cotovelos na mesa, claramente saboreando a situação.

— Não confio em ninguém — disse Adam, olhando firmemente para Sua Excelência.

— Estamos tentando atendê-lo, dr. Hall. Seu cliente não tem muito tempo e só estou tentando apressar as coisas. Pensei que ficaria

satisfeito por termos convocado esta reunião com tanta rapidez.

— Muito obrigado — disse Adam, olhando para seu bloco de anotações.

Houve um breve silêncio, enquanto a tensão diminuía.

Slattery ergueu uma folha de papel.

— Dê entrada na petição hoje. O estado dará a resposta amanhã. Eu a estudarei no fim de semana e dou minha decisão na segunda-feira. No caso de decidir conceder uma audiência, preciso saber dos dois lados de quanto tempo precisam para se preparar. O que me diz, dr. Hall? Em quanto tempo estará preparado para a audiência?

Sam tinha vinte e dois dias de vida. Qualquer audiência teria de ser apressada e concisa, com testemunhos breves e, ele esperava, uma rápida decisão da corte. Acrescentava-se à pressão do momento o fato crucial de Adam não ter a mínima ideia de quanto tempo iria precisar, porque era novidade para ele. Havia participado de algumas pequenas escaramuças em Chicago, mas sempre com Emmitt Wycoff ao seu lado. Que diabo, ele era apenas um novato! Nem sabia ao certo onde ficava o tribunal.

E alguma coisa lhe dizia que os onze abutres que o examinavam naquele exato momento tinham pleno conhecimento de que ele não sabia o que estava fazendo.

— Estarei pronto numa semana — disse, com a maior cara de pau e o máximo de fé que conseguiu reunir.

— Muito bem — disse Slattery, como se dissesse ótimo, uma boa resposta, Adam, bom menino.

Uma semana era razoável. Então Roxburgh murmurou alguma coisa para um dos seus feitiçeiros e todo o bando riu. Adam os ignorou.

Slattery escreveu alguma coisa com uma caneta e depois a examinou com atenção. Passou-a para Breck, o secretário, que, segurando-a como quem carrega um tesouro, saiu rapidamente para fazer alguma coisa com ela. Sua Excelência olhou para o muro de infantaria legal à sua direita, depois para o jovem Adam.

— Agora, dr. Hall, eu gostaria de discutir outra coisa. Como deve saber, esta execução está marcada para daqui a vinte e dois dias e eu gostaria de saber se esta corte pode esperar a apresentação de qualquer outro documento em favor do sr. Cayhall. Sei que é um pedido fora do comum, mas esta é uma situação pouco comum. Francamente, é a primeira vez que trato de um caso de pena de morte tão adiantado quanto este e acho que seria melhor nós todos trabalharmos juntos.

Em outras palavras, Excelência, o senhor quer ter absoluta certeza de que não haverá mais nenhum adiamento. Adam pensou por um segundo. Era um pedido incomum e bastante injusto. Mas Sam tinha o

direito constitucional de dar entrada em qualquer coisa em qualquer tempo e Adam não podia se prender a nenhuma promessa nesse sentido. Resolveu ser delicado.

— Sinceramente, eu não posso dizer, Excelência. Não agora. Talvez na próxima semana.

— Sem dúvida vai dar entrada nos recursos habituais de última hora — disse Roxburgh e os cretinos sorridentes em volta dele olharam para Adam com espanto incrédulo.

— De fato, dr. Roxburgh, não sou obrigado a discutir meus planos com o senhor. Na verdade, nem com a corte.

— É claro que não — interferiu McAllister, sem nenhum motivo, talvez só pela incapacidade de ficar calado por mais de cinco minutos.

Adam notou o advogado à direita de Roxburgh, um tipo metódico com olhos de aço que raramente se afastavam do seu rosto. Era jovem, mas grisalho, barba escanhoada e muito limpo. McAllister parecia dar grande atenção a ele e várias vezes se inclinou para a direita, como que pedindo conselho. Os outros do gabinete do promotor pareciam concordar com seus pensamentos e movimentos. Num dos artigos recortados e indexados por Adam havia referência a um infame litigante do gabinete do procurador-geral conhecido como dr. Morte, um homem inteligente com a tendência de apressar a conclusão dos casos de pena de morte. Seu nome ou seu sobrenome era Morris e Adam lembrou vagamente de ter ouvido Roxburgh mencionar um Morris qualquer coisa ao apresentar sua equipe.

Adam imaginou que devia ser o nefando dr. Morte. Morris Henry era o nome.

— Muito bem, pois então apresse-se — disse Slattery, visivelmente frustrado. — Não quero trabalhar dia e noite enquanto esta coisa está em andamento.

— Não, senhor — disse Adam, com fingida simpatia.

Slattery olhou carrancudo para ele, depois voltou aos seus papéis.

— Muito bem, senhores, sugiro que fiquem ao lado dos seus telefones domingo a noite e na segunda-feira de manhã. Telefone assim que tomar minha decisão. A reunião está encerrada.

A conspiração no outro lado explodiu num revoar de papéis e pastas que eram tirados da mesa e num intempestivo murmúrio de conversas. Adam estava mais perto da porta. Inclinou a cabeça para Slattery, disse um morno “Bom dia, Excelência” e saiu. Sorriu amavelmente para o secretário e já estava no corredor quando ouviu chamar seu nome. Era o governador, com dois lacaios a reboque.

— Podemos conversar por um minuto? — disse McAllister, estendendo a mão na direção da cintura de Adam. O aperto de mãos durou um segundo.

— Sobre o quê?

— Só cinco minutos, está bem?

Adam olhou para os garotos do governador, esperando a poucos passos.

— Sozinhos. Em particular. E confidencial — disse ele.

— Claro — disse McAllister, apontando para uma porta dupla.

Entraram numa pequena sala de tribunal escura. As mãos do governador estavam livres. Alguém carregava sua pasta e suas malas. Ele as enfiou nos bolsos e encostou na grade no meio da sala. Era um homem magro e bem vestido, um belo terno, gravata de seda na moda, a obrigatória camisa branca de algodão. Tinha menos de quarenta anos e estava muito bem para a idade. Só uma sugestão de fios brancos tingia suas costeletas.

— Como vai Sam? — ele perguntou, fingindo profundo interesse.

Com um leve sorriso de desprezo, Adam olhou para o lado e pôs sua pasta no chão.

— Oh, está maravilhosamente bem. Eu direi que o senhor perguntou. Sam vai ficar satisfeitiíssimo.

— Ouvi dizer que ele está mal de saúde.

— Saúde? Vocês estão tentando matá-lo. Como pode se preocupar com a saúde dele?

— Apenas ouvi alguns rumores.

— Ele o odeia, está bem? Sua saúde está péssima, mas pode aguentar mais algumas semanas.

— Odiar não é nada de novo para Sam, você sabe.

— Exatamente sobre o que quer falar comigo?

— Só queria dizer alô. Tenho certeza de que nos encontraremos em breve.

— Escute, governador, assinei um contrato com meu cliente que me proíbe expressamente de falar com o senhor. Repito, ele o odeia. Por sua causa ele está no corredor da morte. Ele o culpa por tudo e se souber que conversamos, ele me despede.

— Seu avô seria capaz de fazer isso?

— Sim. Eu acredito piamente. Portanto, se eu ler nos jornais de amanhã que nós conversamos sobre Sam Cayhall, eu volto para Chicago, o que provavelmente vai estragar sua execução, porque Sam não terá advogado. Não se pode matar um homem que não tem advogado.

— Quem disse isso?

— Trate de ficar de boca fechada, está bem?

— Tem a minha palavra. Mas se não podemos conversar, como vamos discutir o problema do indulto?

— Eu não sei. Não cheguei lá ainda.

A expressão de McAllister era sempre agradável. O sorriso perfeito

estava sempre à mostra ou logo abaixo da superfície.

— Você pensou em indulto, não pensou?

— Sim. Com apenas três semanas, eu pensei em indulto. Todos os ocupantes do corredor da morte sonham com um perdão, governador, e é por isso que o senhor não o pode conceder a ninguém. Se perdoar um condenado, terá os outros cinquenta exigindo o mesmo favor. Cinquenta famílias escrevendo cartas e telefonando dia e noite. Cinquenta advogados puxando os cordões e tentando entrar no seu escritório. O senhor e eu sabemos que não pode ser feito.

— Não estou muito certo de que Sam deve morrer.

Disse isso sem desviar os olhos, como se começasse a mudar de opinião, como se os anos o tivessem amadurecido e diminuído sua necessidade de punir Sam. Adam abriu a boca para falar, mas então percebeu a magnitude daquelas palavras. Olhou para o chão por um minuto, observando atentamente os mocassins com borlas do governador. McAllister estava mergulhado em pensamentos profundos.

— Eu também não tenho certeza se ele deve morrer — disse Adam.

— Quanto ele contou a você?

— Sobre o quê?

— Sobre o atentado a Kramer.

— Ele diz que me contou tudo.

— Mas você tem dúvidas.

— Tenho.

— Eu também. Eu sempre tive dúvidas.

— Por quê?

— Por muitas razões. Jeremiah Dogan era um notório mentiroso e estava morrendo de medo de ir para a prisão. O imposto de renda o pegou, você sabe, e ele estava certo de que se fosse para a prisão, seria violentado, torturado e morto pelas gangues de negros. Ele era o Mago Imperial, você sabe. Dogan também ignorava muitas coisas. Era astucioso e difícil de ser apanhado quando se tratava de terrorismo, mas não compreendia o sistema judiciário penal. Eu sempre achei que alguém, provavelmente o FBI, disse a Dogan que Sam tinha de ser condenado, do contrário eles o mandariam para a prisão. Sem condenação não haveria acordo. Dogan foi uma testemunha muito ansiosa para contar tudo. Queria desesperadamente que o júri condenasse Sam.

— Então ele mentiu?

— Eu não sei. Talvez.

— Sobre o quê?

— Já perguntou a Sam se ele tinha um cúmplice?

Adam analisou a pergunta por um segundo.

— Eu não posso falar sobre minhas conversas com Sam. São

confidenciais.

— É claro. Muita gente neste estado não quer a execução de Sam, embora não digam isso abertamente. — McAllister observava Adam com atenção.

— O senhor é uma delas?

— Eu não sei. Mas, e se Sam não planejou matar Marvin Kramer nem seus filhos? Certo, Sam estava lá, bem no meio da coisa toda. Mas, e se outra pessoa tivesse a intenção de matar?

— Então Sam não é tão culpado quanto pensamos.

— Certo. É claro que ele não é completamente inocente, mas também não é bastante culpado para merecer a execução.

— É claro.

— Suponho que Sam não disse nada sobre um cúmplice?

— Realmente não posso falar nisso. Não agora.

O governador tirou a mão do bolso e estendeu um cartão para Adam.

— Dois telefones nas costas do cartão. Um é o número particular do meu gabinete. O outro é da minha casa. Todos os telefonemas são confidenciais, eu juro. Às vezes eu represento para as câmeras, Adam, faz parte do trabalho, mas posso também ser digno de confiança.

Adam apanhou o cartão e olhou para os números escritos à mão.

— Eu não poderia viver comigo mesmo se deixasse de conceder indulto a um homem que não merece morrer — disse McAllister, andando para a porta. — Telefone, mas não demore muito. A coisa está esquentando demais. Estou recebendo vinte telefonemas por dia.

Piscou um olho para Adam, mostrou os dentes cintilantes outra vez e saiu da sala.

Adam sentou numa cadeira de metal encostada na parede e olhou para a parte da frente do cartão. Era em letras douradas com o selo oficial. Vinte telefonemas por dia. O que significava isso? Eram telefonemas de gente que queria Sam morto ou perdoado?

Muita gente neste estado não quer ver Sam executado, McAllister tinha dito, como se já estivesse comparando os votos que perderia com os que ia ganhar.

VINTE E QUATRO

O SORRISO DA RECEPCIONISTA no saguão não foi tão instantâneo como nos outros dias e, caminhando para seu escritório, Adam notou uma atmosfera mais sombria entre os empregados e o pequeno grupo de advogados. O tom das vozes estava uma oitava abaixo. As coisas estavam um pouco mais urgentes.

Chicago tinha chegado. Acontecia ocasionalmente, não necessariamente para fins de inspeção, mas quase sempre para dar assistência a um cliente local ou para reuniões a fim de resolver problemas burocráticos da pequena firma. Ninguém jamais fora despedido com a chegada de Chicago. Ninguém jamais foi xingado ou ofendido. Mas o ambiente sempre ficava tenso até Chicago partir, de volta para o norte.

Adam abriu a porta do seu escritório e quase bateu com ela na cara preocupada de E. Garner Goodman, com sua gravata-borboleta de lã, camisa branca engomada e fartos cabelos grisalhos. Ele estava andando de um lado para o outro e perto da porta quando ela se abriu. Adam olhou para Goodman e apertou a mão dele rapidamente.

— Entre, entre — disse Goodman, fechando a porta, convidando Adam para seu escritório. Ainda sem um sorriso.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Adam, jogando a pasta no chão e caminhando para a mesa.

Goodman passou a mão na barba grisalha e ajustou a gravata-borboleta.

— É uma situação de emergência. Podem ser más notícias.

— O quê?

— Sente-se, sente-se. Pode levar um minuto.

— Não. Estou bem. O que é? — Devia ser horrível se ele precisava faltar sentado.

Goodman ajustou a gravata, passou a mão na barba e disse:

— Bem, aconteceu esta manhã, às nove horas. O Comitê de Pessoal é composto por quinze sócios, quase todos escolhidos entre os mais jovens. O comitê completo tem vários subcomitês, é claro, um para recrutamento, admissão, um para disciplina, um para disputas, e assim por diante. E como já deve ter adivinhado, há um para demissões. O Subcomitê de Demissões reuniu-se esta manhã e adivinhe quem estava orquestrando tudo?

— Daniel Rosen.

— Daniel Rosen. Evidentemente ele vem trabalhando o Subcomitê de Demissões há dez dias, tentando conseguir votos suficientes para a sua demissão.

Adam sentou numa das cadeiras ao lado da mesa de conferências e Goodman sentou no outro lado.

— O subcomitê tem sete membros e eles se reuniram esta manhã, a pedido de Rosen. Cinco estavam presentes, portanto tinham quorum. Rosen, é claro, não notificou ninguém. As reuniões do Subcomitê de Demissões são estritamente confidenciais, por razões óbvias, portanto ele não precisava notificar ninguém.

— Nem a mim?

— Nem a você. Você era apenas um item da agenda e a reunião durou menos de uma hora. Rosen tinha o resultado garantido antes de começar, mas mesmo assim, apresentou seu caso com grande força. Lembre-se, ele sempre teve uma belíssima retórica nos tribunais durante trinta anos. Eles gravam todas as reuniões do subcomitê, para o caso de algum processo posterior, e Rosen fez uma gravação completa. Ele alega que você foi insincero quando se candidatou ao emprego na Kravitz & Bane, que isso representa para a firma um conflito de interesses, e assim por diante. Tinha cópias de uma dezena ou mais de artigos de jornais sobre você e Sam e sobre a questão de você ser seu neto. O argumento foi de que você embarçou a firma. Ele estava muito preparado. Acho que naquela segunda-feira nós o subestimamos.

— E então eles votaram.

— Quatro a um pela sua demissão.

— Filhos da mãe!

— Eu sei. Mas eu já vi Rosen em situações difíceis antes e o cara pode ser brutalmente persuasivo. Geralmente consegue o que quer. Não pode mais lutar nos tribunais, por isso anda provocando brigas no escritório. Vai se aposentar dentro de seis meses.

— É um pequeno consolo para mim, neste momento.

— Ainda há esperança. A notícia chegou ao meu escritório às onze horas e felizmente Emmitt Wycoff estava comigo. Fomos ao escritório de Rosen e tivemos uma briga daquelas, depois começamos a telefonar. Fim da história — o Comitê de Pessoal vai se reunir às oito horas da manhã para rever sua demissão. Você precisa estar lá.

— Às oito da manhã!

— É. Aqueles caras são muito ocupados. Muitos têm compromissos nos tribunais às nove. Outros têm depoimentos o dia todo. Dos quinze teremos sorte se conseguirmos quorum.

— Quantos são necessários para o quorum?

— Dois terços. Dez. E se não houver quorum podemos ter problemas.

— Problemas! Como você chama isto?

— Pode ficar pior. Se não houver quorum de manhã, então você tem o direito de pedir outra revisão dentro de trinta dias.

— Sam estará morto dentro de trinta dias.

— Talvez não. De qualquer modo, acho que teremos a reunião de manhã. Emmitt e eu temos a garantia da presença de nove membros.

— E os quatro que votaram contra mim hoje?

Goodman sorriu e desviou os olhos.

— Adivinhe. Rosen garantiu a presença deles amanhã.

Adam bateu na mesa com as duas mãos abertas.

— Eu peço demissão, droga!

— Não pode. Acaba de ser demitido.

— Então, não vou lutar contra. Os filhos da mãe!

— Escute, Adam...

— Filhos da mãe!

Goodman ficou calado, esperando esfriar a fúria de Adam. Ajeitou a gravata-borboleta e verificou o comprimento da barba. Tamborilou na mesa e depois disse:

— Escute, Adam, estaremos muito bem de manhã. É o que Emmitt pensa. É o que eu penso. A firma está com você nisso. Acreditamos no que você está fazendo e, francamente, gostamos da publicidade. Os jornais de Chicago têm publicado boas reportagens.

— A firma certamente parece estar me apoiando.

— Ouça o que estou dizendo. Podemos resolver isso amanhã. Eu me encarrego de falar. Wycoff está catequizando o pessoal neste momento. Temos outros fazendo o mesmo.

— Rosen não é burro, dr. Goodman. Ele quer vencer, isso é tudo. Ele não se importa comigo, não se importa com Sam, com você ou com qualquer outra pessoa. Ele simplesmente quer vencer. É uma competição e aposto que ele está no telefone neste momento, tentando arranjar votos.

— Pois então vamos lutar com aquele velho rabugento. Vamos entrar na reunião amanhã com pose de vencedores. Vamos fazer de Rosen o homem mau. Francamente, Adam, ele não tem muitos amigos.

Adam foi até a janela e espiou entre as persianas. Era grande o movimento no Mall lá embaixo. Quase cinco horas da tarde. Adam tinha cerca de cinco mil dólares em fundos mútuos, e se fosse frugal e mudasse alguma coisa no seu estilo de vida, o dinheiro podia durar seis meses. Seu salário era de sessenta e dois mil e conseguir essa quantia num futuro próximo não ia ser fácil. Mas ele nunca se preocupou muito com dinheiro e não ia começar agora. Estava muito mais preocupado com as próximas três semanas. Depois de uma carreira de dez dias como advogado de defesa num processo de pena de morte, sabia que precisava de ajuda.

— Como vão ser as coisas no fim? — perguntou, depois de um silêncio pesado.

Goodman levantou-se lentamente da cadeira e foi até outra janela.

— Uma loucura. Você não vai dormir muito nos últimos quatro dias. Vai estar correndo para todos os lados. As cortes são imprevisíveis. O sistema é imprevisível. Você continua a dar entrada em recursos e petições, sabendo que não vão adiantar. A imprensa vai estar atrás de você o tempo todo. E, o mais importante, terá de passar o maior tempo possível com seu cliente. É um trabalho de louco e é de graça.

— Então vou precisar de ajuda.

— Sim, vai. Não pode fazer sozinho. Quando Maynard Tole foi executado, tínhamos um advogado de Jackson de plantão no escritório do governador e dois no corredor da morte. Por isso você tem de lutar amanhã, Adam. Vai precisar dos recursos da firma. Não pode fazer sozinho. É trabalho para uma equipe.

— É um verdadeiro chute no traseiro.

— Eu sei. Há um ano você estava na faculdade de direito, agora foi despedido. Eu sei que machuca. Mas acredite em mim, Adam, é só um balão de ensaio. Não vai dar certo. Daqui a dez

anos você será um sócio desta firma e estará aterrorizando seus contratados.

— Não aposte nisso.

— Vamos para Chicago. Tenho duas passagens para o voo das sete e quinze. Estaremos em Chicago às oito e meia e vamos procurar um bom restaurante.

— Preciso apanhar alguma roupa.

— Tudo bem. Me encontre no aeroporto às seis e meia.

O ASSUNTO ESTAVA efetivamente resolvido antes da reunião começar. Onze membros do Comitê de Pessoal estavam presentes, número suficiente para o quorum. Reuniram-se a portas trancadas numa biblioteca do 60º andar, em volta de uma mesa comprida, com litros de café no centro, e levaram pastas repletas de papéis, ditafones portáteis e cansadas agendas de bolso. Um levou a secretária, que sentou no corredor, trabalhando furiosamente. Eram todos pessoas muito ocupadas, todos a menos de uma hora de um dia frenético de conferências infundáveis, reuniões, relatórios, depoimentos, julgamentos, telefones e almoços importantes. Dez homens, uma mulher, todos com trinta ou quarenta e poucos anos, todos sócios da K&B, todos com pressa de voltar às suas mesas de trabalho atulhadas de papéis.

O caso de Adam Hall era um entrave para eles. Na verdade, o Comitê de Pessoal era um entrave para eles. Não era um dos tipos mais agradáveis de mesa-redonda, mas tinham sido eleitos e ninguém ousava declinar. Tudo pela firma. Tudo pela equipe!

Adam chegou no escritório às sete e meia. Estava fora há dez dias,

sua ausência mais longa em um ano na firma. Emmitt Wycoff tinha passado seu trabalho para outro jovem contratado. Nunca havia falta de novatos na Kravitz & Bane.

Às oito horas ele estava escondido numa pequena sala de conferência nunca usada, perto da biblioteca no 60º andar. Tentava bravamente não demonstrar o nervosismo. Tomou café e leu os jornais da manhã. Parchman estava a um mundo de distância. Depois estudou a lista de nomes do Comitê de Pessoal. Não conhecia ninguém. Onze estranhos que iam jogar com seu futuro durante a próxima hora, depois votar rapidamente e voltar aos assuntos mais importantes. Wycoff abriu a porta para dizer alô, alguns minutos antes das oito. Adam agradeceu a ele por tudo, pediu desculpas por dar tanto trabalho, e ouviu a promessa de um resultado rápido e satisfatório.

Garner Goodman apareceu quando faltavam cinco para as oito.

— Parece bom — disse ele, quase num murmúrio. — Neste momento onze estão presentes. Temos a garantia de pelo menos cinco. Três dos eleitores de Rosen do subcomitê também estão aqui, mas parece que ele vai perder por um voto ou dois.

— Rosen está aqui? — perguntou Adam, sabendo a resposta, mas com esperança de que talvez o velho danado tivesse morrido durante o sono.

— É claro que está. Acho que está preocupado. Emmitt ficou no telefone ontem até as dez horas da noite. Nós temos os votos e Rosen sabe disso. — Goodman saiu.

Às oito e quinze, o presidente abriu a sessão e declarou o quorum. A demissão de Adam Hall era o único item na agenda, na verdade a única razão para aquela reunião especial. Emmitt Wycoff foi o primeiro a falar e em dez minutos fez um belo trabalho, exaltando as qualidades de Adam. De pé na cabeceira da mesa, na frente de uma estante de livros, ele falou com naturalidade, como se estivesse tentando convencer um júri. Pelo menos metade dos onze não ouviu uma palavra. Eles examinavam documentos e marcavam seus calendários.

Garner Goodman foi o seguinte. Fez um rápido sumário do caso de Sam Cayhall e com toda sinceridade disse que provavelmente Sam Cayhall seria executado dentro de três semanas. Então fez elogios a Adam, disse que talvez ele tivesse errado em não revelar seu parentesco com Sam, mas que diabo, isso foi antes e nosso caso é hoje, e o presente é muito mais importante, quando o cliente só tem três semanas de vida.

Ninguém perguntou nada a Wycoff ou a Goodman. Evidentemente as perguntas estavam sendo reservadas para Rosen.

Advogados têm memórias de longo alcance. Você corta a garganta de um deles hoje e ele espera pacientemente durante anos, até poder

retribuir o favor. Daniel Rosen tinha uma porção de favores nos corredores da Kravitz & Bane à sua espera e como sócio-gerente estava no processo de colecioná-los. Ele pisou nas pessoas, sua própria gente, durante anos. Era metido a valente, mentiroso, fanfarrão. Nos seus dias de glória era o coração e a alma da firma e sabia disso. Ninguém teria coragem de desafiá-lo. Rosen ofendia os jovens contratados e atormentava os sócios, seus companheiros. Entrava de sola nos comitês, ignorava a política da firma, roubava clientes de outros advogados da Kravitz & Bane e agora, no fim da sua carreira, estava colecionando favores.

A dois minutos da sua apresentação foi interrompido pela primeira vez por um jovem sócio que andava de moto com Emmitt Wycoff. Rosen estava andando de um lado para o outro, como se estivesse representando para um tribunal lotado, nos seus dias de glória, quando a pergunta o fez parar. Antes que pudesse pensar numa resposta sarcástica, outra pergunta o atingiu. Quando pensou ter a resposta para as duas primeiras, uma terceira surgiu do nada. A luta tinha começado.

Os três interrogadores eficientes trabalhavam em equipe e era óbvio que tinham ensaiado. Revezavam-se no ataque, com uma pergunta atrás da outra e, em menos de um minuto, Rosen estava praguejando e gritando insultos. Eles mantiveram a calma. Cada um tinha um bloco de anotações com o que parecia uma extensa lista de perguntas.

— Onde está o conflito de interesses, dr. Rosen?

— Certamente um advogado pode defender os interesses de um membro da família, certo, dr. Rosen?

— A proposta de emprego perguntou especificamente ao dr. Hall se esta firma representava os interesses de um membro da sua família?

— O senhor tem alguma coisa contra a publicidade, dr. Rosen?

— Por que considera negativa a publicidade?

— O senhor tentaria ajudar um membro da família que estivesse no corredor da morte?

— Qual a sua opinião sobre a pena de morte, dr. Rosen?

— Na verdade o senhor deseja ver Sam Cayhall executado porque ele matou judeus?

— Não acha que o senhor preparou uma armadilha para o dr. Hall?

Não era uma cena agradável. Algumas das maiores vitórias nos tribunais na história recente de Chicago pertenciam a Daniel Rosen e ali estava ele levando murros nos dentes, numa luta inglória perante um comitê. Não um júri. Não um juiz. Um comitê.

A ideia de recuar jamais entrou em sua mente. Ele forçou a barra, elevando a voz e ficando cada vez mais sarcástico. Suas respostas

ficaram pessoais e ele disse coisas desagradáveis sobre Adam.

Foi um erro. Outros entraram na luta e logo Rosen estava se debatendo como uma presa ferida, poucos passos na frente da alcatéia de lobos. Quando ficou claro que ele não ia conseguir a maioria do comitê, abaixou a voz e recobrou a compostura.

Rosen fez um sumário sobre considerações de ordem ética e sobre a necessidade de evitar a sugestão de impropriedade, evangelhos que os advogados aprendem na faculdade de direito e lançam uns contra os outros, quando lutam nos tribunais, mas que ignoram quando convém.

Quando terminou, Rosen saiu impetuosamente da sala, anotando mentalmente os nomes daqueles que tiveram a coragem de submetê-lo a um interrogatório. Ia escrever esses nomes assim que chegasse a sua mesa e um dia, bem, um dia faria alguma coisa a respeito.

Papéis, blocos e equipamento eletrônico desapareceram da mesa, restando só o café e as xícaras vazias. O presidente abriu a votação. Rosen teve cinco votos. Adam teve seis e o Comitê de Pessoal encerrou a sessão imediatamente e desapareceu.

— Seis a cinco? — disse Adam, olhando para Wycoff e Goodman, ambos aliviados mas muito sérios.

— Uma verdadeira avalanche — brincou Wycoff.

— Podia ser pior — disse Goodman. — Você podia estar desempregado.

— Por que não estou extasiado? Quero dizer, um simples voto e eu seria história.

— Na verdade não — explicou Wycoff. — Os votos foram contados antes da reunião. Rosen tinha talvez dois garantidos, e os outros ficaram com ele porque sabiam que você ia ganhar. Não imagina o trabalho de catequização que tivemos ontem à noite. Esse é o fim de Rosen. Em três meses ele está aposentado.

— Talvez antes — acrescentou Goodman. — Ele é um canhão solto. Todos estão fartos dele.

— Incluindo eu — disse Adam.

Wycoff consultou o relógio. Eram oito e quarenta e cinco e ele tinha de estar no tribunal às nove.

— Escute, Adam, preciso ir — disse, abotoando o paletó. — Quando volta para Memphis?

— Hoje, eu acho.

— Podemos almoçar? Eu gostaria de falar com você.

— Claro.

Ele abriu a porta e disse:

— Ótimo. Minha secretária telefona para você. Preciso correr. Vejo você depois.

De repente, Goodman também consultou as horas. Seu relógio

andava muito mais devagar do que os dos verdadeiros advogados da firma, mas ele também tinha compromissos.

— Estou esperando alguém no meu escritório. Eu almoço com vocês.

— Uma droga de voto — disse Adam, olhando para a parede.

— Ora, vamos, Adam. Não foi por tão pouco.

— Pois me pareceu muito pouco.

— Escute, precisamos passar algumas horas juntos antes da sua partida. Quero saber de Sam, está bem? Vamos começar com o almoço. — Abriu a porta e saiu.

Adam continuou sentado, balançando a cabeça.

VINTE E CINCO

Se Baker Cooley e os outros advogados do escritório de Memphis sabiam alguma coisa sobre a quase-demissão de Adam, não demonstraram. Eles o trataram como antes, o que equivale a dizer que continuaram reservados e procurando ficar o mais longe possível do escritório dele. Não eram indelicados porque, afinal, Adam vinha de Chicago. Sorriam quando eram obrigados e conseguiam trocar algumas palavras no corredor, quando Adam estava disposto. Mas eram advogados comerciais, com camisas engomadas e mãos macias, não acostumadas a sujeira dos processos criminais. Não frequentavam cadeias, penitenciárias ou delegacias, não discutiam com policiais, com promotores ou juízes rabugentos. Limitavam-se a trabalhar sentados às suas mesas e em volta das mesas de mogno das salas de conferência. Passavam o tempo conversando com clientes que podiam pagar centenas de dólares por hora por seu conselho e, quando não estavam conversando com clientes, estavam ao telefone ou almoçando com outros advogados, banqueiros e executivos das companhias de seguros.

Os jornais já haviam publicado o suficiente para criar ressentimentos no escritório. A maioria dos advogados ficava embaraçada vendo o nome da firma associado a um homem como Sam Cayhall. Quase nenhum deles sabia que ele fora representado pela firma de Chicago durante sete anos. Agora os amigos faziam perguntas. Outros advogados faziam piadas. As suas mulheres eram humilhadas nos chás dos clubes de jardinagem. As famílias das mulheres de advogados de repente se interessavam por suas carreiras.

Sam Cayhall e o neto em pouco tempo se tornaram uma chateação para o escritório de Memphis, mas não podiam fazer nada.

Adam sentia tudo isso, mas não se importava. Era um escritório temporário, que serviria por mais três semanas e, ele esperava, nem um dia a mais. Saiu do elevador na sexta-feira de manhã e ignorou a recepcionista que de repente ficou muito ocupada, arrumando as revistas. Falou com a secretária, uma jovem chamada Darlene, e ela entregou-lhe um recado de Todd Marks, do Memphis Press.

Adam jogou no cesto o papel rosado com a mensagem telefônica. Dependurou o paletó no cabide e começou a espalhar seus papéis na mesa. Tinha três páginas de anotações feitas durante as duas viagens de avião, de ida e volta, vários recursos similares emprestados dos arquivos de Goodman e dezenas de cópias de decisões federais.

Logo mergulhou no mundo das teorias e estratégias legais. Chicago era uma lembrança apagada.

Rollie Wedge entrou no prédio do Brinkley Plaza pelas portas da

frente que davam para o Mall. Tinha esperado pacientemente sentado a uma mesa do café, na calçada, até o Saab preto aparecer e entrar na garagem do estacionamento. Estava com camisa branca e gravata, calça listrada de algodão e mocassins. Tomando chá gelado, viu Adam chegar à calçada e entrar no prédio.

O saguão estava vazio quando Wedge examinou o quadro. Kravitz & Bane ocupava os terceiro e quarto andares. Havia quatro elevadores idênticos e ele foi até o oitavo andar. Saiu para um hall estreito. À direita ficava uma porta com o nome de uma empresa de administração de negócios, gravado em bronze, e à esquerda havia um corredor com nomes de várias firmas nas portas. Ao lado do bebedouro ficava a porta para a escada. Wedge desceu calmamente oito andares, verificando as portas ao passar. Ninguém passou por ele na escada. Entrou outra vez no saguão e subiu sozinho, por outro elevador, até o terceiro andar. Sorriu para a recepcionista, que estava ainda ocupada com as revistas e ia perguntar onde ficava a empresa de administração de negócios, quando o telefone tocou e ela atendeu. Uma porta dupla de vidro separava a recepção do hall dos elevadores. Ele foi até o quarto andar e encontrou uma porta idêntica, mas nenhuma recepcionista. A porta estava trancada. Numa parede, a direita, havia um painel de código de entrada, com nove números.

Ele ouviu vozes e saiu para a escada. A porta não tinha fechadura de nenhum lado. Wedge esperou um momento, saiu para o corredor e tomou um longo gole de água. A porta de um elevador abriu e um jovem de calça cáqui e blazer azul saiu com uma caixa de papelão debaixo do braço e um livro na mão. Foi direto para a porta da Kravitz & Bane. Cantarolando em voz alta, o rapaz não percebeu quando Wedge se aproximou. Parou, equilibrou o grosso livro de direito em cima da caixa, ficando com a mão direita livre para digitar o código. Sete, sete, três e o painel apitava em cada número. Wedge estava a poucos centímetros, olhando por cima do ombro dele.

O jovem segurou outra vez o livro e ia se voltar quando Wedge colidiu de leve com ele, dizendo “Droga! Desculpe! Eu não estava...” Wedge deu um passo para trás e olhou para as letras acima da porta.

— Esta não é a Riverbend Trust — disse, confuso.

— Não. Aqui é a Kravitz & Bane.

— Que andar é este? — perguntou Wedge. Alguma coisa estalou e a porta abriu.

— Quarto. A Riverbend fica no oitavo.

— Desculpe — disse Wedge outra vez, embaraçado e quase patético. — Acho que desci no andar errado.

O jovem franziu a testa, balançou a cabeça e empurrou a porta.

— Desculpe — disse Wedge pela terceira vez, recuando.

A porta fechou e o rapaz desapareceu. Wedge tomou o elevador

para o saguão e saiu do prédio.

Wedge saiu do centro e seguiu para nordeste durante dez minutos, até chegar a uma parte da cidade cheia de conjuntos habitacionais. Entrou na estrada estreita que levava à Casa Amarela e um guarda o fez parar. Estava só dando a volta, explicou, perdido outra vez e pedia desculpas. Saiu de marcha à ré para a rua e viu o Jaguar cor de vinho de Lee Booth estacionado entre dois carros pequenos.

Seguiu na direção do rio, para o centro outra vez e vinte minutos depois parou na frente de um armazém abandonado, no alto do penhasco. Sentado no carro, trocou a camisa branca por outra creme com barra azul nas mangas e o nome Rusty bordado acima do bolso. Então saiu do carro com passos rápidos e silenciosos, foi até o lado do prédio, desceu uma rampa cheia de mato que terminava numa moita de arbustos. À sombra de uma árvore pequena, parou para tomar fôlego e se proteger do sol escaldante. À sua frente estava um pequeno campo de relva bermuda, espessa e verde, muito bem cuidada e mais além uma fileira de vinte condomínios luxuosos na beirada do rochedo. Uma cerca de tijolos e ferro interrompeu seu caminho, e ele a estudou pacientemente escondido na moita.

O estacionamento ficava ao lado dos condomínios, com um portão fechado que dava para a via única de entrada e saída. Na guarita quadrada, com ar-condicionado, um guarda uniformizado vigiava. Havia poucos carros no estacionamento. Eram quase dez horas da manhã. Ele via a silhueta do guarda através do vidro escuro.

Ignorando a cerca, Wedge preferiu entrar pelo lado do rochedo. Arrastou-se ao longo de uma cerca viva, agarrando maços de relva para não despencar de uma altura de vinte metros na estrada Riverside lá embaixo. Passou rapidamente sob as sacadas em madeira, alguns dependurados no ar a três metros do abismo. Parou no sétimo bloco do condomínio e saltou para a varanda.

Descansou por um momento numa cadeira de vime, manuseando um cabo externo, como se estivesse fazendo um trabalho de rotina. Ninguém estava olhando. Para aquela gente rica a privacidade era importante, pagavam caro por ela e cada pequeno terraço era escondido do outro por tábuas decorativas e todo tipo de trepadeiras. Sua camisa estava molhada de suor e grudada nas costas.

A porta de correr, de vidro, que levava da varanda à cozinha estava trancada, é claro, mas a fechadura simples não o deteve por menos de um minuto. Wedge a abriu sem destruí-la ou deixar marca e depois olhou em volta antes de entrar. Agora vinha a parte mais difícil. Sem dúvida havia um sistema de segurança, provavelmente com contatos em todas as janelas e portas. Como não havia ninguém em casa, era quase certo que estava ativado. A questão era qual seria a intensidade do barulho quando abrisse uma porta. Seria um alarme

silencioso ou uma sirene estridente?

Wedge respirou fundo e empurrou cautelosamente a porta. Não foi recebido por nenhuma sirene. Olhou para o monitor acima da porta, e entrou.

O relé alertou imediatamente Willis, o guarda do portão, que ouviu um bipe nervoso, mas não muito alto, na tela do monitor. Olhou para a luz vermelha que piscava no número 7, a casa de Lee Booth, e esperou que parasse. A sra. Booth tropeçava no seu alarme pelo menos uma vez por mês, a média normal para o rebanho que ele guardava. Verificou sua papeleta e notou que a sra. Booth tinha saído às nove e quinze. Mas ocasionalmente a sra. Booth tinha hóspedes, em geral homens e agora o sobrinho estava passando um tempo na casa dela, por isso Willis observou a luz vermelha por quarenta e cinco segundos até ela parar de piscar e se fixar permanentemente na posição ON.

Isso não era comum, mas não era caso para pânico. Aquela gente vivia entre muros altos e pagava guardas armados dia e noite, portanto não dava muita atenção aos sistemas de alarme. Willis discou rapidamente o número da sra. Booth e ninguém atendeu. Apertou um botão ligando a gravação que pedia auxílio da polícia. Abriu a gaveta das chaves e apanhou a do número 7, saiu

da casa da guarda e atravessou rapidamente o estacionamento na direção da unidade da sra. Booth. Soltou o fecho do coldre para tirar a arma, se fosse preciso.

Rollie Wedge entrou na casa da guarda e viu a gaveta aberta. Tirou um conjunto marcado com o número 7, além do cartão com instruções e o código do alarme e por segurança apanhou também as chaves e os cartões das unidades 8 e 13, só para confundir Willis e a polícia.

VINTE E SEIS

PRIMEIRO ELES foram prestar seus respeitos aos mortos. O cemitério ficava em duas pequenas colinas na periferia de Clanton, uma delas repleta de jazigos trabalhados e monumentos grandiosos, onde há muito tempo as famílias importantes estavam enterradas, com seus nomes gravados em granito. Na outra colina ficavam os túmulos mais recentes e com o passar do tempo no Mississippi, os jazigos foram diminuindo de tamanho. Carvalhos majestosos e olmos davam sombra a quase todo o cemitério. A grama era baixa, bem aparada e os arbustos cuidados. Havia azaleias por toda parte. Clanton dava prioridade às suas lembranças.

Era um belo domingo, sem nuvens e uma brisa leve que soprava desde a noite expulsava a umidade. A chuva estava longe e as colinas vicejavam cobertas de folhagem e flores silvestres. Lee ajoelhou na frente do túmulo da mãe e pôs o pequeno buquê de flores sob o nome gravado na pedra. Fechou os olhos e Adam, de pé atrás dela, olhou para a laje. Anna Gates Cayhall, 3 de setembro, 1922 — 18 de setembro, 1977. Adam fez as contas. Tinha cinquenta e cinco anos quando morreu, portanto ele tinha treze, ainda vivendo na bendita ignorância, no sul da Califórnia.

Ela foi enterrada sozinha, sob uma laje simples, o que apresentou um pequeno problema. Companheiros de uma vida geralmente são enterrados lado a lado, pelo menos no sul, o primeiro ocupando o primeiro túmulo, debaixo da mesma laje. O sobrevivente, cada vez que visita o túmulo, vê seu nome com a data de nascimento já gravados, à sua espera.

— Papai tinha cinquenta e seis quando mamãe morreu — explicou Lee, segurando a mão de Adam e afastando-se um pouco do túmulo.

— Eu queria que ele a enterrasse num terreno onde ele pudesse juntar-se a ela mais tarde, mas ele não quis. Creio que achava que tinha ainda alguns anos de vida e podia casar de novo.

— Você me disse uma vez que ela não gostava de Sam.

— Tenho certeza de que ela o amava de certo modo, eles viveram juntos quase quarenta anos. Mas nunca foram muito unidos. Quando cresci tive certeza de que ela não gostava da companhia dele. Às vezes ela me fazia confidências. Era uma moça simples do campo, que casou muito cedo, teve filhos, ficou em casa com eles e devia obedecer ao marido. Isso era comum naquele tempo. Acho que minha mãe foi frustrada durante toda a vida.

— Talvez não quisesse Sam ao lado dela por toda eternidade.

— Pensei nisso. Na verdade, Eddie queria que ficassem separados, um em cada extremidade do cemitério.

— Eddie estava certo.

— E ele falava sério.

— Quanto ela sabia sobre Sam e a Klan?

— Não tenho ideia. Nunca falamos sobre isso. Lembro que ela ficou humilhada quando meu pai foi preso. Chegou a passar algum tempo com Eddie, com vocês, para evitar os repórteres.

— E ela não assistiu a nenhum dos julgamentos?

— Não. Ele não quis. Minha mãe tinha pressão alta e Sam usou isso como desculpa para impedir que ela fosse ao tribunal.

Caminharam pela passagem estreita para a antiga parte do cemitério. De mãos dadas, olhavam para os túmulos e jazigos. Lee apontou uma fileira de árvores, em outra colina, no outro lado da rua.

— É lá que os negros são enterrados. Debaixo daquelas árvores. É um pequeno cemitério.

— Não acredito. Ainda hoje?

— Claro, você sabe, mantenha-os no seu lugar. Essa gente não suporta a ideia de um negro enterrado entre seus antepassados.

Adam balançou a cabeça, incrédulo. Subiram a colina e descansaram debaixo de um carvalho. As fileiras de lajes verticais estendiam-se pacificamente lá embaixo. A cúpula do prédio do tribunal de Ford County cintilava ao sol a poucas quadras do cemitério.

— Eu brincava aqui quando era pequena — disse ela, em voz baixa. Apontou para a direita, para o norte. — A cidade sempre comemora o 4 de Julho com fogos de artifício, os melhores lugares do teatro estão aqui, no cemitério. Há um parque lá embaixo, onde eles soltam os fogos. Nós pegávamos as bicicletas e vínhamos para a cidade, para ver a parada, nadar na piscina municipal e brincar com nossos amigos. Então, assim que anoitecia, nos reuníamos aqui, no meio dos mortos, sentados nos túmulos para ver os fogos. Os homens ficavam tomando cerveja e as mulheres com seus bebês. Nós corríamos a pé e de bicicleta por todo o cemitério.

— Você e Eddie?

— É claro. Eddie era um irmão caçula normal, chato como o diabo às vezes, mas muito querido. Sinto falta dele, sabe? Sinto muita falta dele. Durante muitos anos estivemos distanciados, mas quando volto para esta cidade, tenho saudades do meu irmãozinho.

— Eu também sinto falta dele.

— Nós dois viemos até aqui, exatamente onde estamos agora, na noite em que ele se formou no ginásio. Eu tinha passado dois anos em Nashville e voltei porque ele queria que eu assistisse à sua formatura. Tomamos uma garrafa de vinho barato. Acho que foi a primeira vez que ele bebeu. Nunca vou esquecer. Sentamos aqui no túmulo de Emil Jacob e tomamos vinho até esvaziar a garrafa.

— Em que ano foi isso?

— Mil novecentos e sessenta e um, eu acho. Ele queria entrar para o exército para sair de Clanton e ir para longe de Sam. Eu não queria o meu irmão no exército e nós discutimos até o nascer do sol.

— Ele estava confuso?

— Eddie tinha dezoito anos, provavelmente tão confuso quanto a maioria dos garotos que terminam o ginásio. Tinha medo do que podia acontecer a ele se ficasse em Clanton, medo de que alguma falha genética se manifestasse e ele ficasse igual a Sam. Outro Cayhall com um capuz. Estava desesperado para sair daqui.

— Mas você saiu logo que foi possível.

— Sim, eu sei, mas eu era mais forte do que Eddie, pelo menos aos dezoito anos. Não me conformava com a ideia de ele partir com essa idade. Assim, tomamos o vinho e tentamos tomar o controle das nossas vidas.

— Meu pai alguma vez teve o controle da própria vida?

— Eu duvido, Adam. Nós dois éramos atormentados por nosso pai e pelo ódio à família dele. Há certas coisas que espero que você nunca venha a saber, histórias que eu rezo para que nunca sejam contadas. Acho que eu as afastei da minha vida, mas Eddie não conseguiu.

Lee segurou a mão dele outra vez e saíram da sombra para o sol, descendo a trilha de terra na direção do cemitério mais novo.

Lee parou e apontou para uma fileira de pequenas lajes.

— Aqui estão nossos bisavós, com as tias, tios e outros Cayhall.

Adam contou oito ao todo. Leu os nomes e as datas e recitou em voz alta os versos, os trechos do Evangelho e as palavras de adeus gravadas no granito.

— Há muitos outros fora da cidade — disse Lee. — A maior parte dos Cayhall era originária de Karaway, a vinte e cinco quilômetros daqui. Eram pessoas do campo, e foram enterrados atrás das igrejas rurais.

— Você veio ao cemitério quando estes foram enterrados?

— Só alguns. Não é uma família unida, Adam. Alguns deles estavam mortos há anos quando fiquei sabendo que tinham existido.

— Por que sua mãe não foi enterrada aqui?

— Porque ela não quis. Ela sabia que ia morrer e escolheu o lugar. Nunca se considerou uma Cayhall. Ela era uma Gates.

— Mulher inteligente.

Lee arrancou um punhado de mato do túmulo da avó e passou o dedo sobre as letras do nome de Lydia Newsome Cayhall, morta em 1961, aos setenta e dois anos.

— Lembro-me bem dela — disse Lee, ajoelhando na grama.

Uma boa cristã, uma boa mulher. Ia rolar no túmulo se soubesse que seu terceiro filho está no corredor da morte.

— E ele? — perguntou Adam, apontando para o túmulo do marido de Lydia, Nathaniel Lucas Cayhall, morto em 1952, com sessenta e quatro anos.

A expressão, carinhosa desapareceu do rosto de Lee.

— Um velho malvado — disse ela. — Tenho certeza de que se orgulharia de Sam. Nat, como era conhecido, foi morto durante um enterro.

— Um enterro?

— Sim. Por tradição, funerais eram ocasiões sociais por aqui. Eram precedidos por longas vigílias, com muita visita e muita comida. E bebida. A vida era dura na área rural do sul e os funerais muitas vezes se transformavam em brigas de bêbados. Nat era muito violento e provocou uma briga com os homens errados, logo depois de um funeral. Eles o espancaram até a morte com um pedaço de pau.

— Onde estava Sam?

— Bem no meio da coisa toda. Foi espancado também, mas sobreviveu. Eu era pequena e lembro ainda do enterro de Nat. Sam estava no hospital e não pôde comparecer.

— Ele se vingou?

— É claro.

— Como?

— Nada foi provado, mas alguns anos mais tarde os dois homens que mataram Nat de pancada saíram da prisão. Apareceram rapidamente por aqui, e depois sumiram. Um corpo foi encontrado meses mais tarde em Milburn County. Morto a pancadas, é claro. O outro homem nunca foi encontrado. A polícia interrogou Sam e os irmãos dele, mas não tinha provas.

— Você acha que foi ele?

— É claro que foi. Ninguém se metia com os Cayhall naquele tempo. Tinham a fama de meio loucos e malvados como o diabo.

Deixaram os túmulos da família e continuaram pela passagem.

— Assim, Adam, a questão agora é, onde vamos enterrar Sam?

— Acho que devemos enterrá-lo lá adiante, com os negros. Seria uma boa lição.

— Por que acha que eles iam querer?

— Boa pergunta.

— Falo sério.

— Sam e eu ainda não chegamos a esse ponto.

— Acha que ele vai querer ser enterrado aqui? Em Ford Country?

— Eu não sei. Não discutimos isso, por motivos óbvios. Ainda há esperança.

— Quanta?

— Um pequeno vestígio. O bastante para continuar a luta.

Saíram do cemitério e continuaram a pé pela rua tranquila com

calçadas gastas e carvalhos antigos. As casas eram antigas e bem pintadas, com longas varandas e gatos descansando nos degraus da frente. Crianças corriam de bicicleta e skates e os velhos balançavam nas cadeiras e acenavam lentamente.

— Este é o velho cenário da minha infância, Adam — disse Lee. Estava com as mãos nos bolsos da calça, os olhos orvalhados de lembranças tristes e agradáveis ao mesmo tempo. Olhava para cada casa como se estivesse estado nela quando pequena e lembrasse ainda da menina que era sua amiga. Ouvia os risos abafados e as risadas descontraídas, os brinquedos tolos e as brigas sérias das crianças de dez anos.

— Foram dias felizes? — Adam perguntou.

— Eu não sei. Nunca moramos na cidade, por isso éramos conhecidos como meninos do campo. Eu sempre quis morar numa dessas casas, com amigos vizinhos e a poucas quadras de nós. As crianças da cidade se consideravam melhores do que nós, mas isso não representava um grande problema. Minhas melhores amigas moravam aqui e eu passei longas horas brincando nestas ruas, subindo nestas árvores. Sim, acho que foram bons tempos. As lembranças da casa no campo não são agradáveis.

— Por causa de Sam?

Uma velha senhora com um vestido estampado e um grande chapéu de palha estava varrendo os degraus na frente da casa quando eles se aproximaram. Olhou para eles e ficou imóvel. Lee diminuiu o passo e parou na calçada. Olhou para a mulher e a mulher olhou para ela.

— Bom dia, sra. Langston — disse Lee, amavelmente, com a fala arrastada do sul.

A sra. Langston segurou com força o cabo da vassoura, empertigou o corpo e limitou-se a olhar.

— Eu sou Lee Cayhall. Lembra-se de mim? — disse Lee.

Quando o nome Cayhall soou no ar, Adam instintivamente olhou para os lados para ver se alguém tinha ouvido. Certamente ia ficar embaraçado se o nome chegasse a outros ouvidos. Se a sra. Langston lembrava de Lee, não demonstrou. Limitou-se a um delicado e rápido movimento da cabeça para cima e para baixo, bastante constrangida, como quem diz, “Bom dia para você. Agora, vá embora.”

— É um prazer vê-la outra vez — disse Lee, recomeçando a andar. A sra. Langston subiu rapidamente os degraus e entrou na casa. — Eu saía com o filho dela no ginásio — disse Lee, balançando a cabeça, incrédula.

— Ela ficou encantada em ver você.

— Ela sempre foi meio esquisita — disse Lee, sem convicção. — Ou talvez tenha medo de falar com uma Cayhall. Medo do que os

vizinhos podem dizer.

— Acho que seria melhor ficarmos incógnitos o resto do dia. O que acha?

— Combinado.

Passaram por outras pessoas que cuidavam das flores ou esperavam o carteiro, mas não falaram com ninguém. Lee pôs os óculos escuros. Andaram a esmo na direção geral da praça central, falando sobre os antigos amigos de Lee e onde eles estavam agora. Ela mantinha contato com duas amigas de infância, uma em Clanton, a outra no Texas. Evitaram a história da família até chegarem a uma rua com casas menores de madeira muito próximas umas das outras. Pararam na esquina e Lee indicou a rua com um movimento da cabeça.

— Está vendo a terceira casa à direita, a pequena, marrom?

— Sim.

— Era lá que você morava. Podíamos ir até ela, mas vejo que está ocupada.

Duas crianças com armas de brinquedo estavam no jardim e alguém se balançava na varanda estreita. Era uma casa quadrada, pequena, bem cuidada, perfeita para um casal jovem com filhos.

Adam tinha quase três anos quando Eddie e Evelyn desapareceram e, parado ali na esquina, ele tentou desesperadamente lembrar alguma coisa daquela casa. Não conseguiu.

— Era pintada de branco naquele tempo, e as árvores eram menores, é claro. Eddie a alugou de uma corretora local.

— Era bonita?

— Bastante. Eles estavam casados há pouco tempo. Eram duas crianças com um filho. Eddie trabalhava numa loja de autopeças, depois trabalhou no departamento de estradas de rodagem. Então, passou para outro emprego.

— Me parece familiar.

— Evelyn trabalhava meio expediente numa joalheria, na praça. Acho que eles eram felizes. Ela não era daqui, você sabe, por isso não conhecia muita gente. Eles viviam bastante isolados.

Passaram pela casa e uma das crianças apontou uma metralhadora cor de laranja para Adam. Ele não tinha nenhuma lembrança para evocar naquele momento. Sorriu para a criança e seguiu seu caminho. Entraram em outra rua de onde se via a praça.

Então Lee de repente assumiu o papel de guia turístico e historiadora. Os ianques tinham incendiado Clanton em 1863, os desgraçados, e depois da guerra, o general Clanton, um herói confederado cuja família era dona do condado, voltou, só com uma perna, a outra perdida em algum campo de batalha em Shiloh, e projetou o novo prédio do tribunal de justiça e as ruas em volta dele.

Seus desenhos originais estavam na parede do segundo andar do tribunal. Ele queria muita sombra, por isso plantou fileiras perfeitas de carvalhos em volta do prédio. Era um homem de visão, que podia ver a pequena cidade erguendo-se das cinzas e prosperando, por isso desenhou as ruas formando um quadrado perfeito em volta do prédio do tribunal de justiça. Disse que acabavam de passar pelo túmulo do grande homem e que ela o mostraria a Sam mais tarde.

Ao norte da cidade havia um shopping e a leste uma série de supermercados, mas o povo de Ford County gostava ainda de fazer compras em volta da praça nas manhãs de sábado, ela explicou enquanto andavam pela calçada perto da rua Washington. O tráfego de automóveis era lento e os pedestres mais lentos ainda. Os prédios eram velhos e muito juntos, repletos de advogados e agentes de seguros, bancos e cafés, lojas de ferragens e de roupas. A calçada era coberta por toldos, marquises e varandas dos escritórios e lojas. Ventiladores barulhentos e baixos giravam preguiçosamente. Pararam na frente de uma farmácia antiga e Lee tirou os óculos escuros.

— Aqui era um dos nossos pontos de reunião — explicou.

— Havia uma lanchonete atrás com vitrolas automáticas e prateleiras com revistas infantis. Podíamos comprar por um níquel um enorme sundae de morango que levávamos horas para tomar. Demorávamos mais ainda quando os meninos estavam aqui.

Como um filme, pensou Adam. Pararam na frente da loja de ferragens e sem saber bem por que, examinaram os ancinhos, as pás e as picaretas no lado de dentro da vitrine. Lee olhou para as portas duplas muito velhas, mantidas abertas por tijolos, e lembrou de algo da sua infância. Mas não disse nada.

Atravessaram a rua, de mãos dadas, e passaram por um grupo de velhos que aparavam pedaços de madeira com canivetes e mascavam tabaco, sentados em volta do monumento. Lee indicou a estátua com um movimento da cabeça e informou que aquele era o general Clanton, com as duas pernas. O tribunal não funcionava aos sábados. Compraram refrigerantes numa máquina, no lado de fora, e foram tomar num quiosque no jardim. Ela contou a história do mais famoso julgamento de Ford County, o julgamento de Carl Lee Hailey, por homicídio, em 1984. Carl Lee Hailey era negro e matou dois fazendeiros brancos que violentaram sua filha. Houve passeatas e protestos dos negros, de um lado, e da Klan, do outro, e a Guarda Nacional acampou nos jardins do tribunal para manter a paz. Lee fora de carro de Memphis um dia para ver o espetáculo. Ele foi declarado inocente por um júri só de brancos.

Adam lembrava do julgamento. Estava no segundo ano da faculdade e acompanhou pelos jornais, porque estava acontecendo na sua cidade natal.

Quando Lee era pequena, divertimentos eram raros e julgamentos tinham sempre um grande público. Sam certa vez levou os dois filhos para assistir ao julgamento de um homem acusado de matar um cão de caça. Foi julgado culpado e passou um ano na prisão. O condado se dividiu — os moradores da cidade eram contra a condenação por um crime tão sem importância, ao passo que os que moravam no campo davam grande valor a um bom beagle. Sam especialmente ficou muito satisfeito com a condenação.

Lee queria mostrar mais uma coisa. Foram para a porta dos fundos do prédio do tribunal onde havia dois bebedouros a três metros e meio um do outro. Há muito tempo não eram usados.

Um era para os brancos, o outro para os negros. Ela lembrou da história de Rosia Alfie Gatewood, Miss Allie, como era chamada, a primeira pessoa negra a usar o bebedouro dos brancos e escapar ilesa. Logo depois disso, a água foi cortada.

Sentaram a uma mesa num café lotado conhecido como Tea Shoppe, no lado oeste da praça. Lee contou histórias, todas agradáveis, algumas engraçadas, enquanto comiam sanduíches enormes e batatas fritas. Ela estava outra vez com os óculos escuros e Adam percebeu que observava disfarçadamente as pessoas no café.

Saíram de Clanton depois do almoço e depois de um passeio de volta ao cemitério. Adam dirigia o carro e Lee mostrava uma coisa e outra, até entrarem na estrada que passava por pequenas fazendas com vacas pastando nas encostas. Passaram por um ou outro grupo de “lixo branco” — trailers duplos quase em ruínas com carros velhos espalhados em volta — e por barracos miseráveis ainda habitados por negros. Mas o campo com as colinas era bonito e o dia estava lindo.

Ela apontou outra vez e entraram numa estrada mais estreita, pavimentada e sinuosa, que se embrenhava mato adentro. Pararam na frente de uma casa branca de madeira, abandonada, com mato crescendo na varanda e a hera subindo pelas janelas, bicava a cinquenta metros da estrada e a passagem de cascalho que levava até ela estava intransitável, cheia de mato e carrapicho. Mal se via a caixa de correspondência na vala, ao lado da estrada.

— A propriedade Cayhall — murmurou ela e ficaram um longo tempo sentados no carro, olhando para a casa pequena e tristonha.

— O que aconteceu com ela? — Adam perguntou, finalmente.

— Oh, era uma boa casa. Mas não teve muita chance. As pessoas a desapontaram. — Tirou os óculos e enxugou os olhos. — Eu morei aqui dezoito anos e mal podia esperar para ir embora.

— Por que foi abandonada?

Lee respirou fundo e tentou organizar a história.

— Acho que estava paga há muitos anos, mas meu pai a hipotecou para pagar os advogados do seu último julgamento. Ele, é claro, nunca

voltou e o banco depois de algum tempo executou a hipoteca. Tem quarenta hectares de terreno e tudo foi perdido. É a primeira vez que a vejo depois que o banco tomou posse. Pedi a Phelps para comprá-la, mas ele se recusou. Não posso culpá-lo. Na verdade eu não a queria. Mais tarde alguns amigos me contaram que foi alugada várias vezes e acho que, finalmente, abandonada. Eu nem sabia que estava ainda de pé.

— O que aconteceu com os bens pessoais?

— Um dia antes da execução da hipoteca, o banco me permitiu tirar o que quisesse. Guardei algumas coisas — fotografias, álbuns, lembranças, livros do ano dos colégios, Bíblias, alguns objetos de valor da minha mãe. Estão num depósito em Memphis.

— Eu gostaria de ver.

— Nenhuma peça de mobília valia a pena ser guardada. Minha mãe estava morta, meu irmão acabava de cometer suicídio, meu pai acabava de ser mandado para o corredor da morte e eu não estava disposta a guardar lembranças. Foi uma experiência horrível, andar na casa suja, tentando salvar objetos que algum dia podiam provocar um sorriso. Que diabo, eu queria queimar tudo. Quase queimei.

— Não fala sério.

— É claro que falo. Depois de umas duas horas aí dentro, resolvi queimar a maldita casa e tudo que ela continha. Acontece sempre, sabia? Encontrei uma lanterna velha com um pouco de querosene e sentei ao lado da mesa da cozinha, falando o tempo todo, enquanto preparava tudo. Teria sido fácil.

— Por que não queimou?

— Não sei. Gostaria de ter tido coragem, mas pensei no banco e na hipoteca e tudo o mais, bem, incêndio culposos é crime, não é? Lembro que eu ri com a ideia de ir para a prisão, fazer companhia ao Sam. Por isso não risquei o fósforo. Fiquei com medo de ir para a cadeia.

O carro estava quente e Adam abriu a porta no seu lado.

— Quero olhar um pouco — disse ele, saindo.

Abriam caminho no meio do mato, saltando sobre valas de cinquenta centímetros de profundidade. Pararam na varanda e olharam para as tábuas apodrecidas.

— Eu não vou entrar — disse ela, com firmeza, tirando a mão da dele.

Adam examinou a varanda e resolveu não pisar nela. Andou pela frente da casa, olhando pelas janelas quebradas, com as trepadeiras que desapareciam lá dentro. Seguiu a trilha estreita em volta e Lee foi atrás.

O terreno nos fundos era sombreado por velhos carvalhos e bordos e o solo estava limpo, onde o sol não alcançava. Estendia-se por duzentos metros até uma rampa leve, que terminava numa pequena

mata. Era todo cercado por bosques.

Lee segurou a mão dele outra vez e andaram até uma árvore ao lado de um barracão de madeira que estranhamente estava muito mais conservado do que a casa.

— Esta era a minha árvore — disse ela, olhando para cima.

Minha nogueira — acrescentou com um ligeiro tremor na voz.

— É uma bela árvore.

— Maravilhosa de se subir. Eu passava horas aqui, sentada naqueles galhos, balançando os pés, com o queixo apoiado num ramo. Na primavera e no verão, subia até o meio e ninguém podia me ver. Tinha meu pequeno mundo particular lá em cima.

Lee fechou os olhos e cobriu a boca com a mão. Seus ombros estremeceram. Adam passou o braço pelos ombros dela, tentando encontrar alguma coisa para dizer.

— Foi aqui que aconteceu — disse ela, depois de um momento. Mordeu os lábios, procurando controlar as lágrimas.

Adam ficou calado.

— Certa vez você me perguntou sobre uma história — disse ela, com os dentes cerrados, enxugando o rosto com as costas da mão. — A história de como meu pai matou um negro. — Indicou a casa com uma inclinação da cabeça e pôs as mãos trêmulas nos bolsos.

Durante um minuto eles olharam para a casa, em silêncio. A única porta dos fundos dava para uma varanda pequena e quadrada, com uma grade baixa. O único som era da brisa leve nas folhas das árvores.

Lee respirou fundo e disse:

— O nome dele era Joe Lincoln e morava mais adiante, na estrada, com a família. — Inclinou a cabeça na direção do que restava de uma trilha de terra que acompanhava um campo e desaparecia no bosque. — Joe tinha uns doze filhos.

— Quince Lincoln? — perguntou Adam.

— Sim. Como sabe?

— Sam mencionou o nome dele outro dia, quando falávamos sobre Eddie. Disse que Quince e Eddie eram amigos quando pequenos.

— Não falou sobre o pai de Quince, falou?

— Não.

— Foi o que pensei. Joe trabalhava para nós, na fazenda, e sua família morava num barraco que também nos pertencia. Era um bom homem, com uma família grande e, como a maioria dos negros, tinham apenas o suficiente para sobreviver. Eu conhecia alguns dos seus filhos, mas não era amiga de nenhum deles como Quince e Eddie. Um dia os meninos estavam brincando aqui, no terreno atrás da casa. Era verão e estávamos de férias. Começaram a discutir por causa de um pequeno brinquedo, um soldado confederado, e Eddie disse que Quince o tinha roubado. Coisa de criança, você sabe. Acho que eles

tinham oito ou nove anos. Papai passou por perto e Eddie correu para ele dizendo que Quince tinha roubado o brinquedo. Quince negou enfaticamente. Os dois meninos estavam muito zangados e quase chorando. Sam, tipicamente, teve um acesso de fúria e começou a gritar com Quince, chamando-o de “negrinho ladrão”, “negrinho miserável filho da mãe” e coisas assim. Sam exigiu que ele entregasse o soldado de brinquedo e Quince começou a chorar. O menino repetia que não estava com ele e Eddie afirmava que estava. Sam agarrou o menino, sacudiu violentamente e começou a dar palmadas no traseiro dele. Sam gritava, esbravejava e xingava e Quince chorava e implorava para ele parar. Deram algumas voltas no terreno, Sam batendo sem parar. Por fim Quince se libertou e correu para casa. Eddie também correu para a nossa casa e Sam foi atrás dele. Um pouco depois, Sam saiu por aquela porta com uma bengala, que pôs cuidadosamente no chão da varanda. Então sentou nos degraus e esperou pacientemente. Fumou um cigarro, vigiando a trilha. A casa dos Lincoln não ficava longe e não demorou para Joe aparecer correndo, vindo daquelas árvores ali, com Quince atrás. Quando chegou perto, ele viu meu pai e começou a andar devagar. Papai gritou para dentro da casa, “Eddie! Venha cá! Venha ver a sova que vou dar neste negro!”

Lee começou a andar vagarosamente para a casa e parou a poucos passos da varanda.

— Quando Joe chegou bem aqui, ele parou e olhou para Sam. Disse alguma coisa como “Sr. Sam, Quince disse que o senhor bateu nele”. E meu pai respondeu, “Quince é um negrinho ladrão, Joe. Devia ensinar seu filho a não roubar”. Começaram a discutir e logo ficou claro que ia haver uma luta. De repente Sam ficou de pé e atacou. Caíram no chão, bem ali, lutando como gatos. Joe era alguns anos mais moço e mais forte, mas meu pai estava tão furioso que nenhum parecia levar vantagem. Eles praguejavam, se esmurravam e davam pontapés como dois animais. — Lee parou de falar, olhou em volta e então apontou para a porta dos fundos da casa. — Eddie saiu para a varanda para ver a luta. Quince estava mais perto, gritando para o pai. Sam correu para a varanda, apanhou a bengala e a luta ficou desigual. Golpeou Joe no rosto e na cabeça até ele cair de joelhos, e então golpeou a barriga e a virilha dele com a ponta da bengala até ele não poder mais se mexer. Joe olhou para Quince e gritou para ele ir apanhar sua espingarda. Quince saiu correndo. Sam parou de bater e voltou-se para Eddie, “Traga a minha espingarda”, disse ele. Eddie ficou imóvel e papai gritou outra vez. Joe estava no chão, de quatro, tentando se levantar e quando estava quase conseguindo, Sam o atacou outra vez, derrubando-o. Eddie entrou e Sam foi até a varanda. Eddie voltou com a espingarda e papai o mandou entrar em casa. A

porta se fechou.

Lee deu alguns passos e sentou na beirada da varanda. Cobriu o rosto com as mãos e chorou por um longo tempo. Adam, a alguns passos dela, ficou parado, ouvindo os soluços, olhando para o chão. Quando finalmente ela descobriu o rosto, o rímel descia dos olhos e o nariz estava pingando. Lee enxugou o rosto com as mãos, passou-as na calça jeans e disse:

— Desculpe.

— Termine, por favor — disse ele, rapidamente.

Lee respirou profundamente algumas vezes, depois tornou a enxugar os olhos.

— Joe estava ali — disse, apontando para um ponto na relva, não muito longe de Adam. — Consegui ficar de pé e quando se voltou vi meu pai com a arma. Olhou na direção da sua casa mas não viu nem sinal de Quince com a espingarda. Virou outra vez para meu pai, que estava de pé bem ali, perto da varanda. Então meu querido e doce pai ergueu a arma lentamente, hesitou por um segundo, olhou em volta para ver se alguém estava vendo e puxou o gatilho. Simplesmente. Joe caiu e ficou imóvel.

— Você viu tudo isso, não viu?

— Sim, eu vi.

— Onde estava?

— Lá em cima. — Indicou só com a cabeça, sem apontar. — Na minha nogueira, escondida do mundo.

— Sam podia ver você?

— Ninguém podia me ver e eu vi a coisa toda. — Cobriu os olhos com as mãos, lutando contra as lágrimas.

Adam levantou do chão da varanda e sentou ao lado dela.

Lee olhou para longe.

— Ele olhou para Joe por um minuto, pronto para atirar outra vez, se fosse necessário. Mas Joe não se moveu. Estava morto. Da minha árvore eu via o sangue em volta da cabeça dele, na grama. Lembro-me de enterrar as unhas na casca da árvore para não cair e lembro-me de que queria chorar, mas tinha medo. Não queria que ele me ouvisse. Então, Quince apareceu. Tinha ouvido o tiro e estava chorando. Correndo como louco e chorando e quando viu o pai no chão, começou a gritar como qualquer criança faria. Meu pai ergueu a arma outra vez e por um segundo eu tive certeza de que ia atirar no menino. Mas Quince atirou a espingarda de Joe no chão e correu para o pai, chorando e gemendo. Estava com uma camisa clara que logo ficou cheia de sangue. Sam apanhou a arma de Joe e entrou em casa levando as duas espingardas.

Lee levantou-se e deu alguns passos lentos.

— Quince e Joe estavam bem aqui — disse, marcando o lugar com

o pé. — Quince segurou a cabeça do pai contra o peito, com sangue por toda parte, gemendo como um animal agonizante. — Voltou-se e olhou para a árvore. — E lá estava eu, sentada como um passarinho, chorando também. Naquele momento eu odiei profundamente meu pai.

— Onde estava Eddie?

— Dentro de casa, no quarto, com a porta trancada. —

Apontou para uma janela com vidros quebrados e sem as venezianas de madeira. — Aquele era o quarto dele. Mais tarde ele me contou que olhou para fora quando ouviu o tiro e viu Quince abraçando o pai. Então, Ruby Lincoln chegou correndo com uma porção de filhos atrás. Todos ajoelharam no chão em volta de Quince e Joe, foi horrível. Eles gritavam e choravam, dizendo para Joe levantar, para por favor não morrer.

“Sam entrou e chamou uma ambulância. Telefonou também para um dos seus irmãos, Albert, e uns dois vizinhos. Logo o quintal estava cheio de gente. Sam e seu bando ficaram na varanda, com suas armas, vigiando a família de Joe que o tinham arrastado para debaixo daquela árvore — apontou para um carvalho. — Depois de uma eternidade a ambulância chegou e levou o corpo. Ruby e os filhos voltaram para casa e meu pai e seus amigos deram boas risadas na varanda.”

— Quanto tempo você ficou na árvore?

— Eu não sei. Logo que todos se foram, desci e corri para o bosque. Eddie e eu tínhamos um lugar favorito, ao lado de um regato e eu sabia que logo iria me procurar lá. Ele foi. Estava assustado e ofegante, contou o que tinha acontecido e eu disse que tinha visto tudo. Eddie só acreditou quando eu descrevi os detalhes. Nós estávamos morrendo de medo. Então Eddie tirou do bolso o soldadinho confederado, a causa de toda a briga. Disse que o encontrou debaixo da cama e imediatamente se convenceu de que era o culpado de tudo. Juramos guardar segredo. Ele prometeu que jamais contaria para ninguém que eu tinha visto o crime e eu prometi não contar que ele havia encontrado o soldadinho. Eddie o jogou no regato.

— Ele ou você alguma vez contou?

Ela balançou a cabeça por um longo tempo.

— Sam nunca soube que você estava na árvore? — perguntou Adam.

— Nunca. Eu nunca contei para minha mãe. Eddie e eu, durante anos, uma vez ou outra falávamos no assunto, mas com o passar do tempo enterramos a lembrança. Quando voltamos para casa, nossos pais estavam no meio de uma briga tremenda. Minha mãe histérica, ele, com os olhos esgazeados e louco. Acho que Sam tinha batido nela.

Minha mãe nos mandou entrar no carro. Quando saímos, o xerife chegou. Rodamos por algum tempo, minha mãe dirigindo e nós no banco de trás, mortos de medo. Ela não sabia o que dizer. Pensamos que ele ia ser preso, mas quando voltamos estava sentado na varanda como se nada tivesse acontecido.

— O que o xerife fez?

— Na verdade, nada. Conversou um pouco com Sam. Sam mostrou a arma de Joe e explicou que foi um caso simples de autodefesa. Apenas mais um negro morto.

— Ele não foi preso?

— Não, Adam. Estávamos no Mississippi, no começo dos anos 50. Tenho certeza de que o xerife deu boas risadas, bateu nas costas de Sam, disse a ele para ser um bom menino e foi embora. Ele até deixou Sam ficar com a arma de Joe.

— Isso é incrível.

— Nós tínhamos esperança de que ele passasse alguns anos na cadeia.

— O que os Lincoln fizeram?

— O que podiam fazer? Quem ia dar atenção a eles? Sam proibiu Eddie de falar com Quince e para ter certeza de ser obedecido, expulsou a família da nossa propriedade.

— Meu Deus!

— Deu uma semana para irem embora e o xerife chegou para cumprir seu dever e obrigá-los a abandonar a casa. Sam garantiu à minha mãe que foi um despejo legal e limpo. Foi a única vez que eu pensei que ela fosse deixá-lo. Ainda hoje desejo que ela o tivesse feito.

— Eddie viu Quince depois disso?

— Alguns anos depois. Quando Eddie começou a dirigir, passou a procurar os Lincoln. Ele os encontrou numa pequena comunidade, no outro lado de Clanton. Ele pediu desculpas e disse que sentia muito, uma centena de vezes. Mas nunca mais foram amigos. Ruby pediu para ele ir embora. Eddie me contou que eles moravam num barraco sem luz elétrica.

Lee foi até a nogueira e sentou encostada no tronco. Adam ficou de pé, apoiado na árvore. Olhou para Lee, pensando em todos os anos que ela havia carregado aquele peso. E pensou no seu pai, na sua angústia e tormento, nas cicatrizes que o marcaram até a morte. Adam tinha agora a primeira pista do começo da destruição do pai e imaginou se algum dia todas as peças seriam postas no lugar. Pensou em Sam e, olhando para a varanda, teve a impressão de ver um homem mais moço, com a arma e os olhos cheios de ódio. Lee soluçava baixinho.

— O que Sam fez depois?

Procurando se controlar, Lee disse:

— Durante uma semana, ou talvez um mês, eu não sei, a casa ficou muito quieta. Mas minha impressão foi de que durante anos ninguém disse uma palavra quando nos reuníamos à mesa do jantar. Eddie ficava no quarto com a porta trancada. Eu o ouvia chorar à noite e ele me disse outra vez o quanto odiava nosso pai. Ele queria vê-lo morto. Queria fugir de casa. Assumiu toda a culpa. Minha mãe ficou preocupada e passava muito tempo com ele. Quanto a mim, pensavam que eu estava brincando no bosque quando tudo aconteceu. Logo depois de casar com Phelps comecei a fazer análise, sem que ninguém soubesse. Tentei resolver com a terapia e eu queria que Eddie fizesse o mesmo. Mas ele não quis. A última vez que falei com Eddie, antes da sua morte, ele mencionou o assassinato de Joe. Eddie nunca se refez daquilo.

— E você se refez?

— Eu não disse isso. A terapia me ajudou, mas ainda penso no que teria acontecido se eu tivesse gritado antes do meu pai puxar o gatilho. Será que ele teria atirado se soubesse que sua filha estava vendo? Acho que não.

— Ora, vamos, Lee. Isso foi há quarenta anos. Não pode se culpar.

— Eddie me culpava. E culpava a si mesmo e um culpava o outro, até crescermos. Éramos crianças e não podíamos correr para nossos pais. Estávamos indefesos.

Adam queria saber mais coisas sobre a morte de Joe Lincoln. Evidentemente não podia mais tocar no assunto com Lee, mas queria saber tudo que tinha acontecido, cada detalhe. Onde Joe foi enterrado? O que aconteceu com sua arma? O jornal local publicou alguma coisa? O caso foi apresentado ao grande júri? Sam alguma vez falou a respeito com seus filhos? Onde estava a mãe durante a briga? Ela ouviu a discussão e os tiros? O que aconteceu com a família de Joe? Morava ainda em Ford County?

— Vamos queimar tudo isso, Adam — disse ela, com voz firme, enxugando o rosto.

— Não fala sério.

— Sim, falo sério. Vamos queimar este lugar maldito, a casa, o barracão, esta árvore, a relva e o mato. Não precisa muita coisa. Um ou dois fósforos aqui e ali. Vamos.

— Não, Lee.

— Ora, vamos.

Adam se inclinou e segurou o braço dela gentilmente.

— Vamos embora, Lee. Já ouvi o bastante por um dia.

Ela não resistiu. Também tivera demais para um dia. Ele a ajudou a abrir caminho entre o mato, voltaram para a frente da casa, passaram pelas ruínas da passagem de entrada e chegaram onde estava o carro.

Deixaram a propriedade Cayhall sem mais uma palavra. Depois de um trecho de terra, a estrada era de cascalho e terminava na entrada da rodovia. Lee apontou para a esquerda, depois fechou os olhos, como para um cochilo. Passaram por Clanton e pararam num armazém rural perto de Holly Springs. Lee disse que queria um refrigerante e insistiu em descer do carro e ir apanhar. Voltou com seis garrafas de cerveja e ofereceu uma para Adam.

— O que é isto? — ele perguntou.

— Só uma ou duas — respondeu Lee. — Meus nervos estão um lixo. Não me deixe tomar mais de duas, está bem? Só duas.

— Acho que não deve, Lee.

— Eu estou bem — insistiu ela, franzindo a testa e tomando um gole.

Adam recusou a bebida e continuaram a viagem. Ela tomou duas garrafas em quinze minutos e dormiu. Adam pôs as outras no banco de trás e se concentrou na estrada.

De repente, estava ansioso para sair do Mississippi e ver as luzes de Memphis.

VINTE E SETE

Há exatamente uma semana ele estava acordando com uma tremenda dor de cabeça e o estômago frágil e foi obrigado a enfrentar o bacon e ovos gordurosos de Irene Lettner. E nos últimos sete dias, tinha visitado o tribunal do juiz Slattery, esteve em Chicago, Greenville, Ford County e a Parchman. Conheceu o governador e o procurador-geral. Há seis dias não falava com seu cliente.

Para o inferno com seu cliente. Adam tinha ficado na varanda olhando o rio e tomando café descafeinado até as duas horas da manhã. Espantava mosquitos e procurava afastar as imagens vividas de Quince Lincoln abraçado ao corpo do pai enquanto Sam Cayhall, sentado na varanda, admirava sua obra. Podia ouvir as risadas abafadas de Sam e dos seus amigos na varanda estreita enquanto Ruby Lincoln e os filhos ajoelhavam em volta do corpo e depois o arrastavam para a sombra da árvore. Podia ver Sam na frente da casa com as duas armas nas mãos, explicando ao xerife exatamente como o negro maluco ia matá-lo e como ele atirou para defender a própria vida. É claro que o xerife imediatamente concordou com Sam. Adam ouvia os murmúrios atormentados das duas crianças, Eddie e Lee, assumindo a culpa e lutando contra o horror do que o pai tinha feito. E ele amaldiçoou a sociedade sempre disposta a ignorar a violência contra uma classe desprezada.

No meio de um sono agitado, sentou na cama e resolveu que Sam podia procurar outro advogado, que a pena de morte talvez fosse realmente aplicável a certas pessoas, especialmente ao seu avô e que ele voltaria para Chicago imediatamente e mudaria de nome outra vez. Mas esse sonho passou e quando Adam acordou pela última vez, a luz do sol passava entre as persianas traçando linhas brilhantes na sua cama. Durante meia hora ficou deitado, olhando para o teto e para as sancas trabalhadas no alto das paredes, lembrando a viagem a Clanton. Hoje, pensou, o domingo vai começar tarde, com um jornal grosso e café forte. À tarde ele iria até o escritório. Seu cliente tinha dezessete dias.

Antes de chegarem ao apartamento, no dia anterior, Lee havia tomado mais uma cerveja e seguido direto para a cama. Adam a observou atentamente, esperando uma recaída ou uma crise de estupor alcoólico. Mas ela estava muito quieta e controlada e ele não ouviu nada durante a noite.

Adam saiu do chuveiro e sem fazer a barba foi para a cozinha, onde o esperava o resto amargo do primeiro bule de café.

Lee já havia levantado há algum tempo. Ele a chamou e entrou no quarto dela. Procurou na varanda, andou pelo terreno do condomínio.

Lee não estava em parte alguma. O jornal de domingo estava em perfeita ordem sobre a mesa de centro na sala de estar.

Adam fez café e torrada e foi para a varanda. Eram quase nove e meia e felizmente o céu estava encoberto e a temperatura não tão sufocante. Ia ser um bom domingo para trabalhar no escritório. Ele leu o jornal, começando na primeira seção.

Talvez ela tivesse saído para fazer compras. Ou talvez tivesse ido à igreja. Não tinham chegado ainda na fase de deixar bilhetes um para o outro. Mas Lee não dissera nada a respeito de sair naquela manhã. A primeira página da seção policial trazia outra reportagem sobre Sam Cayhall, com a mesma foto de dez anos atrás. Era um pequeno sumário dos acontecimentos da semana, com o gráfico cronológico indicando as datas importantes na história do processo. Havia um ponto de interrogação na frente de 8 de agosto de 1990. Ia haver uma execução nesse dia? Evidentemente, os editores concederam espaço ilimitado no jornal a Todd Marks, porque a reportagem não tinha quase nenhuma novidade. O que realmente chamou a atenção de Adam foi a transcrição das palavras de um professor de direito da Ole Miss, um especialista em direito constitucional, que tinha trabalhado em vários casos de pena de morte. O erudito professor era generoso com suas opiniões, e concluía afirmando que o destino de Sam estava selado. Ele havia estudado detalhadamente o dossiê, na verdade acompanhava o caso há muitos anos e achava que basicamente Sam não tinha nada mais a fazer. Ele explicava que em muitos casos de pena de morte acontecem milagres de última hora, porque em geral acontece de os condenados serem vítimas da incompetência dos advogados, até mesmo nos recursos. Nesses casos, especialistas como ele próprio podem tirar coelhos de cartolas porque são extremamente brilhantes e portanto capazes de criar estratégias ignoradas por juristas menos capazes. Porém, infelizmente, esse não era o caso de Sam, que contou com a defesa de competentes advogados de Chicago.

Os recursos de Sam foram conduzidos com perfeição e agora estavam vencidos. O professor, evidentemente um jogador, apostava cinco contra um que a execução seria no dia 8 de agosto. E por tudo isso, as opiniões e o palpite, ganhou uma fotografia no jornal.

De repente Adam ficou nervoso. Tinha lido sobre dezenas de casos de pena de morte nos quais os advogados, no último minuto, agarram cordas que nunca haviam segurado antes e convencem os juízes a dar atenção a novos argumentos. A saga da pena capital estava repleta de histórias sobre questões legais latentes, só descobertas e reveladas quando um novo advogado, com nova visão, entrava no caso e conseguia um adiamento. Mas o professor de direito estava certo. Sam tivera sorte. Embora Sam desprezasse os advogados da Kravitz & Bane, o trabalho deles tinha sido soberbo. Agora não restava nada além de

moções desesperadas, recursos de última hora.

Jogou o jornal no chão e entrou, para tomar outra xícara de café. A porta de correr apitou, era o som do novo sistema de alarme instalado na última sexta-feira, depois do enguiço do antigo e do desaparecimento de algumas chaves. Não havia sinal de arrombamento. A segurança era rigorosa no complexo. E Willis na verdade não sabia ao certo quantos conjuntos de chave tinha para cada unidade. A polícia de Memphis concluiu que a porta de correr não estava trancada e abriu sozinha. Adam e Lee não se preocuparam com o caso.

O braço de Adam bateu numa jarra de vidro, que caiu e se espatifou no chão. Descalço, nas pontas dos pés, escolheu o caminho entre os pedaços de vidro e foi até a despensa para apanhar a vassoura e a pá. Cuidadosamente ele varreu todos os cacos e jogou-os na lata de lixo sob a pia. Então alguma coisa chamou sua atenção. Enfiou a mão no saco de lixo de plástico, no meio do pó de café e pedaços de vidro e encontrou uma garrafa no fundo. Era uma garrafa de vodca de meio litro, vazia.

Adam limpou o pó de café do rótulo e viu a marca. A lata de lixo, pequena, normalmente era esvaziada de dois em dois dias, às vezes todos os dias. Estava agora cheia até a metade. A garrafa não estava ali há muito tempo. Adam abriu a geladeira, procurando as três garrafas de cerveja que tinham sobrado na véspera. Lee tinha tomado duas durante a viagem, e outra no apartamento. Adam não lembrava onde foram guardadas as outras, mas não estavam na geladeira. Nem na lata de lixo, na cozinha, na sala, nos banheiros ou nos quartos. Quanto mais procurava, mais fazia questão de encontrar as garrafas. Revistou a despensa, o armário de vassouras, o armário de roupas, os armários da cozinha. Procurou nos guarda-roupas e gavetas de Lee, sentindo-se como um ladrão, mas resolvido porque estava assustado.

As garrafas estavam debaixo da cama, vazias e cuidadosamente escondidas numa velha caixa de tênis Nike. Três garrafas vazias de Heineken, muito bem acondicionadas como num embrulho para presente. Sentado no chão, Adam as examinou. Havia ainda algumas gotas de cerveja no fundo.

Ele calculou que Lee devia pesar uns sessenta e cinco quilos e ter um metro e setenta e um ou setenta e cinco de altura. Era magra mas não demais. Seu corpo não podia suportar muita bebida. Ela fora para a cama cedo, mais ou menos às nove, e no meio da noite levantou para procurar cerveja e vodca. Adam encostou na parede, sua mente funcionando a mil. Lee tinha planejado muito bem o esconderijo das garrafas de cerveja, mas sabendo que seria descoberto. Tinha de saber que Adam ia procurar por elas mais tarde. Por que não foi tão cuidadosa com a garrafa de vodca? Por que estava na lata de lixo e as

de cerveja debaixo da cama?

Então ele percebeu que estava tentando adivinhar os pensamentos de uma mente racional e não de uma pessoa embriagada. Fechou os olhos e bateu com a cabeça na parede. Ele a havia levado a Ford County, onde visitaram túmulos e reviveram um pesadelo, e onde ela teve de usar óculos escuros para esconder o rosto. Há duas semanas ele vinha exigindo dela os segredos da família e na véspera fora praticamente agredido com alguns deles. Mas eu precisava saber, pensou. Não tinha certeza para quê, mas sentia que tinha de saber por que sua família era tão violenta e cheia de ódio.

E só agora se dava conta de que talvez fosse muito mais complicado do que contar histórias. Talvez fosse doloroso para todos os envolvidos. Talvez seu interesse egoísta nos esqueletos escondidos não fosse tão importante quanto a estabilidade mental de Lee.

Deixou a caixa exatamente como estava antes e devolveu a garrafa de vodka à lata de lixo. Vestiu-se rapidamente e saiu. Perguntou ao guarda do portão se tinha visto Lee. De acordo com uma anotação na sua prancheta, ela havia saído há duas horas, às oito e dez.

Em Chicago era comum aos advogados da Kravitz & Bane ir ao escritório aos domingos, mas evidentemente não era uma prática aprovada em Memphis. Adam tinha toda a firma só para ele. Mesmo assim, trancou a porta e mergulhou no mundo obscuro do direito sobre a prática federal do habeas corpus.

Porém, não conseguia se concentrar por mais de alguns minutos. Estava preocupado com Lee e odiava Sam. Seria difícil olhar para ele outra vez através da tela de metal verde do corredor da morte. Sam era um homem frágil, descorado e enrugado, sem dúvida com direito a um pouco de simpatia. Na última vez que conversaram, falaram sobre Eddie e no fim Sam pediu para deixar os assuntos de família fora do corredor da morte. Já tinha muitas preocupações no momento. Não era justo obrigar um homem condenado a enfrentar seus pecados antigos.

Adam não era biógrafo, nem genealogista. Não tinha experiência em sociologia ou psiquiatria, e francamente, no momento estava farto de expedições na história misteriosa da família Cayhall. Era apenas um advogado, bem inexperiente, mas de qualquer modo um advogado com um cliente que precisava dos seus serviços.

Estava na hora de praticar o direito e esquecer o folclore.

Às onze e meia telefonou para o apartamento e a secretária eletrônica atendeu. Deixou um recado, dizendo onde estava e pedindo para ela telefonar. Ligou outra vez à uma hora, com o mesmo resultado. Estava preparando um recurso quando o telefone tocou.

Mas o que ele ouviu não foi a voz agradável de Lee e sim o estacato do Excelentíssimo F. Flynn Slattey.

— Sim, dr. Hall, aqui é o juiz Slattery. Depois de cuidadosa consideração, estou negando qualquer benefício, incluindo seu pedido de adiamento da execução — disse ele, quase com um tom de alegria. — Por vários motivos, que não vou enumerar agora. Meu secretário vai enviar um fax do meu parecer agora mesmo.

— Sim, senhor — disse Adam.

— Você precisa entrar com o recurso o mais depressa possível, sabe disso. Sugiro que faça isso amanhã cedo.

— Estou trabalhando no recurso neste momento, Meritíssimo. Na verdade, está quase terminado.

— Muito bem. Então já esperava isto.

— Sim, senhor. Comecei a trabalhar no recurso assim que saí do seu escritório na terça-feira.

Era uma tentação provocar um pouco Slattery. Afinal, ele estava a trezentos quilômetros de distância. Mas ele era também um juiz federal. Adam sabia Perfeitamente que muito em breve podia precisar do meritíssimo novamente.

— Bom dia, dr. Hall. — Slattery desligou.

Adam começou a andar em volta da mesa e depois olhou para a chuva leve no Mall, lá embaixo. Praguejou em voz baixa contra juízes federais em geral e Slattery em particular, depois voltou para seu computador e olhou para a tela, esperando inspiração.

Adam digitou e leu, pesquisou e imprimiu, olhou pelas janelas e sonhou com milagres até a noite chegar. Tinha feito uma porção de coisas desnecessárias, mas trabalhou até as oito horas a fim de dar tempo a Lee de voltar para o apartamento.

Nem sinal dela. O guarda de segurança disse que ela não tinha voltado. Não havia nenhuma mensagem na secretária, a não ser a sua. Ele jantou pipoca feita no micro-ondas e viu dois filmes no vídeo. A ideia de telefonar para Phelps Booth era tão repugnante que Adam estremecia só de pensar.

Pensou em dormir no sofá da sala para ouvir quando ela chegasse, mas depois do último filme foi para o quarto no segundo andar e fechou a porta.

VINTE E OITO

A EXPLICAÇÃO PARA O DESAPARECIMENTO da véspera demorou algum tempo, mas parecia plausível quando ela acabou de falar. Tinha passado o dia no hospital, disse ela, movendo-se lentamente na cozinha, com uma das meninas da Casa Amarela. A pobre menina tinha só treze anos, era o primeiro filho, mas, naturalmente, outros viriam e foi um parto prematuro, com um mês de antecedência. A mãe estava na cadeia, a tia vendendo drogas e a menina não tinha para quem apelar. Lee segurou a mão dela durante todo o trabalho de parto complicado. A menina e o bebê estavam bem e agora havia outra criança indesejada nos guetos de Memphis.

A voz de Lee estava áspera e seus olhos inchados e vermelhos. Ela disse que tinha voltado um pouco depois da uma hora e teria telefonado mais cedo, mas ficou na sala de parto durante seis horas e a sala de parto para duas pacientes ao mesmo tempo, no Hospital de Caridade São Pedro, é um zoológico, especialmente a ala de maternidade e, bem, ela não podia ir até o telefone.

Enquanto ela falava, Adam, de pijama, tomava café e lia o jornal. Não pedira nenhuma explicação. Estava tentando do melhor modo não se preocupar com ela. Lee insistiu em preparar o café, ovos mexidos e biscoitos de lata. E agora, arrumando a cozinha, falava, evitando olhar para ele.

— Como se chama a menina? — Adam perguntou, muito sério, como se estivesse profundamente interessado na história.

— Hum, Natasha. Natasha Perkins.

— E tem só treze anos?

— Sim. A mãe dela tem vinte e nove. Dá para acreditar? Avó aos vinte e nove anos.

Adam balançou a cabeça, incrédulo. Estava exatamente lendo a pequena seção de registros importantes da cidade no Memphis Press. Licenças de casamento. Petições de divórcio. Nascimentos. Prisões. Mortes. Verificou a lista dos nascimentos da véspera, como se estivesse conferindo resultados, e não encontrou nenhuma nova mãe chamada Natasha Perkins.

Lee terminou sua luta com os biscoitos enlatados. Pôs todos numa pequena travessa ao lado dos ovos. Depois sentou na outra ponta da mesa, o mais longe possível de Adam.

— *Bon appétit* — disse, com um sorriso forçado. Suas habilidades na cozinha já eram uma rica fonte de humor.

Adam sorriu, como se tudo estivesse ótimo. Precisavam de humor naquele momento, mas era difícil.

— Os Cubs perderam outra vez — disse ele, levando a boca uma

garfada de ovos mexidos e olhando para o jornal dobrado.

— Os Cubs sempre perdem, não é mesmo?

— Nem sempre. Você gosta de beisebol?

— Odeio beisebol. Phelps me fez detestar todos os esportes conhecidos pelo homem.

Adam riu sem tirar os olhos do jornal. Comeram sem falar por alguns minutos. Lee ligou o controle remoto e a televisão da cozinha se encarregou de quebrar o silêncio que começava a ficar pesado. De repente os dois ficaram interessados no tempo, que ia continuar quente e seco. Lee mordeu um biscoito e empurrou os ovos mexidos no prato. Adam tinha certeza de que o estômago dela não estava muito bom naquela manhã.

Ele terminou de comer, levou o prato para a pia e voltou a sentar para ler o jornal. Lee olhava para a televisão. Qualquer coisa para não ter de olhar para Adam.

— Provavelmente vou visitar Sam hoje — ele disse. — Há uma semana não o vejo.

Lee olhou para um ponto no centro da mesa.

— Eu queria que não tivéssemos ido a Clanton no sábado — disse ela.

— Eu sei.

— Não foi uma boa ideia.

— Desculpe, Lee. Eu insisti e não foi uma boa ideia. Tenho insistido em uma porção de coisas e talvez esteja errado.

— Não é justo...

— Eu sei que não é. Compreendo agora que não se trata simplesmente de conhecer a história da família.

— Não é justo para ele, Adam. É quase cruel fazer Sam enfrentar tudo isso quando só tem duas semanas de vida.

— Tem razão. E é errado fazer você reviver.

— Vai ficar tudo bem comigo — disse ela, como se nada estivesse bem naquele momento, mas talvez houvesse alguma esperança para o futuro.

— Eu sinto muito, Lee. Sinto muito mesmo.

— Tudo bem. O que você e Sam vão fazer hoje?

— Conversar. A corte federal local rejeitou nossa petição ontem, por isso vamos apelar esta manhã. Sam gosta de falar sobre estratégias legais.

— Diga que estou pensando nele.

— Vou dizer.

Lee empurrou o prato e segurou a xícara com as duas mãos.

— E pergunte se ele quer me ver.

— Você quer mesmo ir? — perguntou Adam, sem disfarçar a surpresa.

— Algo me diz que eu devo. Eu não o vejo há muitos anos.

— Vou perguntar.

— E não fale em Joe Lincoln, está bem, Adam? Eu nunca contei ao meu pai o que vi naquele dia.

— Você e Sam nunca falaram sobre a morte de Joe?

— Nunca. Toda a comunidade ficou sabendo. Eddie e eu crescemos com ela e a carregamos como um peso, mas, para ser tranca, Adam, não foi importante para nossos vizinhos. Meu pai matou um negro. Isso foi em 1950, e no Mississippi. O assunto nunca foi mencionado em nossa casa.

— Então Sam vai para o túmulo sem jamais ter de enfrentar esse crime?

— O que vai adiantar? Foi há quarenta anos.

— Eu não sei. Talvez ele diga que se arrepende.

— Dizer para você? Ele se desculpa com você e tudo fica bem?

Ora, vamos, Adam, você é jovem e não compreende. Esqueça isso. Não torture mais um homem velho. Neste momento você é o único ponto de luz na sua vida patética.

— Tudo bem, tudo bem.

— Não tem direito de usar a história de Joe Lincoln como uma armadilha.

— Tem razão. Não vou fazer isso. Prometo.

Lee fixou nele os olhos injetados, até Adam desviar os dele para a televisão e depois levantou rapidamente e saiu da cozinha. Adam ouviu quando ela abriu e fechou a porta do banheiro, levantou também, foi até o corredor e ficou ouvindo enquanto ela vomitava. Quando ouviu a descarga, subiu para seu quarto para tomar banho e se vestir.

ÀS DEZ DA MANHÃ Adam tinha pronto o recurso para a Corte de Apelações da Quinta Circunscrição Judiciária em Nova Orleans. O juiz Slattery já havia mandado o fax com a cópia da sua ordem para o secretário da Quinta Circunscrição e Adam enviou seu recurso por fax logo que chegou ao escritório. Mandou o original por telegrama urgente.

Teve também sua primeira conversa com o secretário da pena de morte, um funcionário de tempo integral da Suprema Corte dos Estados Unidos, encarregado unicamente de monitorar os recursos de todos os ocupantes do corredor da morte. O secretário da pena de morte muitas vezes trabalha dia e noite, a medida que chegam as decisões de pena de morte. E. Garner Goodman tinha instruído Adam sobre as maquinacões do secretário e do seu escritório, e foi com relutância que Adam fez a ligação.

O nome do secretário era Richard Olander, um homem eficiente, com a voz já muito cansada na segunda-feira de manhã.

— Já não era sem tempo — disse ele, como se a maldita coisa devesse ter sido apresentada há muito tempo. Perguntou a Adam se era sua primeira execução.

— Sim — disse Adam. — E espero que seja a última.

— Bem, você certamente escolheu um perdedor — disse o sr. Olander, e depois explicou com tediosos detalhes como a Corte esperava que se processassem as apelações finais. Qualquer documento apresentado, a partir deste momento, até o fim, independente de onde é apresentado e do assunto, deve ser simultaneamente apresentado a este escritório, disse ele, com voz monótona, como se estivesse lendo um manual. Na verdade, ele ia enviar imediatamente por fax uma cópia do regulamento da Corte para Adam. Todas as regras deviam ser seguidas meticulosamente até o fim. Seu escritório funcionava dia e noite, ele disse mais de uma vez, e devia receber cópias de tudo. Isso, é claro, se Adam quisesse que seu cliente conseguisse uma audiência justa da Corte. Se tanto fazia para Adam, então, bem, é só seguir as regras ao acaso e seu cliente pagaria por isso.

Adam prometeu seguir as regras. A Suprema Corte estava sobrecarregada de infindáveis petições nos casos de sentenças de morte e queria todas as moções e recursos entregues imediatamente, para apressar o processo. Os recursos de Adam encaminhados à Quinta Circunscrição Judiciária seriam examinados pelos magistrados e seus secretários, muito antes de a Corte receber o caso de Nova Orleans. A Corte então teria meios para aceitar ou negar rapidamente um pedido de comutação da pena.

O secretário da pena de morte era tão eficiente e rápido que há pouco tempo a Corte incorrera numa situação embaraçosa, negando um recurso antes de o mesmo ser apresentado.

Então o sr. Olander explicou que seu escritório tinha uma

lista atualizada de todos os possíveis recursos e moções de último minuto e ele e sua equipe extremamente competente monitoravam cada um, para verificar se tinham sido apresentados em todos os locais devidos. E se um advogado em algum lugar deixasse passar uma petição potencial, então eles o avisavam para reparar a omissão. Adam desejava uma cópia da lista dos documentos?

Adam disse que já tinha uma cópia. E. Garner Goodman era autor do livro sobre recursos de última hora.

Muito bem, disse o sr. Olander. O sr. Cayhall tinha dezesseis dias e, é claro, muita coisa pode acontecer em dezesseis dias. Mas, na sua humilde opinião, o sr. Cayhall fora muito bem representado e seu caso extenuadamente defendido. Ficaria surpreso, continuou ele, se houvesse mais algum adiamento.

Obrigado por nada, pensou Adam.

O sr. Olander e sua equipe estavam acompanhando um caso no Texas, ele explicou. A execução estava marcada para um dia antes da de Sam, mas, na sua opinião, havia a possibilidade de um adiamento. A Flórida tinha uma marcada para dois dias depois da do sr. Cayhall. A Geórgia tinha duas para uma semana depois, mas, ora, quem pode saber? Ele ou alguém da sua equipe podiam ser encontrados a qualquer hora e o sr. Olander estaria pessoalmente ao lado do telefone nas últimas vinte e quatro horas antes da execução.

Telefone a qualquer hora, disse ele, e terminou a conversa com a promessa de facilitar de todo modo possível as coisas para Adam e seu cliente.

Adam desligou o telefone furioso e começou a andar pela sala. A porta estava trancada como sempre, e o corredor fervia com as fofocas de segunda-feira. Sua fotografia tinha sido publicada no jornal outra vez e ele não queria ser visto. Telefonou para a Casa Amarela, mas Lee não estava. Telefonou para o apartamento e ninguém atendeu. Telefonou para a Parchman e disse ao funcionário do portão principal para esperá-lo mais ou menos à uma hora.

Foi até o computador e encontrou um dos seus projetos atuais, um resumo em ordem cronológica do caso de Sam.

O júri de Lakehead County condenou Sam no dia 12 de fevereiro de 1981 e dois dias depois entregou o veredito de pena de morte. Ele apelou diretamente à Suprema Corte do Mississippi, alegando uma série de irregularidades no julgamento, inclusive a omissão da Promotoria não considerando o fato de que o julgamento teve lugar quase quatorze anos depois do atentado. Seu advogado, Benjamin Keyes, argumentou veementemente que foi negado a Sam um julgamento rápido, sujeitando-o a duplo prejuízo, sendo julgado três vezes pelo mesmo crime. Keyes apresentou um argumento bastante forte. A Suprema Corte do Mississippi estava bastante dividida sobre a matéria e, no dia 23 de julho de 1982, apresentou uma decisão discordante, confirmando a condenação de Sam. Cinco magistrados votaram a favor da confirmação, três a favor da revisão e um se absteve.

Keyes então deu entrada junto a Suprema Corte numa petição de recurso extraordinário e a Suprema Corte pediu a revisão do caso de Sam. Uma vez que é muito raro a Suprema Corte conceder recurso extraordinário, foi uma surpresa quando, no dia 4 de março de 1983, a Corte concordou em fazer a revisão da condenação de Sam.

O parecer da Suprema Corte dos Estados Unidos sobre duplo prejuízo estava quase tão dividido quanto o do Mississippi, mas mesmo assim chegou à mesma conclusão. Nos dois primeiros julgamentos o júri não havia chegado a uma conclusão, ficando num impasse provocado pela atuação de Clovis Brazelton, desse modo Sam

não estava protegido pela cláusula de duplo prejuízo contida na Quinta Emenda. Ele não foi inocentado por nenhum dos dois júris. Nenhum conseguiu chegar a um veredito, sendo assim, a nova acusação era Perfeitamente constitucional. Em 21 de setembro de 1983, a Suprema Corte dos Estados Unidos, por seis votos contra três, decidiu pela validade da condenação. Keyes imediatamente apresentou algumas moções pedindo nova audiência, porém sem resultado.

Sam contratou Keyes para representá-lo durante o julgamento e nos recursos junto a Suprema Corte do Mississippi, se fosse necessário. Quando a Suprema Corte confirmou a condenação, Keyes estava trabalhando de graça. Seu contrato de representação legal estava vencido e ele escreveu uma longa carta para Sam explicando que estava na hora de Sam tomar outras providências. Sam compreendeu.

Keyes escreveu também para um amigo, advogado, da União Americana das Liberdades Cívicas (ACLU), em Washington, que, por sua vez, escreveu para seu amigo E. Garner Goodman, da Kravitz & Bane, em Chicago. A carta chegou à mesa de Goodman na hora certa. Sam estava desesperado, com seu tempo se esgotando, e Goodman procurava um novo projeto para o seu pro bono. Trocaram correspondência e em 8 de dezembro de 1983, Wallace Tyner, sócio encarregado da seção de defesa de crimes de colarinho branco da Kravitz & Bane, entrou com uma petição de comutação da pena junto à Suprema Corte dos Estados Unidos.

Tyner apontou várias falhas no julgamento de Sam, incluindo a admissão como prova das fotos impressionantes dos corpos de Josh e John Kramer. Atacou a escolha dos jurados, afirmando que McAllister deu preferência aos negros nessa seleção. Declarou que não foi possível um julgamento justo porque o clima social de 1981 era muito diferente do que existia em 1967. Afirmou que o foro escolhido pelo juiz para o julgamento fora injusto. Levantou novamente a questão do duplo prejuízo e da rapidez do julgamento. Wallace Tyner e E. Garner Goodman apresentaram um total de oito tópicos diferentes na petição. Entretanto não afirmaram que Sam tivesse sido prejudicado por assistência incompetente do advogado anterior, a principal queixa de todos os ocupantes do corredor da morte. Eles queriam usar essa estratégia mas Sam não permitiu. A princípio ele se recusou a assinar a petição porque atacava Benjamin Keyes, um advogado de quem ele gostava.

Em 1º de junho de 1985, a Suprema Corte do Mississippi negou todos os pedidos de revisão pós-condenação. Tyner apelou novamente à Suprema Corte dos Estados Unidos, mas teve negado seu pedido de recurso extraordinário. Então ele deu entrada na primeira petição de recurso de habeas corpus e no pedido de adiamento da execução, na

Corte Federal do Mississippi. Como é comum nesses casos, era uma petição bastante volumosa, que continha todos os assuntos já ventilados na corte estadual.

Dois anos depois, em 3 de maio de 1987, a corte distrital negou todos os pedidos de comutação da pena e Tyner apelou para a Quinta Circunscrição em Nova Orleans que, em tempo hábil, confirmou a negação da corte. Em 20 de março de 1988, Tyner deu entrada numa petição para nova audiência do caso, pela Quinta Circunscrição, que também foi negada. No dia 3 de setembro de 1988, Tyner e Goodman mais uma vez entraram com uma petição de recurso extraordinário junto à Suprema Corte. Uma semana depois, Sam escreveu a primeira das muitas cartas para Goodman e Tyner ameaçando dispensá-los.

A Suprema Corte dos Estados Unidos concedeu a Sam seu último adiamento em 14 de maio de 1989, depois da concessão de recurso extraordinário a um caso da Flórida que a Corte resolveu ouvir novamente. Tyner argumentou com sucesso que o caso da Flórida tinha apresentado pontos semelhantes e a Suprema Corte concedeu adiamentos a vários casos de sentença de morte em todo o país.

Nenhum documento do caso de Sam foi apresentado enquanto a Suprema Corte debatia e concedia adiamento ao caso da Flórida. Porém Sam começava sua campanha para se livrar da Kravitz & Bane. Ele mesmo redigiu e apresentou várias moções mal alinhavadas que foram rejeitadas. Mas conseguiu uma ordem da Quinta Circunscrição no sentido de terminar a representação pro bono dos advogados da Kravitz & Bane. Em 29 de junho de 1990, a Quinta Circunscrição permitiu que Sam se encarregasse da própria defesa e Garner Goodman arquivou o dossiê de Sam Cayhall. Não ficaria arquivado por muito tempo.

Em 9 de julho de 1990, a Suprema Corte anulou o adiamento de Sam e no mesmo dia a Suprema Corte do Mississippi marcou sua execução para 8 de agosto, quatro semanas depois.

Depois de nove anos de uma guerra de recursos, Sam agora tinha dezesseis dias de vida.

VINTE E NOVE

O CORREDOR estava silencioso enquanto outra manhã se arrastava para o meio-dia. As diversas coleções de ventiladores zumbiam e estalavam nas pequenas celas, tentando valentemente expulsar o ar que ficava cada vez mais pegajoso.

O noticiário da manhã informou com grande alarido que estava perdida a última batalha legal de Sam. A decisão de Slattery foi alardeada por todo o estado como se fosse realmente o último prego do caixão. Uma estação de TV de Jackson continuou com a contagem regressiva. Só mais dezesseis dias. Décimo Sexto Dia, dizia em letras enormes sob a mesma fotografia antiga de Sam. Repórteres com olhos brilhantes, quilos de *makeup* e nenhum conhecimento da lei, tagarelavam na frente das câmeras com previsões ousadas. “De acordo com nossas fontes, as opções legais de Sam Cayhall estão praticamente esgotadas. Muitos acreditam que sua execução será realizada na data prevista de 8 de agosto.” Passavam então para os esportes e para o tempo.

No Corredor havia menos conversa, menos gritos, menos papagaios voando entre as celas. Ia haver uma execução.

O sargento Packer caminhou sorrindo pela passagem da Ala A. Quase tinham desaparecido as provocações e as queixas, que faziam parte do seu trabalho diário. Agora, os prisioneiros estavam preocupados com recursos e com seus advogados. O pedido mais comum nas duas últimas semanas fora para usar o telefone para falar com o advogado.

Não agradava a Packer a ideia de outra execução, mas ele gostava do silêncio. E sabia que era só temporário. Se Sam conseguisse um adiamento amanhã, o barulho voltaria imediatamente.

Ele parou na frente da cela de Sam.

— Sua hora de exercício, Sam.

Sam estava sentado na cama, escrevendo à máquina e fumando, como sempre.

— Que horas são? — perguntou, pondo a máquina na cama e levantando-se.

— Onze.

Sam virou de costas para Packer e passou as mãos juntas pela grade. Packer prendeu as algemas cuidadosamente.

— Vai sair sozinho? — perguntou o sargento.

— Não. Henshaw quer ir também.

— Vou buscá-lo — disse Packer, fazendo um sinal para o fim da passagem. A porta abriu e Sam o seguiu devagar, passando pelas outras celas. Todos estavam encostados nas grades, com as mãos para

fora, observando Sam atentamente.

Passaram por mais grades e mais corredores até chegarem a uma porta de metal que Packer abriu, deixando entrar uma explosão de sol. Sam detestava essa parte da sua hora de recreação. De pé na grama, fechou os olhos com força enquanto Packer tirava as algemas, depois os abriu lentamente, ajustando-os à claridade dolorosa.

Packer entrou sem uma palavra e Sam ficou parado por um minuto, ofuscado pela luz e com a cabeça latejando. O calor não o incomodava, mas a luz do sol era como raios laser que provocavam uma intensa dor de cabeça cada vez que se aventurava fora da masmorra. Sam podia comprar óculos escuros baratos, como os de Packer, mas evidentemente eram considerados itens de risco e não faziam parte da lista do que os prisioneiros podiam possuir.

Deu alguns passos hesitantes na grama aparada, olhando os campos de algodão através da grade. O pátio de recreação era um terreno de terra e grama com dois bancos de madeira e uma rede de basquete para os africanos. Os guardas e os prisioneiros o chamavam de arena de touros. Sam o tinha medido milhares de vezes, andando passo a passo e comparado suas medidas com as que eram calculadas pelos outros prisioneiros. O pátio tinha quinze metros e meio de comprimento por dez e noventa e oito de largura. A cerca tinha três metros de altura com mais quarenta e cinco centímetros de arame farpado no topo. Além da cerca ficava uma extensão de relva com mais ou menos trinta metros, que ia até a cerca principal, vigiada pelos guardas das torres.

Sam andou em linha reta acompanhando a cerca e quando ela terminou, fez uma volta de noventa graus e continuou o exercício, contando cada passo. Quinze metros e meio por dez e noventa e oito. Sua cela tinha um e oitenta por dois e setenta e cinco. A biblioteca de direito, a Twig, tinha cinco e meio por quatro e meio. Seu lado da sala de visitas tinha um e oitenta por nove e quinze. Diziam que a Sala da Câmara tinha quatro e meio por três e sessenta e a câmara propriamente dita era um cubo com menos de um metro e vinte.

Durante seu primeiro ano de confinamento Sam corria em volta do pátio, para transpirar e exercitar o coração. Também tentava a rede de basquete mas desistiu quando passou dias seguidos sem acertar uma. Finalmente parou de fazer exercício e há anos usava essa hora para fazer nada a não ser aproveitar uma hora fora da cela. Houve um tempo em que ele parava perto da cerca e olhava para além dos campos, para as árvores, imaginando as coisas mais variadas. Liberdade. Estradas. Pesca. Comida. Sexo ocasionalmente. Quase podia ver sua pequena fazenda em Ford County, não muito longe dali entre dois pequenos bosques. Sonhava com o Brasil, a Argentina ou outro lugar remoto onde poderia se esconder e viver com outro nome.

Mas então deixou de sonhar também. Deixou de olhar para longe como se um milagre pudesse tirá-lo dali. Andava e fumava quase sempre sozinho. Sua atividade mais rigorosa era uma partida de damas.

A porta abriu outra vez e Hank Henshaw saiu para o pátio. Enquanto Packer tirava as algemas, Hank entreceitou os olhos, e olhou para o chão. Esfregou os pulsos assim que ficaram livres, depois esticou as costas e as pernas. Packer pôs uma caixa de papelão sobre um dos bancos.

Os homens esperaram Packer entrar e fechar a porta e só então foram até o banco e montaram nele, um de frente para o outro, com a caixa entre os dois. Sam pôs o tabuleiro no banco enquanto Henshaw contava as pedras de damas.

— É minha vez de jogar com as vermelhas — disse Sam.

— Jogou com as vermelhas na última vez — disse Henshaw, olhando para ele.

— Joguei com as pretas.

— Não, eu joguei com as pretas da última vez. É minha vez de ficar com as vermelhas.

— Escute, Hank. Eu tenho dezesseis dias e se quero jogar com as vermelhas, então jogo com as vermelhas.

Henshaw deu de ombros e concordou. Arrumaram as pedras meticulosamente no tabuleiro.

— Acho que você começa — disse Henshaw.

— É claro. — Sam moveu uma pedra e o jogo começou.

O sol do meio-dia escaldava o solo em volta deles e logo os macacões vermelhos estavam grudados nas costas dos jogadores. Ambos estavam com as sandálias de borracha sem meias.

Hank Henshaw tinha quarenta e um anos e estava no Corredor há sete, mas esperava nunca ver a câmara de gás. Dois erros cruciais tinham sido cometidos no seu julgamento e Henshaw tinha uma boa chance de conseguir anulação e sair do corredor.

— Más notícias ontem — disse Henshaw, enquanto Sam estudava o próximo movimento.

— É, as coisas estão ficando pretas, não acha?

— É. O que diz o seu advogado?

Nenhum dos dois afastou os olhos do tabuleiro.

— Ele diz que temos uma pequena chance.

— Que diabo quer dizer isso? — perguntou Henshaw, movendo uma pedra.

— Acho que significa que eles vão me matar, mas que eu vou morrer lutando.

— O garoto sabe o que está fazendo?

— Oh, sim. Ele é esperto. É de família, você sabe.

— Mas é jovem demais.

— É um garoto inteligente. Muito culto. O segundo da classe da faculdade de direito em Michigan, você sabe. Editor da revista de direito.

— O que quer dizer isso?

— Quer dizer que ele é brilhante. Ele vai pensar em alguma coisa.

— Fala sério, Sam? Acha que vai acontecer?

Sam comeu duas pedras rapidamente e Henshaw praguejou.

— Você é fraco — disse Sam, com um largo sorriso. — Quando foi a última vez que ganhou de mim?

— Há duas semanas.

— Mentiroso. Não ganha de mim há três anos.

Henshaw fez um movimento hesitante e Sam comeu outra vez. Cinco minutos depois, o jogo terminou com outra vitória de Sam. Arrumaram as pedras e começaram outra partida.

Ao meio-dia, Packer e outro guarda apareceram com as algemas e a brincadeira acabou. Foram conduzidos para as celas onde o almoço os esperava. Feijão, ervilhas, purê de batata e várias fatias de torrada seca. Sam comeu menos de um terço da comida que estava no seu prato e esperou pacientemente pelo guarda, com um calção limpo e um sabonete na mão. Era hora do banho.

O guarda chegou e levou Sam para o pequeno chuveiro no fim da ala. Por ordem da corte, os ocupantes do corredor da morte tinham direito a cinco banhos rápidos de chuveiro por semana, precisassem ou não, como diziam os guardas.

Sam lavou a cabeça ensaboando duas vezes e tirando o sabonete com água morna. O chuveiro era limpo, mas usado por quatorze prisioneiros da Ala A, por isso tomavam banho com as sandálias de borracha. Depois de cinco minutos, a água parou e Sam ficou ali de pé por mais alguns minutos, olhando para os ladrilhos embaçados. Havia algumas coisas do Corredor das quais jamais ia sentir falta.

Vinte minutos depois, ele foi levado para um furgão da prisão e viajou os seiscientos metros até a biblioteca de direito.

Adam o esperava. Tirou o paletó e arregaçou as mangas da camisa enquanto os guardas tiravam as algemas de Sam e saíam da sala. Eles se cumprimentaram e trocaram um aperto de mãos. Sam sentou e acendeu um cigarro.

— Onde você esteve? — perguntou.

— Ocupado — disse Adam, sentando do outro lado da mesa. — Tive de fazer uma viagem inesperada a Chicago na quarta e na quinta.

— Alguma coisa a ver comigo?

— Pode dizer que sim. Goodman queria rever o caso e tratar de mais um ou dois assuntos.

— Então Goodman ainda está envolvido?

— Goodman é meu chefe agora, Sam. Tenho de comunicar tudo a ele, se quiser conservar meu emprego. Sei que você o odeia, mas ele está muito preocupado com seu caso e com você. Acredite ou não, ele não quer que você seja executado.

— Eu não o odeio mais.

— Por que a mudança?

— Eu não sei. Quando a gente chega tão perto da morte, começa a pensar.

Adam estava ansioso para ouvir mais, mas Sam não continuou. Tentou não pensar no pai de Sam, morto a pancadas numa briga de bêbados num enterro, e tentou ignorar todas as outras histórias sinistras contadas por Lee em Ford County. Queria bloquear tudo isso na sua mente, mas não conseguia.

Tinha prometido não mencionar mais nenhum pesadelo do passado.

— Acho que ouviu falar da nossa última derrota — Adam disse, tirando alguns papéis da pasta.

— Não demorou nada, não é mesmo?

— Não. Uma perda bem rápida, mas já apelei para a Quinta Circunscrição.

— Eu jamais tive sorte com a Quinta.

— Eu sei. Mas a esta altura não podemos escolher nossa corte de revisão.

— O que podemos fazer a esta altura?

— Várias coisas. Na terça-feira eu me encontrei casualmente com o governador, depois de uma reunião com o juiz federal. Ele quis conversar em particular. Deu os números dos seus telefones que não constam da lista e me convidou a telefonar para falar sobre o caso. Disse que tem dúvidas quanto à extensão da sua culpa.

Sam olhou furioso para ele.

— Dúvidas? Ele é a única razão pela qual estou aqui. Mal pode esperar para me ver executado.

— Talvez você tenha razão, mas...

— Você prometeu não falar com ele. Assinou um acordo comigo que o proíbe expressamente de qualquer contato com aquele imbecil.

— Calma, Sam. Ele me pegou no lado de fora do escritório do juiz.

— Não sei como não convocou uma entrevista coletiva para falar sobre meu caso.

— Eu o ameacei, está bem? Eu o fiz prometer que não vai falar com a imprensa.

— Então você é a primeira pessoa na história capaz de silenciar aquele filho da puta.

— Ele está aberto a ideia de indulto.

— Ele disse isso?

— Disse.

— Por quê? Eu não acredito.

— Eu não sei por quê, Sam. E nem quero saber. Mas que mal pode fazer? Qual é o perigo de se pedir uma concessão de indulto? A fotografia dele sai nos jornais, e daí? As câmeras de TV andam mais um pouco atrás dele. Se há uma chance dele ouvir, então por que se importar com a publicidade que vai ganhar?

— Não. A resposta é não. Não vou autorizar nenhum pedido de concessão de indulto. Com todos os demônios, não. Mil vezes não. Eu o conheço, Adam. Ele está querendo puxar você para o seu jogo. É tudo uma farsa, um espetáculo para o público. Ele vai lamentar tudo isto até o fim, tirando todo proveito que for possível. Vai ter mais atenção do que eu e é a minha execução.

— E o que tem isso?

Sam bateu na mesa com a mão aberta.

— Tem que não vai adiantar nada, Adam! Ele não vai mudar de ideia.

Adam anotou alguma coisa no bloco e esperou. Sam recostou na cadeira e acendeu outro cigarro. Passou os dedos no cabelo ainda molhado.

Adam pôs a caneta na mesa e olhou para seu cliente.

— O que você quer fazer, Sam? Desistir? Jogar a toalha? Você acha que sabe muito sobre leis, então me diga o que quer fazer.

— Bem, eu estive pensando.

— Tenho certeza disso.

— O processo a caminho da Quinta Circunscrição tem algum mérito, mas não parece promissor. Na minha opinião, não resta muita coisa.

— Exceto Benjamin Keyes.

— Certo. Exceto Benjamin Keyes. Ele fez um belo trabalho para mim no julgamento e no recurso, e era quase um amigo. Detesto atacá-lo.

— É o procedimento padrão em casos de pena de morte, Sam. Você sempre vai em cima do advogado do julgamento e alega atuação incompetente. Goodman me disse que quis fazer isso, mas você recusou. Devia ter sido feito anos atrás.

— Ele tem razão. Ele me pediu permissão, mas eu disse não. Acho que foi um erro.

Adam estava na ponta da cadeira, tomando notas.

— Eu estudei os registros e acho que Keyes cometeu um erro quando não o chamou para testemunhar.

— Eu queria falar com o júri, sabe. Acho que já disse isso. Depois que Dogan testemunhou, eu achei que precisava explicar para o júri o fato de que na verdade eu armei a bomba, mas não com intenção de

matar. Essa é a verdade, Adam. Eu não queria matar ninguém.

— Você queria testemunhar, mas seu advogado disse não.

Sam sorriu e olhou para o chão.

— É isso que quer que eu diga?

— Sim.

— Não tenho muita escolha, tenho?

— Não.

— Tudo bem. Foi o que aconteceu. Eu queria testemunhar, mas meu advogado não permitiu.

— Vou dar entrada amanhã bem cedo.

— Um pouco tarde, não é?

— Bem, certamente é um pouco tarde e isso devia ter sido usado há muito tempo. Mas o que temos a perder?

— Vai dizer para Keyes?

— Se tiver tempo, sim. Na verdade, não estou muito preocupado com os sentimentos dele no momento.

— Então também não estou. Para o diabo com ele. Quem mais podemos atacar?

— A lista é bem curta.

Sam levantou da cadeira com um gesto rápido e começou a andar ao longo da mesa com passos cadenciados. A sala tinha cinco metros e meio de comprimento. Ele deu a volta na mesa, passando por trás de Adam, depois, ao longo de cada parede, contando enquanto andava. Parou e se inclinou para uma estante de livros.

Adam terminou suas anotações e o observou com atenção.

— Lee quer saber se pode fazer uma visita.

Sam olhou demoradamente para ele, depois voltou para a cadeira no outro lado da mesa.

— Ela quer vir?

— Acho que sim.

— Tenho de pensar.

— Acho bom fazer isso depressa.

— Como vai ela?

— Muito bem, eu acho. Mandou todo seu amor e suas preces e diz que tem pensado muito em você.

— Em Memphis sabem que ela é minha filha?

— Acho que não. Ainda não saiu nos jornais.

— Espero que continue assim.

— Fui com ela a Clanton no sábado.

Sam olhou tristemente para ele, depois para o teto.

— O que vocês viram? — perguntou.

— Uma porção de coisas. Ela me mostrou o túmulo da minha avó e o jazigo dos outros Cayhall.

— Ela não queria ser enterrada com os Cayhall, Lee não disse?

— Disse. Lee me perguntou onde você quer ser enterrado.

— Ainda não resolvi.

— Claro. Apenas me informe quando resolver. Nós andamos pela cidade e ela me mostrou a casa onde eu morei. Fomos até a praça e sentamos no quiosque no jardim do Palácio da Justiça. A cidade estava muito movimentada, a praça cheia de gente.

— Nós costumávamos ir ao cemitério para ver os fogos.

— Lee me contou. Almoçamos no Tea Shoppe e depois demos um passeio pelo campo. Ela me levou à casa em que passou a infância.

— Ainda está lá?

— Sim, abandonada. Está semi destruída e o mato tomou conta dela. Andamos em volta. Ela me contou uma porção de histórias da infância. Falou bastante sobre Eddie.

— Ela tem boas lembranças?

— Na verdade, não.

Sam cruzou os braços e olhou para a mesa. Passou um minuto sem dizer nada. Finalmente, ele perguntou:

— Ela falou sobre o amiguinho africano de Eddie, Quince Lincoln?

Adam balançou afirmativamente a cabeça e seus olhos se encontraram.

— Sim, falou.

— E sobre o pai dele, Joe?

— Ela me contou a história.

— Você acredita nela?

— Acredito. Não devo acreditar?

— É verdade. É tudo verdade.

— Foi o que pensei.

— Como se sentiu quando ela contou a história? Quero dizer, como você reagiu?

— Eu o odiei.

— E agora, como se sente?

— Diferente.

Sam levantou devagar da cadeira e foi até a ponta da mesa. Então parou, de costas para Adam.

— Isso foi há quarenta anos — disse, com voz quase inaudível.

— Eu não vim aqui para falar disso — disse Adam, começando a se sentir culpado.

Sam voltou-se e encostou na estante de livros, olhando para a parede.

— Eu desejei um milhão de vezes que aquilo não tivesse acontecido.

— Prometi a Lee que não ia tocar no assunto, Sam. Sinto muito.

— Joe Lincoln era um bom homem. Muitas vezes me pergunto o que aconteceu com Ruby, Quince e o resto das crianças.

- Esqueça, Sam. Vamos falar de outra coisa.
- Espero que fiquem felizes com a minha morte.

TRINTA

Quando Adam passou de carro pelo posto de segurança no portão principal, o guarda acenou, como se ele fosse agora um freguês habitual. Ele respondeu com outro aceno, diminuiu a marcha e apertou o botão para abrir a mala do carro. Os visitantes não precisavam de nenhuma formalidade burocrática para sair da penitenciária, só uma rápida olhada na mala do carro para garantir que nenhum prisioneiro tivesse resolvido pegar uma carona. Entrou na rodovia, na direção sul, afastando-se de Memphis, calculando que aquela era sua quinta visita a Parchman. Cinco visitas em duas semanas. Tinha a vaga suspeita de que aquele lugar seria seu segundo lar nos próximos dezesseis dias. Que ideia macabra.

Não estava disposto a estar com Lee naquela noite. Sentia-se em parte responsável pela recaída dela, mas segundo ela mesma, era seu modo de vida há muitos anos. Lee era alcoólatra e se ela queria beber, Adam não podia fazer nada. Voltaria na noite seguinte para fazer café e conversar. Nesta noite precisava de um descanso.

A tarde ia caindo, o calor emanava do asfalto, os campos estavam empoeirados e secos, as fazendas em sua rotina lenta e preguiçosa, o tráfego seguia escasso e lerdo. Adam parou no acostamento e levantou a capota do conversível. Depois parou num armazém chinês em Ruleville, comprou uma lata de chá gelado e seguiu rapidamente pela estrada quase deserta, na direção geral de Greenville. Precisava executar uma tarefa, talvez desagradável, mas era algo que achava que tinha obrigação de fazer. Esperava ter a coragem de ir até o fim.

Adam seguiu pelas estradas secundárias, pequenas e pavimentadas, atravessando o Delta quase a esmo. Perdeu-se duas vezes, mas reencontrou o caminho. Chegou a Greenville alguns minutos antes das cinco e atravessou o centro da cidade a procura do seu alvo. Passou duas vezes pelo Parque Kramer. Encontrou a sinagoga na frente da Primeira Igreja Batista. Parou no fim da rua principal, na margem do rio, onde uma barragem guardava a cidade. Arrumou a gravata e andou três quadras na rua Washington até chegar a um velho prédio de tijolos com a placa que dizia Atacado Kramer, dependurada na varanda acima da calçada. A pesada porta de vidro abria para dentro e o assoalho antigo de madeira estalou quando ele entrou. A parte da frente do prédio mantinha a aparência de uma antiga loja de varejo, com balcões de vidro na frente de largas prateleiras que iam até o teto, cheios de caixas e embalagens de produtos alimentícios vendidos há muitos anos, mas agora desaparecidos. Havia também uma antiga caixa registradora. O pequeno museu logo dava lugar ao comércio moderno. O resto do prédio enorme fora reformado e parecia muito

eficiente. Uma parede de vidro opaco separava o hall de entrada e um corredor largo atapetado ia até o centro do prédio e sem dúvida conduzia aos escritórios e às secretárias. Em algum lugar, nos fundos, devia haver um armazém.

Adam admirou a exposição nos balcões da parte da frente. Um jovem trajando jeans apareceu e perguntou:

— Posso ajudá-lo?

Adam sorriu, sentindo-se de repente muito nervoso.

— Sim, eu gostaria de falar com o sr. Elliot Kramer.

— O senhor é vendedor?

— Não.

— Comprador?

— Não.

O jovem tinha um lápis na mão e muitas coisas na cabeça.

— Então posso perguntar de que o senhor precisa?

— Preciso ver o sr. Elliot Kramer. Ele está?

— Ele passa a maior parte do tempo no armazém principal, na parte sul da cidade.

Adam deu três passos na direção dele e entregou seu cartão.

— Meu nome é Adam Hall. Sou advogado de Chicago. Preciso muito falar com o sr. Elliot Kramer.

O rapaz apanhou o cartão, examinou por alguns segundos, depois olhou desconfiado para Adam.

— Só um minuto — disse, saindo.

Adam encostou no balcão e admirou a caixa registradora. Em algum lugar da sua volumosa pesquisa tinha lido que Marvin Kramer pertencera a uma família de prósperos comerciantes, há muitas gerações estabelecidos no Delta. Um antepassado havia desembarcado de um vapor em Greenville e resolveu fazer ali seu lar. Abriu um pequeno armazém e uma coisa levou à outra. Durante toda a provação dos julgamentos de Sam, a família Kramer era sempre descrita como abastada.

Depois de esperar vinte minutos, Adam preparava-se para ir embora, bastante aliviado. Tinha tentado. Se o sr. Kramer não queria falar com ele, não podia fazer nada.

Ouviu passos no assoalho de madeira e voltou-se para a entrada. Um velho senhor estava de pé com um cartão na mão. Era alto e magro, com cabelo grisalho ondulado, olhos castanho-escuros com olheiras profundas, um rosto magro e forte que no momento não sorria. Estava ali parado ereto, sem precisar se apoiar em nenhuma bengala, sem óculos para ajudá-lo a enxergar. Olhou severamente para Adam, mas não disse nada.

Por um segundo Adam desejou ter ido embora há cinco minutos. Mas então, perguntou a si mesmo o que estava fazendo ali e resolveu

ir em frente.

— Boa tarde — disse, quando ficou evidente que o cavalheiro não ia falar. — Sr. Elliot Kramer?

O sr. Kramer inclinou a cabeça num gesto afirmativo, mas muito lento, como se a pergunta fosse um desafio.

— Meu nome é Adam Hall. Sou advogado de Chicago. Sam Cayhall é meu avô e eu o represento. — Era evidente que o sr. Kramer já havia deduzido tudo isso, porque as palavras de Adam aparentemente não o surpreenderam. — Eu gostaria de falar com o senhor.

— Falar sobre o quê? — perguntou o sr. Kramer, com o sotaque lento e arrastado do sul.

— Sobre Sam.

— Espero que ele apodreça no inferno — disse ele, como se já estivesse certo do destino eterno de Sam. Os olhos castanho-escuros estavam quase negros.

Adam olhou para o chão para evitar aqueles olhos e tentou pensar em alguma coisa que amenizasse o diálogo.

— Sim, senhor — disse, muito consciente de que estava em pleno sul, onde a cortesia ia muito longe. — Compreendo como se sente. Não o culpo, mas eu só queria falar com o senhor por alguns minutos.

— Sam envia suas desculpas? — perguntou o sr. Kramer.

Adam achou estranho que ele se referisse ao seu avô apenas como Sam. Não sr. Cayhall ou Cayhall, somente Sam, como se os dois fossem velhos amigos separados por um antigo desentendimento e que tivesse chegado a hora da reconciliação. Diga que está arrependido, Sam, e tudo ficará bem.

A ideia de uma mentira passou por sua mente. Adam podia mentir convincentemente, dizer o quanto Sam sofria de remorso nos seus últimos dias e como queria desesperadamente ser perdoado. Mas não conseguiu.

— Faria alguma diferença? — perguntou.

O sr. Kramer guardou o cartão no bolso da camisa e olhou longamente para além de Adam, pela janela da frente.

— Não — ele disse —, não faria nenhuma diferença. É algo que devia ter sido feito há muito tempo. — Suas palavras eram acentuadas com a cadência pesada do Delta e embora o significado não fosse agradável, o som era muito repousante. Eram pronunciadas lenta e pensativamente, como se não significassem nada. Sugeriam também os anos de sofrimento e o fato de que a vida havia cessado há muito tempo.

— Não, sr. Kramer. Sam não sabe que estou aqui, portanto não pede desculpas. Mas eu peço.

Os olhos continuaram perdidos no passado. Mas ele estava ouvindo.

Adam continuou.

— Sinto-me na obrigação de pelo menos dizer, por mim e pela filha de Sam, que sentimos profundamente tudo que aconteceu.

— Por que Sam não disse isso anos atrás?

— Não posso responder a isso.

— Eu sei. Você é novo na história.

Ah, o poder da imprensa. É claro que o sr. Kramer estava lendo os jornais como todo mundo.

— Sim, senhor. Estou tentando salvar a vida dele.

— Por quê?

— Por muitas razões. Matá-lo não vai trazer de volta seus netos, nem seu filho. Ele estava errado, mas também é errado o governo tirar sua vida.

— Compreendo. E pensa que eu nunca ouvi isso antes?

— Não, senhor. Estou certo de que já ouviu tudo. E já viu tudo. Já sentiu tudo. Não posso imaginar o que deve ter sofrido. Só estou tentando evitar mais sofrimento.

— O que mais você quer?

— Pode me conceder cinco minutos?

— Estamos falando há três minutos. Ainda tem dois. — Olhou para o relógio como se estivesse ajustando um cronômetro e pôs as mãos de dedos longos nos bolsos da calça. Voltou a olhar para a janela e para a rua.

— O jornal de Memphis disse que o senhor quer estar lá quando amarrarem Sam Cayhall na cadeira da câmara de gás, que o senhor quer olhar nos olhos dele.

— Uma citação bem precisa. Mas não acredito que isso vá acontecer.

— Por que não?

— Porque temos um sistema judiciário podre. Ele tem sido mimado e protegido na prisão por quase dez anos. Seus recursos continuam interminavelmente. Vocês estão apresentando apelações e puxando os cordões neste momento para mantê-lo vivo. O sistema está doente. Não esperamos justiça.

— Posso garantir que ele não está sendo mimado. O corredor da morte é um lugar horrível. Acabo de vir de lá.

— Sim, mas ele está vivo. Está vivendo e respirando e assistindo a televisão e lendo livros. Está falando com você. Está apresentando petições. E quando a morte estiver chegando, e se chegar, vai ter muito tempo para se preparar. Ele pode se despedir. Fazer suas orações. Meus netos não tiveram tempo para dizer adeus, dr. Hall. Não puderam abraçar os pais e dar seus beijos de despedida. Simplesmente foram feitos em pedaços enquanto brincavam.

— Eu compreendo isso, sr. Kramer. Mas matar Sam não vai trazê-

los de volta.

— Não, não vai. Mas vamos nos sentir muito melhor. Vai aliviar nossa dor. Milhares de vezes já rezei para viver o bastante para vê-lo morto. Tive um enfarte há cinco anos. Passei duas semanas ligado a uma porção de máquinas, e uma das coisas que me manteve vivo foi o desejo de viver mais do que Sam Cayhall. Eu vou estar lá, dr. Hall, se meus médicos permitirem. Vou estar lá para vê-lo morrer, depois volto para casa para contar meus dias.

— Eu sinto muito que pense assim.

— Eu sinto ter de pensar assim. Quisera jamais ter ouvido o nome de Sam Cayhall.

Adam recuou e encostou no balcão com a caixa registradora. Olhou para o chão e o sr. Kramer continuou a olhar pela janela. O sol descia para oeste, atrás do prédio e o pequeno e belo museu começava a ficar escuro.

— Eu perdi meu pai por causa disso — disse Adam em voz baixa.

— Sinto muito. Eu li que ele cometeu suicídio logo depois do último julgamento.

— Sam também sofreu, sr. Kramer. Ele destruiu a própria família e destruiu a sua. E carrega mais culpa do que o senhor ou eu possamos imaginar.

— Talvez a carga fique menor quando estiver morto.

— Talvez. Mas por que não paramos com tantas mortes?

— Como espera que eu faça isso?

— Eu li em algum lugar que o senhor e o governador são velhos amigos.

— O que você tem a ver com isso?

— É verdade, não é?

— Ele é um rapaz nascido nesta cidade. Eu o conheço há muitos anos.

— Eu o Conheci na semana passada. O senhor sabe que ele tem poder para conceder o indulto.

— Eu não contaria com isso.

— Não estou contando. Estou desesperado, sr. Kramer. Neste momento não tenho nada a perder, exceto meu avô. Se o senhor e sua família estão resolvidos a praticamente exigir a execução, então o governo sem dúvida vai ouvi-los.

— Tem razão.

— E se decidirem que não querem uma execução, acho que o governo pode ouvi-los também.

— Então a decisão é minha — disse ele, finalmente fazendo um movimento. Passou pela frente de Adam e parou na janela. — Você não está só desesperado, dr. Hall, é também ingênuo.

— Não vou negar isso.

— É bom saber que tenho tanto poder. Se eu soubesse disso antes, seu avô estaria morto há muitos anos.

— Ele não merece morrer, sr. Kramer — disse Adam, caminhando para a porta. Não tinha esperado encontrar empatia. O importante era que o sr. Kramer o visse e soubesse que outras vidas tinham sido afetadas.

— Meus netos também não mereciam. Nem meu filho.

Adam abriu a porta e disse:

— Desculpe-me essa intrusão e agradeço o tempo que me concedeu. Eu tenho uma irmã, uma prima e uma tia, a filha de Sam. Só queria que o senhor soubesse que Sam tem uma família. Vamos sofrer com a morte dele. Se Sam não for executado, nunca sairá da prisão. Simplesmente vai murchar e morrer muito em breve de causas naturais.

— Você sofreria?

— Sim, senhor. É uma família patética, sr. Kramer, repleta de tragédias. Estou tentando evitar outra.

O sr. Kramer voltou-se e olhou para ele, com o rosto inexpressivo.

— Então tenho pena de você.

— Muito obrigado outra vez — disse Adam.

— Bom dia, senhor — disse o sr. Kramer sem sorrir.

Adam saiu do prédio e andou por uma rua arborizada até chegar no centro da cidade. Encontrou o parque e sentou num banco, não muito distante da estátua dos meninos. Depois de alguns minutos, cansado de culpa e de lembranças, foi embora.

Foi ao mesmo café a uma quadra do parque, tomou café e pediu um queijo quente que não comeu. Ouviu que falavam sobre Sam Cayhall numa mesa a alguma distância da sua, mas não dava para compreender o que estavam dizendo.

Foi para um hotel e telefonou para Lee. Ela parecia sóbria e talvez um pouco aliviada por ele não ficar no apartamento naquela noite. Quando escureceu, Adam dormia há meia hora.

TRINTA E UM

Adam atravessou de carro o centro de Memphis antes do amanhecer e às sete horas estava trancado no seu escritório. Às oito, já tinha falado três vezes com E. Garner Goodman. Ao que parecia, Goodman também estava tenso e com dificuldades para dormir. Conversaram longamente sobre a defesa de Keyes no julgamento. O dossiê Cayhall estava cheio de memorandos e pesquisas sobre o que tinha saído errado no julgamento, mas pouca coisa podia ser atribuída à incompetência de Benjamin Keyes.

Mas isso fora há muitos anos, quando a câmara de gás parecia muito distante. Goodman ficou satisfeito em saber que Sam também achava que devia ter testemunhado e que foi impedido por Keyes. Goodman encarava com ceticismo a verdade dessa afirmação, mas aceitaria a palavra de Sam.

Tanto Goodman quanto Adam sabiam que essa questão devia ter sido levantada há muitos anos e que usá-la agora seria, na melhor das hipóteses, um tiro no escuro. Os livros de direito estavam ficando cada vez mais volumosos com as decisões da Suprema Corte condenando petições legítimas por não terem sido apresentadas no momento certo. Porém, tratava-se de uma questão legítima, que sempre seria examinada pelas cortes, e Adam, animado, fez e refez o documento e trocou faxes com Goodman.

Dessa vez também a petição seria apresentada de acordo com os estatutos da revisão pós-condenação, na corte federal.

Às dez horas ele enviou seu último fax para o secretário da Suprema Corte do Mississippi, bem como uma cópia do documento para Breck Jefferson, no gabinete de Slattery. Faxes foram também enviados para o secretário da Quinta Circunscrição Judiciária em Nova Orleans. Então, ele telefonou para o secretário da pena de morte na Suprema Corte e informou o sr. Olander do que estava fazendo. O sr. Olander o instruiu para enviar imediatamente uma cópia, por fax, para Washington.

Darlene bateu à porta e Adam abriu. O sr. Wyn Lettner desejava vê-lo. Adam agradeceu e saiu do escritório para receber o visitante que estava sozinho e vestido como o dono de uma doca de pesca. Tênis e boné de pescador. Trocaram as amabilidades de praxe, os peixes estavam mordendo a isca, Irene estava bem, quando Adam ia visitá-los outra vez em Calico Rock?

— Estou na cidade a negócios e só queria falar alguns minutos com você — disse Lettner em voz baixa, de costas para a recepcionista.

— É claro — disse Adam. — Meu escritório é neste corredor.

— Não. Vamos andar um pouco.

Desceram no elevador até o saguão e saíram do prédio para a galeria de pedestres. Lettner comprou um saco de amendoins torrados de um carrinho e ofereceu um punhado a Adam. Ele declinou. Caminharam devagar para o norte, na direção da cidade. Lettner comia amendoins e atirava alguns para os pombos.

— Como vai Sam? — ele perguntou, finalmente.

— Ele tem duas semanas. Como você estaria se tivesse duas semanas?

— Acho que estaria rezando um bocado.

— Ele ainda não chegou a esse ponto, mas creio que não demora.

— Vai acontecer?

— Sem dúvida está planejado. Não há nada escrito que possa evitar.

Lettner pôs um punhado de amendoins na boca.

— Bem, boa sorte para você. Desde que me procurou, estou torcendo para você e para o velho Sam.

— Obrigado. E veio a Memphis para me desejar boa sorte?

— Não exatamente. Depois que você partiu, pensei um bocado em Sam e na bomba do escritório de Kramer. Examinei meu arquivo e registros pessoais — coisas que eu não via há anos e que trouxeram uma porção de recordações. Telefonei para alguns dos meus antigos companheiros e lembramos as antigas histórias da Klan. Bons tempos aqueles.

— Eu sinto ter perdido tudo isso.

— Bem, o caso é que lembrei de coisas que devia ter contado quando você nos visitou.

— Por exemplo.

— Tem mais alguma coisa na história de Dogan. Você sabe que ele morreu um ano depois de ter testemunhado.

— Sam me contou.

— Ele e a mulher foram mortos por uma explosão. Um vazamento de gás no sistema de aquecimento. Explodiu como uma bomba, uma enorme bola de fogo. Eles foram enterrados em saquinhos de sanduíche.

— Muito triste, mas e daí?

— Nunca acreditamos em acidente. Os peritos do laboratório tentaram reconstruir a cena. Muita coisa estava destruída mas na opinião deles o vazamento foi provocado.

— O que isso tem a ver com Sam?

— Não tem nada a ver com Sam.

— Então por que está contando?

— Pode ter a ver com você.

— Não estou compreendendo.

— Dogan tinha um filho, um garoto que entrou para o exército em

1979 e foi mandado para a Alemanha. No verão de 1980, Dogan e Sam foram indiciados novamente pela corte distrital em Greenville e logo depois foi anunciado que Dogan concordava em testemunhar contra Sam. Foi uma história e tanto. Em outubro de 1980, o filho de Dogan desertou na Alemanha. Desapareceu. — Lettner amassou alguns amendoins e atirou as cascas para um bando de pombos. — Nunca foi encontrado. O exército vasculhou céus e terra. Meses se passaram. Depois um ano. Dogan morreu sem saber o que tinha acontecido com o filho.

— O que aconteceu com ele?

— Eu não sei. Não apareceu até hoje.

— Ele morreu?

— Provavelmente. Sem nenhum sinal.

— Quem o matou?

— Talvez a mesma pessoa que matou seus pais.

— E quem podia ser?

— Tínhamos uma teoria, mas não um suspeito. Naquele tempo achamos que o filho tinha sido sequestrado para intimidar Dogan. Talvez Dogan soubesse de certos segredos.

— Então, por que matar Dogan depois do julgamento?

Pararam e sentaram num banco, à sombra de uma árvore na Court Square. Adam resolveu aceitar alguns amendoins.

— Quem conhecia os detalhes dos atentados a bomba? —

perguntou Lettner. — Todos os detalhes.

— Sam. Jeremiah Dogan.

— Certo. E quem foi o advogado deles nos dois primeiros julgamentos?

— Clovis Brazelton.

— Seria seguro supor que Brazelton conhecia os detalhes?

— Acho que sim. Ele era um membro atuante da Klan, não era?

— Era, ele era um deles. Assim temos três — Sam, Dogan e Brazelton. Mais alguém?

Adam pensou por um segundo.

— Talvez o cúmplice misterioso.

— Talvez. Dogan está morto. Sam não quer falar. E Brazelton morreu há muitos anos.

— Como ele morreu?

— Desastre de avião. O caso Kramer fez dele um herói por aqui e a fama aumentou bastante sua clientela. Brazelton gostava de voar, comprou um avião e vivia viajando de um lado para o outro. Um homem importante. Estava voltando de avião da Costa, uma noite, quando o avião desapareceu do radar. Encontraram o corpo numa árvore. O tempo estava bom. A Força Aérea disse que a causa foi uma

falha no motor.

— Outra morte misteriosa.

— Isso mesmo. Assim, todos estão mortos, menos Sam, e ele está quase.

— Alguma ligação entre a morte de Dogan e a de Brazelton?

— Não. Brazelton morreu muitos anos depois de Dogan. Mas a teoria inclui o cenário de que as duas mortes foram trabalho da mesma pessoa.

— Então, quem é essa pessoa?

— Alguém muito preocupado com segredos. Podia ser o cúmplice misterioso de Sam, o desconhecido.

— É uma teoria bastante vaga.

— Sim, é. E sem nenhuma prova para sustentá-la. Mas eu disse a você em Calico Rock que sempre suspeitei que Sam foi ajudado por alguém. Que talvez ele fosse o ajudante do desconhecido. De qualquer modo, quando Sam fez a bobagem e foi apanhado, o desconhecido desapareceu. Talvez estivesse muito ocupado eliminando as testemunhas.

— Por que matar a mulher de Dogan?

— Porque ela estava na cama com ele quando a casa explodiu.

— Por que mataria o filho de Dogan?

— Para Dogan não falar. Quando Dogan testemunhou, o filho estava desaparecido há quatro meses.

— Eu nunca li nada sobre o filho.

— Pouca gente sabia. Aconteceu na Alemanha. Aconselhamos Dogan a não dizer nada.

— Estou confuso. Dogan não delatou mais ninguém no julgamento. Só Sam. Por que o desconhecido o matou depois?

— Porque ele ainda sabia alguns segredos. E porque testemunhou contra outro membro da Klan.

Adam quebrou dois amendoins e jogou para um pombo gordo que estava sozinho. Lettner jogou as cascas que restavam na calçada, perto de um bebedouro. Era quase meio-dia e dezenas de empregados de escritório chegavam ao parque para o almoço perfeito de trinta minutos.

— Está com fome? — perguntou Lettner, consultando o relógio.

— Não.

— Com sede? Eu preciso de uma cerveja.

— Não. O que o desconhecido tem a ver comigo?

— Sam é a única testemunha que resta e está para ser silenciado dentro de duas semanas. Se ele morrer sem falar, então o

nosso desconhecido pode viver em paz. Se Sam não morrer daqui a duas semanas, o desconhecido continua ansioso. Mas se Sam começar a falar, alguém pode sair machucado.

— Eu?

— É você quem está procurando a verdade.

— Você acha que ele está por aí?

— Pode estar. Ou pode estar dirigindo um táxi em Montreal. Ou talvez nunca existiu.

Adam olhou para trás com uma exagerada expressão de medo.

— Agora parece loucura — disse Lettner.

— O desconhecido está a salvo. Sam não vai falar.

— É um perigo em potencial, Adam. Eu só queria que você soubesse.

— Não estou com medo. Se Sam me der o nome do desconhecido neste momento, vou sair gritando pela rua e apresentar caminhões de moções. E não vai adiantar nada. É tarde demais para novas teorias de culpa ou inocência.

— E o governador?

— Eu duvido.

— Está bem, mas eu quero que você tenha cuidado.

— Obrigado, eu acho.

— Vamos tomar uma cerveja.

Tenho de manter este cara longe de Lee, pensou Adam.

— Faltam cinco para o meio-dia. Certamente você não começa tão cedo.

— Oh, às vezes começo com o café da manhã.

O DESCONHECIDO estava SENTADO num banco da praça com um jornal na frente do rosto e pombos em volta dos pés. Estava a vinte e cinco metros de distância e não podia ouvir o que eles diziam. Pensou reconhecer o homem mais velho que estava com Adam como um dos agentes do FBI que aparecera nos jornais anos atrás. Ia seguir o homem, descobrir quem era e onde morava.

Wedge começava a ficar farto de Memphis e a ideia de fazer alguma coisa o agradava. O garoto trabalhava no escritório, ia de carro a Parchman, dormia no condomínio e parecia muito atarefado. Wedge acompanhava cuidadosamente as notícias nos jornais. Seu nome não fora mencionado. Ninguém sabia da sua existência.

O BILHETE NO BALCÃO estava datado e com a hora, 7: 15 da noite. A letra de Lee, que nunca fora muito legível, estava mais rabiscada do que nunca. Ela dizia que estava de cama com o que parecia ser uma gripe. Por favor, não perturbe. O médico a mandou dormir bastante. Para maior efeito, ao lado do bilhete, estava um vidro de remédio aviado na farmácia local e um copo com água até a metade. A data era daquele dia.

Adam verificou a lata de lixo debaixo da pia — nem sinal de bebida.

Procurando não fazer barulho, ele pôs uma pizza congelada no

micro-ondas e foi para o pátio ver as barcas no rio.

TRINTA E DOIS

O PRIMEIRO PAPAGAIO da manhã chegou logo depois do café quando Sam estava encostado na grade fumando um cigarro. Era de Preacher Boy, e trazia más notícias.

Caro Sam:

O sonho acabou. O Senhor trabalhou em mim a noite passada e finalmente me mostrou o que faltava. Eu gostaria que Ele não tivesse feito isso. Tem muita coisa e posso explicar tudo, se você quiser. Mas a conclusão é que em breve você estará com Ele. Ele me disse para aconselhar você a acertar suas contas com Ele. Ele está esperando. A jornada vai ser dura, mas a recompensa vale a pena. Eu te amo.

Irmão Randy.

Bon voyage, murmurou Sam, amassando o papel e jogando no chão. O garoto estava enlouquecendo aos poucos e não se podia fazer nada para ajudá-lo. Sam já havia preparado uma série de moções para serem apresentadas em algum momento no futuro, quando o Irmão Randy estivesse completamente louco.

Viu as mãos de Gullitt para fora das grades da porta.

— Como vai, Sam? — perguntou Gullitt.

— Deus está zangado comigo — disse Sam.

— É mesmo?

— É. O Preacher Boy terminou o sonho ontem à noite.

— Graças a Deus.

— Foi mais como um pesadelo.

— Eu não me preocuparia muito com isso. O pobre louco sonha acordado. Ontem me disseram que ele está chorando há uma semana.

— Você consegue ouvi-lo?

— Não. Graças a Deus.

— Pobre garoto. Preparei algumas moções para ele, para o caso de ter de deixar este lugar. Quero deixar todas com você.

— Eu não sei o que fazer com elas.

— Vou deixar instruções. Devem ser mandadas para o advogado dele.

Gullitt assobiou baixinho.

— Nossa, cara. O que eu vou fazer se você for embora? Faz um ano que não falo com meu advogado.

— Seu advogado é um cretino.

— Então me ajude a despedi-lo, Sam. Por favor. Você despediu o seu. Me ajude a despedir o meu. Eu não sei como se faz.

— Mas então, quem vai defender você?

— Seu neto. Diga para ele que pode ficar com o meu caso.

Sam sorriu, depois riu baixinho. Depois riu alto com a ideia

de reunir os companheiros do Corredor e entregar todos seus casos desesperados para Adam.

— O que é tão engraçado? — quis saber Gullitt.

— Você. Por que acha que ele vai querer seu caso?

— Ora, deixa disso, Sam. Fale com o garoto por mim. Ele deve ser inteligente, se é seu neto.

— E se eles me matarem? Quer um advogado que acaba de perder seu primeiro cliente do corredor da morte?

— Que diabo, não posso ser muito exigente agora.

— Fique calmo, J. B. Você ainda tem muitos anos pela frente.

— Quantos?

— No mínimo cinco, talvez mais.

— Jura?

— Tem minha palavra. Escrevo se quiser. Se estiver errado, pode me processar.

— Muito engraçado, Sam. Muito engraçado.

Uma porta se abriu na extremidade da ala e passos pesados se aproximaram. Packer parou na frente do número seis.

— Bom dia, Sam — disse ele.

— Bom dia, Packer.

— Vista o macacão. Tem visita.

— Quem é?

— Alguém que quer falar com você.

— Quem é? — repetiu Sam, vestindo rapidamente o macacão vermelho e apanhando os cigarros. Não interessava quem era ou o que queria. Uma visita era sempre um descanso da cela.

— Ande depressa, Sam — disse Packer.

— É o meu advogado? — perguntou Sam, calçando as sandálias de borracha.

— Não.

Packer fechou as algemas e a porta da cela se abriu. Saíram da Ala A e se dirigiram para a mesma saleta onde os advogados esperavam os clientes.

Packer tirou as algemas, saiu e fechou a porta. Sam olhou para a mulher grande sentada no outro lado da tela. Massageou os pulsos para impressioná-la e deu alguns passos para a cadeira na frente dela. Não a reconheceu. Sentou, acendeu um cigarro e olhou carrancudo para a visitante.

A mulher inclinou-se para a frente na cadeira e disse com voz nervosa:

— Sr. Cayhall, meu nome é dra. Stegall. — Passou um cartão pela abertura. — Sou a psiquiatra do Departamento Estadual de Correção.

Sam olhou para o cartão no balcão, na sua frente. Depois apanhou e o examinou, desconfiado.

— Aqui diz que seu nome é N. Stegall. Dra. N. Stegall.

— Exatamente.

— Um nome estranho, N. Nunca Conheci uma mulher chamada N.

O sorriso ansioso desapareceu do rosto da mulher e ela empertigou o corpo.

— É só uma inicial, está bem? Tenho motivos para isso.

— O que é o N?

— Na verdade, não é da sua conta.

— Nancy? Nelda? Nona?

— Se eu quisesse que todos soubessem, mandava imprimir no cartão, não acha?

— Eu não sei. Deve ser alguma coisa horrível, seja o que for. Nick? Ned? Não posso imaginar alguém se escondendo atrás de uma inicial.

— Não estou me escondendo, sr. Cayhall.

— Pode me chamar de S, está bem?

Os músculos do rosto dela se retesaram e ela olhou furiosa através da tela.

— Estou aqui para ajudá-lo.

— Chegou muito tarde, N.

— Por favor, pode me chamar de dra. Stegall.

— Tudo bem, nesse caso, pode me chamar de advogado Cayhall.

— Advogado Cayhall?

— Sim. Conheço mais direito do que a maioria dos palhaços que sentam aí onde você está.

Com um sorriso rápido e condescendente, ela disse:

— Meu dever é falar com você a esta altura dos acontecimentos, para ver se posso ajudá-lo em alguma coisa. Não precisa cooperar se não quiser.

— Muitíssimo obrigado.

— Se precisar falar comigo, ou se precisar de algum medicamento agora ou mais tarde, é só me avisar.

— Que tal uísque?

— Não posso receitar isso.

— Por que não?

— Regulamento da prisão, eu acho.

— O que pode receitar?

— Tranquilizantes, Valium, comprimidos para dormir, coisas desse tipo.

— Para quê?

— Para os seus nervos.

— Meus nervos estão ótimos.

— Consegue dormir?

Sam pensou por um longo momento.

— Bem, para ser franco, estou tendo um pouco de dificuldade.

Ontem dormi só doze horas. Geralmente, durmo quinze ou dezesseis.

— Doze horas?

— Isso mesmo. Você vem muito aqui, no corredor da morte?

— Não muito.

— Foi o que pensei. Se você soubesse o que está fazendo, saberia que nossa média é de dezesseis horas de sono por dia.

— Compreendo. O que mais preciso saber?

— Oh, uma porção de coisas. Por exemplo, que Randy Dupree está enlouquecendo aos poucos e que ninguém se importa com ele. Por que ainda não falou com ele?

— Há cinco mil prisioneiros aqui, sr. Cayhall. Eu...

— Pois então saia. Vá embora. Vá cuidar deles. Estou aqui há nove anos e meio e nunca a vi. Agora que vocês vão me matar, você vem correndo com uma mala cheia de remédios para acalmar meus nervos, para que eu seja bonzinho e dócil quando forem me matar. Por que vai se preocupar com meus nervos e meus hábitos de sono? Você trabalha para o estado e o estado está trabalhando como mil demônios para me executar.

— Estou fazendo o meu trabalho, sr. Cayhall.

— Seu trabalho é uma merda, Ned. Arranje um trabalho de verdade onde possa ajudar as pessoas. Você está aqui neste momento porque eu tenho treze dias e quer que eu vá em paz. Não passa de outro capataz do estado.

— Não vim aqui para ser ofendida.

— Pois então levante seu traseiro grande dessa cadeira. Vá embora. Vá e tome jeito na vida.

Ela levantou de um salto e segurou a pasta.

— Tem o meu cartão. Se precisar de alguma coisa, avise-me.

— Claro, Ned. Não espere sentada perto do telefone. — Sam levantou da cadeira e foi para a porta. Bateu duas vezes com a mão aberta e esperou de costas para ela, até Packer abrir.

Adam estava arrumando sua pasta para uma breve viagem à Parchman quando o telefone tocou. Darlene disse que era urgente. Estava certa.

O homem identificou-se como secretário da Corte de Apelações da Quinta Circunscrição, em Nova Orleans, e parecia muito amistoso. Disse que a petição de Cayhall atacando a constitucionalidade da câmara de gás, recebida na segunda-feira, fora designada a um júri de três juízes e que o júri queria ouvir a argumentação oral das duas partes. Será que ele poderia estar em Nova Orleans às 13:00 horas do dia seguinte, sexta-feira, para uma audiência?

Adam quase deixou cair o telefone. Amanhã? É claro, disse, depois de uma pequena hesitação. Uma hora em ponto, disse o secretário, explicando depois que normalmente a corte não concedia audiências à

tarde. Porém, dada a urgência do caso, a corte havia marcado uma sessão extraordinária. Perguntou se Adam alguma vez havia defendido uma moção perante a Quinta Circunscrição.

Está brincando, pensou Adam. Um ano atrás eu estava estudando para o exame de doutorado. Disse que não, que na verdade nunca e o secretário disse que enviaria imediatamente um fax com os regulamentos da corte para audiências. Adam agradeceu enfaticamente e desligou.

Sentou na beirada da mesa, procurando colocar em ordem seus pensamentos. Darlene entrou com o fax e ele pediu que ela verificasse o horário dos voos para Nova Orleans..

Teria captado a atenção da corte com suas moções? Isso seria uma boa notícia ou mera formalidade? Na sua breve carreira de advogado, apenas uma vez estivera na frente de um juiz para defender a posição do seu cliente. Mas Emmitt Wycoff estava sentado ali perto, para o caso de ele precisar. E ele conhecia o juiz. E tinha acontecido no centro de Chicago, não muito longe do seu escritório. Amanhã ele iria entrar num tribunal desconhecido, numa cidade estranha para tentar defender um recurso de última hora, perante um júri de três juízes dos quais nunca tinha ouvido falar.

Telefonou para E. Garner Goodman. Goodman já havia estado várias vezes na Quinta Circunscrição e a medida que ele falava, Adam ia se acalmando. Não era uma notícia boa nem má, na opinião de Goodman. Evidentemente a corte estava interessada no processo, mas já tinham ouvido tudo aquilo antes. Tanto o Texas quanto a Louisiana haviam feito apelações semelhantes junto à Quinta Circunscrição nos últimos anos.

Goodman garantiu que ele conseguiria defender sua argumentação. Trate de estar preparado, disse ele. E procure ficar calmo. Talvez ele pudesse voar até Nova Orleans, mas Adam disse não. Disse que podia fazer tudo sozinho. Mantenha-me informado, disse Goodman.

Adam perguntou a Darlene sobre o voo e depois se trancou no escritório. Decorou as regras da Quinta Circunscrição. Estudou o processo que atacava a câmara de gás. Leu dossiês e casos. Telefonou para a Parchman e mandou avisar Sam que não iria visitá-lo naquele dia.

Adam trabalhou até a noite, depois fez a viagem temida ao apartamento de Lee. O mesmo bilhete estava no balcão. Não fora tocado e continuava dizendo que Lee estava de cama, com gripe. Adam andou pelo apartamento e não viu nenhum sinal de ter sido ocupado durante o dia.

A porta do quarto dela estava entreaberta. Ele bateu e a empurrou ao mesmo tempo.

— Lee — chamou, em voz baixa, no escuro. — Lee, você está bem?

Viu movimento na cama.

— Sim, querido — disse ela. — Entre.

Adam sentou na beirada da cama, procurando enxergar no escuro. A única luz era a que vinha da lâmpada fraca do corredor. Lee sentou e encostou nos travesseiros.

— Estou melhor — disse ela, com voz rouca. — E você, como está, querido?

— Muito bem, Lee. Estou preocupado com você.

— Vou ficar boa. É um vírus danado.

Quando ela se mexeu, um cheiro forte emanou das cobertas e Adam teve vontade de chorar. Era o cheiro nauseante de vodca amanhecida, gim ou malte azedo, ou talvez uma combinação de tudo isso. Adam não podia ver os olhos dela, na penumbra, apenas o contorno do rosto. Ela estava com uma camisa escura.

— O que está tomando? — ele perguntou.

— Eu nem sei. Uns comprimidos. O médico disse que a gripe vai durar alguns dias e depois desaparece. Já estou melhor.

Adam ia comentar alguma coisa a respeito de como era estranho aparecer um vírus da gripe no fim de julho, mas não disse nada.

— Você pode comer?

— Na verdade, não tenho apetite.

— Posso fazer alguma coisa?

— Não, querido. E você, como está? Que dia é hoje?

— Quinta-feira.

— Sinto-me como se tivesse passado a semana numa caverna.

Adam tinha duas opções. Podia entrar no jogo do vírus e esperar que ela parasse de beber antes que as coisas ficassem piores. Ou podia falar claramente agora e dizer que ela não o estava enganando. Talvez isso provocasse uma briga, e talvez fosse exatamente o que se deve fazer com bêbados que interrompem a abstinência. Como saber qual o melhor?

— Seu médico sabe que você está bebendo? — perguntou, contendo a respiração.

Depois de uma longa pausa, Lee disse, com voz quase inaudível:

— Não estou bebendo.

— Ora, vamos, Lee, encontrei a garrafa de vodca na lata de lixo. Sei das três garrafas de cerveja que desapareceram no sábado. Você cheira como uma destilaria. Não está enganando ninguém, Lee. Está bebendo de montão e eu quero ajudar.

Ela endireitou o corpo contra os travesseiros e puxou a coberta até o peito. Então, ficou imóvel por um longo tempo. Adam olhou para a silhueta no escuro. Passaram minutos. Um silêncio de morte envolvia o apartamento.

— Como vai meu querido pai? — murmurou ela. Falava arrastado,

mas com amargura.

— Eu não o vi hoje.

— Não acha que ele estará muito melhor morto?

Adam olhou para o vulto vago na cama.

— Não, Lee, não acho. E você?

Ela ficou calada e imóvel durante quase um minuto.

— Você tem pena dele, não tem? — perguntou, afinal.

— Sim, eu tenho.

— Ele inspira piedade?

— Sim.

— Qual a sua aparência?

— Um homem muito velho, com bastante cabelo grisalho sempre gorduroso, penteado para trás. Tem uma barba curta, grisalha. Muitas rugas. A pele é muito pálida.

— Que roupa ele usa?

— Um macacão vermelho. Todos os homens do corredor da morte usam a mesma coisa.

Outra longa pausa, enquanto ele pensava. Então ela disse:

— Acho que é fácil ter pena dele.

— Para mim é.

— Mas quer saber, Adam, eu nunca o vi como você o vê. Eu via uma pessoa diferente.

— E o que você via?

Lee ajeitou o cobertor em volta das pernas e ficou imóvel outra vez.

— Meu pai era uma pessoa que eu desprezava.

— Ainda o despreza?

— Sim. Muito. Acho que ele deve morrer. Deus sabe que ele merece.

— Por que ele merece?

A pergunta provocou outro silêncio. Lee virou um pouco para a esquerda e apanhou uma xícara ou copo da mesa de cabeceira. Bebeu devagar, enquanto Adam olhava para sua sombra. Não perguntou o que ela estava bebendo.

— Ele fala com você sobre o passado?

— Só quando eu pergunto. Falamos sobre Eddie, mas eu prometi que não vou falar nele outra vez.

— Por causa dele Eddie está morto. Ele sabe disso?

— Talvez.

— Você não disse? Você não o culpou pela morte de Eddie?

— Não.

— Pois devia. Você é muito condescendente com ele. Sam precisa saber o que fez.

— Acho que ele sabe. Mas você mesma disse que não é justo

atormentá-lo neste momento da sua vida.

— E Joe Lincoln? Falou com ele sobre Joe Lincoln?

— Eu disse que fomos à antiga casa da família. Ele perguntou se eu sabia sobre Joe Lincoln. Eu disse que sabia.

— Ele negou?

— Não. Demonstrou muito remorso.

— Ele é um mentiroso.

— Não. Acho que foi sincero.

Outra longa pausa e então ela disse:

— Ele falou sobre o linchamento?

Adam fechou os olhos e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Não — murmurou.

— Imaginei que não iria falar.

— Eu não quero ouvir, Lee.

— Sim, você quer. Você chegou aqui cheio de perguntas sobre a família e sobre seu passado. Duas semanas atrás não se cansava de ouvir histórias sobre a miséria da família Cayhall. Você queria todo o sangue e todo o horror.

— Já ouvi bastante — disse ele.

— Que dia é hoje? — ela perguntou.

— Quinta-feira. Você já perguntou isso.

— O parto de uma das minhas meninas está marcado para hoje. Segundo filho. Não telefonei para o escritório. Acho que é o remédio.

— E o álcool.

— Está bem, que se dane! Então sou uma alcoólatra. Quem pode me culpar? Às vezes gostaria de ter coragem para fazer o que Eddie fez.

— Vamos, Lee. Deixe-me ajudá-la.

— Oh, você já ajudou muito, Adam. Eu estava muito bem, muito bem e sóbria até você chegar.

— Certo, eu estava errado. Peço desculpas. Não compreendi... — Não terminou a frase.

Ela fez um leve movimento e Adam a viu tomar outro gole. No silêncio pesado os minutos se passaram. O cheiro azedo emanava da cama.

— Minha mãe me contou uma história — disse Lee, em voz baixa, quase num sussurro. — Ela disse que ouviu falar nisso durante anos. Muito antes de casar com meu pai ela soube que ele havia ajudado a linchar um jovem negro.

— Por favor, Lee.

— Eu nunca perguntei a ele, mas Eddie perguntou. Há anos nós comentávamos às escondidas e finalmente, um dia, Eddie falou diretamente com ele. Tiveram uma briga feia, mas Sam admitiu que era verdade. Disse que isso não o incomodava nem um pouco.

Supostamente o garoto negro tinha violentado uma menina branca. Mas ela era lixo branco e muita gente duvidava que ela tivesse sido forçada. Isso, de acordo com a versão da minha mãe. Sam tinha quinze anos mais ou menos e um bando de homens foi até a cadeia, tirou o menino negro de lá e o levou para o bosque. O pai de Sam era o líder do circo e seus irmãos também estavam envolvidos.

— Chega, Lee.

— Bateram nele com um relho, depois o dependuraram numa árvore. Meu querido pai estava bem no meio de tudo. Ele não podia negar, sabe, porque alguém tirou fotografias do linchamento.

— Um fotógrafo?

— É. Alguns anos depois a fotografia apareceu num livro sobre a situação dos negros no Sul. Foi publicado em 1947. Minha mãe guardou um exemplar durante anos. Eddie o encontrou no sótão.

— E Sam está na fotografia.

— Certo. Sorrindo de orelha a orelha. Estão de pé debaixo da árvore com os pés do negro acima das suas cabeças. Todo mundo se divertindo a valer. Apenas mais um linchamento de negro. Não há nenhum crédito atribuído a foto, nenhum nome. Ela diz tudo sem precisar disso. A legenda diz apenas, um linchamento na zona rural do Mississippi.

— Onde está o livro?

— Ali na gaveta. Eu o guardei no depósito com os outros tesouros da família, desde que o banco tomou a casa. Tirei há alguns dias. Achei que você gostaria de ver.

— Não. Eu não quero ver.

— Vá em frente. Você queria saber tudo da sua família. Muito bem, aí está. Avô, bisavô e toda uma variedade de Cayhall na sua melhor forma. Apanhados no ato, e muito orgulhosos com o feito.

— Pare com isso, Lee.

— Houve outros linchamentos, sabia?

— Cale a boca, Lee. Está bem? Não quero ouvir mais.

Ela se inclinou para o lado e estendeu a mão para a mesa de cabeceira.

— O que você está tomando, Lee?

— Xarope para a tosse.

— Mentira! — Adam levantou-se rapidamente e foi até a mesa de cabeceira.

Lee tomou o que restava do líquido. Ele tirou o copo da mão dela e cheirou.

— Isto é uísque.

— Tem mais na despensa. Quer apanhar para mim?

— Não! Já bebeu demais.

— Se eu quiser posso ir buscar.

— Não, não pode, Lee. Não vai beber mais esta noite. Amanhã vou levá-la ao médico e procuraremos ajuda.

— Eu não preciso de ajuda. Preciso de um revólver.

Adam pôs o copo na cômoda e acendeu um abajur. Lee protegeu os olhos com a mão por alguns segundos, depois olhou para ele. Os olhos estavam vermelhos e inchados, o cabelo sujo e emaranhado.

— Não sou um espetáculo muito bonito, não é? — disse ela, arrastando as palavras e desviando o olhar.

— Não. Mas vamos procurar ajuda. Faremos isso amanhã.

— Me dê um drinque, Adam. Por favor.

— Não.

— Então me deixe em paz. Isto é tudo culpa sua, você sabe. Agora, vá embora, por favor. Vá para a cama.

Adam apanhou um travesseiro da cama e o atirou contra a porta.

— Vou dormir aqui esta noite — disse ele, apontando para o travesseiro. — Vou trancar a porta e você não vai sair do quarto.

Lee olhou zangada para ele mas não disse nada. Adam apagou a luz e o quarto ficou completamente escuro. Ele trancou a porta e deitou no carpete.

— Agora, trate de dormir para curar essa bebedeira, Lee.

— Vá para a cama, Adam. Prometo que não saio do quarto.

— Não. Você está bêbada e não vou sair daqui. Se tentar abrir esta porta, eu a levo para a cama à força.

— Parece um tanto romântico.

— Deixe de bobagem, Lee. Trate de dormir.

— Não posso dormir.

— Tente.

— Vamos contar histórias de Cayhall, está bem, Adam? Eu sei mais algumas de linchamentos.

— Cale a boca, Lee! — gritou Adam e ela ficou quieta.

A cama rangeu quando ela se ajeitou para dormir. Depois de quinze minutos, ela aparentemente se acalmou. No fim de trinta minutos, o chão ficou desconfortável e Adam começou a virar de um lado para o outro.

O sono veio em cochilos esparsos, interrompido por longos períodos de olhos abertos, fixos no teto, preocupando-se com ela e com a Quinta Circunscrição. No meio da noite, ele sentou encostado na porta e olhou, no escuro, na direção da cômoda. Será que o livro estava mesmo ali? Pensou em tirá-lo da gaveta e ir ao banheiro procurar a foto. Mas não queria acordar Lee. E não queria ver.

TRINTA E TRÊS

Ele encontrou uma garrafa de uísque de meio litro na despensa, escondida numa caixa de biscoitos, e a esvaziou na pia. Estava escuro ainda. Faltava uma hora para o nascer do sol. Adam fez um café forte e tomou, sentado no sofá, ensaiando os argumentos que dentro de poucas horas iria apresentar em Nova Orleans.

Na varanda, de madrugada, releu suas anotações e às sete horas estava na cozinha fazendo torrada. Nem sinal de Lee. Adam não queria um confronto, mas era necessário. Ele tinha muita coisa para dizer, Lee precisava se desculpar. Começou a bater as facas e garfos na cozinha e depois ligou a televisão para aumentar o barulho.

Mas nada se movia no outro lado do apartamento. Depois do banho, já vestido, Adam girou com cuidado a maçaneta da porta do quarto dela. Estava trancada. Lee havia se isolado na sua caverna, evitando a conversa dolorosa. Adam escreveu um bilhete, dizendo que ia passar o dia e a noite em Nova Orleans e que a veria no dia seguinte. Disse que sentia muito e que conversariam mais tarde. Pediu a ela para não beber mais.

Deixou o bilhete na bancada da cozinha, num lugar bem visível, saiu do prédio e foi para o aeroporto.

O voo direto para Nova Orleans levou cinquenta e cinco minutos. Adam tomou suco de frutas e procurou sentar confortavelmente para aliviar as costas doloridas. Dormira menos de uma hora no chão e jurou que nunca faria aquilo novamente. Não era a primeira recaída de Lee e se ela não podia ficar longe da bebida por vontade própria, não havia nada que ele pudesse fazer. Iria permanecer em Memphis até acabar aquele caso desgraçado e se sua tia não ficasse sóbria, iria para um hotel.

Esforçou-se para esquecer Lee durante as próximas horas. Precisava se concentrar em assuntos legais, não em linchamentos, fotografias, histórias de horror do passado, nem em sua adorada tia e seus problemas.

Assim que o avião aterrisou em Nova Orleans, Adam sentiu que seria capaz de concentrar-se. Mentalmente reviu os nomes de dezenas de casos recentes de pena de morte, da Quinta Circunscrição e da Suprema Corte.

O carro alugado por Darlene, por conta da Kravitz & Bane, era um Cadillac sedã com motorista e, quando sentou confortavelmente no banco traseiro, Adam teve de concordar que uma grande firma tem suas vantagens. Era a primeira vez que ia a Nova Orleans e o trajeto do aeroporto até o centro parecia igual ao de qualquer outra cidade. Apenas tráfego e vias expressas. Entraram na rua Poydras, ao lado do

Superdrome e de repente estavam no centro da cidade. O motorista explicou que o Quartier francês ficava a pouca distância, não muito longe do hotel onde Adam ia ficar. O carro parou na rua Camp e Adam desceu na frente de um prédio chamado simplesmente de Corte de Apelações da Quinta Circunscrição Judiciária. Era uma estrutura majestosa, com colunas gregas e uma grande escadaria na entrada.

Adam entrou no gabinete do secretário, no andar térreo e pediu para ver o sr. Feriday. O sr. Feriday o recebeu com a mesma sinceridade e cortesia que havia demonstrado ao telefone. Registrou Adam e explicou algumas regras da corte. Perguntou se ele queria conhecer o prédio. Era quase meio-dia, o movimento era pequeno, a hora ideal para um reconhecimento. Foram direto para as salas dos tribunais, passando pelos gabinetes dos juízes e do resto do pessoal.

— A Quinta Circunscrição tem quinze juízes — explicou o sr. Feriday, enquanto caminhavam sobre o chão de mármore — e seus gabinetes ficam todos naqueles corredores. No momento, temos três cargos vagos e as nomeações estão para ser decididas em Washington.

Os corredores eram escuros e silenciosos, como se mentes privilegiadas estivessem trabalhando atrás das grandes portas de madeira.

O sr. Feriday o levou primeiro a sala do Pleno, um palco enorme e majestoso com quinze cadeiras formando um semicírculo na frente.

— A maior parte do nosso trabalho nesta sala é feito por grupos de três juízes. Mas ocasionalmente os quinze se reúnem em sessão plenária — ele explicou em voz baixa, como se a sala imponente ainda lhe inspirasse admiração e respeito. O estrado com as cadeiras ficava bem mais alto do que o resto da sala, de modo que os advogados, na tribuna, tinham de olhar para cima para apresentar seus argumentos. A sala era toda de mármore e madeira escura, com cortinas pesadas e um imenso lustre pendendo do teto. Era discretamente luxuosa, antiga, mas cuidadosamente conservada, e a primeira sensação de Adam foi de temor. Raramente é realizada uma sessão com todos os juízes, explicou o sr. Feriday outra vez, como se estivesse ensinando um estudante de direito. As grandes decisões sobre direitos civis dos anos 60 e 70 foram tomadas naquela sala, informou ele, com orgulho. Na parede, atrás das cadeiras dos juízes, estavam os retratos dos magistrados já falecidos.

Por mais bela que fosse a sala, Adam esperava não vê-la nunca mais, pelo menos não como advogado representando um cliente. Seguiram pelo corredor para a Sala de Oeste, menor que a primeira, mas não menos imponente. O sr. Feriday explicou que era ali que funcionavam os júris de três juízes, enquanto seguiam pela passagem entre as cadeiras dos espectadores, passavam pela grade divisória e chegavam a tribuna. As cadeiras dos juízes ficavam também em plano

mais elevado, mas não tão alto quanto na sala do Pleno.

— Praticamente, todas as audiências são feitas na parte da manhã, a partir das nove horas — disse o sr. Feriday. — Seu caso é um pouco diferente, por ser um caso de pena de morte com data já marcada — Apontou para as cadeiras na parte de trás.

— Você deverá estar sentado ali, um pouco antes das 13 horas, quando o meirinho vai anunciar o caso. Então, você passa pela grade divisória e senta aqui, na mesa dos advogados. Vai ser o primeiro e terá vinte minutos para falar.

Adam sabia disso, mas sem dúvida era agradável ser instruído com tanta cortesia.

O sr. Feriday apontou para um objeto na tribuna, que parecia um sinal de trânsito.

— Este é o marcador de tempo — disse, gravemente. — É muito importante. Vinte minutos, certo? Há histórias horríveis de advogados prolixos que ignoram o tempo. Não é um espetáculo agradável. A luz verde fica acesa enquanto você estiver falando. A amarela se acende para avisar o tempo que ainda resta — dois minutos, cinco minutos, trinta segundos *etc.* Quando a vermelha se acende, você simplesmente para no meio da frase, se for o caso, e volta a sua cadeira. Só isso. Alguma pergunta?

— Quem são os juízes?

— McNeely, Robichaux e Judy — disse ele, como se Adam conhecesse os três pessoalmente. — Há uma sala de espera ali adiante e a biblioteca fica no terceiro andar. Esteja aqui dez minutos antes das 13 horas. Mais alguma pergunta?

— Não, senhor. Obrigado.

— Estou no meu gabinete, se precisar de mim. Boa sorte. Trocaram um aperto de mãos e o sr. Feriday deixou Adam de pé na tribuna.

Quando faltavam dez minutos para as 13 horas, Adam entrou pela segunda vez pela porta maciça da Sala de Oeste, onde outros advogados já se preparavam para a batalha. Na primeira fila atrás da divisória, o procurador-geral Steve Roxburgh e seu grupo de assistentes planejavam suas táticas. Calaram-se quando Adam entrou e alguns cumprimentaram com uma inclinação de cabeça e tentaram sorrir. Adam sentou sozinho ao lado da passagem e os ignorou.

Lucas Mann estava sentado no lado do grupo de Roxburgh, mas algumas filas atrás. Lia um jornal tranquilamente e acenou para Adam quando seus olhos se encontraram. Era bom vê-lo.

Parecia engomado da cabeça aos pés, com um terno cáqui e uma gravata suficientemente vistosa para brilhar no escuro. Evidentemente a imponência da Quinta Circunscrição não o intimidava e era também evidente que estava procurando ficar longe de Roxburgh. Ele era apenas o advogado da Parchman, fazendo seu trabalho. Se a Quinta

Circunscrição concedesse um adiamento e Sam não fosse executado, Lucas Mann ficaria satisfeito. Com uma leve inclinação da cabeça, Adam sorriu para ele.

Roxburgh e seu bando voltaram a confabular. Morris Henry, o dr. Morte, estava bem no meio deles, explicando tudo para as mentes inferiores.

Adam respirou fundo e procurou se acalmar. Era difícil. Seu estômago parecia uma bateadeira, não conseguia parar os pés e repetia mentalmente que seriam só vinte minutos. Podia aguentar qualquer coisa por vinte minutos. Olhou rapidamente para suas anotações e, para se acalmar, tentou pensar em Sam — não em Sam, o racista, o assassino, o linchador, mas em Sam, o cliente, o homem velho definhando no corredor da morte, que tinha direito de morrer em paz e com dignidade. Sam ia ter vinte minutos do valioso tempo daquela corte, portanto seu advogado tinha de fazer o melhor possível.

Uma porta pesada bateu em algum lugar e Adam saltou na cadeira. O meirinho apareceu, vindo de trás das cadeiras dos juízes, e anunciou que a digníssima corte estava em sessão. Entrou então na sala, acompanhado por três homens com togas negras esvoaçantes — McNeely, Robichaux e Judy, todos carregando pastas e todos parecendo sem nenhum senso de humor ou boa vontade. Sentaram nas maciças poltronas de couro, na frente da mesa de carvalho escura e brilhante e olharam para baixo, para a sala. O processo Estado do Mississippi contra Sam Cayhall foi anunciado e os advogados convocados. Adam caminhou nervoso e passou pelo portão baixo de vaivém, seguido por Roxburgh. Os assistentes do procurador-geral continuaram onde estavam, bem como Lucas Mann e um pequeno grupo de espectadores. Mais tarde Adam ficou sabendo que a maioria destes últimos era de repórteres.

Judy ia presidir a sessão, a Excelentíssima T. Eileen Judy, uma jovem mulher do Texas. Robichaux era da Louisiana e estava perto dos sessenta anos. McNeely parecia ter cento e vinte anos e era também do Texas. Judy fez uma breve exposição de abertura e então perguntou ao dr. Adam Hall, de Chicago, se estava pronto para prosseguir. Adam ficou de pé, sentindo os joelhos como geleia, o estômago dando pulos, e com voz alta e nervosa disse que sim, estava pronto. Foi até a tribuna, no centro da sala, e olhou para cima, muito para cima, parecia, para o júri atrás da mesa.

A luz verde acendeu e ele supôs corretamente que era o sinal para começar. A sala estava em silêncio. Os juízes olharam para baixo, para ele. Adam pigarreou, olhou para os retratos dos juízes mortos dependurados na parede e arremeteu, começando um ataque violento contra a câmara de gás como meio de execução.

Evitou olhar diretamente para os três juízes e durante cinco

minutos mais ou menos repetiu o que havia submetido ao exame dos juízes na sua apelação. Era uma hora da tarde, depois do almoço, o calor era intenso e os juízes precisaram de alguns minutos para pôr suas mentes no ritmo adequado.

— Dr. Hall, acho que está apenas repetindo o que já disse na sua petição — disse Judy, impaciente. — Nós sabemos ler muito bem, dr. Hall.

O dr. Hall aceitou bem a ironia e pensou que aqueles vinte minutos eram seus e se ele quisesse pôr o dedo no nariz e recitar o alfabeto, não podiam impedi-lo. Durante vinte minutos. Por mais inexperiente que fosse, Adam já tinha ouvido aquela observação antes, de um juiz da corte de apelações. Na ocasião ele estudava na faculdade, e assistia a uma audiência. Era uma frase padrão.

— Sim, Excelência — disse Adam, cauteloso, evitando qualquer referência ao sexo da juíza.

Passou então a descrever os efeitos do gás cianureto nos ratos de laboratório, um estudo não incluído na sua petição. As experiências haviam sido feitas no ano anterior por químicos da Suécia, para provar que os seres humanos não morrem instantaneamente quando inalam o gás venenoso. O trabalho fora financiado por uma organização europeia que trabalhava para abolir a pena de morte na América.

Os ratos tinham ataques e convulsões. Seus pulmões e corações paravam e voltavam a funcionar desordenadamente durante vários minutos. O gás fazia estourar os vasos sanguíneos no corpo todo, incluindo o cérebro. Os músculos tremiam incontrolavelmente. Eles salivavam e guinchavam.

A conclusão óbvia era que os ratos não morriam imediatamente, mas sofriam bastante. Os testes foram realizados com toda integridade científica. Doses adequadas foram dadas aos animais. Em média, levaram quase dez minutos para morrer. Adam elaborou os detalhes e à medida que sua apresentação se aquecia, seus nervos se acalmavam um pouco. Os juízes não só ouviam atentamente, como também pareciam encantados com aquela exposição sobre ratos agonizantes.

Adam tinha encontrado aquele estudo da experiência numa nota de rodapé da transcrição de um caso recente da Carolina do Norte. Estava escrito com letra miúda e não fora muito comentado.

— Agora, deixe-me esclarecer uma coisa — interrompeu Robichaux, com voz estridente. — O senhor não quer que seu cliente morra na câmara de gás porque é um modo cruel de morrer, mas está dizendo que não se importa que seja executado com a injeção letal?

— Não, Excelência. Não é isso que estou dizendo. Não quero que meu cliente seja executado por nenhum método.

— Mas a injeção letal é menos violenta?

— Todos os métodos são violentos, mas a injeção letal parece ser o menos cruel. Não há dúvida de que a câmara de gás é um meio horrível de morrer.

— Pior do que uma bomba? Pior do que ser estourado com dinamite?

Um silêncio pesado envolveu a sala. Robichaux tinha enfatizado a palavra “dinamite”, e Adam procurou encontrar uma resposta adequada. McNeely lançou um olhar severo de reprovação ao seu colega, na outra ponta da mesa.

Foi um golpe baixo e Adam ficou furioso. Controlou-se e disse com voz firme.

— Estamos falando sobre métodos de execução, Excelência, não sobre crimes que levam os homens ao corredor da morte.

— Por que não quer falar sobre o crime?

— Porque o crime não está em discussão aqui. Porque só tenho vinte minutos e meu cliente só tem doze dias.

— Talvez seu cliente não devesse ter armado aquelas bombas.

— É claro que não devia. Mas foi condenado por seu crime e agora enfrenta a morte na câmara de gás. Nosso argumento é de que a câmara é um meio cruel de execução.

— O que me diz da cadeira elétrica?

— O mesmo argumento se aplica. Tem havido casos medonhos de pessoas que sofreram terrivelmente na cadeira elétrica, antes de morrer.

— Que tal um pelotão de fuzilamento?

— Parece-me cruel.

— E a forca?

— Não sei muito sobre enforcamentos, mas também me parece cruel.

— Mas gosta da ideia da injeção letal?

— Eu não disse que gostava. Se não me engano, eu disse que não era tão cruel quanto os outros métodos.

O juiz McNeely interrompeu.

— Dr. Hall, por que o Mississippi substituiu a câmara de gás pela injeção letal?

O assunto era extensamente discutido no processo e na petição e Adam imediatamente percebeu que McNeely era um amigo.

— Eu condensei a história legislativa na minha petição, Excelência, mas a mudança foi feita especialmente para facilitar as execuções. A legislatura admitiu que era um modo mais fácil de morrer e para contornar desafios constitucionais como este, resolveu mudar o método.

— Então o estado admitiu claramente que existe um meio melhor de executar pessoas?

— Sim, senhor. Mas a lei entrou em vigor em 1984 e só se aplica às condenações a partir desse ano. Não se aplica a Sam Cayhall.

— Eu compreendi isso. O senhor está nos pedindo para eliminar a câmara de gás como método de execução. O que acontece se fizermos isso? O que acontece ao seu cliente e a todos os outros condenados antes de 1984? Eles aproveitam esse meio de evasão? A lei não prescreve que devem ser executados com a injeção letal.

Adam tinha antecipado a pergunta óbvia. Sam já a tinha feito.

— Não posso responder, Excelência. Só posso dizer que tenho grande confiança na habilidade da legislatura do Mississippi para fazer aprovar uma nova lei que se aplique ao meu cliente e a todos os outros na mesma situação.

Foi a vez da juíza Judy falar.

— Supondo que façam isso, dr. Hall, qual será seu argumento para esta corte, daqui a três anos?

Felizmente a luz amarela acendeu e Adam só tinha um minuto a mais.

— Eu pensarei em alguma coisa — disse, com um largo sorriso. — É só me concederem tempo.

— Já vimos um caso igual, dr. Hall — disse Robichaux. — Na verdade, ele é citado na sua petição. Um caso no Texas.

— Sim, Excelência. Estou pedindo à corte para reconsiderar sua decisão nesse assunto. Praticamente todos os estados que tinham câmara de gás ou cadeira elétrica passaram para a injeção letal. O motivo é óbvio.

Tinha ainda alguns segundos, mas achou que era um bom momento para parar. Não queria outra pergunta.

— Obrigado — ele disse e voltou para sua cadeira com passo confiante.

Estava acabado. Seu estômago não tinha devolvido o café da manhã e foi uma boa apresentação para um novato. Na próxima vez seria mais fácil.

Roxburgh estava sólida e metodicamente preparado. Tentou algumas piadas sobre ratos e os crimes que eles cometem, mas seu senso de humor não foi apreciado. McNeely fez a ele as mesmas perguntas sobre o motivo pelo qual os estados estavam se apressando a passar para a injeção letal. Roxburgh não recuou um passo e recitou uma longa lista de casos em que várias cortes federais haviam endossado a execução por gás, eletricidade, enforcamento e fuzilamento. A lei estabelecida estava do seu lado e ele tirou o máximo de proveito desse fato. Seus vinte minutos passaram rapidamente e ele voltou para seu lugar tão depressa quanto Adam.

A juíza Judy expôs brevemente a urgência de se deliberar sobre a matéria e prometeu uma decisão dentro de poucos dias. Todos se

levantaram ao mesmo tempo e os três juízes saíram da sala. O meirinho anunciou o recesso até a manhã de segunda-feira.

Adam apertou a mão de Roxburgh e ia sair da sala quando foi interceptado por um repórter. Era de um jornal de Jackson e queria fazer algumas perguntas. Adam, gentilmente, se negou a fazer qualquer comentário. Fez o mesmo com dois outros repórteres. Roxburgh, como sempre, tinha algo a dizer e quando Adam se afastou, os repórteres rodearam o procurador-geral, quase encostando os gravadores no seu rosto.

Tudo que Adam queria era deixar o prédio. Assim que saiu para o sol, pôs os óculos escuros.

— Já almoçou? — alguém perguntou atrás dele.

Era Lucas Mann, com óculos de aviador. Trocaram um aperto de mãos entre as colunas.

— Acho que podia comer alguma coisa — admitiu Adam.

— Você foi muito bem. É um bocado enervante, não é?

— Sim, é. Por que você está aqui?

— Faz parte do meu trabalho. O diretor me pediu para vir e assistir a audiência. Esperaremos a decisão dos juízes para começar os preparativos. Vamos comer.

O carro de Adam com motorista parou ao lado deles e os dois entraram.

— Você conhece a cidade? — perguntou Mann.

— Não. É minha primeira visita.

— O Café Bon Ton — Mann disse para o motorista. — É um maravilhoso restaurante antigo, logo na esquina. Belo carro.

— As vantagens de trabalhar para uma firma rica.

O ALMOÇO COMEÇOU com uma novidade — ostras cruas na casca. Adam tinha ouvido falar, mas nunca teve vontade de experimentar. Mann demonstrou artisticamente como misturar o rábano com o suco de limão, Tabasco e molho variado e depois mergulhar a ostra na mistura. Era então posta delicadamente numa torrada e levada inteira à boca. A primeira ostra de Adam escorregou da torrada para a mesa, mas a segunda desceu obedientemente por sua garganta.

— Não mastigue — orientou Mann. — Deixe escorregar.

As dez seguintes escorregaram devidamente e devagar demais para o gosto de Adam. Ficou aliviado quando conseguiu esvaziar as doze conchas. Tomaram cerveja Dixie e esperaram a *remoulade* de camarão.

— Eu vi que você está alegando incompetência da defesa — disse Mann, mordendo uma torrada.

— Tenho certeza de que vamos dar entrada em tudo que for possível, a partir de agora.

— A Suprema Corte não perdeu tempo com essa petição.

— Não, não perdeu tempo. Parece que estão fartos de Sam Cayhall. You dar entrada na corte distrital hoje, mas não espero nenhuma concessão da parte de Slattery.

— Eu também não esperaria.

— Quais são as minhas chances, só com doze dias?

— Suas chances diminuem a cada minuto, mas essas coisas sempre são imprevisíveis. Provavelmente ainda estão em cinquenta por cento. Alguns anos atrás, chegamos muito perto com Estocolmo Turner. Quando faltavam duas semanas, a execução parecia certa. Quando faltava uma semana, ele não tinha nada mais para apelar. Seu advogado era bom, mas os recursos estavam esgotados. Turner fez a última refeição e...

— E terminou sua visita conjugal com as duas prostitutas.

— Como sabe?

— Sam me contou.

— É verdade. Ele conseguiu um adiamento no último minuto e agora está muito longe da câmara de gás. Nunca se sabe.

— Mas qual o seu palpite?

Mann tomou um longo gole de cerveja e recuou um pouco da mesa quando foram servidos os pratos grandes de remoulade.

— Não tenho palpite quando se trata de uma execução. Qualquer coisa pode acontecer. Continue apresentando petições e recursos. É uma maratona. Você não pode desistir. O advogado de Jumbo Parris desmoronou quando faltavam doze horas e estava num leito de hospital quando seu cliente foi executado.

Adam mastigou um camarão e tomou um gole de cerveja.

— O governador quer que eu o procure. Acha que devo?

— O que o seu cliente quer?

— O que você acha? Ele odeia o governador e me proibiu de falar com ele.

— Você tem de pedir uma audiência para a concessão de indulto. É o procedimento padrão.

— Você conhece bem o McAllister?

— Não muito bem. É um animal político com grandes ambições e eu não confiaria nele nem por um minuto. Entretanto, tem o poder de conceder indultos. Pode anular uma sentença de morte. Pode impor prisão perpétua ou libertá-lo. Os estatutos concedem grande autoridade discricionária ao governador. Provavelmente ele vai ser sua última esperança.

— Que Deus nos ajude.

— Como está a remoulade? — perguntou Mann, com a boca cheia.

— Deliciosa.

Durante algum tempo concentraram-se no almoço. Adam estava satisfeito por ter companhia, mas resolveu limitar a conversa a

recursos e estratégia. Gostava de Lucas Mann, mas seu cliente não gostava. Como Sam diria, Mann trabalhava para o estado e o estado estava trabalhando para executá-lo.

Tomando um avião no fim da tarde, podia estar em Memphis às seis e meia, muito antes da noite. E desse modo podia passar uma hora mais ou menos no escritório, antes de voltar para a casa de Lee. Mas Adam não estava disposto a isso. Tinha um belo quarto num hotel moderno, com vista para o rio, pago sem nenhum problema pelo pessoal da Kravitz & Bane. Todas as despesas pagas. Ele nunca tinha estado no Quartier francês.

Assim, acordou às seis, depois de dormir três horas, necessárias por causa das três cervejas Dixie do almoço e da noite quase em claro. Ficou deitado na cama, de sapatos, olhando para o ventilador do teto, por meia hora, antes de se levantar refeito pelo sono pesado.

Lee não atendeu o telefone. Adam deixou uma mensagem na secretária, esperando que ela não estivesse bebendo. Mas se estava, Adam esperava que tivesse se trancado no quarto, onde não podia machucar ninguém. Escovou os dentes e o cabelo e desceu para o saguão espaçoso onde uma banda de jazz tocava para animar a *happy hour*. Ostras de cinco centavos na metade da concha eram vendidas num canto do bar.

Adam andou no calor escaldante, seguindo pela Canal Street até chegar ao Royal, onde entrou à direita e logo se perdeu entre a multidão de turistas. A noite de sexta-feira começava no Quartier. Olhou boquiaberto para os clubes de striptease, morrendo de vontade de dar uma espiada. Parou atônito na frente de uma porta aberta que revelava uma fileira de homens fazendo Strip no palco — homens que pareciam belas mulheres. Comeu um salgadinho numa lanchonete chinesa. Passou por um bêbado que vomitava na calçada. Passou uma hora sentado à mesa pequena de um clube de jazz, ouvindo um delicioso conjunto e tomando cerveja de quatro dólares. Quando escureceu, foi a pé até a praça Jackson e viu os artistas recolhendo seus cavaletes. Os músicos e dançarinos de rua faziam seus números na frente de uma catedral e ele aplaudiu um maravilhoso quarteto de cordas formado por estudantes da Tulane. Havia gente por toda parte, bebendo, comendo, dançando, aproveitando o ambiente festivo do Quartier francês.

Adam comprou um sorvete de creme e foi para a rua do Canal. Em outra noite e em circunstâncias diferentes ele seria tentado a assistir um espetáculo de Strip, sentado na última fila, onde não podia ser visto, ou iria procurar mulheres belas num bar.

Mas não nessa noite. Os bêbados o faziam pensar em Lee e desejou ter voltado para Memphis, para vê-la. A música e o riso o faziam lembrar de Sam, que naquele momento estava num forno úmido,

olhando para as grades e contando os dias, esperando e talvez rezando para que seu advogado fizesse um milagre. Sam nunca veria Nova Orleans, nunca mais iria comer ostras, feijão vermelho com arroz, nunca mais tomaria uma cerveja gelada ou um bom café. Nunca iria ouvir jazz nem ver os artistas pintando. Nunca mais viajaria de avião, nem se hospedaria num bom hotel. Nunca mais iria pescar ou dirigir um carro, nem fazer os milhares de coisas comuns que as pessoas livres fazem.

Mesmo que Sam não morresse no dia 8 de agosto, simplesmente continuaria o processo de morrer um pouco a cada dia.

Adam deixou o Quartier e voltou apressadamente para o hotel. Precisava de descanso. A maratona ia começar.

TRINTA E QUATRO

O guarda Tiny algemou Sam e o conduziu para fora da Ala A. Sam levava uma sacola de plástico cheia de cartas de duas semanas, dos seus fãs. Durante toda sua carreira de ocupante do corredor da morte, recebia punhados de cartas, todos os meses, dos seus admiradores — membros e simpatizantes da Klan, puristas raciais, antissemitas, todos os tipos de intolerantes. Durante dois anos Sam respondeu às cartas, mas depois se cansou. De que adiantava? Para alguns ele era um herói, mas quanto mais trocava palavras escritas com seus admiradores, mais extravagantes eles pareciam. Era um bando de doidos lá fora. Sam chegou a pensar que estava mais seguro no corredor do que no mundo livre.

A corte federal havia declarado que os prisioneiros tinham direito à correspondência. Não era um privilégio, portanto não podiam impedir. Mas podiam regulamentar. Cada carta era aberta por um inspetor a não ser que o envelope indicasse claramente que era de um advogado. Nesse caso, se o prisioneiro não estava sob censura, as cartas não eram abertas. Eram entregues no corredor e distribuídas. Caixas e embrulhos também eram abertos e revistados.

A ideia de perder Sam era assustadora para muitos fanáticos e sua correspondência aumentou espetacularmente quando a Quinta Circunscrição marcou a data da execução. Eles ofereciam seu apoio irrestrito e suas preces. Uns poucos ofereciam dinheiro. As cartas eram em geral longas, invariavelmente atacando judeus, negros, liberais e outros conspiradores. Alguns reclamavam dos impostos, do controle da venda de armas, da dívida nacional. Outros faziam sermões.

Sam estava farto das cartas. Estava recebendo uma média de seis por dia. Pôs a sacola no balcão, enquanto tiravam suas algemas, depois pediu ao guarda para abrir a pequena porta na tela. O guarda passou a sacola para o outro lado e Sam a apanhou. O guarda saiu e fechou a porta.

— O que é isso? — perguntou Adam.

— Cartas dos fãs. — Sam sentou e acendeu um cigarro.

— O que eu vou fazer com elas?

— Leia. Queime. Pouco importa. Eu estava limpando minha cela esta manhã e elas estavam tomando muito espaço. Ouvi dizer que você esteve em Nova Orleans ontem. Conte-me o que aconteceu.

Adam pôs as cartas numa cadeira e sentou na frente de Sam. A temperatura externa era de 39 graus e não muito mais baixa na sala dos visitantes. Era sábado e Adam estava de calça jeans, mocassim e uma camisa polo de algodão muito leve.

— Na quinta-feira, a Quinta Circunscrição telefonou dizendo que

queriam me ouvir na sexta-feira. Tomei um avião, maravilhei a todos com meu brilhantismo e voei de volta para Memphis esta manhã.

— Quando vão dar a decisão?

— Logo.

— Um júri de três juízes?

— Sim.

— Quem?

— Judy, Robichaux e McNeely.

Sam pensou por um momento.

— McNeely é um velho guerreiro que pode nos ajudar. Judy é uma piranha conservadora..., perdão, quero dizer, uma mulher americana conservadora, nomeada pelos republicanos. Duvido que ela ajude. Não conheço Robichaux. De onde ele é?

— Sul da Louisiana.

— Ah, um americano filho de imigrantes franceses.

— Acho que sim. Ele é durão. Não vai ajudar.

— Então vamos perder de dois a um. Pensei que tinha dito que maravilhou todos eles com seu brilhantismo.

— Não perdemos ainda. — Foi uma surpresa para Adam ouvir Sam falar com tanta familiaridade sobre os juízes. Mas afinal, há muitos anos ele estudava as cortes.

— Onde está a declaração de incompetência da defesa? — Sam perguntou.

— Ainda na corte distrital daqui. Poucos dias atrás da outra.

— Vamos dar entrada em mais alguma coisa, certo?

— Estou trabalhando para isso.

— Trabalhe depressa. Tenho onze dias. Há um calendário na minha parede e passo pelo menos três horas por dia olhando para ele. Quando acordo de manhã, faço um X enorme sobre a data do dia anterior. Fiz um círculo em volta do dia 8 de agosto.

Meus Xs estão chegando muito perto do círculo. Faça alguma coisa.

— Estou trabalhando, está bem? Na verdade, estou desenvolvendo uma nova teoria de ataque.

— Bom menino.

— Acho que posso provar que você é mentalmente desequilibrado.

— Estive pensando nisso.

— Você está velho. Está senil. Está calmo demais. Alguma coisa está errada. Você não é capaz de compreender o motivo da sua execução.

— Estivemos lendo os mesmos casos.

— Goodman conhece um especialista disposto a dizer qualquer coisa por algum dinheiro. Estamos pensando em trazê-lo para fazer um exame.

— Maravilha. Vou puxar os cabelos e caçar borboletas pela sala

toda.

— Acho que podemos fazer alguma coisa com uma declaração de insanidade mental.

— Concorde. Vá em frente. Vamos dar entrada numa porção de coisas.

— Vou fazer.

Sam fumou e pensou por alguns minutos. Os dois estavam transpirando e Adam precisava de ar fresco. Precisava entrar no carro com os vidros fechados e o ar-condicionado no máximo.

— Quando você vai voltar? — quis saber Sam.

— Na segunda-feira. Escute, Sam, este não é um assunto agradável, mas precisamos falar a respeito. Você vai morrer algum dia. Pode ser no dia 8 de agosto, ou daqui a cinco anos. Do jeito que está fumando, não vai durar muito.

— O fumo não é minha maior preocupação.

— Eu sei. Mas sua família, Lee e eu, precisamos fazer alguns preparativos. Não podem ser feitos de um dia para o outro.

Sam olhou para as fileiras de pequenos triângulos da tela. Adam escreveu alguma coisa no bloco de anotações. O ar-condicionado sibilou e cuspiu, com pouco resultado.

— Sua avó era uma grande mulher, Adam. É uma pena que não a tenha conhecido. Ela merecia coisa melhor do que eu.

— Lee me levou ao túmulo dela.

— Eu a fiz sofrer muito e ela suportou muito bem. Podem me enterrar ao lado dela e talvez eu possa pedir desculpas.

— Vou providenciar.

— Faça isso. Como vão pagar pelo terreno no cemitério?

— Eu me encarrego, Sam.

— Não tenho nenhum dinheiro, Adam. Perdi tudo há anos, por motivos provavelmente óbvios. Perdi a terra e a casa, portanto não tenho o que deixar.

— Tem testamento?

— Tenho. Eu mesmo fiz.

— Vamos dar uma olhada na semana que vem.

— Promete que estará aqui na segunda-feira?

— Prometo, Sam. Quer que eu traga alguma coisa?

Sam hesitou por um segundo e disse, quase embaraçado:

— Sabe o que eu queria mesmo? — perguntou, com um sorriso tímido.

— O quê? Qualquer coisa, Sam.

— Quando eu era pequeno, a coisa mais maravilhosa que existia era uma torta Esquimó.

— Uma torta Esquimó?

— É um sorvete de creme com um palito. Baunilha, com cobertura

de chocolate. Eu comia sempre até vir para este lugar. Acho que ainda fazem.

— Uma torta Esquimó — repetiu Adam.

— É. Ainda sinto o gosto. O melhor sorvete do mundo. Pode imaginar como vai ser delicioso neste forno?

— Pois então, Sam, vai ter a sua torta Esquimó.

— Traga mais de uma.

— Trago uma dúzia. E vamos comer aqui, enquanto transpiramos.

A SEGUNDA visita para Sam, naquele sábado, foi uma surpresa.

Ele parou na cabine do guarda, no portão da frente, mostrou uma carteira de motorista da Carolina do Norte com sua fotografia.

Explicou ao guarda que era irmão de Sam Cayhall e fora informado que podia visitar Sam quando quisesse, até o dia da execução. Tinha falado na véspera com um sr. Holland, da Administração e o Sr.

Holland garantiu que as normas para visitas não se aplicavam ao caso de Sam Cayhall. Ele podia visitá-lo a qualquer hora, entre 8 da manhã e 5 da tarde, em qualquer dia da semana. O guarda entrou na cabine e deu um telefonema.

O visitante esperou pacientemente cinco minutos, no carro alugado. O guarda deu mais dois telefonemas, depois anotou o número de registro do carro na sua prancheta. Disse ao visitante para estacionar um pouco adiante, trancar o carro e esperar ao lado do guarda. Ele obedeceu e depois de alguns minutos chegou o furgão da prisão, dirigido por um guarda uniformizado e armado que fez sinal para ele subir.

O furgão passou pelos portões duplos da USM e parou na entrada, onde outro guarda o esperava. Eles o revistaram nos degraus da frente. O visitante não levava embrulhos nem malas.

Foi levado para o lado do prédio, sentou na sala de visitas e sentou de frente para o meio da tela.

— Vamos trazer Sam — disse um dos guardas. — Demora uns cinco minutos.

Sam estava datilografando uma carta quando os guardas pararam na sua porta.

— Vamos, Sam. Você tem visita.

Ele parou de escrever e olhou para eles. Seu ventilador estava a toda velocidade e a televisão transmitia um jogo de beisebol.

— Quem é? — perguntou, mal-humorado.

— Seu irmão.

Sam pôs a máquina de escrever na prateleira e apanhou o macacão.

— Qual deles?

— Não perguntamos, Sam. Só sabemos que é seu irmão. Agora, venha.

Eles o algemaram e saíram da ala. Sam tinha três irmãos. O mais velho morreu de ataque cardíaco antes dele ir para a prisão. Donnie, o mais novo, agora com sessenta e um anos, morava perto de Durham, Carolina do Norte. Albert, sessenta e sete anos, estava muito doente e morava num lugar remoto em Ford County. Donnie mandava os cigarros todos os meses, além de alguns dólares e às vezes um bilhete. Albert não escrevia há sete anos. Uma tia solteirona escreveu para ele até morrer, em 1985. O resto dos Cayhall o esqueceu.

Tinha de ser Donnie, pensou Sam. Donnie era o único que se importava com ele o bastante para fazer uma visita. Há dois anos não se viam e o passo de Sam ficou mais leve quando se aproximou da porta da sala das visitas. Que surpresa agradável.

Sam entrou e olhou para o homem sentado no outro lado da tela. Não o reconheceu. Olhou em volta e verificou que era a única pessoa na sala. O olhar do homem era frio e firme. Os guardas estavam atentos, enquanto tiravam as algemas, por isso Sam sorriu e cumprimentou o homem, inclinando a cabeça. Depois esperou que os guardas saíssem da sala, sentou na frente do visitante, acendeu um cigarro e ficou calado.

Havia algo familiar no homem, mas Sam não conseguia identificá-lo. Observaram-se por algum tempo, um de cada lado da tela.

— Eu o conheço? — Sam perguntou, finalmente.

— Conhece — disse o homem.

— De onde?

— Do passado, Sam. De Greenville, Jackson e Vicksburg. Da sinagoga e da imobiliária e da casa de Pinder e do escritório de Marvin Kramer.

— Wedge?

O homem balançou a cabeça afirmativamente e Sam fechou os olhos e soltou a fumaça para o teto. Deixou cair o cigarro e recostou na cadeira.

— Meu Deus. Eu queria que você estivesse morto.

— É uma pena.

Sam olhou furioso para ele.

— Seu filho da mãe — disse, com os dentes cerrados. — Filho da mãe. Durante vinte e três anos, sonhei e desejei que você estivesse morto. Eu o matei um milhão de vezes com minhas mãos, com estiletes e facas, com todas as armas que existem. Eu o vi sangrar e o ouvi gritar por misericórdia.

— Desculpe. Aqui estou, Sam.

— Eu o odeio mais do que já odiei qualquer pessoa. Se tivesse uma arma neste momento, estouraria seu traseiro, encheria sua cabeça de chumbo e ia rir até chorar. Meu Deus, como eu o odeio.

— Você trata assim todos que o visitam, Sam?

— O que você quer, Wedge?

— Eles podem ouvir a nossa conversa?

— Eles não dão a mínima para o que estamos dizendo.

— Mas este lugar pode ter escuta, você sabe.

— Pois então vá embora, idiota, vá embora.

— Eu vou, dentro de um minuto. Mas antes quero dizer que estou aqui vigiando tudo muito de perto, e estou muito satisfeito por meu nome não ter sido mencionado. Espero que continue assim. Eu tenho sido muito eficiente na tarefa de manter as pessoas de boca fechada.

— Você é muito sutil.

— Enfrente isso como um homem, Sam. Morra com dignidade. Você estava comigo. Você foi cúmplice e conspirador, e de acordo com a lei é tão culpado quanto eu. É claro que sou um homem livre, mas quem disse que a vida é justa. Continue e leve seu segredo para o túmulo, que ninguém sai machucado, está bem?

— Onde você esteve?

— Por toda parte. Meu nome não é Wedge, Sam, por isso não tenha nenhuma ideia. Nunca foi Wedge. Nem Dogan sabia meu verdadeiro nome. Fui convocado em 1966 e não queria ir para o Vietnã. Então fui para o Canadá e voltei secretamente. Tenho vivido assim desde então. Eu não existo, Sam.

— Você devia estar sentado aqui onde estou.

— Não, está errado. Eu não devia e você também não. Você foi um idiota voltando a Greenville. O FBI não tinha nenhuma pista. Eles nunca nos teriam apanhado. Fui esperto demais. Dogan foi esperto. Mas você foi o elo fraco. Era para ser a última bomba também, com os mortos e tudo o mais. Estava na hora de parar. Eu saí do país e nunca teria voltado a este lugar miserável. Você teria voltado para suas galinhas e suas vacas. Quem sabe o que Dogan teria feito? Mas você está sentado aí, Sam, porque foi burro.

— E você foi burro por ter vindo aqui hoje.

— Na verdade, não. Ninguém vai acreditar se você começar a gritar. Que diabo, vão pensar que ficou louco. Mas, de qualquer modo, prefiro que as coisas continuem como estão. Não preciso discutir com você. Aceite o que o espera, Sam, e fique de boca fechada.

Sam acendeu outro cigarro cuidadosamente e sacudiu a cinza no chão.

— Vá embora, Wedge. E nunca mais volte.

— Claro. Detesto dizer isso, Sam, mas espero que você morra na câmara de gás.

Sam levantou e foi para a porta. Um guarda a abriu e o levou para a cela.

Sentados na última fila do cinema eles comiam pipoca como dois adolescentes. O programa foi ideia de Adam. Lee tinha passado três

dias no quarto, com o vírus, e no sábado de manhã a farra acabou. Adam escolheu um restaurante familiar para jantar, com comida leve e que não servia bebida alcoólica. Ela devorou waffles com nozes e creme.

O filme era um faroeste, politicamente correto, onde os índios eram os mocinhos e os caubóis, os bandidos. Todos os caras pálidos eram malvados e acabavam morrendo no fim. Lee tomou duas garrafas de Dr. Peppers. Seu cabelo estava lavado e penteado para trás das orelhas. Os olhos estavam claros e bonitos outra vez. Estava bem maquiada e as marcas da última semana bem disfarçadas. Com calça jeans e camisa de algodão estava mais esportiva do que nunca. E sóbria.

Pouco falaram sobre a noite de quinta-feira, quando Adam dormiu no chão. Concordaram em discutir o assunto mais tarde, num futuro distante, quando ela pudesse enfrentar o caso. Para ele estava bem. Lee andava numa corda bamba, equilibrando-se na beira de outro mergulho nas trevas da dipsomania. Ele a protegeria do tormento e da depressão. Procuraria tornar as coisas agradáveis e divertidas. Nada mais de conversas sobre Sam e seus crimes. Nada mais de falar de Eddie. Nada mais de história da família Cayhall.

Ela era sua tia e Adam a amava ternamente. Ela era frágil e estava doente e precisava da força de sua voz e do consolo do seu ombro.

TRINTA E CINCO

Phillip Naifeh acordou nas primeiras horas da manhã de domingo com forte dor no peito e foi levado às pressas para o hospital em Cleveland. Ele morava numa casa moderna no terreno da Parchman com a mulher de quarenta e um anos. A viagem de ambulância levou vinte minutos e seu estado era estável quando entrou na sala de emergência, deitado na maca.

A mulher esperava ansiosamente no corredor enquanto as enfermeiras passavam apressadas por ela. Já havia esperado ali mesmo três anos antes, quando Naifeh teve seu primeiro enfarte. Um médico jovem e sombrio explicou que era uma crise fraca, que seu quadro era estável e muito bom, descansando com ajuda dos medicamentos. Naifeh seria monitorado diligentemente durante as vinte e quatro horas seguintes e se tudo corresse como esperavam, estaria em casa em menos de uma semana.

Eles o proibiram expressamente de voltar a Parchman e de se envolver com a execução de Cayhall. Nem mesmo um telefonema do seu leito no hospital.

DORMIR começava A SER UMA BATALHA. Geralmente Adam lia durante uma hora mais ou menos na cama e tinha aprendido na faculdade que a literatura jurídica era ótima para dormir. Mas agora, quanto mais lia, mais ficava preocupado. Sua mente estava sobrecarregada com os fatos das duas últimas semanas — as pessoas que encontrou, as coisas que aprendeu, os lugares em que esteve. A sua cabeça funcionava a mil, pensando no que estava para acontecer.

Na noite de sábado dormiu mal, ficando acordado por longos intervalos. Quando acordou pela última vez, o sol estava alto. Eram quase oito horas. Lee tinha mencionado a possibilidade de outra incursão na cozinha. Antigamente ela era muito boa no preparo de salsichas e ovos, disse, e qualquer pessoa podia preparar massa feita de biscoitos, mas quando Adam vestiu a calça jeans e a camiseta, não sentiu cheiro de nada.

Tudo estava quieto na cozinha. Ele a chamou e examinou o bule de café — cheio até a metade. A porta do quarto dela estava aberta e as luzes apagadas. Sam revistou rapidamente todo o apartamento. Ela não estava na varanda tomando café e lendo o jornal. A sensação de medo aumentava a cada cômodo vazio. Correu para o estacionamento — nem sinal do carro dela. Descalço, Adam atravessou o asfalto e perguntou ao segurança a que hora Lee tinha saído. O guarda verificou a papeleta e disse que fazia quase duas horas. Disse que ela parecia estar bem.

Então, na sala de estar, Adam encontrou a volumosa edição de

domingo do Memphis Press. Estava em perfeita ordem com a seção policial em cima. O rosto de Lee aparecia na primeira página dessa seção, numa fotografia tirada num baile de caridade, anos atrás. Era uma foto em primeiro plano do sr. e sra. Phelps Booth sorrindo para a câmera. Lee estava elegantíssima com um vestido preto sem alças. Phelps estava vestido a rigor. Parecia um casal extremamente feliz.

A reportagem era de Todd Marks, sua última exploração no caso Cayhall, e a cada reportagem a série ficava cada vez mais parecida com um folhetim. Essa última começava tranquilamente com um sumário dos acontecimentos daquela semana relacionados com a execução. As mesmas vozes tinham sido ouvidas — McAllister, Roxburgh, Lucas Mann e o firme “sem comentários” de Naifeh. Então, tornava-se malévola, expondo com satisfação Lee Cayhall Booth, proeminente dama da sociedade, mulher do importante banqueiro Phelps Booth da famosa e rica família Booth, voluntária de serviços para a comunidade, tia de Adam Hall e, acreditem ou não, filha do infame Sam Cayhall!

O tom da reportagem dava a impressão de que Lee era culpada de algum crime terrível. Citava supostos amigos, anônimos, é claro, dizendo-se chocados ao saber da sua verdadeira identidade. Falava sobre a família Booth e seu dinheiro, e indagava como um aristocrata como Phelps podia descer tanto a ponto de casar com um membro do clã dos Cayhall. Falava do filho Walt, e outra vez citava fontes anônimas que estranhavam o fato de ele não querer voltar para Memphis. Walt nunca casou, dizia o artigo, prendendo a respiração, e morava em Amsterdã.

Então, vinha o pior de tudo, citava outra fonte anônima que contava a história de um evento de caridade poucos anos atrás, no qual Lee e Phelps Booth sentaram ao lado de Ruth Kramer. A fonte estava também no jantar e lembrava distintamente onde todos estavam sentados. A fonte era uma amiga de Ruth e conhecida de Lee e ficou extremamente chocada quando soube quem era o pai de Lee.

Uma foto menor de Ruth Kramer acompanhava a história. Era uma mulher atraente de cinquenta e poucos anos.

Depois da revelação sensacional sobre Lee, a reportagem fazia um sumário da audiência de sexta-feira em Nova Orleans e das últimas manobras da defesa de Cayhall.

Vista como um todo, era uma narrativa desinteressante, sem nenhuma utilidade, a não ser relegar para a segunda página os sumários dos crimes mais recentes da cidade.

Adam jogou o jornal no chão e tomou um gole de café. Lee tinha acordado naquela morna manhã de domingo, limpa e sóbria pela primeira vez em muitos dias, provavelmente muito mais animada e sentou no sofá com uma xícara de café, para ler o jornal. Em poucos

minutos foi esbofeteada e esmurrada e agora tinha desaparecido outra vez. Para onde ela ia nesses momentos? Onde era seu santuário? Sem dúvida ficava longe de Phelps. Talvez tivesse um namorado em algum lugar, que a acolhia e a confortava, mas era pouco provável. Adam rezou para que ela não estivesse dirigindo com uma garrafa na mão.

Sem dúvida, as coisas deviam estar fervendo na mansão dos Booth. O segredinho imundo fora revelado, estampado na primeira página para o mundo inteiro ver. Como reagiriam a humilhação? Imagine, um Booth casar e ter um filho com aquele lixo branco e agora todo mundo sabia. A família jamais se recuperaria do golpe. Madame Booth certamente estaria arrasada e provavelmente de cama.

Bem feito para eles, pensou Adam. Tomou banho, vestiu-se, desceu e abriu a capota do Saab. Não esperava ver o Jaguar marrom de Lee nas ruas desertas de Memphis, mas assim mesmo resolveu dar algumas voltas. Começou na Front Street, perto do rio, e, ouvindo Bruce Springsteen a todo volume no rádio, seguiu para o leste, passou pelos hospitais na União, pelas mansões do bairro residencial e retornou, passando pelos conjuntos habitacionais ao lado da Casa Amarela. É claro que não a encontrou, mas o passeio foi relaxante. Ao meio-dia, o tráfego voltou às ruas e Adam seguiu para o escritório.

A ÚNICA visita para Sam, no domingo, foi também inesperada. Ele massageou os pulsos assim que as algemas foram retiradas e sentou no seu lado da tela, de frente para um homem grisalho e jovial, com um sorriso caloroso.

— Sr. Cayhall, meu nome é Ralph Griffin e sou o capelão da Parchman. Sou novo aqui, por isso não nos conhecemos.

Sam balançou a cabeça afirmativamente e disse:

— É um prazer conhecê-lo.

— O prazer é meu. Tenho certeza de que conheceu meu predecessor.

— Ah, sim, o reverendo Rucker. Onde ele está agora?

— Aposentado.

— Ótimo. Eu não gostava muito dele. Duvido que consiga entrar no céu.

— Sim, ouvi dizer que ele não era muito popular.

— Popular? Era desprezado por todos. Por algum motivo, não confiávamos nele. Não sei por quê. Talvez porque ele fosse a favor da pena de morte. Pode imaginar? Foi chamado por Deus para cuidar de nós, mas acreditava que devíamos morrer. Dizia que estava nas Escrituras. Sabe, aquele negócio de olho por olho.

— Já ouvi isso antes.

— Tenho certeza que ouviu. Que tipo de pregador é você? De qual igreja?

— Fui ordenado numa igreja batista, mas agora sou mais ou menos

independente. Acho que o Senhor deve estar frustrado com todo esse sectarismo.

— Ele está frustrado comigo também, deve saber.

— Como assim?

— Deve conhecer Randy Dupree, um ocupante do corredor. Na mesma ala que eu. Estupro e homicídio.

— Sim, eu li sua ficha. Ele foi pregador antigamente.

— Nós o chamamos de Preacher Boy e recentemente ele adquiriu o dom de interpretar sonhos. Também canta e realiza curas.

Provavelmente brincaria com cobras, se permitissem. Sabe como é, manusear as serpentes, do Evangelho segundo são Marcos, capítulo dezesseis, versículo dezoito. Bem, acontece que ele terminou um sonho muito longo, durou um mês, uma espécie de minissérie e finalmente foi revelado a ele que vou ser executado e que Deus está a minha espera para que eu purifique meu ato.

— Não seria má ideia, sabe? Pôr uma ordem nas coisas.

— Por que a pressa? Tenho dez dias.

— Então, acredita em Deus?

— Sim, acredito. Você acredita na pena de morte?

— Não, não acredito.

Sam olhou para ele por algum tempo e depois disse:

— Fala sério?

— Matar é errado, sr. Cayhall. Se realmente é culpado do seu crime, então estava errado quando matou. É também errado o governo matá-lo agora.

— Aleluia, irmão.

— Nunca me convenci de que Jesus queria que matássemos para punir alguém. Ele não ensinou isso. Ele ensinou amor e perdão.

— É assim que eu leio a Bíblia. Como diabo conseguiu um emprego aqui?

— Tenho um primo no Senado.

Sam sorriu e depois riu.

— Não vai ficar muito tempo. É honesto demais.

— Não. Meu primo é presidente do Comitê de Correção e muito poderoso.

— Então é melhor rezar para que ele seja reeleito.

— Rezo todas as manhãs. Eu queria só passar por aqui e me apresentar. Gostaria de conversar com você nos próximos dias. Gostaria de rezar com você, se quiser. Nunca passei por uma execução.

— Nem eu.

— Está assustado?

— Reverendo, sou um homem velho. Vou fazer setenta daqui a alguns meses, se chegar até lá. Às vezes, a ideia de morrer é agradável.

Deixar este lugar maldito seria um alívio.

— Mas ainda está lutando.

— Certo, embora às vezes eu não possa dizer para quê. É como uma longa luta contra o câncer. Você definha e enfraquece. Morre um pouco a cada dia e chega a um ponto em que a morte é bem-vinda. Mas ninguém quer morrer realmente. Nem mesmo eu.

— Eu li sobre seu neto. Deve ser um consolo. Sei que você se orgulha dele.

Sam sorriu e olhou para o chão.

— De qualquer modo — disse o reverendo — vou estar por perto. Quer que eu volte amanhã?

— Seria bom. Deixe-me pensar um pouco, está bem?

— Claro. Você conhece as regras, não conhece? Durante suas últimas horas, terá direito à presença de apenas duas pessoas. Seu advogado e seu conselheiro espiritual. Será uma honra para mim ficar com você.

— Obrigado. Será que teria tempo de falar com Randy Dupree? O pobre garoto está desmoronando e precisa muito de ajuda.

— Falo com ele amanhã.

— Obrigado.

Adam assistiu sozinho a um filme alugado, com o telefone ao alcance da mão. Não tinha nenhuma notícia de Lee. Às dez horas deu dois telefonemas para a Costa Oeste. O primeiro para sua mãe, em Portland. Ela parecia tristonha, mas disse que era bom falar com ele. Não perguntou por Sam e Adam não falou sobre ele. Disse que estava trabalhando muito, que tinha alguma esperança e que provavelmente voltaria para Chicago dentro de duas semanas. Ela havia lido alguma coisa nos jornais e estava pensando nele. Lee estava ótima, disse Adam.

O segundo telefonema foi para sua irmã, Carmen, em Berkeley. Um homem atendeu o telefone no apartamento dela, Kevin qualquer coisa, se é que Adam não estava enganado, o companheiro de Carmen há alguns anos. Carmen atendeu imediatamente, ansiosa por notícias do Mississippi. Ela também estava acompanhando o caso pelos jornais e Adam procurou se mostrar otimista. Estava preocupada com o irmão no meio daqueles horríveis homens da Klan e de racistas. Adam garantiu que não corria perigo, que tudo estava calmo. O povo era muito gentil e discreto. Ele estava hospedado na casa de Lee e os dois procuravam enfrentar a situação do melhor modo possível. Para surpresa de Adam, ela perguntou sobre Sam — como ele era, sua aparência, sua atitude, sua disposição de falar sobre Eddie. Perguntou se seria conveniente ela tomar um avião para ver Sam, antes de 8 de agosto. Adam não tinha pensado nessa possibilidade e disse que iria perguntar a Sam e daria uma resposta.

Ele adormeceu no sofá, com a televisão ligada.

O telefone o acordou às três e meia da madrugada de segunda-feira. Uma voz que ele nunca ouvira antes identificou-se rispidamente como Phelps Booth.

— Você deve ser Adam — disse Phelps.

Adam sentou no sofá e esfregou os olhos.

— Sim, isso mesmo.

— Tem notícias de Lee? — ele perguntou, nem calmo, nem com urgência.

Adam olhou para o relógio em cima da televisão.

— Não. O que houve?

— Bem, ela está com problemas. Telefonaram da polícia mais ou menos há uma hora. Eles a prenderam por dirigir embriagada, às oito e vinte, ontem à noite.

— Oh, não — disse Adam.

— Não é a primeira vez. Ela foi detida, naturalmente recusou fazer o teste do bafômetro e ficou cinco horas na cela de bêbados. Ela citou meu nome no formulário e por isso me procuraram. Quando cheguei à cadeia, ela já havia pago a fiança e saído. Pensei que tivesse telefonado para você.

— Não. Lee não estava em casa quando acordei ontem de manhã e esta é a primeira notícia que tenho dela. Para quem ela telefonou?

— Quem sabe? Não me agrada a ideia de acordar as amigas dela a esta hora. Acho melhor aguardarmos.

Adam não gostou de ser incluído na solução do problema. Aqueles dois estavam casados, para a alegria e para a tristeza, há quase trinta anos e evidentemente já haviam passado por isso. Ele nem sabia o que fazer.

— Ela não saiu da cadeia de carro, saiu? — perguntou timidamente, sabendo a resposta.

— É claro que não. Alguém a apanhou. O que nos traz outro problema. Precisamos apanhar o carro dela. Está no depósito da polícia. Eu já paguei o reboque.

— Você tem as chaves?

— Tenho. Pode me ajudar a tirá-lo de lá?

Adam lembrou da reportagem com a fotografia de Phelps e Lee juntos e sorridentes e das suposições sobre a reação da família Booth. Tinha certeza de que iam atribuir a maior parte da culpa a ele. Se tivesse ficado em Chicago, nada disso teria acontecido.

— Claro. Vou dizer o que...

— Espere ao lado da casa da guarda. Estarei lá dentro de dez minutos.

Adam escovou os dentes, amarrou os cordões do seu Nike e passou quinze minutos conversando sobre várias coisas com Willis, o guarda

do portão do condomínio. Um Mercedes negro, o modelo mais longo da história, parou na frente deles. Adam despediu-se de Willis e entrou no carro.

Cumprimentaram-se com um aperto de mão, porque era o que mandava a cortesia. Phelps estava com um jogging branco e um boné dos Cubs. Seguiu vagarosamente pela rua deserta.

— Lee deve ter falado a meu respeito — disse, sem o menor sinal de preocupação ou remorso.

— Um pouco — respondeu Adam, cautelosamente.

— Bem, ela tem muito para contar, portanto não vou perguntar que parte ela escolheu.

Uma boa ideia, pensou Adam.

— Talvez seja melhor falarmos sobre beisebol ou qualquer coisa assim. Vejo que torce pelos Cubs.

— Sempre pelos Cubs. E você?

— Claro. É minha primeira temporada de jogos em Chicago e já fui ao Wrigley uma dezena de vezes. Moro perto do campo.

— É mesmo? Eu vou a Chicago três ou quatro vezes por ano. Um amigo tem um camarote. Faço isso há anos. Quem é seu jogador favorito?

— Sandberg, eu acho. E o seu?

— Gosto dos mais antigos. Ernie Banks e Ron Santo. Aqueles é que foram os bons tempos do beisebol, quando os jogadores eram leais e a gente sabia quem ia estar no time de um ano para outro. Agora, nunca se tem certeza. Eu gosto do jogo, mas está corrompido pela ganância.

Adam achou estranho que Booth atacasse a ganância por dinheiro.

— Talvez, mas os donos dos clubes escreveram um livro sobre a corrupção durante os primeiros cem anos do beisebol. O que há de errado nos jogadores exigirem todo o dinheiro que podem ganhar?

— Quem vale cinco milhões por ano?

— Ninguém. Mas se os astros do rock ganham cinquenta, por que um jogador de beisebol não pode ganhar alguns milhões? É diversão. Os jogadores são o jogo, não os donos dos clubes. Eu vou ao Wrigley para ver os jogadores, não porque o Tribune é o dono atual.

— É, mas veja o preço das entradas. Quinze dólares para assistir ao jogo.

Atravessaram o centro da cidade, deserto às quatro horas da manhã e aproximaram-se da cadeia.

— Escute, Adam, eu não sei o quanto Lee contou sobre seu problema com a bebida.

— Ela me disse que é alcoólatra.

— Definitivamente. Esta é sua segunda prisão por dirigir embriagada. Consegui evitar que a imprensa soubesse da primeira, mas agora não sei. De repente ela se tornou o assunto da cidade.

Graças a Deus não atropelou ninguém. — Phelps parou o carro na frente de um terreno cercado. — Ela já se recuperou e recaiu uma meia dúzia de vezes.

— Meia dúzia. Ela disse que esteve três vezes em tratamento.

— Não se pode acreditar nos alcoólatras. Eu sei de pelo menos cinco vezes nos últimos quinze anos. Seu lugar favorito é um centro de recuperação chamado Spring Creek. Fica na margem de um rio, alguns quilômetros ao norte da cidade. Um lugar bonito e calmo. Só para ricos. Eles cortam a bebida e tratam com todo carinho. Boa comida, exercício, saunas, você sabe, todo o conforto possível. É tão agradável que eu acho que eles gostam de voltar para lá. De qualquer modo, tenho o pressentimento de que ela deve aparecer por lá mais tarde, hoje mesmo. Lee tem amigos que a ajudam a chegar ao centro de recuperação. É muito conhecida por lá. Uma espécie de segundo lar.

— Quanto tempo ela costuma ficar?

— Varia. O mínimo é uma semana. Lee já ficou um mês. Cobram dois mil dólares por dia e eu pago a conta, é claro. Mas não me importo. Pago qualquer coisa para ajudá-la.

— O que eu devo fazer?

— Primeiro, vamos tentar encontrá-la. Dentro de poucas horas, minhas secretárias darão alguns telefonemas e logo saberemos onde ela está. Nessa situação, ela é bastante previsível e tenho certeza de que vamos encontrá-la num centro de desintoxicação, provavelmente Spring Creek. Vou tomar providências para evitar que o caso apareça nos jornais. Não vai ser fácil, por causa do que tem sido publicado nos últimos dias.

— Eu sinto muito.

— Quando a encontrarmos, você precisa visitá-la. Leve flores e bombons. Sei que está muito ocupado e o que o espera nos próximos...

— Nove dias.

— Nove dias. Certo. Bem, procure ver Lee. E quando terminar essa história na Parchman, sugiro que volte para Chicago e deixe Lee em paz.

— Deixá-la em paz?

— Isso mesmo. Parece cruel, mas é necessário. Seus vários problemas têm vários motivos. Admito que sou um deles, mas há muita coisa que você desconhece. A família dela é outro motivo. Ela o adora, mas você a faz recordar os pesadelos e todo o sofrimento. Não me queira mal por dizer isso. Sei que é doloroso, mas é a verdade.

Adam olhou para a grade no outro lado da calçada, perto da porta do carro.

— Certa vez ela parou de beber durante cinco anos — continuou Phelps. — Pensamos que fosse ficar assim para sempre. Então Sam foi

condenado e Eddie morreu. Quando ela voltou do enterro dele, despencou no abismo outra vez e eu pensei que nunca mais fosse sair. É melhor para ela você ficar longe.

— Mas eu a amo.

— E ela o ama. Mas terá de adorá-la de longe. Mande cartas e cartões de Chicago. Flores no aniversário dela. Telefone uma vez por mês e converse sobre filmes e livros, mas esqueça a família.

— Quem vai tomar conta dela?

— Adam, Lee está com quase cinquenta anos e de um modo geral sempre foi muito independente. Há anos é alcoólatra e nem você nem eu podemos fazer muita coisa para ajudá-la. Ela conhece a doença. Fica sóbria quando quer. Você não é uma boa influência. Nem eu. Sinto muito.

Adam respirou fundo e segurou a maçaneta da porta.

— Peço desculpas, Phelps, se perturbei a você e à sua família. Não tive intenção.

Phelps sorriu e pôs a mão no ombro de Adam.

— Acredite ou não, sob vários aspectos minha família é muito mais complicada do que a sua. Já passamos por coisas piores.

— Senhor, acho difícil acreditar nisso.

— É verdade. — Phelps entregou um chaveiro para ele e apontou para uma pequena construção dentro da cerca. — Vá até lá que eles indicam onde está o carro.

Adam abriu a porta e saiu do carro. Viu o Mercedes partir e desaparecer. Ao passar pelo portão, Adam teve quase certeza de que Phelps ainda amava Lee.

TRINTA E SEIS

O CORONEL REFORMADO George Nugent não se preocupou muito com o enfarte de Naifeh. O velho estava muito bem na segunda-feira, descansando e fora de perigo, e que diabo, de qualquer modo dentro de alguns meses iria se aposentar. Naifeh era um bom homem, mas seus métodos estavam ultrapassados e continuava no cargo somente para garantir sua aposentadoria. Nugent estava pensando em se candidatar ao posto dele, se conseguisse fazer a política certa.

Agora, porém, algo mais urgente o pressionava. Faltavam nove dias para a execução de Cayhall, na verdade oito, porque estava marcada para um minuto depois da meia-noite da quarta-feira da semana seguinte, o que significava que, embora a quarta-feira fosse contada como outro dia, apenas um minuto seria usado. Na realidade, a terça-feira seria o último dia.

Sobre sua mesa havia um caderno com as palavras Protocolo do Mississippi impressas na capa de couro. Era a sua obra-prima, resultado de duas semanas de trabalho tedioso. Nugent ficou atônito com a desordem na qual Naifeh mantinha as guias, diretrizes e pontos a serem verificados, referentes às execuções anteriores. Era um milagre que tivessem conseguido executar alguém. Mas agora havia um plano detalhado e cuidadosamente organizado, que incluía tudo, na sua opinião. O caderno tinha cinco centímetros de espessura e cento e oitenta páginas e, naturalmente, seu nome na folha de rosto.

Lucas Mann entrou no seu escritório às oito e quinze, na segunda-feira.

— Está atrasado — disse Nugent asperamente, agora era o homem encarregado de tudo.

Mann era um simples advogado. Nugent era o chefe de uma equipe de execução. Mann estava satisfeito com o próprio trabalho. Nugent tinha ambições, consideravelmente reforçadas nas última vinte e quatro horas.

— E daí? — disse Mann, de pé ao lado da cadeira, na frente da mesa.

Nugent estava com a calça verde-oliva de sempre, Perfeitamente passada e engomada e a camisa da mesma cor com a camiseta cinzenta por baixo. As botas cintilavam. Ele marchou para o outro lado da mesa. Mann o odiava.

— Temos oito dias — disse Nugent, como se só ele soubesse desse segredo.

— Acho que são nove — observou Mann.

Os dois estavam de pé.

— A próxima quarta-feira não conta. Faltam só oito dias úteis.

— Vá lá que seja.

Nugent sentou muito empertigado.

— Duas coisas. Primeira, aqui está um manual que organizei para a execução. Um protocolo. De A a Z. Completamente em ordem, indexado, com índice remissivo. Quero que você releia os estatutos contidos nele e providencie para que sejam obedecidos.

Mann olhou para o caderno preto mas não tocou nele.

— E segunda, quero um relatório diário sobre o andamento de todos os recursos. Segundo deduzi das regras, não há nenhum impedimento a essa prática, a partir desta manhã.

— Tem razão, senhor — disse Mann.

— Vou querer relatórios escritos todas as manhãs, informando sobre a situação.

— Pois então contrate um advogado, senhor. Você não é meu chefe, e macacos me mordam se vou escrever relatórios para você ler no café da manhã. Eu o informarei se alguma coisa acontecer, mas não vou fazer trabalho burocrático.

Ah, as frustrações da vida civil. Nugent sentia saudades da disciplina militar. Malditos advogados.

— Muito bem. Quer, por favor, reler o protocolo?

Mann abriu o caderno e virou algumas páginas.

— Quer saber de uma coisa, eu passei por quatro execuções sem precisar disto.

— Francamente, isso me surpreende.

— Francamente, a mim não surpreende. Nós nos tornamos muito eficientes. É com tristeza que digo isso.

— Escute, Lucas, eu não gosto disto — disse Nugent ansioso. — Phillip me pediu para fazer. Espero que haja um adiamento. É verdade. Mas se não houver, precisamos estar preparados. Quero que tudo corra com perfeição.

Mann ouviu a mentira evidente e apanhou o manual. Nugent nunca vira uma execução e estava contando as horas, não os dias. Mal podia esperar para ver Sam na cadeira, respirando o gás.

Com uma leve inclinação de cabeça, o advogado saiu da sala. No corredor cruzou com Bill Monday, o homem designado pelo estado para executar os condenados, sem dúvida a caminho do escritório de Nugent para uma conversa tranquila e animadora.

Adam chegou à Twig antes das 15 horas. O dia tinha começado com o pânico do problema de Lee e não tinha melhorado.

Ele tomava café, sentado a sua mesa, com uma tremenda dor de cabeça, tentando fazer um pouco de pesquisa, quando, em menos de dez minutos, Darlene entrou com um fax de Nova Orleans e outro da corte distrital. Tinham perdido duas vezes. A Quinta Circunscrição mantinha a decisão da corte federal a respeito da alegação de

inconstitucionalidade da câmara de gás por ser cruel e obsoleta e a corte distrital indeferia a alegação de que a atuação de Benjamin Keyes no julgamento fora incompetente. Adam esqueceu a dor de cabeça. Uma hora depois, o secretário da pena de morte telefonou de Washington, perguntando os planos de Adam para novas apelações e queria saber também o que mais a defesa pretendia apresentar. Disse que só tinham oito dias úteis, como se alguém precisasse lembrar isso a Adam. Trinta minutos depois do telefonema de Olander, um secretário da seção de pena de morte da Quinta Circunscrição telefonou perguntando quando Adam pretendia apelar da decisão da corte do distrito.

Adam explicou aos dois secretários das duas cortes que estava redigindo as apelações e tentaria dar entrada no final desse mesmo dia. Quando parou para pensar, chegou à conclusão de que era um tanto enervante praticar sua profissão com tanta gente assistindo. Nesse ponto do processo, uma porção de cortes e juízes vigiavam para ver o que ele ia fazer em seguida. Secretários telefonavam perguntando o que ele pretendia fazer. O motivo era evidente e desanimador. Não estavam preocupados com a possibilidade ou não de Adam descobrir a fórmula mágica que evitaria a execução. Estavam preocupados apenas com a logística. Os secretários da seção de pena de morte eram instruídos por seus superiores para monitorar os últimos dias, a fim de que as cortes pudessem apressar suas decisões, geralmente contra o condenado. Aqueles juízes não gostavam de ler petições às três horas da manhã. Queriam cópias de todas as apelações de último minuto em cima das suas mesas, muito antes de elas chegarem.

Phelps telefonou para o escritório de Adam, um pouco antes do meio-dia informando que Lee não fora encontrada. Tinha verificado todos os centros de desintoxicação e recuperação, num raio de cem quilômetros e ninguém tinha admitido Lee Booth. Ele continuaria a procurar, mas no momento estava muito ocupado com reuniões e coisas assim.

Sam chegou a biblioteca da penitenciária com meia hora de atraso, sombrio e desanimado. Soube das derrotas no noticiário do meio-dia, na estação de Jackson, que estava fazendo a contagem regressiva. Só mais nove. Sentou ao lado da mesa e olhou inexpressivamente para Adam.

— Onde estão as tortas Esquimó? — perguntou, tristemente, como uma criança pedindo balas.

Adam apanhou uma pequena caixa de isopor, pôs sobre a mesa e abriu.

— Eles quase confiscaram a caixa, no portão. Depois os guardas revistaram e ameaçaram jogar tudo fora. Portanto, trate de aproveitar.

Sam apanhou um sorvete, examinou por um longo tempo, depois tirou o papel cuidadosamente. Lambeu a cobertura de chocolate, e então deu uma dentada. Mastigou devagar, com os olhos fechados.

Em minutos a primeira torta Esquimó desapareceu e Sam começou a comer a segunda.

— Não foi um bom dia — disse ele, lambendo os lados do sorvete.

Adam passou alguns papéis para ele.

— Aqui estão as duas decisões. Curtas, diretas e fortemente contra nós. Você não tem muitos amigos nas cortes, Sam.

— Eu sei. Pelo menos o resto do mundo me adora. Não quero ler esse lixo. O que fazemos agora?

— Vamos provar que você está louco demais para ser executado, que, devido à sua idade avançada, não pode compreender a natureza da punição.

— Não vai funcionar.

— No sábado você gostou da ideia. O que aconteceu?

— Não vai funcionar.

— Por quê?

— Porque não estou louco. Sei muito bem por que vou ser executado. Você está fazendo o que os advogados fazem melhor — criando teorias, depois encontrando especialistas desonestos para confirmá-las. — Deu uma dentada no sorvete e lambeu os lábios.

— Você quer que eu desista? — perguntou Adam, irritado.

Sam examinou as unhas amareladas.

— Talvez — disse, rapidamente, passando a língua num dedo.

Adam passou para a cadeira ao lado dele, alterando sua posição típica de advogado, no outro lado da mesa, e olhou para Sam atentamente.

— O que aconteceu, Sam?

— Eu não sei. Estive pensando.

— Estou ouvindo.

— Quando eu era muito jovem, meu melhor amigo morreu num acidente de carro. Tinha vinte e seis anos, era recém casado, tinha um filho pequeno, casa nova, toda a vida a sua frente. De repente, estava morto. Eu sobrevivi a ele quarenta e três anos. Meu irmão mais velho morreu com cinquenta e seis anos. Eu sobrevivi a ele treze anos. Sou um homem velho, Adam. Um homem muito velho. Estou cansado. Acho que quero desistir.

— Deixe disso, Sam.

— Pense nas vantagens. Você se livra da pressão. Não vai ser obrigado a passar a semana que vem correndo como um louco e apresentando recursos inúteis. Não vai se sentir fracassado quando tudo acabar. Não vou passar meus últimos dias rezando por um milagre e sim pondo minhas coisas em ordem. Podemos passar mais

tempo juntos. Muita gente ficará feliz — os Kramer, McAllister, Roxburgh, oitenta por cento do povo americano que são a favor da pena de morte. Será outro momento glorioso para a lei e a ordem. Posso sair com alguma dignidade, e não como um homem desesperado, com medo de morrer. Francamente é tentador.

— O que aconteceu com você, Sam? No último sábado estava ainda pronto para lutar.

— Estou cansado de lutar. Sou um homem velho. Tive uma vida longa. E o que acontece se você conseguir salvar a minha pele? Como é que eu fico? Não vou a lugar algum, Adam. Você volta para Chicago e mergulha no seu trabalho. Tenho certeza de que virá me visitar sempre que puder. Mas terei de viver no Corredor. Você não. Não pode imaginar.

— Não vamos desistir, Sam. Ainda temos uma chance.

— A decisão não é sua. — Terminou o segundo sorvete e limpou a boca com a manga.

— Não gosto de ver você assim, Sam. Gosto quando está zangado e lutando.

— Estou cansado, está bem?

— Não pode deixar que eles o matem. Tem de lutar até o amargo fim, Sam.

— Por quê?

— Porque é errado. É moralmente errado o estado tirar sua vida, por isso não podemos desistir.

— Mas vamos perder de qualquer modo.

— Talvez. Talvez não. Mas você está lutando há quase dez anos. Por que desistir quando falta uma semana?

— Porque acabou, Adam. Esta coisa finalmente chegou ao fim.

— Talvez, mas não podemos desistir. Por favor, não jogue a toalha. Que diabo. Estou fazendo progressos. Estou dando um trabalho danado para aqueles palhaços.

Sam sorriu e olhou para o neto com ar condescendente.

Adam chegou mais perto e pôs a mão no braço dele.

— Eu pensei em várias novas estratégias — disse, com urgência. — Na verdade, amanhã um especialista vem examiná-lo.

Sam olhou para ele.

— Que tipo de especialista?

— Um psiquiatra.

— Um psiquiatra?

— É. De Chicago.

— Já falei com uma psiquiatra. Não me saí muito bem.

— Este cara é diferente. Ele trabalha para nós e vai dizer que você perdeu suas faculdades mentais.

— Está partindo da suposição de que alguma vez elas estiveram

onde deviam estar.

— Sim, estamos supondo isso. Esse psiquiatra vai examiná-lo amanhã. Depois faz um relatório dizendo que você está senil e insano, um perfeito idiota e, nem sei mais o que ele vai dizer.

— Como sabe que ele vai dizer isso?

— Porque estamos pagando.

— Quem está pagando?

— Kravitz & Bane, aqueles dedicados judeus americanos de Chicago que você odeia, mas que estão se arrebetando para mantê-lo vivo. Na verdade, a ideia foi de Goodman.

— Deve ser um ótimo psiquiatra.

— A esta altura não podemos ser muito exigentes. Ele já foi usado por outros advogados da firma e vai dizer o que quisermos que diga. Você só tem de agir meio esquisito quando falar com ele.

— Não vai ser difícil.

— Conte a ele histórias de horror deste lugar. Faça com que pareça atroz e deplorável.

— Até aí nenhum problema.

— Diga como você apodreceu aqui dentro durante todos esses anos e o quanto é difícil, especialmente na sua idade. Você é de longe o mais velho do corredor, Sam, portanto, diga a ele como isso o afetou. Exagere as coisas. Ele vai fazer um relatório convincente e eu corro com ele para a corte.

— Não vai funcionar.

— Vale a pena tentar.

— A Suprema Corte permitiu a execução de um garoto retardado, no Texas.

— Aqui não é o Texas, Sam. Cada caso é diferente. Só quero que trabalhe conosco nisto, está bem?

— Conosco? Com quem mais?

— Comigo e com Goodman. Você disse que não o odeia mais, então eu achei que podia deixar que ele entrasse na brincadeira. Falo sério, Sam, preciso de ajuda. É muito trabalho para um advogado só.

Sam afastou a cadeira da mesa e ficou de pé. Flexionou os braços e as pernas e começou a andar ao lado da mesa, contando os passos.

— Vou dar entrada numa petição na Suprema Corte amanhã de manhã — disse Adam, consultando a lista no seu bloco de anotações.

— Provavelmente não vão concordar em conceder uma audiência, mas vou apresentar assim mesmo. Também vou concluir uma apelação para a Quinta Circunscrição sobre as alegações indeferidas. O psiquiatra estará aqui amanhã à tarde. Vou dar entrada na alegação de insanidade mental na quarta de manhã.

— Eu prefiro partir pacificamente, Adam.

— Esqueça, Sam. Não vamos desistir. Falei com a Carmen ontem à

noite e ela quer visitar você.

Sam sentou na beirada da mesa e olhou para o chão, com os olhos tristonhos entrecerrados. Deu uma tragada no cigarro e soltou a fumaça para baixo.

— Por que ela quer fazer isso?

— Não perguntei, nem fui eu quem sugeriu. A ideia foi dela. Eu disse que ia perguntar a você.

— Eu nunca a vi.

— Eu sei. É sua única neta, Sam, e quer vir.

— Não quero que ela me veja deste modo — disse ele, mostrando o macacão vermelho.

— Ela não vai se importar.

Sam apanhou outro sorvete da caixa.

— Quer um? — ofereceu.

— Não. O que digo para a Carmen?

— Deixe-me pensar. Lee ainda quer me visitar?

— Bem, claro que sim. Há dois dias não falo com ela, mas tenho certeza de que ela quer vir.

— Pensei que estivesse hospedado na casa dela.

— Estou. Ela esteve fora da cidade.

— Vou pensar, Adam. Neste momento, sou contra. Não vejo Lee há quase dez anos e não quero que ela lembre de mim deste jeito. Diga que estou pensando, mas que no momento não acho conveniente.

— Eu digo — prometeu Adam, sem saber se ia vê-la a tempo. Se ela estivesse em tratamento, ficaria isolada por várias semanas.

— Vou ficar satisfeito quando chegar o fim, Adam. Estou realmente farto de tudo isto. — Deu uma mordida no sorvete.

— Eu compreendo. Mas vamos adiar por mais algum tempo.

— Por quê?

— Por quê? É muito claro. Não quero passar toda a minha carreira carregando o peso de ter perdido meu primeiro caso.

— Acho que é uma boa razão.

— Ótimo. Então, não vamos desistir?

— Acho que não. Traga o psiquiatra. Vou parecer o mais doido possível.

— Assim é que se fala.

Lucas Mann estava esperando Adam no portão da penitenciária. Eram quase cinco horas, ainda fazia calor e o ar continuava úmido.

— Tem um minuto? — perguntou, curvando-se para a janela do carro de Adam.

— Acho que sim. O que há?

— Encoste ali. Vamos sentar na sombra.

Foram até a mesa de piquenique ao lado do Centro de Visitantes, debaixo de um carvalho enorme, de onde se via a estrada não muito

distante.

— Algumas coisas — disse Mann. — Como vai Sam? Está aguentando firme?

— Tanto quanto se pode esperar. Por quê?

— Só estou preocupado, nada mais. No total tivemos quinze pedidos para entrevistas hoje. As coisas estão esquentando. A imprensa está a caminho.

— Sam não vai concordar.

— Alguns querem falar com você.

— Também não quero falar.

— Ótimo. Temos um formulário para Sam assinar. Uma autorização escrita para mantermos os repórteres longe dele. Já soube de Naifeh?

— Vi no jornal esta manhã.

— Ele vai ficar bom, mas não pode supervisionar a execução. Um maluco, chamado George Nugent, superintendente assistente, vai coordenar tudo. Ele é comandante. Reformado no exército e tudo o mais, um cara bem militar.

— Para mim tanto faz. Ele não pode fazer a execução sem ordem das cortes.

— Certo. Eu só queria que soubesse quem ele é.

— Mal posso esperar para conhecer.

— Mais uma coisa. Tenho um amigo, um colega da faculdade, que trabalha agora para o governo do estado. Ele telefonou esta manhã e parece que o governador está preocupado com a execução de Sam. Segundo o meu amigo, a quem, sem dúvida, o governador pediu para falar com você, eles gostariam de realizar uma audiência para a concessão de indulto dentro de dois dias.

— Você se dá com o governador?

— Não. Eu não o suporto.

— Eu também. E isso vale também para o meu cliente.

— Por isso meu amigo foi recrutado para recorrer a mim.

Supostamente, o governador está com sérias dúvidas sobre a execução de Sam.

— Você acredita?

— É duvidoso. O governador conseguiu sua fama à custa de Sam Cayhall e tenho certeza de que estará sintonizado com a imprensa nos próximos oito dias. Mas o que vocês têm a perder?

— Nada.

— Não é má ideia.

— Eu sou a favor. Mas meu cliente me proibiu estritamente de pedir essa audiência.

Mann deu de ombros, como se realmente não se importasse com o que Sam podia fazer.

— Então, depende de Sam. Ele fez testamento?

— Fez.

— E as providências para o sepultamento?

— Estou tratando disso. Ele quer ser enterrado em Clanton.

Caminharam para o portão.

— O corpo vai para uma casa funerária em Indianola, não muito longe daqui. Lá é liberado para a família. Todas as visitas terminam quatro horas antes da hora marcada para a execução. A partir desse ponto, Sam só pode ter duas pessoas com ele — seu advogado e seu conselheiro espiritual. Ele precisa também escolher duas testemunhas.

— Vou falar com ele.

— Precisamos que ele aprove uma lista de visitantes a partir de hoje. Geralmente são pessoas da família e amigos íntimos.

— Vai ser uma lista muito curta.

— Eu sei.

TRINTA E SETE

TODOS OS OCUPANTES do Corredor conheciam os procedimentos, embora não fossem escritos. Os veteranos, incluindo Sam, tinham passado por quatro execuções nos últimos oito anos e cada uma fora acompanhada por pequenas variações. Os mais antigos falavam e murmuravam entre eles e estavam sempre dispostos a descrever as últimas horas de um condenado para os novatos, a maioria dos quais chegava ao Corredor com perguntas não formuladas de como a coisa era feita. E os guardas gostavam de falar sobre o assunto.

A última refeição era feita numa saleta na parte da frente do Corredor, chamada de escritório da frente. Tinha uma mesa, algumas cadeiras, telefone e ar-condicionado e era ali que o condenado recebia suas últimas visitas. Era ali que seus advogados explicavam por que as coisas não estavam correndo como tinham planejado. Era uma sala simples, com as janelas trancadas. Ali também acontecia a última visita conjugal, quando o condenado estava disposto. Guardas e administradores enchiam o corredor na frente da saleta.

A sala não fora designada para esse fim, mas quando Teddy Doyle Meekes, em 1982, tornou-se o primeiro homem a ser executado, depois de muitos anos, acharam que precisavam de uma sala como aquela, para vários fins. Tinha pertencido a um tenente, depois a um oficial de justiça. Sempre foi chamada de escritório da frente. O telefone na mesa era o último a ser usado pelo advogado do detento, quando o informavam de que não ia haver mais adiamentos nem apelações. Ele então fazia a longa caminhada até a extremidade da Ala A, onde seu cliente esperava na Cella de Observação.

A Cella de Observação era uma cela igual a todas as outras da Ala A, e ficava oito celas depois da de Sam. Tinha um e oitenta por dois e sessenta, um beliche, uma pia e um vaso, exatamente como a de Sam, exatamente como todas as outras. Era a última da ala e a mais próxima da Sala de Isolamento, que ficava ao lado da Sala da Câmara. Um dia antes da execução, o prisioneiro saía pela última vez da sua cela e era levado para a Observação. Seus objetos de uso pessoal também eram retirados, sempre um trabalho rápido. Na Cella de Observação ele esperava. Geralmente assistia ao próprio drama na televisão, acompanhando a decisão da corte sobre seus recursos de última hora. O advogado esperava com ele, sentado na cama, na cela escura, assistindo ao noticiário. O advogado corria da cela para o escritório da frente e vice-versa, várias vezes. Um pastor, ou conselheiro espiritual, também podia ficar na cela.

No Corredor escuro pairava um silêncio de morte. Alguns dos prisioneiros inclinavam-se para suas televisões. Outros davam as mãos

através das grades e rezavam. Outros ainda, deitados, imaginavam quando seu dia ia chegar. As janelas altas do Corredor eram todas trancadas. O Corredor ficava trancado, completamente isolado. Mas ouviam-se vozes das outras alas e viam-se luzes de fora. Para os homens que ficavam horas sentados nas celas minúsculas, ouvindo e vendo tudo, aquela atividade estranha e frenética era deprimente.

Às onze horas, o diretor e sua equipe entravam na Ala A e paravam na Cella de Observação. A essa altura, as esperanças de um adiamento de último minuto praticamente desapareciam. O prisioneiro estava sentado na cama, de mãos dadas com seu advogado e com seu conselheiro espiritual. O diretor anunciava então que estava na hora de ir para a Sala de Isolamento. A porta da cela se abria com estalido metálico e o prisioneiro saía para a passagem. Ouviam-se então gritos de apoio e encorajamento dos outros prisioneiros, muitos deles choravam. A Sala de Isolamento não ficava a mais de seis metros da Sala de Observação. O prisioneiro passava entre duas fileiras de guardas armados, os maiores que o diretor podia encontrar. Nunca havia resistência. Não ia adiantar nada.

O diretor leva o prisioneiro para uma saleta, de três metros por três, só com uma cama de armar. O prisioneiro senta na cama com seu advogado ao lado. Então, nesse momento, por alguma razão difícil de compreender, o diretor sente necessidade de passar alguns momentos com o prisioneiro, como se ele fosse a pessoa com quem o condenado mais deseja conversar antes de morrer. Finalmente, o diretor sai da sala. O silêncio só é quebrado por uma ou outra batida na sala ao lado. Geralmente, a essa altura, as preces terminam. Faltam poucos minutos para o fim.

Ao lado da Sala de Isolamento ficava a Sala da Câmara. Tinha aproximadamente quatro metros e meio por três e meio, com a câmara de gás no centro. O encarregado da execução está muito ocupado, enquanto o condenado reza na Sala de Isolamento. O diretor, o advogado da prisão, o médico e um punhado de guardas tratam dos preparativos. Na parede há dois telefones para as ordens de último minuto. Numa pequena sala à esquerda, o encarregado prepara a solução. Atrás da câmara há três janelas de quarenta e cinco por setenta centímetros, naquele momento cobertas por cortinas negras. No outro lado das janelas fica a sala das testemunhas.

Quando faltam vinte minutos para a meia-noite, o médico entra na Sala de Isolamento e prende um estetoscópio no peito do prisioneiro. Ele sai e o diretor entra e leva o prisioneiro para a câmara.

A Sala da Câmara está sempre cheia, repleta de pessoas ansiosas para ajudar, todas preparando-se para ver um homem morrer. Eles o fazem entrar na câmara, o amarram na cadeira, fecham a porta e o matam.

Era um procedimento automático, com pequenas variações para cada caso. Por exemplo, Buster Moac estava na cadeira com a metade das correias fechadas quando o telefone tocou na Sala da Câmara. Ele voltou para a Sala de Isolamento e esperou por seis horas miseráveis até eles aparecerem e o levarem novamente para a câmara. Jumbo Parris foi o mais esperto dos quatro. Viciado em drogas, muito tempo antes de ir para o Corredor, começou a pedir Valium aos psiquiatras, vários dias antes da sua execução. Quis passar suas últimas horas sozinho, sem advogado nem pastor e, quando o levaram para a Cella de Observação, estava completamente dopado. Evidentemente havia guardado os comprimidos de Valium e teve de ser arrastado para a Sala de Isolamento, onde o deixaram dormir em paz. Foi então arrastado para a câmara e tomou a dose final.

Era um método humano e misericordioso. O condenado ficava na sua cela, ao lado dos amigos, até o fim. Na Louisiana eram retirados da cela e levados para um pequeno prédio chamado de Casa da Morte. Passavam ali os últimos três dias, sob constante supervisão. Na Virgínia, eram levados para outra cidade.

Sam estava a oito portas da Cella de Observação, cerca de quinze metros. Dali eram quase sete metros até a Sala de Isolamento, depois mais três metros e meio até a câmara. De um lugar no centro da sua cama, muitas vezes ele calculou a distância que o separava da câmara de gás, cerca de vinte e cinco metros.

E na manhã de terça-feira, calculou outra vez, depois de fazer o X no seu calendário. Oito dias. Estava escuro e fazia calor. Tinha dormido intermitentemente e passou a maior parte da noite sentado na frente do ventilador. Faltava agora uma hora para o café. Aquele seria o seu dia número 3.449 no Corredor e o total não incluía os que havia passado na cadeia da prefeitura, em Greenville, durante os dois primeiros julgamentos. Só mais oito dias.

Suas cobertas estavam molhadas de suor e, deitado na cama, olhando para o teto pela milionésima vez, ele pensou na morte. O ato de morrer não seria tão terrível. Por razões óbvias, ninguém conhecia exatamente os efeitos do gás. Talvez dessem a ele uma dose extra, para que estivesse morto muito antes do seu corpo se contorcer e saltar. Talvez a primeira inalação o fizesse perder os sentidos. De qualquer modo, não ia demorar, ele esperava. Tinha visto sua mulher definhando e sofrer com o câncer. Viu parentes envelhecerem e vegetarem. Certamente este era um modo melhor de morrer.

— Sam — murmurou J. B. Gullitt —, está acordado?

Sam foi até a porta e encostou nas grades. Via as mãos e os braços de Gullitt.

— Sim, estou. Não consigo dormir. — Acendeu o primeiro cigarro do dia.

— Eu também não. Diga que não vai acontecer, Sam.

— Não vai acontecer.

— Fala sério?

— Sim, falo sério. Meu advogado vai entrar de sola. Provavelmente vai me tirar daqui dentro de duas semanas.

— Então, por que não pode dormir?

— Estou excitado com a ideia de sair daqui.

— Falou com ele sobre meu caso?

— Ainda não. Ele tem muito que pensar. Assim que eu sair, vamos trabalhar no seu caso. Fique tranquilo. Procure dormir um pouco.

Gullitt recolheu as mãos lentamente e Sam ouviu a cama ranger. Balançou a cabeça, pensando na ignorância do garoto. Terminou o cigarro e o atirou no corredor, uma quebra do regulamento que ia acrescentar uma observação na sua ficha. Como se isso importasse.

Tirou a máquina de escrever da prateleira. Tinha coisas para dizer, cartas para escrever. Havia gente lá fora com quem precisava falar.

George Nugent entrou na USM como um general cinco estrelas e olhou com desaprovação para o cabelo e depois para as botas não engraxadas do guarda branco de segurança.

— Trate de cortar o cabelo — grunhiu ele — ou será despedido. E engraxe essas botas.

— Sim, senhor — disse o garoto, e quase fez continência.

Nugent fez um movimento brusco de cabeça para Packer, que o conduziu pela passagem do Corredor até a Ala A.

— Número seis — disse Packer quando a porta se abriu.

— Fique aqui — ordenou Nugent.

Com os saltos estalando ele marchou pela passagem, olhando desdenhosamente para o interior de cada cela. Parou na frente da cela de Sam e olhou para dentro. Sam estava só de calção, o suor brilhando na pele fina e enrugada, escrevendo a máquina. Olhou para o estranho que o espiava entre as grades e voltou ao trabalho.

— Sam, meu nome é George Nugent.

Sam escreveu mais algumas letras. O nome não era familiar, mas Sam supôs que ele devia ocupar um posto importante, uma vez que tinha acesso ao Corredor.

— O que você quer? — perguntou, sem olhar para o homem.

— Bem, eu queria conhecê-lo.

— Muito prazer, agora dá o fora.

Gullitt, a direita, e Henshaw, à esquerda, foram até as grades das suas celas, a poucos passos de Nugent. Riram divertidos com a resposta de Sam.

Nugent olhou furioso para eles e pigarreou.

— Eu sou o superintendente assistente e Phillip Naifeh me encarregou da sua execução. Precisamos falar sobre algumas coisas.

Sam concentrou-se na sua correspondência e praguejou quando errou uma tecla. Nugent esperou.

— Será que posso ter alguns minutos do seu tempo valioso, Sam?

— Acho melhor chamar de sr. Cayhall — disse Henshaw, cortês. — Ele é alguns anos mais velho do que você e isso significa muito para ele.

— Onde arranjou essas botas? — perguntou Gullitt, olhando para os pés de Nugent.

— Vocês dois, afastem-se das grades — disse Nugent, autoritário. — Preciso falar com Sam.

— O sr. Cayhall está ocupado agora — informou Henshaw. — Talvez seja melhor você voltar mais tarde. Terei prazer em marcar uma hora.

— Você é algum tipo de cretino militar? — perguntou Gullitt.

Nugent ficou rígido e olhou para a direita e para a esquerda.

— Estou mandando vocês dois se afastarem das grades, está bem? Preciso falar com Sam.

— Não recebemos ordens — disse Henshaw.

— E o que você vai fazer agora? — perguntou Gullitt. — Jogar a gente na solitária? Nos fazer comer raízes e frutas silvestres? Vai nos acorrentar na parede? Por que não vai em frente e nos mata?

Sam pôs a máquina de escrever na cama e foi até as grades. Deu uma longa tragada no cigarro e soltou a fumaça na direção de Nugent.

— O que você quer? — perguntou.

— Quero saber algumas coisas.

— O quê, por exemplo?

— Você tem testamento?

— Não é da sua maldita conta. O testamento é um documento particular que só deve ser visto na ocasião do inventário e só depois da morte da pessoa. Essa é a lei.

— Que cara mais burro — gritou Henshaw.

— Eu não acredito — comentou Gullitt. — Onde foi que o Naifeh descobriu este idiota?

— Mais alguma coisa? — perguntou Sam.

O rosto de Nugent estava mudando de cor.

— Precisamos saber o que fazer com suas coisas.

— Está no meu testamento, certo?

— Espero que não vá ser difícil, Sam.

— É sr. Cayhall — repetiu Henshaw.

— Difícil? — perguntou Sam. — Por que eu ia ser difícil? Pretendo cooperar inteiramente com o estado, enquanto ele se ocupa em me matar. Sou um bom patriota. Votaria e pagaria impostos se pudesse. Tenho orgulho de ser americano, irlandês americano, e neste momento estou muito apaixonado por meu precioso estado, embora

ele esteja planejando me matar com gás. Sou um prisioneiro modelo, George. Não terão problemas comigo.

Packer estava se deliciando com a conversa, parado na outra extremidade da ala. Nugent ficou firme.

— Preciso da lista das pessoas que você quer que assistam a sua execução — disse ele. — Tem direito a escolher duas.

— Eu ainda não desisti, George. Vamos esperar mais alguns dias.

— Ótimo. Preciso também de uma lista das suas visitas nos próximos poucos dias.

— Bem, hoje a tarde vem um médico de Chicago, sabe? É psiquiatra e vai conversar comigo para ver o quanto estou louco, depois meu advogado vai correr para a corte e dizer que você, George, não pode me executar porque estou maluco. Ele vai ter tempo para examinar você, se quiser. Deve ser coisa rápida.

Henshaw e Gullitt caíram na gargalhada e logo todos os outros prisioneiros estavam rindo e vaiando em voz alta. Nugent deu um passo para trás e olhou ferozmente para as outras celas.

— Quietos! — ordenou, mas as risadas aumentaram.

Sam continuou fumando e soltando a fumaça entre as grades. Assobios e apupos intercalavam-se com as risadas.

— Eu vou voltar. — Nugent gritou furioso para Sam.

— Ele voltará! — gritou Henshaw, e o barulho aumentou.

O comandante se afastou e marchou pela passagem entre os gritos de “Heil Hitler”.

Sam sorriu por um momento e quando o barulho cessou, voltou a sentar na beirada da cama. Comeu um pedaço de torrada seca e tomou um gole de café. Recomeçou a escrever a máquina.

A VIAGEM PARA A Parchman naquela tarde não foi agradável. Adam dirigia e Goodman estava sentado ao seu lado. Os dois falavam sobre estratégias e inventavam apelações e procedimentos de último minuto.

Goodman pretendia voltar para Memphis no fim de semana e ficar ao lado de Adam nos últimos três dias. O psiquiatra era o dr. Swinn, um homem frio e carrancudo com terno preto. Tinha o cabelo espesso e despenteado, os olhos escuros escondidos atrás de lentes grossas e era completamente incapaz de uma conversa descontraída. Sua presença no banco de trás era desconcertante. O homem não disse uma palavra durante toda a viagem de Memphis à Parchman.

Adam e Lucas Mann providenciaram para que o exame fosse feito no hospital da penitenciária, notavelmente moderno e bem aparelhado. O dr. Swinn havia informado que nem Adam e nem Goodman podiam estar presentes durante sua avaliação de Sam, o que convinha Perfeitamente aos dois advogados. Um furgão da penitenciária os apanhou no portão e levou o dr. Swinn até o hospital

no interior da plantação.

Há anos Goodman não via Lucas Mann. Cumprimentaram-se como velhos amigos e logo começaram a lembrar antigas histórias de execuções. Não falaram sobre Sam e Adam ficou satisfeito com isso.

Saíram do escritório de Mann e atravessaram o estacionamento, dirigindo-se para um prédio atrás do complexo da administração. Era um restaurante com as mesmas linhas de uma taverna vizinha. Chamava-se The Place, servia comida simples para o pessoal do escritório e os empregados da penitenciária. Nenhuma bebida alcoólica. Ficava dentro do terreno da penitenciária.

Tomaram chá gelado e falaram sobre o futuro da pena de morte. Tanto Goodman quanto Mann concordavam com a previsão de que as execuções iriam ficar cada vez mais rotineiras. A Suprema Corte dos Estados Unidos continuava a pender para a direita e estava farta de apelações infundáveis. O mesmo se aplicava às instâncias inferiores do judiciário federal. Além disso, os juízes americanos refletiam cada vez mais a intolerância da sociedade para com os crimes violentos. Era muito menor a simpatia pelos condenados do corredor da morte, e maior o desejo de fritar os filhos da mãe. Poucos dólares do governo estavam sendo gastos para financiar os grupos contrários à pena de morte e era menor o número de advogados e de firmas dispostos a se dedicar a trabalhos pro bono. A população do corredor da morte crescia mais depressa do que o número de advogados que aceitavam os casos de pena capital.

A conversa entediava Adam. Tinha lido e ouvido aquilo tudo centenas de vezes. Pediu licença e foi para um telefone público no canto do restaurante. Phelps não estava, disse uma jovem secretária, mas havia deixado um recado para Adam. Nenhuma notícia de Lee. Ela devia comparecer ao tribunal dentro de duas semanas. Talvez aparecesse então.

Darlene datilografou o relatório do dr. Swinn enquanto Adam e Garner Goodman trabalhavam na petição que o acompanharia. O relatório tinha vinte páginas e soava como música suave. Swinn era um mercenário, um prostituto que vendia sua opinião pela oferta mais alta, e Adam o detestava e a todos iguais a ele. Swinn percorria o país como testemunha profissional, capaz de dizer uma coisa hoje e outra amanhã, dependendo de quem tivesse o bolso mais cheio. Mas, no momento, era o seu prostituto e isso era o bastante. Sam sofria de senilidade avançada, suas faculdades mentais estavam prejudicadas a ponto de ele não saber e não compreender a natureza da sua punição. Faltava a ele a sanidade exigida para ser executado, portanto, a execução não adiantaria nada. Não era um argumento legal completamente original, nem as cortes o tinham adotado completamente. Mas, como Adam dizia para si mesmo todos os dias, o

que tinham a perder? Goodman parecia um pouco mais do que otimista, especialmente devido à idade de Sam. Ele não tinha lembrança de nenhuma execução de alguém com mais de cinquenta anos.

Eles todos, incluindo Darlene, trabalharam quase até as onze horas da noite.

TRINTA E OITO

Garner Goodman não voltou para Chicago na quarta-feira de manhã, mas voou para Jackson, Mississippi. O voo levou trinta minutos, quase não dando tempo para uma xícara de café e um croissant meio congelado. Alugou um carro no aeroporto e foi direto para o prédio da câmara municipal. O legislativo não estava em sessão e havia muitas vagas vazias perto do prédio. Como muitos prédios das câmaras, construídos depois da Guerra Civil, aquele era desafiadoramente voltado para o sul. Goodman parou para admirar o monumento de guerra dedicado às mulheres do sul, mas passou maior tempo olhando as esplêndidas magnólias japonesas no começo dos degraus de entrada.

Quatro anos antes, nos dias e horas que antecederam a execução de Maynard Tole, Goodman havia feito a mesma jornada em duas ocasiões. Naquele tempo era um governador diferente, um cliente diferente e um crime diferente. Tole havia assassinado várias pessoas numa orgia criminoso que durou dois dias e era difícil despertar simpatia por ele em qualquer pessoa. Esperava que não acontecesse o mesmo com Sam Cayhall. Ele era um homem velho que provavelmente morreria dentro de cinco anos. Seu crime era história antiga para grande parte do povo do Mississippi. E assim por diante.

Durante toda aquela manhã Goodman havia ensaiado o que iria dizer. Entrou no prédio e mais uma vez ficou maravilhado com tanta beleza. Era uma versão em tamanho menor do Capitólio dos Estados Unidos, em Washington, e nenhuma despesa fora poupada. O prédio fora construído em 1910 por prisioneiros do estado. O estado usou o dinheiro proveniente da vitória de uma ação judicial contra uma estrada de ferro para construir aquele monumento.

Ele entrou no gabinete do governador no segundo andar e entregou seu cartão para a bela recepcionista. O governador não estaria no gabinete naquela manhã, disse ela, e por acaso ele tinha hora marcada? Não, explicou Goodman, delicadamente, mas era muito importante e seria possível falar com o dr. Andy Larramore, chefe da consultoria jurídica do governador?

Esperou enquanto ela deu vários telefonemas e meia hora depois o dr. Larramore apareceu. Os dois homens se apresentaram e seguiram por um corredor estreito que passava por um labirinto de salas de escritório. O cubículo de Larramore era uma desordem, parecido com o seu ocupante. Ele era um homem pequeno com as costas curvas na altura da cintura e sem pescoço. O queixo comprido quase encostava no peito e quando falava, olhos, nariz e boca juntavam-se como uma coisa só. Era horrível. Goodman não saberia dizer se o homem tinha

trinta ou cinquenta anos. Devia ser um gênio.

— O governador está fazendo uma palestra para uma convenção de corretores de seguros, esta manhã — disse Larramore, segurando um cronograma como se fosse uma joia preciosa. — Depois vai visitar uma escola pública no centro da cidade.

— Eu espero — disse Goodman. — É muito importante e não me importo de passear um pouco.

Larramore empurrou o papel para o lado e cruzou as mãos sobre a mesa.

— O que aconteceu com aquele jovem, o neto de Sam?

— Oh, ele ainda é o advogado principal. Eu sou diretor do probono da Kravitz & Bane, e estou aqui para ajudá-lo.

— Estamos acompanhando este caso muito de perto — disse Larramore, franzindo o rosto, e desfranzindo, no fim de cada frase. — Parece que vai até o fim.

— Todos vão — disse Goodman. — O governador está mesmo disposto a conceder a audiência para indulto?

— Estou certo de que ele aceitará a ideia da audiência. Quanto a conceder indulto é outra conversa. A lei é muito ampla, como deve saber. Ele pode comutar a sentença de morte e libertar o acusado imediatamente, sob condicional. Pode mudar para prisão perpétua ou uma pena um pouco menor.

Goodman fez um gesto de assentimento.

— Acha que vou conseguir falar com ele?

— Deve voltar às onze horas. Quando chegar, falo com ele. Provavelmente vai almoçar em seu gabinete, portanto vai ter de esperar um pouco mais. Pode estar aqui à uma hora da tarde?

— Posso. Isto deve ser mantido em segredo. Nosso cliente se opõe terminantemente a este encontro.

— Ele se opõe a ideia de indulto?

— Temos sete dias, dr. Larramore. Não nos opomos a coisa alguma.

Larramore franziu o nariz, mostrando os dentes superiores e apanhou outra vez o cronograma.

— Esteja aqui à uma hora. Verei o que posso fazer.

— Obrigado.

Conversaram sobre várias coisas durante cinco minutos, e então Larramore foi solicitado por uma série de telefonemas urgentes. Goodman pediu licença e saiu do prédio. Parou outra vez ao lado das magnólias japonesas e tirou o paletó. Às nove e meia da manhã, sua camisa já estava molhada nas axilas e grudada nas costas.

Caminhou para o sul, na direção geral da rua Capitólio, que ficava a quatro quadras e era considerada a rua principal de Jackson. No meio dos prédios e do tráfego do centro da cidade, a mansão do

governador se erguia majestosa circundada por um vasto terreno ajardinado, de frente para o prédio da câmara municipal. Era uma casa grande de antes da Guerra Civil, rodeada de portões e cercas. Na noite da execução de Tole, um pequeno grupo de pessoas contrárias à pena de morte tinha se reunido na calçada, gritando seus protestos para o governador. Evidentemente ele não ouviu. Goodman parou na calçada e olhou para a mansão. Ele e Peter Wiesenbergr tinham entrado rapidamente pelo portão da esquerda com a última apelação, poucas horas antes de Tole ser executado. O governador estava jantando com pessoas importantes e ficou irritado com a interrupção. Negou o pedido final de indulto, depois, de acordo com a mais perfeita tradição sulista, os convidou para jantar.

Os dois declinaram cortesmente. Goodman explicou a Sua Excelência que precisavam voltar imediatamente para a Parchman, para estar com seu cliente na hora da morte.

— Tenham cuidado — disse o governador, voltando para o jantar.

Goodman imaginou quantas pessoas estariam naquela calçada, protestando, dentro de poucos dias, cantando e rezando com velas acesas, balançando cartazes e gritando para McAllister poupar o velho Sam. Provavelmente não muitas.

Raramente há falta de espaço para escritórios no centro comercial de Jackson e Goodman encontrou logo o que procurava. Uma tabuleta chamou sua atenção para salas vazias no terceiro andar de um prédio muito feio. Pediu informações no balcão de atendimento de uma empresa financeira, no térreo, e uma hora depois o dono do prédio chegou e mostrou o espaço que estava para alugar. Era uma suíte com duas salas, carpete muito usado e buracos na parede. Goodman foi até a única janela e olhou para a fachada da câmara municipal a três quadras de distância.

— Perfeito — disse ele.

— São trezentos dólares por mês, mais a luz. O banheiro fica no fim do corredor. Contrato mínimo de seis meses.

— Só vou precisar por dois meses — disse Goodman, tirando do bolso um maço de notas dobradas.

O homem olhou para o dinheiro e perguntou:

— No que o senhor trabalha?

— Análise de mercado.

— De onde o senhor é?

— Detroit. Estamos pensando em abrir uma filial neste estado e precisamos deste escritório para começar. Mas só por dois meses. Pago em dinheiro. Nada escrito. Será por pouco tempo. Não faremos o menor barulho.

O proprietário aceitou o dinheiro e entregou a Goodman duas chaves, uma da porta do escritório, a outra da entrada do prédio, na

rua do Congresso. Selaram o negócio com um aperto de mãos.

Goodman saiu do prédio e voltou para seu carro, ao lado da câmara municipal, satisfeito com o que estava planejando. A ideia fora de Adam, outro tiro no escuro, numa série de planos desesperados para salvar Sam. Não estavam fazendo nada ilegal. O custo seria pequeno e quem ia se incomodar com alguns dólares, naquela altura da luta. Afinal, ele era o sr. Pro Bono da firma, motivo de grande orgulho e de sentimento de grande virtude entre seus pares. Ninguém, nem mesmo Daniel Rosen, questionaria a despesa de um pequeno aluguel e alguns telefonemas.

Depois de três semanas como advogado do corredor da morte, Adam começava a sentir saudade da previsibilidade do seu escritório em Chicago, se é que ainda tinha um. Na quarta-feira, antes das dez horas, terminou a petição para a revisão pós-condenação. Tinha falado quatro vezes com vários secretários e depois com um secretário da corte. Falou duas vezes com Richard Olander, em Washington, a respeito da petição contrária a câmara de gás e falou com um secretário da seção de pena de morte, na Quinta Circunscrição em Nova Orleans, a respeito da negação da petição.

A alegação de insanidade mental de Sam já estava em Jackson, enviada por fax. O original seguiu por Fed-Ex e Adam foi obrigado a pedir delicadamente ao secretário da corte para apressar as coisas. ‘Andem depressa e neguem’ disse ele, mas não com essas palavras. Se fosse concedido um adiamento, o mais provável é que fosse por decisão de um juiz federal.

Cada novo documento apresentado trazia um pequeno raio de esperança e, como Adam estava aprendendo rapidamente, também a possibilidade de nova derrota. Uma petição tem de vencer quatro obstáculos antes de ser anulada — a Suprema Corte do Mississippi, a corte federal do distrito, a Quinta Circunscrição Judiciária e a Suprema Corte dos Estados Unidos — portanto as chances eram todas contra o sucesso, especialmente naquela fase do processo. Os recursos comuns de Sam já haviam sido exaustivamente defendidos por Wallace Tyner e Garner Goodman, anos antes. Adam encontrava agora as migalhas.

O secretário da Quinta Circunscrição duvidava que a corte estivesse disposta a conceder outra audiência, especialmente porque, ao que parecia, Adam ia dar entrada em novos recursos todos os dias. O júri formado por três juízes provavelmente iria considerar unicamente as Petições escritas. Audiências só ocorreriam se os juízes quisessem ouvir a voz dele.

Richard Olander telefonou novamente para dizer que a Suprema Corte tinha recebido a petição de recurso de Adam, o pedido para revisão do caso, e Estavam em estudo. Não, ele não achava que a corte

iria solicitar audiência. Não nesse fim do jogo. Informou também que havia recebido por fax a cópia do novo recurso alegando insanidade mental e que ia encaminhá-lo para as cortes locais. Muito interessante, disse ele. Perguntou outra vez quais os novos recursos que Adam pretendia apresentar, mas Adam não disse.

O secretário do juiz Slattery, Breck Jefferson, o da carranca perpétua, telefonou para informar que Sua Excelência havia recebido por fax uma cópia da nova petição apresentada junto a Suprema Corte do Mississippi e, francamente, Sua Excelência não a achou grande coisa, mas mesmo assim deu a ela toda a consideração logo que chegou à sua corte.

Para Adam foi um fraco consolo saber que tinha conseguido manter quatro cortes diferentes saltando ao mesmo tempo.

Às onze horas, Morris Henry, o infame dr. Morte, do escritório do procurador-geral, telefonou para informar que tinham recebido a última remessa de apelações finais, como ele tinha prazer em chamá-las e que o próprio dr. Roxburgh havia designado uma dúzia de advogados para elaborar a resposta por escrito. Henry foi bastante agradável no telefone, mas sem dúvida enfatizou seu ponto — temos muitos advogados, Adam.

Agora, a papelada crescia aos quilos e a pequena mesa de conferências estava coberta com pilhas ordenadas de documentos. Darlene entrava e saía constantemente — fazendo cópias, transmitindo mensagens telefônicas, levando café, revisando recursos e petições. Ela tinha prática no campo tedioso dos títulos do governo, portanto os documentos volumosos e detalhados não a intimidavam. Mais de uma vez confessou que era uma mudança estimulante do seu trabalho normalmente monótono.

— O que pode ser mais estimulante do que uma execução iminente? — perguntou Adam.

Até Baker Cooley conseguiu se afastar dos últimos dados sobre regulamentação federal bancária, para dar uma espiada no trabalho de Adam.

Mais ou menos às onze horas, Phelps telefonou perguntando se Adam queria almoçar com ele. Adam disse que não, alegando sua agenda apertada e juízes rabugentos. Nenhum dos dois tinha notícia de Lee. Phelps disse que ela já havia desaparecido antes, mas nunca por mais de dois dias. Ele estava preocupado e pensando em contratar um investigador particular. Disse que manteria contato.

— Está aí uma repórter para falar com o senhor — disse Darlene, entregando a Adam um cartão de Anne L. Piazza, correspondente da Newsweek. Era o terceiro representante da imprensa que procurava o escritório naquela quarta-feira.

— Diga que eu peço desculpas mas não posso atender — disse

Adam, sem nenhum remorso.

— Eu já disse, mas achei que, como era da Newsweek, o senhor ia querer saber.

— Não me importa quem seja. Diga que meu cliente também não tem nada a dizer.

Darlene saiu apressada da sala para atender o telefone. Era Goodman, de Jackson, dizendo que ia falar com o governador à uma hora da tarde. Adam o pôs a par da atividade intensa e dos telefonemas.

Ao meio-dia e meia Darlene levou um sanduíche para Adam. Ele comeu rapidamente, depois cochilou na cadeira, enquanto a impressora do seu computador imprimia outra petição.

Goodman folheava uma revista de automóveis, sentado sozinho na área de recepção, ao lado do gabinete do governador. A mesma secretária bonitinha cuidava das unhas entre os telefonemas. Uma hora chegou e se foi sem nenhum comentário. O mesmo aconteceu com uma e meia. A recepcionista, agora com gloriosas unhas cor de pêssego, pediu desculpas às duas horas. Tudo bem, disse Goodman, com um sorriso caloroso. A beleza da carreira de pro bono era o fato de não ser medida pelo tempo. Sucesso significava ajudar as pessoas, não importando as horas de trabalho.

Às duas e quinze, uma jovem agitada, com tailleur escuro, apareceu do nada e caminhou para Goodman.

— Dr. Goodman, sou Mona Stark, chefe de assessoria do governador. O governador vai recebê-lo agora.

Ela sorriu corretamente e Goodman a seguiu por um conjunto de portas duplas até uma sala comprida e formal, com a mesa de trabalho numa extremidade e a de conferências na outra.

McAllister estava de pé ao lado da janela, sem paletó, a gravata afrouxada, mangas arregaçadas, o perfeito servidor do povo, assoberbado de trabalho e de preocupações.

— Como vai, dr. Goodman — disse, estendendo a mão, os dentes perfeitos cintilando.

— Governador, é um prazer — disse Goodman.

Ele não tinha pasta, nenhum dos acessórios de um advogado. Era como se tivesse passado pelo prédio e decidido entrar para conhecer o governador.

— Já conhece o dr. Larramore e a sra. Stark — disse McAllister, indicando um, depois a outra, com um gesto discreto.

— Sim. Já nos conhecemos. Obrigado por me receber tão em cima da hora. — Goodman tentou igualar o sorriso cintilante de McAllister, mas sem resultado. Naquele momento, ele procurava parecer humildemente agradecido por estar naquele enorme gabinete.

— Vamos sentar ali — disse o governador, indicando com um

gesto a mesa de conferências e caminhando para ela.

Os quatro sentaram, cada um de um lado da mesa. Larramore e Mona, com lápis na mão, preparam-se para tomar notas. Goodman tinha só as próprias mãos na sua frente, sobre a mesa.

— Fui informado de que vocês deram entrada em vários recursos nos últimos dias — disse McAllister.

— Sim, senhor. Só por curiosidade, o senhor já passou por situação igual, antes? — perguntou Goodman.

— Não. Graças a Deus.

— Bem, não é incomum. Tenho certeza de que daremos entrada em petições até o último momento.

— Posso fazer uma pergunta, dr. Goodman? — disse o governador com sinceridade.

— Certamente.

— Sei que já defendeu muitos casos iguais. Qual a sua previsão no momento? Até que ponto vão chegar?

— Nunca se sabe. Sam é um pouco diferente da maioria dos ocupantes do corredor da morte, porque teve bons advogados — boa defesa no julgamento, depois um magnífico trabalho na fase de apelações.

— Feito por vocês, eu suponho.

Goodman sorriu, depois McAllister sorriu, então Mona sorriu. Larramore continuou inclinado sobre o bloco de anotações, com o rosto contorcido em furiosa concentração.

— Exatamente. Portanto, os principais recursos de Sam já foram julgados. O que estão vendo agora são as jogadas desesperadas, mas geralmente funcionam. Hoje, faltando sete dias, eu diria cinquenta por cento.

Mona anotou rapidamente essa previsão, como se tivesse um enorme significado legal. Larramore até aquele momento tinha anotado cada palavra pronunciada.

McAllister pensou por alguns segundos.

— Dr. Goodman, estou um pouco confuso. Seu cliente não sabe deste nosso encontro. Ele se opõe à ideia de uma audiência para indulto. O senhor quer que esta reunião fique em segredo. Então, por que estamos aqui?

— As coisas mudam, governador. Além disso, já estive aqui muitas vezes antes. Já vi homens fazendo a contagem regressiva dos seus últimos dias. Isso tem um efeito estranho em nossa mente. Como advogado, tenho de cobrir todas as bases, cada ângulo.

— Está pedindo uma audiência?

— Sim, senhor. Uma audiência fechada.

— Quando?

— Que tal na sexta-feira?

— Daqui a dois dias — disse McAllister, olhando pela janela.

Larramore pigarreou e perguntou:

— Que tipo de testemunhas o senhor aconselharia?

— Boa pergunta. Se eu tivesse os nomes, eu os daria agora, mas não tenho. Nossa apresentação será breve.

— Quem vai depor pelo estado? — McAllister perguntou para Larramore, e os dentes do consultor jurídico brilharam. Goodman olhou para o outro lado.

— Tenho certeza de que a família das vítimas vai querer se pronunciar. Geralmente o crime é discutido. Talvez precisemos do testemunho de alguém da penitenciária sobre o tipo de prisioneiro que ele é. Essas audiências são muito flexíveis.

— Eu sei mais sobre o crime do que qualquer outra pessoa — disse McAllister, quase como se falasse sozinho.

— É uma situação estranha — confessou Goodman. — Já assisti a muitas audiências de indulto e geralmente o promotor é a primeira pessoa a testemunhar contra o acusado. Neste caso, o senhor foi o promotor.

— Por que vocês querem uma audiência fechada?

— O governador sempre defendeu reuniões abertas — acrescentou Mona.

— Na verdade, será melhor para todos — disse Goodman, como um professor erudito. — A pressão será menor para o senhor, governador, porque não será exposta e não terá um grande número de conselhos não solicitados. Nós, é claro, preferimos que seja fechada.

— Por quê? — perguntou McAllister.

— Bem, francamente, senhor, não queremos que o povo veja Ruth Kramer falando sobre os filhos. — Goodman observou os três atentamente.

Na verdade o motivo era outro. Adam estava certo de que o único meio de fazer Sam aceitar a audiência era prometer que não seria um espetáculo público. Sendo fechada, Adam talvez pudesse convencer Sam de que McAllister estaria impedido de representar para a imprensa.

Goodman conhecia dezenas de pessoas no país dispostas a atender um chamado de última hora e ir a Jackson para testemunhar a favor de Sam. Tinha ouvido essas pessoas argumentar de improviso e persuasivamente contra a pena de morte. Religiosas, sacerdotes, psicólogos, assistentes sociais, escritores, professores e um ou dois antigos ocupantes do corredor da morte. O dr. Swinn testemunharia descrevendo o péssimo estado de Sam e tentaria habilmente convencer o governador de que o estado estava para matar um vegetal.

Na maioria dos estados, o condenado tem direito a uma audiência de indulto no último minuto, geralmente presidida pelo governador.

Mas no Mississippi, a audiência era discricionária.

— Acho que faz sentido — disse o governador.

— Já há muito interesse — disse Goodman, sabendo que McAllister estava embriagado com sonhos da agitação da imprensa. — Uma audiência aberta não beneficiará ninguém.

Mona, a defensora irrestrita das reuniões abertas, franziu mais a testa e escreveu alguma coisa em letra de fôrma. McAllister estava absorto nos próprios pensamentos.

— Independente do fato de ser aberta ou fechada — disse ele — não há nenhum motivo real para essa audiência, se você e seus clientes não tiverem nada de novo para acrescentar. Eu conheço o caso, dr. Goodman. Senti o cheiro da fumaça. Vi os corpos. Não posso mudar de opinião, se não houver alguma coisa nova.

— Como o quê, por exemplo?

— Como um nome. Vocês me dão o nome do cúmplice de Sam e concordo com a audiência. Sem promessa de indulto, compreende, apenas uma audiência comum. Do contrário, será perda de tempo.

— O senhor acredita que houve um cúmplice? — perguntou Goodman.

— Sempre suspeitamos. O que acha?

— Por que é importante?

— É importante porque a decisão final é minha, dr. Goodman.

Quando as cortes terminarem seu trabalho e o relógio continuar a correr, na noite de sexta-feira, eu sou a única pessoa no mundo que pode impedir a execução. Se Sam merece a pena de morte, então não terei nenhum problema em esperar que seja cumprida. Mas se ele não merece, a execução deverá ser suspensa. Sou um homem jovem. Não quero ser atormentado por isso pelo resto da minha vida. Quero tomar a decisão certa.

— Mas se acredita que houve um cúmplice, e evidentemente acredita, então por que não suspender a execução agora?

— Porque quero ter certeza. O senhor foi o advogado dele durante muitos anos. Acha que Sam teve um cúmplice?

— Sim. Sempre achei que eram dois. Não sei quem era o líder e quem era o ajudante, mas Sam teve ajuda de alguém.

McAllister inclinou-se para Goodman e olhou nos olhos dele.

— Dr. Goodman, se Sam me disser a verdade, eu garanto uma audiência fechada e considerarei o pedido de indulto. Não estou prometendo coisa alguma, deve compreender, somente que concederei a audiência. Do contrário, não temos nada de novo para acrescentar à história.

Mona e Larramore escreviam mais depressa do que os taquígrafos dos tribunais.

— Sam garante que está dizendo a verdade.

— Então, esqueça a audiência. Sou um homem muito ocupado.

Goodman suspirou frustrado, mas continuou sorrindo.

— Muito bem, vou falar com ele outra vez. Podemos nos encontrar aqui novamente, amanhã?

O governador olhou para Mona, que consultou um calendário de bolso e começou a balançar a cabeça, como se todas as horas do dia seguinte estivessem tomadas por discursos, reuniões e atos públicos.

— Está com o dia todo ocupado — disse ela, com voz autoritária.

— E na hora do almoço?

Nada feito. Não dava.

— Vai falar na convenção da Administração de Reconstrução Nacional

— Por que não telefona para mim? — sugeriu Larramore.

— Boa ideia — disse o governador, levantando-se e abotoando as mangas da camisa.

Goodman levantou-se e apertou as mãos dos três.

— Telefone se houver alguma novidade. Independente disso, estamos pedindo uma audiência o mais breve possível.

— O pedido será negado, a não ser que Sam fale — disse o governador.

— Por favor, registre o pedido por escrito, senhor, se não se importa — disse Larramore.

— Certamente.

Acompanharam Goodman até a porta e depois que ele saiu, McAllister sentou na cadeira oficial atrás da mesa. Desabotoou as mangas outra vez. Larramore pediu licença e foi para sua salinha, no fim do corredor.

A sra. Stark estudou um impresso do computador, enquanto o governador olhava as luzes do seu telefone que piscavam sem parar.

— Quantos desses telefonemas são sobre Sam Cayhall? — perguntou ele.

Ela passou o dedo numa das colunas.

— Ontem, foram vinte e um telefonemas a respeito da execução de Sam Cayhall. Quatorze a favor da sua morte na câmara de gás. Cinco dizendo que não deve morrer. Dois não sabiam.

— É um bom aumento.

— Sim, mas o jornal publicou aquele artigo sobre a última luta de Sam. Mencionou a possibilidade de uma audiência de indulto.

— E as pesquisas?

— A mesma coisa. Noventa por cento dos brancos neste estado são a favor da pena de morte e cerca de metade dos negros. A média é de cerca de oitenta e quatro por cento.

— Como está a aprovação ao meu governo?

— Sessenta e dois por cento. Mas se conceder indulto a Sam

Cayhall, tenho certeza de que cairá para um dígito.

— Então você é contra a ideia.

— Não temos absolutamente nada a ganhar e muito a perder.

Esqueça as pesquisas e os números, se conceder o indulto a um daqueles assassinos, terá os outros cinquenta advogados e avós e pastores na sua porta, pedindo o mesmo favor. Você já tem muitas preocupações. É bobagem.

— Sim, tem razão. Onde está o plano da imprensa?

— Estará pronto em uma hora.

— Preciso ver.

— Nagel está terminando. Acho que você deve conceder a audiência de qualquer modo. Mas marque para a segunda-feira. Anuncie amanhã. Terá todo o fim de semana para aumentar a expectativa.

— Não deve ser fechada.

— É claro que não! Queremos Ruth Kramer chorando na frente das câmeras.

— É a minha audiência. Sam e seus advogados não vão ditar as condições. Se quiserem a audiência, será ao meu modo.

— Certo. Mas não esqueça de que você também quer. Uma tonelada de publicidade.

Goodman assinou um contrato de aluguel de quatro telefones celulares por três meses. Usou o cartão de crédito da Kravitz & Bane e conseguiu se desviar da barragem de perguntas do jovem vendedor. Foi a uma biblioteca pública na rua State para consultar uma tabela de referência de listas telefônicas. Guiando-se pela espessura das listas, escolheu as das maiores cidades do Mississippi, como Laurel, Hattiesburg, Tupelo, Vicksburg, Biloxi e Meridian. Depois passou para as menos volumosas — Tunica, Calhoun City, Bude, Long Beach, West Point. Na seção de informações, trocou suas notas de dinheiro por moedas de um quarto de dólar e passou duas horas copiando páginas das listas telefônicas.

Goodman trabalhou animadamente. Ninguém acreditaria que aquele homenzinho com farto cabelo grisalho e gravata-borboleta era de fato sócio de uma firma importante de Chicago, com estagiários e secretárias à sua disposição. Ninguém acreditaria que ele ganhava mais de quatrocentos mil dólares por ano. E ele pouco se importava que acreditassem ou não. E. Garner Goodman estava feliz com seu trabalho. Estava tentando do melhor modo possível evitar que outro ser humano fosse legalmente assassinado.

Saiu da biblioteca, entrou no carro e seguiu até a Faculdade de Direito da Universidade do Mississippi, algumas quadras adiante. Um professor de criminologia da faculdade, John Bryan Glass, estava começando a publicar artigos contra a pena de morte. Goodman

queria conhecê-lo e verificar se alguns dos alunos de Glass estariam interessados num projeto de pesquisa.

O professor já havia saído e não ia voltar naquele dia, mas tinha uma aula às nove horas de terça-feira. Goodman passou pela biblioteca de direito da faculdade e depois deixou o prédio. Só para passar tempo, fez uma visita ao antigo prédio da câmara, que durou trinta minutos, metade dos quais passados na Exposição de Direitos Civis no andar térreo. Perguntou à balconista da loja de souvenirs onde poderia encontrar um bom quarto com café da manhã e ela sugeriu o Millsaps-Buie House, mais ou menos a um quilômetro, na mesma rua. Goodman encontrou a bela mansão vitoriana exatamente onde a moça havia indicado e conseguiu o último quarto vago. Era uma casa reformada com perfeição, com móveis e adornos do período. O mordomo preparou para ele um *scotch* com água e Goodman subiu para o quarto.

TRINTA E NOVE

A CASA AMARELA abria às oito horas da manhã. O guarda de segurança velho e desanimado, com um uniforme desalinhado, abriu o portão e Adam foi a primeira pessoa a entrar no estacionamento. Esperou no carro por dez minutos até chegar outro e estacionar perto do seu. Reconheceu a conselheira que Lee havia apresentado duas semanas antes. Quando ela chegou à porta lateral, Adam aproximou-se.

— Desculpe-me — disse ele. — Nós já fomos apresentados. Sou Adam Hall. Sobrinho de Lee. Perdoe-me, mas não me lembro do seu nome.

A senhora tinha uma pasta muito usada numa das mãos e um saco de papel com seu almoço, na outra. Ela sorriu e disse:

— Joyce Cobb. Sim, eu me lembro. Onde está Lee?

— Eu não sei. Esperava que a senhora soubesse. Não tem notícias dela?

— Não. Desde terça-feira.

— Terça-feira? Não sei dela desde sábado. Falou com ela na terça?

— Ela telefonou para cá, mas não falou comigo. No dia em que foi publicada nos jornais a matéria sobre sua prisão por dirigir embriagada.

— Onde ela estava?

— Não disse. Pediu para falar com o administrador, disse que ia se ausentar por um tempo, que precisava de ajuda, coisas assim. Não disse onde estava nem quando ia voltar.

— E as pacientes dela?

— Estamos atendendo. É sempre uma luta. Mas damos um jeito.

— Lee não ia esquecer essas meninas. Acha que ela pode ter se comunicado com elas neste fim de semana?

— Escute, Adam, a maioria dessas moças não tem telefone. E Lee certamente não iria aos conjuntos habitacionais. Nós estamos cuidando das meninas e eu sei que não falaram com ela.

Adam recuou um passo e olhou para o portão.

— Eu sei. Preciso encontrá-la. Estou muito preocupado.

— Ela deve estar bem. Já fez isso antes e tudo deu certo. — De repente, Joyce parecia com pressa de entrar no prédio. — Se souber de alguma coisa falo com você.

— Por favor, faça isso. Estou hospedado na casa dela.

— Eu sei.

Adam agradeceu e foi embora. Às nove horas estava no escritório, mergulhado no trabalho.

O coronel Nugent estava sentado à cabeceira da mesa, na frente da

sala cheia de guardas e de funcionários da penitenciária. A mesa ficava sobre uma plataforma a 30 centímetros do chão e, na parede, atrás dela, havia um grande quadro-negro. Num canto ficava o estrado portátil. As cadeiras à direita dele estavam vazias, de modo que as pessoas sentadas nas cadeiras dobráveis podiam ver claramente os rostos dos mais importantes, sentados à esquerda. Morris Henry, do gabinete do procurador-geral, estava presente, com pastas volumosas na sua frente, sobre a mesa. Lucas Mann, na outra extremidade, tomava notas. Dois superintendentes assistentes estavam ao lado de Henry. Um subordinado do gabinete do governador estava perto de Lucas.

Nugent consultou o relógio e começou a falar. Verificando suas anotações, dirigiu os comentários aos guardas e ao pessoal da penitenciária.

— A partir desta manhã, 2 de agosto, todos os adiamentos foram cancelados em todas as cortes e nada mais pode evitar a execução. Estamos procedendo como se fosse realmente acontecer, de acordo com o plano, um minuto depois da meia-noite, quarta-feira próxima. Temos seis dias para nos preparar e estou resolvido a fazer com que tudo corra a contento, sem nenhuma falha.

“O prisioneiro tem pelo menos três petições tramitando por diversas cortes e, é claro, não podemos prever nada. Estamos em contato constante com o gabinete do procurador-geral. Na verdade, o dr. Morris Henry está conosco hoje. Na sua opinião, uma opinião partilhada pelo dr. Lucas Mann, o prisioneiro não vai conseguir mais nada. Pode ser concedido um adiamento no último minuto, mas é pouco provável. De um modo ou de outro, precisamos estar preparados. O prisioneiro deverá também pedir uma audiência de indulto ao governador, mas, francamente, não esperamos que consiga. A partir deste momento, até quarta-feira, estaremos em estado de prontidão. ”

As palavras de Nugent eram fortes e claras. Ele estava no centro do palco, evidentemente adorando cada momento. Olhou para as anotações e continuou.

— A câmara de gás está sendo preparada. É antiga e há dois anos não é usada, portanto estamos sendo muito cautelosos. Um representante do fabricante deve chegar esta manhã para conduzir testes durante o dia e à noite. Vamos fazer um ensaio completo da execução neste fim de semana, provavelmente domingo a noite, como se tivéssemos certeza de que não vai haver adiamento. Já fiz uma lista de voluntários para a equipe da execução e distribuirei as tarefas esta tarde.

“Agora, estamos sendo pressionados com os pedidos mais diversos, por parte da imprensa. Querem entrevistar o sr. Cayhall, seu

advogado, nosso advogado, o diretor, os guardas, outros prisioneiros do corredor, o encarregado da execução, todo mundo. Querem assistir à execução. Querem fotos da cela dele e da câmara. As bobagens típicas da imprensa. Mas temos de enfrentá-las. Não haverá contato com nenhum membro da imprensa sem a minha aprovação. Isso se aplica a todos os empregados desta instituição. Sem exceções. A maioria desses repórteres não é da cidade e têm prazer em nos mostrar como um bando de caipiras ignorantes. Portanto, não falem com eles. Sem exceção. Eu darei a permissão quando achar necessário. Tenham cuidado com essa gente. São abutres.

“Também esperamos problemas de fora. Mais ou menos dez minutos atrás, o primeiro grupo de homens da Ku Klux Klan chegou ao portão principal. Foram conduzidos ao lugar de sempre, entre a estrada e o prédio da administração, onde são feitos os protestos. Ouvimos dizer também que outros grupos chegarão em breve, e ao que parece, pretendem estender seu protesto até tudo terminar. Devemos ficar atentos a eles. Tem direito ao protesto, desde que seja pacífico. Embora eu não estivesse aqui por ocasião das quatro últimas execuções, fui informado de que os grupos que apoiam a pena de morte geralmente aparecem para criar desordem. Pretendemos manter esses dois grupos separados, por razões óbvias.”

Nugent não podia mais ficar sentado e levantou-se, empertigado, na cabeceira da mesa. Todos olhavam para ele. Consultou suas anotações por alguns segundos.

— Esta execução será diferente devido à fama do sr. Cayhall. Vai atrair muita atenção, muitos repórteres e fanáticos. Devemos agir profissionalmente em qualquer circunstância, e não tolerar qualquer quebra das regras de conduta. O sr. Cayhall e sua família têm direito a respeito nestes últimos dias. Não deve haver nenhum comentário de mau gosto sobre a câmara de gás ou sobre a execução. Não vou tolerar. Alguma pergunta?

Nugent olhou para a sala, satisfeito com o próprio desempenho. Sua cobertura atingia todos os aspectos possíveis. Nenhuma pergunta.

— Muito bem. Vamos nos reunir novamente amanhã, às nove horas. — Dispensou a todos e a sala esvaziou imediatamente.

Garner Goodman alcançou o professor John Bryan Glass quando ele saía de sua sala para a sala de aula. A aula foi esquecida enquanto, parados no corredor, os dois homens trocavam elogios. O professor Glass tinha lido todos os livros de Goodman e Goodman tinha lido a maior parte dos artigos recentes de Glass, condenando a pena de morte. A conversa logo passou para o caso Cayhall e especialmente para a necessidade urgente de Goodman de reunir alguns alunos de direito, confiáveis, que pudessem ajudá-lo num trabalho de pesquisa, no fim de semana. Glass ofereceu sua ajuda e concordaram em

almoçar juntos para resolver o caso.

A três quadras da Faculdade de Direito da Universidade do Mississippi, Goodman encontrou os escritórios pequenos do Grupo de Defesa Capital do Sul, uma agência autárquica, com escritórios em todos os estados do Cinturão da Morte. O diretor era um jovem negro, advogado formado em Yale, chamado Hez Kerry, que havia desprezado as vantagens das grandes firmas, para dedicar a vida à abolição da pena de morte. Goodman estivera com eles duas vezes antes, em conferências. Embora o Grupo de Kerry, como era chamado, não representasse diretamente cada ocupante do corredor da morte, era responsável pelo acompanhamento de cada caso. Hez tinha trinta e um anos e estava envelhecendo rapidamente. O cabelo grisalho era prova da pressão exercida pelos quarenta e sete homens do corredor da morte.

Na parede, acima da mesa da secretária, na entrada, havia um pequeno calendário e na parte de cima alguém tinha escrito em letras de fôrma ANIVERSÁRIOS NO CORREDOR DA MORTE. Todos recebiam um cartão, nada mais. O dinheiro era pouco e os cartões geralmente eram comprados como resultado de uma coleta no escritório.

O grupo tinha dois advogados que trabalhavam sob a supervisão de Kerry e só uma secretária em tempo integral. Alguns alunos da faculdade de direito trabalhavam várias horas por semana, de graça.

Goodman conversou com Hez por mais de uma hora. Planejaram seus passos na terça-feira seguinte — o próprio Kerry estaria no gabinete do secretário da Suprema Corte do Mississippi. Goodman ficaria no gabinete do governador. John Bryan Glass seria recrutado para ficar no gabinete da subsidiária da

Quinta Circunscrição, no prédio do tribunal federal, em Jackson. Um dos antigos sócios de Goodman na Kravitz & Bane, que agora trabalhava em Washington, concordou em esperar no gabinete do secretário da pena de morte. Adam foi designado para ficar no Corredor com o cliente e coordenar os telefonemas de último minuto.

Às onze horas, Goodman voltou ao gabinete do governador, no prédio da câmara municipal, e entregou ao advogado Larramore o pedido por escrito de uma audiência de indulto. O governador não estava no gabinete, muito ocupado naqueles dias, e ele, Larramore, ia estar com ele logo depois do almoço. Goodman deixou seu telefone do Millsaps-Buie House e disse que telefonaria durante a tarde.

Goodman seguiu então de carro para seu novo escritório, equipado agora com os melhores móveis que encontrou, alugados por dois meses, pagos em dinheiro, é claro. As cadeiras dobráveis eram sobras do salão de caridade de uma igreja, como indicavam as marcas debaixo dos assentos. As mesas trôpegas já tinham tido sua quota de

jantares improvisados e festas de casamento.

Goodman admirou seu pequeno nicho montado às pressas. Sentou e, num dos novos telefones celulares, ligou para sua secretária em Chicago, para o escritório de Adam, em Memphis, para sua mulher, em casa, e para a linha direta do governador.

ÀS QUATRO DA TARDE de quinta-feira, a Suprema Corte do Mississippi ainda não havia indeferido a petição baseada na alegada insanidade mental de Sam. Quase trinta horas tinham se passado desde que Adam dera entrada no documento. Resolveu ser insistente e telefonou para o secretário da corte. Estava cansado de explicar o óbvio — precisava de uma resposta, por favor. Não havia o menor sinal de que a corte estivesse realmente considerando o mérito da petição. Na opinião de Adam, estavam fazendo hora, atrasando sua apresentação do documento na corte federal. Sua intuição dizia que, àquela altura, era impossível que a Suprema Corte concedesse uma revisão.

A corte federal também não parecia com pressa. A Suprema Corte dos Estados Unidos ainda não havia apresentado sua decisão a respeito da petição que considerava a câmara de gás inconstitucional. A Quinta Circunscrição estava estudando sua alegação de incompetência da defesa no julgamento.

Na quarta-feira nada se movia. As cortes estavam descansadas, como se se tratasse de processos comuns para serem apresentados, recebidos, terem uma data marcada para a decisão e, depois, continuarem por anos e anos. Ele precisava de ação, de preferência a concessão de um adiamento em qualquer nível, ou uma audiência para considerar o mérito da questão, ou até mesmo uma negação, para que ele pudesse passar para a próxima corte.

Andando de um lado para o outro no escritório, esperava ouvir o telefone. Estava farto de andar e de esperar. O escritório estava cheio de papéis soltos, a mesa coberta por pilhas de documentos. Mensagens telefônicas em papel cor-de-rosa e amarelo estavam pregadas na beirada da estante.

De repente, Adam odiou aquele lugar. Precisava de ar. Disse a Darlene que iria andar um pouco e saiu do prédio. Eram quase cinco horas, o dia ainda claro e muito quente. Caminhou até o Hotel Peabody, na Union, e tomou um drinque num canto do bar, perto do piano. Era seu primeiro drinque desde sexta-feira, em Nova Orleans, e embora o tomasse com prazer, pensou, preocupado, em Lee. Procurou por ela nos grupos de membros de convenções que se amontoavam no balcão de registro. Examinou as mesas no bar cheio de pessoas bem vestidas, esperando sem nenhum motivo que ela estivesse por ali. Onde se esconde uma mulher de cinquenta anos que foge para salvar a vida?

Um homem com rabo de cavalo e botas de caminhada parou, olhou demoradamente para ele e se aproximou.

— Desculpe-me, senhor. Por acaso é Adam Hall, o advogado de Sam Cayhall?

Adam fez que sim com a cabeça.

O homem sorriu, evidentemente satisfeito por tê-lo reconhecido e disse:

— Eu sou Kirk Kleckner, do New York Times. — Pôs um cartão na frente de Adam. — Estou aqui para fazer a cobertura da execução. Na verdade, acabo de chegar. Posso me sentar?

Adam indicou a cadeira no outro lado da pequena mesa redonda. Kleckner sentou.

— Que sorte encontrá-lo aqui — disse ele, todo sorrisos. Tinha uns quarenta anos e a aparência de um jornalista viajado — barba espessa, colete de algodão sobre camisa de brim e calça jeans. — Eu o reconheci de umas fotos que vi antes de vir.

— É um prazer conhecê-lo — disse Adam, secamente.

— Podemos conversar?

— Sobre o quê?

— Oh, uma porção de coisas. Sei que seu cliente se recusa a dar entrevistas.

— Exatamente.

— E você?

— A mesma coisa. Podemos conversar, mas nada oficial.

— Isso dificulta as coisas.

— Francamente, pouco me importa. Não estou preocupado com as dificuldades do seu trabalho.

— É justo. — Uma garçonete jovem e graciosa, com saia muito curta, parou perto da mesa o tempo suficiente para anotar seu pedido, café puro. — Quando falou com seu avô pela última vez?

— Na terça-feira.

— Quando vai estar com ele outra vez?

— Amanhã.

— Como está ele?

— Sobrevivendo. A pressão está cada vez maior, mas ele está suportando bem, até agora.

— E você?

— Divertindo-me a valer.

— Falo sério. Tem dificuldade para dormir, sabe, coisas assim?

— Estou cansado. Sim, estou perdendo noites de sono. Estou trabalhando demais, correndo a todo momento para a prisão. You levar a coisa até o fim, portanto os próximos dias vão ser duros.

— Eu fiz a cobertura da execução de Bundy, na Flórida. Um verdadeiro circo. Os advogados dele passaram dias e noites sem

dormir.

— É difícil descansar.

— Você faria isso outra vez? Sei que não é a sua especialidade, mas aceitaria outro caso de pena de morte?

— Só se tivesse outro parente no corredor da morte. Por que faz a cobertura dessas coisas?

— Há anos venho escrevendo sobre a pena de morte. É fascinante. Eu gostaria de entrevistar o sr. Cayhall.

Adam balançou a cabeça e acabou de tomar seu drinque.

— Não. De jeito nenhum. Ele não quer falar com ninguém.

— Pediria a ele para falar comigo?

— Não.

O café chegou. Kleckner mexeu com uma colher. Adam observou o movimento no saguão do hotel.

— Ontem entrevistei Benjamin Keyes, em Washington — disse Kleckner. — Ele disse que não ficou surpreso com a afirmação de que sua defesa foi incompetente no julgamento. Disse que já esperava por isso.

Naquele momento, Adam pouco se importava com Benjamin Keyes ou com as opiniões dele.

— É um procedimento padrão. Preciso ir. Foi um prazer conhecê-lo.

— Mas eu queria falar sobre...

— Escute, teve sorte de me encontrar — disse Adam, levantando-se com um movimento brusco.

— Só mais uma ou duas coisas — disse Kleckner, mas Adam já estava longe.

Adam saiu do Peabody e andou a pé até a Front, perto do rio, passando por dezenas de jovens bem vestidos, mais ou menos da sua idade, todos com pressa de chegar em casa. Ele os invejava. Fossem quais fossem suas profissões, as pressões a que estavam submetidos naquele momento não carregavam um peso tão doloroso quanto o seu.

Comeu um sanduíche numa delicatessen e às sete horas estava de volta ao escritório.

O COELHO FOI APANHADO numa armadilha nos bosques da Parchman por dois guardas, que deram a ele o nome de Sam, em honra ao caso do momento. Era um coelho marrom de rabo felpudo, o maior dos quatro capturados. Os outros três já tinham sido comidos.

Tarde da noite, na quinta-feira, Sam o coelho e seus caçadores, acompanhados pelo coronel Nugent e pela equipe de execução, entraram na Unidade de Segurança Máxima com seus furgões e picapes da penitenciária. Passaram vagarosamente pela frente e em volta das unidades no lado oeste. Estacionaram na frente de um prédio quadrado de tijolos, ligado ao canto sudeste da USM.

Duas portas brancas de metal sem portinholas levavam ao interior do prédio. Uma, a do lado sul, abria-se para uma sala estreita, de dois metros e cinquenta por quatro e meio, onde ficavam as testemunhas da execução, de frente para as cortinas negras que, quando abertas, deixavam ver a parte de trás da câmara, a poucos centímetros de distância.

A outra porta abria-se para a Sala da Câmara, de quatro e meio por três e meio metros, com chão de cimento pintado. A câmara de gás, octogonal, ficava bem no meio, cintilando com a nova camada de esmalte prateado, cujo cheiro pairava ainda forte no ar. Na semana anterior, Nugent havia inspecionado a câmara e dera ordem para que fosse pintada. A sala da morte, como era também chamada, estava impecavelmente limpa e higienizada. As cortinas negras foram abertas.

Sam o coelho foi deixado numa picape enquanto um guarda pequeno, mais ou menos com a mesma altura e o mesmo peso que Sam Cayhall, foi levado por dois dos seus colegas maiores para a Sala da Câmara. Nugent, muito empertigado, fez a inspeção como outro general Patton — apontando, balançando a cabeça afirmativamente e franzindo as sobrancelhas. O pequeno guarda foi empurrado gentilmente para a câmara, seguido pelos dois guardas, que o fizeram girar e o sentaram na cadeira de madeira. Sem uma palavra ou um sorriso, nem uma risada, nenhuma piada, eles prenderam os pulsos do homem aos braços da cadeira, com as tiras de couro. Depois os joelhos, depois os tornozelos. Então um dos guardas segurou a cabeça dele, enquanto o outro afivelou a tira de couro em volta dela.

Os dois guardas saíram cuidadosamente da câmara e Nugent apontou para outro membro da equipe, que se adiantou como para dizer alguma coisa ao condenado.

— Neste momento, Lucas Mann vai ler a sentença de morte para o sr. Cayhall — explicou Nugent, como um diretor de cinema amador.

— Então eu pergunto se ele quer dizer suas últimas

palavras. — Apontou outra vez e um guarda fechou a pesada porta da câmara e a selou.

— Abra — rugiu Nugent, e a porta se abriu.

O pequeno guarda foi libertado.

— Vão apanhar o coelho — ordenou Nugent. Um dos guardas tirou Sam o coelho da picape. O animalzinho estava inocentemente sentado na gaiola que foi entregue aos dois guardas que acabavam de sair da câmara. Eles o puseram cuidadosamente na cadeira, e começaram a amarrar um homem imaginário. Pulsos, joelhos, tornozelos, cabeça e o coelho estava pronto para o gás. Os dois guardas saíram da câmara.

A porta foi fechada e selada e Nugent fez sinal para o encarregado da execução, que pôs a lata de ácido sulfúrico na calha, a caminho do

recipiente sob a cadeira.

Nugent foi até uma das janelas e olhou atentamente para dentro. Os outros membros da equipe fizeram o mesmo. Uma camada de graxa em volta das janelas evitava vazamento do gás para fora.

O gás venenoso foi liberado aos poucos e uma leve névoa de vapores invisíveis se ergueu por baixo da cadeira e subiu verticalmente. A princípio, o coelho não reagiu ao vapor que encheu a pequena cela, mas não demorou a ser atingido. Enrijeceu o corpo, deu alguns saltos, batendo nos lados da gaiola, depois entrou em convulsões violentas, saltando e se contorcendo freneticamente. Em menos de um minuto ficou imóvel.

Nugent sorriu, olhando para o relógio.

— Limpem tudo — ordenou e uma portinhola foi aberta no teto da câmara para dar saída ao gás.

A porta da Sala da Câmara que dava para fora foi aberta e quase toda a equipe de execução saiu para tomar ar e fumar. Só após quinze minutos poderiam abrir a porta da câmara e retirar o coelho. Então teriam de lavar tudo com uma mangueira. Nugent não saiu, fazendo questão de ver tudo. Assim, os que estavam no lado de fora fumaram e deram boas risadas.

A menos de dezoito metros, as janelas altas na passagem estavam abertas. Sam ouvia as vozes. Passava das dez horas e as luzes estavam apagadas, mas em todas as portas de grades do corredor quatorze pares de braços pendiam para fora, enquanto os homens ouviam em silêncio sombrio.

O ocupante do corredor da morte vive numa cela de um e oitenta e cinco por três e setenta e cinco, vinte e três horas por dia. Ele ouve tudo — o rangido estranho de um novo par de botas no corredor, o som de uma voz desconhecida, o zumbido distante de um cortador de grama ou de um capinador. E certamente ouve quando a porta da Sala da Câmara é aberta ou fechada. Ouve os risos importantes e satisfeitos da equipe de execução.

Sam, inclinado para a frente, com os braços para fora da cela olhava para as janelas altas da passagem. Eles estavam ensaiando para matá-lo.

QUARENTA

Entre o lado oeste da Rodovia 49 e o gramado, na frente do complexo da administração da Parchman, a uma distância de 50 metros, havia uma faixa de terra coberta de relva que se destacava do resto do solo porque antigamente por ali passavam os trilhos de trem. Era onde ficavam os manifestantes contrários a pena de morte, em cada execução, vigiados de perto pelos guardas da penitenciária. Eles invariavelmente chegavam em grupos, com cadeiras dobráveis e cartazes feitos em casa. Acendiam velas quando a noite chegava e cantavam hinos nas horas finais. Cantavam hinos, oravam e choravam quando a morte era anunciada.

Houve um pequena diferença nas horas que precederam a execução de Teddy Doyle Meeks, estuprador e assassino de crianças. O protesto sombrio, quase sagrado, foi perturbado por automóveis cheios de estudantes, que apareceram de repente e fizeram uma algazarra, exigindo sangue. Tomavam cerveja e tocavam música a todo volume. Gritaram palavras de ordem e provocaram e atormentaram o grupo de protesto. A situação piorou quando os dois grupos começaram a trocar insultos. Funcionários da penitenciária intervieram e restauraram a ordem.

O seguinte foi Maynard Tole e, durante o planejamento da sua execução, outra parte do território, no outro lado da entrada principal da penitenciária, foi designada para os partidários da pena de morte. A direção da Parchman dobrou o número de guardas de segurança para manter a ordem.

Quando Adam chegou na sexta-feira de manhã, contou sete membros da Klan com seus mantos brancos. Três ensaiavam um protesto organizado, andando ao lado da faixa de relva, perto da estrada, com cartazes nas costas. Os outros quatro estavam montando um grande toldo azul e branco, com estacas de metal e cordas espalhadas no chão. Dois recipientes com gelo estavam ao lado das várias cadeiras de jardim. Aqueles homens pretendiam ficar ali por muito tempo.

Adam olhou para eles quando passou de carro e parou na frente dos portões da Parchman. Perdeu a noção do tempo, observando o trabalho dos homens da Klan. Então aquela era a sua herança, suas raízes. Aquela era a irmandade do seu avô e dos parentes e ancestrais do seu avô. Seriam alguns deles os mesmos que estavam gravados em seu vídeo sobre Sam Cayhall? Será que já os tinha visto antes?

Instintivamente, Adam abriu a porta e saiu do carro. Seu paletó e a pasta estavam no banco de trás. Começou a andar lentamente na direção deles e parou ao lado dos recipientes de gelo. Os cartazes

exigiam liberdade para Sam Cayhall, um prisioneiro político. Matem com gás os verdadeiros criminosos, mas soltem Sam. Por algum motivo, Adam não se sentiu reconfortado com aquelas exigências.

— O que você quer? — perguntou um deles com o signo da Klan no peito do manto.

Os outros seis interromperam o que faziam e olharam para ele.

— Eu não sei — disse Adam, com sinceridade.

— Então, o que está olhando?

— Não sei ao certo.

Três deles aproximaram-se do primeiro e os quatro deram alguns passos em direção a Adam. Os mantos eram idênticos — brancos, de fazenda muito leve com cruzeiros vermelhos e outros símbolos. Eram quase nove horas da manhã e já estavam suando.

— Quem é você?

— O neto de Sam.

Os outros três se aproximaram e os sete examinaram Adam a menos de um metro de distância.

— Então está do nosso lado — disse um deles, aliviado.

— Não, não sou um de vocês.

— Tem razão. Ele está com aquele bando de judeus de Chicago — disse outro, à guisa de informação, e isso aparentemente os deixou agitados.

— Por que vocês estão aqui? — perguntou Adam.

— Estamos tentando salvar Sam. Ao que parece você não vai conseguir.

— É por causa de vocês que ele está aqui.

Um jovem com rosto vermelho e testa molhada de suor tomou a iniciativa e chegou mais perto ainda de Adam.

— Não. É por causa dele que nós estamos aqui. Eu nem era nascido quando Sam matou aqueles judeus, portanto não pode pôr a culpa em mim. Estamos aqui para protestar contra sua execução. Ele está sendo perseguido por razões políticas.

— Ele não estaria aqui se não fosse pela Klan. Onde estão os seus capuzes? Pensei que sempre escondiam o rosto.

Eles hesitaram, incertos sobre o que deviam fazer. Afinal, ele era o neto de Sam Cayhall, seu ídolo e líder. Ele era o advogado que estava tentando salvar seu símbolo mais precioso.

— Por que não vão embora? — perguntou Adam. — Sam não quer vocês aqui.

— Por que você não vai para o inferno? — zombou o mais jovem.

— Muito eloquente. Dêem o fora, está bem? Para vocês, Sam morto vale muito mais do que vivo. Deixem que ele morra em paz, e assim terão um mártir maravilhoso.

— Não vamos embora. Vamos ficar até o fim.

— E se Sam pedir para saírem daqui? Vocês irão?

— Não — rosnou ele outra vez, depois olhou para trás, para os outros que aparentemente concordaram. — Pretendemos fazer um bocado de barulho.

— Maravilha. Assim terão suas fotografias nos jornais. É disso que se trata, não é? Palhaços de circo com roupas ridículas sempre atraem atenção.

Portas de carro bateram atrás de Adam e quando ele se voltou viu uma equipe de televisão saindo apressadamente de um furgão parado ao lado do seu Saab.

— Ora, ora — ele disse para o grupo. — Sorriam, amigos. Este é o seu grande momento.

— Vá para o inferno — disse o mais jovem, furioso. Adam deu as costas para eles e se dirigiu para o carro. Uma repórter esbaforida com um cameraman atrás correu para ele.

— Você é Adam Hall? — perguntou ofegante. — O advogado de Cayhall?

— Sim — disse Adam, sem parar.

— Podemos conversar um pouco?

— Não. Mas aqueles garotos estão ansiosos para falar — disse, apontando por cima do ombro.

Ela andou ao lado dele enquanto o cameraman ajustava seu equipamento. Adam entrou no carro, bateu a porta e ligou o motor.

Louise, a guarda do portão, entregou a ele um cartão numerado para pôr no painel do carro e o fez entrar.

PACKER FEZ A revista obrigatória na porta da frente do Corredor.

— O que tem aí dentro? — perguntou apontando para a pequena caixa de isopor que Adam carregava.

— Tortas Esquimó, sargento. Quer uma?

— Deixe ver.

Adam entregou a caixa para Packer que abriu a tampa, contou meia dúzia de sorvetes, ainda congelados sob a camada de gelo.

Devolveu a caixa para Adam e apontou para a porta do escritório da frente, a pouca distância.

— A partir de hoje, vocês vão conversar ali — explicou.

Os dois entraram na saleta.

— Por quê? — perguntou Adam, olhando em volta. Viu a mesa de metal com o telefone, três cadeiras e dois arquivos trancados.

— Porque é assim que fazemos as coisas. Aliviamos um pouco as regras quando o grande dia está próximo. Sam pode receber suas visitas aqui. Sem limite de tempo.

— Quanta bondade. — Adam pôs a pasta na mesa e apanhou o telefone. Packer saiu para ir buscar Sam.

A gentil senhora no gabinete do secretário, em Jackson, informou

Adam que a Suprema Corte do Mississippi havia indeferido, há poucos minutos, a petição do seu cliente para suspensão da pena de morte sob a alegação de insanidade mental. Adam agradeceu, disse alguma coisa no sentido de que era exatamente o que ele esperava e que a corte podia ter feito isso um dia antes, depois pediu a ela para enviar por fax uma cópia da decisão da corte para seu escritório em Memphis e também para o escritório de Lucas Mann, na Parchman. Telefonou para Darlene, em Memphis, e pediu que ela mandasse por fax a nova petição para a corte federal do distrito, com cópias, também por fax, para a Quinta Circunscrição Judiciária e para o gabinete sempre muito ocupado do secretário da pena de morte, sr. Olander, na Suprema Corte, em Washington. Telefonou para o sr. Olander avisando que o fax estava a caminho e foi informado de que a Suprema Corte dos Estados Unidos acabava de indeferir o pedido de revisão baseado na alegação de que a câmara de gás era inconstitucional.

Sam entrou no escritório sem algemas, quando Adam estava falando no telefone. Trocaram um rápido aperto de mãos e Sam sentou-se. Em vez de acender um cigarro, abriu a caixa de isopor e tirou um sorvete. Saboreou-o devagar, ouvindo a conversa de Adam com Olander.

— A Suprema Corte dos Estados Unidos acaba de indeferir a petição sobre insanidade mental — Adam murmurou, com a mão no bocal.

Com um sorriso estranho, Sam examinou alguns envelopes que tinha trazido.

— A Suprema Corte do Mississippi também indeferiu nossa petição — Adam explicou para seu cliente, digitando mais números no telefone. — Mas já esperávamos por isso. Estamos dando entrada na corte federal neste momento. — Estava telefonando para a Quinta Circunscrição para verificar como estava a petição referente a alegação de incompetência da defesa. O secretário em Nova Orleans informou que não tinham tomado nenhuma decisão naquela manhã. Adam desligou e sentou na beirada da mesa.

— A Quinta Circunscrição ainda não resolveu nada em relação a alegação de incompetência da defesa — disse para seu cliente, que conhecia a lei e os procedimentos legais e acompanhava tudo como um advogado. — De um modo geral, não foi uma manhã muito boa.

— A televisão de Jackson esta manhã disse que eu pedi ao governador uma audiência de indulto — disse Sam, entre mordidas no sorvete. — Certamente não pode ser verdade. Eu não aprovei esse pedido.

— Relaxe, Sam. É apenas rotina.

— Rotina uma ova. Pensei que tivéssemos um acordo. Até o McAllister apareceu, dizendo o quanto estava preocupado com sua

decisão sobre a audiência. Eu avisei, Adam.

— McAllister é o menor dos nossos problemas, Sam. O pedido foi mera formalidade. Não precisamos nos precipitar.

Sam balançou a cabeça, frustrado. Adam o observou atentamente. Sam não estava zangado, nem estava se importando com o que Adam tinha feito. Estava resignado, quase derrotado. O fraco protesto vinha instintivamente. Há uma semana ele teria explodido.

— Ontem à noite eles ensaiaram, sabe? Ligaram a câmara de gás, mataram um rato ou coisa assim, tudo funcionou com perfeição e agora estão ansiosos para que chegue a hora da minha execução. Dá para acreditar? Eles fizeram um ensaio geral para mim. Os filhos da mãe.

— Eu sinto muito, Sam.

— Sabe com o que parece o cheiro do cianureto?

— Não.

— Canela. Estava no ar ontem à noite. Os idiotas não se deram ao trabalho de fechar as janelas na nossa ala e eu senti o cheiro.

Adam não sabia se era ou não verdade. Sabia que a câmara ficava aberta por vários minutos depois da execução, para a saída do gás. Certamente não podia passar para as alas. Talvez Sam tivesse ouvido histórias contadas pelos guardas. Talvez fizesse parte do folclore da prisão. Sentado na ponta da mesa, balançando as pernas, olhou para o velho com braços magros e cabelo oleoso. Era um crime tão grande matar uma criatura velha como Sam Cayhall, por crimes cometidos há uma geração. Sam sofreu e morreu muitas vezes na sua pequena cela. Como o estado poderia se beneficiar com sua morte, agora?

Adam tinha muito em que pensar, especialmente naquele que seria talvez seu último e desesperado esforço.

— Eu sinto muito, Sam — repetiu, cheio de compaixão. — Mas precisamos falar sobre algumas coisas.

— Esta manhã havia homens da Klan lá fora? A televisão os mostrou ontem.

— Sim. Contei sete há alguns minutos. Uniforme completo, menos as máscaras.

— Eu usava um desses uniformes, você sabe — disse ele, como um veterano de guerra gabando-se para garotinhos.

— Eu sei, Sam. E por causa disso está agora sentado aqui no corredor da morte com seu advogado contando as horas, antes de eles o amarrarem numa cadeira na câmara de gás. Devia odiar aqueles idiotas loucos lá fora.

— Eu não os odeio. Mas eles não têm direito de estar aqui. Eles me abandonaram. Dogan me mandou para cá e quando testemunhou contra mim, ele era o Mago Imperial do Mississippi. Eles não me deram um centavo para pagar os advogados. Eles me esqueceram.

— O que esperava de um bando de assassinos? Lealdade?

— Eu fui leal.

— E veja onde está, Sam. Você devia denunciar a Klan e dizer para irem embora, para ficarem longe da sua execução.

Sam olhou para os envelopes, depois os pôs cuidadosamente numa cadeira.

— Eu os mandei embora — disse Adam.

— Quando?

— Há poucos minutos. Troquei algumas palavras com eles. Eles não dão a mínima para você, Sam, só estão usando esta execução porque você vai ser um mártir maravilhoso, alguém de quem poderão falar durante muitos anos. Eles cantarão seu nome quando queimarem cruzes e farão peregrinações ao seu túmulo. Eles querem você morto, Sam. É o maior golpe de publicidade.

— Você os encarou? — perguntou Sam, com um misto de divertimento e orgulho.

— Isso mesmo. Não foi nada de mais. O que resolveu sobre a Carmen? Se quer vê-la, ela precisa providenciar a viagem.

Sam deu uma tragada no cigarro, pensativo.

— Eu gostaria de vê-la, mas você tem de falar sobre minha aparência. Não quero que fique chocada.

— Você está ótimo, Sam.

— Nossa, obrigado. E Lee?

— O que tem ela?

— Como vai ela? Nós lemos jornais aqui. Eu a vi no jornal de Memphis no último domingo, depois li o caso de estar dirigindo embriagada, na terça-feira. Ela não está na cadeia, está?

— Não, está numa clínica de reabilitação — Adam disse, como se soubesse exatamente onde Lee estava.

— Ela pode me visitar?

— Você quer que ela venha?

— Acho que sim. Talvez na segunda-feira. Vamos esperar para ver.

— Tudo bem — disse Adam, imaginando como iria encontrá-la. — Falo com ela no fim de semana.

Sam estendeu para ele um envelope aberto.

— Dê isso para aquela gente lá na administração. É uma lista de visitas de hoje até o fim. Vá em frente, abra.

Adam leu a lista. Havia quatro nomes. Adam, Lee, Carmen e Donnie Cayhall.

— Não é muito longa.

— Tenho uma porção de parentes, mas não quero nenhum deles aqui. Há nove anos e meio não me visitam, por isso não vou querer que apareçam agora para se despedir. Podem deixar para meu enterro.

— Tenho recebido uma porção de pedidos de entrevista de todo

tipo de jornalistas.

— Esqueça.

— É o que tenho dito a eles. Mas um dos pedidos talvez o interesse. Há um homem chamado Wendall Sherman, escritor de certa fama, que já publicou quatro ou cinco livros e ganhou alguns prêmios. Não li nada dele, mas investiguei. É verdade. Conversamos ontem, por telefone, e ele quer falar com você e gravar sua história. Parece ser honesto e disse que a gravação pode levar horas. Vai tomar um avião para Memphis hoje, para o caso de você concordar.

— Por que ele quer gravar minha história?

— Quer escrever um livro sobre você.

— Um romance?

— Eu acho que não. Ele está disposto a pagar cinquenta mil dólares adiantados, com uma porcentagem sobre os direitos autorais, mais tarde.

— Grande. Ganho cinquenta mil dólares alguns dias antes de morrer. O que vou fazer com o dinheiro?

— Só estou transmitindo a oferta.

— Diga que ele pode ir para o inferno. Não estou interessado.

— Tudo bem.

— Quero que prepare um acordo no qual eu deixo para você todos os direitos sobre a história da minha vida e depois da minha morte faça o que quiser com ele.

— Não seria má ideia gravar tudo.

— Quer dizer...

— Falar com aquela maquininha com fitas. Posso arranjar uma para você. Sente na sua cela e fale sobre sua vida.

— Que chatura. — Sam terminou o sorvete e jogou o palito no cesto de papéis.

— Depende de como você vê as coisas. Tudo parece muito excitante neste momento.

— Sim, tem razão. Uma vida bastante chata, mas com um fim sensacional.

— Para mim, soa como um best-seller.

— Vou pensar.

Sam levantou de repente, deixando as sandálias de borracha debaixo da cadeira. Andou pelo escritório com passos largos, medindo e fumando.

— Três e noventa e cinco por cinco e trinta — disse ele, olhando para a parede na outra extremidade da sala. Sua voz estava muito mais baixa. A respiração mais lenta.

— Estou ouvindo — disse Adam.

Sam foi até a cadeira e apanhou um envelope, entregou para Adam e voltou à posição encostado no arquivo. Deu o envelope virado para

baixo para que Adam não visse o que estava escrito.

— Quero que entregue isso — disse Sam.

— Para quem?

— Quince Lincoln.

Adam pôs o envelope ao seu lado, na mesa, e observou Sam atentamente. Mas Sam estava perdido em outro mundo. Os olhos cercados de rugas olhavam sem ver para a parede da sala.

— Trabalhei nisso uma semana — disse ele, com voz quase rouca —, mas pensei durante quarenta anos.

— O que diz a carta? — perguntou Adam, falando devagar.

— É um pedido de desculpas. Carreguei essa culpa por muitos anos, Adam. Joe Lincoln era um homem bom e decente. Perdi a cabeça e o matei sem nenhum motivo. E antes de atirar nele eu sabia que não ia me acontecer nada. Sempre me torturei com isso. Muito mesmo. Não posso fazer nada agora, a não ser dizer que estou arrependido.

— Tenho certeza de que vai significar muito para os Lincoln.

— Talvez. Na carta eu peço que me perdoem, que, eu acredito, é o modo cristão de fazer as coisas. Quando eu morrer, quero saber que tentei dizer que estou arrependido.

— Alguma ideia de onde posso encontrá-lo?

— Essa é a parte difícil. Através de pessoa da família, ouvi dizer que eles ainda estão em Ford County. Ruby, a viúva, provavelmente ainda está viva. Acho que você terá de ir a Clanton e procurar. Eles têm um xerife africano lá, agora, por isso eu começaria por ele. Provavelmente conhece todos os africanos no condado.

— E se eu encontrar Quince?

— Diga quem você é. Entregue a carta. Diga que eu morri com um grande sentimento de culpa. Pode fazer isso?

— Terei prazer. Mas não sei quando.

— Deixe para depois da minha morte. Vai ter muito tempo quando tudo acabar.

Sam voltou para a cadeira e apanhou dois envelopes. Entregou para Adam e começou a andar lentamente, de um lado ao outro da sala. Num deles estava escrito a máquina o nome de Ruth Kramer, sem endereço, e no outro, o de Elliot Kramer.

— Esses são para os Kramer. Entregue, mas espere para depois da execução.

— Por quê?

— Porque minhas razões são sinceras. Não quero que pensem que estou fazendo isso para despertar simpatia nas minhas últimas horas.

Adam pôs as cartas para os Kramer ao lado da de Quince Lincoln — três cartas, três pessoas mortas. Quantas mais Sam ia batucar na sua máquina naquele fim de semana? Qual era o total de vítimas?

— Tem certeza de que está para morrer, não tem, Sam?

Ele parou ao lado da porta e pensou por um momento.

— Tudo está contra nós. Estou me preparando.

— Ainda temos uma chance.

— Claro. Mas mesmo assim, estou me preparando. Eu feri uma porção de gente, Adam, e não parei muito para pensar nisso. Mas quando você tem um encontro marcado com a ceifadora, você pensa nos danos que causou.

Adam apanhou os três envelopes e olhou para eles.

— Tem mais?

Sam fez uma careta e olhou para o chão.

— Por enquanto, isso é tudo.

O JORNAL DE JACKSON, na sexta-feira de manhã, trazia uma reportagem de primeira página sobre o pedido de Sam Cayhall para uma audiência de indulto. A história incluía uma bela foto do governador McAllister, uma péssima foto de Sam e uma porção de comentários vaidosos de Mona Stark, a chefe da assessoria do governador, todos no sentido de que o governador estava lutando para tomar uma decisão.

Uma vez que ele era um verdadeiro homem do povo, um servidor de todo o povo do Mississippi, McAllister havia instalado um dispendioso sistema de linha telefônica direta, logo depois que foi eleito. O número da ligação grátis estava espalhado em cartazes por todo o estado e seus eleitores eram constantemente incentivados pelos anúncios dos serviços públicos a usar a Linha Direta com o Povo. Telefone para o governador. Ele quer saber sua opinião. Democracia plena. As telefonistas estavam a postos.

E porque tinha mais ambição do que força de caráter, as ligações eram computadas diariamente. McAllister era um seguidor, não um líder. Gastava muito dinheiro nas pesquisas de opinião e gostava de descobrir os assuntos que incomodavam o povo, para depois saltar na frente e conduzir a parada.

Tanto Goodman quanto Adam suspeitavam disso. McAllister parecia por demais obcecado com o próprio destino para lançar novas iniciativas. O homem era um desavergonhado caça votos, por isso tinham resolvido dar a ele alguma coisa para contar.

Goodman leu a reportagem bem cedo, enquanto tomava café e comia frutas, e às sete e meia estava no telefone falando com o professor John Bryan Glass e com Hez Kerry. Às oito, três alunos de Glass estavam tomando café em copos de papel no escritório provisório e encardido de Goodman. A análise de mercado ia começar.

Goodman explicou o plano e a necessidade de sigilo. Não estavam violando nenhuma lei, garantiu, apenas manipulando a opinião pública. Os telefones celulares estavam nas mesas, ao lado das páginas

com os números que Goodman havia copiado na quarta-feira. Os estudantes pareciam um pouco apreensivos, mas mesmo assim ansiosos para começar. Seriam bem pagos. Goodman demonstrou a técnica com o primeiro telefonema. Discou o número.

— Linha Direta com o Povo — atendeu uma voz agradável.

— Sim. Estou telefonando por causa da reportagem no jornal de hoje sobre Sam Cayhall — disse Goodman lentamente, com sua melhor imitação da fala arrastada do sul, que deixava muito a desejar. Os estudantes acharam graça.

— E qual é seu nome?

— Sim. Eu sou Ned Lancaster, de Biloxi, Mississippi — disse Goodman, lendo na página da lista telefônica. — E votei no governador, um ótimo homem — acrescentou, como reforço.

— E qual a sua opinião sobre Sam Cayhall?

— Acho que não deve ser executado. É um homem velho, que já sofreu bastante e quero que o governador o indulte. Deixe o homem morrer em paz, na Parchman.

— Tudo bem. Pode ter certeza de que o governador será informado do seu telefonema.

— Muito obrigado.

Goodman apertou o botão desligando o telefone e fez uma curvatura para seu público.

— É fácil. Vamos começar.

O homem branco escolheu um número. Sua conversa foi mais ou menos assim. “Alô, aqui é Lester Crosby, de Bude, Mississippi. Estou telefonando para falar sobre a execução de Sam Cayhall. Sim, senhora. Meu telefone? É 555-9084. Sim, certo, Bude, Mississippi, aqui em Franklin County. Isso mesmo, bem, não acho que Sam Cayhall deva ser mandado para a câmara de gás. Eu sou contra. Acho que o governador deve interferir e parar essa coisa. Sim, senhora, isso mesmo. Obrigado.” Ele sorriu para Goodman, que já estava ligando outra vez.

A mulher branca era uma estudante de meia-idade. Era de uma cidade pequena na área rural do estado e seu sotaque era naturalmente anasalado. “Alô, é do gabinete do governador? Muito bem. Estou telefonando por causa da reportagem sobre Sam Cayhall no jornal de hoje. Susan Barnes. Decatur, Mississippi. Certo. Bem, ele é um homem velho que provavelmente vai morrer dentro de poucos anos. O que o estado vai ganhar matando-o agora? Dêem uma chance para o homem. O quê? Sim, quero que o governador impeça a execução. Eu votei nele e acho que ele é um bom homem. Sim. Obrigada a você também.”

O homem negro tinha quase trinta anos. Ele simplesmente informou a telefonista da linha direta que era um negro do

Mississippi, que se opunha às ideias de Sam Cayhall que eram promovidas pela Klan, mas mesmo assim era contra a execução. “O governo não tem o direito de determinar se uma pessoa deve viver ou morrer”, disse ele. Nessas circunstâncias, ele não era a favor da pena de morte.

E assim por diante. Os telefonemas choveram de todos os cantos do estado, um depois do outro, cada um de uma pessoa diferente, com uma lógica diferente, para suspender a execução. Os estudantes começaram a usar de criatividade, tentando os mais variados sotaques e raciocínios. Ocasionalmente ouviam o sinal de linha ocupada e divertiam-se com a ideia de estarem sobrecarregando a linha direta. Por causa do seu sotaque, Goodman assumiu o papel de uma espécie de viajante, contrário a pena de morte, que telefonava de todas as partes do estado com uma bizarra coleção de nomes étnicos e de locais estranhos.

Goodman preocupou-se com a possibilidade de McAllister, com sua paranoia, mandar localizar todas as chamadas, mas resolveu que as telefonistas estariam ocupadas demais para isso.

E estavam. No outro lado da cidade, John Bryan Glass cancelou uma aula e trancou a porta de sua sala na faculdade. Divertiu-se a valer, dando vários telefonemas, inventando os nomes mais variados. Não muito longe dele, Hez Kerry e um dos advogados da equipe também bombardeavam a linha direta com as mesmas mensagens.

Adam **VOLTOU APRESSADAMENTE** para Memphis. Darlene estava no seu escritório, tentando em vão organizar a montanha de papéis. Ela apontou para uma pilha ao lado do computador.

— A decisão negando a alegação de insanidade mental está em cima, depois vem a decisão da Suprema Corte. Em seguida, a petição de habeas corpus a ser apresentada na corte federal do distrito. Já mandei tudo por fax.

Adam tirou o paletó e o jogou numa cadeira. Olhou para a fileira de mensagens em papel cor de rosa pregadas na estante.

— Quem é essa gente?

— Repórteres, escritores, charlatães, um ou dois advogados oferecendo ajuda. Uma é de Garner Goodman, em Jackson. Diz que a análise de mercado vai bem, não telefone. Que história é essa de análise de mercado?

— Não me pergunte. Nada da Quinta Circunscrição?

— Nada.

Adam respirou fundo e sentou.

— Almoço? — perguntou ela.

— Só um sanduíche, se não se importa. Pode trabalhar amanhã e no domingo?

— É claro.

— Preciso que fique todo o fim de semana ao lado do telefone e do fax. Eu sinto muito.

— Não me importo. Vou apanhar o sanduíche.

Ela saiu e fechou a porta. Adam telefonou para o apartamento de Lee e ninguém atendeu. Telefonou para a Casa Amarela, mas ninguém sabia dela. Telefonou para Phelps Booth, que estava numa reunião. Telefonou para Carmen, em Berkeley e disse para providenciar a viagem para Memphis no domingo.

Olhou para os recados e resolveu que nenhum merecia ser atendido.

À uma hora, Mona Stark falou com a imprensa que cercava o gabinete do governador. Ela disse que, depois de muita deliberação, o governador tinha resolvido conceder a audiência de indulto na segunda-feira às dez horas da manhã, quando então o governador ouviria os motivos e apelações e tomaria uma decisão justa. Era uma responsabilidade assustadora, ela explicou, pesar a vida e a morte. Mas David McAllister faria o que era justo e correto.

QUARENTA E UM

PACKER entrou na cela às cinco e meia na manhã de sábado e não se preocupou com as algemas. Sam esperava e eles saíram silenciosamente da Ala A. Atravessaram a cozinha onde os prisioneiros em regime especial batiam ovos e fritavam bacon. Era a primeira vez que Sam via a cozinha e passou por ela devagar, contando os passos, verificando as dimensões. Packer abriu uma porta e fez sinal para Sam se apressar. Passaram para fora, para a noite escura. Sam parou e olhou para a pequena construção quadrada de tijolos, a sua direita, a casa da câmara de gás. Packer o puxou pelo braço e caminharam juntos para o fim da passagem, onde outro guarda os esperava. O guarda deu a Sam uma enorme xícara de café e o levou, depois do portão, para um pátio de recreação semelhante ao das unidades, no lado oeste do corredor. Tinha cercas e arame farpado, um cesto de basquete e dois bancos. Packer disse que voltaria dentro de uma hora e saiu com o guarda.

Sam ficou parado, de pé, por um longo tempo, tomando o café quente e observando a paisagem. Sua primeira cela fora na Ala D, no lado leste, e já havia estado ali muitas vezes. Conhecia as dimensões exatas do pátio — quinze metros e meio por dez e meio. Viu o guarda na torre, sentado sob o holofote e olhando para ele. Através da cerca de metal, além das fileiras da plantação de algodão, ele via as luzes dos outros prédios. Caminhou lentamente para o banco e sentou.

Quanta consideração da parte daquela boa gente concedendo seu pedido para ver o sol nascer pela última vez. Há nove anos e meio Sam não via esse espetáculo e, a princípio, Nugent negou. Porém, graças a intervenção de Packer, explicando ao coronel que tudo estava bem, que não havia nenhum risco de segurança e, afinal, que diabo, o homem ia morrer dentro de quatro dias, que ele, Packer se responsabilizava, Nugent cedeu.

Sam olhou para o leste onde uma sugestão cor de laranja espiava entre as nuvens esparsas. Nos seus primeiros dias no Corredor, quando seus recursos estavam ainda sendo encaminhados, ele passava horas lembrando o tédio da vida cotidiana, as pequenas coisas como um banho de chuveiro quente todos os dias, a companhia do seu cão, um pouco mais de mel na sua torrada. Naquele tempo ele acreditava realmente que um dia ia caçar esquilos e aves, pescar percas e brevas, sentar na varanda e ver o sol subir no horizonte, tomar café na cidade e dirigir sua velha picape para onde quisesse. Seu objetivo na época dessas fantasias no Corredor era voar para a Califórnia e ver seus netos. Sam nunca havia andado de avião.

Mas os sonhos de liberdade estavam mortos há muito tempo,

enfraquecidos pela monotonia tediosa da vida numa cela e destruídos pelos pareceres severos de inúmeros juízes.

Sam acreditava que aquele era seu último nascer do sol. Muita gente queria sua morte. A câmara de gás não estava sendo tão usada quanto devia. Estava na hora de uma execução, que diabo, e ele estava no topo da lista.

O céu ficou mais claro e as nuvens desapareceram. Mesmo obrigado a assistir àquele magnífico ato da natureza através de uma cerca de metal, Sam estava satisfeito. Mais uns poucos dias e as cercas não existiriam mais. As grades e o arame farpado e as celas da prisão ficariam para outro qualquer.

DOIS REPÓRTERES fumavam e tomavam café, esperando perto da entrada do lado sul do prédio da câmara naquela manhã de sábado. Tinham ouvido dizer que o governador ia passar o dia todo no seu gabinete, resolvendo o caso Cayhall.

Às sete e meia, o Lincoln preto parou ali perto e McAllister desceu rapidamente. Dois guarda-costas bem vestidos o escoltaram até a entrada, com Mona Stark um pouco atrás.

— Governador, o senhor pretende assistir à execução? — perguntou um repórter, rapidamente.

McAllister sorriu e ergueu as mãos como que dizendo que adoraria parar para uma conversa, mas o momento era muito crítico para isso. Então viu a câmera no ombro do outro repórter.

— Ainda não cheguei a uma decisão — respondeu, parando por um segundo.

— Ruth Kramer vai testemunhar na audiência de indulto, na segunda-feira?

A câmera estava pronta.

— No momento não posso dizer — respondeu o governador, sorrindo para as lentes. — Desculpem, rapazes, não posso falar agora.

Entrou no prédio e no elevador. Os guarda-costas tomaram suas posições no saguão, lendo seus jornais.

O advogado Larramore esperava com as últimas notícias. Disse ao governador e à sra. Stark que não havia alteração nas petições e nas apelações no caso Cayhall desde as 5 horas da tarde do dia anterior. Nada tinha acontecido naquela noite. Na sua opinião, as apelações estavam se tornando mais desesperadas e as cortes deviam indeferir-las com maior rapidez. Já havia falado com Morris Henry, no gabinete do procurador-geral, e, segundo o abalizado julgamento do dr. Morte, a probabilidade de a execução se realizar era agora de 80 por cento.

— E sobre a audiência de indulto, na segunda-feira? Alguma notícia dos advogados de Cayhall? — perguntou McAllister.

— Não. Pedi a Garner Goodman para passar por aqui às nove horas, hoje. Acho que devemos falar com ele a esse respeito. Estarei

no meu escritório se precisar de mim.

Larramore pediu licença e se afastou. A sra. Stark realizava seu ritual de todas as manhãs, lendo atentamente os jornais do estado e empilhando-os na mesa de conferências. Dos nove jornais monitorados, oito traziam a história de Cayhall na primeira página. A notícia da audiência de indulto recebia atenção especial naquela manhã de sábado. Três jornais mostravam a mesma foto da AP dos homens da Klan torrando sob o sol inclemente de agosto, no lado de fora da Parchman.

McAllister tirou o paletó, arregaçou as mangas da camisa e começou a ler os jornais.

— Traga os resultados das pesquisas — ele disse, secamente.

Mona saiu do gabinete e voltou em menos de um minuto com um impresso de computador que, evidentemente, trazia más notícias.

— Estou ouvindo — disse ele.

— Os telefonemas pararam por volta das nove, ontem à noite. O último foi às nove e sete minutos. O total do dia foi de quatrocentos e oitenta e seis e pelo menos noventa por cento contra a execução.

— Noventa por cento — disse McAllister, incrédulo.

Mas ele não estava mais em estado de choque. No dia anterior, ao meio-dia, as telefonistas da linha direta haviam informado um número incomum de telefonemas e à uma hora Mona estava analisando os impressos. Tinham passado grande parte da tarde do dia anterior olhando para os números, planejando sua próxima jogada. O governador quase não dormiu.

— Quem é essa gente? — perguntou ele, olhando pela janela.

— Seus eleitores. Os telefonemas vêm de todo o estado. Os nomes e números parecem verdadeiros.

— Qual era o último recorde de telefonemas?

— Não sei. Acho que tivemos cerca de cem no dia em que o legislativo aprovou um outro aumento para os deputados. Mas, nada como isto.

— Noventa por cento — murmurou ele, outra vez.

— Tem outra coisa. Tivemos vários outros telefonemas para o número deste gabinete. Minha secretária calcula em doze, mais ou menos.

— Todos a favor de Sam, certo?

— Sim, todos contra a execução. Falei com alguns dos nossos e todos disseram a mesma coisa. E Roxburgh telefonou dizendo que seu escritório foi praticamente inundado de telefonemas contra a execução.

— Isso é bom. Quero que ele sofra um pouco também.

— Fechamos a linha direta?

— Quantas telefonistas trabalham no sábado e no domingo?
— Só uma.
— Não. Deixe aberta hoje. Vamos ver o que acontece hoje e amanhã. — Foi até a janela e afrouxou a gravata. — Quando começa a contagem?

- Às três da tarde.
- Estou ansioso para ver os números.
- Podem não ser muito bons.
- Noventa por cento — disse ele, balançando a cabeça.
- Mais de noventa por cento — corrigiu Mona.

A SALA DE GUERRA ESTAVA cheia de caixas de pizza e latas de cerveja, a evidência de um longo dia de análise de mercado. Uma bandeja com rosquinhas e uma fileira de copos altos de papel com café esperavam agora os analistas, dois dos quais já tinham chegado com os jornais. Garner Goodman estava na janela, com um binóculo, vigiando o prédio da câmara a três quadras dali, dando atenção especial às janelas do gabinete do governador. Na véspera, durante um momento de tédio, Goodman fora até o shopping à procura de uma livraria. Viu o binóculo na vitrine de uma loja de couros e durante todo o resto da tarde eles se distraíram vendo o governador em uma das janelas, pensativo, certamente tentando adivinhar de onde vinham todos aqueles telefonemas.

Os estudantes devoraram as rosquinhas e os jornais. Houve uma discussão breve, mas séria, sobre as evidentes falhas legais nos estatutos do Mississippi sobre a revisão pós-condenação. O terceiro membro daquele turno, um primeiranista de Nova Orleans, chegou às oito horas e os telefonemas recomeçaram.

Imediatamente perceberam que a linha direta não estava sendo atendida com a eficiência do dia anterior. Era difícil conseguir ligação. Sem problema. Passaram a usar números alternados — a mesa telefônica na casa do governador, os telefones dos graciosos e pequenos escritórios regionais inaugurados por ele com muita publicidade em todo o estado para que o governador, um homem comum, pudesse estar perto do povo.

O povo estava telefonando.

Goodman saiu do escritório e caminhou pela rua do Congresso até o prédio da câmara. Ouviu o som de um alto-falante sendo testado, e então viu os homens da Klan. Estavam se organizando, uns doze com uniforme completo de parada, em volta do monumento às mulheres confederadas, na base da escadaria da câmara municipal. Goodman passou, chegou a dizer olá para um deles, desse modo, quando voltasse para Chicago, poderia dizer que tinha falado com verdadeiros homens da Klan.

Os dois repórteres que tinham esperado pelo governador estavam

agora nos degraus observando a cena. A equipe de uma televisão local chegou quando Goodman entrou no prédio.

O governador estava ocupado demais para recebê-lo, explicou Mona Stark, sombriamente, mas o dr. Larramore podia dispensar alguns minutos. Com satisfação Goodman notou que ela parecia um tanto atarantada. Acompanhou-a até o gabinete do dr. Larramore e encontrou o advogado falando no telefone. Goodman esperava que fosse um dos seus telefonemas. Sentou e esperou obedientemente. Mona saiu e fechou a porta.

— Bom dia — disse Larramore, desligando o telefone.

Goodman inclinou a cabeça cortesmente e disse:

— Obrigado pela audiência. Não esperávamos que o governador a concedesse, devido ao que ele disse na quarta-feira.

— Ele está sob grande pressão. Nós todos estamos. Seu cliente está disposto a falar sobre o cúmplice?

— Não. Não houve nenhuma mudança.

Larramore passou os dedos no cabelo engordurado e balançou a cabeça, frustrado.

— Então, para que a audiência? O governador não vai ceder neste ponto, dr. Goodman.

— Estamos tentando convencer Sam. Estamos falando com ele. Vamos marcar a audiência para segunda-feira. Talvez Sam mude de ideia.

O telefone tocou e Larramore atendeu, irritado.

— Não, não é do gabinete do governador. Quem está falando? — Escreveu o nome e o telefone. — Aqui é o departamento jurídico do governador. — Fechou os olhos e balançou a cabeça. — Sim, sim, estou certo de que votou no governador. — Ouviu mais um pouco. — Muito obrigado, sr. Hurt. Direi ao governador que o senhor telefonou. Sim, obrigado.

Desligou.

— Então, o sr. Gilbert Hurt, de Dumas, Mississippi, é contra a execução — disse ele, olhando atônito para o telefone. — Nossos telefones enlouqueceram.

— Muitos telefonemas? — perguntou Goodman, solícito.

— Não ia acreditar.

— A favor ou contra?

— Mais ou menos cinquenta por cento, eu diria — informou Larramore. Apanhou o telefone e ligou para o número dado pelo sr. Gilbert Hurt, de Dumas, Mississippi. Ninguém atendeu. — É estranho — disse, desligando. — O homem acaba de telefonar, deixou um número verdadeiro, agora ninguém atende.

— Provavelmente acaba de sair. Tente outra vez mais tarde.

Goodman esperava que ele não tivesse tempo para ligar mais tarde.

Na véspera, na primeira hora da análise de mercado, Goodman havia alterado um pouco a técnica. Mandou os estudantes verificarem antes os telefones para ver se alguém atendia. Isso evitava que gente curiosa, como Larramore ou talvez uma telefonista intrrometida da linha direta, telefonasse e falasse com o verdadeiro dono do telefone. O mais provável era que o homem fosse a favor da pena de morte. Isso diminuía um pouco o ritmo da análise de mercado, mas Goodman ficava mais tranquilo.

— Estou trabalhando num esquema para a audiência — disse Larramore — por segurança. Provavelmente será na Sala do Comitê de Recursos, logo adiante no corredor.

— Vai ser fechada?

— Não. Algum problema?

— Temos só quatro dias, dr. Larramore. Tudo é problema. Mas a audiência pertence ao governador. Só podemos agradecer por ele ter concedido.

— Eu tenho os seus telefones. Mantenha-se em contato.

— Não vou sair de Jackson antes de tudo isto terminar.

Trocaram um rápido aperto de mãos e Goodman saiu. Sentou num degrau na frente do prédio e durante meia hora observou os homens da Klan organizando-se e atraindo curiosos.

QUARENTA E DOIS

Embora ele tivesse usado um manto branco e um capuz pontudo quando era muito mais jovem, Donnie Cayhall procurou ficar longe dos homens da Klan que patrulhavam a faixa de relva perto do portão da Parchman. Ao lado do toldo armado pelos homens da Klan estava um pequeno grupo de skinheads com camisas marrons. Carregavam cartazes pedindo a liberdade de Sam Cayhall.

Donnie observou o espetáculo por um momento, depois, seguindo a orientação de um guarda de segurança, estacionou o carro no acostamento da estrada. Seu nome foi verificado na casa da guarda e logo chegou o furgão da prisão. Seu irmão estava na Parchman há nove anos e meio e Donnie tentara visitá-lo pelo menos uma vez por ano. Mas a última visita fora há dois anos, tinha de admitir, envergonhado.

Donnie Cayhall tinha sessenta e um anos e era o mais novo dos quatro irmãos Cayhall. Todos, seguindo os ensinamentos do pai, tinham entrado para a Klan, na juventude. Foi uma decisão simples, sem precisar pensar muito, uma coisa que toda a família esperava que fizessem. Mais tarde alistou-se no exército, lutou na Coreia e viajou pelo mundo. Durante esse tempo, perdeu o interesse pelos mantos e pelas cruzes de fogo. Deixou o Mississippi em 1961 e foi trabalhar para uma fábrica de móveis, na Carolina do Norte. Morava agora perto de Durham.

Todos os meses, durante nove anos e meio, Donnie mandava uma caixa de cigarros e algum dinheiro para Sam. Escreveu algumas cartas, mas nem ele nem Sam estavam interessados em manter correspondência. Poucas pessoas em Durham sabiam que ele tinha um irmão no corredor da morte.

Foi revistado ao lado da porta e conduzido ao escritório da frente. Sam chegou logo depois e os dois ficaram sozinhos. Donnie abraçou demoradamente o irmão e quando se separaram estavam com os olhos cheios de lágrimas. Tinham mais ou menos a mesma altura e envergadura, embora Sam parecesse vinte anos mais velho. Ele sentou na beirada da mesa e Donnie na cadeira.

Acenderam seus cigarros, olhando para o espaço.

— Alguma boa notícia? — perguntou Donnie, finalmente, certo da resposta.

— Não. Nenhuma. As cortes estão indeferindo tudo. Eles vão conseguir, Donnie. Eles vão me matar. Vão me levar para a câmara de gás e me matar como um animal.

Donnie abaixou a cabeça.

— Eu sinto muito, Sam.

— Eu também, mas, que diabo, vou ficar satisfeito quando tudo acabar.

— Não diga isso.

— Falo sério. Estou cansado de viver numa jaula. Estou velho e minha hora chegou.

— Mas você não merece ser morto, Sam.

— Essa é a parte mais difícil, sabe? Não o fato de que vou morrer, que diabo, nós todos estamos morrendo. Só não suporto a ideia desses cretinos levarem a melhor. Eles vão vencer. E a recompensa é me amarrar na cadeira e me ver sufocar. É doentio.

— Seu advogado não pode fazer nada?

— Ele está tentando tudo, mas parece sem esperança. Quero que você o conheça.

— Vi a fotografia dele no jornal. Não se parece com a nossa família.

— Sorte dele. Parece mais com a mãe.

— Inteligente?

Sam sorriu.

— É, espetacular. Está sofrendo de verdade com tudo isto.

— Vem aqui hoje?

— Provavelmente. Eu não soube dele hoje. Está hospedado na casa de Lee, em Memphis — disse Sam, com uma ponta de orgulho. Por causa dele, a filha e o neto ficaram amigos e estavam morando juntos e em paz.

— Falei com Albert esta manhã — disse Donnie. — Ele disse que está doente demais para vir.

— Ótimo. Não quero que ele venha. E não quero os filhos e os netos dele.

— Ele queria apresentar seus respeitos, mas não pode.

— Diga a ele para deixar para o enterro.

— Ora, vamos, Sam.

— Escute, ninguém vai chorar por mim quando eu morrer. Não quero falsa piedade antes disso. Quero um favor seu, Donnie. Vai custar algum dinheiro.

— Claro. Qualquer coisa.

Sam puxou para a frente a cintura do macacão vermelho.

— Está vendo esta coisa? Eles chamam de vermelhos, e estou usando todos os dias por quase dez anos. É isto que o estado do Mississippi espera que eu use quando me matar. Mas, você compreende, tenho direito de vestir o que quiser. Vai significar muito para mim morrer com roupas decentes.

A emoção tomou conta de Donnie. Tentou falar, mas as palavras não vinham. Com lágrimas nos olhos e os lábios trêmulos, fez que sim com a cabeça e finalmente conseguiu dizer:

— Claro, Sam.

— Você sabe, aquelas calças de trabalho chamadas Dickies? Eu as usei durante anos. Uma espécie de calça cáqui.

Donnie estava ainda balançando afirmativamente a cabeça.

— Uma dessas seria ótimo, com uma camisa branca, não de vestir pela cabeça, mas abotoada na frente. Camisa tamanho pequeno, calça tamanho pequeno, cintura 32. Um par de meias brancas, e sapatos baratos. Que diabo, só vou usar uma vez, certo? Vá até a Wal-Mart ou outro lugar qualquer, onde pode comprar tudo por menos de trinta dólares. Você se importa?

Donnie enxugou os olhos e tentou sorrir.

— Não, Sam.

— Vou ficar elegante, não vou?

— Onde vai ser enterrado?

— Clanton, perto de Anna. Tenho certeza de que vou perturbar o descanso tranquilo dela. Adam está cuidando disso.

— O que mais posso fazer?

— Nada. Só me arranje as roupas.

— Vou fazer isso hoje.

— Você é a única pessoa no mundo que se importou comigo em todos esses anos, sabia disso? A tia Barb me escreveu durante quatro anos, antes de morrer, mas eram cartas sempre formais e secas, e eu achei que ela escrevia só para poder contar para os vizinhos.

— Quem é a tia Barb?

— A mãe de Hubert Cain. Nem tenho certeza se ela é nossa parente. Eu mal a conhecia até chegar aqui, então ela começou aquela correspondência horrível. Estava simplesmente arrasada com o fato de um dos seus estar na Parchman.

— Que ela descanse em paz.

Sam riu baixinho e lembrou de uma história da sua infância. Contou com grande entusiasmo e alguns minutos depois os dois irmãos estavam rindo às gargalhadas. Donnie lembrou de outra história e isso continuou por uma hora.

Quando Adam chegou, no final da tarde de sábado, Donnie já havia ido embora há horas. Ele foi conduzido ao escritório da frente, e espalhou alguns papéis na mesa. Sam entrou, sem algemas, e a porta foi fechada. Adam notou imediatamente que ele trazia mais envelopes.

— Mais tarefas para mim? — perguntou, desconfiado.

— É, mas podem esperar até tudo terminar.

— Para quem?

— Uma é para a família Pinder, cuja casa explodi, em Vicksburg. Uma é para a sinagoga que explodi em Jackson. Uma é para aquele corretor de imóveis judeu, também em Jackson. Vai haver outras. Não tem pressa, eu sei que está muito ocupado agora. Mas depois que eu

partir, agradeceria se se encarregasse de entregá-las.

— O que diz nessas cartas?

— O que você acha que eu digo?

— Eu não sei. Que você está arrependido, eu acho.

— Menino inteligente. Peço desculpas por meus atos, me arrependo dos meus pecados e peço que me perdoem.

— Por que está fazendo isso?

Sam parou de andar e encostou num dos arquivos.

— Porque fico sentado numa pequena jaula o dia inteiro.

Porque tenho uma máquina de escrever e muito papel. Estou chateado como o diabo e, está bem, então é porque quero escrever. Porque tenho uma consciência — não é grande coisa, mas existe e quanto mais perto eu chego da morte, mais culpado me sinto das coisas que fiz.

— Desculpe. Serão entregues. — Adam desenhou um círculo em volta de um item da sua lista. — Temos ainda duas apelações. A Quinta Circunscrição está cozinhando a petição relativa a incompetência da defesa. Eu esperava já ter uma resposta, mas há dois dias não fazem nada. A corte distrital está com a petição de insanidade mental.

— É tudo inútil, Adam.

— Talvez. Mas não vou desistir. Se for preciso, dou entrada em mais uma dúzia de petições.

— Não vou assinar nada mais. Você não pode dar entrada se eu não assinar.

— Sim, eu posso. Há muitos meios.

— Então está despedido.

— Não pode me despedir, Sam. Sou seu neto.

— Temos um acordo dizendo que posso despedir você quando quiser. Está tudo escrito.

— É um documento com vício de forma, escrito por um advogado decente de porta de cadeia, mas mesmo assim viciado.

Sam bufou, soltou fumaça e começou a andar outra vez, seguindo a fileira de ladrilhos. Passou uma dúzia de vezes na frente de Adam, seu advogado agora, amanhã e pelo resto da sua vida. Sabia que não podia dispensá-lo.

— Temos uma audiência de indulto marcada para segunda-feira — disse Adam, olhando para o bloco de anotações e esperando a explosão.

Mas Sam aceitou muito bem e não perdeu um passo.

— Qual o objetivo da audiência de indulto? — perguntou.

— Pedir indulto.

— Pedir a quem?

— Ao governador.

— E você acha que o governador vai considerar a possibilidade de me conceder indulto?

— O que temos a perder?

— Responda à pergunta, espertinho. Você, com todo seu estudo, experiência e brilhantismo jurídico, espera seriamente que este governador tenha alguma ideia de me conceder indulto?

— Pode ser.

— Pode ser o cacete. Você é burro.

— Muito obrigado, Sam.

— Não tem de quê. — Parou na frente de Adam e apontou o dedo recurvado para ele. — Eu disse, desde o começo, que eu, como cliente e como tal sem dúvida com direito a alguma consideração, não quero nada com David McAllister. Não vou pedir indulto para aquele idiota. Não vou pedir seu perdão. Não terei nenhum contato com ele. Esse é o meu desejo e deixei bem claro para você, meu jovem, desde o primeiro dia. Mas você, como advogado, ignorou meu desejo e foi em frente, por conta própria, fazendo o que bem entende. Você é o advogado, nada mais, nada menos. Eu, por outro lado, sou o cliente e não sei o que eles ensinam nessas faculdades de direito metidas a besta, mas eu tomo as decisões.

Sam foi até a cadeira e apanhou outro envelope. Entregou para Adam e disse:

— Esta é uma carta para o governador, pedindo o cancelamento da audiência de indulto marcada para segunda-feira. Se você recusar, faço cópias desta carta e dou para a imprensa. Vou complicar as coisas para você, Garner Goodman e o governador. Compreendeu?

— Muito bem.

Sam pôs o envelope outra vez na cadeira e acendeu outro cigarro.

Adam fez outro círculo na sua lista.

— Carmen estará aqui na segunda-feira. Não tenho certeza quanto a Lee.

Sam sentou-se, sem olhar para Adam.

— Ela ainda está na clínica?

— Está e não sei quando vai sair. Você quer que ela venha?

— Deixe-me pensar primeiro.

— Pense depressa, está bem?

— Muito engraçado, muito mesmo. Meu irmão Donnie esteve aqui hoje. É meu irmão mais moço, você sabe. Quer conhecer você.

— Também era da Klan?

— Que droga de pergunta é essa?

— Uma simples pergunta para sim ou não.

— Sim. Ele era da Klan.

— Então, não quero conhecê-lo.

— Ele não é um cara mau.

— Aceito a sua palavra.

— Ele é meu irmão, Adam. Quero que conheça meu irmão.

— Não tenho nenhuma vontade de conhecer mais nenhum Cayhall, Sam, especialmente um com manto branco e capuz.

— Ora, francamente. Há três semanas você queria saber tudo sobre a família. Nunca ficava satisfeito.

— Eu me entrego, está bem? Já tive demais.

— Oh, tem muito mais.

— Chega, chega. Poupe-me.

Sam rosnou e sorriu como quem sabe das coisas. Adam consultou o bloco de anotações e disse:

— Deve ficar satisfeito por saber que os caras da Klan lá fora ganharam a companhia de alguns nazistas, arianos e skinheads e outros grupos de ódio. Estão todos enfileirados ao lado da estrada, balançando cartazes para os carros que passam. Os cartazes, é claro, exigem a liberdade de Sam Cayhall, seu herói. E um perfeito circo.

— Eu vi na televisão.

— Estão também marchando em volta da câmara estadual, em Jackson.

— E é minha culpa?

— Não, é sua execução. Você é um símbolo agora, prestes a se tornar um mártir.

— O que acha que devo fazer?

— Nada. Só vá em frente e morra, que todos ficarão felizes.

— Você está um saco hoje, não está?

— Desculpe, Sam. A pressão está me derrubando.

— Jogue a toalha. Eu joguei. E recomendo que faça o mesmo.

— Esqueça. Eu obriguei aqueles palhaços a entrar no jogo, Sam. Nem comecei a lutar ainda.

— É, você deu entrada naquelas petições e um total de sete cortes deram parecer contrário. Zero a sete. Nem quero ver o que vai acontecer quando você for massacrado de verdade. — Sam disse isso com um sorriso malicioso e atingiu o alvo.

Adam riu e os dois respiraram, aliviados.

— Tenho uma grande ideia para depois que você se for — disse Adam, fingindo entusiasmo.

— Depois que eu for?

— Certo. Vamos processá-los por morte ilegal. Acusaremos McAllister, Nugent, Roxburgh, o estado do Mississippi. Todo mundo.

— Nunca foi feito — disse Sam, passando a mão na barba, como se estivesse pensando profundamente.

— É, eu sei. Pensei nisso sozinho. Podemos não ganhar um centavo, mas pense como vai ser divertido atrapalhar a vida desses filhos da mãe por cinco anos.

— Tem minha permissão. Processe todos eles!

Aos poucos os sorrisos desapareceram e o humor se foi. Adam encontrou mais uma coisa na sua lista.

— Só mais duas coisas. Lucas Mann pediu para perguntar sobre suas testemunhas. Você tem direito a ter duas pessoas na sala das testemunhas, no caso de chegarmos a esse ponto.

— Donnie não quer assistir. Eu não vou permitir que você assista. Não posso imaginar ninguém mais que queira estar lá.

— Ótimo. Por falar nisso, tenho pelo menos trinta pedidos para entrevistas. Praticamente todos os grandes jornais e revistas querem acesso a você.

— Não.

— Tudo bem. Lembra do escritor de quem falei na última vez, Wendall Sherman? O que quer gravar sua história e...

— Sei, por cinquenta mil dólares.

— Agora são cem mil. O editor dele entra com o dinheiro. Ele quer tudo gravado, quer assistir à execução, fazer extensa pesquisa, depois escrever um grande livro.

— Não.

— Tudo bem.

— Não quero passar os próximos três dias falando sobre minha vida. Não quero nenhum estranho xeretando em Ford County. Li especialmente não preciso de cem mil dólares neste momento da minha vida.

— Para mim, tudo bem. Você uma vez falou da roupa que quer usar...

— Donnie vai tratar disso.

— Certo. Vamos adiante. A não ser que haja um adiamento, tem direito a duas pessoas com você nas últimas horas. Como é de praxe, a penitenciária tem um formulário que você deve assinar, designando essas duas pessoas.

— É sempre o advogado e o capelão, certo?

— Certo.

— Então, acho que serão você e Ralph Griffin.

Adam escreveu os nomes no formulário.

— Quem é Ralph Griffin?

— O novo pastor aqui da prisão. Ele é contra a pena de morte, dá para acreditar? Seu predecessor achava que nós todos devíamos ser mortos, em nome de Jesus, é claro.

Adam entregou o papel para Sam.

— Assine isso.

Sam assinou e devolveu.

— Você tem direito a uma última visita conjugal.

Sam riu alto.

— Deixa disso, filho, eu sou um velho.

— Está na lista. Lucas Mann murmurou outro dia que eu devia mencionar para você.

— Está bem. Já mencionou.

— Tenho outro formulário aqui para seus objetos pessoais. Quem fica com eles?

— Quer dizer, meus bens?

— Mais ou menos isso.

— Isso é mórbido como o diabo, Adam. Por que estamos fazendo isso agora?

— Sou advogado, Sam. Somos pagos para trabalhar os detalhes. É só burocracia.

— Você quer as minhas coisas?

Adam pensou por um momento. Não queria magoar Sam, mas ao mesmo tempo não tinha ideia do que podia fazer com algumas roupas velhas, livros muito usados, televisão portátil e sandálias de borracha.

— Claro — ele disse.

— Pois então são suas. Leve tudo e queime.

— Assine aqui — disse Adam, pondo o papel debaixo do nariz de Sam.

Sam assinou, depois levantou de um salto e começou a andar outra vez.

— Eu quero que você conheça Donnie.

— Certo. O que você quiser — disse Adam, guardando o bloco e os formulários na pasta.

Os detalhes desagradáveis estavam completos. A pasta parecia muito mais pesada.

— Volto de manhã — ele disse.

— Traga algumas boas notícias, está bem?

O coronel Nugent marchou ao lado da estrada com uma dúzia de guardas armados atrás dele. Olhou carrancudo para os homens da Klan, vinte e seis na última contagem, e depois para os nazistas de camisas pardas, dez ao todo. Parou e olhou fixamente para o grupo de skinheads, ao lado dos nazistas. Com passo decidido deu a volta na faixa de relva, parando um momento para falar com duas freiras católicas, sentadas sob um enorme guarda-sol, o mais distante possível dos outros manifestantes. A temperatura estava em 37 graus e as freiras assavam na sombra. Tomavam água gelada, com os cartazes sobre os joelhos, de frente para a estrada.

Elas perguntaram a Nugent quem ele era e o que queria. Ele explicou que estava substituindo o diretor da penitenciária e que só queria se certificar de que a manifestação estava sendo feita em ordem.

As freiras pediram a ele para ir embora.

QUARENTA E TRÊS

Talvez por ser domingo, ou talvez por causa da chuva, Adam tomou seu café da manhã com uma serenidade inesperada. Estava escuro ainda e a batida suave da chuva quente de verão na varanda era hipnótica. Parou na frente da porta aberta, ouvindo as gotas caindo no chão. Era muito cedo e a Riverside Drive estava deserta. Não se ouvia o ruído dos rebocadores do rio. Tudo estava quieto e em paz.

E Adam não tinha muito que fazer nesse Dia Três antes da execução. Pretendia ir ao escritório para organizar mais uma petição de última hora. A alegação era tão ridícula, que ele quase tinha vergonha de apresentar. Depois iria à Parchman para passar algum tempo com Sam.

Era pouco provável algum movimento das cortes no domingo. Podia acontecer, uma vez que os secretários e suas equipes permaneciam de plantão nas vésperas de uma execução, mas a sexta-feira e o sábado tinham passado sem nenhuma decisão judicial e ele esperava a mesma inatividade no domingo. Na sua opinião de defensor inexperiente, o dia seguinte seria de grande movimento.

Adam esperava uma segunda-feira frenética. E a terça-feira, o último dia de vida de Sam, seria um pesadelo de tensão.

Mas a manhã de domingo estava calma. Conseguira dormir quase sete horas, outro recorde recente. Sua mente estava clara, seu pulso normal, a respiração tranquila, os pensamentos ordenados.

Folheou distraidamente o jornal de domingo, lendo apenas os títulos dos artigos e reportagens. Havia pelo menos duas matérias sobre a execução de Cayhall, com mais fotografias do circo cada vez maior na frente dos portões da penitenciária. A chuva parou quando o sol apareceu e durante uma hora ele ficou sentado numa cadeira de balanço ainda molhada, olhando as revistas de arquitetura de Lee. Duas horas depois, Adam estava farto de paz e tranquilidade e pronto para agir.

Havia um trabalho por terminar no quarto de Lee, algo que Adam tentava esquecer, mas não conseguia. Há dez dias uma batalha se travava na sua alma sobre o livro que devia estar na gaveta. Lee estava embriagada quando falou sobre a foto do linchamento, mas Adam sabia que não era invenção de uma mente perturbada. O livro existia. Havia realmente um livro com a foto de um jovem negro dependurado numa corda e sob seus pés um grupo de orgulhosos homens brancos, rindo para a câmera, sabendo-se imunes a qualquer castigo. Adam já tinha imaginado a cena, acrescentando rostos, desenhando a árvore, a corda, escrevendo nomes na legenda. Mas

outras coisas ele não podia visualizar mentalmente. O rosto do homem morto aparecia também? Ele estava com sapatos ou descalço? Era possível reconhecer Sam, muito jovem ainda? Quantos rostos brancos havia na foto? Quais eram suas idades? Alguma arma? Sangue? Lee havia dito que ele foi morto a chicotadas. O chicote aparecia também? Há dias Adam vinha imaginando a fotografia e estava na hora de procurar o livro. Não podia esperar mais. A qualquer momento Lee podia voltar, triunfante. Podia guardar o livro em outro lugar. Adam pretendia passar as duas ou três noites seguintes no apartamento, mas isso podia mudar com um simples telefonema. Podia ser obrigado a viajar às pressas para Jackson ou a dormir no carro, na Parchman. Coisas rotineiras, como almoço, jantar e sono tornavam-se imprevisíveis quando seu cliente tinha menos de uma semana de vida.

Aquele era o momento ideal e Adam decidiu que agora estava pronto para enfrentar o grupo de linchamento. Foi até a porta da frente e examinou o estacionamento, certificando-se de que Lee não tinha resolvido fazer uma surpresa. Entrou no quarto dela, trancou a porta e abriu a primeira gaveta da cômoda. Estava cheia de lingerie. Adam ficou embaraçado, sentindo que estava invadindo a privacidade dela.

O livro estava na terceira gaveta, em cima de uma camiseta desbotada. Era grosso e encapado com pano verde — Negros do Sul e a grande depressão. Publicado em 1947 pela Toffler Press, Pittsburgh. Adam o apanhou e sentou na beirada da cama de Lee. As páginas imaculadas e brancas indicavam que o livro nunca fora lido ou manuseado. Quem, no sul, iria ler um livro daqueles? E se estava há décadas na família Cayhall, Adam tinha certeza de que ninguém o tinha lido. Examinou a capa, imaginando quais as circunstâncias especiais que o tinham feito parar nas mãos da família Cayhall.

O livro tinha três seções de fotografias. A primeira era uma série de fotos dos barracos e casas miseráveis nas plantações, onde os negros eram obrigados a morar. Havia retratos de famílias na varanda com dezenas de filhos e as fotos obrigatórias dos homens colhendo algodão.

A segunda seção, no centro do livro, tinha vinte páginas. Adam viu fotografias de linchamento, a primeira uma cena horrível de dois homens com os mantos e capuzes da Klan, empunhando rifles e posando para a câmera. Um homem negro, cruelmente espancado, aparecia pendurado numa corda, atrás deles, com os olhos entreabertos, o rosto massacrado e coberto de sangue. Linchamento pela KKK, Mississippi Central, 1939, dizia a legenda, como se esses rituais pudessem ser definidos simplesmente pelo local e pela data.

Horrorizado, Adam virou a página e encontrou a segunda foto de linchamento, esta, quase inocente, comparada com a primeira. O

corpo sem vida na ponta da corda só aparecia da cintura para baixo. A camisa parecia rasgada, provavelmente pelo chicote, se de fato fora usado. O negro era muito magro e a calça grande demais para ele estava amarrada na cintura. Estava descalço. Não se via sangue.

A corda podia ser vista no fundo, enrolada no galho de uma árvore grande, com um tronco enorme.

O grupo festivo estava a poucos centímetros dos pés da vítima. Homens, mulheres e meninos faziam palhaçada para a câmera, alguns exagerando a pose de fúria e masculinidade — sobrelhas franzidas, olhos ferozes, lábios apertados, como se possuíssem um poder ilimitado para proteger suas mulheres e filhos da agressão negra. Outros mostravam sorrisos nervosos, especialmente as mulheres, duas das quais eram bonitas. Um menino apontava uma pistola ameaçadoramente para a câmera. Um jovem segurava uma garrafa de bebida com o rótulo virado para a frente. A maior parte do grupo parecia alegre e feliz com o que acabava de acontecer. Adam contou dezessete pessoas, todas olhando para a câmera sem embaraço ou preocupação, sem o menor sinal de reconhecimento por terem feito alguma coisa errada. Absolutamente imunes a qualquer punição. Acabavam de matar um ser humano e era dolorosamente evidente que haviam feito isso sem nenhum medo das consequências.

Adam estava olhando para a fotografia de uma festa. Era noite, fazia calor, tinham bebida e belas mulheres. Certamente tinham levado cestas com comida e agora iam estender mantas no chão para um belo piquenique debaixo da árvore.

Linchamento na zona rural do Mississippi, 1936, dizia a legenda.

Sam estava na primeira fila, agachado e encostado numa árvore, entre dois outros jovens, os três posando para a câmera. Ele devia ter quinze ou dezesseis anos, o rosto magro tentando desesperadamente parecer ameaçador — lábios contraídos, sobrelhas franzidas, queixo erguido. A fanfarronice ousada de um menino tentando imitar os assassinos mais velhos, ao seu lado.

Era fácil identificá-lo, porque alguém havia traçado com tinta azul, já desbotada, uma linha que ia da foto até a margem, onde estava escrito o nome de Sam Cayhall em letra de fôrma. A linha atravessava corpos e rostos, começando na orelha esquerda de Sam. Eddie. Certamente fora traçada por Eddie. Lee disse que Eddie havia encontrado o livro no sótão e Adam podia imaginar o pai, escondido no escuro, olhando a foto e chorando, identificando Sam e apontando-o com a linha acusadora, como uma flecha apontada para a cabeça do pai.

Lee dissera também que o pai de Sam era o líder daquele pequeno bando de linchadores, mas Adam não conseguiu identificá-lo. Talvez Eddie também não, porque nenhuma outra pessoa estava marcada.

Havia pelo menos sete homens que podiam ser o pai de Sam. Quantas daquelas pessoas pertenciam a família Cayhall? Lee disse que seus irmãos estavam envolvidos e talvez um dos jovens se parecesse com Sam, mas era impossível afirmar.

Olhando para os olhos belos e claros do avô, Adam sentiu um aperto no coração. Ele era apenas um menino, nascido e criado numa família onde o ódio aos negros e a outras pessoas era simplesmente um modo de vida. Que parcela de culpa podia ser atribuída a ele? Veja essas pessoas em volta dele, o pai, os parentes, amigos e vizinhos, todos provavelmente honestos, pobres, trabalhadores apanhados por um momento no fim de uma cerimônia

cruel que era comum na sua sociedade. Sam não teve a menor chance. Aquele era o único mundo que ele conhecia.

Como Adam poderia conciliar o passado com o presente? Como julgar com justiça aquelas pessoas e aquele ato terrível quando, se não fosse por uma ironia do destino, se tivesse nascido quarenta anos antes, Sam não estaria ali no meio daqueles homens.

Olhando para os rostos deles, uma estranha sensação de consolo o envolveu. Embora Sam fosse evidentemente um participante voluntário, era só um membro do bando, com apenas uma parte da culpa. Era claro que os homens mais velhos com rostos cruéis haviam instigado o linchamento e o resto os acompanhou. Olhando para a fotografia não era possível imaginar que Sam e seus companheiros mais jovens tivessem iniciado aquela brutalidade. Sam não fizera nada para impedir. Mas talvez não tivesse feito nada para encorajar.

A cena suscitava uma centena de perguntas sem resposta. Quem era o fotógrafo e como aconteceu de estar lá com sua máquina? Quem era o jovem negro? Onde estava sua família, sua mãe? Como o tinham apanhado? Estaria na prisão e fora entregue aos linchadores pelas autoridades? O que fizeram com o corpo? A suposta vítima de estupro seria uma das jovens que sorriam para a câmera? O pai dela era um daqueles homens? Ou alguns deles eram seus irmãos?

Se Sam, com aquela idade já tomava parte em linchamentos, o que se podia esperar dele quando crescesse? Com que frequência aquelas pessoas se reuniam para comemorações iguais àquela, na zona rural do Mississippi?

Como, neste mundo de Deus, Sam Cayhall podia ter sido outra coisa além do que era? Nunca teve chance.

SAM ESPEROU pacientemente no escritório da frente, tomando o café forte e saboroso, diferente da mistura aguada que serviam aos prisioneiros todas as manhãs. Packer tinha dado a ele um copo bem grande. Sam estava sentado na mesa com os pés numa cadeira.

A porta se abriu e o coronel Nugent marchou para dentro da sala acompanhado por Packer. Fecharam a porta. Sam empertigou o corpo

e fez continência.

— Bom dia, Sam — disse Nugent, sombrio. — Como vai?

— Fabulosamente. E você?

— Vou indo.

— É, eu sei, tem muito em que pensar. Deve ser duro para você, tentando organizar a minha execução para que tudo corra sem incidentes. Trabalho ingrato. Tiro o chapéu para você.

Nugent ignorou o sarcasmo.

— Preciso resolver algumas coisas com você. Seus advogados dizem que você está louco e eu só queria verificar pessoalmente como vai indo.

— Sinto-me como um milhão de dólares.

— Bem, não há dúvida de que está com ótima aparência.

— Ora, obrigado. Você também parece em grande forma. Belas botas.

As botas negras de combate brilhavam, como sempre. Packer olhou para elas e sorriu.

— Sim — disse Nugent, sentando numa cadeira e consultando um papel que tinha na mão. — A psiquiatra disse que você se recusou a cooperar.

— Quem? N?

— A dra. Stegall.

— Aquela dona de traseiro gordo com um primeiro nome incompleto? Eu só falei com ela uma vez.

— Você se recusou a cooperar?

— Espero que sim. Estou aqui há quase dez anos e só agora ela marcha o traseiro grande até aqui quando estou com um pé na cova, para ver como estou passando. Tudo que ela queria era me dar alguma droga para me deixar dopado quando os palhaços vierem me buscar. Facilita o seu trabalho, não é mesmo?

— Ela só estava tentando ajudar.

— Então, que Deus a abençoe. Diga a ela que peço desculpas. Nunca mais vai acontecer. Faça uma anotação de mau comportamento na minha ficha.

— Precisamos falar sobre sua última refeição.

— Por que Packer está aqui?

Nugent olhou de relance para Packer, depois, para Sam.

— Porque esse é o procedimento correto.

— Ele está aqui para proteger você, certo? Você tem medo de mim. Tem medo de ficar sozinho comigo nesta sala, não tem, Nugent? Tenho quase setenta anos, estou fraco como o diabo, quase morto de tanto fumar e você tem medo de mim, um assassino condenado.

— Nem um pouco.

— Se eu quisesse, Nugent, esfregava seu traseiro por toda esta sala.

— Estou apavorado. Escute, Sam, vamos ao que interessa. O que vai querer na sua última refeição?

— Hoje é domingo. Minha última refeição está marcada para terça à noite. Por que está me chateando com isso agora?

— Precisamos fazer nossos planos. Você pode pedir qualquer coisa, desde que seja razoável.

— Quem vai fazer a comida?

— Será preparada na cozinha da penitenciária.

— Oh, maravilha! Pelos mesmos *chefs* talentosos que há nove anos e meio me dão aquela pasta nojenta para comer. Que modo de morrer!

— O que vai querer, Sam? Estou tentando ser razoável.

— Que tal torrada e cenoura cozida? Eu detestaria dar trabalho a eles, pedindo uma coisa diferente.

— Muito bem, Sam. Quando resolver, diga ao Packer que ele informa a cozinha.

— Não vai haver última refeição, Nugent. Meu advogado vai descarregar a bateria pesada amanhã. Vocês, seus palhaços, não vão nem saber o que os atingiu.

— Espero que esteja certo.

— Você está mentindo, seu grande filho da puta. Mal pode esperar para me levar até lá e me amarrar na cadeira. Está embriagado com a ideia de perguntar se quero dizer minhas últimas palavras, depois fazer o sinal para um dos seus asseclas fechar a porta. E quando tudo acabar, vai enfrentar a imprensa com uma cara triste e anunciar que “Às vinte e quatro horas e quinze minutos desta manhã, 8 de agosto, Sam Cayhall foi executado na câmara de gás, aqui na Parchman, de acordo com a ordem da Corte Distrital de Lakehead County, Mississippi”. Vai ser a sua melhor hora, Nugent. Não minta para mim.

O coronel nem por um momento ergueu os olhos do papel.

— Precisamos da sua lista de testemunhas.

— Fale com o meu advogado.

— E precisamos saber o que fazer com suas coisas.

— Fale com meu advogado.

— Tudo bem. Temos vários pedidos de entrevistas.

— Fale com meu advogado.

Nugent levantou-se bruscamente e saiu do escritório. Packer segurou a porta aberta, esperou alguns segundos e então disse, calmamente:

— Fique aí mesmo, Sam. Tem outra pessoa que quer falar com você.

Sam sorriu e piscou para Packer.

— Então, traga mais café, está bem, Packer?

Packer apanhou a xícara e voltou logo depois com ela cheia. Entregou também a Sam o jornal de domingo de Jackson e Sam estava

lendo as diferentes reportagens sobre a execução quando o capelão Ralph Griffin bateu de leve na porta e entrou.

Sam pôs o jornal na mesa e olhou para o capelão. Griffin estava com tênis brancos, calça jeans desbotada e camisa preta, com o colarinho branco dos clérigos.

— Bom dia, reverendo — disse Sam, tomando um gole de café.

— Como vai, Sam? — perguntou Griffin, puxando uma cadeira para perto da mesa e sentando.

— Neste momento, meu coração está cheio de ódio — disse Sam, muito sério.

— Eu sinto muito. Quem é objeto desse ódio?

— O coronel Nugent. Mas vai passar.

— Esteve rezando, Sam?

— Não exatamente.

— Por que não?

— Qual é a pressa? Tenho amanhã e terça-feira ainda. Acho que você e eu vamos rezar muito na noite de terça-feira.

— Se você quiser. Você resolve. Estarei aqui.

— Quero que fique comigo até o último momento, reverendo, se não se importa. Você e meu advogado. Vocês dois têm permissão para ficar comigo durante as últimas horas.

— Será uma honra.

— Obrigado.

— Exatamente como você quer rezar, Sam?

Sam tomou um longo gole de café.

— Bem, em primeiro lugar, eu gostaria de saber que, quando deixar esse mundo, todas as coisas más que eu fiz estarão perdoadas.

— Seus pecados?

— Isso mesmo.

— Deus espera que confessemos a Ele nossos pecados, pedindo perdão.

— Todos? Um de cada vez?

— Sim, todos que podemos lembrar.

— Então é melhor eu começar agora. Vai levar algum tempo.

— Como quiser. O que mais vai pedir em suas preces?

— Pela minha família, o que resta dela. Isto vai ser difícil para meu neto, para meu irmão e talvez para minha filha. Não vai haver muitas lágrimas pela minha morte, compreende, mas eu gostaria que eles fossem consolados. E gostaria de rezar por meus amigos aqui do Corredor. Vai ser duro para eles.

— Mais alguém?

— Sim. Quero fazer uma boa prece para os Kramer, especialmente por Ruth.

- A família das vítimas?
- Isso mesmo. E também pelos Lincoln.
- Quem são os Lincoln?
- É uma longa história. Mais vítimas.
- Isso é bom, Sam. Precisa tirar isso do seu peito, limpar sua

alma.

- Vai levar anos para limpar a minha alma, reverendo.
- Mais vítimas?

Sam pôs a xícara na mesa e esfregou levemente as mãos. Procurou os olhos compassivos e confiantes de Ralph Griffin.

- E se houver outras vítimas? — perguntou.
- Pessoas mortas?

Sam balançou a cabeça afirmativamente.

- Pessoas que você matou?

Sam continuou assentindo lentamente com a cabeça.

Griffin respirou fundo e pensou no assunto por um momento.

— Bem, Sam, para ser franco, eu não ia querer morrer sem confessar esses pecados e pedir perdão a Deus.

Sam continuou a balançar a cabeça.

- Quantas? — perguntou Griffin.

Sam desceu da mesa e calçou as sandálias de borracha. Acendeu um cigarro com gestos lentos e começou a andar de um lado para o outro atrás da cadeira de Griffin. O reverendo mudou de posição para ver e ouvir Sam.

— Primeiro, Joe Lincoln, mas já escrevi uma carta para a família dele pedindo desculpas.

- Você o matou?

— Matei. Joe era africano. Morava na nossa fazenda. Eu sempre me arrependi. Foi por volta de 1950.

Sam parou e encostou no arquivo. Falou olhando para o chão, como se estivesse hipnotizado.

— E depois, dois homens brancos, que mataram meu pai durante um enterro, há muitos anos. Eles cumpriram pena na prisão e quando saíram, eu e meus irmãos esperamos pacientemente. Matamos os dois, mas, para ser franco, nunca me arrependi. Eles eram lixo e mataram nosso pai.

— Matar sempre é errado, Sam. Você está lutando contra sua morte legal, neste exato momento.

- Eu sei.

- Você e seus irmãos nunca foram apanhados?

— Não. O velho xerife suspeitava de nós, mas não podia provar nada. Fomos muito cautelosos. Além disso, eles eram lixo e ninguém se importou.

- Isso não faz com que fosse direito.

— Eu sei. Sempre achei que eles mereciam o que receberam e então me mandaram para cá. A vida adquire um novo sentido quando se está no corredor da morte. Compreendemos o quanto é valiosa. Agora, eu me arrependo de ter matado aqueles dois. Eu me arrependo de verdade.

— Mais alguém?

Sam andou de um lado ao outro da sala, contando cada passo e voltou para o arquivo. O capelão esperou. O tempo não significava coisa alguma agora.

— Houve um ou dois linchamentos há muitos anos — disse Sam, sem poder olhar nos olhos de Griffin.

— Dois?

— Acho que sim. Talvez três. Não, sim, foram três, mas no primeiro eu era um garoto, um menino e só assisti, você sabe, escondido numa moita. Foi um linchamento da Klan e meu pai fazia parte, e eu e meu irmão Albert nos escondemos e assistimos. Então, esse não conta, conta?

— Não.

Sam encostou os ombros na parede, fechou os olhos e abaixou a cabeça.

— O segundo foi com um grupo de linchamento. Eu tinha quinze anos mais ou menos e estava bem no meio de tudo. Uma moça foi violentada por um africano, pelo menos foi o que ela disse. Sua reputação deixava muito a desejar e dois anos depois ela teve um filho meio africano. Por isso, quem podia saber? Seja como for, ela apontou o culpado, nós o pegamos, levamos para fora e o linchamos. Eu fui tão culpado quanto o resto do bando.

— Deus vai perdoar, Sam.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Quantos crimes ele pode perdoar?

— Todos. Se você pedir perdão com sinceridade, então Ele apaga todos. Está nas Escrituras.

— É bom demais para ser verdade.

— E o outro linchamento?

Sam começou a balançar a cabeça para trás e para a frente, com os olhos fechados.

— Bem, não posso falar sobre esse, pastor — disse ele, respirando profundamente.

— Não tem de falar sobre ele, Sam. Fale com Deus.

— Eu não sei se posso falar com alguém sobre isso.

— É claro que pode. Uma noite destas, entre hoje e terça-feira, quando estiver na sua cela, feche os olhos e confesse tudo isso para Deus. Ele o perdoará imediatamente.

— Não parece direito, você sabe? Eu mato alguém, depois, numa questão de minutos, Deus me perdoa. Assim, sem mais nem menos. É fácil demais.

— Você precisa estar sinceramente arrependido.

— Eu estou, juro.

— Deus perdoa, Sam, mas os homens não. Nós respondemos a Deus, mas temos de responder à lei também. Deus vai perdoá-lo, mas você sofrerá as consequências de acordo com os ditames do governo.

— O governo que se dane. De qualquer modo estou mesmo para sair daqui.

— Muito bem, vamos ter certeza de que está preparado, certo?

Sam sentou numa ponta da mesa, perto de Griffin.

— Fique por perto, está bem, reverendo? Vou precisar de ajuda. Tem algumas coisas muito más enterradas na minha alma. Posso levar algum tempo para tirar todas.

— Não vai ser difícil, Sam, se estiver realmente preparado.

Sam bateu de leve no joelho dele.

— Fique por perto, está bem?

QUARENTA E QUATRO

O ESCRITÓRIO da FRENTE estava cheio de fumaça azul quando Adam entrou. Sam fumava sentado ao lado da mesa, lendo o que o jornal de domingo dizia a seu respeito. A mesa estava cheia de xícaras vazias de café e papéis de bala.

— Você se instalou muito à vontade — disse Adam.

— É. Passei o dia todo aqui.

— Muitos convidados?

— Eu não os chamaria de convidados. O dia começou com Nugent, o que decididamente arruinou tudo. O capelão passou para ver se tenho rezado. Acho que estava deprimido quando saiu. Então chegou o médico para garantir que estou em perfeito estado para morrer. Depois foi meu irmão Donnie, para uma breve visita. Eu quero mesmo que você o conheça. Diga que tem boas notícias.

Adam balançou a cabeça e sentou.

— Não. Nenhuma mudança desde ontem. As cortes fecharam no fim de semana.

— Será que não compreendem que sábado e domingo também contam? Que o relógio não para, para mim, nos fins de semana?

— Pode significar boas notícias. Talvez estejam examinando minhas brilhantes apelações.

— Talvez, mas desconfio que os honrados irmãos devem estar nas suas casas tomando cerveja e fazendo churrasco. O que você acha?

— É, talvez tenha razão. O que diz o jornal?

— A mesma velha história a meu respeito e sobre meu crime brutal, fotografias daquela gente com suas demonstrações na frente da penitenciária, comentários de McAllister. Nada de novo. Eu nunca vi tanta agitação.

— Você é o homem do momento, Sam. Wendall Sherman e seu editor estão agora em cento e cinquenta mil dólares, mas o limite para a resposta é seis horas da noite de hoje. Ele está em Memphis, sentado com seu gravador, ansioso para vir aqui. Diz que vai precisar no mínimo de dois dias inteiros para gravar sua história.

— Maravilha. O que exatamente eu devo fazer com o dinheiro?

— Deixar para seus preciosos netos.

— Fala sério? Tinha coragem de gastar esse dinheiro? Eu concordo se você disser que vai gastar.

— Não. Estava brincando. Não quero o dinheiro, e Carmen também não precisa. Eu não poderia gastá-lo com a consciência tranquila.

— Ótimo. Porque a última coisa que quero fazer até a noite de terça-feira é sentar com um estranho e falar do passado. Não me

importa quanto dinheiro ele tem. Prefiro que não escrevam um livro sobre a minha vida.

— Eu já disse a ele para esquecer.

— Bom menino. — Sam ficou de pé e começou a andar pela sala. Adam sentou na beirada da mesa para ler a seção de esportes do jornal de Memphis.

— Vou ficar satisfeito quando tudo acabar, Adam — disse Sam, andando, gesticulando. — Não aguento mais esta espera. Juro que gostaria que fosse esta noite.

De repente parecia nervoso, irritado, a voz mais alta.

Adam largou o jornal.

— Nós vamos ganhar, Sam. Confie em mim.

— Ganhar o quê! — esbravejou Sam. — Ganhar um adiamento? Grande coisa! O que ganhamos com isso? Seis meses? Um ano? Você sabe o que isso significa? Significa que teremos de fazer tudo isto outra vez algum dia. Terei de passar outra vez pelo maldito ritual — contar dias, perder sono, planejar estratégias de último momento, ouvir Nugent ou outro idiota qualquer, falar com a psiquiatra, murmurar com o capelão, levar pancadinhas no traseiro e ser trazido para este cubículo porque sou especial. — Parou na frente de Adam e olhou zangado para ele. O rosto estava furioso, os olhos úmidos e amargos. — Estou farto disto, Adam! Escute o que vou dizer! Isto é pior do que morrer.

— Nós não podemos desistir, Sam.

— Nós? É o meu pescoço que está em jogo, não o seu! Se eu conseguir um adiamento, então você volta para seu escritório elegante em Chicago e continua sua vida. Vai ser um herói porque salvou seu cliente. Sua fotografia vai sair no *Lawyer's Quarterly*, ou seja lá o que vocês leem. A jovem e brilhante estrela que entrou de sola no Mississippi. Salvou o avô, um miserável membro da Klan. Mas o seu cliente será levado de volta para a jaula e começa a contar os dias outra vez.

— Sam jogou o cigarro no chão e segurou os ombros de Adam.

— Olhe para mim, filho. Não posso passar por isto outra vez. Quero que pare com tudo. Quero que desista. Telefone para as cortes e diga que estamos retirando todas as petições e apelações. Sou um homem velho. Por favor, deixe-me morrer com dignidade.

As mãos dele tremiam. A respiração era difícil. Adam procurou os olhos azuis brilhantes, cercado de rugas pequeninas e escuras e viu uma lágrima desgarrada descer por um canto, cair lentamente no rosto e desaparecer na barba grisalha.

Pela primeira vez Adam sentiu o cheiro do avô. O cheiro forte da nicotina misturado ao do suor seco não era uma combinação agradável. Porém, não era repulsivo, como seria se emanasse de uma

pessoa com acesso a muita água quente e sabão, ar-condicionado e desodorante. Depois da segunda inalação, não incomodou mais Adam.

— Eu não quero que você morra, Sam.

Sam apertou com força os ombros dele.

— Por que não?

— Porque acabo de encontrar você. Você é meu avô.

Sam olhou para ele por mais um segundo e relaxou. Soltou os ombros de Adam e deu um passo para trás.

— Eu sinto que tenha me encontrado deste jeito — disse, enxugando os olhos.

— Não se desculpe.

— Mas tenho de me desculpar. Peço desculpas por não ter sido um avô melhor. Olhe para mim — disse, olhando para as próprias pernas.

— Um pobre velho com uma roupa de macaco. Um assassino convicto prestes a ser morto com gás como um animal. E olhe para você. Um rapagão instruído e com um futuro brilhante. Onde, neste mundo, eu errei? O que aconteceu comigo? Passei a vida odiando as pessoas e veja o que tenho para mostrar agora. Você, você não odeia ninguém. E veja para onde está indo. Temos o mesmo sangue. Por que estou aqui?

Sam sentou numa cadeira, pôs os cotovelos nos joelhos e cobriu os olhos com as mãos. Os dois ficaram imóveis e em silêncio por um longo tempo. Uma vez ou outra ouviam a voz de um guarda no corredor, mas a sala estava silenciosa.

— Quer saber, Adam, eu preferia não morrer desse modo horrível — Sam disse com voz rouca, com os punhos fechados nos lados da cabeça, sempre olhando para o chão. — Mas não é a morte que me preocupa agora. Há muito tempo eu sei que vou morrer aqui e meu maior medo sempre foi morrer sabendo que ninguém ia se importar. É uma ideia terrível, sabe? Morrer sem que ninguém se importe. Não ter ninguém para chorar e lamentar, para sentir de verdade durante a cerimônia e o enterro. Num dos meus sonhos vejo meu corpo num caixão barato de madeira, na casa funerária, em Clanton, sem ninguém ao meu lado. Nem mesmo Donnie. No mesmo sonho, o pastor sorri, disfarçadamente, durante a cerimônia porque estamos sozinhos, só eu e ele na capela, com fileiras e fileiras de bancos vazios. Mas agora é diferente. Sei que alguém se importa. Sei que você vai ficar triste com minha morte, porque se importa e sei que vai estar lá quando me enterrarem, para que tudo seja feito como deve ser. Estou realmente pronto para partir, agora, Adam. Estou pronto.

— Isso é bom, Sam. Eu respeito seus sentimentos. E prometo que estarei ao seu lado até o amargo fim e vou lamentar e chorar e depois providenciar para que seja enterrado dignamente. Ninguém vai abusar de você enquanto eu estiver aqui, Sam. Mas, por favor, veja o meu lado também. Preciso fazer o melhor possível, porque sou jovem e

tenho toda uma vida pela frente. Não me faça sair daqui sabendo que podia ter feito mais do que fiz. Não é justo.

Sam cruzou os braços e olhou para Adam. O rosto pálido estava calmo, e os olhos úmidos ainda de lágrimas.

— Vamos fazer uma coisa — disse ele, em voz baixa e comovida. — Estou pronto para partir. Vou passar amanhã e terça-feira ultimando meus preparativos. Suponho que vai acontecer à meia-noite de terça-feira e estarei pronto a essa hora. Quanto a você, faça de conta que é um jogo. Se puder ganhar, bom para você. Se perder, estarei pronto para enfrentar a música.

— Então vai cooperar?

— Não. Nada de audiência de indulto. Chega de petições e apelações. Você já tem o bastante para se manter ocupado. Duas petições ainda estão tramitando. Não vou assinar mais nada.

Sam ficou de pé, com os joelhos decrépitos estalando. Foi até a porta e encostou nela.

— E Lee? — perguntou em voz baixa, tirando o maço de cigarros do bolso.

— Ainda na clínica — mentiu Adam, tentado a contar toda a verdade. Parecia coisa de criança mentir para Sam nas últimas horas da vida dele, mas Adam ainda tinha esperança de que ela aparecesse antes da terça-feira. — Você quer vê-la?

— Acho que sim. Ela pode sair da clínica?

— Talvez seja difícil, mas vou tentar. Ela está pior do que eu pensei.

— Lee é alcoólatra?

— É.

— Só isso? Nada de drogas?

— Só álcool. Ela me disse que tem esse problema há muitos anos. O tratamento não é novidade.

— Pobre menina. Meus filhos não tiveram nenhuma chance.

— Lee é uma ótima pessoa. Teve problemas com o casamento. O filho saiu de casa muito cedo e nunca mais voltou.

— Walt, não é?

— Isso mesmo — respondeu Adam.

Que família dolorosamente patética, Sam nem sabia ao certo o nome do neto.

— Que idade ele tem?

— Não sei ao certo. Provavelmente a minha, mais ou menos.

— Ele sabe a meu respeito?

— Não sei. Está fora do país há muitos anos. Mora em Amsterdã.

Sam apanhou uma xícara de cima da mesa e tomou um gole de café frio.

— E Carmen? — perguntou.

Adam instintivamente olhou para o relógio.

— Vou apanhá-la no aeroporto de Memphis dentro de três horas. Estará aqui amanhã cedo.

— Isso me deixa morto de medo.

— Acalme-se, Sam. Carmen é uma grande pessoa. É inteligente, ambiciosa, bonita, e eu já falei sobre você.

— Por que fez isso?

— Porque ela quer saber.

— Pobre menina. Você falou da minha aparência?

— Não se preocupe com isso, Sam. Ela não se importa com a sua aparência.

— Disse para ela que não sou mais aquele monstro selvagem?

— Eu disse que você é um amor, uma gracinha, delicado, com brinco na orelha, rabo de cavalo, desmunhecando e com uns sapatinhos de borracha encantadores que o fazem deslizar graciosamente.

— Não acredito!

— E que você parece ser o favorito dos rapazes aqui da prisão.

— Está mentindo! Não disse nada disso para ela! — O largo sorriso de Sam tinha uma sugestão de dúvida.

A risada de Adam foi um pouco longa demais, um pouco alta demais, mas a pitada de humor era bem-vinda. Os dois tentaram do melhor modo possível parecer que estavam se divertindo. Mas logo passou, dando lugar à preocupação, mais sincera. Sentados lado a lado na beirada da mesa, cada um com os pés numa cadeira, olhavam para o chão, com as nuvens pesadas de fumaça pairando acima deles, no ar imóvel.

Tinham muito que falar, mas muito pouco a dizer. As teorias e manobras legais estavam esgotadas. A família era um assunto que já tinham explorado até onde ousavam. O tempo era assunto para cinco minutos. E os dois sabiam que iam passar juntos grande parte dos dois dias e meio que restavam. Os assuntos sérios podiam esperar. Coisas desagradáveis podiam ficar para um pouco mais tarde. Duas vezes Adam olhou para o relógio e disse que era melhor ir embora, nas duas vezes Sam insistiu para ele ficar, porque, quando Adam saísse, iam levá-lo de volta para a cela, sua pequena jaula, onde a temperatura estava acima de 37 graus. Por favor, fique, pediu ele.

Muito tarde, naquela noite, Adam contou para Carmen os problemas de Lee, tudo sobre Phelps e Walt, falou sobre McAllister e Wyn Lettner e sobre a teoria de um cúmplice, até muitas horas depois de terem terminado uma pizza e falado sobre sua mãe, seu pai, seu avô e todo o pequeno grupo patético. Adam disse que nunca esqueceria daquele momento, dos dois sentados na beirada da mesa, em silêncio, enquanto um relógio invisível tiquetaqueava sem parar,

com Sam uma vez ou outra batendo de leve no joelho dele. Era como se ele precisasse me tocar de modo afetuoso, Adam explicou para a irmã, como um avô toca um neto pequeno e amado.

Carmen tinha ouvido o bastante para uma noite. Foram quatro horas sentada na varanda, sofrendo com a umidade e absorvendo a história triste da família do seu pai.

Mas Adam foi muito cauteloso. Contou os pontos altos, omitindo os vales tenebrosos — não mencionou Joe Lincoln, nem os linchamentos ou os outros crimes. Mostrou Sam como um homem violento que tinha cometido erros terríveis e estava agora soterrado pelo remorso. Pensou em mostrar seu vídeo dos julgamentos, mas desistiu. Faria isso depois. Era demais para uma noite. Em certos momentos, ele mal podia acreditar nas coisas que tinha ouvido naquelas quatro semanas. Seria cruel atirar tudo em cima dela de uma só vez. Adam amava ternamente a irmã. Teriam anos para comentar o resto da história.

QUARENTA E CINCO

Segunda-feira, 6 de agosto, seis horas da manhã. Faltavam quarenta e duas horas. Adam entrou no escritório e trancou a porta.

Esperou até as sete e ligou para o escritório de Slattery, em Jackson. É claro que ninguém atendeu, mas ele esperava encontrar uma mensagem gravada indicando outro telefone, outra pessoa que pudesse dizer alguma coisa. Slattery estava estudando a petição referente à insanidade mental; tratando-a como se fosse parte de um processo qualquer.

Ligou para o serviço de informações e conseguiu o número da casa de F. Flynn Slattery, mas resolveu não telefonar. Podia esperar até as nove.

Adam tinha dormido menos de três horas. Seu pulso estava acelerado, a adrenalina bombeando com força. Seu cliente só tinha agora quarenta e duas horas e, que diabo, Slattery devia dar a decisão rapidamente, fosse qual fosse. Não era justo atrasar a maldita petição, impedindo que Adam a apresentasse a outras cortes.

O telefone tocou e ele atendeu imediatamente. O secretário da pena de morte da Quinta Circunscrição informou que a corte havia indeferido a alegação de incompetência da defesa no julgamento. O parecer da corte era de que a petição era processualmente inválida. Devia ter sido apresentada anos antes. A corte não apreciou o mérito da questão.

— Então por que levaram uma semana para dar a decisão? — perguntou Adam. — Podiam ter chegado a essa conclusão mesquinha há dez dias.

— Vou mandar uma cópia por fax agora mesmo — disse o secretário.

— Obrigado. E desculpe, está bem?

— Mantenha contato, dr. Hall. Estaremos bem aqui à sua espera.

Adam desligou e foi procurar café. Darlene chegou, cansada, abatida, às sete e meia. Trazia o fax da Quinta Circunscrição junto com um pão doce de passas. Adam pediu que ela enviasse por fax a Suprema Corte dos Estados Unidos a petição relativa

à incompetência da defesa. Estava preparada há três dias e o sr. Olander, em Washington, havia dito a Darlene que a corte já a estava estudando.

Darlene voltou logo depois com uma aspirina e um copo com água. Com a cabeça a ponto de estourar, Adam acondicionou grande parte do dossiê Cayhall numa grande pasta de couro e numa caixa de papelão. Entregou a Darlene uma lista de instruções.

Então, saiu do escritório, da filial da Kravitz & Bane em Memphis,

para nunca mais voltar.

O coronel Nugent esperou, impaciente, que fosse aberta a porta da ala, depois entrou apressado na passagem, com oito membros da equipe especial de execução atrás dele. Invadiram a quietude da Ala A com toda a *finesse* de um esquadrão da Gestapo — oito homens enormes, metade de uniforme, metade à paisana, marchando atrás de um galinho de briga empertigado. Ele parou na frente da cela seis, onde Sam, deitado na cama, cuidava da própria vida. Os outros prisioneiros ficaram imediatamente atentos, com os braços para fora das grades.

— Sam, está na hora de ir para a Cella de Observação — disse Nugent, como se isso o aborrecesse demais.

Os homens dele se enfileiraram contra a parede, debaixo das janelas altas.

Sam levantou lentamente e foi até as grades. Olhou carrancudo para Nugent e perguntou:

— Por quê?

— Porque estou dizendo.

— Mas, por que me fazer passar para oito celas adiante na mesma ala? Para que serve isso?

— É o procedimento, Sam. Está no regulamento.

— Então, você não tem um bom motivo, tem?

— Não preciso de motivo. Vire de costas.

Sam foi até a pia e escovou os dentes por um longo tempo. Depois, urinou com as mãos na cintura. Então, lavou as mãos, enquanto Nugent e seus rapazes olhavam e ferviam. Depois acendeu um cigarro, segurou-o entre os dentes, pôs as mãos nas costas e as passou pela estreita abertura das grades. Nugent fechou as algemas e fez sinal para abrir a porta da cela. Sam saiu para a passagem. Inclinou a cabeça para J. B. Gullitt, que parecia apavorado e prestes a chorar. Piscou um olho para Hank Henshaw.

Nugent segurou o braço de Sam e o conduziu para o fim da passagem, passando por Gullitt, Loyd Eaton, Stock Turner, Harry Ross Scott, Buddy Lee Harris e, finalmente, Preacher Boy, que chorava, deitado de bruços na cama. A ala terminava numa parede de barras de ferro, idêntica às das celas, com uma porta pesada no centro. Do outro lado estava outro grupo de asseclas de Nugent, todos observando em silêncio e usufruindo cada momento do espetáculo. Atrás deles havia um corredor curto e estreito, que levava à Sala de Isolamento. E depois, a câmara.

Sam estava agora quinze metros mais próximo da morte. Ele encostou na parede, fumando, observando, num silêncio estoico. Aquilo não era nada pessoal, apenas parte da rotina.

Nugent voltou para a cela seis e rosou suas ordens. Quatro

guardas entraram na cela de Sam e começaram a recolher seus pertences. Livros, máquina de escrever, ventilador, televisão, objetos de toalete, roupas. Eles pegavam tudo como se estivesse contaminado e levavam para a Cella de Observação. O colchão e a roupa de cama foram enrolados e carregados por um guarda forte, a paisana, que, acidentalmente, pisou num lençol e rasgou.

Os prisioneiros observavam aquela atividade toda com tristonha curiosidade. Suas pequenas celas eram como uma segunda camada de pele e ver uma delas tão cruelmente violada era doloroso. Podia acontecer a eles. A realidade de uma execução caía pesadamente sobre todos. Podiam ouvi-la nas batidas das botas pesadas na passagem da ala e nas vozes ásperas e abafadas da equipe da morte. A batida de uma porta distante mal teria sido notada uma semana antes. Agora era como um choque, fazendo saltar os nervos.

Os homens continuaram naquele vaivém até a cela seis ficar vazia. Foi um trabalho rápido. Eles deixaram tudo na nova casa de Sam, sem o menor cuidado.

Nenhum dos oito trabalhava no Corredor. Nugent tinha lido em algum lugar das anotações desordenadas de Naifeh que os membros da equipe de execução deviam ser completamente estranhos para o prisioneiro. Deviam ser escolhidos em outros setores em outros setores da penitenciária. Trinta e um oficiais e guardas tinham se apresentado como voluntários para aquele trabalho. Nugent escolheu os melhores.

— Está tudo na cela? — ele perguntou para um deles.

— Sim, senhor.

— Muito bem. É toda sua, Sam.

— Ora, muito obrigado, senhor — zombou Sam, entrando na cela.

Nugent fez um sinal e a porta da cela fechou. Ele deu um passo para a frente e segurou as barras da porta com as duas mãos.

— Agora, escute, Sam — disse severo. Sam estava encostado na parede, olhando para o outro lado. — Estaremos bem aqui se precisar de alguma coisa, está bem? Nós o trouxemos para cá para o vigiarmos melhor, está bem? Posso fazer alguma coisa?

Sam continuou a olhar para o outro lado, ignorando-o completamente.

— Muito bem. — Nugent recuou e olhou para seus homens. — Vamos — disse ele.

A porta da ala se abriu a menos de três metros de Sam e a equipe da morte saiu em fila. Sam esperou. Nugent olhou para a outra extremidade da cela, voltou-se e saiu atrás deles.

— Ei, Nugent! — Sam gritou de repente. — Que tal tirar estas algemas!

Nugent ficou petrificado e a equipe parou.

— Seu imbecil! — Sam gritou outra vez, enquanto Nugent corria

para trás, procurando as chaves, rosnando ordens. O riso explodiu na ala, alto, com vaias e zombarias. — Não pode me deixar algemado! — berrou Sam, virado para a passagem.

Nugent estava na porta de Sam, rangendo os dentes, praguejando e finalmente encontrou a chave.

— Vire de costas — ordenou.

— Seu burro filho da puta! — berrou Sam, bem na cara do coronel, que estava a menos de sessenta centímetros dele. O riso aumentou de volume.

— E você está encarregado da minha execução! — disse Sam, furioso, bem alto para que todos pudessem ouvir. — Provavelmente vai se matar no meu lugar!

— Não aposte nisso — disse Nugent, zangado. — Agora, vire de costas.

Alguém, Hank Henshaw ou Harry Ross Scott, gritou “Barney Fife! ” e imediatamente o canto ecoou por toda a ala.

— Barney Fife! Barney Fife! Barney Fife!

— Calem a boca! — Nugent gritou.

— Barney Fife! Barney Fife!

— Calados!

Finalmente Sam virou de costas e passou as mãos pela abertura para Nugent. As algemas foram tiradas e o coronel as passou rapidamente entre as grades.

— Barney Fife! Barney Fife! Barney Fife! — eles cantaram em perfeito uníssono até a porta ser fechada e a passagem ficar vazia. As vozes calaram de repente, o riso morreu. Lentamente, os braços desapareceram das grades.

Sam ficou parado, olhando para a passagem e para os dois guardas que o vigiavam do outro lado da porta da ala. Passou alguns minutos arrumando a cela — ligando o ventilador e a televisão, empilhando os livros cuidadosamente, como se fossem ser usados, verificou se a descarga do vaso estava funcionando. Sentou na cama e examinou o lençol rasgado.

Aquela era sua quarta cela do Corredor, e sem dúvida a que ia ocupar por menor tempo. Lembrou das duas primeiras, especialmente a segunda, na Ala B, com seu grande amigo Buster Moac na cela ao lado. Um dia eles haviam levado Buster para a cela onde Sam estava agora, a Cela de Observação, para vigiá-lo o tempo todo, a fim de impedir que cometesse suicídio. Sam chorou quando levaram Buster.

Praticamente todos os condenados que chegavam até ali davam também o passo seguinte. E depois o último.

Garner Goodman foi o primeiro visitante do dia no esplêndido saguão do gabinete do governador. Ele assinou o livro de visitantes, conversou amigavelmente com a bela recepcionista e só queria que o

governador soubesse que ele estava ali à disposição. Ela ia dizer alguma coisa quando o telefone tocou na mesa. A moça apertou um botão, fez uma careta, ouviu, franziu a testa para Goodman, que olhou para o outro lado, depois agradeceu e desligou.

— Essa gente — suspirou a moça.

— Como disse? — perguntou Goodman, a imagem da inocência.

— Estamos recebendo uma chuva de telefonemas sobre a execução do seu cliente.

— Sim, é um caso muito apaixonante. Ao que parece, a maioria das pessoas aqui é a favor da pena de morte.

— Não desta — disse ela, anotando o telefonema num cartão cor-de-rosa. — Quase todos são contra a execução.

— Não diga. É uma surpresa.

— Vou comunicar a sra. Stark que o senhor está aqui.

— Muito obrigado.

Goodman sentou no seu lugar habitual e deu outra olhada nos jornais da manhã. No sábado, o jornal de Tupelo cometeu o erro de começar uma pesquisa por telefone, a fim de medir a opinião pública sobre a execução de Cayhall. Um número para ligação gratuita foi estampado na primeira página, com instruções e naturalmente Goodman e sua equipe de analistas de mercado o bombardearam durante o fim de semana. A edição de segunda-feira publicou os primeiros e espantosos resultados. Dos trezentos e vinte telefonemas, trezentos e dois eram contra a execução. Goodman sorriu, lendo o jornal.

Não muito longe dali, o governador estava sentado a sua mesa, examinando alguns papéis. Parecia preocupado. Seus olhos estavam tristonhos e abatidos.

Mona Stark caminhou pelo chão de mármore com uma xícara de café.

— Garner Goodman está aqui. Esperando no saguão.

— Deixe que espere.

— A linha direta continua sobrecarregada de chamados.

McAllister consultou o relógio. Faltavam onze para as nove.

Passou a mão fechada no queixo. Das 3 horas da tarde de sábado, até às 8 da noite de domingo, sua equipe de pesquisa de opinião havia telefonado para duzentas pessoas no Mississippi. Setenta e oito por cento eram a favor da pena de morte, o que não era surpresa. Entretanto, na mesma amostra pesquisada, cinquenta e um por cento achavam que Sam Cayhall não devia ser executado. As razões variavam. Muitos achavam simplesmente que ele era muito velho. Era um crime de vinte e três anos atrás, numa geração diferente da atual. De qualquer modo, logo ele morreria na Parchman, portanto deviam deixá-lo em paz. Sam estava sendo perseguido por motivos políticos.

Além disso, era branco e McAllister e seus analistas sabiam que esse fator era importante, embora nunca citado.

Essas eram as boas notícias. As más estavam contidas num impresso, ao lado dos jornais. Funcionando só com uma telefonista, a linha direta havia recebido duzentos e trinta e um telefonemas no sábado e cento e oitenta no domingo. Um total de quatrocentos e onze. Mais de noventa por cento eram contra a execução. Desde sexta-feira de manhã, a linha direta tinha registrado oitocentos e noventa e sete telefonemas sobre o velho Sam, com uma maioria de noventa por cento contra a execução. E agora a linha direta estava funcionando sem parar, outra vez.

Isso não era tudo. Os escritórios regionais informavam que estavam recebendo uma avalanche de telefonemas, quase todos contra a morte de Sam. Os funcionários do gabinete chegavam com histórias de um longo fim de semana atendendo o telefone. Roxburgh telefonou para dizer que todas as suas linhas telefônicas estavam ocupadas.

O governador já estava cansado.

— Tenho alguma coisa às dez horas? — perguntou, olhando para Mona.

— Sim, um encontro com um grupo de escoteiros.

— Cancele. Apresente minhas desculpas. Marque para outro dia. Não estou disposto a ser fotografado esta manhã. Acho melhor eu ficar aqui. Almoço?

— Com o senador Pressgrove. Deve falar sobre o processo contra as universidades.

— Não suporto Pressgrove. Cancele e peça frango para o almoço. Pensando melhor, mande Goodman entrar.

Ela saiu e voltou com Garner Goodman. McAllister estava de pé na frente da janela, olhando para os prédios do centro da cidade. Voltou-se com um sorriso cansado.

— Bom dia, dr. Goodman.

Depois do aperto de mãos os dois sentaram. No fim da tarde de domingo, Goodman tinha enviado para Larramore o pedido, por escrito, para que fosse cancelada a audiência de indulto, atendendo ao pedido enfático do seu cliente.

— Ele ainda não quer a audiência, então — disse o governador, com outro sorriso cansado.

— Nosso cliente diz não. Não tem nada a acrescentar. Tentamos de tudo.

Mona deu a Goodman uma xícara de café puro e forte.

— Ele é muito teimoso. Sempre foi, eu acho. Onde estão as apelações, neste momento? — McAllister estava sendo sincero.

— Seguindo os trâmites habituais.

— Dr. Goodman, sei que já passou por isso antes. Para mim é a

primeira vez. Qual é sua previsão, neste momento?

Goodman mexeu o café e pensou na pergunta. Não faria mal ser sincero com o governador, não naquele ponto.

— Eu sou um dos seus advogados, portanto prefiro ser otimista. Diria que a probabilidade de a execução se realizar é de setenta por cento.

O governador pensou por um momento. Quase podia ouvir os telefones tocando através das paredes. Até seus assistentes estavam nervosos.

— Quer saber o que eu quero, dr. Goodman? — perguntou, com sinceridade.

Eu sei, quer que esses malditos telefones parem de tocar, pensou Goodman.

— O quê?

— Queria falar com Adam Hall. Onde ele está?

— Provavelmente na Parchman. Falei com ele há uma hora.

— Ele pode vir até aqui hoje?

— Pode. Na verdade, Adam estava pensando em vir a Jackson esta tarde.

— Tudo bem. Estarei esperando.

Goodman conteve um sorriso. Talvez tivessem feito um pequeno buraco no dique.

Porém, por mais estranho que fosse, a primeira sugestão de esperança vinha de uma frente inesperada.

A SEIS QUADRAS DALI, na corte federal, Breck Jefferson entrou no gabinete do seu chefe, o Excelentíssimo F. Flynn Slattery, que falava ao telefone, muito perturbado, com um advogado. Breck entregou a ele uma volumosa petição para mandado de habeas corpus e um bloco repleto de anotações.

— Sim? — rosnou Slattery, desligando o telefone violentamente.

— Precisamos falar sobre Cayhall — disse Breck, soturnamente. — Sabe que recebemos esta petição alegando insanidade mental.

— Vamos indeferir e tirá-la daqui. Estou muito ocupado para me preocupar com isso. Deixe que Cayhall tente a Quinta Circunscrição. Não quero essa maldita coisa por perto.

Breck hesitou, e falou vagarosamente.

— Mas há uma coisa que precisa ver.

— Ora, vamos, Breck. O que é?

— A alegação pode ser válida.

O rosto e os ombros de Slattery caíram.

— O que é isso, está brincando? Do que se trata? Temos um julgamento em trinta minutos. Um júri nos espera.

Breck Jefferson fora o segundo melhor aluno de direito na Emory. Slattery confiava implicitamente nele.

— Eles alegam que Sam é mentalmente incapaz para enfrentar uma execução, de acordo com um estatuto bastante abrangente do Mississippi.

— Todo mundo sabe que ele é louco.

— Eles têm um especialista disposto a testemunhar. Não podemos ignorar isso.

— Eu não acredito.

— É melhor dar uma olhada.

O meritíssimo massageou a testa com as pontas dos dedos.

— Sente-se. Deixe-me ver.

— SÓ MAIS ALGUNS QUILOMETROS — disse Adam, enquanto seguiam velozmente para a penitenciária. — Como você está?

Carmen quase não tinha falado desde que saíram de Memphis. Estava dedicando sua primeira viagem ao Mississippi a vastidão do Delta, à exuberância das plantações de algodão e de feijão, olhando admirada para as acrobacias dos aviões que pulverizavam os campos, balançando a cabeça para a miséria dos barracos ao lado da estrada.

— Estou nervosa — confessou, não pela primeira vez.

Eles tinham conversado brevemente sobre Berkeley e Chicago e sobre o futuro. Não falaram mais da mãe nem do pai. Sam e sua família foram também esquecidos.

— Ele também está nervoso.

— Isto é muito estranho, Adam. Correndo nesta estrada, no meio destes campos, para conhecer um avô que vai ser executado.

Adam deu uma pancadinha no joelho dela.

— Estamos fazendo a coisa certa.

Carmen estava com calça larga de brim cáqui, botas de caminhada e uma camisa de brim desbotada. Bem o tipo da estudante de psicologia.

— Lá está — Adam apontou.

Nos dois lados da estrada havia carros estacionados. O tráfego estava lento por causa das pessoas que seguiam a pé para a Parchman.

— O que é isso? — Carmen perguntou.

— Um circo.

Passaram por três homens da Klan, que caminhavam no acostamento. Carmen olhou para eles, depois balançou a cabeça, atônita. O carro seguiu, pouco mais depressa do que as pessoas que corriam para as demonstrações. No meio da estrada, na frente do portão, dois policiais dirigiam o trânsito. Fizeram sinal para Adam entrar para a direita, e ele obedeceu. Um guarda da Parchman apontou para uma área ao longo de uma vala rasa, ao lado da estrada.

De mãos dadas, andaram até o portão, parando por um momento e olhando para as dezenas de homens da Klan, amontoados na frente da penitenciária. Alguém fazia um discurso exaltado com um megafone

defeituoso que falhava a cada segundo. Um grupo de camisas pardas estava parado, ombro a ombro, segurando cartazes, de frente para o tráfego. Não menos de cinco furgões de televisão estavam estacionados no outro lado da estrada. Havia câmeras por toda parte. Um helicóptero da imprensa pairava sobre a multidão.

No portão, Adam apresentou Carmen à sua nova amiga Louise, a guarda encarregada, dos papéis. Louise estava nervosa e irritada. Tinha havido uma altercação entre os homens da Klan, a imprensa e os guardas. Os ânimos estavam agitados no momento e, na opinião dela, não parecia que fossem melhorar.

Um guarda uniformizado os escoltou até o furgão da penitenciária e saíram rapidamente da entrada.

— Incrível — disse Carmen.

— Está piorando a cada dia. Espere até amanhã, para ver.

O furgão diminuiu a marcha quando entraram na via principal, sob as grandes árvores de sombra e na frente das casas brancas e bem cuidadas. Carmen observava tudo.

— Isto não parece uma prisão — disse ela.

— É uma fazenda. Nove mil hectares. Os empregados da penitenciária moram nessas casas.

— Com os filhos — completou Carmen, olhando para as bicicletas e patinetes nos jardins. — É tão tranquilo. Onde estão os prisioneiros?

— Espere um pouco.

O furgão virou para a direita, onde começava a estrada de terra. Logo adiante ficava o Corredor.

— Está vendo aquelas torres? — Adam apontou. — A cerca e o arame farpado?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Aquela é a Unidade de Segurança Máxima, o lar de Sam nos últimos nove anos e meio.

— Onde fica a câmara de gás?

— Lá dentro.

Dois guardas examinaram o interior do furgão, depois fizeram sinal para passar pelos portões. Pararam perto da porta da frente, onde Packer os aguardava. Adam o apresentou a Carmen, que a essa altura mal podia falar. Entraram e Packer os revistou delicadamente. Três outros guardas observavam.

— Sam já está lá — disse Packer, indicando com uma inclinação da cabeça o escritório. — Podem entrar.

Adam segurou a mão dela e a apertou com força. Carmen fez um gesto afirmativo e Adam abriu a porta.

Sam estava sentado na beirada da mesa, como sempre, balançando as pernas e sem fumar. O ar na sala estava claro e fresco. Ele olhou para Adam, depois para Carmen. Packer fechou a porta.

Carmen soltou a mão de Adam e se aproximou da mesa, olhando nos olhos de Sam.

— Eu sou Carmen — disse, suavemente.

Sam desceu da mesa.

— Eu sou Sam, Carmen. Seu avô ausente.

Carmen o puxou para ela e se abraçaram.

Só depois de um ou dois segundos Adam percebeu que Sam tinha tirado a barba. O cabelo estava mais curto e parecia mais limpo. O zíper do macacão estava fechado até o pescoço.

Sam segurou os ombros de Carmen e olhou para o rosto dela.

— Você é bonita como sua mãe — disse, com voz rouca. Seus olhos estavam marejados de lágrimas e Carmen se esforçava para não chorar.

Ela mordeu o lábio e tentou sorrir.

— Obrigado por vir — disse ele, com um leve sorriso. — Só sinto que tenha de me conhecer deste modo.

— Você está ótimo — disse Carmen.

— Não comece a mentir, Carmen — disse Adam, quebrando o gelo. — E vamos parar com esse choro antes que fique incontrolável.

— Sente — Sam disse, apontando para uma cadeira. Sentou ao lado da neta, segurando a mão dela.

— Primeiro os negócios, Sam — disse Adam, encostando na mesa.

— A Quinta Circunscrição indeferiu a nossa petição esta manhã. Assim estamos a caminho de pastos mais verdes.

— Seu irmão aqui é um advogado e tanto — Sam disse para Carmen. — Ele me diz isso todos os dias.

— É claro, não tenho muita coisa com que trabalhar — defendeu-se Adam.

— Como vai sua mãe? — Sam perguntou para ela.

— Muito bem.

— Diga que eu perguntei. Lembro-me dela como uma ótima pessoa.

— Eu direi.

— Alguma notícia de Lee? — Sam perguntou para Adam.

— Não. Você quer vê-la?

— Acho que sim. Mas se ela não puder, eu compreendo.

— Vou ver o que posso fazer — disse Adam, com uma confiança que não sentia. Seus últimos dois telefonemas para Phelps não tiveram resposta. Na verdade, no momento não tinha tempo para procurar Lee.

Sam inclinou-se para ela.

— Adam me disse que você está estudando psicologia.

— Isso mesmo. Estou na graduação em Berkeley. Eu...

Uma batida imperiosa na porta interrompeu a conversa.

Adam abriu só um pouco e viu o rosto ansioso de Lucas Mann.

— Me deem licença por um minuto — ele disse para Sam e Carmen, saindo para o corredor.

— O que houve?

— Garner Goodman está à sua procura — disse Mann, quase num murmúrio. — Quer você em Jackson imediatamente.

— Por quê? O que está acontecendo?

— Parece que uma das suas petições acertou o alvo.

O coração de Adam parou.

— Qual?

— O juiz Slattery quer falar sobre a insanidade mental. Marcou uma audiência para as cinco horas de hoje. Não me diga nada, porque posso ter de testemunhar pelo estado.

Adam fechou os olhos e bateu de leve com a cabeça na parede. Mil pensamentos rodopiaram em sua mente.

— Cinco da tarde. Slattery?

— É difícil de acreditar. Escute, você tem de correr.

— Preciso de um telefone.

— Tem um aí dentro — disse Mann, indicando com a cabeça a porta atrás de Adam. — Escute, Adam, não é da minha conta, mas eu não diria nada ao Sam. Isto ainda é uma coisa remota e não faz sentido dar esperanças a ele. No seu lugar, eu esperaria até depois da audiência.

— Tem razão. Obrigado, Lucas.

— Certo. Vejo você em Jackson.

Adam voltou para o escritório, onde eles conversavam sobre a Califórnia.

— Não é nada — disse Adam, franzindo a testa e caminhando casualmente para o telefone. Os dois continuaram a falar e ele fez a ligação.

— Garner, Adam. Estou aqui com Sam. O que há?

— Traga seu traseiro para cá, meu velho — disse Goodman, calmamente. — As coisas estão se mexendo.

— Estou ouvindo.

Sam estava descrevendo sua primeira e única viagem a San Francisco, décadas atrás.

— Primeiro, o governador quer falar em particular com você. Parece que ele está sofrendo. Estamos demolindo o coitado com nossos telefonemas e ele começa a sentir o calor. Mais importante, Slattery, logo ele, está atrapalhado com a alegação de insanidade mental. Falei com ele há meia hora e o homem está mesmo confuso. Eu não ajudei a esclarecer as coisas. Ele quer uma audiência às cinco horas, hoje. Já falei com o dr. Swinn e ele está pronto. Deve estar em Jackson às três e meia, pronto para testemunhar.

— Estou indo — disse Adam, de costas para Sam e Carmen.

— Vamos nos encontrar no gabinete do governador.

Adam desligou.

— Estava só verificando o andamento das apelações — explicou para Sam que, naquele momento, estava indiferente a esses assuntos.

— Preciso ir a Jackson.

— Por que a pressa? — perguntou Sam, como um homem com muitos anos para viver e nada para fazer.

— Pressa? Você disse pressa? São dez horas, Sam, de segunda-feira. Temos exatamente trinta e oito horas para encontrar um milagre.

— Não vai haver nenhum milagre, Adam. — Voltou-se para Carmen, sempre segurando a mão dela. — Não alimente esperanças, meu bem.

— Quem sabe...

— Não. É a minha hora, está bem? E estou muito pronto. Não quero que você fique triste quando tudo acabar.

— Precisamos ir, Sam — disse Adam, tocando o ombro dele. — Volto esta noite, tarde, ou amanhã de manhã.

Carmen se inclinou e beijou o rosto de Sam.

— Meu coração está com você, Sam — murmurou.

Ele a abraçou com força por um segundo, depois ficou de pé ao lado da mesa.

— Vê se se cuida, menina. Estude bastante e tudo o mais. E não pense mal de mim, está bem? Estou aqui por um motivo. Não é culpa de ninguém, só minha. Uma vida melhor me espera fora deste lugar.

Carmen o abraçou outra vez. Ela estava chorando quando saíram da sala.

QUARENTA E SEIS

Ao meio-dia, o juiz Slattery já havia assumido inteiramente a seriedade do momento e embora se esforçasse para não demonstrar, estava adorando aquele breve intervalo no meio da tempestade. Primeiro, ele dispensou o júri e os advogados do julgamento civil que estava presidindo. Tinha falado duas vezes com o secretário da Quinta Circunscrição, em Nova Orleans, depois com o juiz McNeely em pessoa. O grande momento chegou alguns minutos depois das onze, quando o juiz da Suprema Corte, Edward F. Allbright, telefonou de Washington para ser informado. Allbright estava monitorando o caso detalhadamente. Falaram sobre direito e sobre teoria. Nenhum dos dois era contra a pena de morte e ambos tinham problemas com o estatuto do Mississippi em questão. Temiam que fosse usado indevidamente por qualquer prisioneiro do corredor que resolvesse bancar o louco e arranjasse um médico charlatão para confirmar sua loucura.

Os repórteres logo descobriram que ia haver a audiência e não só caíram sobre o gabinete de Slattery com telefonemas, como também se instalaram no escritório da sua recepcionista. O oficial de justiça federal foi chamado para dispersá-los.

A secretária entrava com mensagens a cada minuto. Breck Jefferson consultou inúmeros livros de direito e espalhou suas pesquisas pela longa mesa de conferências. Slattery falou com o governador, com o procurador-geral, com Garner Goodman, com dezenas de outros. Seus sapatos estavam debaixo da mesa em volta da qual ele andava falando no telefone com um fio longo, saboreando com prazer toda aquela loucura.

Se o gabinete de Slattery estava confuso, o do procurador-geral era puro caos. Roxburgh explodiu como uma bala quando soube que um dos tiros de Cayhall havia acertado o alvo. Você luta contra esses animais por dez anos, para cima e para baixo no redemoinho de apelações, saindo de um tribunal e entrando em outro, agitando as mentes de juristas da União Americana das Liberdades Cívicas e outras instituições semelhantes, produzindo nessa jornada uma quantidade de documentos suficiente para destruir uma floresta tropical e no momento em que você o tem na mira, ele entra com uma tonelada de recursos de última hora e um deles é notado por um juiz, de algum lugar, que por acaso está com espírito compassivo.

Roxburgh passou como um furacão pelo corredor, a caminho do gabinete de Morris Henry, o dr. Morte em pessoa, e juntos formaram apressadamente uma equipe dos seus melhores criminalistas. A reunião foi numa grande biblioteca com fileiras e pilhas dos mais

recentes livros de direito. Estudaram a petição de Cayhall e a lei que a ela se aplicava, depois delinearão sua estratégia. Precisavam de testemunhas. Quem tinha visto Cayhall no último mês? Quem podia testemunhar sobre o que ele fazia ou dizia? Não havia tempo para outros exames médicos. Cayhall tinha um médico, mas eles não. Era um grande problema. Para conseguir que fosse examinado por um médico confiável, teriam de pedir mais tempo. E tempo significava um adiamento da execução. Um adiamento estava fora de cogitação.

Os guardas o viam todos os dias. Quem mais? Roxburgh telefonou para Lucas Mann, que sugeriu que ele falasse com o coronel Nugent. Nugent disse que vira Sam há poucas horas e que, sim, teria prazer em testemunhar. O filho da puta não estava louco. Só era malvado. E o sargento Packer o via todos os dias. E a psiquiatra da penitenciária, a dra. Stegall, tinha estado com Sam e ela podia testemunhar. Nugent estava ansioso para ajudar. Sugeriu também o capelão da prisão. E disse que ia pensar em outras pessoas.

Morris Henry organizou um esquadrão de ataque, formado por quatro advogados com o objetivo exclusivo de denegrir o dr. Anson Swinn. Descubra outros casos em que ele esteve envolvido. Fale com outros advogados no país. Localizem transcrições dos seus testemunhos. O homem não passa de um especialista de aluguel, uma testemunha profissional. Reúnam tudo que possa desacreditá-lo.

Uma vez planejado o ataque e todos trabalhando para ele, Roxburgh tomou o elevador para o saguão do prédio para conversar com a imprensa.

Adam estacionou numa vaga ao lado do edifício da câmara estadual. Goodman estava esperando na sombra de uma árvore, sem paletó, as mangas da camisa arregaçadas e a gravata-borboleta impecável, bem no meio do pescoço. Adam apresentou Carmen rapidamente ao dr. Goodman.

— O governador quer ver você às duas horas. Acabo de sair do gabinete dele, pela terceira vez esta manhã. Vamos até nosso escritório — disse ele, apontando na direção geral do centro da cidade. — São só duas quadras.

— Esteve com Sam? — Goodman perguntou para Carmen.

— Sim, esta manhã.

— Fico contente com isso.

— O que o governador está querendo? — perguntou Adam. Estavam andando devagar demais para ele. Acalme-se, pensou, trate de se acalmar.

— Quem sabe? Quer falar com você em particular. Talvez a análise de mercado o esteja derrubando. Talvez esteja planejando um golpe publicitário. Talvez esteja sendo sincero. Eu não posso afirmar. Mas ele parece cansado.

— Os telefonemas estão indo bem?
— Maravilhosamente.
— Ninguém desconfia?
— Ainda não. Francamente, estamos atacando com tanta velocidade e tanta violência que duvido que tenham tempo para localizar as chamadas.

Carmen olhou interrogativamente para o irmão, mas Adam estava preocupado demais para notar.

— Quais as últimas notícias de Slattery? — perguntou Adam quando atravessavam a rua, parando por um minuto, em silêncio, para ver a demonstração na frente da câmara estadual.

— Nada desde esta manhã. A secretária dele telefonou para você em Memphis e sua secretária deu a ele meu telefone aqui. Foi assim que me encontraram. Ele me falou sobre a audiência e disse que Slattery quer os advogados no seu gabinete às três horas, para planejar tudo.

— O que quer dizer isso? — perguntou Adam, desejando desesperadamente que seu mentor dissesse que estavam perto de uma vitória importante.

Goodman percebeu a ansiedade de Adam.

— Francamente, eu não sei. É boa notícia, mas ninguém sabe até quando pode durar. Audiências nesta fase não são raras.

Atravessaram outra rua e entraram no prédio. Lá em cima, o escritório provisório zumbia de atividade, com quatro estudantes falando nos telefones sem fio. Dois estavam sentados com os pés na mesa, um estava de pé na frente da janela, falando animadamente, e a outra andava no fundo da sala, com o telefone preso na cabeça. Adam parou na porta, observando a cena. Carmen parecia confusa.

Goodman explicou em voz baixa:

— Estamos dando uma média de sessenta telefonemas por hora. Fazemos mais ligações do que isso, mas as linhas estão sobrecarregadas. Somos responsáveis por isso, mas assim evitamos que outras pessoas possam telefonar. Diminuí muito no fim de semana. A linha direta estava só com uma telefonista. — Deu a explicação como um orgulhoso gerente de fábrica, mostrando seu moderno maquinário automático.

— Para quem estão telefonando? — perguntou Carmen.

Um estudante de direito se apresentou a Adam e depois a Carmen. Estava se divertindo a valer, disse ele.

— Querem comer alguma coisa? — perguntou Goodman. — Temos alguns sanduíches.

Adam declinou.

— Para onde estão telefonando? — Carmen perguntou outra vez.

— Para a linha direta do governador — disse Adam, sem maiores

explicações.

Ouviram o estudante mais próximo mudar a voz e ler um nome da lista telefônica. Agora ele era Benny Chase, de Hickory Flat, Mississippi, e tinha votado no governador e não achava que Sam Cayhall devia ser executado. Estava na hora do governador dar um passo à frente e tomar conta da situação.

Carmen olhou para o irmão, mas ele a ignorou.

— Esses quatro estudam direito no Mississippi — disse Goodman.
— Desde sexta-feira, usamos cerca de doze estudantes de idades diferentes, brancos e negros, homens e mulheres. O professor Glass nos ajudou muito, descobrindo esses jovens. Ele também deu alguns telefonemas, assim como Kerry e seus rapazes do Grupo de Defesa. Temos pelo menos vinte pessoas telefonando.

Levaram três cadeiras para a ponta da mesa e sentaram.

Goodman apanhou alguns refrigerantes num recipiente de isopor e pôs na mesa. Continuou falando, em voz baixa.

— John Bryan Glass está fazendo pesquisa neste momento. Às quatro horas terá um relatório pronto. Hez Kerry também está trabalhando. Está verificando com seus pares, de outros estados, se estatutos semelhantes têm sido usados recentemente.

— Kerry é o negro? — perguntou Adam.

— Sim. É diretor do Grupo Sulista de Defesa Capital. Muito inteligente.

— Um advogado negro suando a camisa para salvar Sam.

— Não faz diferença para Hez. É só outro caso de pena de morte.

— Eu gostaria de conhecê-lo.

— Vai conhecer. Todos eles estarão presentes na audiência.

— E estão trabalhando de graça? — perguntou Carmen.

— Mais ou menos. Kerry continua recebendo seu salário. Uma parte do seu trabalho consiste em monitorar todos os casos de pena de morte do estado, mas uma vez que Sam tem advogados particulares, Kerry está fora do anzol. Está doando seu tempo, mas é uma coisa que ele quer fazer. O professor Glass recebe pela faculdade de direito, mas isto está completamente fora da sua área profissional. Estamos pagando a esses estudantes cinco dólares por hora.

— Quem está pagando? — ela perguntou.

— A querida velha Kravitz & Bane.

Adam apanhou uma lista telefônica.

— Carmen precisa tomar um avião esta tarde — disse ele, folheando as páginas amarelas.

— Eu me encarrego disso — disse Goodman, tirando a lista das mãos dele. — Para onde?

— San Francisco.

— Vou ver o que posso arranjar. Escute, há uma pequena

delicatessen logo depois da esquina. Por que não vão comer alguma coisa? Vamos a pé até o gabinete do governador, às duas horas.

— Preciso ir a uma biblioteca — disse Adam, consultando o relógio. Era quase uma hora.

— Vá comer, Adam. E procure relaxar. Teremos tempo depois para planejar nossa estratégia com nossos especialistas. Agora você precisa relaxar e comer.

— Eu estou com fome — disse Carmen, ansiosa para ficar sozinha com o irmão por alguns minutos.

Saíram da sala e fecharam a porta.

No corredor sujo, antes de chegarem à escada, Carmen o fez parar.

— Por favor, explique isso — disse ela, segurando o braço dele.

— O quê?

— Aquela salinha.

— É evidente, não é?

— É legal?

— Não é ilegal.

— É ético?

Adam respirou fundo e olhou para a parede.

— O que eles estão planejando fazer com Sam?

— Executá-lo.

— Executar, matar com gás, exterminar, chame como quiser. Mas é assassinato, Carmen. Assassinato legal. É errado e eu estou tentando evitar. É um negócio sujo e se precisar contornar alguma norma de ética, não vou me importar.

— Isso cheira mal.

— A câmara de gás também.

Ela balançou a cabeça e ficou calada. Vinte e quatro horas antes ela estava almoçando com o namorado num café na calçada, em San Francisco. Agora, não tinha muita certeza de onde estava.

— Não me condene por isso, Carmen. Estas são horas desesperadas.

— Tudo bem — disse ela, descendo a escada.

O GOVERNADOR E O jovem advogado estavam sozinhos no vasto gabinete, sentados nas confortáveis poltronas de couro, as pernas cruzadas, os pés quase se tocando. Goodman se encarregara de levar Carmen até o aeroporto. Mona Stark não estava à vista.

— É estranho. Você é neto de Sam e o conhece há menos de um mês. — O tom de McAllister era calmo, quase cansado. — Mas eu o conheço há vários anos. Na verdade, há muito tempo ele tem sido parte da minha vida. E eu sempre pensei que este seria um grande momento para mim. Desejei a morte dele, você sabe, como punição por matar aqueles meninos. — Afastou o cabelo da testa e passou a

mão nos olhos. Suas palavras pareciam sinceras, como se falasse com um velho amigo, pondo em dia as novidades. — Mas agora, não tenho certeza. Tenho de confessar, Adam, a pressão está me afetando.

O homem estava sendo brutalmente franco, ou era um ator consumado, pensou Adam.

— O que o estado vai provar com a morte de Sam? — perguntou Adam. — Será um lugar melhor para viver quando o sol nascer na quarta-feira e ele estiver morto?

— Não. Mas você não acredita na pena de morte. Eu acredito.

— Por quê?

— Porque deve haver uma punição definitiva para o assassinato. Tente colocar-se na posição de Ruth Kramer, que vai pensar de modo diferente. O seu problema, Adam, e das pessoas que pensam como você, é que vocês esquecem as vítimas.

— Podemos discutir horas e horas sobre a pena de morte.

— Tem razão. Vamos deixar isso agora. Sam contou alguma coisa nova sobre o crime?

— Não posso revelar o que Sam me disse. Mas a resposta é não.

— Talvez ele tenha agido sozinho, eu não sei.

— Que diferença ia fazer hoje, um dia antes da execução?

— Para ser franco, não tenho certeza. Mas se eu soubesse que Sam foi apenas um cúmplice, que outra pessoa foi responsável pelas mortes, então eu não poderia permitir que ele fosse executado. Eu poderia impedir, você sabe. Podia fazer isso. Seria um inferno para mim. Ia me prejudicar politicamente. O dano seria irreparável, mas eu faria. Estou farto da política. E não me agrada ser posto nesta posição, em que posso dar ou tirar uma vida. Mas se soubesse a verdade, eu concederia o indulto a Sam.

— Sei que acredita que ele teve ajuda. Já me disse uma vez. O agente do FBI, encarregado da investigação, também acredita. Por que não confia no que acredita e concede o indulto?

— Porque não temos certeza.

— Então, uma palavra de Sam, apenas um nome revelado nestas horas finais e, bingo, você apanha uma caneta e salva a vida dele?

— Não, mas posso conceder um adiamento para que o nome seja investigado.

— Não vai acontecer, governador. Eu já tentei. Perguntei tantas vezes e ele já negou tantas vezes que nem falamos mais no assunto.

— Quem ele está protegendo?

— Não tenho a menor ideia.

— Talvez estejamos enganados. Alguma vez Sam descreveu os detalhes do crime?

— Como eu já disse, não posso falar sobre nossas conversas. Mas Sam assume a responsabilidade total pelo crime.

— Então, por que devo considerar o indulto? Se o próprio criminoso afirma que cometeu o crime, e que agiu sozinho, como posso ajudá-lo?

— Deve ajudá-lo porque ele é um homem velho que, de qualquer modo, logo estará morto. Deve ajudá-lo porque é a coisa certa, e porque no fundo do seu coração é o que quer fazer. É uma coisa que exige um bocado de coragem.

— Ele me odeia, não é?

— Sim. Mas isso pode mudar. Conceda o indulto que ele será seu fã mais ardoroso.

McAllister sorriu e desembrolhou uma bala de hortelã.

— Ele está mesmo louco?

— Nosso especialista diz que sim. Vamos fazer o melhor possível para convencer o juiz Slattery.

— Eu sei, mas de verdade? Você tem passado horas com ele. Ele sabe o que está acontecendo?

Nesse momento Adam tomou uma decisão contra a franqueza. McAllister não era um amigo, e não era possível confiar nele.

— Sam está muito deprimido — admitiu Adam. — Francamente, surpreende-me que uma pessoa possa manter a sanidade mental depois de passar alguns meses no corredor da morte. Sam já era velho quando foi para o corredor e decaiu e definhou bastante. Esse é um dos motivos pelos quais recusa qualquer contato com a imprensa. Sua aparência é lastimável.

Adam não podia saber se o governador estava acreditando, mas certamente estava atento.

— O que você vai fazer amanhã? — McAllister perguntou.

— Não tenho ideia. Depende do que acontecer na audiência de Slattery. Eu tinha pensado em passar o dia todo com Sam, mas posso ter de correr para dar entrada em mais apelação de última hora.

— Vou lhe dar meu telefone particular. Fale comigo amanhã.

Sam comeu três garfadas de feijão com pão de milho e pôs a bandeja nos pés da cama. O mesmo guarda idiota, com rosto inexpressivo, o vigiava do outro lado da porta de grades. A vida já era horrível naqueles cubículos, mas viver como um animal e ser vigiado o tempo todo era insuportável.

Estava na hora do noticiário do fim do dia. Sam queria ouvir o que o mundo andava dizendo a seu respeito. A estação de Jackson começou com a notícia da audiência de último minuto, presidida pelo juiz federal F. Flynn Slattery. A imagem passou para o lado de fora do tribunal federal em Jackson, onde um jovem ansioso, com um microfone, explicou que a audiência ia se atrasar um pouco porque os advogados estavam confabulando no gabinete do juiz. Ele tentou explicar do melhor modo possível o que ia acontecer. A defesa alegava

agora que o sr. Cayhall não tinha capacidade mental suficiente para compreender por que ia ser executado. Ele estava senil e insano, afirmava a defesa, que ia chamar para depor um famoso psiquiatra, nesse derradeiro esforço para evitar a execução. A audiência devia começar a qualquer momento e ninguém sabia qual seria a decisão do juiz Slattery. De volta à estação, o apresentador disse que, nesse momento, na penitenciária de Parchman, todos os sistemas estavam acionados para a execução. Outro jovem com um microfone apareceu de repente na tela, na frente do prédio da penitenciária, descrevendo o reforço da segurança no local. Apontou para a direita e a câmara mostrou o verdadeiro carnaval ao lado da estrada. A patrulha rodoviária estava em ação, orientando o tráfego e atenta a um grupo de dezenas de homens da Ku Klux Klan. Outros protestos incluíam vários grupos de partidários da supremacia branca e de adversários da pena de morte, disse ele.

A câmara voltou para o repórter, que tinha ao seu lado o coronel Nugent, superintendente interino da Parchman e encarregado da execução. Nugent, carrancudo, respondeu a algumas perguntas, disse que tudo estava sob controle e que se as cortes dessem o sinal verde, a execução seria realizada de acordo com a lei.

Sam desligou a televisão. Adam tinha telefonado há duas horas para explicar o assunto da audiência, portanto Sam estava preparado para ouvir dizer que estava senil e insano e só Deus sabia o que mais. Mesmo assim não gostava da ideia. Era bastante doloroso estar à espera da execução, mas ter a própria sanidade mental negada com tanta indiferença era uma invasão cruel da sua privacidade.

A ala estava quente e silenciosa. Televisões e rádios com o mais baixo volume possível. Na cela ao lado, Preacher Boy cantava baixinho “The Old Rugged Cross”, e não era desagradável.

Numa pilha arrumada no assoalho, encostado na parede, estava o seu novo enxoval — uma camisa branca de algodão. Peitilhos, meias brancas e um par de mocassins marrons. Donnie dedicara a ele uma hora do seu tempo durante a tarde.

Sam apagou a luz e relaxou na cama. Trinta horas para viver.

A SALA DO TRIBUNAL, no prédio do tribunal federal, estava repleta quando Slattery finalmente liberou os advogados do seu gabinete pela terceira vez. Fora a última de uma série de conferências acaloradas, que tinham tomado grande parte da tarde. Eram quase sete horas da noite.

Eles entraram no tribunal e ocuparam seus lugares, atrás das respectivas mesas. Adam sentou ao lado de Garner Goodman. Na fila de cadeiras atrás deles estavam Hez Kerry, John Bryan Glass e três dos seus alunos. Roxburgh, Morris Henry e meia dúzia de assistentes sentavam em volta da mesa da Promotoria. Duas filas atrás deles,

depois da grade divisória, estava o governador entre Mona Stark e Larramore.

O resto dos espectadores era, em sua maioria, repórteres — não eram permitidas câmeras. Havia também os curiosos, estudantes de direito, outros advogados. Era uma audiência aberta ao público. Na última fila, com paletó esporte e gravata, estava Rollie Wedge.

Slattery entrou e todos ficaram de pé.

— Sentem-se — disse ele, no microfone. — Vamos aos autos — disse para a estenógrafa.

Fez uma revisão sucinta da petição e da lei que se aplicava, e delineou os parâmetros da audiência. Ele não estava disposto a permitir longos argumentos nem perguntas sem objetivo prático, portanto, sejam concisos, disse para os advogados.

— O requerente está pronto? — perguntou, voltando-se para a direção geral de Adam.

Adam levantou-se, nervoso.

— Sim, senhor. O requerente chama o dr. Anson Swinn.

Swinn, que estava na primeira fila, levantou-se, foi até a cadeira das testemunhas e fez o juramento. Adam dirigiu-se para a tribuna no centro, segurando suas anotações e procurando ser forte. Suas anotações eram meticulosas e datilografadas, resultado do magnífico trabalho de pesquisa, e preparadas por Hez Kerry e John Bryan Glass. Os dois, ajudados pela equipe de Kerry, tinham devotado o dia todo a Sam Cayhall e àquela audiência. E estavam prontos para trabalhar a noite toda e o dia seguinte.

Adam começou com algumas perguntas básicas sobre a formação acadêmica e a experiência profissional de Swinn. As palavras do médico eram acentuadas com a pronúncia seca do meio oeste, o que era bom. Especialistas deviam falar de modo diferente e viajar grandes distâncias, para merecer um bom conceito. Com o cabelo e a barba negros, óculos negros e terno negro, Swinn sem dúvida parecia um ameaçador e brilhante mestre na sua profissão. As perguntas preliminares foram curtas e diretas ao assunto, mas só porque Slattery já havia verificado as qualificações de Swinn e determinado que ele podia testemunhar como um perito. O estado poderia atacar suas credenciais, no seu interrogatório, mas seu testemunho constaria dos autos.

Orientado por Adam, Swinn falou sobre as duas horas que havia passado com Sam Cayhall na última terça-feira. Descreveu suas condições físicas com tantos detalhes que fez Sam parecer um cadáver ambulante. Era grande a probabilidade de ele estar insano, embora insanidade fosse um termo legal, não médico. O prisioneiro tinha dificuldade para responder às perguntas mais elementares, como, o que comeu no café da manhã, quem está na cela ao lado da sua,

quando sua mulher morreu, quem foi seu advogado no primeiro julgamento? E assim por diante.

Swinn procurou se proteger cautelosamente, repetindo várias vezes que duas horas não era um tempo suficiente para fazer um diagnóstico definitivo do sr. Cayhall. Precisaria de mais tempo para isso.

Na sua opinião, Sam Cayhall não reconhecia devidamente o fato de que estava para morrer, não compreendia por que ia ser executado e certamente não sabia que estava sendo punido por um crime. Em certos momentos, Adam cerrava os dentes com força para não estremecer de revolta, mas Swinn era sem dúvida convincente. O sr. Cayhall estava Perfeitamente calmo, ignorando por completo seu destino, definhando numa cela de um metro e oitenta por dois e setenta. Era muito deprimente. Um dos piores casos que tinha visto.

Em outras circunstâncias, Adam ficaria horrorizado com a ideia de chamar uma testemunha tão obviamente ardilosa, mas naquele momento ficou orgulhoso daquele homenzinho bizarro. Uma vida humana estava em jogo.

Slaterry não tinha intenção de abreviar o depoimento do dr. Swinn. O caso seria examinado imediatamente pela Suprema Corte dos Estados Unidos e ele não queria que ninguém lá de cima pudesse corrigir sua decisão. Goodman suspeitava disso e Swinn fora aconselhado a falar o maior tempo possível. Assim, com a indulgência da corte, Swinn começou a explicar as causas prováveis dos problemas de Sam. Descreveu o horror de viver numa cela vinte e três horas por dia, de saber que a câmara de gás está próxima, de ter negada qualquer companhia, comida decente, sexo, movimento, muito exercício, ar fresco. O dr. Swinn havia trabalhado com muitos ocupantes de corredores da morte em todo o país e conhecia bem seus problemas. Sam, é claro, era diferente, devido à sua idade. A média de idade do corredor da morte é de trinta e um anos e em geral estão há quatro anos a espera da execução. Sam tinha sessenta quando chegou na Parchman. Física e mentalmente não estava em condições de suportar aquela situação. A decadência era inevitável.

Swinn falou quarenta e cinco minutos sob o interrogatório direto de Adam. Adam terminou e voltou para sua mesa. Steve Roxburgh foi até a tribuna e olhou fixamente para Swinn.

Swinn sabia o que ia acontecer e não estava nem um pouco preocupado. Roxburgh começou perguntando quem estava pagando seus serviços e quanto ele estava cobrando. Swinn disse que a Kravitz & Bane estava pagando duzentos dólares por hora. Grande coisa. Não tinham um júri para ouvir e Slaterry sabia que todos os especialistas e peritos são pagos para testemunhar. Roxburgh tentou pôr em dúvida as qualificações profissionais de Swinn, mas não conseguiu. O homem era um psiquiatra formado, com grandes conhecimentos e grande

experiência. Então, que importância tinha o fato de, anos atrás, ter resolvido que ganharia mais como testemunha especializada em psiquiatria? Suas qualificações não eram menores por causa disso. E Roxburgh não iria discutir medicina com um médico.

O interrogatório ficou mais estranho quando Roxburgh começou a perguntar sobre outros casos em que Swinn havia testemunhado. Havia o caso do menino gravemente queimado num acidente de automóvel, em Ohio, no qual Swinn afirmara que o menino era mentalmente deficiente. Um parecer nada definitivo.

— Onde pretende chegar com isso? — Slattery interrompeu em voz alta.

Roxburgh consultou suas anotações e disse:

— Excelência, estamos tentando desacreditar esta testemunha.

— Sei disso. Mas não está funcionando, dr. Roxburgh. Esta corte sabe que a testemunha depôs em vários julgamentos em todo o país. Qual é seu objetivo?

— Estamos tentando mostrar que ele se dispõe a dar qualquer parecer, por mais absurdo que seja, desde que seja bem pago para isso.

— Os advogados fazem isso todos os dias, dr. Roxburgh.

Houve alguns risos mas muito discretos.

— Eu não quero ouvir isso — disse Slattery. — Agora, prossiga.

Roxburgh devia ter voltado à sua cadeira, mas o momento era crítico demais para isso. Prosseguiu com o ataque, com perguntas sobre o exame de Sam feito pelo dr. Swinn. Não chegou a lugar algum. Swinn aparava cada pergunta com uma resposta fluente, que só reforçava suas declarações no interrogatório direto. Repetiu a triste descrição da aparência de Sam Cayhall. Roxburgh não marcou nenhum ponto e completamente derrotado voltou para sua mesa. Swinn foi dispensado pelo juiz.

A testemunha seguinte e última para o requerente foi uma surpresa, embora Slattery já o tivesse aprovado. Adam chamou para depor o dr. E. Garner Goodman.

Goodman fez o juramento e sentou. Adam perguntou sobre a representação de Sam Cayhall por sua firma e Goodman fez um resumo sucinto da história, para os autos. Slattery já sabia quase tudo. Goodman sorriu quando falou dos esforços de Sam para despedir a Kravitz & Bane.

— A Kravitz & Bane representa os interesses do sr. Cayhall neste momento? — perguntou Adam.

— Certamente.

— E o senhor está aqui em Jackson, neste momento, trabalhando no caso?

— Exatamente.

— Dr. Goodman, na sua opinião, acredita que Sam Cayhall contou aos seus advogados toda a história da explosão no escritório de Kramer?

— Não, não acredito.

Rollie Wedge endireitou o corpo na cadeira, ouvindo intensamente.

— Quer ter a bondade de explicar?

— É claro. Sempre houve decisivas provas circunstanciais de que outra pessoa estava com Sam Cayhall quando a bomba foi armada e nos outros casos de bombas, anteriores ao de Kramer. O sr. Cayhall sempre se recusou a falar nesse assunto comigo, seu advogado, e mesmo agora se recusa a cooperar com seus advogados. Evidentemente, neste ponto do caso, é da máxima importância que ele revele tudo aos seus advogados. E ele não pode fazer isso. Existem fatos que precisamos saber, mas ele se recusa a nos contar.

Wedge sentiu um misto de preocupação e alívio. Sam continuava firme, mas seus advogados estavam tentando tudo.

Adam fez mais algumas perguntas e voltou ao seu lugar. Roxburgh só fez uma pergunta.

— Quando foi a última vez que falou com o sr. Cayhall?

Goodman hesitou e pensou por um momento. Não podia lembrar exatamente.

— Não tenho certeza. Dois ou três anos.

— Dois ou três anos? E é advogado dele?

— Sou um dos advogados. O dr. Hall é agora o advogado principal neste caso e tem passado muitas horas com o cliente no último mês.

Roxburgh sentou-se e Goodman voltou ao seu lugar.

— Não temos mais testemunhas, Excelência — Adam declarou.

— Chame sua primeira testemunha, dr. Roxburgh — disse Slattery.

— O estado chama o coronel George Nugent — anunciou Roxburgh.

Nugent estava no corredor e foi conduzido à cadeira das testemunhas. A camisa e a calça verde-oliva estavam impecavelmente passadas. As botas cintilavam. Ele declarou para os autos quem era e o que estava fazendo.

— Eu estava na Parchman poucas horas atrás — disse ele, olhando para o relógio. — Vim para cá num helicóptero do estado.

— Quando estive com Sam Cayhall pela última vez? — perguntou Roxburgh.

— Ele foi levado para a Cella de Observação às nove horas desta manhã. Falei com ele nessa ocasião.

— Ele estava mentalmente alerta, ou babando num canto, como um idiota?

Adam ia levantar e protestar, mas Goodman o impediu.

— Ele estava muito alerta — disse Nugent, animado. — Muito

atento. Perguntou por que estava mudando de cela. Ele compreendeu o que estava acontecendo. Não gostou, mas ultimamente Sam não tem gostado de nada.

— O senhor o viu ontem?

— Sim.

— E ele podia falar, ou estava deitado pelos cantos, como um vegetal?

— Oh, estava muito loquaz.

— Sobre o que ele falou?

— Eu tinha uma lista das coisas que precisava resolver com ele.

Sam reagiu com grande hostilidade, chegou a me ameaçar fisicamente. Ele é uma pessoa muito agressiva, com uma língua ferina. Acalmou-se um pouco e falamos sobre sua última refeição, suas testemunhas, o que fazer com seus objetos pessoais. Coisas como essas. Falamos sobre a execução.

— Ele sabe que vai ser executado?

Nugent deu uma risada.

— Que pergunta é essa?

— Apenas responda — disse Slattery, sem um sorriso.

— É claro que sabe. Ele sabe muito bem o que está acontecendo.

Ele não é louco. Ele me disse que não vai ser executado

porque seus advogados iam atacar com artilharia pesada, foi o que ele disse. Eles planejaram tudo isto. — Nugent sacudiu as duas mãos abertas, abrangendo toda a sala.

Roxburgh perguntou sobre seus encontros anteriores com Sam e Nugent não poupou detalhes. Parecia lembrar cada palavra dita por Sam nas duas últimas semanas, especialmente o sarcasmo mordaz e as observações cáusticas.

Adam sabia que era tudo verdade. Confabulou com Goodman e resolveram desistir de interrogar Nugent. Não iam ganhar nada.

Nugent marchou pela passagem e saiu da sala. O homem tinha uma missão. Sua presença era necessária na Parchman.

A segunda testemunha da Promotoria foi a dra. N. Stegall, psiquiatra do Departamento de Correção. Ela caminhou para a cadeira das testemunhas e Roxburgh confabulou com Morris Henry.

— Declare seu nome para os autos — disse Slattery.

— Dra. N. Stegall.

— Anne? — perguntou o juiz.

— Não. N é uma inicial.

Slattery olhou para ela, depois para Roxburgh, que deu de ombros como se não soubesse o que dizer.

O juiz se inclinou para o lado da testemunha e a examinou com atenção.

— Escute, doutora, eu não pedi sua inicial, pedi o seu nome.

Agora, declare seu nome para os autos e seja breve.

Ela desviou os olhos dos dele, pigarreou e com relutância disse:

— Neldeen.

Não admira, pensou Adam. Por que ela não mudou para outra coisa qualquer?

Roxburgh não perdeu tempo e fez uma série de perguntas sobre suas qualificações e experiência. Slattery já a havia declarado apta a testemunhar.

— Agora, dra. Stegall — começou Roxburgh, tendo o cuidado de não fazer qualquer referência a Neldeen —, quando falou com Sam Cayhall?

Ela consultou um papel que tinha na mão.

— Na quinta-feira, 26 de julho.

— E o objetivo da sua visita?

— Como parte do meu trabalho, faço visitas de rotina aos ocupantes do corredor, especialmente os que estão próximos da execução. Eu os aconselho e forneço medicamentos, quando eles pedem.

— Descreva as condições mentais do sr. Cayhall.

— Extremamente alerta, muito inteligente, língua ferina, quase a ponto de ser rude. Na verdade, foi muito rude comigo e me pediu para não voltar.

— Ele falou sobre a execução?

— Sim. Na verdade, ele sabia que tinha treze dias e me acusou de querer medicá-lo para que não desse trabalho quando chegasse a hora. Também manifestou preocupação com outro prisioneiro do corredor, Randy Dupree, que segundo Sam está mentalmente insano. Estava muito preocupado com o sr. Dupree e me censurou por não visitá-lo.

— Na sua opinião, ele sofre de alguma forma de perda da capacidade mental?

— De modo algum. Sua mente está muito alerta.

— Sem mais perguntas — disse Roxburgh, voltando ao seu lugar.

Adam caminhou para a tribuna com passo firme.

— Dra. Stegall, diga-nos, como vai Randy Dupree? — ele perguntou, em voz bem alta.

— Eu, bem, ainda não tive oportunidade de vê-lo.

— Sam falou dele com a senhora há dez dias e não se deu ao trabalho de falar com ele?

— Tenho estado muito ocupada.

— Há quanto tempo está nesse emprego?

— Quatro anos.

— E nesses quatro anos, quantas vezes falou com Sam Cayhall?

— Uma vez.

— A senhora não se importa muito com os prisioneiros do corredor

da morte, certo, dra. Stegall?

— É claro que me importo.

— Quantos homens estão no corredor da morte neste momento?

— Bem, não tenho certeza. Uns quarenta, acho.

— Com quantos a senhora já falou? Cite alguns nomes.

Se foi por medo, revolta ou ignorância, ninguém podia dizer. Mas o fato é que Neldeen ficou petrificada. Fez uma careta, inclinou a cabeça para o lado, como se procurasse em vão um nome no ar. Adam deixou passar um momento e então disse:

— Muito obrigado, dra. Stegall — e voltou para sua cadeira.

— Chame sua testemunha seguinte — ordenou Slattery.

— O estado chama o sargento Clyde Packer.

Packer foi conduzido do corredor para a cadeira das testemunhas. Estava de uniforme mas sem a arma. Fez o juramento e sentou.

Adam não ficou surpreso com o efeito do depoimento de Packer. Ele era um homem honesto que só disse o que tinha visto. Conhecia Sam há nove anos e meio e ele continuava o mesmo de há nove anos atrás. Escrevia à máquina cartas e documentos legais, o dia inteiro. Escrevia processos para os companheiros do Corredor e cartas para as mulheres e namoradas de alguns deles que não sabiam escrever corretamente. Fumava um cigarro atrás do outro porque queria se matar antes que o estado o matasse. Emprestava dinheiro aos amigos. Na sua humilde opinião, Sam estava tão mentalmente sã agora, quanto há nove anos e meio atrás. E sua mente era muito ágil.

Slattery se inclinou mais para o lado da cadeira quando Packer descreveu os jogos de damas de Sam com Henshaw e Gullitt.

— Ele ganha? — perguntou o meritíssimo, interrompendo.

— Quase sempre.

Talvez o ponto decisivo da audiência tenha sido o momento em que Packer contou que Sam havia pedido para ver o nascer do sol antes de morrer. Aconteceu na semana anterior, quando Packer estava fazendo a ronda da manhã. Sam fez o pedido calmamente. Sabia que ia morrer e estava pronto, mas gostaria de dar uma fugida até o pátio no lado leste para ver o sol nascer. Então Packer providenciou e no último sábado Sam havia passado uma hora tomando café e esperando o sol. Depois, ele agradeceu efusivamente.

Adam não tinha perguntas para Packer. O sargento foi dispensado e saiu da sala.

Roxburgh anunciou que sua testemunha seguinte era Ralph Griffin, o capelão da prisão. Griffin foi conduzido a cadeira das testemunhas e olhou timidamente para a sala. Declarou seu nome e profissão, depois olhou desconfiado para Roxburgh.

— O senhor conhece Sam Cayhall? — perguntou Roxburgh.

— Conheço.

— O senhor falou com ele recentemente?

— Sim.

— Quando o viu pela última vez?

— Ontem. Domingo.

— E como descreveria seu estado mental?

— Não posso fazer isso.

— Como disse?

— Eu disse que não posso descrever seu estado mental.

— Por que não?

— Porque neste momento sou seu conselheiro espiritual e qualquer coisa que ele diga ou faça na minha presença é estritamente confidencial. Não posso testemunhar contra o sr. Cayhall.

Roxburgh fez uma pausa, procurando decidir o que faria a seguir. Era evidente que nem ele nem seus eruditos subalternos tinham pensado na possibilidade daquela situação. Talvez tivessem contado com o fato de que, uma vez que o capelão trabalhava para o estado, ia cooperar com eles. Griffin esperou ansioso o ataque de Roxburgh.

Slaterry resolveu o caso rapidamente.

— Uma observação Perfeitamente válida, dr. Roxburgh. Esta testemunha não devia estar aqui. Quem é a próxima?

— Não temos mais testemunhas, Excelência — disse o procurador-geral, ansioso para deixar a tribuna e ir para sua cadeira.

O meritíssimo escreveu durante um longo tempo, depois olhou para a sala lotada.

— Vou estudar esta matéria e dar um parecer, provavelmente amanhã cedo. Logo que minha decisão estiver pronta, notificarei os advogados. Não precisam ficar esperando aqui. Nós telefonaremos. A sessão está encerrada.

Todos levantaram e se dirigiram apressadamente para a porta. Adam alcançou o reverendo Griffin e agradeceu, depois voltou para a mesa onde Goodman, Hez Kerry, o professor Glass e os seus alunos o esperavam. Conversaram em voz baixa até a sala ficar vazia e só então saíram. Alguém falou em drinques e jantar. Eram quase nove horas.

Os repórteres esperavam no lado de fora do prédio. Adam repetiu delicadamente seu “sem comentários”, sem parar de andar. Rollie Wedge seguiu logo atrás de Adam e Goodman no corredor cheio ainda de gente e desapareceu quando eles saíram do prédio.

Lá fora duas equipes de câmeras estavam a postos. No primeiro degrau, Roxburgh falava com um grupo de repórteres, e a pouca distância, na calçada, o governador dava seu espetáculo. Quando Adam passou por ele, ouviu McAllister dizer que o indulto estava sendo considerado, e que ia ser uma longa noite. Amanhã vai ser mais difícil ainda. Alguém perguntou se ele ia assistir à execução. Adam não ouviu a resposta.

Eles SE encontraram no Hal e Mals, um bar restaurante muito popular, no centro da cidade. Hez encontrou uma mesa grande num canto, perto da entrada e pediu cerveja para todos. Uma banda tocava blues no fundo do restaurante. A sala e o bar estavam cheios.

Adam sentou num canto, ao lado de Hez, e pela primeira vez em horas conseguiu relaxar. A cerveja desceu rapidamente e o acalmou. Pediram feijão vermelho com arroz e comentaram a audiência. Hez disse que o desempenho de Adam foi maravilhoso e os estudantes o elogiaram enfaticamente. Estavam otimistas. Adam agradeceu a todos pela ajuda. Goodman e Glass estavam na outra extremidade da mesa, conversando sobre outro caso do corredor da morte. O tempo passou lentamente e quando o jantar chegou, Adam comeu com apetite.

— Talvez não seja o momento para falar no assunto — disse Hez, falando com o canto da boca, para ser ouvido somente por Adam. A banda tocava mais alto. — Suponho que pretenda voltar para Chicago quando isto terminar — disse ele, olhando para Goodman, para ter certeza de que ele continuava entretido na conversa com Glass.

— Acho que sim — disse Adam, sem muita convicção. Não tivera muito tempo para pensar além do dia seguinte.

— Bem, eu só quero que saiba que tem uma vaga à sua disposição no nosso escritório. Um dos nossos advogados vai abrir um escritório particular e estamos procurando outro. Só trabalhamos com casos de pena de morte, você sabe.

— Tem razão — disse Adam, em voz baixa. — É um péssimo momento para falar nisso.

— É trabalho duro, mas gratificante. É também de cortar o coração. Mas necessário. — Hez mastigou um pedaço de salsicha e tomou um gole de cerveja. — O dinheiro é pouco, comparado com o que você ganha na firma. Orçamento apertado, muitas horas de trabalho, muitos clientes.

— Quanto?

— Posso começar com trinta mil.

— Estou ganhando sessenta e dois mil, agora. Com mais a caminho.

— Eu estive lá. Estava ganhando setenta numa grande firma em Washington quando larguei tudo e vim para cá. Faltava pouco para me tornar sócio, mas foi fácil sair. O dinheiro não é tudo.

— Você gosta disso?

— Acaba tomando conta de nós. Precisamos ter convicções morais muito fortes para lutar contra o sistema. Pense no caso.

Goodman agora estava olhando para eles.

— Você vai a Parchman esta noite? — ele perguntou, em voz alta.

Adam tomava sua segunda cerveja. Queria só mais uma. Começava

a se sentir exausto.

— Não. Vou esperar até sabermos alguma coisa, amanhã de manhã.

Comeram, beberam e ouviram Goodman, Glass e Kerry contar histórias de outras execuções. A cerveja fluía com abundância e o otimismo deu lugar à confiança.

Deitado no escuro, Sam esperou a meia-noite. Assistiu ao último noticiário e ficou sabendo que a audiência tinha terminado e que o relógio continuava a funcionar. Não ia haver adiamento. Sua vida estava agora nas mãos de um juiz federal.

Um minuto depois da meia-noite, ele fechou os olhos e fez uma oração. Pediu a Deus para ajudar Lee com seus problemas, para proteger Carmen e para dar a Adam forças para sobreviver ao inevitável.

Tinha vinte e quatro horas de vida. Cruzou as mãos no peito e adormeceu.

QUARENTA E SETE

Nugent esperou até às sete e meia em ponto para fechar a porta e começar a reunião. Foi para a frente da sala e examinou seus soldados.

— Acabo de vir da USM — disse, sombrio. — O prisioneiro está acordado e alerta, nem um pouco como o zumbi idiota que o jornal desta manhã descreve. — Fez uma pausa, sorriu e esperou que todos admirassem seu humor.

Ninguém percebeu.

— Na verdade, ele já tomou café e já está criando caso, pedindo sua hora de recreação. Portanto, uma coisa pelo menos está normal por aqui. Não temos notícia do juiz federal de Jackson, portanto esta coisa continua dentro do que foi planejado, a não ser que sejamos informados do contrário. Certo, dr. Mann?

Lucas estava de frente para a porta da sala, lendo o jornal e tentando ignorar o coronel.

— Certo.

— Agora, temos duas áreas delicadas. A primeira é a imprensa. Designei o sargento Moreland aqui, para lidar com aqueles filhos da mãe. Vamos levá-los para o Centro de Visitantes, perto do portão de entrada e tentar mantê-los lá dentro. Vamos cercá-los de guardas e veremos se alguém tem coragem de sair. Às quatro horas da tarde, farei um sorteio para determinar quais os repórteres que vão assistir a execução. Até ontem tínhamos mais de cem nomes na lista de pedidos. Eles têm direito a cinco lugares.

“O segundo problema é o que está acontecendo fora dos portões. O governador concordou em designar três dúzias de policiais para hoje e amanhã, e eles logo estarão aqui. Temos de nos manter afastados daqueles loucos, especialmente dos skinheads, os filhos da mãe são doidos, mas ao mesmo tempo precisamos manter a ordem. Ontem houve duas brigas e as coisas teriam se agravado rapidamente se não estivéssemos alerta. Se a execução se realizar, podemos ter momentos de grande tensão. Alguma pergunta? ”

Ninguém perguntou nada.

— Muito bem. Espero que todos ajam profissionalmente hoje e conduzam isto de modo responsável. Dispensados. — Nugent fez continência e orgulhosamente os viu sair da sala.

Sam montou no banco com o tabuleiro de damas na sua frente e esperou pacientemente que J. B. Gullitt chegasse no pátio. Tomou o que restava do café frio.

Gullitt entrou no pátio e esperou que tirassem suas algemas. Massageou os pulsos, protegeu os olhos do sol com a mão e olhou para o amigo sentado sozinho. Foi até o banco e tomou posição na frente

de Sam.

Sam não ergueu os olhos.

— Alguma boa notícia, Sam? — Gullitt perguntou nervosamente.

— Diga que não vai acontecer.

— Comece a jogar — disse Sam, olhando para o tabuleiro.

— Não pode acontecer, Sam — implorou ele.

— É sua vez de começar. Comece.

Lentamente Gullitt abaixou os olhos para o tabuleiro.

A TEORIA PREVALECENTE naquela manhã era de que quanto mais tempo Slatery levasse para dar seu parecer, maior seria a probabilidade de um adiamento. Mas essa era a previsão convencional dos que estavam rezando por um adiamento. Nenhuma notícia tinha chegado até as nove horas da manhã. Nada até as nove e meia.

Adam esperava no escritório de Hez Kerry, que se tornara o centro de operações nas últimas vinte e quatro horas. Goodman estava no outro lado da cidade supervisionando o incansável ataque à linha direta do governador, uma tarefa que aparentemente o encantava. John Bryan Glass esperava no lado de fora do gabinete de Slatery.

No caso de Slatery negar o adiamento, eles apelariam imediatamente para a Quinta Circunscrição. A apelação ficara pronta às nove horas, para o caso de ser necessária. Kerry havia preparado também uma petição de revisão para a Suprema Corte dos Estados Unidos, que seria apresentada se o parecer da Quinta

Circunscrição fosse desfavorável. Os documentos estavam esperando. Tudo estava esperando.

Para se manter ocupado, Adam telefonou para todos de quem conseguiu se lembrar. Telefonou para Carmen, em Berkeley. Ela estava dormindo e estava bem. Telefonou para o apartamento de Lee, é claro, e ninguém atendeu. Telefonou para o escritório de Phelps e falou com a secretária. Telefonou para Darlene para dizer que não sabia quando ia voltar. Ligou para o número particular de McAllister, mas a linha estava ocupada. Obra de Goodman.

Telefonou para Sam e falou sobre a audiência na noite passada, enfatizando especialmente a atuação do reverendo Ralph Griffin. Packer tinha testemunhado também, ele explicou, e só disse a verdade. Nugent, como de hábito, foi um cretino. Adam disse que devia estar na Parchman por volta do meio-dia. Sam disse para ele se apressar.

Às onze horas, o nome de Slatery estava sendo amaldiçoado e difamado com fervor ardente. Para Adam, chegava. Telefonou para Goodman e disse que estava indo para a Parchman. Despediu-se de Hez Kerry e agradeceu outra vez.

Então saiu da cidade de Jackson e seguiu para o norte na Rodovia 49. A Parchman ficava a duas horas de automóvel no limite permitido

de velocidade. Adam encontrou uma estação no rádio, com dois noticiários por hora, e ouviu uma discussão interminável sobre o jogo nos cassinos, no Mississippi. Não ouviu nada sobre a execução de Cayhall no noticiário das onze e meia.

Adam dirigia a 120 e 150, ultrapassando nas faixas amarelas, nas curvas e nas pontes. Passou a toda por zonas com limite de velocidade, dentro de pequenas cidades e povoados. Adam não sabia o que o empurrava com tanta urgência para a Parchman. Quando chegasse lá, não poderia fazer muita coisa. As manobras legais tinham ficado em Jackson. Ele ia sentar ao lado de Sam e contar as horas. Ou talvez fossem comemorar um presente magnífico da corte federal.

Parou num armazém na estrada perto da cidadezinha de Flora para pôr gasolina e comprar suco de fruta e estava saindo do posto quando ouviu a notícia. A entrevistadora, sem graça e desanimada com o seu talk show, de repente se animou para transmitir a notícia sobre o caso Cayhall. O juiz F. Flynn Slaterry da Corte Distrital dos Estados Unidos acabava de indeferir a última petição de Cayhall, sua alegação de insanidade mental. A defesa ia apelar à Quinta Circunscrição na próxima hora. Sam Cayhall acabava de dar um passo gigantesco na direção da câmara de gás do Mississippi, disse a entrevistadora, dramaticamente.

Em vez de pisar mais no acelerador, Adam diminuiu a marcha para uma velocidade razoável enquanto tomava o suco de fruta. Desligou o rádio. Abriu um pouco a janela, deixando circular o ar quente. Amaldiçoou Slaterry por vários quilômetros, falando para o para brisa e usando todos os palavrões que conhecia. Passava um pouco do meio-dia. Slaterry podia certamente ter dado a decisão cinco horas antes. Que diabo, se ele tivesse coragem podia ter resolvido na noite anterior. Eles já podiam estar adiantados na Quinta Circunscrição. Adam xingou Breck Jefferson também, por segurança.

Desde o começo Sam tinha dito que o Mississippi queria sua execução. O estado estava na lanterninha, atrás da Louisiana, do Texas e da Flórida, e até mesmo Alabama, Virgínia e Geórgia estavam matando numa velocidade maior. Alguma coisa precisava ser feita. Eram intermináveis as apelações. Os criminosos estavam sendo muito protegidos. O crime aumentava a cada dia. Estava na hora de executar alguém e mostrar para o resto do país que a lei e a ordem eram coisas sérias nesse estado.

Finalmente, Adam acreditou nele.

Depois de algum tempo ele parou de vociferar. Acabou de tomar o suco e jogou a garrafa por cima do carro, na direção de uma vala, violando escandalosamente as leis do Mississippi contra sujar as ruas e estradas. Era difícil para ele, naquele momento, definir sua opinião sobre o Mississippi e suas leis.

Adam podia ver Sam sentado na cela, assistindo a televisão, ouvindo as notícias.

O coração de Adam sofria pelo velho avô. Tinha falhado como advogado. Seu cliente ia morrer nas mãos do governo e ele não podia fazer nada.

A NOTÍCIA ELETRIZOU o exército de repórteres e de cameraman instalado agora no Centro de Visitantes, perto do portão. Eles se amontoavam na frente de televisões portáteis, assistindo às estações de Jackson e de Memphis. Uns quatro filmavam cenas da Parchman, enquanto outros percorriam a área. A área limitada concedida a eles era cercada por um cordão de isolamento, barricadas, e vigiada severamente pelos homens de Nugent.

O barulho cresceu nos dois lados da estrada quando foi dada a notícia. Os homens da Klan, uma centena agora, começaram a cantar em altas vozes, voltados para os prédios da administração. Os skinheads, nazistas e arianos gritavam obscenidades para quem quisesse ouvir. As freiras e outros manifestantes silenciosos, sentados sob guarda-sóis, tentavam ignorar os vizinhos barulhentos.

Sam ouviu a notícia quando estava segurando um prato fundo com nabiças, sua penúltima refeição. Olhou para a televisão, viu a imagem passar de Jackson para a Parchman e voltar para Jackson. Um advogado negro e jovem, do qual nunca ouvira falar, explicava para a imprensa o que ele e os outros da equipe da defesa de Cayhall iam fazer agora.

Seu amigo, Buster Moac, tinha se queixado de que eram tantos os malditos advogados envolvidos com seu caso, nos últimos dias, que ele não sabia mais quem estava do seu lado e quem queria matá-lo. Mas Sam tinha certeza de que Adam estava controlando tudo.

Terminou sua sopa de nabiça e pôs o prato nos pés da cama. Foi até as grades e sorriu com desdém para o guarda de rosto inexpressivo que o vigiava atrás da outra porta de grade. O corredor estava silencioso. As televisões estavam ligadas em todas as celas, todas com o volume baixo, assistidas com interesse mórbido. Não se ouvia uma voz, o que era extremamente raro.

Sam tirou o macacão vermelho pela última vez, sacudiu e jogou-o num canto. Empurrou as sandálias de borracha para debaixo da cama, para não vê-las nunca mais. Estendeu a roupa nova sobre a cama cuidadosamente, desabotoou a camisa de manga curta e vestiu. Serviu Perfeitamente. Vestiu a calça cáqui de trabalho, fechou o zíper e abotoou na cintura. A calça tinha cinco centímetros a mais no comprimento. Sam sentou na cama e dobrou, fazendo uma bainha perfeita. As meias de algodão eram grossas e macias. Os sapatos eram um pouco grandes, mas dava para usar.

A sensação de vestir roupas de verdade trouxe lembranças

dolorosas do mundo livre. Aquele era o tipo de calça que ele tinha usado durante quarenta anos, até ser preso. Ele as comprava no antigo armazém, na praça de Clanton, e sempre tinha quatro ou cinco de reserva no fundo da gaveta da sua cômoda. Sua mulher as passava sem usar goma e depois de lavadas uma dezena de vezes ficavam como calças de pijama. Ele as usava para trabalhar e ir à cidade. Ele as usava quando ia pescar com Eddie e as usava para sentar na varanda, balançando a pequena Lee. Ele as usava para ir à lanchonete e às reuniões da Klan. Sim, ele até estava usando uma na malfadada viagem a Greenville, para explodir o escritório do judeu radical.

Sentou na cama e com dois dedos reforçou o vinco abaixo dos joelhos. Fazia nove anos e seis meses que não vestia uma calça daquelas. Era apropriado, pensou ele, que usasse uma agora, na câmara de gás.

A calça seria cortada do seu corpo, posta num saco e queimada.

Adam parou primeiro no escritório de Lucas Mann. Tinha recebido de Louise, no portão da frente, um bilhete dizendo que era importante. Mann fechou a porta e o convidou para sentar, mas Adam declinou. Estava ansioso para ver Sam.

— A Quinta Circunscrição recebeu a apelação há trinta minutos — disse Mann. — Achei que você ia querer usar meu telefone para ligar para Jackson.

— Obrigado. Ligo do Corredor.

— Muito bem. Estou falando com o gabinete do procurador-geral de meia em meia hora, portanto, se souber de alguma coisa, ligo para você.

— Obrigado. — Adam estava impaciente.

— Sam quer uma última refeição?

— Vou perguntar a ele agora.

— Ótimo. Telefone para mim, ou diga para Packer. E as testemunhas?

— Sam não quer testemunhas.

— E você?

— Não. Ele não quer. Concordamos com isso há muito tempo.

— Tudo bem. Acho que é só. Eu tenho um fax e um telefone e as coisas devem estar mais calmas por aqui. Use meu escritório quando quiser.

— Obrigado — disse Adam, saindo do escritório. Seguiu de carro lentamente até o Corredor e estacionou pela última vez no estacionamento de terra ao lado da cerca. Caminhou para a torre da guarda e pôs as chaves no balde.

Quatro curtas semanas atrás ele tinha parado ali mesmo, vendo pela primeira vez o balde vermelho descer para suas chaves e pensou, então, como aquele sistema era primitivo mas eficiente. Só quatro

semanas! Pareciam anos.

Esperou que os portões duplos fossem abertos e encontrou Tiny nos degraus.

Sam já estava no escritório da frente, sentado na beirada da mesa, admirando os sapatos.

— Veja minha “beca” nova — disse ele orgulhoso, quando Adam entrou.

Adam se aproximou e examinou a roupa, dos sapatos à camisa. Sam sorria satisfeito, com o rosto completamente barbeado.

— Alinhado, muito alinhado.

— Um perfeito modelo, não estou?

— Está ótimo, Sam, ótimo mesmo. Donnie trouxe a roupa?

— Trouxe. Ele comprou numa loja de roupas baratas. Eu comecei a pedir umas grifes de Nova York, mas que diabo, é só uma execução. Eu disse que não ia deixar que me matassem com um daqueles macacões vermelhos. Eu o tirei há pouco, mas nunca mais vou vestir aquilo. Tenho de admitir, Adam, é uma sensação agradável.

— Ouviu a última notícia?

— Claro. Está em todos os noticiários. Sinto muito sobre a audiência.

— Está na Quinta Circunscrição agora e tenho esperança. Acho que temos alguma chance.

Sam sorriu e olhou para longe, como se o menino estivesse contando para o avô uma mentira sem importância.

— Eu vi um advogado negro na televisão, ao meio-dia. Ele disse que está trabalhando para mim. Que diabo está acontecendo?

— Deve ser o Hez Kerry. — Adam pôs a pasta na mesa e sentou.

— Estou pagando para ele também?

— Está, Sam, está pagando para ele o mesmo que paga para mim.

— Só queria saber. Aquele médico maluco, como se chama, Swinn? Ele deve ter inventado uma bela história a meu respeito.

— Foi muito triste, Sam. Quando ele terminou o depoimento, todo o tribunal podia ver você flutuando na sua cela, arreganhando os dentes e urinando no chão.

— Bem, logo vão me livrar dessa miséria toda. — A voz de Sam era forte e alta, quase desafiadora. Sem nenhum traço de medo. — Escute, quero pedir um pequeno favor — disse, apanhando outro envelope.

— Para quem agora?

Sam entregou o envelope para Adam.

— Quero que vá até a estrada, perto do portão, que procure o líder daquele bando da Klan e leia para ele. Veja se consegue que as câmeras filmem tudo porque quero que o povo saiba o que estou dizendo para eles.

Adam segurou o envelope, desconfiado.

— O que diz a carta?

— É curto e grosso. Eu peço a eles para darem o fora. Para me deixarem morrer em paz. Nunca ouvi falar de alguns daqueles grupos e eles estão ganhando muita publicidade à custa da minha morte.

— Sabe que não pode obrigá-los a ir embora.

— Eu sei. E não espero que me obedeçam. Mas a televisão faz com que pareçam todos meus amigos e companheiros. Não conheço nenhum deles.

— Não tenho certeza de que seja uma boa ideia, neste momento — disse Adam, pensando alto.

— Por que não?

— Porque enquanto estamos aqui conversando, estamos declarando à Quinta Circunscrição que você é basicamente um vegetal, incapaz de pensamentos como esse.

De repente Sam se enfureceu.

— Vocês, advogados — esbravejou. — Vocês nunca desistem? Está acabado, Adam, pare de inventar mais jogos.

— Não está acabado.

— Para mim está. Agora, leve essa maldita carta e faça o que estou dizendo.

— Agora mesmo? — perguntou Adam, consultando o relógio. Era uma e trinta da tarde.

— Sim! Agora mesmo. Eu espero aqui.

Adam estacionou ao lado da casa da guarda, no portão da frente, e explicou para Louise o que ia fazer. Estava nervoso. Ela olhou desconfiada para o envelope e chamou dois guardas para tratar do caso. Eles escoltaram Adam para fora do portão e até a área da manifestação. Alguns repórteres que faziam a cobertura dos protestos o reconheceram e imediatamente correram para ele. Adam e o guarda andaram rapidamente ao longo da cerca, ignorando as perguntas deles. Adam estava com medo, mas decidido, e mais do que um pouco tranquilizado pela presença dos dois guarda-costas.

Foram direto para o grande toldo azul e branco, o quartel-general da Klan e, quando Adam parou, um grupo de mantos brancos o esperava. A imprensa cercou Adam, os guardas, os homens da Klan.

— Quem é o encarregado aqui? — perguntou Adam, quase sem respirar.

— Quem quer saber? — perguntou um jovem grandalhão com barba preta e rosto queimado de sol. O suor descia das suas sobrancelhas e ele deu um passo à frente.

— Tenho aqui uma declaração de Sam Cayhall — disse Adam, em voz alta e o círculo se fechou. As câmeras começaram a rodar. Os repórteres ergueram microfones e gravadores em volta dele.

— Silêncio! — gritou alguém.

— Para trás! — rosnou um dos guardas.

Um grupo tenso de homens da Klan, todos com mantos iguais, mas a maioria sem os capuzes, formou uma parede na frente de Adam. Ele não viu nenhum dos sete do seu confronto na sexta-feira. Aqueles caras não pareciam muito amistosos.

O barulho cessou na faixa de relva quando todos se aproximaram para ouvir o advogado de Sam.

Adam tirou a carta do envelope e a segurou com as duas mãos.

— Meu nome é Adam Hall, e sou o advogado de Sam Cayhall. Esta é uma declaração de Sam — repetiu. — Está com data de hoje, e é dirigida a todos os membros da Ku Klux Klan e aos outros grupos de protesto a seu favor, reunidos aqui hoje. Estas são as palavras de Sam. “Por favor, vão embora. Sua presença aqui não é conforto para mim. Estão usando a minha execução como um meio de alimentar seus próprios interesses. Eu não conheço nenhum de vocês, nem quero conhecer. Por favor, vão embora imediatamente. Prefiro morrer sem o benefício do seu teatro.”

Adam olhou para os rostos carrancudos dos homens da Klan, todos com calor, molhados de suor.

— O último parágrafo diz o seguinte. “Não pertenço mais à Ku Klux Klan. Eu repudio essa organização e tudo que ela representa. Eu seria um homem livre hoje se nunca tivesse ouvido falar na Ku Klux Klan. Assinado, Sam Cayhall. ” Adam balançou a carta no ar na direção dos homens da Klan, todos mudos e atônitos.

O de barba negra e rosto queimado de sol lançou-se sobre Adam tentando pegar a carta. “Me dê isso” ele gritou, mas Adam a puxou rapidamente para trás. O guarda à direita de Adam deu um passo rápido para a frente, ficando entre o homem e Adam. O homem o empurrou. O guarda o empurrou para trás e por alguns terríveis segundos os guarda-costas de Adam trocaram empurrões com uns poucos membros da Klan. Outros guardas que estavam perto entraram no jogo de empurrões. A ordem foi restaurada rapidamente. A multidão recuou.

Adam sorriu com desdém para os homens da Klan.

— Vão embora! — ele gritou. — Ouviram o que ele disse! Ele se envergonha de vocês!

— Vá para o inferno! — gritou o líder.

Os dois guardas seguraram Adam e o levaram embora antes que ele os irritasse outra vez. Andaram rapidamente para o portão, empurrando repórteres e cameraman no caminho. Entraram praticamente correndo, passaram por outra fila de guardas, outro grupo de repórteres e finalmente chegaram ao carro de Adam.

— Não volte mais aqui, está bem? — pediu um dos guardas.

O GABINETE DE McAllister tinha a fama de ter mais vazamentos

do que um banheiro velho. No começo da tarde, na terça-feira, o boato mais quente em Jackson era de que o governador estava pensando seriamente em conceder indulto a Sam Cayhall. O boato se alastrou rapidamente do prédio da câmara para os repórteres lá fora, onde foi apanhado por outros repórteres e curiosos e repetido, não como um boato, mas como um rumor sólido. Uma hora depois do vazamento, o rumor tinha atingido o nível de quase-fato.

Mona Stark falou com a imprensa na antessala da câmara e prometeu um pronunciamento do governador um pouco mais tarde. As cortes não tinham ainda concluído o caso, ela explicou. Sim, o governador estava sob tremenda pressão.

QUARENTA E OITO

A Quinta Circunscrição judiciária levou menos de três horas para passar a apelação final para a Suprema Corte dos Estados Unidos. Às três horas houve uma breve conferência por telefone. Hez Kerry e Garner Goodman correram para o gabinete de Roxburgh, que ficava na frente do prédio da câmara municipal. O sistema de comunicação do procurador-geral permitia que ele falasse ao mesmo tempo com Goodman, Kerry, Adam e Lucas Mann na Parchman, o juiz Robichaux, em Lake Charles, a juíza Judy, em Nova Orleans, e com o juiz McNeely, em Amarillo, Texas. O júri de três juízes permitiu que Adam e Roxburgh apresentassem seus argumentos, depois a conferência terminou. Às quatro horas, o secretário da corte telefonou para todas as partes comunicando o indeferimento e os faxes logo seguiram os telefonemas. Kerry e Goodman imediatamente enviaram a apelação, por fax, para a Suprema Corte dos Estados Unidos.

Sam estava sendo submetido ao seu último exame médico quando Adam terminou sua rápida conversa com o secretário. Desligou o telefone lentamente. Sam olhava carrancudo para o médico jovem e apavorado que tirava sua pressão. Packer e Tiny estavam ali perto, a pedido do médico. Com cinco pessoas presentes, o escritório estava lotado.

— A Quinta acaba de indeferir — disse Adam, solenemente. — Estamos a caminho da Suprema Corte.

— Não exatamente a terra prometida — disse Sam, sem tirar os olhos do médico.

— Estou otimista — disse Adam, sem muita convicção, para benefício de Packer.

O médico guardou rapidamente seus instrumentos na maleta.

— Isso é tudo — disse ele, andando para a porta.

— Então estou suficientemente saudável para morrer? — perguntou Sam.

O médico abriu a porta e saiu, seguido por Packer e Tiny. Sam levantou, esticou as costas, depois começou a andar vagarosamente pela sala. Os sapatos largos demais dificultavam seus passos.

— Você está nervoso? — perguntou ele, com um sorriso malévolo.

— É claro que estou. E aposto que você não está.

— A morte não pode ser pior do que a espera. Que diabo, eu estou pronto. Gostaria de acabar logo com isso.

Adam quase repetiu alguma coisa banal sobre a possibilidade de uma chance na Suprema Corte, mas não queria ouvir outra resposta irônica. Sam andava e fumava e não parecia muito disposto a conversar. Adam, como de hábito, pegou o telefone. Ligou para

Goodman e Kerry, mas a conversa foi breve. Não tinham muito para dizer e nenhum otimismo para comunicar.

O CORONEL Nugent PAROU na varanda do Centro de Visitantes e pediu silêncio. À sua frente, no jardim, estava o pequeno exército de repórteres e jornalistas, todos ansiosos à espera do sorteio. Ao lado dele, sobre uma mesa, estava um pequeno balde de alumínio. Cada membro da imprensa usava um crachá cor de laranja numerado dado pela administração da penitenciária para servir de credencial. A multidão estava estranhamente quieta.

— De acordo com o regulamento da Parchman, a imprensa tem direito a oito lugares — explicou Nugent, falando devagar, sua voz chegando até os portões. O coronel aquecia-se agradavelmente à luz da fama. — Um é da AP, um da UPI e um da Rede de Televisão do Mississippi. Isso deixa cinco que devem ser escolhidos pela sorte. Vou tirar cinco números deste balde e se um deles corresponder ao número de suas credenciais, então é o seu dia de sorte. Alguma pergunta?

Várias dezenas de repórteres, de repente, não tinham perguntas. Muitos tiraram os crachás cor de laranja para verificar os números. Uma onda de excitação percorreu o grupo. Nugent, num gesto dramático, tirou um pedaço de papel do balde.

— Número quatro oito quatro três — anunciou, com a pose de um verdadeiro cantor de bingo.

— Aqui — disse um jovem, todo animado, segurando o número da sorte.

— Seu nome? — gritou Nugent.

— Edwin King, do Arkansas Gazette.

Um assistente do diretor, ao lado de Nugent, escreveu os nomes do repórter e do jornal. Os outros olharam para Edwin King com admiração.

Nugent sorteou os outros quatro números rapidamente e completou o grupo. Um desespero visível tomou conta dos repórteres, quando o último número foi anunciado. Os perdedores estavam arrasados.

— Às onze em ponto dois furgões chegarão ali. — Nugent apontou para a rua principal da penitenciária. — As oito testemunhas devem estar presentes e prontas. Serão conduzidas à Unidade de Segurança Máxima para assistir à execução. Câmeras ou gravadores de qualquer tipo são proibidos. Serão revistados quando chegarem lá. Mais ou menos à meia-noite e meia, entrarão nos furgões novamente e voltarão para cá. Haverá então uma entrevista coletiva no salão principal do novo prédio da administração, que será aberto às 9 da noite para sua conveniência. Alguma pergunta?

— Quantas pessoas vão assistir à execução? — perguntaram.

— Aproximadamente treze ou quatorze na sala das testemunhas.

Eu estarei na Sala da Câmara, com o capelão, um médico, o encarregado da execução designado pelo estado, o advogado da penitenciária e dois guardas.

— A família das vítimas assistirá à execução?

— Sim. O sr. Elliot Kramer, o avô, deverá ser uma das testemunhas.

— E o governador?

— De acordo com o estatuto, o governador tem direito a dois lugares na sala das testemunhas, à sua disposição. Um desses lugares será cedido ao sr. Kramer. Não fui informado se o governador estará presente.

— E a família do sr. Cayhall?

— Não. Nenhum dos seus parentes assistirá a execução. Nugent acabava de abrir uma lata de vermes. As perguntas saltavam de todos os lados e ele tinha outras coisas para fazer.

— Chega de perguntas, obrigado — disse ele, saindo da varanda.

Donnie Cayhall chegou para sua última visita alguns minutos antes das seis. Foi conduzido diretamente ao escritório da frente, onde encontrou o irmão bem vestido conversando e rindo com Adam Hall. Sam apresentou os dois.

Até então, Adam tinha evitado o irmão de Sam. O que ele viu foi um homem limpo e bem cuidado, discretamente vestido. E agora que Sam tinha cortado o cabelo, raspado a barba e tirado o macacão vermelho, eram parecidos. Tinham a mesma altura e embora Donnie não fosse gordo, Sam era muito mais magro.

Donnie evidentemente não era o matuto que Adam temia encontrar. Sua satisfação por conhecer Adam era genuína, bem como o orgulho pelo fato de ele ser advogado. Era um homem agradável, com um sorriso franco, bons dentes, mas naquele momento, olhos extremamente tristes.

— Como estão as coisas? — ele perguntou depois de alguns minutos, referindo-se às apelações.

— Está tudo na Suprema Corte.

— Então ainda há esperança?

Sam bufou à sugestão.

— Alguma — disse Adam, muito resignado.

Fez-se um longo silêncio, enquanto Adam e Donnie procuraram algum assunto menos delicado. Sam parecia não se importar. Sentado calmamente numa cadeira, com as pernas cruzadas, ele fumava. Sua mente estava ocupada com coisas que eles nem podiam imaginar.

— Passei na casa do Albert hoje — disse Donnie.

Sam continuou a olhar para o chão.

— Como vai a próstata dele?

— Eu não sei. Ele pensou que você já tivesse morrido.

— É o meu irmão, não tem dúvida.

— Vi também a tia Finnie.

— Eu pensei que ela já tivesse morrido — disse Sam, com um sorriso.

— Quase. Está com noventa e um. Arrasada com o que aconteceu com você. Disse que você sempre foi seu sobrinho favorito.

— Ela não me suportava, e eu não a suportava. Que diabo, antes de vir para cá eu não a via há cinco anos.

— Bem, ela está completamente arrasada com tudo isto.

— Ela se recupera.

De repente Sam sorriu e depois começou a rir.

— Lembra daquela vez que ela foi à privada, atrás da casa da nossa avó, e nós começamos a jogar pedras? Ela saiu gritando e chorando.

Donnie lembrou e começou a rir às gargalhadas.

— Isso mesmo. O telhado era de zinco — disse ele, sem parar de rir — e cada pedra parecia uma bomba.

— É, eu, você e o Albert. Você não devia ter nem quatro anos.

— Mas eu lembro.

A história cresceu e o riso era contagioso. Adam surpreendeu-se rindo também daqueles dois velhos que riam como meninos. A história da tia Finnie na privada levou a outra sobre o marido dela, o tio Garland, que era malvado e aleijado, e as risadas continuaram.

A ÚLTIMA REFEIÇÃO DE Sam foi um ato deliberado de desprezo aos cozinheiros da penitenciária e às rações desprovidas de imaginação com que eles o haviam atormentado durante nove anos e meio. Ele pediu alguma coisa leve, fácil de encontrar e fácil de transportar. Ele muitas vezes lembrava com espanto os jantares de sete pratos pedidos pelos dois que foram antes dele — bife e lagosta e empadão de queijo. Buster Moac havia consumido duas dúzias de ostras, depois salada grega, depois um bife enorme e mais alguns outros pratos. Sam nunca compreendeu como conseguiram tanto apetite algumas horas antes da morte.

Ele não estava com fome nenhuma quando Nugent bateu na porta, às sete e meia. Atrás de Nugent estava Packer e atrás de Packer um prisioneiro com uma bandeja. No centro da bandeja estava um prato grande com três sorvetes Esquimó e ao lado uma pequena garrafa térmica com café French Market, seu favorito. A bandeja foi posta na mesa.

— Não é um grande jantar, Sam — disse Nugent.

— Será que posso comer em paz, ou você vai ficar aí me aborrecendo com sua conversa idiota?

Nugent se empertigou e olhou zangado para Adam.

— Voltaremos dentro de uma hora. Então seu visitante deve se retirar e nós o levaremos para a Cella de Observação, está bem?

— Vá embora — disse Sam, sentando à mesa.

Assim que eles saíram, Donnie disse:

— Que diabo, Sam, por que não pediu alguma coisa que nós todos pudéssemos aproveitar? Que espécie de última refeição é essa?

— É minha última refeição. Quando chegar a sua hora, peça o que quiser.

Com um garfo ele separou o sorvete e a cobertura de chocolate do palito. Levou um grande pedaço à boca e encheu a xícara de café escuro e forte e cheiroso.

Donnie e Adam sentaram nas cadeiras encostadas na parede, atrás de Sam, enquanto ele fazia lentamente sua última refeição.

Eles começaram a chegar às cinco horas. Vinham de todos os cantos do estado, todos dirigindo sozinhos, todos em carros grandes de quatro portas de várias cores com chancelas e emblemas e iniciais nas portas e nos para-lamas. Alguns tinham luzes de emergência na capota. Outros tinham espingardas montadas nas telas acima dos bancos dianteiros. Todos tinham antenas muito altas dançando ao vento.

Eram os xerifes, cada um eleito no seu condado para proteger os cidadãos dos violadores da lei. A maioria deles servia há muitos anos e quase todos já tinham tomado parte no ritual não-oficial do jantar da execução.

Uma cozinheira chamada Miss Mazola preparava o banquete e o menu nunca variava. Ela fritava galinhas grandes em gordura animal. Cozinhava ervilhas com pernis de presunto. E fazia biscoitos de nata do tamanho de pires pequenos. Sua cozinha ficava nos fundos de uma pequena cafeteria perto do prédio da administração. A comida era sempre servida às sete, independente do número de xerifes presentes.

Nessa noite, o número seria o maior desde que Teddy Doyle Meeks fora morto, em 1982. Miss Mazola antecipava isso porque lia os jornais e todo mundo sabia do caso de Sam Cayhall. Ela esperava pelo menos cinquenta xerifes.

Foram recebidos nos portões da Parchman como dignitários e estacionaram desordenadamente em volta da cafeteria. Eram quase todos homens grandes, com estômagos ávidos e apetites vorazes. Estavam famintos depois da longa viagem.

A conversa foi leve e alegre durante o jantar. Comeram como porcos, depois saíram para a frente do prédio, e sentaram nos capôs dos carros olhando o cair da noite. Tiravam fiapos de galinha do meio dos dentes e elogiavam a cozinha de Miss Mazola. Ouviam seus rádios grasnando, como se a notícia da morte de Sam Cayhall estivesse para ser transmitida a qualquer momento. Falaram sobre outras execuções e dos crimes hediondos nos seus condados, e sobre os prisioneiros locais do Corredor. A maldita câmara de gás não estava sendo usada

tanto quanto devia.

Olhavam boquiabertos para as centenas de manifestantes perto da estrada, bem na frente deles. Palitaram os dentes mais um pouco, e entraram outra vez para o bolo de chocolate.

Foi uma noite maravilhosa para os mantenedores da lei e da ordem.

QUARENTA E NOVE

A NOITE envolveu numa quietude sinistra a estrada na frente da Parchman. Os homens da Klan, que nem tinham pensado em ir embora, atendendo ao pedido de Sam, sentados em cadeiras dobráveis ou na relva amassada, esperavam. Os skinheads e as outras irmandades similares que tinham cozinhado no sol de agosto reuniam-se em pequenos grupos, tomando água gelada. As freiras e outros ativistas tinham agora a companhia de um contingente da Anistia Internacional. Acendiam velas, rezavam, murmuravam canções. Procuravam se manter distanciados dos grupos de ódio. Em qualquer outro dia, em qualquer outra execução, outro condenado, e aquelas mesmas pessoas cheias de ódio apareceriam, clamando por sangue.

A calma foi quebrada momentaneamente quando uma picape cheia de adolescentes diminuiu a marcha perto da entrada. De repente começaram a gritar, todos ao mesmo tempo, “Gás no cu dele! Gás no cu dele! Gás no cu dele!” A picape partiu cantando pneu. Alguns homens da Klan levantaram-se de um salto, prontos para a luta, mas os meninos já estavam longe e não voltaram.

A presença imponente da patrulha rodoviária mantinha tudo sob controle. Os policiais, em grupos pequenos, observavam o tráfego e vigiavam atentamente os homens da Klan e os skinheads. Um helicóptero fazia a ronda lá em cima.

Por fim Goodman deu ordem para suspenderem a análise de mercado. Durante cinco longos dias, eles tinham dado mais de dois mil telefonemas. Ele pagou os estudantes, recolheu os celulares e agradeceu a todos. Nenhum deles parecia querer jogar a toalha, por isso foram com ele até o prédio da câmara, onde havia outra vigília a luz de velas. O governador estava ainda no seu gabinete no segundo andar.

Um dos estudantes se ofereceu para levar um telefone para John Bryan Glass, que estava no outro lado da rua, na Suprema Corte do Mississippi. Goodman ligou para ele, depois para Kerry, depois para Joshua Caldwell, um velho amigo que concordou em esperar no gabinete do secretário da pena de morte, em Washington. Goodman tinha todos a postos. Todos os telefones estavam funcionando. Ele telefonou para Adam. Sam estava terminando sua última refeição, Adam disse, e não queria falar com Goodman. Mas mandou dizer muito obrigado por tudo.

Quando o café e o sorvete acabaram, Sam levantou-se e flexionou as pernas. Donnie estava calado há muito tempo. Estava sofrendo e pronto para ir embora. Nugent ia chegar logo e ele queria se despedir agora.

Sam tinha deixado cair uma gota de sorvete na camisa nova e Donnie tentou limpar com um guardanapo.

— Não é muito importante — disse Sam, olhando para o irmão. Donnie continuou limpando a camisa.

— É, tem razão. Acho melhor eu ir agora, Sam. Eles vão chegar logo.

Os dois se abraçaram por um longo tempo, batendo de leve nas costas um do outro.

— Eu sinto muito, Sam — disse Donnie, com a voz embargada. — Eu sinto muito.

Separaram-se, ainda com as mãos nos ombros, os olhos cheios de lágrimas. Não ousavam chorar um na frente do outro.

— Se cuida — disse Sam.

— Você também. Faça uma oração, está bem, Sam?

— Vou fazer. Obrigado por tudo. Você foi o único que se importou.

Donnie mordeu o lábio e virou para que Sam não visse seus olhos. Despediu-se de Adam com um aperto de mãos, mas sem uma palavra. Caminhou atrás de Sam até a porta e saiu.

— Nem uma palavra da Suprema Corte? — perguntou Sam, sem mais nem menos, como se ainda acreditasse numa chance.

— Não — disse Adam, com tristeza.

Sam sentou na mesa, balançando os pés.

— Eu quero mesmo que isso acabe logo, Adam — disse, medindo cada palavra. — Isto é cruel.

Adam não tinha nada a dizer.

— Na China, eles vêm disfarçadamente por trás de você e dão um tiro na sua cabeça. Nada de último prato de arroz. Nada de despedidas. Nada de espera. Não é uma má ideia.

Adam consultou o relógio pela milionésima vez na última hora. Desde o meio-dia, houve certos momentos em que as horas pareciam desaparecer, então, de repente, o tempo parava. Voava, depois rastejava. Bateram na porta.

— Entre — disse Sam, com voz fraca.

O reverendo Ralph Griffin entrou e fechou a porta. Tinha estado duas vezes com Sam naquele dia, e evidentemente estava sofrendo. Era sua primeira execução e já tinha resolvido que seria a última. Seu primo no Senado teria de procurar outro emprego para ele. Cumprimentou Adam com uma inclinação de cabeça e sentou na mesa, ao lado de Sam. Eram quase nove horas.

— O coronel Nugent está aí fora, Sam. Disse que está à sua espera.

— Muito bem, não vamos sair. Vamos ficar aqui sentados.

— Tudo bem.

— Sabe, capelão, meu coração foi tocado nestes últimos dias de um modo que eu nunca imaginei ser possível. Mas, por minha vida, odeio

aquele palhaço aí fora. E não posso evitar.

— O ódio é uma coisa terrível, Sam.

— Eu sei, mas não posso fazer nada.

— Para ser franco, eu também não gosto muito dele.

Sam sorriu para o capelão e passou o braço pelos ombros dele. As vozes lá fora ficaram mais altas e Nugent irrompeu na sala.

— Sam, está na hora de voltar para a Cella de Observação — disse ele.

Adam levantou-se, com os joelhos fracos de medo, o estômago apertado, o coração disparado. Mas Sam não se abalou. Saltou da mesa.

— Vamos — disse ele.

Seguiram Nugent pelo corredor estreito onde alguns dos maiores guardas da Parchman esperavam, encostados na parede. Sam segurou a mão de Adam e andaram juntos, lentamente, com o reverendo atrás.

Adam apertou a mão do avô, ignorando os rostos pelos quais passavam. Atravessaram o centro do Corredor, passaram por dois conjuntos de portas, depois pelas grades no fim da Ala A. A porta da ala fechou atrás deles e acompanharam Nugent na passagem entre as celas.

Sam olhou para os homens que ele conhecia tão bem. Piscou o olho para Hank Henshaw, inclinou a cabeça bravamente para J. B. Gullitt que estava com os olhos cheios de lágrimas e sorriu para Stock Turner. Estavam todos encostados nas grades, as cabeças baixas, o medo estampado nos rostos. Sam olhou para eles com a expressão mais corajosa possível.

Nugent parou na última cela e esperou a porta ser aberta. A fechadura estalou e a porta deslizou para o lado. Sam, Adam e Ralph entraram e Nugent fez sinal para fecharem a porta.

A cela estava escura, a única luz e a televisão apagadas. Sam sentou na cama entre Adam e o reverendo. Apoiado nos cotovelos, abaixou a cabeça.

Nugent os observava atento, mas não disse nada. Ele voltaria dentro de duas horas, às onze, para levar Sam para a Sala de Isolamento. Eles sabiam que ele ia voltar. Parecia cruel dizer a Sam naquele momento que ele ia agora, mas que voltaria. Assim, Nugent saiu pela porta do fim da ala onde seus guardas o esperavam na semi obscuridade. Foi até a Sala de Isolamento onde já tinham posto uma cama de armar para a última hora do prisioneiro. Nugent atravessou a pequena sala e entrou na Sala da Câmara onde estavam sendo feitos os últimos preparativos.

O encarregado oficial da execução estava ocupado e parecia muito eficiente. Era um homem pequeno, magro, chamado Bill Monday. Tinha nove dedos e ganharia quinhentos dólares por seus serviços se a

execução se realizasse. De acordo com o estatuto, ele era designado pelo governador. Estava num cubículo chamado de sala de química, a menos de um metro e meio da câmara de gás. Estudava uma lista na prancheta. Na sua frente, sobre o balcão estava uma lata de meio quilo com cápsulas de cianureto de sódio, um vidro com quatro litros e meio de ácido sulfúrico, um Container de meio litro de ácido cáustico, uma garrafa de aço de sete litros e meio de amoníaco anidro e um Container de cinco galões de água destilada. Ao seu lado, em outro balcão menor, estavam três máscaras contra gases, três pares de luvas de borracha, um funil, sabonete, toalhas de mãos e um esfregão. Entre os dois balcões estava um pote para misturar ácido, montado num cano de duas polegadas que descia para o chão, adentrava a parede e reaparecia ao lado da câmara, perto das alavancas.

Monday tinha três listas de verificação. Uma continha instruções para a mistura dos produtos químicos. O ácido sulfúrico e a água destilada eram misturados para obter uma concentração de aproximadamente 41 por cento. A solução de soda cáustica era feita dissolvendo meio litro de ácido cáustico em dois galões e meio de água e havia mais umas duas misturas que tinham de ser preparadas para limpar a câmara depois da execução. Outra lista incluía todos os produtos químicos e equipamentos necessários. A terceira esclarecia o procedimento a seguir durante o ato da execução.

Nugent falou com Monday. Tudo estava correndo de acordo com o plano. Um dos assistentes de Monday passava graxa nas bordas das janelas da câmara. Um membro à paisana da equipe de execução verificava os cintos e tiras de couro da cadeira. O médico regulava seu monitor de eletrocardiograma. A porta que dava para fora estava aberta, e uma ambulância já esperava na frente dela.

Nugent verificou novamente suas listas, embora já as soubesse de cor há muito tempo. Na verdade, ele havia até mesmo feito outra lista, um gráfico para registrar a execução. O gráfico seria usado por Nugent, Monday e o assistente de Monday. Era uma lista numerada e em ordem cronológica dos passos da execução. Água e ácido misturados, prisioneiro entra na câmara, porta da câmara trancada, cianureto de sódio entra ácido, gás atinge o rosto do prisioneiro, prisioneiro aparentemente inconsciente, prisioneiro certamente inconsciente, movimentos do corpo do prisioneiro, últimos movimentos visíveis, coração para, respiração para, aberta a válvula exaustora, abertas as válvulas dos ralos, aberta a válvula de ar, aberta a porta da câmara, prisioneiro removido da câmara, prisioneiro declarado morto. Ao lado de cada item havia uma linha em branco para marcar o tempo de um passo para outro.

E havia uma lista de execução, um gráfico de vinte e nove passos do começo ao fim da tarefa. É claro, a lista da execução tinha um

apêndice, uma lista de quinze coisas para fazer de cima a baixo, sendo o último passo a colocação do prisioneiro na ambulância.

Nugent sabia cada passo de cada lista. Sabia como misturar os produtos químicos, sabia como abrir as válvulas, quanto tempo devia deixá-las abertas e como fechá-las. Ele sabia tudo.

Nugent saiu para falar com o motorista da ambulância e para tomar um pouco de ar, depois passou pela Sala de Isolamento e voltou à Ala A. Como todos, estava esperando a decisão da maldita Suprema Corte, a favor ou contra.

Mandou dois dos seus maiores guardas fechar as janelas altas da Ala A. Como todo o prédio, as janelas estavam ali há trinta e seis anos e não fechavam silenciosamente. Os guardas as empurraram até o vidro bater e o eco soar pela ala. Trinta e cinco janelas ao todo, cada prisioneiro sabia o número exato e a cada uma que fechavam a ala ficava mais escura e mais silenciosa.

Os guardas terminaram a tarefa e saíram. O Corredor estava agora completamente trancado — cada prisioneiro em sua cela, todas as portas trancadas, todas as janelas fechadas.

Sam começou a tremer quando ouviu as batidas das janelas. Abaixou mais a cabeça. Adam passou o braço pelos ombros frágeis.

— Eu sempre gostei daquelas janelas — disse Sam, com voz baixa e rouca.

Um esquadrão de guardas estava a postos a menos de cinco metros, espiando pela porta de grades da ala, como crianças no zoológico, e Sam não queria que eles ouvissem o que estava dizendo. Era difícil imaginar que Sam pudesse gostar de alguma coisa naquele lugar. — Eu costumava ficar olhando, quando chovia muito, a água que batia nas janelas e aos poucos entrava por elas e escorria para o chão. Sempre gostei da chuva. E da lua. Às vezes, quando as nuvens iam embora, eu ficava de pé na minha cela e via um pedaço da lua por aquelas janelas. Eu sempre imaginei por que não tinha mais janelas aqui. Quero dizer, que diabo, desculpe, capelão, mas se querem manter alguém numa cela o dia inteiro, por que não se pode ver alguma coisa lá de fora? Eu nunca compreendi isso. Acho que eu nunca compreendi uma porção de coisas. Ora, tudo bem. — Parou de falar e ficou em silêncio por algum tempo.

Do escuro chegou até eles o suave tenor de Preacher Boy cantando “Just a Closer Walk with Thee”. Era bonito.

Só um passeio mais perto de Ti, Conceda isso, Jesus, é minha súplica,

Caminhar todos os dias perto de Ti...

— Silêncio! — gritou um guarda.

— Deixe-o em paz! — gritou Sam, sobressaltando Adam e Ralph.

— Cante, Randy — disse Sam, num tom de voz para só ser ouvido na

cela ao lado.

Preacher Boy demorou um pouco, provavelmente ferido nos seus sentimentos, depois começou a cantar outra vez.

Uma porta bateu em algum lugar e Sam deu um pulo. Adam apertou o ombro dele e Sam se acalmou. Seus olhos estavam perdidos em algum lugar do chão escuro.

— Estou vendo que Lee não virá — disse ele, sombriamente.

Adam pensou por um segundo e resolveu contar a verdade.

— Eu não sei onde ela está. Há dez dias não falo com ela.

— Pensei que ela estivesse na clínica de reabilitação.

— Também acho que está, mas não sei onde. Desculpe. Eu fiz de tudo para encontrá-la.

— Pensei muito nela nestes últimos dias. Por favor, diga isso a ela.

— Eu direi. — Se eu a vir de novo, pensou Adam, vou ter de me controlar para não esganá-la.

— E pensei muito em Eddie.

— Escute, Sam, não temos muito tempo. Vamos falar de coisas agradáveis, está bem?

— Quero que você me perdoe pelo que fiz ao Eddie.

— Eu já perdoei, Sam. Tudo está bem. Carmen e eu o perdoamos.

Ralph aproximou a cabeça da de Sam e disse:

— Acho que precisamos pensar em alguns outros também, Sam.

— Talvez mais tarde — disse Sam.

A porta da ala se abriu e ouviram passos apressados. Lucas Mann, acompanhado por um guarda, parou na última cela e olhou para os três vultos sentados na cama.

— Adam, telefone para você — ele disse, nervoso. — No escritório da frente.

Os três vultos ficaram rígidos. Adam levantou de um salto e sem uma palavra saiu da cela, assim que a porta abriu. Seu estômago dava cambalhotas e ele quase correu pela passagem da ala.

— Dê duro neles, Adam — disse J. B. Gullitt, quando ele passou apressado.

— Quem é? — Adam perguntou para Lucas Mann que estava ao lado dele, acompanhando passo a passo.

— Garner Goodman.

Passaram pelo centro da USM e chegaram ao escritório. Adam apanhou o telefone e sentou na mesa.

— Garner, é Adam.

— Estou na antessala da câmara, do lado de fora do gabinete do governador. A Suprema Corte acaba de indeferir todas as nossas petições. Não temos mais nada agora.

Adam fechou os olhos.

— Bem, acho que é o fim — disse, olhando para Lucas Mann.

Lucas franziu a testa e abaixou a cabeça.

— Fique aí mesmo. O governador vai fazer um pronunciamento. Telefone em cinco minutos. — Goodman desligou.

Adam desligou e olhou para o telefone.

— A Suprema Corte negou tudo — disse para Mann. — O governador vai fazer um pronunciamento. Goodman telefona em cinco minutos.

Mann sentou.

— Eu sinto muito, Adam. Muito mesmo. Como está Sam?

— Acho que está suportando melhor do que eu.

— É estranho, não é? Esta é a minha quinta execução e sempre fico admirado com a calma deles. Quando a noite chega, eles desistem de lutar. Fazem a última refeição, despedem-se da família e ficam estranhamente calmos. Eu estaria esperando e gritando. Iam precisar de vinte homens para me tirar da Sala de Observação.

Adam sorriu e então viu a caixa de sapatos aberta sobre a mesa. Estava forrada com papel de alumínio e tinha alguns biscoitos quebrados no fundo. Não estava ali quando eles saíram do escritório.

— O que é isso? — perguntou, curioso.

— Biscoitos da execução.

— Biscoitos da execução?

— Sim, um amor de senhora que mora perto daqui faz esses biscoitos sempre que há uma execução.

— Por quê?

— Eu não sei. Na verdade, não sei por que ela faz isso.

— Quem come os biscoitos? — perguntou Adam, olhando para o que restava no fundo da caixa, como se os biscoitos fossem veneno.

— Os guardas e os prisioneiros com privilégios.

Adam balançou a cabeça. Tinha muito em que pensar para analisar o motivo dos biscoitos da execução.

Para a ocasião, David McAllister vestiu um terno azul marinho, uma camisa branca engomada e gravata cor de vinho. Penteou o cabelo, fixou com laquê, escovou os dentes e então saiu do gabinete por uma porta lateral. Mona Stark examinava os números.

— Os telefonemas pararam finalmente — disse ela, aliviada.

— Não quero falar nesse assunto — disse McAllister, ajeitando a gravata e verificando os dentes no espelho. — Vamos.

Ele abriu a porta e entrou no saguão onde dois guarda-costas o esperavam. Com um guarda de cada lado, entrou na antessala da câmara com as luzes brilhantes. Um grupo de repórteres e câmeras adiantou-se para ouvir o pronunciamento. O governador aproximou-se de um palanque improvisado, com uma dezena de microfones. Entrecerrou os olhos para as luzes fortes, esperou que fizessem silêncio e então falou.

— A Suprema Corte dos Estados Unidos acaba de indeferir as últimas apelações de Sam Cayhall — disse, dramaticamente, como se os repórteres ainda não soubessem. Uma pausa enquanto as câmeras rodavam e os microfones esperavam. — Assim, depois de três julgamentos, depois de nove anos de recursos em todas as cortes permitidas pela nossa Constituição, depois de ter seu caso revisado por não menos de quarenta e sete juízes, a justiça finalmente chegou para Sam Cayhall. Seu crime foi cometido há vinte e três anos. A justiça pode ser lenta, mas ainda funciona. Muita gente me telefonou dizendo que eu devia conceder o indulto para Sam Cayhall, mas não posso fazê-lo. Não posso contrariar a decisão do júri que o condenou, nem impor meu julgamento ao das nossas cortes. Também não pretendo ir contra o desejo dos meus amigos, os Kramer. — Outra pausa. McAllister falava sem consultar anotações mas era evidente que havia trabalhado longamente naquele pronunciamento. — Espero sinceramente que a execução de Sam Cayhall apague um capítulo doloroso da história torturada do nosso estado. Peço a todo o povo do Mississippi para se unir, depois desta triste noite, e trabalhar pela igualdade. Que Deus tenha piedade da sua alma.

McAllister recuou quando começaram as perguntas. Os guardas abriram uma porta lateral e ele saiu. Os três desceram apressadamente uma escada e saíram pela porta do lado norte e entraram num carro. A dois quilômetros dali um helicóptero os esperava.

Goodman saiu do prédio e parou ao lado de um velho canhão que, por algum motivo, apontava para os arranha-céus do centro da cidade. Mais abaixo, ao lado da escadaria, um grande grupo de manifestantes segurava velas acesas. Ele telefonou para Adam, depois passou no meio das pessoas com as velas e deixou a área da câmara municipal. Começaram a cantar um hino quando Goodman atravessou a rua e, depois de andar duas quadras, ele não o ouviu mais. Andou a esmo por algum tempo, depois seguiu para o escritório de Hez Kerry.

CINQUENTA

O caminho DE VOLTA a Cella de Observação foi muito mais longo para Adam. Ele percorreu sozinho os corredores agora conhecidos. Lucas Mann desapareceu em algum lugar no labirinto do Corredor.

Enquanto esperava na frente da porta no centro do prédio, Adam percebeu imediatamente duas coisas. Primeira, havia mais movimento no Corredor, mais guardas, mais estranhos com crachás e armas na cintura, mais homens com expressão severa e camisas de mangas curtas e gravatas de poliéster. Era um acontecimento, um fenômeno singular, excitante demais para ser perdido. Adam imaginou que todos os funcionários da penitenciária com alguma influência e autoridade faziam questão de estar no Corredor quando Sam fosse executado.

A segunda coisa que chamou sua atenção foi que sua camisa estava encharcada e o colarinho grudado no pescoço. Afrouxou a gravata quando a porta estalou e deslizou para o lado com o zumbido do motor elétrico. Em algum lugar daquele labirinto de paredes de concreto, janelas e grades um guarda estava atento e apertando os botões certos. Adam passou pela porta aberta, ainda puxando a gravata para baixo e abrindo o botão da camisa e caminhou para a próxima barreira, uma parede de grades que levava a Ala A. Passou a mão na testa. Estava seca. Encheu os pulmões com o ar úmido e viciado do Corredor.

Com as janelas fechadas, a ala estava sufocante. Outro estalo, outro zumbido elétrico e ele entrou na passagem que, segundo Sam, tinha dois metros e vinte de largura. As luzes fluorescentes desenhavam sombras pálidas no teto e no chão. Sentindo os pés pesados como chumbo, Adam passou pelas celas, todas ocupadas por assassinos brutais, cada um rezando ou meditando, um ou dois chorando.

— Boas notícias, Adam? — implorou J. B. Gullitt, no escuro.

Adam não respondeu. Sem parar de andar, olhou para as janelas com os vidros manchados de vários tons de tinta e imaginou quantos advogados teriam feito essa caminhada final do escritório da frente para a Cella de Observação, a fim de informar um homem que o último fiapo de esperança não existia mais. Aquele lugar tinha uma história variada de execuções, portanto, concluiu que muitos outros tinham sofrido fazendo aquela jornada. Garner Goodman tinha levado a notícia final a Maynard Tole, e, pensando nisso, Adam sentiu renovar suas forças.

Ignorou os olhares do pequeno grupo que acompanhava sua passagem, numa expectativa curiosa, na extremidade da ala. Parou na frente da última cela, esperou e a porta se abriu obedientemente.

Sam e o reverendo continuavam sentados na cama, as cabeças

muito juntas, no escuro, falando em voz baixa. Olharam para Adam que sentou ao lado de Sam e passou o braço pelos ombros dele, ombros que pareciam mais frágeis agora.

— A Suprema Corte acaba de negar tudo — disse, em voz muito baixa, quase trêmula. O reverendo gemeu dolorosamente. Sam balançou a cabeça afirmativamente, como se não fosse novidade para ele. — E o governador negou o indulto.

Sam tentou erguer os ombros com bravura, mas não teve forças. Afundou mais na cama.

— Que o Senhor tenha piedade — disse Ralph Griffin.

— Então, acabou — disse Sam.

— Não resta mais nada — murmurou Adam.

Ouviam os murmúrios excitados da equipe da morte, amontoada na extremidade da ala. A coisa ia então acontecer. Uma porta bateu em algum lugar atrás deles, na direção da câmara, e os joelhos de Sam bateram convulsivamente um no outro.

Ele ficou calado por um momento — um minuto ou quinze, Adam não saberia dizer. O ponteiro do relógio continuava saltando e parando.

— Acho que precisamos rezar agora, capelão — disse Sam.

— Acho que sim. Já esperamos demais.

— Como quer rezar?

— Bem, Sam, exatamente o que você quer pedir?

Sam pensou por um momento, e então disse:

— Eu gostaria de ter certeza de que Deus não vai estar zangado comigo quando eu morrer.

— Boa ideia. E por que acha que Deus pode estar zangado com você?

— É claro, não é?

Ralph esfregou as mãos.

— Acho que o melhor meio de fazer isso é confessar seus pecados e pedir o perdão de Deus.

— Todos eles?

— Não precisa enumerar todos, apenas peça a Deus para perdoar tudo.

— Uma espécie de cobertor de arrependimento.

— Isso mesmo. E vai funcionar, se você estiver falando sério.

— Estou falando sério.

— Você acredita no inferno, Sam?

— Acredito.

— Acredita no céu?

— Acredito.

— Acredita que todos os cristãos vão para o céu?

Sam pensou por um longo tempo, depois assentiu com a cabeça e

perguntou:

— Você acredita?

— Sim, Sam, acredito.

— Então acredito na sua palavra.

— Muito bem. Confie em mim, certo?

— Quer saber, parece fácil. É só dizer uma prece e tudo está perdoado.

— Por que acha estranho?

— Porque eu fiz algumas coisas más, reverendo.

— Nós todos fazemos coisas más. Nosso Deus é um Deus de amor infinito.

— Você não fez o que eu fiz.

— Vai se sentir melhor se falar a respeito?

— Vou, não posso me sentir bem enquanto não falar.

— Estou aqui, Sam.

— Querem que eu saia por um minuto? — perguntou Adam. Sam apertou o joelho dele.

— Não.

— Não temos muito tempo, Sam — disse Ralph, olhando para fora da cela.

Sam respirou fundo e começou a falar num tom monótono, com cuidado para ser ouvido somente por Ralph e Adam.

— Eu matei Joe Lincoln a sangue-frio. Já disse que estou arrependido.

Ralph murmurava alguma coisa baixinho, enquanto ouvia. Já estava orando.

— E ajudei meus irmãos a matar aqueles dois homens que mataram nosso pai. Francamente, eu nunca me arrependi disso, até agora. A vida humana me parece muito mais valiosa hoje. Eu estava errado. E tomei parte num linchamento quando tinha quinze ou dezesseis anos. Eu era apenas parte de um grupo e provavelmente não poderia ter impedido, se tentasse. Mas não tentei e me sinto culpado.

Sam parou de falar. Adam conteve a respiração, desejando que a confissão acabasse. Ralph esperou e esperou e finalmente disse:

— Isso é tudo, Sam?

— Não, tem mais um.

Adam fechou os olhos e se preparou para o que ia ouvir. Estava atordoado e com vontade de vomitar.

— Houve outro linchamento. Um rapaz chamado Cletus. Não lembro seu sobrenome. Um linchamento da Klan. Eu tinha dezoito anos. É tudo que posso dizer.

Este pesadelo nunca vai acabar, pensou Adam.

Sam respirou fundo e ficou em silêncio por alguns minutos. Ralph rezava ardentemente. Adam esperou.

— E eu não matei os meninos Kramer — Sam disse, com voz trêmula. — Eu não devia estar lá e fiz mal em me envolver naquilo. Estou arrependido há muito tempo de ter feito tudo aquilo. Foi um erro entrar para a Klan, odiar todo mundo, armar aquelas bombas. Mas eu não matei aqueles meninos. Não tinha intenção de ferir ninguém. Aquela bomba devia explodir no meio da noite, quando não tivesse ninguém por perto. Era o que eu acreditei que ia acontecer. Mas foi armada por outra pessoa, não por mim. Eu era só o vigia, o motorista, um assecla. Essa outra pessoa armou a bomba para explodir muito mais tarde do que eu pensava. Eu não tinha intenção de matar ninguém, mas acho que ele tinha.

Adam ouviu as palavras, as recebeu, absorveu, mas estava atônito demais para fazer um movimento.

— Mas eu podia ter evitado. E isso me torna culpado. Aqueles meninos podiam estar vivos hoje se eu tivesse agido de modo diferente, depois que a bomba foi armada. O sangue deles está nas minhas mãos e há anos eu sofro com isso.

Ralph pôs a mão na nuca de Sam.

— Reze comigo, Sam.

Sam cobriu os olhos com as duas mãos e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Você acredita que Jesus Cristo é filho de Deus, que veio a este mundo, nascido de uma virgem, viveu uma vida sem pecado, foi perseguido e morreu na cruz para que pudéssemos ter a salvação eterna? Acredita nisso, Sam?

— Sim — murmurou ele.

— E que ele ressuscitou e subiu ao céu?

— Sim.

— E que através dele todos os seus pecados estão perdoados? Todas as coisas terríveis que pesam no seu coração estão agora perdoadas. Acredita nisso, Sam?

— Sim, sim.

Ralph tirou a mão da cabeça dele e enxugou os olhos. Sam não se moveu, mas seus ombros tremiam. Adam apertou com mais força o braço dele.

Randy Dupree começou a assobiar outra estrofe de “Just a Closer Walk with Thee”. As notas eram claras e precisas e ecoavam suavemente na ala.

— Capelão — disse Sam, endireitando o corpo —, aqueles meninos Kramer estão no céu?

— Estão.

— Mas eles eram judeus.

— Todas as crianças vão para o céu, Sam.

— Eu vou vê-los lá em cima?

— Eu não sei. Há muita coisa sobre o céu que eu não sei. Mas a Bíblia promete que não haverá sofrimento quando chegarmos lá.

— Isso é bom. Então espero vê-los.

A voz inconfundível do coronel Nugent interrompeu a calma. A porta da ala estalou, zumbiu e se abriu. Marchando, ele percorreu o metro e meio até a Cela de Observação. Seis guardas o acompanhavam.

— Sam, está na hora de ir para a Sala de Isolamento — disse ele.

— São onze horas.

Os três homens levantaram, lado a lado. A porta da cela abriu e Sam foi o primeiro a sair. Sorriu para Nugent, depois voltou-se e abraçou o reverendo.

— Obrigado — disse ele.

— Eu te amo, irmão! — gritou Randy Dupree da sua cela a menos de três metros.

Sam olhou para Nugent e disse:

— Posso me despedir dos meus amigos?

Um desvio das regras. O manual dizia claramente que o prisioneiro devia ser levado diretamente da Cela de Observação para a Sala de Isolamento, sem mencionar nenhum passeio final pelo corredor. Nugent ficou sem saber o que fazer, mas depois de alguns segundos disse amavelmente:

— Claro, mas seja rápido.

Sam deu alguns passos e segurou as mãos de Randy através das grades. Depois foi para a cela seguinte e apertou a mão de Harry Ross Scott.

Ralph Griffin passou pelos guardas e saiu da ala. Encontrou um canto escuro e chorou como uma criança. Nunca mais veria Sam. Adam ficou na porta da cela, perto de Nugent, e os dois viram Sam andar pela passagem, parando em cada cela, murmurando alguma coisa para cada prisioneiro. Demorou mais com J. B. Gullitt que soluçava alto.

Então voltou-se e caminhou bravamente de volta, contando os passos, sorrindo para os prisioneiros. Segurou a mão de Adam.

— Vamos — disse para Nugent.

Eram tantos os guardas amontoados no fim do corredor que mal dava para passar. Nugent foi na frente, seguido por Sam e depois Adam. A massa humana contribuía para aumentar a temperatura do ar abafado. A demonstração de força era necessária, evidentemente, para dominar um prisioneiro relutante, ou para intimidá-lo. Parecia Perfeitamente idiota para um homem velho e pequeno como Sam Cayhall.

A passagem de uma cela para outra, uma distância de seis metros, não levou mais do que alguns segundos, mas Adam estremecia a cada

passo doloroso. Através do túnel humano de guardas armados, pela porta pesada de aço, dentro da pequena sala. A porta na outra extremidade estava fechada. Era a que dava para a câmara.

Adam e Sam sentaram na pequena cama de lona. Nugent fechou a porta e ajoelhou na frente deles. Os três estavam sozinhos. Adam passou o braço pelos ombros de Sam.

Nugent, com o rosto crispado, pôs a mão no joelho de Sam e disse:

— Sam, vamos passar por isto juntos. Agora...

— Seu cretino idiota — explodiu Adam, atônito com aquelas palavras.

— Ele não pode evitar — disse Sam para Adam. — Ele só é burro. Mas não sabe disso.

Nugent sentiu a repulsa e tentou pensar em alguma coisa adequada para dizer.

— Só estou tentando acabar com tudo isto, certo? — disse para Adam.

— Por que não vai embora? — perguntou Adam.

— Quer saber de uma coisa, Nugent? — disse Sam. — Eu li uma tonelada de livros de direito. E li páginas e páginas dos regulamentos da prisão. Em nenhum lugar li que sou obrigado a passar minha última hora de vida com você. Nenhuma lei, nenhum estatuto, nenhum regulamento, nada.

— Dê o fora daqui — disse Adam, pronto para agredi-lo fisicamente se fosse necessário.

Nugent levantou bruscamente.

— O médico vai entrar por aquela porta às onze e quarenta. Vai prender um estetoscópio no seu peito. Às onze e cinquenta e cinco, eu vou entrar, também por aquela porta. Então, vamos para a Sala da Câmara. Alguma pergunta?

— Não. Vá embora — disse Adam, apontando para a porta.

Nugent saiu apressado.

De repente, estavam sozinhos. Apenas com mais uma hora.

Dois furgões iguais da penitenciária pararam na frente do Centro de Visitantes e os oito repórteres contemplados entraram, na companhia de um xerife. A lei não obrigava mas permitia que o xerife do condado em que o crime fora cometido assistisse à execução.

O homem que era xerife em Washington County em 1967 estava morto há quinze anos, mas o atual não ia de modo algum perder aquele evento. Tinha comunicado a Lucas Mann que pretendia invocar o poder da lei. Disse que devia isso ao povo de Greenville e de Washington County.

O sr. Elliot Kramer não estava presente na Parchman. Há anos ele vinha planejando a viagem, mas seu médico proibiu no último momento. Seu coração estava fraco e era muito arriscado. Ruth

Kramer jamais pensou seriamente em assistir à execução. Ela estava em casa, em Memphis, na companhia de amigos, esperando o fim de tudo aquilo.

Nenhuma pessoa da família das vítimas ia assistir a execução de Sam Cayhall.

Os furgões foram fotografados e filmados quando partiram e desapareceram na rua principal da penitenciária. Cinco minutos mais tarde, pararam nos portões da USM. Todos desceram e foram revistados para verificar se levavam câmeras ou gravadores. Entraram outra vez nos furgões e os portões se abriram. Passaram sobre a relva na frente da USM, deram a volta nos pátios de recreação, no lado oeste, e pararam bem perto da ambulância.

Nugent os esperava. Os repórteres desceram dos furgões e instintivamente começaram a olhar em volta, tentando ver tudo para descrever mais tarde. Estavam no lado de fora de um prédio quadrado de tijolos mais ou menos ligado à estrutura baixa que era a USM. O pequeno prédio tinha duas portas. Uma estava fechada. A outra esperava por eles. Nugent não estava disposto a aguentar repórteres curiosos. Conduziu-os apressadamente para a porta aberta. Eles entraram numa pequena sala com duas fileiras de cadeiras dobráveis na frente de um sombrio painel com cortinas negras.

— Sentem-se, por favor — disse Nugent, asperamente. Contou oito repórteres e um xerife. Três lugares vazios. — São exatamente onze e dez — disse, dramaticamente. — O prisioneiro está na Sala de Isolamento. Na sua frente, atrás dessas cortinas fica a Sala da Câmara. Ele será trazido aos cinco minutos para a meia-noite, amarrado na cadeira, a porta será fechada. As cortinas serão abertas exatamente à meia-noite e, quando vocês virem a câmara, o prisioneiro já estará na cadeira, a menos de sessenta centímetros das janelas. Verão somente a parte de trás da cabeça dele. Eu não fiz as regras, está bem? Ao fim de cerca de dez minutos sua morte será declarada, então as cortinas serão fechadas e vocês voltam para os furgões. Será uma longa espera e, sinto muito, mas esta sala não tem ar-condicionado. Quando as cortinas forem abertas, as coisas acontecerão rapidamente. Alguma pergunta?

— O senhor falou com o prisioneiro?

— Falei.

— Como está ele?

— Não vou falar sobre isso. Terão uma entrevista coletiva a uma hora e então responderei a essas perguntas. No momento, estou ocupado.

Nugent saiu da sala e bateu a porta. Seguiu rapidamente pela passagem e entrou na Sala da Câmara.

— TEMOS MENOS de uma HORA. Sobre o que você quer falar?

— Sam perguntou.
— Ah, tanta coisa. A maior parte desagradável.
— É meio difícil uma conversa agradável nestas circunstâncias, eu sei.

— O que você está pensando neste momento, Sam? O que passa pela sua cabeça?

— Tudo.

— Do que tem medo?

— Do cheiro do gás. Se é doloroso ou não. Eu não quero sofrer. Espero que seja rápido. Quero respirar uma boa quantidade e talvez assim saia flutuando. Não tenho medo da morte, Adam, mas neste momento estou com medo de morrer. Queria que já tivesse acabado. Esta espera é cruel.

— Está pronto?

— Meu pequeno e duro coração está em paz. Fiz tanta coisa errada, filho, mas senti que Deus vai me dar uma chance. Certamente eu não mereço.

— Por que não me falou do homem que estava com você?

— É uma longa história. Não temos muito tempo.

— Eu podia ter salvo a sua vida.

— Não, ninguém ia acreditar. Pense um pouco. Vinte e três anos depois eu mudo a história de repente e ponho toda a culpa num homem misterioso. Seria ridículo.

— Por que mentiu para mim?

— Tive minhas razões.

— Para me proteger?

— Essa é uma das razões.

— Ele ainda está por aí, não está?

— Sim. Está perto. Na verdade, provavelmente está lá na frente com todos os outros malucos neste momento. Só observando. Mas você jamais o verá.

— Ele matou Dogan e a mulher?

— Matou.

— E o filho de Dogan?

— Sim.

— E Clovis Brazelton?

— Provavelmente. É um assassino muito talentoso, Adam. Um homem letal. Ele ameaçou a mim e a Dogan no primeiro julgamento.

— Ele tem um nome?

— Não realmente. Mas de qualquer modo, eu não diria para você. E você nunca vai dizer uma palavra sobre isto tudo.

— Você vai morrer por um crime que outro homem cometeu.

— Não. Eu podia ter salvo aqueles meninos. E Deus sabe que matei muita gente. Eu mereço isto, Adam.

— Ninguém merece isto.

— É muito melhor do que viver. Se me levassem de volta para a cela agora e dissessem que teria de ficar ali até minha morte, sabe o que eu faria?

— O quê?

— Eu me matava.

Depois de passar uma hora numa cela, Adam não podia censurá-lo. Não conseguia compreender o horror de viver vinte e três horas por dia numa pequena jaula.

— Esqueci meus cigarros — disse Sam, batendo no bolso da camisa. — Acho que é uma boa hora para deixar de fumar.

— Está tentando ser engraçado?

— Estou.

— Não está funcionando.

— Lee chegou a mostrar para você o livro com minha fotografia no linchamento?

— Ela não me mostrou. Ela disse onde estava e eu encontrei.

— Você viu a fotografia.

— Sim.

— Uma festa e tanto, não é?

— Bastante triste.

— Viu a outra fotografia do linchamento, na página seguinte?

— Sim. Dois homens da Klan.

— Com mantos, capuzes e máscaras.

— Sim, eu vi.

— Eu e Albert. Eu estava oculto atrás de uma das máscaras.

Adam não tinha mais capacidade para ficar chocado. A fotografia horrível passou por sua mente e ele tentou apagá-la.

— Por que está me contando isso, Sam?

— Porque me faz bem. Eu nunca admiti antes, e enfrentar a verdade dá um certo alívio. Já me sinto melhor.

— Não quero ouvir mais.

— Eddie nunca soube. Ele encontrou o livro no sótão e adivinhou que eu estava na outra foto. Mas não sabia que eu era um dos mascarados.

— Não vamos falar sobre Eddie, está bem?

— Boa ideia. Que tal falarmos sobre Lee?

— Estou zangado com Lee. Ela fugiu de nós.

— Teria sido bom vê-la, sabe. Isso dói. Mas estou tão feliz porque Carmen veio me ver.

Finalmente um assunto agradável.

— Carmen é uma ótima pessoa — disse Adam.

— Uma grande menina. Estou muito orgulhoso de você, Adam, e de Carmen. Vocês herdaram os genes bons da sua mãe. Estou feliz por

ter dois netos maravilhosos.

Adam não tentou responder. Alguma coisa bateu, ao lado, e eles se sobressaltaram.

— Nugent deve estar brincando com seus aparelhos — disse Sam, com um tremor nos ombros. — Sabe o que dói mais?

— O quê?

— Tenho pensado muito nisto, na verdade praticamente me flagelado nos últimos dois dias. Olho para você e olho para Carmen e vejo dois jovens brilhantes com mentes e corações abertos. Vocês não odeiam ninguém. São tolerantes e compreensivos, instruídos, ambiciosos, indo a lugares sem a bagagem com a qual eu nasci. E olho para você, meu neto, minha carne e meu sangue, e pergunto para mim mesmo, por que eu não fui uma coisa diferente? Alguma coisa assim como você e Carmen? É difícil acreditar que somos parentes.

— Pare com isso, Sam.

— Não posso evitar.

— Por favor, Sam.

— Tudo bem, tudo bem. Alguma coisa agradável. — Parou de falar e se inclinou para a frente. Abaixou a cabeça quase até tocar as pernas.

Adam queria falar sobre o cúmplice misterioso. Queria saber tudo — os detalhes verdadeiros do atentado, o desaparecimento, como e por que Sam fora apanhado. Queria saber também onde estava aquele homem, especialmente porque sabia agora que ele estava lá fora, vigiando e esperando. Mas essas perguntas não seriam respondidas, por isso, não disse nada. Sam iria levar muitos segredos para o túmulo.

A CHEGADA DO HELICÓPTERO do governador agitou o povo na entrada da Parchman. Aterrissou no outro lado da estrada onde um furgão da prisão o esperava. Ladeado por dois guarda-costas e Mona Stark correndo atrás, McAllister entrou no furgão. “É o governador!” gritou alguém. Os hinos e preces cessaram por um momento. Câmeras correram para o furgão, que passou rapidamente pelo portão aberto e desapareceu.

Minutos depois, parou ao lado da ambulância atrás da USM. Os guarda-costas e Mona Stark ficaram no furgão. Nugent escoltou o governador até a sala das testemunhas e ele sentou na primeira fila. Cumprimentou com uma inclinação da cabeça as outras testemunhas, que transpiravam profusamente. A sala era um forno. Mosquitos pretos batiam nas paredes. Nugent perguntou se o governador desejava alguma coisa.

— Pipoca — gracejou McAllister, mas ninguém riu.

Nugent franziu a testa e saiu da sala.

— Por que o senhor está aqui? — perguntou um repórter.

— Sem comentários — disse McAllister, complacente.

Os dez ficaram em silêncio, olhando ansiosamente para as cortinas negras e para os relógios. A conversa nervosa cessou por completo. Evitavam encontrar os olhos uns dos outros, como que envergonhados por participar de um acontecimento tão macabro.

Nugent parou na porta da câmara de gás e consultou sua lista. Onze e quarenta. Mandou o médico entrar na Sala de Isolamento, depois saiu e fez um sinal para que fossem retirados os guardas das quatro torres em volta da USM. A possibilidade de um escapamento de gás que pudesse causar dano a um dos guardas era muito pequena, mas Nugent adorava os detalhes.

A batida NA porta foi extremamente leve, mas soou como se fosse a pancada de uma marreta. Quebrou o silêncio, sobressaltando Adam e Sam. A porta se abriu. O jovem médico entrou, tentou sorrir, dobrou um joelho e pediu para Sam desabotoar a camisa. Um estetoscópio redondo foi fixado na pele pálida, com um fio curto que ia até o cinto.

As mãos do médico tremiam. Ele não disse uma palavra.

CINQUENTA E UM

As ONZE E trinta, Hez Kerry, Garner Goodman, John Bryan Glass e dois dos seus alunos pararam de falar e deram as mãos sobre a mesa cheia de papéis do escritório de Kerry. Cada um ofereceu uma prece silenciosa por Sam Cayhall, depois Hez fez uma oração em voz alta, em nome do grupo. Sentados, absortos.

O FIM FOI RÁPIDO. O relógio, que tinha funcionado aos pulos e paradas nas últimas vinte e quatro horas, de repente disparou.

Por alguns minutos, depois da saída do médico, conversaram nervosamente sobre vários assuntos, enquanto Sam andava duas vezes por toda a extensão da saleta, contando os passos e depois encostou na parede na frente da cama. Falaram de Chicago, da Kravitz & Bane e Sam disse que não podia imaginar trezentos advogados no mesmo prédio. Uma vez ou duas riram nervosamente e sorriram, enquanto esperavam a próxima batida na porta.

Chegou às onze e cinquenta e cinco em ponto. Três batidas rápidas, depois uma longa pausa. Nugent esperou antes de entrar.

Adam levantou-se imediatamente. Sam respirou fundo e cerrou os dentes. Apontou para Adam.

— Escute aqui — disse, com voz firme. — Você pode entrar lá comigo, mas não pode ficar.

— Eu sei. Não quero ficar, Sam.

— Ótimo. — Abaixou o dedo curvo, relaxou os músculos do rosto. Estendeu o braço e segurou os ombros de Adam. Adam o puxou para ele e o abraçou carinhosamente.

— Diga a Lee que eu a amo — disse Sam, com voz embargada. Recuou um pouco e olhou nos olhos de Adam. — Diga que pensei nela até o fim. E não estou zangado por ela não ter vindo. Eu também não ia querer vir aqui se não precisasse.

Adam balançou a cabeça afirmativamente, esforçando-se para não chorar. Qualquer coisa, Sam, qualquer coisa.

— Diga alô à sua mãe. Eu sempre gostei dela. Dê meu amor a Carmen, ela é uma grande menina. Eu sinto muito tudo isto, Adam. É uma herança terrível para vocês.

— Vamos ficar bem, Sam.

— Eu sei que vão. Morro muito orgulhoso, filho, por sua causa.

— Vou sentir saudades — disse Adam, com uma lágrima descendo pelo rosto.

A porta abriu e o coronel entrou.

nos pensamentos, em completo silêncio ergueram outra prece curta por Adam.

— Está na hora, Sam — disse ele, tristemente.

Sam olhou para ele com um bravo sorriso.

— Vamos então — disse, com voz forte.

Nugent saiu na frente, seguido por Sam e por Adam. Entraram na Sala da Câmara, que estava cheia de gente. Todos olharam para Sam, e imediatamente desviaram a vista. Estavam envergonhados, pensou Adam. Envergonhados por estarem ali, tomando parte naquela coisa terrível. Não olharam para Adam.

Monday, o encarregado oficial da execução, e seu assistente estavam encostados na parede ao lado da sala de química, ladeados por dois guardas uniformizados. Lucas Mann e um assistente da diretoria estavam perto da porta. O médico, logo à direita, muito ocupado, ajustava seu aparelho de eletrocardiograma, procurando parecer calmo.

E no centro da sala, rodeada agora pelos vários participantes, estava a câmara, um tubo de forma octogonal com uma camada brilhante e nova de tinta prateada. A porta estava aberta, a cadeira de madeira esperando, com uma fileira de janelas cobertas por cortinas negras atrás dela.

A porta que dava para fora estava aberta, mas não entrava nem uma brisa. A sala era uma sauna e todos estavam encharcados de suor. Os dois guardas seguraram os braços de Sam e o levaram para a câmara. Ele contou os passos — só cinco, da porta até a câmara — e de repente estava lá dentro, sentado, olhando em volta a procura de Adam. As mãos dos homens moviam-se rapidamente.

Adam estava dentro da câmara, ao lado da porta. Encostou na parede, sentindo uma terrível fraqueza nos joelhos. Olhou para as pessoas na sala, para a câmara, para o chão, para o aparelho de eletrocardiograma. Tudo tão asséptico! As paredes recentemente pintadas. O chão de concreto brilhante. O médico com seus pertences. A pequena câmara, limpa e brilhante. O cheiro de desinfetante da sala de química. Tudo tão imaculadamente limpo e higienizado. Devia ser uma clínica onde as pessoas se curam das doenças.

Se eu vomitar no chão, bem aqui, aos pés do bom doutor, o que você terá de fazer para desinfetar a sala, Nugent? O que o manual manda, Nugent, para o caso de alguém vomitar bem na frente da câmara? Adam apertou o estômago.

Correias nos braços de Sam, duas em cada um, duas outras para as pernas, por cima dos novos e brilhantes mocassins, depois a odiosa correia na cabeça para ele não se machucar quando respirasse o gás. Lá está ele, todo afivelado, pronto para os vapores. Limpo e bem vestido, imaculado e esterilizado, nenhum sangue vai ser derramado. Nada para poluir este assassinato perfeito e moral.

Os guardas saíram da câmara, orgulhosos com seu trabalho.

Adam olhou para ele ali sentado. Os olhos de Sam encontraram os dele e fecharam-se por um momento.

Era a vez do médico. Nugent disse alguma coisa que Adam não ouviu e ele entrou na câmara para ligar o fio pendente do estetoscópio. Trabalhou rapidamente.

Lucas Mann adiantou-se com uma folha de papel na mão. Parou na porta da câmara.

— Sam, esta é a sentença de morte. A lei exige que eu leia para você.

— Ande depressa — resmungou Sam, sem abrir os lábios.

Lucas ergueu a folha de papel e leu. “De acordo com o veredito de culpado e uma sentença de morte determinada contra sua pessoa pela Corte Distrital de Washington County, em 14 de fevereiro de 1981, por meio desta é condenado a morrer com gás letal na câmara de gás da Penitenciária Estadual do Mississippi, em Parchman. Que Deus se apiede da sua alma. ” Lucas recuou, depois apanhou o primeiro dos dois telefones de parede. Telefonou para seu escritório, a fim de verificar se havia alguma ordem milagrosa de adiamento. Não havia nenhuma. O segundo telefone era uma linha direta com o gabinete do procurador-geral, em Jackson. Mais uma vez, nenhuma novidade. Passavam trinta segundos da meia-noite, quarta-feira, 8 de agosto.

— Nenhum adiamento — Lucas Mann disse para Nugent.

As palavras giraram pela sala úmida ecoando em todas as direções. Adam olhou para o avô pela última vez. Suas mãos estavam fechadas. Os olhos fechados, como se não pudesse mais olhar para Adam. Movia os lábios como se estivesse rezando.

— Algum motivo para que esta execução não seja realizada? — perguntou Nugent, com formalidade, de repente pedindo conselho legal.

— Nenhuma — disse Lucas com tristeza genuína.

Nugent foi até a porta da câmara.

— Quer dizer suas últimas palavras, Sam? — perguntou.

— Não para você. Está na hora de Adam sair daqui.

— Muito bem. — Nugent fechou a porta, a vedação de borracha impedindo qualquer ruído.

Em silêncio, Sam estava agora preso na câmara, amarrado na cadeira. Fechou os olhos com força. Por favor, apressem-se.

Adam passou por trás de Nugent, que estava ainda de frente para a porta da câmara. Lucas Mann abriu a porta que dava para fora e os dois saíram rapidamente. Adam olhou para a sala da câmara pela última vez. O encarregado da execução estendia a mão para a alavanca. Seu assistente inclinou-se para o lado, para olhar dentro da câmara. Os dois guardas disputavam a melhor posição para ver o velho filho da mãe morrer. Nugent, o assistente do diretor e o médico,

encostados na parede, inclinavam-se para a frente, esticando os pescoços, com medo de perder alguma coisa.

A temperatura, lá fora, era de 32 graus, mas parecia muito mais baixa. Adam caminhou até a ambulância e encostou nela por um momento.

— Você está bem? — Lucas perguntou.

— Não.

— Procure se acalmar.

— Você não vai assistir?

— Não. Já vi quatro. Para mim chega. Esta é especialmente difícil.

Adam olhou para a porta branca no centro da parede de tijolos. Três furgões estavam parados perto dela. Um grupo de guardas fumava e conversava em voz baixa ao lado deles.

— Eu gostaria de ir embora — disse Adam, com medo de vomitar.

— Vamos. — Lucas segurou o braço dele e o levou para o primeiro furgão. Disse alguma coisa para o guarda, que saltou para o banco do motorista. Adam e Lucas sentaram no banco no meio do carro.

Adam sabia que naquele exato momento seu avô estava na câmara quase sufocado, os pulmões lacerados pelo veneno. Bem ali, naquele pequeno prédio de tijolos, naquele momento, ele está respirando o gás, tentando engolir a maior quantidade possível, esperando simplesmente flutuar para um mundo melhor.

Adam começou a chorar. O furgão passou pelos pátios de recreação e pelo gramado na frente do Corredor. Ele cobriu os olhos e chorou por Sam, por seu sofrimento naquele instante, pelo modo indigno que o estavam obrigando a morrer. Ele parecia tão patético ali sentado com a roupa nova, amarrado como um animal. Chorou por Sam e pelos nove anos e meio que ele havia passado olhando através das grades, tentando ver um pedaço da lua, imaginando se alguém lá fora se importava com ele. Chorou por toda a infeliz família Cayhall e sua história miserável. E chorou por si mesmo, por sua angústia naquele momento, pela perda de um ente querido, por sua incapacidade de impedir aquela loucura.

Lucas bateu carinhosamente no ombro dele e o furgão seguiu e parou, seguiu e parou outra vez.

— Eu sinto muito — ele disse várias vezes.

Quando pararam no lado de fora do portão, Lucas perguntou:

— Este é o seu carro?

O estacionamento estava lotado. Adam abriu a porta do furgão e saiu sem uma palavra. Podia agradecer mais tarde.

Adam seguiu rapidamente pelo caminho de cascalho, entre as filas de algodão, até chegar à rua Principal. Passou pela entrada, diminuindo a marcha brevemente, passando em volta de duas barricadas, e parou no portão para o guarda examinar a mala do

carro. À esquerda estava o enxame de repórteres. Todos de pé, esperando ansiosamente notícias do Corredor. As filmadoras estavam a postos.

Não havia ninguém na mala do seu carro, e fizeram sinal para passar ao lado de outra barricada. Adam quase atropelou um guarda. Parou na estrada e olhou para a vigília à luz de velas, à sua direita. Centenas de velas. E mais adiante cantavam um hino.

Partiu veloz, passando pelos patrulheiros que descansavam, aproveitando o intervalo de paz. Passou pelos carros parados no acostamento, formando uma fila de quase três quilômetros e logo a Parchman se perdeu na distância. Ele pisou no acelerador e num instante estava a 150 quilômetros por hora.

Sem saber por quê, seguiu para o norte, embora não tivesse intenção de ir para Memphis. Cidades como Tutwiler, Lambert,

Marks, Sledge e Crenshaw passavam voando por ele. Abaixou os vidros e o ar quente girou em volta dos bancos. O para brisa estava cheio de besouros grandes e insetos, a praga do Delta.

Adam continuou, sem destino certo. Essa viagem não fora planejada. Ele nunca pensou para onde iria imediatamente depois da morte de Sam, porque nunca acreditou que ele fosse morrer. Podia estar em Jackson agora, bebendo e comemorando com Garner Goodman e Hez Kerry, tomando uma bebedeira porque tinham tirado um coelho da cartola. Podia estar no Corredor, falando no telefone desesperadamente para saber os detalhes do adiamento concedido no último minuto, que mais tarde se tornaria permanente. Tanta coisa podia ter sido.

Não queria ir para a casa de Lee porque ela podia estar lá. O próximo encontro dos dois ia ser desagradável e ele preferia adiá-lo. Resolveu procurar um hotel decente para passar a noite. Tentar dormir. Só pensar no que ia fazer, no dia seguinte, depois do nascer do sol. Passou por dezenas de povoados e cidades sem encontrar um quarto para alugar. Diminuiu consideravelmente a marcha. Uma estrada levava a outra. Adam estava perdido, mas não se importava. Como podia estar perdido se não sabia para onde estava indo? Reconheceu os nomes das cidades nas placas da estrada, entrou para a direita, depois para a esquerda. Uma loja de conveniência, na periferia de Hernando, não muito distante de Memphis, chamou sua atenção. Viu carros parados na porta. Uma mulher de meia-idade com cabelo negro estava atrás do balcão, fumando, mascando chiclete e falando no telefone. Adam foi até a geladeira e apanhou seis latas de cerveja.

— Desculpe, meu bem, não pode comprar cerveja depois da meia-noite.

— O quê? — perguntou Adam, pondo a mão no bolso.

Ela não gostou do ar de desafio. Pôs o telefone perto da caixa

registradora e disse:

— Não podemos vender cerveja depois da meia-noite. É a lei.

— A lei?

— Sim. A lei.

— Do estado do Mississippi?

— Isso mesmo — disse ela, decidida.

— Quer saber o que eu penso da lei deste estado neste momento?

— Não, querido. E francamente, não me importo.

Adam jogou uma nota de dez dólares no balcão e levou a cerveja para o carro. Assim que ele partiu, ela pôs o dinheiro no bolso e voltou para o telefone. Para que incomodar a polícia por causa de seis latas de cerveja?

Adam continuou para o sul numa estrada de pista dupla, obedecendo o limite de velocidade e tomando a primeira cerveja. Procurava outra vez um quarto limpo com café da manhã completo, piscina, TV a cabo...

Quinze minutos para morrer, quinze minutos para ventilar a câmara, dez minutos para lavar tudo com amoníaco. Pulverizar o corpo sem vida, mais morto do que o inferno, segundo o jovem doutor e seu eletrocardiograma. Nugent apontando para um lado e para o outro — ponham as máscaras contra gases, calcem as luvas, levem esses malditos repórteres para os furgões e para fora daqui.

Adam via Sam, a cabeça caída para o lado, preso ainda com aquelas fivelas enormes. Qual seria a cor da sua pele agora? Certamente não a cor pálida dos últimos nove anos e meio. Os lábios deviam estar roxos e a pele rosada com o efeito do gás. A câmara agora está limpa, nenhum perigo. Entrem na câmara, diz Nugent, soltem o corpo. Apanhem as facas. Cortem a roupa. Ele evacuou? Urinou? Eles sempre fazem isso. Tenham cuidado. Aqui está o saco plástico. Ponham as roupas aqui dentro. Pulverizem o corpo nu.

Adam via a roupa nova — a calça cáqui, os sapatos grandes demais, as meias limpas. Sam tinha ficado tão orgulhoso por vestir roupa de verdade outra vez. Agora eram farrapos num saco de lixo, carregados como veneno para serem queimados por um prisioneiro que trabalhava na penitenciária.

Onde estão as roupas, a calça azul da prisão e a camiseta branca? Apanhem. Entrem na câmara. Vistam o corpo. Não é preciso sapatos. Nem meias. Que diabo, ele só vai para a casa funerária. Deixem que a família se preocupe com a roupa e com um enterro decente. Agora a maca. Levem o corpo daqui. Para a ambulância.

Adam estava perto de um lago, passou por uma ponte, desceu, o ar ficou de repente úmido e frio. Perdido outra vez.

CINQUENTA E DOIS

O primeiro lampejo de sol foi um halo cor-de-rosa sobre a colina acima de Clanton. Filtrou entre as árvores, ficou amarelo, depois cor de laranja. Não havia nuvens, nada além de cores brilhantes no céu ainda escuro.

Duas latas de cerveja fechadas estavam sobre a relva. Três tinham sido jogadas numa laje próxima. A primeira, vazia, estava ainda no carro.

O dia estava nascendo. As sombras da fileira de túmulos caíam sobre ele. O sol logo surgiu entre as árvores.

Adam estava ali há duas horas, mas tinha perdido a noção do tempo. Jackson e o juiz Slattery e a audiência de segunda-feira eram lembranças de anos atrás. Sam morrera há poucos minutos. Estaria morto? Já teriam perpetrado o ato imundo? O tempo continuava a pregar peças.

Não tinha encontrado um hotel. Na verdade não procurou muito. Descobriu que estava perto de Clanton, foi até o cemitério e localizou o túmulo de Anna Gates Cayhall. Estava recostado na lousa da sepultura. Tinha tomado a cerveja quente e atirou as latas no maior monumento que podia ver. Se a polícia o encontrasse ali e o levasse para a cadeia, não se importaria. Já tinha estado numa cela antes. “É, acabo de sair da Parchman”, diria para seus companheiros de cela, seus companheiros de crime. “Acabo de sair do corredor da morte.” E eles o deixariam em paz.

Evidentemente a polícia estava ocupada em outro lugar. O cemitério era um lugar seguro. Quatro pequenas bandeiras vermelhas estavam espetadas no chão, ao lado do túmulo da sua avó. Adam as viu quando o sol nasceu. Outro túmulo que ia ser cavado.

A porta de um carro bateu em algum lugar atrás dele, mas Adam não ouviu. Um vulto caminhou para ele, mas Adam não percebeu. Movia-se lentamente, olhando para todos os lados, como quem procura alguma coisa.

O estalo de um galho seco alertou Adam. Lee estava ao lado dele, com a mão na lousa do túmulo da mãe. Adam olhou para ela, depois desviou a vista.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, atordoado demais para ficar surpreso.

Ela ajoelhou lentamente, depois sentou muito perto dele, com as costas contra a pedra com o nome da mãe. Passou o braço sob o dele.

— Onde diabo você esteve, Lee?

— Em tratamento.

— Podia ter telefonado, pelo menos.

— Não fique zangado, Adam, por favor. Preciso de um amigo. — Encostou a cabeça no ombro dele.

— Não sei se sou seu amigo, Lee. O que você fez foi horrível.

— Ele queria me ver, não queria?

— Queria. Mas você, é claro, estava perdida no seu mundinho, absorva em si mesma, como sempre. Sem espaço para outra pessoa nos seus pensamentos.

— Por favor, Adam, estive em tratamento. Sabe como sou fraca. Preciso de ajuda.

— Pois então vá procurar.

Ela viu as duas latas de cerveja e Adam as empurrou para longe, rapidamente.

— Não estou bebendo — disse ela, sombriamente. Sua voz era triste e vazia. O rosto bonito estava cansado e marcado por rugas.

— Eu tentei vê-lo — disse ela.

— Quando?

— A noite passada. Fui até a Parchman. Não me deixaram entrar. Disseram que era tarde demais.

Adam abaixou a cabeça e sua zanga passou. Não adiantava nada censurá-la. Lee era alcoólatra, lutando para vencer demônios que ele esperava jamais encontrar. E era sua tia, sua adorada Lee.

— Ele perguntou por você até o fim. Mandou dizer que a ama e que não estava zangado por você não ter ido vê-lo.

Ela começou a chorar baixinho. Enxugando o rosto com as costas das mãos, chorou por um longo tempo.

— Ele morreu com grande coragem e dignidade — disse

Adam. — Foi muito bravo. Disse que seu coração estava com Deus e que não odiava ninguém. Estava muito arrependido de tudo que fez. Ele era um guerreiro, Lee, um velho lutador, pronto para partir.

— Sabe onde eu estive? — ela perguntou, sempre chorando, como se não tivesse ouvido nada do que ele disse.

— Não. Onde?

— Estive na nossa velha casa. Fui para lá quando voltei da Parchman ontem à noite.

— Por quê?

— Porque eu queria queimar tudo. E a casa ardeu maravilhosamente. A casa e o mato em volta. Uma fogueira enorme. Tudo subiu para o ar em fumaça.

— Está brincando, Lee.

— É verdade. Quase fui apanhada, eu acho. Devo ter passado por um carro quando entrei na estrada. Mas não estou preocupada. Comprei a casa na semana passada. Paguei treze mil dólares ao banco. Se a casa é sua, você pode queimar, certo? O advogado é você.

— Fala sério?

— Vá ver. Estacionei na frente de uma igreja a dois quilômetros para esperar os carros dos bombeiros. Eles não apareceram. A casa mais próxima fica a três quilômetros de distância. Ninguém viu o fogo. Vá até lá e veja. Não sobrou nada, só a chaminé e uma pilha de cinzas.

— Como...

— Gasolina. Cheire minhas mãos. — Pôs as mãos debaixo do nariz dele. Adam sentiu o cheiro acre e típico da gasolina.

— Mas por quê?

— Eu devia ter feito isso há muitos anos.

— Isso não responde a minha pergunta. Por quê?

— Coisas terríveis aconteceram naquela casa. Estava cheia de demônios e espíritos. Agora eles se foram.

— Então, eles morreram com Sam?

— Não. Não estão mortos. Foram atormentar outras pessoas.

Seria inútil continuar com aquela conversa, resolveu Adam.

Deviam sair dali, talvez voltar para Memphis, onde ele poderia levá-la de volta para a clínica. E talvez começar uma terapia. Ficaria com ela até ter certeza de que estava curada.

Uma picape suja entrou no cemitério pelo velho portão de ferro e subiu lentamente pelo caminho de concreto, passando pelos antigos monumentos. Parou em frente de um pequeno barracão. Três negros desceram e relaxaram os músculos das costas.

— Aquele é o Herman — disse Lee.

— Quem?

— Herman. Não sei o sobrenome. Cava sepulturas há quarenta anos.

Ficaram vendo Herman e os outros dois homens preparando-se para começar o trabalho. Ouviam suas vozes, mas não o que diziam.

Lee parou de fungar e chorar. O sol estava bem acima das árvores, batendo diretamente nos rostos deles. Já fazia calor.

— Estou feliz por você ter vindo — disse ela. — Sei que significou muito para ele.

— Eu perdi, Lee. Falhei com meu cliente e agora ele está morto.

— Você fez o melhor possível. Ninguém poderia salvá-lo.

— Talvez.

— Não se culpe por isso. Na sua primeira noite em Memphis você disse que era quase impossível. Você chegou perto. Foi uma boa luta. Agora está na hora de voltar para Chicago e continuar com a sua vida.

— Não vou voltar para Chicago.

— O quê?

— Vou mudar de emprego.

— Mas você é advogado só há um ano.

— Vou continuar a ser. Só que com um trabalho diferente.

— Fazendo o quê?

— Defesa de casos de pena de morte.
— Parece horrível.
— Sim, parece. Especialmente neste momento da minha vida. Mas vou me acostumar. Não fui feito para trabalhar em grandes firmas.
— Onde vai trabalhar?
— Jackson. Vou passar muito tempo na Parchman.
Lee passou a mão no rosto e afastou o cabelo para trás.
— Acho que sabe o que está fazendo — disse, sem disfarçar a dúvida.
— Não aposte nisso.

Herman estava andando em volta de uma escavadeira velha, amarela, estacionada debaixo de uma árvore, ao lado do barracão. Ele a examinou pensativamente, enquanto um dos homens punha duas pás na parte de trás. Eles endireitaram as costas outra vez, riram e deram alguns pontapés nos pneus da frente.

— Tive uma ideia — disse Lee. — Tem um pequeno café ao norte da cidade. Chama-se Ralph's. Sam me levava...

— Ralph's?

— Isso mesmo.

— O capelão de Sam chama-se Ralph. Ficou conosco ontem a noite.

— Sam tinha um capelão?

— Sim. E muito bom.

— Bem, como eu ia dizendo, Sam levava nós dois, eu e o Eddie ao Ralph's, nos nossos aniversários. O café existe há cem anos. Comíamos aqueles biscoitos enormes e tomávamos chocolate quente. Vamos ver se está aberto.

—Agora?

— Sim. — Lee levantou, animada. — Venha. Estou com fome.

Adam segurou na lousa para se levantar. Desde segunda-feira não dormia e suas pernas estavam pesadas e dormentes. Sentia-se ainda meio atordoado por causa da cerveja.

Ouviram ao longe um motor ser ligado. O som ecoou livre por todo o cemitério. Adam ficou imóvel. Lee virou para ver. Herman dirigia a escavadeira, com fumaça azul saindo do escapamento. Os outros dois homens estavam sentados na frente, com os pés para fora. A escavadeira se moveu lentamente e seguiu pela passagem, passou pelas filas de túmulos. Parou e fez a volta.

Estava indo na direção deles.

FIM

Este livro foi composto pela Art Line Produções Gráficas Ltda.
Rua Visconde de Inhaúma, 64 - Rio de Janeiro - RJ e impresso pela

Gráfica Hamburg Ltda.

Rua Bogaert, 64 - Vila Vermelha - São Paulo - SP em agosto de
1995 para a Editora Rocco Ltda.

Digitalizado por
José Eduardo Cruz
Fevereiro de 2019